ELUCIDAÇÕES EVANGÉLICAS

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

ÍNDICE

AO LEITOR = Página 12
O AUTOR DA ÓBRA = Página 13
DO ESPÍRITO SAYÃO = Página 17
Apreciação da Imprensa - SOBRE A 1ª EDIÇÃO DESTE LIVRO - BIBLIOGRAFIA = Página 19
Orientação Espírita = Página 23
O SÉCULO 20 = Página 26
Prefácio da primeira edição = Página 27
Introdução = Página 28

CAPÍTULO 1 = MATEUS, 1º 1 ao 17. — LUCAS, 3º, 23 ao 28. Genealogia de Jesus (aos olhos dos homens) = Página 35
CAPÍTULO 2 = MATEUS, 1º, 18 ao 25. Aparição do anjo, em sonho, a José. — Geração de Jesus = Página 40
CAPÍTULO 3 = LUCAS, 1º, 1 ao 25. Evangelhos. — Aparição do anjo a Zacarias. — Predição do nascimento de João. Mudez de Zacarias. = Página 41
CAPÍTULO 4 = LUCAS, 1º, 26 ao 80. Anunciação. — Visita de Maria a Isabel. — Cântico de Maria. — Cântico de Zacarias = Página 46
CAPÍTULO 5 = LUCAS, 2º, 1 ao 7. Concepção e gravidez de Maria, por obra de Espírito Santo. — Aparição de Jesus na Terra = Página 49
CAPÍTULO 6 = LUCAS, 2º, 21 ao 40. Circuncisão. — Purificação. — Cântico de Simeão. —Ana profetisa = Página 52
CAPÍTULO 7 = LUCAS, 2º, 8 ao 20. — MATEUS, 2º, 1 ao 12. Os pastores. — Adoração dos Magos = Página 55
CAPÍTULO 8 = MATEUS, 2º, 13 ao 23. Fuga para o Egito. — Degolação dos inocentes. — Regresso do Egito = Página 58
CAPÍTULO 9 = LUCAS, 2º, 41 ao 52. Jesus no templo entre os doutores = Página 60
CAPÍTULO 10 = MATEUS, 3º, 1 ao 17. — MARCOS, 1º, 1 ao 11. — LUCAS, 3º, 1 ao 18 e 21 ao 22. Prédica de João Batista. — Batismo. — Espírito Santo. — Anjos da guarda. — Batismo de Jesus = Página 63
CAPÍTULO 11 = MATEUS, 4º, 1 ao 11. — MARCOS, 1º, 12 ao 13. — LUCAS, 4º, 1 ao 13. Jejum e tentação de Jesus = Página 69
CAPÍTULO 12 = MATEUS, 4º, 12 ao 17. — MARCOS, 1º, 14 ao 15. — LUCAS, 4º, 14 ao 5. Notícia do encarceramento de João. — Retirada de Jesus para a Galiléia. — Pregações. Estada em Cafarnaum = Página 73
CAPÍTULO 13 = LUCAS, 4º, 16 ao 21. Vinda de Jesus a Nazaré. — Leitura da profecia de Isaías = Página 74
CAPÍTULO 14 = LUCAS, 4º, 22 ao 30. Jesus designado pôr “filho de José”. — Sua resposta. — Levado ao cume do monte para ser dali atirado, Ele desaparece dentre as mãos dos homens = Página 75
CAPÍTULO 15 = MATEUS, 4º, 18 ao 22. — MARCOS, 1º, 16 ao 20. — LUCAS, 5º, 1 ao 11. Vocação de Pedro, André, Tiago e João. — Pesca chamada milagrosa = Página 76
CAPÍTULO 16 = MATEUS, 4º, 23 ao 25. — MARCOS, 1º, 21 ao 28; e 3º, 7 ao 12. — LUCAS, 4º, 31 ao 37. Predição de Jesus. — Sua fama. — Curas físicas e morais chamadas “milagres” = Página 78

CAPÍTULO 17 = MATEUS, 5º, 1 ao 12. — LUCAS, 4º, 20 ao 26. Sermão da montanha = Página 82
CAPÍTULO 18 = MATEUS, 5º, 13 ao 16. — MARCOS, 9º, 49; e 4º, 21 23. — LUCAS, 14º, 34 ao 35; e 8º, 16 ao 17; e 11º, 33 ao 36. Sal e luz da Terra. — Lâmpada. — Nada oculto que não venha a ser manifesto e nada secreto que não venha a ser conhecido e a tornar-se público = Página 84
CAPÍTULO 19 = MATEUS, 5º, 17 ao 19. — LUCAS, 16º, 17. Jesus não veio destruir a lei, mas cumpri-la = Página 87
CAPÍTULO 20 = MATEUS, 5º, 20 ao 26. — LUCAS, 12º, 54 ao 59. Justiça abundante. — Palavra injuriosa. Reconciliação = Página 88
CAPÍTULO 21 = LUCAS, 13º, 1 ao 5. Fazer penitência = Página 90
CAPÍTULO 22 = LUCAS, 13º, 6 ao 9. Parábola da figueira estéril = Página 94
CAPÍTULO 23 = LUCAS, 13º, 10 ao 13. Mulher doente, curvada = Página 95
CAPÍTULO 24 = LUCAS, 13º, 14 ao 17. O dia de sábado. — Culto do sábado = Página 96
CAPÍTULO 25 = MATEUS, 5º, 27 ao 30. Adultério no coração. Extirpação de todos os maus pensamentos = Página 97
CAPÍTULO 26 = MATEUS, 5º, 31 ao 37. — LUCAS, 16º, 18. Casamento. — Juramento = Página 98
CAPÍTULO 27 = MATEUS, 5º, 38 ao 42. — LUCAS, 6º, 29 ao 30. Paciência. — Abnegação, caridade moral e material = Página 100
CAPÍTULO 28 = MATEUS, 5º, 43 ao 48. — LUCAS, 6º, 27 ao 28 e 32 ao 36. Amar os inimigos. — Amor e caridade para com todos. — Via da perfeição = Página 102
CAPÍTULO 29 = MATEUS, 6º, 1 ao 4. Humildade e desinteresse. — Segredo na prática das boas obras = Página 103
CAPÍTULO 30 = MATEUS, 6º, 5 ao 15. — LUCAS, 11º, 14. Prece. — O Pai Nosso = Página 104
CAPÍTULO 31 = MATEUS, 6º, 16 ao 18. Jejum = Página 108
CAPÍTULO 32 = MATEUS, 6º, 19 ao 23. — LUCAS, 12º, 32 ao 34. Desprendimento das coisas terrenas. — Não procureis sendo o que, pela caridade, vos aproxima de Deus. Coração puro, único e verdadeiro tesouro = Página 109
CAPÍTULO 33 = LUCAS, 12º, 13 ao 21. A avareza. — Rico exclusivamente preocupado com as coisas da Terra. — Rico em Deus = Página 111
CAPÍTULO 34 = MATEUS, 6º, 24 ao 34. — LUCAS, 16º, 13 ao 15; e 12º, 22 ao 31. Servir a Deus e não a Mamon. — Nada de preocupação exclusiva com as coisas materiais. — Confiar em Deus, procurando os caminhos que levam a Ele = Página 112
CAPÍTULO 35 = LUCAS, 16º, 19 ao 31. Parábola do mau rico e do pobre paciente e resignado = Página 115
CAPÍTULO 36 = MATEUS, 7º, 1 ao 7. — MARCOS, 4º, 24. — LUCAS, 6º, 37 ao 38, e 41 ao 42. Não julgar os outros. — O argueiro e a trave. — Não dar aos cães as coisas santas = Página 117
CAPÍTULO 37 = MATEUS, 7º, 7 ao 11. — LUCAS, 11º, 5 ao 13. A prece. — Pedi e se vos dará. — Buscai e achareis. Batei e se vos abrirá = Página 118
CAPÍTULO 38 = MATEUS, 7º, 12. — LUCAS, 6º, 31. Justiça. — Amor e Caridade = Página 120
CAPÍTULO 39 = MATEUS, 7º, 13 ao 14. Porta estreita que conduz à vida = Página 121

CAPÍTULO 40 = LUCAS, 13º, 23 ao 30. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita = Página 123
CAPÍTULO 41 = MATEUS, 7º, 15 ao 20. — LUCAS, 6º, 43 ao 45. Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore = Página 125
CAPÍTULO 42 = MATEUS, 7º, 21 ao 29. — LUCAS, 6º, 46 ao 49. Deus julga pelas obras = Página 127
CAPÍTULO 43 = MATEUS, 8º, 1 ao 4. — MARCOS, 1º, 40 ao 45 — LUCAS, 5º, 12 ao 16. O leproso = Página 129
CAPÍTULO 44 = MATEUS, 8º, 5 ao 13. — LUCAS, 7º, 1 ao 10. O centurião = Página 131
CAPÍTULO 45 = LUCAS, 7º, 11 ao 17. O filho da viúva de Naim = Página 134
CAPÍTULO 46 = MATEUS, 8º, 14 ao 17. — MARCOS, 1º, 29 ao 34 — LUCAS, 4º, 38 ao 41. Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas = Página 135
CAPÍTULO 47 = MARCOS, 1º, 35 ao 39. — LUCAS, 4º, 42 ao 44. Retirada para o deserto. — Prece. — Pregação = Página 137
CAPÍTULO 48 = MATEUS, 8º, 18 ao 22. — LUCAS, 9º, 57 ao 62. Seguir a Jesus. — Deixar que os mortos enterrem seus mortos. — Não olhar para trás = Página 138
CAPÍTULO 49 = MATEUS, 8º, 23 ao 27. — MARCOS, 4º, 35 ao 40 — LUCAS, 8º, 22 ao 25. Tempestade aplacada = Página 140
CAPÍTULO 50 = MATEUS, 8º, 28 ao 34. — MARCOS, 5º, 1 ao 20. — LUCAS, 8º, 26 ao 40. Legião de maus Espíritos expulsos. — Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar = Página 142
CAPÍTULO 51 = MATEUS, 9º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 1 ao 12. — LUCAS, 5º, 17 ao 26. Paralítico = Página 145
CAPÍTULO 52 = MATEUS, 9º, 9 ao 13. — MARCOS, 2º, 13 ao 17. — LUCAS, 5º, 27 ao 32. Vocação de Mateus = Página 148
CAPÍTULO 53 = MATEUS, 9º, 14 ao 17. — MARCOS, 2º, 18 ao 22. — LUCAS, 5º, 33 ao 39. Jejum. — Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho = Página 150
CAPÍTULO 54 = MATEUS, 9º, 18 ao 26. — MARCOS, 5º, 21 ao 43. — LUCAS, 8º, 41 ao 56. A filha de Jairo. — A hemorroíssa = Página 152
CAPÍTULO 55 = MATEUS, 9º, 27 ao 31. Cegos curados = Página 155
CAPÍTULO 56 = MATEUS, 9º, 32 ao 34. — LUCAS, 11º, 14 ao 20. Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus = Página 156
CAPÍTULO 57 = MATEUS, 9º, 35 ao 38. Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores = Página 157
CAPÍTULO 58 = MATEUS, 10º, 2 ao 4. — MARCOS, 3º, 13 ao 14, e 16 ao 19. — LUCAS, 6º, 12 ao 16. Nomes dos apóstolos. — Suas vocações = Página 158
CAPÍTULO 59 = LUCAS, 6º, 17 ao 19. Descida do monte. — Curas = Página 159
CAPÍTULO 60 = MATEUS, 10º, 1 e 5 ao 15. — MARCOS, 3º, 15. e 6º, 7 ao 13. — LUCAS, 9º, 1 ao 6. Missão, poder, pobreza e pregação dos apóstolos. Instruções que lhes foram dadas = Página 160
CAPÍTULO 61 = MATEUS, 10º, 16 ao 22. — LUCAS, 12º, 11 ao 12. Prudência. — Simplicidade. — Desassombro diante dos homens. — Assistência e concurso do Espírito Santo = Página 163
CAPÍTULO 62 = MATEUS, 10º, 23 ao 27. — LUCAS, 12º, 1 ao 3 e 6º, 39 ao 40. Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. —

Fermento dos fariseus. — A hipocrisia; nada oculto a Deus. — Cego conduzindo outro cego = Página 165
CAPÍTULO 63 = MATEUS, 10º, 28 ao 31. — LUCAS, 12º, 4 ao 7. Só temer a Deus, sem cuja vontade nada sucede = Página 168
CAPÍTULO 64 = MATEUS, 10º, 32 ao 36. — LUCAS, 12º, 8 ao 9 e 49 ao 53. Jesus veio trazer fogo à Terra. — Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja = Página 170
CAPÍTULO 65 = MATEUS, 10º, 37 ao 39. — LUCAS, 14º, 25 ao 27. Amor da família. — Cumprimento do dever acima de todas as coisas. — Paciência e resignação nas provações terrenas = Página 172
CAPÍTULO 66 = LUCAS, 14º, 28 ao 33. Examinar antes de obrar. — Não parar na estrada do progresso. — Não dar apreço aos bens materiais, senão como meio de fazer caridade = Página 174
CAPÍTULO 67 = MATEUS, 10º, 40 ao 42 e 11º, 1. Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade terá sua recompensa = Página 175
CAPÍTULO 68 = LUCAS, 10º, 1 ao 12 e 16. Missão e instruções dadas aos setenta e dois discípulos = Página 176
CAPÍTULO 69 = LUCAS, 10º, 17 ao 20. Regresso dos setenta e dois discípulos. — Seus nomes escritos nos céus = Página 178
CAPÍTULO 70 = MATEUS, 11º, 2 ao 6. — LUCAS, 7º, 18 ao 23. Discípulos de João mandados por este a Jesus = Página 179
CAPÍTULO 71 = MATEUS, 11º, 7 ao 15. — LUCAS, 7º, 24 ao 30 e 16º, 16. João, precursor, e Jesus. — Pedra fundamental do edifício da regeneração. — Missão nova e futura de João = Página 180
CAPÍTULO 72 = MATEUS, 11º, 16 ao 19. — LUCAS, 7º, 31 ao 35. João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus, João e Jesus compreendidos hoje pelos que são os filhos do Senhor = Página 183
CAPÍTULO 73 = LUCAS, 7º, 36 ao 50. Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles = Página 185
CAPÍTULO 74 = MATEUS, 11º, 20 ao 24. LUCAS, 10º, 13 ao 15. Cidades impenitentes = Página 188
CAPÍTULO 75 = MATEUS, 11º, 25 ao 27. LUCAS, 10º, 21 ao 22. CEGOS, tidos entre os homens por SÁBIOS e PRUDENTES. ESCLARECIDOS, que os homens consideram como OBSCUROS = Página 190
CAPÍTULO 76 = MATEUS, 11º, 28 ao 30. Jugo suave e fardo leve = Página 192
CAPÍTULO 77 = MATEUS, 12º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 23 ao 28. LUCAS, 6º, 1 ao 5. O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes faculta o arrependimento e a reparação = Página 193
CAPÍTULO 78 = MATEUS, 12º, 9 ao 14. — MARCOS, 3º, 1 ao 6. — LUCAS, 6º, 6 ao 11. Cura de uma mão paralítica, em dia de sábado = Página 195
CAPÍTULO 79 = MATEUS, 12º, 15 ao 21. Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim = Página 197
CAPÍTULO 80 = MATEUS, 12º, 22 ao 28. — MARCOS, 3º, 20 ao 26. Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. Blasfêmias dos fariseus. — Reino dividido = Página 199
CAPÍTULO 81 = MATEUS, 12º, 29 ao 37. — MARCOS, 3º, 27 ao 30. —

LUCAS, 11º, 21 ao 23; e 12º, 10. O forte armado. — Pecado remido. — Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. — Palavra Ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. — Pelo fruto é que se conhece a árvore = Página 201
CAPÍTULO 82 = MATEUS, 12º, 38 ao 42. — LUCAS, 11º, 29 ao 32. Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de Jesus. — Prodígio de Jonas. — Ninivitas. Rainha do Meio-dia = Página 204
CAPÍTULO 83 = MATEUS, 12º, 43 ao 45. — LUCAS, 11º, 24 ao 28. Dever, que tem o homem, de resistir aos maus instintos, às más paixões. — Resposta de Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse uma mulher = Página 207
CAPÍTULO 84 = MATEUS, 12º, 46 ao 50. — MARCOS, 3º, 31 ao 35. — LUCAS, 8º, 19 ao 21. O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática = Página 209
CAPÍTULO 85 = MATEUS, 13º, 1 ao 23. — MARCOS, 4º, 1 ao 20, e 25. — LUCAS, 8º, 1 ao 15, e 18; e 10º, 23 ao 24. Parábola do semeador. — Explicação dessa parábola = Página 210
CAPÍTULO 86 = MATEUS, 13º, 24 ao 30. Parábola do joio semeado entre o trigo = Página 213
CAPÍTULO 87 = MATEUS, 13º, 31 ao 35. — MARCOS, 4º, 26 ao 34. — LUCAS, 13º, 18 ao 22. Grão de mostarda. — Fermento da massa. — Semente lançada à terra = Página 215
CAPÍTULO 88 = MATEUS, 13º, 36 ao 43. Explicação da parábola do joio = Página 217
CAPÍTULO 89 = MATEUS, 13º, 44 ao 52. Tesouro oculto. — Pérola de alto preço. — Parábola da rede lançada ao mar = Página 219
CAPÍTULO 90 = MATEUS, 13º, 53 ao 58. — MARCOS, 6º, 1 ao 6. Nenhum profeta é desestimado sendo no seu país, na sua casa e entre seus parentes = Página 220
CAPÍTULO 91 = MATEUS, 14º, 1 ao 12. — MARCOS, 6º, 14 ao 29. — LUCAS, 3º, 19 ao 20 e 9º, 7 ao 9. Morte de João Batista. — palavras que, ditas com relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na reencarnação = Página 221
CAPÍTULO 92 = MATEUS, 14º, 13 ao 22. — MARCOS, 6º, 30 ao 45. — LUCAS, 9º, 10 ao 17. Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes = Página 223
CAPÍTULO 93 = MATEUS, 14º, 23 ao 33. — MARCOS, 6º, 46 ao 52. Jesus e Pedro caminham por sobre o mar = Página 226
CAPÍTULO 94 = MATEUS, 14º, 34 ao 36. — MARCOS, 6º, 53 ao 56. Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus = Página 228
CAPÍTULO 95 = MATEUS, 15º, 1 ao 20. — MARCOS, 7º, 1 ao 23. Mãos não lavadas. — Tradições humanas. — Escândalo a desprezar. — Guias cegos. — Verdadeira impureza. — O que vem do coração é que suja o homem, que o torna impuro = Página 229
CAPÍTULO 96 = MATEUS, 15º, 21 ao 28. — MARCOS, 7º, 24 ao 30. A mulher cananeana = Página 232
CAPÍTULO 97 = MARCOS, 7º, 31 ao 37. Cura de um surdo-mudo = Página 234
CAPÍTULO 98 = MATEUS, 15º, 29 ao 39. — MARCOS, 8º, 1 ao 10. Multidão de doentes curados. — Multiplicação de sete pães = Página 235

CAPÍTULO 99 = MATEUS, 16º, 1 ao 4. — MARCOS, 8º, 11 ao 13. Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus e Saduceus = Página 236
CAPÍTULO 100 = MATEUS, 16º, 5 ao 12. — MARCOS, 8º, 14 ao 21. Fermento dos Fariseus e dos Saduceus = Página 237
CAPÍTULO 101 = MARCOS, 8º, 22 ao 26. Cura de um cego = Página 239
CAPÍTULO 102 = MATEUS, 16º, 13 ao 20. — MARCOS, 8º, 27 ao 30. — LUCAS, 9º, 18 ao 21. Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação. — Alusão de relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. — Missão de Pedro na igreja do Cristo. — Verdadeira confissão = Página 242
CAPÍTULO 103 = MATEUS, 16º, 21 ao 23. — MARCOS, 8º, 31 ao 33. — LUCAS, 9º, 22. Predição. — Palavras de Pedro. — Resposta de Jesus = Página 246
CAPÍTULO 104 = MATEUS, 16º, 24 ao 28. — MARCOS, 8º, 34 ao 39. — LUCAS, 9º, 23 ao 27. Meios e condições sem os quais não se pode ver na Terra o reino de Deus, em todo o seu poder = Página 249
CAPÍTULO 105 = MATEUS, 17º, 1 ao 9. — MARCOS, 9º, 1 ao 9. — LUCAS, 9º, 28 ao 36. Transfiguração de Jesus no Tabor. — Aparição de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os discípulos —Voz que saiu dessa nuvem e palavras que proferiu = Página 251
CAPÍTULO 106 = MATEUS, 17º, 10 ao 13. — MARCOS, 9º, 10 ao 12. O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel = Página 254
CAPÍTULO 107 = MATEUS, 17º, 14 ao 20. — MARCOS, 9º, 13 ao 29. — LUCAS, 9º, 37 ao 43 e 17º, 5 ao 6. Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum = Página 256
CAPÍTULO 108 = MATEUS, 17º, 21 ao 22. — MARCOS, 9º, 30 ao 31. — LUCAS, 9º, 44 ao 45. Predição, por Jesus, da sua morte e ressurreição = Página 259
CAPÍTULO 109 = MATEUS, 17º, 23 ao 26. Jesus paga o tributo = Página 260
CAPÍTULO 110 = MATEUS, 18º, 1 ao 5. — MARCOS, 9º, 32 ao 40. — LUCAS, 9º, 46 ao 50. Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade = Página 261
CAPÍTULO 111 = LUCAS, 9º, 51 ao 56. Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus = Página 263
CAPÍTULO 112 = MATEUS, 18º, 6 ao 11. — MARCOS, 9º, 42 ao 50. — LUCAS, 17º, 1 ao 2. Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo = Página 264
CAPÍTULO 113 = MATEUS, 18º, 12 ao 14. — LUCAS, 15º, 1 ao 10. Ovelha desgarrada. — Dracma perdida = Página 266
CAPÍTULO 114 = LUCAS, 15º, 11 ao 32. Parábola do filho pródigo = Página 268
CAPÍTULO 115 = LUCAS, 16º, 1 ao 12. Parábola do mordomo infiel = Página 270
CAPÍTULO 116 = MATEUS, 18º, 15 ao 17. — LUCAS, 17º, 3 ao 4. Palavras de Jesus relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas = Página 272
CAPÍTULO 117 = LUCAS, 17º, 7 ao 10. Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador = Página 273

CAPÍTULO 118 = LUCAS, 17º, 11 ao 19. Os dez leprosos = Página 274
CAPÍTULO 119 = LUCAS, 17º, 20 ao 24. O reino de Deus está dentro de nós = Página 276
CAPÍTULO 120 = LUCAS, 17º, 25 ao 37. Sinais precursores da segunda vinda de Jesus = Página 278
CAPÍTULO 121 = MATEUS, 18º, 18 ao 20. Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome = Página 281
CAPÍTULO 122 = MATEUS, 18º, 21 ao 35. Perdão das injúrias e ofensas. — Parábola dos dez mil talentos = Página 285
CAPÍTULO 123 = MATEUS, 19º, 1 ao 9. — MARCOS, 10º, 1 ao 9. Divórcio. — Casamento = Página 286
CAPÍTULO 124 = MARCOS, 10º, 10 ao 12. — MATEUS, 19º, 10 ao 12. Respostas de Jesus relativas às condições do casamento. Dos eunucos por diversos motivos = Página 289
CAPÍTULO 125 = MATEUS, 19º, 13 ao 15. — MARCOS, 10º, 13 ao 16. — LUCAS, 18º, 15 ao 17. A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição = Página 291
CAPÍTULO 126 = LUCAS, 18º, 1 ao 8. Parábola da viúva e do mau juiz = Página 292 CAPÍTULO 127 = LUCAS, 18º, 9 ao 14. Fariseu e publicano = Página 293
CAPÍTULO 128 = MATEUS, 19º, 16 ao 26. — MARCOS, 10º, 17 ao 27. — LUCAS, 18º, 18 ao 27. Parábola do mancebo rico = Página 294
CAPÍTULO 129 = MATEUS, 19º, 27 ao 30. — MARCOS, 10º, 28 ao 31. — LUCAS, 18º, 28 ao 30. Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze Tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade e perseverança na senda do progresso = Página 297
CAPÍTULO 130 = MATEUS, 20º, 1 ao 16. Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora = Página 299
CAPÍTULO 131 = MATEUS, 20º, 17 ao 19. — MARCOS, 10º, 32 ao 34. — LUCAS, 18º, 31 ao 34. Predição do sacrifício do Gólgota = Página 301
CAPÍTULO 132 = MATEUS, 20º, 20 ao 28. — MARCOS, 10º, 35 ao 45. Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas = Página 302
CAPÍTULO 133 = LUCAS, 19º, 1 ao 10. Conversão de Zaqueu = Página 304
CAPÍTULO 134 = MATEUS, 20º, 29 ao 34. — MARCOS, 10º, 46 ao 52. — LUCAS, 18º, 35 ao 43. Cura dos cegos de Jericó = Página 305
CAPÍTULO 135 = MATEUS, 21º, 1 ao 17. — MARCOS, 11º, 1 ao 11, e 15 ao 19. — LUCAS, 19º, 28 ao 48 Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões Predição da ruína de Jerusalém = Página 307
CAPÍTULO 136 = MATEUS, 21º, 18 ao 22. — MARCOS, 11º, 12 ao 14; e 20 ao 26. Parábola da figueira que secou = Página 312
CAPÍTULO 137 = MATEUS, 21º, 23 ao 32. — MARCOS, 11º, 27 ao 33. — LUCAS, 20º, 1 ao 8. Resposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciães do povo. — Parábola dos dois filhos = Página 314
CAPÍTULO 138 = MATEUS, 21º, 33 ao 41. — MARCOS, 12º, 1 ao 9. — LUCAS, 20º, 9 ao 16. Parábola da vinha e dos vinhateiros = Página 316

CAPÍTULO 139 = MATEUS, 21º, 42 ao 46. — MARCOS, 12º, 10 ao 12. — LUCAS, 20º, 17 ao 19. Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. Jesus pedra angular = Página 319
CAPÍTULO 140 = LUCAS, 14º, 1 ao 6. Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus = Página 321
CAPÍTULO 141 = LUCAS, 14º, 7 ao 11. Ocupar o último lugar. — Humildade = Página 322
CAPÍTULO 142 = LUCAS, 14º, 12 ao 15. Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — Desinteresse = Página 323
CAPÍTULO 143 = MATEUS, 22º, 1 ao 14. — LUCAS, 14º, 16 ao 24. Parábola das bodas e dos convidados que se excusam = Página 324
CAPÍTULO 144 = MATEUS, 22º, 15 ao 22. — MARCOS, 12º, 13 ao 17. — LUCAS, 20º, 20 ao 26. Deus e César = Página 326
CAPÍTULO 145 = MATEUS, 22º, 23 ao 33. — MARCOS, 12º, 18 ao 27. — LUCAS, 20º, 27 ao 40. Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. — Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade após a morte = Página 328
CAPÍTULO 146 = MATEUS, 22º, 34 ao 40. — MARCOS, 12º, 28 ao 34. — LUCAS, 10º, 25 ao 28. Amor de Deus e do próximo = Página 331
CAPÍTULO 147 = LUCAS, 10º, 29 ao 37. Parábola do Samaritano = Página 333
CAPÍTULO 148 = LUCAS, 10º, 38 ao 43. Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. — Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora = Página 334
CAPÍTULO 149 = MATEUS, 22º, 41 ao 46. — MARCOS, 12º, 35 ao 37. — LUCAS, 20º, 41 ao 44. O Cristo, Senhor de David = Página 335
CAPÍTULO 150 = MATEUS, 23º, 1 ao 7. — MARCOS, 12º, 38 ao 40. — LUCAS, 20º, 45 ao 47. Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. Ouvi-los, mas, não os imitais = Página 336
CAPÍTULO 151 = MATEUS, 23º, 8 ao 12. Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. — O Cristo, único doutor, único mestre. — Os homens, irmãos todos = Página 337
CAPÍTULO 152 = MATEUS, 23º, 13 ao 22. Escribas e fariseus hipócritas = Página 338
CAPÍTULO 153 = MATEUS, 23º, 23 ao 39. — LUCAS, 11º, 37 ao 54 e 13º, 31 ao 35. Doutores hipócritas que têm o coração viciado e enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade = Página 339
CAPÍTULO 154 = MARCOS, 12º, 41 ao 44. — LUCAS, 21º, 1 ao 4. O óbolo da viúva = Página 342
CAPÍTULO 155 = MATEUS, 24º, 1 ao 14. — MARCOS, 13º, 1 ao 13. — LUCAS, 21º, 5 ao 19. Resposta de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança = Página 343
CAPÍTULO 156 = MATEUS, 24º, 15 ao 22. — MARCOS, 13º, 14 ao 20. — LUCAS, 21º, 20 ao 24. Abominação da desolação no lugar santo. — Males extremos. — Cerco de Jerusalém = Página 346
CAPÍTULO 157 = MATEUS, 24º, 23 ao 28. — MARCOS, 13º, 21 ao 23. Falsos

Cristos. — Falsos profetas = Página 348
CAPÍTULO 158 = MATEUS, 24º, 29 ao 31. — MARCOS, 13º, 24 ao 27. — LUCAS, 21º, 25 ao 28. Predição dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que precederão o advento de Jesus em todo o seu esplendor espiritual e predição desse advento = Página 349
CAPÍTULO 159 = MATEUS, 24º, 32 ao 35. — MARCOS, 13º, 28 ao 31. — LUCAS, 21º, 29 ao 33. Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da Humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão = Página 351
CAPÍTULO 160 = MATEUS, 24º, 36 ao 39. — MARCOS, 13º, 32 ao 37. — LUCAS, 21º, 34 ao 38. Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para depuração e transformação da Terra e da Humanidade terrena. — O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, pela sua purificação e seu progresso = Página 353
CAPÍTULO 161 = MATEUS, 24º, 40 ao 44. — LUCAS, 12º, 39 ao 40. O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo = Página 354
CAPÍTULO 162 = MATEUS, 24º, 45 ao 51. — LUCAS, 12º, 41 ao 46. Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo = Página 355
CAPÍTULO 163 = LUCAS, 12º, 47 ao 48. A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu = Página 356
CAPÍTULO 164 = MATEUS, 25º, 1 ao 13. Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes = Página 357
CAPÍTULO 165 = LUCAS, 12º, 35 ao 38 Vigiar. — Estar pronto a receber a Jesus pôr ocasião da sua segunda vinda = Página 358
CAPÍTULO 166 = MATEUS, 25, 14 ao 30. — LUCAS, 19, 11 ao 27 Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos = Página 359
CAPÍTULO 167 = MATEUS, 25º, 31 ao 46. Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final = Página 361
CAPÍTULO 168 = MATEUS. 26º, 1 ao 13. — MARCOS, 14º, 1 ao 9. Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus = Página 363
CAPÍTULO 169 = MATEUS, 26º, 14 ao 19. — MARCOS, 14º, 10 ao 16. — LUCAS, 22º, 1 ao 13. Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os príncipes dos sacerdotes. — Lugar escolhido para a Páscoa = Página 366
CAPÍTULO 170 = MATEUS, 26º, 20 ao 30. — MARCOS, 14º, 17 ao 26. — LUCAS, 22º, 14 ao 23. Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas = Página 369
CAPÍTULO 171 = LUCAS, 22º, 24 ao 30. Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos = Página 372
CAPÍTULO 172 = MATEUS, 26º, 31 ao 35. — MARCOS, 14º, 27 ao 31. — LUCAS, 22º, 31 ao 38. Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro = Página 373
CAPÍTULO 173 = MATEUS, 26º, 36 ao 46. — MARCOS, 14º, 32 ao 42. —

LUCAS, 22º, 39 ao 46. Jesus no horto de Getsemani. — Palavras e ensinamentos dirigidos aos discípulos. — ELE ENSINA Os homens a morrer, depois de lhes haver ensinado a viver, objetivando o progresso do Espírito. — Aparição do anjo com um duplo fim: convencer os homens de que era aparente a condição humana que eles consideravam em Jesus e na qual haviam de acreditar enquanto durasse a sua missão terrena e acreditariam, sob o véu da letra, até ao advento do Espírito; e prepará-los para, na época desse advento, reconhecerem que deviam pôr de lado a divindade que as interpretações humanas lhe teriam atribuído = Página 375
CAPÍTULO 174 = MATEUS, 26º, 47 ao 56. — MARCOS, 14º, 43 ao 52. — LUCAS, 22º, 47 ao 53. — JOÃO, 18º, 1 ao 12. Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha a um dos do séquito do sumo sacerdote e Jesus a cura. — Fuga dos discípulos = Página 378
CAPÍTULO 175 = MATEUS, 26º, 57 ao 68. — MARCOS, 14º, 53 ao 65. — LUCAS, 22º, 54 ao 55 e 63 ao 71. Jesus levado à presença do sumo sacerdote. — Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte = Página 381
CAPÍTULO 176 = MATEUS, 26º, 69 ao 75. — MARCOS, 14º, 66 ao 72. — LUCAS, 22º, 56 ao 62. Negação de Pedro = Página 383
CAPÍTULO 177 = MATEUS, 27º, 1 ao 10. Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura = Página 385
CAPÍTULO 178 = MATEUS, 27º, 11 ao 26. — MARCOS, 15º, 1 ao 15. — LUCAS, 23º, 1 ao 25. Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado = Página 386
CAPÍTULO 179 = MATEUS, 27º, 27 ao 30. — MARCOS, 15º, 16 ao 19. Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. — Insultos = Página 389
CAPÍTULO 180 = MATEUS, 27º, 31 ao 32. — MARCOS, 15º, 20 ao 21. — LUCAS, 23º, 26 ao 32. Jesus conduzido ao lugar do suplicio. — Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam = Página 390
CAPÍTULO 181 = MATEUS, 27º, 33 ao 38. — MARCOS, 15º, 22 ao 28. — LUCAS, 23º, 32 ao 34; e 38. — JOÃO, 19º, 14 ao 24. Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. — Palavras por Ele ditas como ENSINAMENTO e EXEMPLO = Página 392
CAPÍTULO 182 = MATEUS, 27º, 39 ao 43. — MARCOS, 15º, 29 ao 32. — LUCAS, 23º, 35 ao 37. Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos = Página 394
CAPÍTULO 183 = MATEUS, 27º, 44. — MARCOS, 15º, 32. — LUCAS, 23º, 39 ao 43. Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão = Página 395
CAPÍTULO 184 = MATEUS, 27º, 45 ao 50. — MARCOS, 15º, 33 ao 37. — LUCAS, 23º, 44 e 46. Morte de Jesus, no entender dos homens = Página 397
CAPÍTULO 185 = MATEUS, 27º, 51 ao 56. — MARCOS, 15º, 38 ao 41. — LUCAS, 23º, 45; e 47 ao 49. Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra. — Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. — Palavras do centurião = Página 399
CAPÍTULO 186 = MATEUS, 27º, 57 ao 61. — MARCOS, 15º, 42 ao 47. — LUCAS, 23º, 50 ao 56. José de Arimatéia desce da cruz o corpo e o deposita no sepulcro = Página 401
CAPÍTULO 187 = MATEUS, 27º, 62 ao 66. Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí

postados = Página 403
CAPÍTULO 188 = MATEUS, 28º, 1 ao 15. — MARCOS, 16º, 1 ao 11. — LUCAS, 24º, 1 ao 12. — JOÃO, 20º, 1 ao 18. Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro = Página 404
CAPÍTULO 189 = MARCOS, 16º, 12 ao 13. — LUCAS, 24º, 13 ao 35. Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas = Página 409
CAPÍTULO 190 = MARCOS, 16º, 14. — LUCAS, 24, 36 ao 49. — JOÃO, 20º, 19 ao 30. Aparição de Jesus aos apóstolos = Página 411
CAPÍTULO 191 = MATEUS, 28º, 16 ao 20. — MARCOS, 16º, 15 ao 20. — LUCAS, 24º, 50 ao 53. Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão. — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras = Página 413

AO LEITOR

O desejo de concorrer de alguma sorte para a propagação dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, na sua verdadeira e pura concepção, de harmonia com a santa Doutrina de Jesus, o nosso Bendito Pastor;

O proveito, para a Humanidade, em substituir o fanatismo dos milagres, dogmas e 'mistérios por uma profunda convicção da verdade e exeqüibilidade dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo;

A importância que advém, para o estudo dos Evangelhos, das referências à Lei, aos Profetas e às Escrituras, que constituem a Bíblia, o livro inspirado de Deus, adotado e completado por Jesus;

A confirmação pelas revelações que, posteriormente à publicação da primeira edição do "Livro dos Estudos dos Evangelhos", foram concedidas ao nosso Grupo, as quais explanam e esclarecem muitos pontos desses estudos;

Finalmente, a aspiração de oferecermos um livro, que retira todas as explicações e ensinamentos trazidos até hoje aos homens, pelo Consolador, para a compreensão, em espírito e verdade, dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para facilitar esse estudo divino aos Grupos em geral, como particularmente a cada crente em seu gabinete;

Tais as razões que nos levam à publicação deste livro, sob o título: "Elucidações Evangélicas», cujo conjunto oferece os meios ao alcance de todas as inteligências, para chegar-se ao conhecimento da moral verdadeiramente cristã.

Maio — 1902.

O AUTOR DA ÓBRA

Dias depois de haver entoado, publicando-a, o seu canto de cisne, o saudoso autor da presente obra, a 31 de março de 1903, desferiu o vôo para as regiões serenas da bem-aventurança, indo juntar-se à coorte dos Espíritos luminosos, em cujas fileiras já tinham ingressado Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes e outros que com ele formaram o primitivo Grupo. “Ismael”, então sob a sua direção, pujante e belo núcleo de valorosos apóstolos da Revelação Nova.

Ao fazer, agora, outra edição das “Elucidações Evangélicas”, em que a alma desse crente fervoroso, humilde e abnegado servo do Senhor, deixou traços indeléveis da superioridade que a distinguia, justo é que a Federação, num preito de reconhecimento e saudade, diga aos que a vão tomar para base de suas meditações sobre o Evangelho e que abraçaram o Espiritismo quando já aquele não mais pertencia ao rol dos “mortos” sepultados na carne, quem foi esse cultivador da Seara Divina que, legando-lhes esta obra, os brindou com uma jóia de súbito valor.

Efetivamente, é como a classificam estas palavras com que a sagrou o Espírito Frei José dos Mártires, seu Guia:

“Ela tem em si o bastante para assegurar, aos que cuidam seriamente das coisas divinas, a existência de um núcleo de corações homogêneos, que procuram sincera-mente orientar seus irmãos, apontando-lhes o meio de construírem o edifício da fé, não sobre a areia movediça das paixões desencontradas, mas sobre a rocha inamovível da verdadeira crença, que dilata os seios dalma para o bem e para a luz.

Deixas na Terra um pouco da luz que recebeste do céu e os homens do futuro, bebendo ensinamentos nos teus esforços e produzindo também alguma coisa de útil aos seus irmãos, bendirão o teu nome.”

Pois bem: é bendizendo-lhe o nome que os que, depois dele e dos seus preclaros companheiros, assumiram a tarefa de dirigir neste plano, sob a égide de seus Espíritos, caridosos e bons, a Instituição que muitíssimo lhes deve do que foi, do que é e do que será, se sentem na obrigação gratíssima de dar a conhecer, à atual geração de espíritas, com a obra que lhe foi por ele ofertada, a personalidade daquele que a concebeu e executou.

Não será, porem, nenhum deles quem o fará, que nenhum o conseguiria, como o fez, por ocasião da sua ressurreição para a vida real, um dos seus fiéis companheiros de apostolado, membro, como ele, do Grupo “Ismael”, em cuja direção o sucedeu, seu grande amigo também, alma afim com a sua, coração tão grande como o seu Pedro Richard, ora a ele reunido na falange dos veros servidores de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos verdadeiros dirigentes da Federação.

Para que assim seja, reproduzimos aqui o que, sob o pseudônimo de que usava, o de “Discípulo de Max”, que invocava, assim, o pseudônimo de Bezerra de Menezes, publicou Pedro Richard, no primeiro número do “Reformador” distribuído após a desencarnação do venerando autor das ‘Elucidações”. (*)

Eis o que, numa efusão, legitima e sincera, de amor fraternal e de admiração, esse outro componente do núcleo de corações homogêneos a que se referiu Frei José dos Mártires, disse do Irmão exemplar que, sempre ardoroso na fé, fora o porta-estandarte da pequenina milícia humana do Anjo Ismael:

Mais um trabalhador da santa cultura de Nosso Senhor Jesus Cristo cai na arena.

Tomba o corpo, mas surge o Espírito em toda a plenitude da vida, pujante e forte, e cheio da misericórdia que às mancheias derrama o nosso Divino Mestre sobre todos os seus discípulos, que, à custa de lutas encarniçadas contra os arrastamentos da matéria e preconceitos sociais, de sofrimentos necessários e sempre merecidos, de fracos se fizeram fortes, de pequenos fazem-se grandes.

A vida de um justo é sempre um exemplo a seguir-se.

É preciso que a família espírita conheça a vida dos seus irmãos, que nesta peregrinação souberam cumprir o seu dever de verdadeiros cristãos, a fim de que exemplos tão salutares possam ser aproveitados pelos nossos Espíritos, que, assim estimulados, hão de procurar imitá-los.

Ontem era Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Maia de Lacerda, etc.; hoje é Sayão que, abandonando o casulo grosseiro da matéria, surge, dourada borboleta, a singrar o espaço infinito, em busca da Grande Luz.

Agora, que desapareceu o homem e que, portanto, já não pode ser atingido pelo orgulho e a vaidade, podemos falar abertamente dos seus feitos, para que sirvam de lição à família espírita.

Antônio Luiz Sayão pediu ao nosso Criador a maior e a mais perigosa das provas que pode um Espírito pedir: a riqueza material, comprometendo-se, porém, a adquiri-la à custa de muito trabalho e a fazer-se espírita, para pregar a doutrina de Jesus, pelos exemplos de toda ordem, notadamente pelo desprendimento dos bens terrestres, que lhe fossem proporcionados pela riqueza adquirida. É, de fato, é a riqueza a prova mais perigosa e o compromisso mais sério que pode um Espírito tomar, pelos embaraços cruéis que lhe opõem os dois grandes inimigos da alma: o orgulho e a vaidade, além das exigências a que todo instante nos obriga uma sociedade, como a nossa, sem crença e sem moral!

Para se avaliar a grandeza da prova pedida por Sayão, basta que nos lembremos das palavras de Jesus aos seus apóstolos, a propósito do mancebo rico que o consultou sobre o que necessitava fazer para salvar-se.

Disse o Divino Mestre aos seus discípulos, depois de aconselhar o moço: “Mais depressa passa um camelo pelo fundo de uma agulha, do que se salva um rico”.

Bem se vê que esta luminosa sentença não pode comportar a tradução servil que as letras lhe emprestam. é um tropo empregado por Jesus para significar à Humanidade a dificuldade com que tem de lutar um Espírito, que para esta existência trouxe a prova da riqueza, para se salvar. Notemos bem: a dificuldade e nunca a impossibilidade.

Pois, meus irmãos, graças ao nosso Pai, soube Sayão desempenhar-se brilhantemente do compromisso que tomou, e salvou-se, porque perseverou até ao fim, tendo em toda a sua vida uma única preocupação: servir ao nosso Bom Senhor. E não é lícito pôr em dúvida a sua salvação, porque disse o Divino Pastor:

“Aquele que perseverar até ao fim, será salvo”.

*

Tracemos um bosquejo, se bem que imperfeito, da sua passagem pela

Terra.

Antônio Luiz Sayão encarnou em um centro muito pobre e só à custa de muitos sacrifícios materiais conseguiu formar-se em Direito, na Academia de São Paulo.

Quem desconhece o que é a vida de um estudante pobre, que nem livros tem para estudar, e que é obrigado a comer e a pagar a moradia à sua custa? E o que veste e o que calça? Pobrezinho! usa a roupa e o calçado, ora um tanto apertados, ora mais largos, dos seus companheiros de república, que, generosos e bons, como sabe ser a mocidade acadêmica, têm-no em geral em alta consideração. Nem uma vela para estudar à noite, nem um vintém no bolso! Enquanto os colegas se divertem nos teatros, bailes e serenatas, ele estuda à luz do lampião da sala da república, ou pede ao sono reparador o descanso de que necessita o seu corpo depauperado de forças nas lutas do dia.

Vencendo todas as dificuldades, formou-se em Direito e veio para esta capital exercer a sua profissão e dela escolheu a parte mais simpática e mais sã, qual seja a defesa dos criminosos, da tribuna do Júri, que então era ilustrada pelos vultos eminentes de Busch Varela, Ferreira Viana e outros luminares da jurisprudência, que naqueles tempos souberam fazer renome.

Sayão, enfrentando com tais competidores, jamais se deixou ficar na retaguarda e fez-se notável advogado.

Trabalhador incansável e extremamente econômico, conseguiu fazer fortuna, poupando e guardando as parcas economias que lhe sobravam das suas restritas necessidades materiais.

Talento modesto, aliado ao desejo de bem servir ao Senhor, jamais se deixou atingir pelo orgulho e a vaidade, ou pelas sugestões do fausto e da orgia. Seu vestuário sempre foi sério, simples e decente, sua alimentação sólida, parca e sóbria.

Em 1878, mais ou menos, se fez espírita.

Teve então de travar luta titânica contra as suas tendências católico-romanas, não compatíveis com os Evangelhos de Jesus, que acabava de abraçar e, sobre tudo, contra os preconceitos sociais-religiosos, que naqueles tempos pareciam insuperáveis.

Tomou para seu companheiro e mestre o seu colega Bittencourt Sampaio, que aqui na Terra tão bem soube orientá-lo e, no espaço, depois que para lá foi, melhor soube encaminhá-lo com seus conselhos diários e ampará-lo com a sua ascendência moral.

Feita a aliança espiritual entre os dois servos do Senhor, tiveram que lutar heroicamente contra as traiçoeiras ciladas que lhes armavam a todo o instante os Espíritos das trevas, com o intuito perverso de separá-los.

A luta foi encarniçada e tantos foram os estratagemas de que usaram os inimigos do espaço, para romper o laço que ligava esses dois Espíritos aqui na Terra, que narrá-los é impossível. Mas de uma vez teve Sayão de pôr em prova a sua humildade, para evitar que se quebrasse um só dos elos da cadeia que o prendia ao seu mestre e amigo.

Seu lar, nos tempos ignominiosos da escravidão, era o céu dos desgraçados que tinham pedido a prova de ser escravos.

Nele se acolhiam, para de escravizados ficarem livres, pois eram tratados pelo “Senhor” como irmãos e amigos e se constituíram membros da sua família. Que o digam os Moisés, os Celestinos e as Joanas, cujos filhos eram

por ele acalentados e muitas vezes nos seus próprios braços entregavam o Espírito ao Criador.

Pela modéstia do seu viver e porque não se imiscuía nas lutas egoísticas dos homens, a sociedade, que não o compreendia, o tratava de usurário. Ele usurário! ele que repartia prodigamente com os necessitados os seus haveres!

Mas, porque seguia o preceito evangélico: “a mão direita não deve ver o que dá a esquerda”, Sayão era um usurário.

Bem fizeste, amigo! Bem soubeste fazer!

A sua bolsa sempre esteve aberta à verdadeira necessidade. Jamais irmão algum que lhe pediu pão, ou, lhe solicitou abrigo, passou fome ou se viu privado de teto. Bastava saber onde estava a miséria, para que Sayão corresse pressuroso a ampará-la.

Os seus atos de caridade são inúmeros. Citá-los éimpossível; descrevê-los, ocioso. Apenas me limitarei a contar um; ei-lo:

Uma vez em que o médium Guimarães foi a um miserável quarto de certa casa, numa das ruas desta Capital, levar a uma pobre enferma os recursos mediúnicos que reclamava o seu estado de saúde, viu, ao entrar, que alguém se ocultara atrás da porta; instigado pela curiosidade, procurou ver quem era e pôde então lobrigar a cabeça do velho Sayão, que ali fora repartir com a desgraçada a moeda material e levar-lhe ao mesmo tempo o conforto espiritual que com tanta dedicação soube haurir nos Evangelhos.

A sua vida espírita foi cheia de episódios e lutas impossíveis de se descreverem num modestíssimo escrito de jornal. Contudo, esforçar-me-ei por contar alguns.

Sayão e Bittencourt Sampaio pertenceram à Sociedade “Deus, Cristo e Caridade” até o dia em que uma divergência determinou a saída dos mesmos que não se deixaram arrastar pelo orgulho da ciência. Foi então quando resolveram fazer, no dia 6 de junho de 1880, uma reunião em sua casa, a fim de concertarem a respeito do destino que deveriam tomar, e o resultado foi a fundação do “Grupo dos Humildes”, regularmente conhecido por “Grupo Sayão”, dirigido espiritualmente pelo anjo Ismael e materialmente por ele, Sayão.

O que se passou na primeira fase desse Grupo está minuciosamente descrito no seu livro inicial, intitulado “Trabalhos Espíritas”. Foi tempestuosa e, por isso, muitas lágrimas custou ao pobre do Sayão.

A segunda fase foi mais calma e deu-lhe ensejo a que publicasse o seu segundo livro, que denominou “Estudos Evangélicos”, livro que tantos e tão relevantes serviços tem prestado aos que se entregam ao estudo da Doutrina Espírita. Foi quando desencarnou o bom Bittencourt Sampaio.

Desde essa data entrou o Grupo na sua terceira fase, que não foi para Sayão tão tempestuosa quanto a primeira, mas que se caracterizoú pela luta que ele teve de sustentar com os Espíritos das trevas, quando o Grupo sucessivas ente recebeu os livros “Jesus Perante a Cristandade” e “De Jesus para as Crianças”, ditados pelo Espírito Bittencourt e publicados por Sayão, e iniciou o “Do Calvário ao Apocalipse”.

Ele pressentiu o termo da sua jornada sobre a Terra poucos dias antes da sua partida para as regiões espirituais.

Isto vos posso afirmar, leitor, pela sua seguinte previsão:

Tendo-se esgotado a edição dos “Estudos Evangélicos”, ele os reeditou com o título “Elucidações Evangélicas”, e enriqueceu-o com muitas e

belíssimas Comunicações recebidas no Grupo, que vieram trazer aos diversos pontos evangélicos, por ele estudados, muita luz de intenso clarão.

Esse livro saiu do prelo o mês passado, e, apresentando um exemplar a um confrade, disse-lhe ele:

"Este é o último canto do cisne".

E o foi, de fato. Dias depois, deixava o fardo pesado da matéria e voava para a verdadeira pátria, onde foi receber do nosso Divino Mestre o prêmio de tanta luta e tantos sacrifícios sofridos sem revolta nem queixume.

Se a sua vida foi um exemplo perene, digno de ser por nós outros imitado, a sua desencarnação não o é menos.

Durante a enfermidade que o acometeu, se acusava grandes sofrimentos, não se queixava jamais; ao contrário, dizia sempre que se fizesse a vontade de Deus! O seu desprendimento foi calmo e mesmo sem contrações. Desencarnou como um justo, balbuciando uma Ave Maria.

Assim vivem e assim desencarnam os verdadeiros discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

DISCÍPULO DE MAX.

(') Ver, também, "Reformador" de 1953, página 53.

DO ESPÍRITO SAYÃO

Irmão e amigo, aqui tens as duas palavras que me pediste:

Vastíssima, imensa é a bibliografia evangélica, em todas as línguas. Muito antes mesmo que Jesus baixasse à Terra para o desempenho da sua excelsa missão de amor, profetas em grande número apregoaram o reino de Deus, concitando à penitência os povos que, por suas rebeldias contra as leis morais, se constituíam verdadeiros flagelos para a Humanidade daqueles tempos.

Desceu o Cristo ao mundo e consumou-se a tragédia do Gólgota. Mas, nem o martírio do Justo, imolado às paixões dos que Ele viera salvar, indicando-lhes o caminho da felicidade, que é o do reino de Deus; nem os suplícios infligidos aos discípulos fiéis, que procuraram secundar-lhe a obra de amor e de redenção, conseguiram modificar os sentimentos humanos.

Foi preciso que o tempo colaborasse grandemente nessa obra, que ela se desdobrasse em séculos de tormentosas jornadas, para que as criaturas desviadas do seu destino, que é o seio do Criador e Pai, se tornassem, capazes de atentar no roteiro que a ele conduz.

Fetichistas da matéria, aclimados nas regiões onde satisfazem aos seus apetites inferiores, os Espíritos relegados ao presídio terreno começam agora a sentir os rigores do ferro em brasa. Há lágrimas por toda parte, há dúvidas e desesperanças nas almas e inúmeros são os lares onde já falta o pão para alimento do corpo. Há também revoltas sem conta, recrudescimento de paixões e ameaças de crimes horripilantes.

Ora, todo esse desvario, após vinte séculos de Cristianismo, demonstra à evidência que as palavras do Meigo Nazareno não encontraram guarida nos sentimentos. Órfãs da essência evangélica, as almas sofredoras, sem luz e sem freio, procuram o remanso da paz, mas por atalhos perigosos e funestos. Nenhuma época, portanto, melhor apropriada do que a atual, para que largamente se espalhe mais um compêndio, como este, dos verdadeiros ensinos cristãos.

De apresentação ou recomendação não precisa ele, que feitas se acham uma e outra, pela autoridade superior dos textos que lhe servem de base aos comentários. Nem a autoridade do homem, que respira os ares impuros da matéria, nem a do Espírito ainda adstrito à atmosfera do presídio que lhe foi destinado para resgate de suas dívidas, podem invocar-se a escudá-lo, embora seja grande o respeito que mereçam de seus irmãos, porque, diante da majestade de Jesus Cristo, nulifica-se toda e qualquer autoridade.

A obra está conseguintemente apadrinhada por si mesma, sem que a desvalia do meu nome lhe empreste importância alguma. Fruto do labor que alguns estudantes do livro da vida, alguns pesquisadores ávidos de se fortalecerem na fé cristã, empreenderam, para se ilustrarem nas letras sagradas, ela é também um testemunho da ajuda que lhes dispensaram, quais abnegados Cireneus, os Espíritos do Senhor, a fim de que levassem avante o empreendimento. Para tal efeito, sobre a obscuridade da letra dos textos derramaram esses fiéis e devotados servos de Nosso Senhor Jesus Cristo a luz dos seus comentários dentro do espírito que a Humanidade do presente já pode suportar.

A cada dia o seu labor. No passado, quando imperava a ignorância, relativamente pequena era a responsabilidade dos homens pelos seus

desvairamentos. À evolução, da inteligência, as conquistas da Ciência, as misericordiosas dádivas concedidas pelo Criador às suas criaturas, tuas manifestações do Consolador que o seu Filho bem-amado prometera, tornaram imensas as responsabilidades desta geração, visto que muito mais refulgente luz a esclarece.

Reduzo, pois, toda a colaboração que dei a este trabalho a duas palavras de incitamento que dirijo aos meus irmãos, ao ser ele publicado pela segunda vez.

O Evangelho é o livro do coração; cura as feridas do sentimento, porque destila o amor de Jesus Cristo; consola o desconforto dos aflitos, porque dele se evola a essência da verdade divina, gradativamente propiciada aos filhos de Deus, para a escalada gloriosa do futuro. Por ele, é certo, aumenta a criatura o seu patrimônio intelectual, com conhecimentos puramente espirituais, porém, a sua finalidade máxima é formar o patrimônio moral da Humanidade.

Lido superficialmente, sem a atenção que reclamam as leituras edificantes, que oferecem alimento são às almas, o efeito que produzirá a sua não diferirá do que produz a de obras com que o homem procura encher os lazeres da vida. Entretanto, se fizermos dele o nosso confessor; se o pusermos, versículo a versículo, no coração, decerto o fel que aí guardamos, de anteriores peregrínações terrenas, se esgotará de vez, limpando-nos os sentimentos da escória das paixões que constituem a razão de ser do sofrimento.

Para as dores agudas da época que passa, nenhum melhor bálsamo do que este livro. Justo, assim, é que eu lhe augure amplíssima difusão. Possam as suas páginas despertar nas consciências cristãs o desejo sincero de exemplificar os ensinos que elas contêm e de praticar as obras de que dão testemunho.

SAYÃO

Outubro de 1932.

APRECIAÇÃO DA IMPRENSA - SOBRE A 1ª EDIÇÃO DESTE LIVRO - BIBLIOGRAFIA

O Ilustrado Dr. Antônio Luiz Sayão acaba de dar à luz um livro que destoa de quase todos os que têm sido publicados entre nós.

Não é um brilhante repertório de coisas mais ou menos Interessantes que, pela beleza da forma, dê testemunho da erudição do autor e sirva de agradável passatempo aos que só se preocupam com as grandezas mundanas.

Não. É um livro que, por sua contextura elevada e útil, como poucos desafia a atenção dos que procuram; no conhecimento das verdades eternas, a mais pura e sã alimentação de seu Espírito.

E o livro de Sayão é dos que oferecem essa alimentação que dê forças para vencer as intempéries da vida, que dá luz para enfiar a vista pelos horizontes Intérminos do futuro do nosso ser, que aplaina os caminhos da humana regeneração, condíção para chegarmos, pobres peregrinos do Infinito, ao termo da jornada: a mística Sião.

O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é o código de toda a sabedoria de que se pode revestir a humana criatura, para a vida e para as vidas: mas o sagrado código, obra do Mestre divino, imutável em sua essência, na essência de seus puríssimos ensinamentos, reveste-se do especialíssimo caráter de uma eterna variedade na forma que o acomoda a todas as idades, a todos os progressos da Humanidade.

A uma luz que cresce em intensidade, a par e à medida que os olhos da alma humana adquirem maior capacidade para suportá-la.

Ora, o homem, que somos, tem realizado, nos 19 séculos do cristianismo, e por obra do Cristianismo, tão assinalado progresso, quer intelectual, quer moral, que, segundo a lei manifestada desde os primeiros tempos, era de esperar maior grau de intensidade daquela luz espargida sobre a Terra. E o que a sublime lei prometia veio, realizou-se; é um fato palpável.

O Espiritismo, nova revelação que veio mudar a forma ao Evangelho, dando mais viva luz para que seja ele entendido, não mais sob o véu da letra, como o exigia o atraso humano, mas em espírito e verdade, como já o permite o progresso realizado da Humanidade, baixou como esmola do Pai aos filhos, que sentiam fome e sede do pão alvo da caridade divina e daquela água de que falou Jesus à samaritana.

A razão humana, mais esclarecida, já não podia conformar-se com o ensino divino, dado sob o véu da letra, como o transmitia e transmite a Igreja Romana; donde a confusão que domina os Espíritos, levando uns para a descrença e outros para a negação; cisma e materialismo ateístico.

O molde já era muito estreito para poder conter a razão, que se avolumara desproporcionalmente.

O Pai de Infinito amor não podia ver este desequilíbrio, resultante da ordem natural das coisas, sem prover de remédio ao mal, que daí resultava, e, em seu amor e sua misericórdia Infinitos, fez baixar, sobre a Humanidade retalhada pela descrença e pela dúvida, a nova revelação que, dando às verdades do Evangelho um caráter mais amplo, tão amplo como o pode reclamar a razão do nosso tempo, ofereceu, nela e por ela, imenso pálio sob o qual se podem agasalhar, abraçados com a verdade e com o bem, todos os cismas, todas as negações.

E esse pálio divino foi o próprio Evangelho, agora interpretado em espírito e verdade, à luz do Espiritismo, que esclarece todas as coisas!

Altíssima é a missão dos que foram escolhidos para fazerem na Terra a obra de Deus: a divulgação do Evangelho segundo a luz do Espiritismo; e dentre aqueles missionários espalhados por toda a Terra, levantaram-se, entre nós, Bittencourt Sampaio, com a sua Divina Epopéia, e António Luiz Sayão, com os seus estudos dos Evangelhos.

Aquele limitou seu trabalho, que é monumental, ao Evangelho de João. Este ergueu seu monumento sobre os de Mateus, Marcos e Lucas. Um completa o outro e ambos dão luz, que a geração moderna pode suportar, sobre toda a doutrina cristã, cujos horizontes se estendem, como é mister àquela luz, ao magno esforço dos dois atletas da Revelação Espírita.

Nenhum saiu dos limites traçados a Roustaing; tuas, quer um quer outro, substituIram a longa e difusa explanação daquele autor, por explicações lúcidas e concisas dos textos evangélicos.

Seus trabalhos podem ser ditos: perfeito resumo da Interpretação dos Evangelhos em espírito e verdade, segundo corrigido e aumentado em certos pontos, sempre sob a dos Altos Espíritos.

O livro de Sayão é um valioso mimo feito à Humanidade que se souber aproveitá-lo, colherá aí, claros e preciosos conhecimentos das verdades, até hoje veladas, do livro da vida e das vidas, legado ao mundo pelo divino Mestre.

Como se desdobram em claridades, que entram pelos olhos da alma, as obscuridades que confundiam os que, antes do Espiritismo, procuravam compreender os altos conceitos do Livro de salvação!

Ler o novo livro é ter em breves linhas a chave das palavras, dos conceitos, das parábolas de Jesus, é ter a chave dos pensamentos daquele divino Espírito, na medida da compreensão do homem presente.

Bem haja o ilustrado doutor, pelo bem que proporcionou aos que anseiam por se abraçarem com a verdade.

Ele colocou a luz bem alto. Só não a verão os que estiverem de assento nas trevas e dormirem com a cabeça voltada para o Ocidente.

O “Reformador” felicita o autor, felicita os espíritas, felicita a Humanidade, pelo aparecimento de mais um astro de luz no horizonte da Terra.

(“Reformador”, de 19 de fevereiro de 1897.)

ESPIRITISMO
ESTUDOS FILOSÓFICOS

Na “Gazeta de Notícias” de 22 do corrente mês lemos o seguinte (*):

“Meu caro Max. — A nossa incipiência tem encontrado sempre conforto na Vossa palavra inspirada e respeitada mesmo pelos ortodoxos da fé; desde, pois, que assumistes uma tal autoridade, a vossa opinião, sem que a embaraCe a vossa reconhecida modéstia, é segura orientação para os que entretém Grupos Espíritas; e, nestas circunstãncias, relevareis que vos peçamos um conselho: podemos tomar os dois livros publicados pelo Dr. Sayão como normas a seguir no nosso Grupo? — Um discípulo.

Bem se vê que o consultante é realmente um incipiente, pois que eleva nossa individualidade a umas alturas que estamos muito longe de atingir; entretanto, por corresponder à sua confiança, dir-lhe-emos, com toda a

lealdade e sinceridade, o que pensamos sobre os livros do Dr. Sayão.

(*) Esta carta só foi realmente estampada, no referido jornal carioca, Da data de 23 de março de 1897, à pág. 2, quinta coluna da esquerda para a direita. (Nota da FEB h 9ª edição.)

O Espiritismo não é, como julgam os padres ser, a revelação messiânica, a última palavra sobre as verdades que Deus, em seu amor pela Humanidade, fez baixar do céu à Terra.

Enquanto o homem não chegar ao último grau da perfeição Intelectual, de penetrar todas as leis da criação, a revelação não chegará a seu termo, pois que ela é progressivamente mais ampla, na medida do desenvolvimento da faculdade compreensiva do homem.

O Espiritismo, pois, tendo dado mais do que as anteriores revelações, muito terá ainda que dar, porque muito terá ainda que progredir a Humanidade terrestre.

Allan Kardec, Espírito preposto por Jesus para reunir, em um corpo de doutrinas, ensinos confiados, pelo mesmo Jesus, ao Espírito da Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram — e estes só deram o que era compatível com a compreensão atual do homem terreal.

Mas o homem, como já foi dito, não cessa de desenvolver a sua faculdade compreensiva e, pois, os principais fundamentos da revelação espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão, como ele mesmo veio alargar os princípios fundamentais do ensino ou revelação messiânica — e como este veio alargar os da revelação moisaica.

A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna, que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável, darão mais luz, para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade.

Não divergem no que é essencial, mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, aparece-nos sob mil fases relativas — relativas ao nosso grau de adiantamento Intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para o fim de se elevar às alturas.

Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Kardec, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às Inteligências de certo grau para baixo.

Seria obra de meritório valor dar à sua exposição de princípios relevantíssimos a concísão e a clareza que sobram no mestre e que lhe faltam bem sensivelmente.

Foi esta, no fundo, a obra de Sayão.

Em ligeiros traços resumiu, sem lesar, longas exposições — e em linguagem

didática clareou e pôs ao alcance de todas as inteligências o que era obscuro à maior parte.

O livro de Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec.

É, portanto, correto e adiantado, sob o ponto de vista doutrinário — e é claro e conciso sob o ponto de vista do método.

Por outra: contém as idéias de Roustaing e o método incomparável de Allan Kardec.

Quem compreende a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing — e quem quiser colher, em Roustaing, os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Sayão.

É chave de ouro, que ninguém deve desprezar — e que, além de ser tal, encerra observações e práticas que, por si só, recomendariam o hercúleo esforço do Anteu do Espiritismo no Brasil.

Ao caro Irmão em crenças, a quem agradecemos, mals uma vez, à honra que nos dispensou, com tanta gentileza, diremos, em conclusão: podeis tomar os dois livros publicados pelo Dr. Sayão como normas a seguir em vosso Grupo.

Neles encontrareis o que há de mais adiantado em Espiritismo, colhido na seara bendita, com a alma cheia de amor, humildade e fé, as virtudes que mostram a coroa do discípulo de Jesus, votado à obra do Mestre Divino, com o coração cheio de energias e de caridade evangélica.

Descansai a mente sobre esta obra preciosa, em que transluzem os clarões da verdade, como repousou a cabeça, no seio de Jesus, o discípulo amado.

E damos graças a Deus por nos ter permitido encontrar, por entre as névoas de nossa peregrinação terrestre, o raio de luz — o farol — o santelmo que nos encaminha ao porto da salvação.

MAX.

Nota da Editora à 9ª edição: MAX, pseudônimo do Dr. Bezerra de Menezes, publicou esta crítica na Gazeta de Notícia de terça-feira, 6 de abril de 1897, pág. 3. quarta coluna da esquerda para a direita. Max escreveu nesse jornal, em 1896 e 1897, a coluna Espírita, no — Estudos Filosóficos, que safra em O País" de 1887 a 1894.

Orientação Espírita

Reunidos em nome de Ismael, não tendes outros deveres senão estudar os Evangelhos à luz da Santa Doutrina.
ALLAN KARDEC.

Hoje, todas as pessoas que almejam ser espíritas devem convencer-Se de que a Doutrina Espírita veio cumprir a grandiosa missão de conduzir a Humanidade à perfeição, a essa perfeição que Impulsiona o homem a amar o seu Criador, o seu Deus; a amar o seu Mestre, o seu Salvador.

Amar o seu próximo, seus irmãos, tal é a Doutrina da moral cristã, da moral evangélica, proclamada pelos verdadeiros cristãos e celebrada pelo mavioso cantor da Divina Epopéia, nas sublimes estrofes que se lêem naquele livro de celestes inspirações.

"Estudai a moral — compreendei-a,
"Isto é, praticai seus mandamentos,
"Como houvera Jesus nos ensinado.
"Porque, sem que nenhum de vós perceba,
"A Ciência virá — embora oculta.
"Nas dobras do seu manto, que ela arrasta,

"Com toda a majestade pela estrada
"Sem termo do progresso. Porque o homem,
"Que for cristão em Cristo, será sábio..."

O espírita precisa, portanto basear todo o seu estudo no divino Código da moral legado aos homens, não com os olhos da alma vendados, como ensinam e exigem os mercadores do templo; mas, pondo em atividade a sua razão, com o critério real da verdade, para espancar todas essas tradições, preconceitos, rotinas, fórmulas, na sua maior parte vindas do paganismo: enfim, inovações dos homens, que representam árvores que o Pai não plantou e que por Isso devem ser arrancadas, como deturpadoras dos puros, simples e singelos ensinamentos do Cordeiro Imaculado de Deus!

A Doutrina Espírita é a fonte donde sai a água Viva para saciar a sede, qual a oferecida por Jesus à Samaritana, e que virá a ser, em quem a beba, uma fonte de água, que salte para a vida eterna (JOÃO capítulo 4º, versículos 10 ao 14).

A Doutrina Espírita representa o alimento, O pão Vivo, descido do Céu para que todo aquele que dele coma não morra. (JOÃO, capítulo 6º versículos 50 e 51).

Água e pão são estes que dimanam de Jesus e que, entendidos como nos aconselha o próprio Jesus, isto é — as palavras que vos digo são espírito e vida (JOÃO, capítulo 6º, versículo 63), não são nem a água, nem o vinho, nem o pão, nem o corpo, nem o sangue, entendidos conforme foi preciso figurar, nos tempos do obscurantismo e de completa ignorância; mas os ensinamentos, que constituem a Doutrina que Ele disse não ser sua, mas de seu Pai, que o enviou.

A Doutrina Espírita é a Ciência, trazida pelo Espírito da Verdade, pelo Consolador prometido, como um sistema coordenado de conhecimentos das

coisas pelas causas, que impõe o culto e o reconhecimento para com o Criador de tudo o que existe.

A Doutrina Espírita, como ciência, nos ensina a conhecer as causas e os efeitos, aplicando o critério da nossa razão, com as regras da lógica e os princípios das verdades demonstradas; e nos dá o conhecimento, a compreensão, a consciência, a convicção das verdades eternas. E sobre essa base sólida construímos o edifício Inabalável das nossas crenças, da nossa fé, das nossas esperanças, da justiça, da piedade e, assim, temos o fio que nos liga a Deus. Essa ligação, profunda, Íntima, nos Impõe um culto, qual o que não podemos deixar de render a tudo que é grande, Imponente e Sublime!

Eis em que consiste a religião; eis a razão por que dizem a verdade os que sustentam que o Espiritismo é uma ciência e ao mesmo tempo uma religião.

Convimos que nos tempos anteriores à revelação moisaica, na infância da Humanidade, fossem precisos templos feitos pelas mãos dos homens, ídolos, ritos, fórmulas ridículas; mas, banidos que foram os holocaustos e os sacrifícios, o derramamento de sangue dos animais nos altares, como poderão subsistir essas chamadas cerimônias que escandalizam a razão?

Pois é sério, é decente, é imponente, como num culto devido a Deus, o espetáculo cênico, que nos descreveu o “O País” de 6 de maio de 1901, da sagração do Bispo de Olinda? O Arcebispo sagrando as mãos do Bispo, dando-lhe o anel e o báculo! Os paraninfos seculares purificando-lhe as mãos, apresentando-lhe a bacia, o jarro de prata, a toalha, o pão, o algodão e o limão! Então o Bispo oferece ao Arcebispo tochas acesas, dois pães dourados e prateados e, por fim, dois barris de vinho, um dourado, outro prateado, e tudo Isso num templo cheio de ídolos de pau, de chumbo, de prata e de ouro, figurando homens com vestimentas à fantasia e barretes de todos os feitios! Oh! Não. Será tudo, menos evangélico.

À vista desse lúgubre espetáculo, sustentamos que, hoje, Isto deixa de ser sério, para ser simplesmente ridículo.

E os que duvidam das nossas asserções, a não se acharem fascinados pela embriaguez da superstição e do fanatismo, abram e leiam o Livro dos “Salmos de David”, capítulo 115º, versículo 4” Os ídolos das gentes não são senão prata e ouro, obras das mãos dos homens”. “Provérbios”, capítulo 9º, versículo 10: “O principio da sabedoria é o temor de Deus; a ciência dos Santos é a prudência” (ISAÍAS, capítulo 1º, versículos 12 ao 17): “Quem requereu de vós estas coisas? Sacriudos, incensos, festividades, ajuntamentos que para mim são iníquos? A minha alma aborrece as vossas calendas. “As vossas solenidades se me têm feito molestas, cansado estou de as sofrer... Aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo; “socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva”. (EZEQUIEL, capítulo 34º, versículo 2): “Filho do homem, profetiza sobre os pastores de Israel, e dirás: Ai desses pastores que se apascentarem a si mesmos; não são os rebanhos apascentados pelos pastores?” (DANIEL), capítulo 5º, versículo 4): “Eles bebiam do vinho e louvavam os seus deuses de ouro, de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedras”. (“Ato dos Apóstolos”, capítulo 17º, versículo 24): “Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Ele o Senhor, não habita em templos feitos pelos homens”. (JOÃO, capítulo 4, versículo 23 e 24): “Deus é Espírito e em espírito e verdade é que devem adorar os que o adoram. A hora vem, e agora é, quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade. Porque tais quer também o Pai que sejam os que o adoram”.

Mas, se é desses mistérios, dessas exterioridades que o clero constitui os seus meios de vida, é fácil de compreender-se a razão da luta entre a Igreja de Roma e o progresso. Com efeito, é verdade que a luta se acha travada entre as trevas que tudo escondem e a luz que tudo patenteia; a vitória, essa não pode ser duvidosa, para que nos demos ao trabalho de querer convencer os Cônegos que se apascentam, os fanáticos que se deixam iludir e os sábios que, não tendo tempo para tratar das coisas do outro mundo, dão procuração aos professos para pensarem e decidirem.

Já se vê que o nosso fim não é senão convencer os nossos irmãos em crença de que toda a nossa felicidade está na verdadeira orientação traçada por Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, na prática dos seus ensinamentos, bebida diretamente na fonte pura dos seus Evangelhos, entendidos em espírito e verdade, como nos ensInam as Estrelas que baixam do Céu, representantes do Consolador, do Espírito da Verdade.

Mas, objetar-nos-ão: — Como é que nós, que nos achamos no ermo dos nossos desertos, poderemos formar convicção, sem ouvir a esses que se nos apresentam como representantes do Cristo na Terra e que, entretanto, andam errados?

Respondemos: lede o capítulo 6º, versículo 5 do Evangelho de Mateus — Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê o que se passa em secreto, te dará a paga.

Ora, se Jesus não manda que vamos aos templos cheios de ídolos; se sabemos que os Padres nada nos ensinam a não ser que cegamente façamos o que eles dizem e não o fazem, é claro que temos o recurso vindo de Deus, sem precisarmos desses falsos profetas.

Além disso, se já chegaram os tempos preditos do advento do Consolador, que vem ensinar todas as coisas e lembrar tudo o que Jesus disse, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, podemos dizer: Quereis estudar e compreender os santos Evangelhos? Procurai este livro, em que encontrareis todas as explicações trazidas pela revelação espírita, por ora as que já podeis suportar e cuja legitimidade não precisa apadrinhar-se a nenhuma autoridade, porque a achareis na sua própria razão de ser, na sua harmonia com os princípios justos e racionais.

Com elas logo vos conformareis quando as confrontardes com o que dogmaticamente pregam os Padres de Roma nos púlpitos, nos confessionários e com o procedimento que observam na vida social.

E, quando houverdes estudado, meditado, pedindo humildemente ao vosso Anjo de Guarda que vos inspire, o vosso Espírito se sentirá preso do sentimento de comiseração e de piedade por esses infelizes, que se julgam e se impõem como santos, infalíveis e privilegiados representantes, na Terra, do manso Cordeiro de Deus, quando realmente o não são.

Apreciai só um fato que praticam esses Infelizes Espíritos refratários à luz, e logo conhecereis pelo fruto a árvore, como nos ensina o Evangelho de MATEUS, capítulo 7º, versículos 15 ao 20: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”. (LUCAS, capítulo 19º, versículo 10), e Ele assim o fez por palavras e obras. Mas, prescientemente sabendo o que fariam os falsos profetas, muitas parábolas Instrutivas nos deixou, entre elas a do Samaritano. (LUCAS, capítulo 10º, versículos 29 ao 37), em cujo coração mostrou a compaixão, que não tiveram nem o padre, nem o levita, aliás ataviados com esses hábitos que tanto impressionam as vistas materiais. Mas,

nem assim a lição foi compreendida, porque, como vemos todos os dias, a esses Infelizes falta-lhes a compaixão para com o desgraçado, o atribulado, que, no desespero da sua alucinação, tira a própria vida, suicida-se, e a quem negam uma prece, uma missa, para aliviá-lo do sofrimento, enquanto que os espíritas verdadeiros Imploram misericórdia para ele.

A verdadeira orientação do espírita está em estudar, compreender e praticar os Evangelhos e assim limpar o seu coração, para dele fazer o tabernáculo onde habite Jesus.

O SÉCULO 20

Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra!

Caminheiros da estrada da cruz, em busca da luz suprema, que por misericórdia do Senhor é mandada à Terra, por intermédio do seu bendito Filho, aproximam-se os tempos e Já estão chegados, em que, realizando-se a promessa da vinda do Consolador, vedes que vos é trazida autêntica interpretação dos textos sagrados, até aqui velados pela letra.

A Humanidade, em sua marcha progressiva através dos séculos, liberta-se do jugo da ignorância, do fanatismo e da cegueira, para reconhecer que Deus é puro amor, como também é pura razão.

Espíritas! verdadeiros cristãos em Cristo, prostrai-vOS humildemente, com os vossos corações cheios de amor e de adoração, implorai o divino amparo e ouvireis as angélicas vozes do Céu, pelos apóstolos de Jesus, que vêm saudar-vos e dizer-vos:

Ainda não pousamos o bordão de peregrinos, porque a nossa missão ainda não está completa.

O caminho ainda está juncado de gentios, que procuram Deus nos seus apetites materiais, nas suas comodidades de homens, que ainda não compreenderam a lei das leis — o amor de Deus e o amor do próximo — porque o egoísmo fala mais alto do que esse duplo amor.

No nosso caminhar de séculos, muito temos sofrido com o endurecimento dos homens; mas, muito temos gozado com as manifestações das misericórdias do Mestre, que não poupa esforços para a salvação dos seus irmãos!

Meus amigos, peregrinos, ainda precisamos do vosso concurso, porque precisamos do concurso de todos os que se comprometeram a servir ao Mestre, e por isso vimos saudar-vos e dizer-vos: coragem, caminhai vigilantes, porque os tempos são chegados; não deveis sentar-vos no marco do caminho, pois que não sabeis quando chegará o Senhor.

Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

Orai e vigiai, para que o Mestre vos encontre com os instrumentos nas mãos, cavando a terra endurecida pelos vossos erros.

Salve século 20!

Recebei, meus irmãos, as bênçãos de Jesus, as bênçãos da Virgem Imaculada, Nossa Mãe Santíssima, e o amor de João, que vos convida a entrardes numa nova fase de humildade e caridade, porque esse será o escudo com que podereis atravessar o caminho inimigo, para lá plantardes o Estandarte onde se leia: Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.
(JOÃO, capítulo 1º, versículo 29).

Prefácio da primeira edição

Abri o selo vosso à luz divina, Bem como ao Sol as inocentes flores, Ó almas que viveis no mundo em trevas! Pedi, pedi a graça ao Pai celeste. E Ele vos dará; mas sede humildes, Limpos de orgulho, de ambição despidos.

Divina Epopéia, por BITTENCOURT SAMPAIO.

Leitor:

Da árvore do bem, a cuja sombra repousei um dia, cansado das fadigas de uma existência atribulada, colhi os dulçurosos frutos, que hoje convosco reparto.

Em maior abundância quisera dar-vo-los; infelizmente, a hora da colheita não foi ao levantar da aurora, mas sim ao cair da tarde.

Poucos, esses mesmos não seriam colhidos, se de Jesus a luz bendita não viesse afugentar da noite as trevas, que já se apropinquavan no horizonte e que me envolveriam em meio dos meus labores.

As páginas deste humílimo livro simbolizam os frutos de que vos falo. Nelas encontrareis as doçuras de uma outra vida; nelas encontrareis o remanso das vossas dores, se porventura sofreis.

Se sois profano, não condeneis este pequeno trabalho, sem exame; nele, presumimos que se vos deparará a verdade e a verdade é Jesus.

Se o vosso espírito se acha assoberbado das coisas da Ciência, de tal sorte que da Ciência só julgueis dever aceitar os fatos que se desenrolam no seio da Humanidade, não para a glória de Deus, mas para a salvação dos homens, lembrai-vos de que a vossa sabedoria não pode ainda vencer as forças da morte e que, por conseqüência, falível, como todas as criaturas, sábias e ignorantes, amanhã sereis chamado a uma outra vida, onde os brasões da vossa grandeza intelectual estarão colocados abaixo dos escudos da fé, do amor e da caridade.

Como vós, também já fui descrente; como vós, também já dei a meu espírito todas as expansões dos gozos da matéria, sem cuidar do meu eu imperecível. Felizmente, porém, meu bom amigo, de Jesus o amor se fez em minha alma e vejo, além do mundo que me cerca, um mundo mais feliz, um mundo mais verdadeiro, onde podemos agir, onde podemos viver, sem os cuidados desta vida efêmera, castelos de ilusões que se esboroam ao mais tênue sopro da morte, que nos chama à verdadeira vida.

Eis o meu livro: meditai sobre ele, sem vos preocupardes com as mãos de onde veio.

Eis o meu livro: que ele possa, como para mim desejo, ser a fonte que desaltere o vosso espírito nesse deserto que se chama o mundo.

Eis o meu livro: e quando, um dia, do amado Mestre a luz bendita, caindo sobre o vosso espírito, vos deixar ver os segredos da sua doutrina salvadora; quando, menos preocupado com as coisas deste mundo, o vosso espírito se voltar para Deus, avidamente procurando o vosso lugar à mesa do banquete divino, então reconhecereis que, humilde pecador, sem presunção, nem orgulho, mas com o intuito de ser útil aos meus semelhantes, concentrei nas minhas mãos esses frutos, coordenei esses santos trabalhos, que serão, se

quiserdes, a porta para a vossa iniciação nos mistérios de Deus.

Meu irmão, são estes os votos mais sinceros daquele que se confessa o último dos filhos de Deus.

Abril — 1896.

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO.

Introdução

Antes de entrarmos no estudo dos Santos Evangelhos, pareceu-nos conveniente que nos ocupássemos, ainda que perfuntoriamente, com a legitimidade, a autenticidade, a cronologia, a geografia e a história do Novo Testamento, a fim de facilitarmos aquele estudo.

LEGITIMIDADE

Não é lícito duvidar de que o Novo Testamento, que hoje o possuímos, seja o mesmo que existiu e a Igreja reconheceu, quando foi impresso, pela primeira vez, em grego, no ano de 1516, datado de Basiléia, um dos cantões da Suíça, onde faleceu Erasmo, natural da Holanda, nascido em 1467, doutor em Teologia, o homem mais sábio, o escritor mais espiritual do seu tempo, que conheceu a versão grega e dela fez uma tradução latina e uma paráfrase, bem como das edições de São Jerônimo, Santo Atanásio, São Basílio, São João Crisóstomo, etc.

Quanto às épocas anteriores à sua impressão nessas edições, como nas ulteriores, calcula-se em seiscentos o número dos manuscritos que hão sido comparados, alguns dos quais alcançam até ao século 4º; por exemplo: o Códice Sinaítico, descoberto no Convento de Santa Catarina, no monte Sinai, de 1844 a 1859, o mais completo, bem como o Códice do Vaticano, em Roma. Há também os manuscritos, do século 5º, do Código Alexandrino.

Supõe-se que o manuscrito Códice Sinaítico seja uma das cinqüenta cópias que o Imperador Constantino mandou fazer para Bizâncio, hoje Constantinopla, em 331, sob a vigilância de Eusébio de Cesaréia (da Palestina), chamado — o pai da história eclesiástica.

Os manuscritos mais antigos não tinham a forma de livros. Eram feitos em rolos de peles de animais, para uso dos escribas, nos tempos primitivos. Entre tanto, o papiro já era usado pelos egípcios, dois mil anos antes do nascimento do Cristo, segundo Kittos Cyclop, volume 2, página 974. Por muito tempo, essa planta foi o material de escrita de todo o mundo literário, constituindo para os egípcios um artigo de comércio muito lucrativo, razão por que uma das calamidades que o profeta Isaías (capítulo 4º, versículo. 7) predisse contra o Egito foi a destruição da planta do papel.

Os manuscritos existentes, porém, pertencem a uma época posterior ao Cristo, de quando o velino e o pergaminho já haviam invalidado o papiro e de quando o livro, até certo ponto, já havia tomado o lugar do rolo.

Nem só em grego, porém, existem manuscritos; há-os também em outras línguas, como, por exemplo, a antiga versão siríaca, vulgarmente chamada Peshito (simples, literal), que contém todos os livros do Novo Testamento, exceto a 2ª Epístola de Pedro, as 2ª e 3ª de João, a de Judas e o Apocalipse, versão essa que remonta ao século 2º.

Há ainda a Vulgata Latina, traduzida no mesmo século, e que, depois, revista por Jerônimo, foi o grande meio pelo qual as Escrituras Sagradas se tornaram conhecidas das igrejas ocidentais, ou latinas, durante mais de doze séculos.

Há, igualmente, os Evangelhos Siríacos e há, finalmente, as versões (Copta Thebaica (Egípcias), que datam do 3º século, ou do princípio do 4º século.

Nas obras dos antigos padres da Igreja e mesmo nas dos hereges e inimigos do Cristianismo se encontram citações e referências ao Novo Testamento. Percorrendo-se, desde o primeiro século, os escritos relativos à matéria que deu lugar a acaloradas discussões durante as épocas que se seguiram aos tempos apostólicos, verifica-se que as citações do Novo Testamento, em todos os autores e traduções, concordam, em quase todos os pontos, com os textos atualmente aceitos. Daí bem se infere a legitimidade destes, aliás reconhecida e comprovada por Paulo, na sua Epístola aos Gálatas, capítulo 1º, versículo 6 e seguintes.

Quanto ao estilo do Novo Testamento, esse corresponde exatamente ao que se devia esperar do caráter de seus autores: linguagem grega, mas não clássica, grego escrito por judeus, no decurso do primeiro século.

Tratando da legitimidade dos quatro Evangelhos canônicos, cuja autenticidade a Igreja reconhece, notaremos que muitos Evangelhos apócrifos existem, como se vê pelas referências que lhes fez Paulo, na sua Epístola dos Gálatas, capítulo 1º, versículo 6. Com efeito, há o Evangelho de São Pedro ou dos Doze Apóstolos; o Evangelho segundo os Egípcios; o Evangelho do Nascimento da Santa Virgem; o Evangelho de SÃO Tomás; o Evangelho de Sâo Judas; o de São Filipe e de SÃO Tiago, o Maior; o de SÃO Bernardo, o de Santo André, o de São Mateus, etc.; o Evangelho Eterno, escrito no 13º século, que pretendia expor uma lei mais perfeita do que a do Cristo.

Mas, os evangelistas, isto é, os quatro escritores que relataram a vida, as obras e a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, são: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Eles se encontram indicados, no Apocalipse (capítulo 4º, versículos 3, e 7), por quatro animais. O primeiro, semelhante a um leão (Marcos), o segundo semelhante a um novilho (Lucas), o terceiro, um animal com aspecto de homem (Mateus), o quarto, um animal semelhante a uma águia voando (João).

AUTENTICIDADE DO NOVO TESTAMENTO

Admitida a legitimidade dos livros sagrados, não pode haver dúvida de que seus autores se hajam certificado da verdade do que referiram.

Os evangelistas eram, inconscientemente, médiuns historiadores, inspirados.

Escreveram por intuição e segundo o que lhes fora narrado por aqueles que, como diz Lucas, desde o começo tudo viram com seus próprios olhos e eram os ministros da palavra. Entretanto, como tinham de falar para homens, precisaram humanizar os meios, tornando-se estes, em conseqüência, imperfeitos, como todas as obras humanas.

Com efeito, Mateus e João, que foram apóstolos do Cristo (discípulos encarregados de pregar o Evangelho), o acompanharam durante o seu ministério e testemunharam os fatos que narram e ouviram as palavras que citam.

Marcos e Lucas não foram apóstolos, mas foram contemporâneos destes e viveram em relações íntimas com os que haviam presenciado os acontecimentos de que falam em seus escritos.

Muitos supõem que Lucas foi um dos 72 discípulos ordenados para a pregação da Boa Nova, conforme ele próprio o diz, no capítulo 10º, versículo 1, do seu Evangelho. Assim sendo, conhecera o Salvador quase tanto quanto os

mesmos apóstolos. Acresce que Lucas foi, por muito tempo, companheiro inseparável de Paulo e é bem provável que tenha escrito com assentimento e aprovação deste.

Marcos seguiu a Pedro, durante parte considerável de seu ministério, e escreveu sob a imediata direção desse apóstolo.

O livro que se segue aos Evangelhos é o que chamamos Atos dos Apóstolos. O autor desse livro confessa ser o mesmo a quem se atribui o Evangelho de Lucas. (Veja-se este Evangelho, capítulo 1º versículos 1 ao 4 e Atos dos Apóstolos, capítulo 1º, versículos 1 ao 5.)

A vista do que fica exposto, é claro que os autores dos cinco livros do Novo Testamento possuíam exato conhecimento das coisas que relataram. Seus escritos revelam integridade, simplicidade, mesmo candura. A convicção que tinham da verdade que ensinavam, eles a ratificaram com o próprio sangue.

A cada evangelista cabia, na narrativa, uma parte do quadro geral. Os tradutores e interpretadores falsearam às vezes o pensamento primário.

As palavras dos apóstolos foram transmitidas de boca em boca, antes de serem escritas.

Quando, ao escreverem, a interpretação de certos fatos lhes era deixada ao próprio juízo, suas fraquezas de homens deram causa às pequenas divergências que se notam nas narrações.

Essas divergências, porém, longe de constituírem contradições, fornecem a prova da autenticidade dos evangelhos. Tudo o que procede da Humanidade contém erros. Essas diferenças, devidas à imperfeição dos narradores, só se verificaram, ao demais, em particularidades de pouca importância e em nada comprometem o que forma a base e os elementos da Revelação Messiânica.

As narrativas, pois, dos evangelistas, fiel cada uma dentro do quadro que abrangeu, se explicam e completam, de modo a constituírem o conjunto da revelação trazida pelo Messias.

FONTES E CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

A Bíblia, quis Deus nos fosse ela dada por inspiração do Espírito Santo, para nos mostrar as relações em que estamos com Ele e para nos ensinar o que importa saibamos, a fim de o glorificarmos na Terra e o amarmos eternamente. Mas, preciso é não esqueçamos que a sua autoridade não veio inutilizar a nossa razão, nem pôr de parte as investigações.

Certo é, no entanto, que, onde a razão falece, só a revelação nos pode esclarecer.

O fim da Bíblia, como do Novo Testamento, é mostrar-nos Deus no Cristo, reconciliando com Ele o mundo. (2ª Epístola aos Coríntios, VERSÍCULO 19.)

O Velho Testamento é a história da preparação do mundo para o advento do Cristo. O Novo Testamento é a história desse advento e a exposição profética de seus resultados.

Moisés foi um símbolo do Cristo. Abraão viu o seu dia. David escreveu sobre ele. Todos os profetas anunciaram o seu advento e proclamaram a sua glória.

Os apóstolos espalharam o conhecimento do Cristo crucificado, do Cristo exaltado, do Cristo glorificado.

Consta de 39 livros o Velho Testamento, obra de muitos séculos, e se divide em Lei, Profetas e Escrituras Sagradas. A Lei se contém nos cinco livros

de Moisés, chamados: Pentateuco. Os Profetas se dividem em antigos e modernos. Os antigos são os livros históricos: Josué, Juizes, Samuel e ReiSão Os modernos se subdividem em maiores e menores.

Os maiores são Isaías, Jeremias e Ezequiel. Os menores são os que se contam desde Oséias até Malaquias.

As Escrituras são: Salmos e Provérbios, Job, Cântico dos Cânticos, Rute e Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas.

O Pentateuco é o primeiro na ordem dos livros do Velho Testamento, assim como, na ordem cronológica, o livro mais antigo do mundo.

Esses livros constituem a fonte do Novo Testamento, o que se confirma pelas referências que neste se lhes fazem. Só no Evangelho de Mateus, por exemplo, se encontram sessenta referências ao Deuteronômio, Êxodo, Gênese, etc.

Quanto à ordem e sucessão dos acontecimentos, éeste um assunto de muito interesse, porém de grande dificuldade.

No tocante ao Novo Testamento, a primeira data que nos interessa é a do Nascimento de Jesus Cristo. Seu advento, como filho de uma Virgem, foi anunciado desde tempos imemoriais, pelos Brâmanes, raça indiana, oriunda das Índias orientais; pelos Bonzos, nome dado aos sacerdotes da China e do Japão; pelos Magos, sacerdotes dos antigos Persas, cultores das ciências ocultas. Também o foi, no extremo da Ásia oriental, por Confúcio, filósofo chinês que viveu quinhentos anos antes de Jesus Cristo e prometeu o verdadeiro santo, que havia de vir do Ocidente; por Job, o idumeu, poeta autor dos mais sublimes versos da poesia hebraica e que, no desespero de profunda dor pela perda de seus filhos, devorado por horrível enfermidade, elevou seu espírito e manifestou a certeza da vinda do Salvador, em tempos ainda remotos. Virgílio, o príncipe dos poetas latinos, em sua quarta Égloga aponta o berço auspicioso de um filho do Céu, profetizado nos oráculos da Sibila.

Assim, Indianos, China, Romanos e os mais antigos idólatras; as castas mais exclusivistas vinham de toda parte encontrar-se neste ponto. E todas essas previsões se realizaram, quando soou a hora prometida, a hora da paz propícia ao Nascimento do Messias: o Filho do Homem, que viu os joelhos dos Césares se curvarem diante da sua coroa de espinhos! o Herói, que trouxe o triunfo aos pobres e humildes!

Em conclusão, podemos deduzir, já das referências que nele encontramos, já da própria declaração, feita por Jesus, de que viera confirmar a lei e os profetas, que as fontes do Novo Testamento se acham na Bíblia que, conforme dissemos, é a história da preparação do mundo, para o advento de Jesus, do mesmo modo que aquele é a história desse advento e da comprovação das profecias.

NOTÍCIA GEOGRÁFICA E HISTÓRICA

Afiguram-se-nos também necessários alguns esclarecimentos sobre as terras e lugares por onde andou o nosso Redentor, bem como acerca dos acontecimentos narrados nos Evangelhos.

O primeiro lugar de que, em a inspirada narração, fala, é Belém, onde nasceu David, cidade que se tornou depois conhecida como o torrão natal do Senhor. E uma das mais antigas cidades da Palestina, a cerca de duas léguas ao Sul de Jerusalém. Seu antigo nome era Efrata e, como tal, é tratada em

Miquéias (VERSÍCULO 2). Depois apareceu sob o nome de Bethlehem de Judá, como se vê em Juízes, capítulo 17º, versículo 7; em Samuel, capítulo 1º versículos 17 ao 12; onde se lê: “David era filho daquele homem Efrateu, de Bethlehem de Judá”. Essa denominação lhe foi dada, para não ser confundida com o pequeno e remoto lugarejo, do mesmo nome, perto de Zabulon, sede de uma das doze tribos do povo hebreu, situada entre o mar de Tiberíades e o Mediterrâneo, na parte Sul da Galiléia.

Saindo de Belém para o Egito, a Santa Família descansou na aldeia de Metarié, próxima de Heliópolis (cidade do Sol), no Baixo Egito, à direita do Nilo, no caminho do Cairo, à sombra de velho e frondoso sicômoro. Do Egito voltou ela para a Galiléia, fixando residência em Nazaré, onde Jesus teria nascido se não ocorresse o conhecido incidente, decerto não casual.

Nazaré é uma cidadezinha da Síria, Turquia Asiática, na província de Galiléia, da antiga Palestina, tribo de Zabulon, sita numa montanha, a 90 quilômetros ao norte de Jerusalém, onde José tinha a sua oficina e aonde se supõe ter Jesus ido com seu pai e aprendido o ofício deste, segundo se colige do versículo 3 do capítulo 6º de Marcos.

Decorridos dezoito anos, quando já contava trinta de idade, Jesus foi ao lugar onde João Batista se achava batizando, no deserto de Judá, não longe de Jericó. Aí, num dos vaus do Jordão, foi batizado.

O Jordão, rio da Palestina, que nasce no Ante-Líbano, cadeia de montanhas da Turquia Asiática, atravessa o lago Semechonte, o lago de Tiberíades e se lança no lago Asfaltite, ou Mar Morto, após 200 quilômetros de curso. Suas águas são claras, límpidas e bastante quentes. A tradição aponta, do lado ocidental de Jericó, uma alta montanha como tendo sido onde se deu a tentação do Senhor, montanha essa que, em memória dos 40 dias do seu jejum, era chamada Quarantânia. Jericó, cidade da tribo de Benjamim, se achava a sete léguas de Jerusalém, cercada de amenos jardins, pelo que recebeu o nome de cidade das Palmas. A planície de Jericó era afamada pelas suas rosas, pelas suas palmeiras e pelo seu bálsamo.

Jesus passou depois a Canaã, três léguas ao norte de Nazaré, pátria de Natanael, um dos 72 discípulos, que se supõe ser o mesmo chamado Bartolomeu. Daí, foi para Cafarnaum, cidade edificada às bordas do mar de Tiberíades, nos confins da Galiléia, pátria dos apóstolos Pedro e André. Fica a pequena distância de Betsaida, cidade de Filipe.

Em Cafarnaum, dizem alguns, José tinha benSão A esse tempo, foi ele residir ali com Maria, à margem das estradas reais do Egito para a Síria, caminho direto de Jerusalém para Damasco, cidade da Síria, onde Jesus esteve alguns dias. (João, capítulo 2º, versículo 12.)

Em seguida, dirigiu-se ele para Jerusalém, por estar próxima a Páscoa dos Judeus, que se celebrava no décimo quarto dia da Lua após o equinócio da Primavera. A Páscoa, isto é, a passagem do Senhor era uma festa que se celebrava em honra do Senhor, pela saída dos Israelitas do Egito. Veja-se: Êxodo, capítulo 12º, versículos 11 ao 18. Entre os cristãos é a festa da ressurreição de Jesus Cristo. Celebra-se no domingo seguinte à Páscoa dos Judeus.

Em Jerusalém, entrando Jesus no templo, expulsou dali os mercadores e, interpelado pelos judeus, pronunciou a sua primeira parábola (João, capítulo 2º, versículo 29). Aí também foi procurado por Nicodemos, judeu da seita dos fariseus, que não se arreceou de declarar-se discípulo do Cristo e foi, com José

de Arimatéia, prestar-lhe as últimas homenagens.

Saindo da Judéia, entrou Jesus novamente na Galiléia e passou por Samaria, a que Herodes, para lisonjear á Augusto, dera o nome de Sebaste (tradução grega de Augusta). Os samaritanos, sempre em luta com os judeus, evitavam toda sorte de relações com estes.

Ainda há alguns Samaritanos em Nepluse, cidade da Síria onde se indicam as pretendidas grutas sepulcrais de Josué e José. Lá se encontra o poço de Jacob, junto ao qual se deu o colóquio do Senhor com a Samaritana. Chegado à Galiléia, fez Jesus o suposto milagre das bodas de Canaã.

O mar da Galiléia é formado pelas águas do Jordão. Do lado Ocidental fica a terra de Genesaré. Ao Sul, é a aldeia de Mejdel, ou Magdala. Perto, na terra de Genesaré, havia a cidade de Cafarnaum, cujas aldeias e cidades dos arredores, como Corazim e Betsaida, Jesus visitou. Próximo se vê a montanha conhecida pelo nome de Picos de Hatim, devido à sua forma singular, e que os latinos denominaram o Monte das Bem-aventuranças, por haver o Senhor pronunciado nele o “Sermão da Montanha”.

Em Cafarnaum, cidade distante dali 35 milhas, ressuscitou o filho da viúva de Naim. Aí, recebeu os discípulos de João Batista, preso em Macheronte, fortaleza ao Sul da Peréia, nos confins da Arábia.

Tendo atravessado o mar, chegou Jesus a uma cidade próxima, chamada Gergesa, onde se deu o fato de os porcos se precipitarem no mar. (MATEUS, capítulo 8º, versículo 32), seguiu dali para Magedá, ou Magdala, nas vizinhanças de uma aldeia de nome Dalmanuta. (MATEUS, capítulo 15º, versículo 39; MARCOS, capítulo 8º, versículo 10). Assim se explica a divergência aparente, que há entre esses dois evangelistas.

Foi, depois, a Betsaida, cidade junto do lado de Genesaré, onde curou o cego (MARCOS, capítulo 8º, versículos 22 ao 25) e onde nasceram Pedro, João Evangelista, Tiago Maior e Filipe.

Passou a Cesaréia de Filipe, subiu ao monte Tabor, levando consigo Pedro, Tiago e João, e se transfigurou em presença deles (MATEUS capítulo 18º, versículos 1 ao 9; LUCAS, capítulo 9º, versículo 28). Então, chegada a festa chamada dos tabernáculos, mandou que seus discípulos fossem assistir a ela e, em seguida, também ele foi. Tabernáculo, ou tenda, era o nome que os hebreus davam a um templo portátil, próprio a ser armado nos lugares ermos, e a festa tinha por fim recordar o haverem eles habitado essas tendas, no deserto. Durava sete dias, na segunda quinzena de setembro.

Dali, foi a Jerusalém, além Jordão, voltou a Betânia, onde, a pedido de Marta e Maria, ressuscitou a Lázaro. (JOÃO, capítulo 11º, versículos 1 ao 44). Betânia é uma pequena cidade, a dez quilômetros de Jerusalém, no sopé do monte das Oliveiras, na estrada geral de Jericó, perto da aldeia de Betfagé. Nela se encontram os tradicionais lugares da casa e do túmulo de Lázaro e a casa de Simão, o leproso. Atravessou o monte das Oliveiras, em cujo cume se acham os túmulos dos profetas, e que também se chama — Monte das Ofensas.

Quando Jesus o ia descendo, estrugiu o brado de triunfo, proferido pela multidão que, munida de grandes ramos de palmeiras, exclamava: Hosanas ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosanas nas alturas! Dali contemplando a cidade de Jerusalém, Jesus chorou! Aquela multidão saía, com os ramos que empunhava, como era de costume, da festa dos tabernáculos.

*

Deixando de parte a narrativa evangélica, faremos notar que o Calvário, em hebreu Gólgota, que quer dizer crânio, ou caveira, é um pequeno monte ao norte de Jerusalém - Ali se ergue hoje a “Igreja do Santo Sepulcro”, rodeada de diferentes capelas, para os ritos das diversas seitas cristãs. Era nesse monte que os judeus executavam os criminosos.

Passando em rápida revista a Terra Santa do tempo do Cristo, vemo-la dividida em quatro tetrarquias, ou presidências, todas tributárias dos Romanos: Judéia, Samaria, Galiléia e Peréia. As três primeiras estavam incluídas na Palestina propriamente dita; a última compreendia o território de além-Jordão. Havia uma quinta divisão: a Iduméia, parte da qual ficava fora dos limites de Canaã, ou Palestina. A parte mais meridional era a Judéía.

Os primeiros Judeus que, depois do cativeiro, voltaram à sua terra, pertenciam à tribo de Judá. Espalharam-se pelo território a que deram o nome de Judéia, ficando o povo, desde então, chamado, não mais hebreu, israelita, porém, judeu.

Esse território se estendia desde uma aldeia, denominada Jordão, nos confins da Arábia, à aldeia de Aná. Ía, em largura, do Oriente ao Ocidente, do rio Jordão a Jope, na costa do Mediterrâneo. No centro da região, ao sul da Samaria, estava Jerusalém. A parte oriental formava o que na Escritura se denomina o deserto, ou deserto na Judéia. Dentro desta se encontram: Arimatéia, Moto, Betânia, Belém e Betfagé, Emaús, Efraim, Gaza, Jericó, Jope, Lida e Rama.

Samaria, ao norte da Judéia, compreendia a tribo de Efraim e parte da de Manassés.

Ficava ao centro, entre a Judéia e a Galiléia. Tinha por cidades principais: Samaria, Sicar e Sila.

A Galiléia, ao norte da Palestina, era a tetrarquia mais extensa da Terra Santa.

Terminava, no ocidente, em Ptolemaida e Carmelo, e, ao sul, em Samaria e Sitópolis. A Galiléia foi o sítio mais honrado com a presença do Salvador; por isso, era Ele chamado Galileu. Suas principais cidades eram: Cesaréia da Palestina, Tiberíades, Cafarnaum, Corozain e Betsaida, Canaã, Nazaré e Naim. Dava-se o nome de Cesaréia às cidades fundadas ou embelezadas por imperadores romanos.

A Peréia, antiga Galaad e Basam, terra dos amonitas, era: a terra da outra banda.

A Iduméia habitavam-na os antigos idomitas. Nazareno era nome dado aos judeus que faziam voto de pureza perfeita, se obrigavam à castidade e deixavam crescer os cabelos. Sansão, Samuel e João Batista foram nazarenos.

Fariseus eram os membros de uma seita que tomava parte ativa nas controvérsias religiosas. Eram homens dados às práticas do culto e das cerimônias, orgulhosos, de costumes dissolutos, que se esforçavam por dominar sob a aparência de virtuosos.

Escribas eram doutores que ensinavam e interpretavam a lei de Moisés. Faziam causa comum com os fariseus. Saduceus, membros de uma seita fundada por Sadoc, eram os antagonistas dos fariseus.

Os Essênios formavam uma seita judaica. Viviam em comunidade, perto do Mar Morto, de maneira austera. Criam na igualdade, mas negavam o livre-arbítrio.

*

Mateus escreveu o seu Evangelho em hebraico, no ano 39, em Jerusalém. Marcos escreveu o seu em grego, no de 44, em Roma. Lucas em grego, no ano 56, em Acaia, João, em grego, no ano 96, em Êfeso.

Tais as informações que nos parecem de utilidade aqui, para facilitar a compreensão da palavra dos Evangelhos, que vamos estudar nesse santo livro de amor, que prepara o espírito para a vida eterna, que dá a conhecer a grandeza do Profeta da Palestina, a sublimidade do objeto e do fim da sua missão espiritual de fundador, governador e protetor da Terra, onde veio ensinar-nos a viver e a morrer.

Avante:

"É já hora de nos levantarmos do sono, A noite passou e o dia vem chegando. Deixemos, pois, da treva as obras E revistamo-nos das armas da luz!"
PAULO, Epístola aos Romanos, capítulo 13º, 11 ao 12

1
Evangelhos
SEGUNDO
MATEUS, MARCOS E LUCAS
REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDÂNCIA O espírito é que Vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e Vida.
JOÃO, 6º, 5. e 63.
A letra mata e o espírito vivifica.
PAULO, 2ª Epístola aos Coríntios, versículos 3, 5 e 6.
MATEUS, 1º, 1 ao 17. — LUCAS, 3º, 23 ao 28.
Genealogia de Jesus (aos olhos dos homens) (1)

Confrontando-se os textos desses evangelistas, neste ponto de suas narrativas, notam-se divergências Tão sem importância, porém, são elas, bem como as controvérsias a que tem dado lugar, que Paulo aconselhou a Timóteo se não ocupasse com tais genealogias (1ª Epístola a Timóteo, 1º, 4 e 5).

Com efeito, Jesus, Espírito perfeito e imaculado, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do nosso planeta, a cuja formação presidiu, é estranho e anterior às gerações humanas que sucessivamente o têm habitado. (João, capítulo 8º, versículo 58). Jesus apareceu na Terra, é verdade, mas com um corpo fluídico, de natureza perispirítica visível e tangível, sob a aparência da corporeidade humana, por efeito de incorporação, segundo as leis dos homens superiores.

Assim, a genealogia humana que Lhe foi atribuida correspondeu às necessidades da época, tendo-se em vista o desempenho de sua missão, que objetivava a regeneração da nossa Humanidade.

Ela foi devida à necessidade de se materializarem todos os fatos, para que se tornassem acessíveis à matéria, pois que era preciso falar aos homens uma linguagem que eles pudessem compreender e, sobretudo, que fosse escutada, no meio que estava preparado havia tantos séculos.

Segundo as tradições hebraicas e as interpretações dadas às profecias da antiga lei, encontramos na Gênese (capítulo 3º, versículo 15), que, dirigindo-se à serpente, símbolo do Espírito do mal, chamado depois “príncipe do mundo” (João, capítulo 14º, versículo 30), Deus disse: “Porei inimizades entre ti e a mulher; entre a tua posteridade e a sua. Ela te pisará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar.”

Essa posteridade da mulher, prometida pelo Pai celestial, com poder de pisar a cabeça da serpente, encerra figuradamente a promessa de um libertador, que viria ao mundo, nascendo de uma mulher, por precisar revestir-se dos andrajos da nossa mortalidade, aparecer como uma criatura humana, como frágil criancinha, submetido às limitações da carne.

Era necessário que Jesus se assemelhasse aos homens (exceto no pecado), a fim de que sua morte apresentasse valor idêntico ao da nossa morte e a sua justiça equivalesse à nossa justiça.

Os crentes do Antigo Testamento não conheceram o Salvador, mas

esperavam o seu advento e nenhum esperou em vão, dos que nele depositaram suas esperanças. Era o Céu que teria de descer à Terra, para que a Terra pudesse elevar-se ao Céu. Era o Filho de Deus fazendo-se homem, para que os homens pudessem tornar-se filhos de Deus.

Isaías confirmou essa promessa na profecia seguinte (capítulo 7º, versículo 14): O mesmo Senhor vos dará este sinal: Eis que uma virgem conceberá e parirá um filho, que será chamado Emmanuel.

O libertador prometido, o Cristo, tinha que nascer em Belém, tendo por pai um descendente de David, sendo, pois, pela descendência, um filho de David.

Maria, Espírito perfeito, e José, também Espírito perfeito, porém menos elevado que o de Maria, ambos purificados, inferiores, portanto, a Jesus, encarnaram para assistir a este em sua missão.

Maria, conseguintemente, tinha que figurar como mãe, e José como pai de Jesus. E não devemos estranhar que as coisas se passassem assim, quando sabemos que elas iam dar-se entre os hebreus, que se achavam metidos às leis de Moisés e a tradições que datavam de séculos, que se perdiam na noite dos tempos. Forçoso era, conseguintemente, que, para lhes guiar as inteligências, o caminho seguido fosse o que eles tinham o hábito de trilhar. Tendo isto em atenção é que devemos entender o que é dito sobre a criação do primeiro homem, sobre a formação do globo terráqueo, sobre o paraíso terrestre, etc. Se, então, á cerca desses pontos e de outros, a verdade fosse proclamada abertamente, dar-me-ia à letra da Gênese formal desmentido, que houvera revoltado as massas, inquietado os fracos e retardado a marcha da Humanidade.

Assim, figuradamente, a genealogia de Jesus remontà a Adão, como remonta a Deus a criação do corpo formado de limo. Acompanhemos a sua genealogia espiritual e remontaremos a Deus, Criador imediato e único que tudo o que é puro e perfeito.

Mas, se a criação do primeiro homem é apenas um símbolo, uma figura exigida pelo estado das inteligências daquelas épocas remotas; se a genealogia humana de Jesus é também meramente simbólica, qual a realidade quanto à criação do Espírito e do corpo do homem do nosso planeta; e qual a realidade quanto à genealogia espiritual de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada?

São questões complexas estas, que demandam extensos e amplos esclarecimentos, sobre os quais, portanto, apenas de leve tocaremos, somente para dar uma idéia do assunto aos que desejem iniciar-se no conhecimento das coisas santas, únicos para quem escrevemos.

Na criação, tudo, tudo tem uma origem comum. Tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, até Deus, ponto de partida e de reunião de tudo. Tudo provém de Deus e para Deus volta.

O fluído universal, que o toca de perto e dele parte, é o instrumento e o meio de toda a criação espiritual, material e fluídica.

O Espírito, em sua origem, como essência espiritual e princípio de inteligência, se forma da quintessência dos fluídos que no seu conjunto constituem o que chamamos — o todo universal e que as irradiações divinas animam, para lhes dar o ser e compor os germes de toda a criação, da criação de todos os mundos, de todos os reinos da natureza, de todas as criaturas, assim no estado material, como também no estado fluídico. Tudo se origina desses germes fecundados pela Divindade e progride para a harmonia

universal.

Os princípios latentes, em multidão inumerável, aguardam no estado cataléptico que Deus lhes dê destino e os aproprie ao fluído a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por Ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias existentes entre esses reinos.

Assim, numa progressão contínua, eles chegam ao período preparatório do estado de Espírito formado e, vencido esse período, ganham o estado de criaturas possuidoras de livre-arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos.

Alcançada a condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser humanizado, o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade.

É a estátua que acabou de receber as formas. Cobre-se então de fluídos que lhe comporão o que chamamos — perispírito e que é um corpo fluídico que se torna para o Espírito o instrumento e o meio, ou de seu progresso até à perfeição, ou de sua queda. Ainda, ruim neste último caso, o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, expiatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral.

Sirvamo-nos de uma comparação material, para dar idéia do perispírito num Espírito encarnado. Ele é como, uma laranja, a película fina que lhe cobre os gomos e que, a seu turno, se acha ligado à casca, que é o envoltório exterior da fruta, como o corpo de carne o é do Espírito naquela condição.

Pois bem, sobre esse perispírito, de natureza semimaterial, se refletem o atraso e o progresso do Espírito. No primeiro caso, ele é opaco, pesado e grosseiro. A medida que o Espírito progride, se eleva, vai-se tornando fluído cada vez mais fluídico, mais etéreo, mais sutil. inseparável da alma, ainda quando desprendida está do corpo físico, acompanha-a eternamente, caracterizando-lhe a individualidade.

Participando, ao mesmo tempo, da natureza da alma e da do corpo, o perispírito desempenha o papel de mediador, transmitindo àquela as impressões recebidas pelos sentidos e comunicando ao corpo a vontade do Espírito. No momento em que se desprende do invólucro corpóreo e o abandona à decomposição no sepulcro, o Espírito, envolto no seu perispírito, como num manto, qual o que cobria a arca santa e se chamava propiciatório, subirá a escada que Jacob viu em sonho, para receber as graças que dimanam de Sião.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem constituem o objeto de seus anelos. As provas e sofrimentos pacientemente suportáveis lhe apuram cada vez mais o perispírito, tornando-o apto a galgar aquela escada até ao topo, onde encontrará a Jesus, cofre de todas as esperanças, âncora única de salvação.

Atentemos nessa escada de que fala a Gênese (capítulo 23º, versículo 12) e semelhante à qual nada, jamais, o mundo viu. É tal a sua extensão, que liga a nossa habitação manchada pelo pecado à morada do Eterno! Apoiada no

terreno que os nossos pés pisam, ela se eleva, distende, atravessa os céus e chega ao trono do Altíssimo. Essa a imagem daquele que, o mais elevado entre os mais altos e o mais baixo entre os pequeninos, teve o direito de se proclamar um com Jeová e cujo maior gozo consistiu em pertencer à posteridade, cognominando-se de Filho do Homem.

Jesus o filho diletíssimo do Pai celestial, que nele pusera toda a sua complacência, como o declarou a voz do céu que se fez ouvir após o seu batismo (MATEUS, capítulo 3º, versículos 13 ao 17; MARCOS, capítulo 1º, versículos 9 ao 11; LUCAS, capítulo 3º, versículos 21 ao 22), não teve genealogia humana, porque a eternidade é o tempo de seu nascimento, o céu sua habitação, sendo infinito o seu braço. Seus olhos tudo vêem, seus ouvidos tudo ouvem. Conforme o quer, tudo por Ele passará, por Ele — a porta estreita, para chegar aos umbrais do infinito! Por diadema, tem a glória celeste e o brilho desse diadema é a redenção da Humanidade. Um Salvador que de tal grandeza não fosse nos não poderia salvar das conseqüências do pecado.

Posto na Terra com um corpo animal, o homem ressuscitará em corpo espiritual. Assim como há o corpo animal, também há o corpo espiritual. Era deste gênero o que Jesus trazia e que aos olhos do homem parecia material.

No Cristianismo se encontram incontestavelmente traços acentuados dessa crença. PAULO, na sua 1ª Epístola aos Coríntios, disse (capítulo 15º, 39 ao 54): Nem toda carne é a mesma carne... Há corpos celestes e corpos. O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. O primeiro homem) formado da terra, é terreno; o segundo homem do céu, é celeste... Porque uma trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis. E quando este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “Tragada foi a morte na vitória, o que quer dizer: o homem não mais encarnará, terá vida em si mesmo, será Espírito Vivificante.

Porém, já na Gênese (capítulo 2º, versículo 1), deparamos essas idéias: “O Senhor Deus formou, pois, do limo da terra o homem lhe inspirou no rosto um sopro de vida, e foi feito o homem em alma vivificante.”

Saindo puro e inocente das mãos de Deus, o Espírito viveu no “paraíso” até que, transviando-se, incorreu em faltas que só por meio de encarnações e reencarnações no mundo poderia remir, em tantas gerações quantas sejam necessárias à reparação das iniqüidades. (Êxodo, capítulo 20º, versículo 5).

Cometido o pecado, expirou a inocência em Adão, ou Seja — na legião de Espíritos de que Adão é o símbolo, verificou-se a encarnação dos que se tornaram culpados, o sepultamento deles na carne. Daí vem o dizer-se que em Adão todos morremos. Não é que soframos a conseqüência do seu pecado, ou sejamos todos responsáveis pelos seus atos, conforme erradamente se entendeu a princípio, do que resultou o dogma absurdo do pecado original. Tanto assim não é que, num dos livros de Moisés (o Deuteronômio, capítulo 24º, versículo 16), se lê: “Porque não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; mas, cada um morrerá pelo seu pecado.

Todos morremos em Adão, porque, pecadores que somos, para progredirmos, temos que morrer, isto é, que encarnar e reencarnar, temos que tomar a forma material que nos faz descendentes do “primeiro homem”, tem o nosso Espírito que se encerrar no sepulcro da carne. Essa a morte de que falava o Divino Mestre, como se vê em: MATEUS, capítulo 8º, versículo 22; LUCAS, capítulo 9º, versículo 60; PAULO, 1ª epístola aos Coríntios, capítulo

15º, versículo 22. Essa a morte de que Ø tornam livres os que se fazem eleitos (Isaías, 9, 2; MATEUS, capítulo 4º, versículo 16). Assim, Adão, feito de limo, de barro, é uma figura, um símbolo e também uma lição para abater o orgulho humano, o nosso maior inimigo. Do mesmo modo, a sua expulsão do paraíso, para sofrer as conseqüências de suas faltas, é uma figura, representativa da lei das encarnações e reencarnações, que serão tantas, para cada Espírito, quantas se tornem precisas a que ele através de várias gerações, expie e repare suas iniqüidades e, progredindo moral e intelectualmente, se regenere, se redima, ressuscite. Para ele, então, a morte terá sido tragada na vitória.

Deu-se a morte de Adão, isto é, dos Espíritos de que ele é o símbolo, quando estes, por se haverem tornado pecaminosos, tiveram que mergulhar na carne, em forma humana, qual a de todos os que habitam este planeta, mundo atrasado, cárcere de criminosos, onde a vida decorre sujeita às contingências do trabalho árduo, das fadigas e das misérias sem conta que nos consomem.

Jesus não tem genealogia, porque seu Espírito, puríssimo, imaculado, não precisava, nem podia cobrir-se do barro podre, de que é formado o corpo humano.

Muitas provas temos disso e o apóstolo PAULO, em sua Epístola aos hebreus (capítulo 7º, versículo 3), o proclama nestes termos: — o Filho de Deus, sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não tem princípio de seus dias, nem fim de vida.

Ainda mais: pelas próprias palavras de Jesus se prova que nenhuma genealogia humana lhe é aplicável.

Vide: MATEUS, capítulo 22º, versículos 41 ao 45; LUCAS, capítulo 20º, versículos 41 ao 44.

(1) Salmo, 110, 1. – Isaías, 62º, 1. – Mateus, 22º, 41 ao 45. – Marcos, 12º, 35 ao 37. – Lucas, 20º, 41 ao 44. – Atos, 2º, 34.

2
MATEUS, 1º, 18 ao 25. Aparição do anjo, em sonho, a José. — Geração de Jesus

MATEUS: capítulo 1º, versículo 18. A geração de Jesus se deu assim: Quando Maria, sua mãe, desposou a José, verificou-se que ela concebera por obra do Espírito Santo, antes que houvessem coabitado. — 19. José, seu marido, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. — 20. Mas, quando pensava nisso, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu, em sonho, e disse: "José, filho de David, não temas receber Maria por tua esposa, porqüanto O que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo. — 21. Ela parirá um filho e tu lhe darás o nome de Jesus, porque ele libertará seu povo dos pecados. — 22. Tudo o que há sido feito o foi para que se cumprisse o que disse o Senhor pelo profeta, assim: — 23. "Eis que uma Virgem conceberá e parirá um filho, ao qual será dado o nome de Emanuel, que quer dizer — Deus conosco." — 24. José, então, despertando, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e aceitou Maria por esposa. — 25. E, sem que tivessem tido trato carnal, ela deu a luz o seu primogênito e lhe pôs o nome de Jesus.

A propósito destes versículos, ocupar-nos-emos tão-somente com o termo — desposar, que quer dizer — contrair esponsais, isto é, ajustar matrimônio. Maria e José haviam ajustado casarem-se, ligarem-se pelo casamento, viverem como marido e mulher.

Aliás, no versículo 25 se lê: E, sem que tivessem tido trato carnal, ela deu à luz o seu primogênito, como se encontra em ROUSTAING, volume 1, pág. 191.

Quanto ao mais, tudo deve ser entendido em espírito e verdade, de acordo com as explicações já dadas acerca da genealogia de Jesus.

(2) Deuteronômio 24º, 1; - Atos, 4º, 12; 5º. 31; 13º, 23, 37 e 38.

3
LUCAS, 1º, 1 ao 25. Evangelhos. — Aparição do anjo a Zacarias. — Predição do nascimento de João. Mudez de Zacarias.

LUCAS: capítulo 1º, versículo 1. Muitas pessoas tendo empreendido pôr em ordem a narração das coisas que entre nós se realizaram — 2, de acordo com o que transmitiram aqueles que, desde o começo, as viram com seus próprios olhos e foram os ministros da palavra; — 3, pareceu-me, excelentíssimo Teófilo, conveniente, depois de me haver Informado exatamente de como todas essas coisas se passaram desde o princípio, escrever-te a narrativa de toda a série delas; — 4, a fim de que conheças a verdade acerca do que aquelas pessoas hão dito, o que tudo sabes. — 5. Havia, ao tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote por nome Zacarias, da turma de Abias; e sua mulher era da raça de Abraão e se chamava Isabel. — 6. Ambos eram justos aos olhos de Deus e obedeciam a todos os mandamentos e ordens do Senhor. — 7. Não tinham filhos, por ser estéril Isabel e estarem os dois avançados em anos. — 8. Ora, desempenhando Zacarias suas funções de sacerdote perante Deus, na vez da sua turma, — 9, sucedeu que, tirada a sorte, conforme ao que se observava entre os sacerdotes, lhe tocou entrar no templo do Senhor, para oferecer os perfumes. — 10. Enquanto a multidão, do lado de fora, orava, ao tempo que se ofereciam os perfumes, — 11, um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, conservando-se de pé & direita do altar dos perfumes. — 12. Vendo-o, Zacarias ficou todo perturbado e grande temor o assaltou. — 13. Mas o anjo lhe disse: “Não temas, Zacarias, porqüanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua mulher, terá um filho, ao qual porás o nome de João. — 14. Exultarás com isso de alegria e muitos rejubilarão com o seu nascimento — 15, pois que ele será grande aos olhos do Senhor; não beberá vinho, nem bebida alguma que possa embriagar; será cheio de um Espírito santo desde o seio materno. — 16. Converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; — 17, e irá à sua frente, com o Espírito e a virtude de Elias, para atrair os corações dos pais aos filhos e os incrédulos à sabedoria dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo perfeito.” — 18. Zacarias disse ao anjo: “Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?” — 19. Respondendo, disse-lhe o anjo: “Sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. — 20. Desde agora vais ficar mudo e não poderás mais falar; até ao dia em que estas coisas acontecerem, por não haveres crido nas minhas palavras, que a seu tempo se cumprirão.” — 21. O povo, à espera de Zacarias, se admirava de que estivesse demorando tanto no templo. — 22. Mas, quando ele saiu sem poder falar, todos compreenderam que tivera alguma visão no templo, pois que lhes dava a entender isso por sinais, e ficou mudo. — 23. Passados os dias do seu ministério sacerdotal, voltou Zacarias para sua casa. — 24. Tempos depois, Isabel, sua mulher, concebeu e se ocultou durante cinco meses, dizendo: — 25. Esta a grava que o Senhor me fez quando se dignou de tirar-me do opróbrio diante dos homens. (3)

Os evangelistas eram, inconscientemente, médiuns, quer dizer; eram, por natureza, suscetíveis de receber impressões magnéticas, para a manifestação

dos Espíritos.

Com efeito, voltando à vida espiritual, entra a alma na posse integral de si mesma e seu perispírito recobra, em toda a plenitude, a capacidade das percepções. Pode então, manejando os fluídos, impressionar os entes humanos, influenciar-lhes os órgãos, transmitir-lhes pensamentos. Dentre esses seres, mais aptos a receber essa influenciação e a se constituírem instrumento da manifestação dos Espíritos, são os médiuns.

Apenas daremos uma idéia desse fenômeno, devendo recorrer às obras do Mestre os que desejem estudar e compreender o que é a mediunidade e convencer-se de que só a Ciência espírita nos dá o conhecimento completo de nossa alma, de todo o seu desenvolvimento e recursos, quando fora da vida material; de que o Espiritismo éuma filosofia racional, que nos mostra os modos por que se operam a nossa transformação e regeneração; de que somente essa ciência, moral e positiva, pode, numa época, qual a que atravessamos, de perturbações e transições, facultar-nos a luz necessária, para compreendermos os ensinos e preceitos consagrados há vinte séculos pelo sacrifício, no Gólgota, do maior dos heróis que a Humanidade já conheceu.

Quanto ao nascimento de João, como era preciso que este impressionasse o espírito público desde o seu aparecimento na Terra, deu-se em circunstâncias particularíssimas, quais a de já serem velhos os seus genitores e a da mudez temporária de seu pai. Importa, porém, se atenda a que, se bem já Isabel estivesse avançada em anos, sua idade não era tal que a impossibilitasse de conceber, de conformidade com as leis naturais, o que, aliás, se depreende claramente das palavras que o anjo dirigiu a Maria, falando de Isabel (versículo 36): ela, que é chamada estéril. Na sua concepção, portanto, nenhum milagre houve, pois não se verificou a derrogação de nenhuma lei natural.

Zacarias e Isabel, casados desde longo tempo, muito se afligiam com o não terem filhos, por ser o fato atribuído à esterilidade dela e constituir um opróbrio, aos olhos dos homens, naqueles tempos, a condição de estéril na mulher. Ambos, por isso, rogavam com fervor a Deus que lhes concedesse um filho. Como prêmio da submissão perfeita com que os dois guardavam os mandamentos, edificando a todos pela sua exemplar conduta moral, o Senhor, tendo soado a hora do aparecimento do Precursor, permitiu que para Isabel findasse a prova de esterilidade e que ela concebesse, a fim de que se desse o nascimento de João.

A mudez de Zacarias não se pode nem se deve atribuir ao haver duvidado do acontecimento que se lhe anunciava, visto que a inteligência foi outorgada ao homem para que ele investigue, a fim de compreender o que lhe caia ao alcance do conhecimento. Aquela mudez foi um fenômeno que se produziu como meio de maior atenção chamar para a predição feita e de corroborá-la.

João fora Elias, o grande profeta de que fala o livro Reis (3º capítulo, versículo 17) (4), e como tal era tido pelos judeus. Precisamente porque o povo via em João a reaparição de Elias, é que àquele, durante a sua missão, tantas interpelações a esse respeito foram dirigidas. Veja-se acima o versículo 17: e irá à sua frente com o Espírito e a virtude de Elias. Que é o que isto significa, senão que Elias reencarnaria no corpo da criança que ia nascer de Isabel?

Não beberá vinho, etc., (versículo 15). Os que se consagravam ao serviço de Deus impunham-se uma vida especial de abstenções e privações e os

hebreus costumavam dedicar seus primogênitos ao Senhor. João ia ser um desses: daí o que reza o versículo 15.

Desde o seio materno, será cheio de um Espírito santo (versículo 15). Depois de haver expiado suas faltas no espaço, na erraticidade, por meio de sofrimentos e torturas morais proporcionados às mesmas faltas, entra o Espírito na fase da reparação. Então, após haver verificado quais as provas necessárias ao seu adiantamento, convencido de que só por meio delas conseguirá avançar, cumprindo a lei absoluta e fatal do progresso, pede uma encarnação em que passe por aquelas provas e essa encarnação lhe é concedida.

Ao aproximar-se, porém, o momento de realizá-la, tais provas se lhe afiguram terríveis. É que tão fraco ele se sente, em consequência do seu passado culposo, que duvida de suas forças para suportá-las. Começam aí a sua perturbação e ansiedade, que cada vez mais intensas se tornam, à medida que, com o desenvolvimento, no seio materno, do invólucro que o há de revestir, o Espírito vai perdendo a lucidez.

Liga-se àquele invólucro, desde o começo da concepção, por uma espécie de cordão fluídico que, contraindo-se, o atrai gradativamente para a prisão em que se vai encerrar.

Verificado o nascimento, o Espírito se acha completamente ligado ao corpo, do qual não mais pode desembaraçar-se, a não ser pelo fenômeno a que se dá o nome de “morte”. Entra então numa fase de sofrimentos, que se chamam provas.

Das angústias que experimenta no início da encarnação, passa a um estado de torpor ocasionado pelas constrições da matéria e que se prolonga até que, por efeito do desenvolvimento desta, ele adquire relativa liberdade.

E isso se dá, tanto com o Espírito ainda atrasado, como com o que já alcançou grau mais ou menos elevado de depuração. Este, porém, como já pode apreciar a importância da obra que lhe cumpre executar, significativa da confiança que lhe tem o Senhor, se enche de alegria tão grande que o impede, por assim dizer, de sentir o jugo da matéria, tornando-o como que liberto, independente dela.

Foi o que se deu com João que, Espírito muito elevado, bem apreciava a grandeza da missão que o Senhor lhe confiara e, possuído do ardente desejo de desempenhá-la fiel e dignamente, atraía a si, para assisti-lo, os que lhe eram iguais em elevação e superiores e, no convívio deles e por eles sustentado, não sofria o constrangimento da matéria de que ia revestir-se. A grandiosidade da sua missão dá a medida da sua grandeza espiritual. Daí o dizer o anjo a Zacarias que o menino que se geraria em Isabel seria cheio de “um Espírito santo” (5), ou, como vulgarmente se lê nas traduções do Evangelho, “cheio do Espírito Santo”, caso em que esta expressão deve ser entendida como significando o conjunto ou um conjunto de Espíritos puros, de Espíritos superiores, de Espíritos bons. Assim, admitindo-se que o anjo tenha dito — “cheio do Espírito Santo” — o que quis exprimir é que João seria assistido pela coorte ou por uma coorte de Espíritos daquelas gradações, para inspirá-lo e guiá-lo, como o são todos os que, encarnados, se fazem, pela sua altitude moral, dignos dessa assistência.

A aparição do anjo a Zacarias, que era médium vidente e audiente, foi a manifestação de um Espírito elevado ou superior, que tomou angélica figura, vestida de alvas roupagens, banhada por uma luz cujo foco o esposo de Isabel

não via, e dotada de asas, como geralmente os hebreus representavam os anjos. Foi esse Espírito quem, exercendo sobre Zacarias uma ação magneto-espiritual, lhe produziu o entorpecimento dos órgãos vocais de efeito análogo ao da paralisia desse órgão.

Nada há aí que surpreenda, quando se sabe que o magnetizador humano, unicamente pela ação da sua vontade, obtém efeitos idênticos e muitos outros mais. Assim sendo, ninguém, que estude, observe e pratique o magnetismo, poderá ver na mudez de Zacarias um milagre, isto é, um fato que se não possa atribuir a causas naturais que o expliquem. O de que tratamos, tanto se explica desse modo, que o homem o pode reproduzir. Justifica-se desta forma o que ensina o nosso querido Mestre quando diz que a Ciência e a Religião são as duas alavancas do Espírito humano. Com uma, adquire ele o conhecimento das leis que regem o mundo material, com a outra o das que governam o mundo moral. Provindo ambas de um princípio único — Deus —, elas não podem contradizer-se. De sorte que a incompatibilidade que parece existir entre as duas é apenas o resultado da falta de observação criteriosa e ponderada das coisas e do exclusivismo extremo em que uma e outra se encastelaram, exclusivismo que produz o conflito donde nascem a incredulidade e a intolerância.

Somos dos que não esquecem que o Catolicismo foi a crença de nossos pais e que, inquestionavelmente, frutos benéficos produziu. Mas, sendo a do progresso uma lei absoluta, com o progredir do nosso Espírito, mediante o desenvolvimento de todas as suas faculdades, não mais nos podemos conformar com as imposições da Igreja Católica, com a decretação de seus dogmas, pelo processo do medo, do terror, para ostentar predomínio e poderio, em completo antagonismo com a Ciência, que a desmente todos os dias, quando a religião deverá apoiar-se na Ciência, sobretudo numa época em que os ensinos do Cristo recebem o seu complemento, em que começa a levantar-se o véu propositadamente lançado sobre eles, por atenção às necessidades dos tempos em que foram ministrados. Assim, pois, como se há de admitir que o Catolicismo vote ódio ao progresso e à civilização, conforme se verifica pela leitura do último artigo do Syllabus, que reza: Anátema a quem disser: o Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e harmonizar-se com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna?

Abramos a história dos tempos antigos e veremos que outra não foi a atitude do sacerdócio hebreu para com o Messias que, cumprindo a lei e os profetas, prescrevia a substituição do ódio pelo amor e condenava todas as formalidades e inovações que desnaturaram os mandamentos simples e santos do Decálogo.

Apreciemos o procedimento dos escribas e fariseus e não nos admiraremos do que ocorre hoje é certo que já se não aplicam os martírios e suplícios; injuria-se, porém, e procura-se lançar o ridículo sobre os que se não conformam com os absurdos e os dogmas dos que entenderam de monopolizar o entendimento da verdade.

O resultado de tudo isso é que as multidões, em geral, caíram na indiferença. A fé religiosa se enfraqueceu, por efeito do amontoado de erros e superstições que ocuparam o lugar dos ensinamentos do Salvador; por efeito do espírito de dominação e intolerância de onde nasceu a imposição de uma religião carente de bases racionais. Daí o surto do materialismo que, com o seu Universo destituído de razão, de justiça, de amor, de pensamento, de

consciência, de alma, engendrou uma ciência sem ideal. E é nessa conjuntura que os endurecidos e obstinados ousam negar-se a toda e qualquer discussão, insistindo em fazer proselitismo por meio de anátemas ao progresso, ao liberalismo e à civilização!

Iludem-se, porém, visto que a lei do progresso, como já dissemos, é absoluta e fatal e se cumpre indefectivelmente, tanto no plano moral, como no plano físico e no intelectual.

Chegaram os tempos de serem completados os ensinos do Cristo; os tempos em que a Ciência deixará de ser materialista, por se ver forçada a levar em conta o elemento espiritual; em que a religião não mais poderá conservar-se estranha ao conhecimento das leis naturais e imutáveis a que a matéria se acha submetida. Assim tem que ser, por haver soado a hora em que Religião e Ciência, de antagonistas que ainda se mostram, passarão a caminhar harmonicamente, prestando-se mútuo apoio. Daí resultará adquirir a Religião o seu prestígio máximo e incontrastável, porque, não mais recebendo desmentidos da Ciência, posta de acordo com a razão, já não estará exposta aos golpes da irresistível lógica dos fatos.

Reconhecidas a legitimidade e a autenticidade do Velho e do Novo Testamento, temos por base da nossa crença os ensinos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que baixou do Céu para prestigiar a lei dada a Moisés. trazendo ao mundo a graça e a verdade.

Ora, desde que podemos ter e praticar esses ensinos, esclarecidos pela luz da razão, não há porque prefiramos recebê-los deturpados por inovações humanas e impostos com a feição que no-los queiram apresentar os que se proclamam inimigos do progresso e da civilização, quando sabemos e sentimos que os vinte últimos séculos decorridos nos prepararam para compreender a vida espiritual e para discernir da matéria, que é a letra, a inteligência, que é o espírito.

(3) JOÃO. 1º, 27. — Atos, 2º, 4; 15º, 18, 23º, 1; 24, 16. — 1ª Epístola à Pedro, 5º, 1: — Apocalipse 1º, 17, 8º, 3, 4.

(4) As edições da Bíblia mais conhecidas no Brasil são as da Sociedade Bíblica Britânica, nas quais há as seguintes diferenças em confronto com a católica aqui citada por Sayão:

1º - Os livros católicos, 1º Reis e 2º Reis, aparecem com os titulos de 1 Samuel e 2 Samuel, portanto os livros 3º Reis e 4º Reis católicos, equivalem a 1º Reis e 2º Reis protestantes.

2º - Os dois livros de Crônicas da Bíblia protestante, chamam-se na católica Paralepômenos.

3º - Não aparecem nas edições protestantes os seguintes livros canônicos católicos: Tobias, Judite, Sabedoria, O Eclesiástico, Baruch, Macabeus 1º e Macabeus 2º.

(5) Em apoio desta forma na linguagem do anjo, militam, entre outras, as seguintes razões que tomamos à obra admirável de A. BELLEMARE — Espírita e Cristão, na parte em que faz a demonstração de que os termos dos livros sagrados não autorizam a concepção da Trindade, conforme a instituiu a Igreja romana, dando o nome de Espírito Santo a uma das pessoas da mesma Trindade.

Os primeiros cristãos, que usavam com muita facilidade do qualificativo santo, como fazem certo as Epístolas de Paulo, davam, de

modo geral, o nome de Espírito Santo a todo Espírito bom. Mais tarde, com o especializar-se o sentido geral em que era usada, a expressão Espírito Santo passou a ser aplicada, em particular, ao Espírito guardião ou Paracleto.

Mortos os apóstolos, travadas as discussões filosóficas e teológicas que invadiram a Judéia como todo o Oriente, perdida a tradição primitiva, a noção de que o Espírito Santo era o Espírito guardião degenerou na do Espírito Santo como sendo a terceira pessoa de Deus e o próprio Deus. Uma circunstância favoreceu esse erro: sabiam os primeiros cristãos que os Espíritos eram OS produtores dos fenômenos; mas, ignorando em absoluto a existência do que a ciência moderna chamou "fluídos", a explicação dos fenômenos lhes escapava às inteligências, donde o atribuírem-nos a uma causa sobrenatural. Da admissão da causa sobrenatural à divinização dessa causa não havia mais que um passo.

Note-se ainda o seguinte: das vinte vezes que os Evangelhos, nos textos originais, falam de Espírito Santo, em seis apenas essas palavras vêm precedidas do artigo, isto é, em seis apenas eles dizem — o Espírito Santo. Em todos os outros casos, empregam-nas sem o artigo. Ora, excluído o artigo, as palavras gregas que correspondem Aquelas já não significam — o Espírito Santo, mas sim — Espírito Santo, ou um Espírito Santo, porqüanto, não intervindo o artigo para determinar o Espírito, em sentido indeterminado é que se devem entender aquelas 'duas palavras.

Assim, no versículo 15 do capitulo 1º do Evangelho de LUCAS, o que está é: E ele (João Batista) será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida fermentada e será cheio de um "Espírito Santo" desde o seio de sua mãe...

Desde muito antes, pois, do aparecimento de Jesus na Terra, o que prova não poder tratar-se do Espírito Santo, tal como o define o dogma, que somente exprimiria a realidade se se apoiasse em palavras de Jesus Cristo, o único que poderia anunciá-lo, porém que o não anunciara então, pela simples razão de que ainda não fizera sua aparição entre os homens. Mesmo, porém, nos casos em que os Evangelhos usam a expressão Espírito Santo precedida do determinativo o, fácil é de ver-se, pelas circunstâncias de lugar e tempo, que não se trata da terceira pessoa da Santíssima Trindade, que ainda não fora dogmaticamente instituída, mas, sempre, do Paracleto, do Espírito Guardião; ou, enfim, de um Espírito bom, no sentido espírita.

4
LUCAS, 1º, 26 ao 80. Anunciação. — Visita de Maria a Isabel. — Cântico de Maria. — Cântico de Zacarias

LUCAS: capítulo 1º, versículo 26. Estando Isabel no seu sexto mês de grávida, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, — 27, a uma virgem, noiva de um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. — 28. O anjo, aproximando-se dela, lhe disse: "Eu te saúdo, Ó cheia de graça; o Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres." — 29. Ela, porém, ouvindo-o, se turbou do seu falar e consigo mesma pensava no que significaria aquela saudação. — 30. O anjo lhe disse: "Nada temas, Maria; porqüanto caíste em graça perante Deus. — 31. É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. — 32. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob. — 33. E seu reino não terá fim." — 34. Então disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não conheço homem?" — 35. O anjo lhe respondeu: "Um Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. — 36. E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no sexto mês de gravidez, ela que é chamada estéril. — 37. É que nada será impossível a Deus.' — 38. Então Maria disse: "Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme as tuas palavras." E o anjo se afastou dela. — 39. Ora, por aqueles dias, Maria, levantando-se, tomou apressadamente a direção das montanhas, indo a uma cidade de Judá. — 40. E entrando na casa de Zacarias, saudou Isabel. — 41. Sucedeu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, o menino lhe saltou no ventre e ela ficou cheia dum Espírito Santo. — 42. Exclamou então em altas vozes: "És bendita entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. — 43. E donde me vem a dita de ser visitada pela mãe do meu Senhor? — 44. Sim, que mal me chegaram aos ouvidos as palavras com que me saudaste, meu filho saltou de alegria dentro de mim. — 45. Bem-aventurada tu que acreditaste, porqüanto o que te foi dito da parte do Senhor se cumprirá." — 46. Disse então Maria: "Minha alma glorifica o Senhor; — 47, e meu espírito se arrebata de alegria em Deus,
meu salvador. — 48. Pois que Ele deu atenção à baixeza da sua escrava, eis que daqui por diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada; — 49, porqüanto, grandes coisas me fez o Todo-Poderoso, cujo nome é santo; — 50, e cuja misericórdia se espalha, de idade em idade, por sobre os que o temem. — 51. Manifestou a força do seu braço; dispersou os que se elevaram cheios de orgulho nos seus pensamentos íntimos; — 52, derribou de seus tronos os poderosos e elevou os humildes; — 53, cumulou de bens os que estavam famintos e despediu os ricos com as mãos vazias; — 54, recebeu a Israel como seu servo, lembrando-se da sua misericórdia; — 55, conforme o disse a nossos pais, a Abraão e à sua posteridade na sucessão dos séculos." — 56. Maria ficou em companhia de Isabel cerca de três meses; depois regressou à casa. — 57. Entrementes, chegou a época em que Isabel haviá de parir e ela deu à luz um filho. — 58. Seus vizinhos e parentes, tendo sabido que o Senhor usara para com ela de misericórdia, a felicitavam. — 59. No oitavo dia, como trouxessem o menino para a circuncisão, todos lhe chamavam Zacarias,

dando-lhe o nome do pai. — 60. A mãe, porém, disse: “Não, ele se chamará João.” — 61. Responderam-lhe: Não há na vossa família quem tenha esse nome.” — 62. E ao mesmo tempo perguntavam ao pai do menino como queria que este se chamasse. — 63. Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: “João é o seu nome”; o que encheu de espanto a toda a gente. — 64. No mesmo instante se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua e ele entrou a falar bendizendo de Deus. — 65. Todos os que habitavam nas vizinhanças se encheram de temor; e a notícia dessas maravilhas se espalhou por toda a região e montanhas da Judéia; — 66, e todos os que as ouviram narrar guardaram delas lembrança e diziam entre si: “Quem pensais venha a ser um dia este menino?” pois que sobre ele estava a mão do Senhor. — 67. E Zacarias, seu pai, cheio dum Espírito Santo, profetizou, dizendo: 68. “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, por ter visitado e resgatado o seu povo: — 69, por nos ter suscitado um poderoso salvador na casa do seu servo David. — 70, conforme prometera pela boca de seus santos profetas que existiram em todos os séculos passados: — 71, para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; — 72, para usar de misericórdia com os nossos pais, lembrando-se da sua santa aliança, — 73, conforme jurara a Abraão nosso pai quando nos prometeu a graça. — 74, de que, livres dos nossos inimigos, o serviríamos sem temor, — 75, na santidade e na justiça em sua presença por todos os dias da nossa vida. — 76. E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; porqüanto irás adiante do Senhor para lhe preparar os caminhos, 77, para dar a seu povo o conhecimento da salvação pela remissão dos seus pecados; — 78, e pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus, graças às quais este Sol que vem do alto nos visitou, — 79, para iluminar todos aqueles que estão assentados nas trevas e nas sombras da morte e dirigir nossos passos pelo caminho da paz.” — 80. E o menino crescia e se fortificava no espírito, permanecendo nos desertos até ao dia em que havia de aparecer diante do povo de Israel. (6)

Cada uma das partes deste capitulo encerra matéria para largo desenvolvimento, como lhes dá a Revelação da Revelação, de Roustaing. Fácil, porém, é de ver-se que a explanação ampla de cada uma delas não cabe nos limites de uma obra, como esta, que se destina apenas a consubstanciar noções indispensáveis a principiantes que desejem ler as sagradas Escrituras.

Nada obstante, insistindo em algumas observações já feitas quando tratamos da genealogia de Jesus, diremos que, embora os materialistas se obstinem em revesti-lo de um invólucro de carne, idêntico aos nossos, sem que cheguem jamais a imitá-lo, para nós espíritas, aproximados dos deístas que lhe negam a divindade, Deus é uno, é o único princípio imortal, a única potência criadora. Assim sendo, Jesus é, como nós, seu filho, modelo divino que o Pai nos ofereceu, divino por ser, pela sua pureza absoluta, a maior essência espiritual, relativamente à Terra, depois de Deus, com quem se acha e sempre esteve em relação direta.

Ora, dada a sua condição de Espírito de pureza perfeita e imaculada, não podia ele nascer e não nasceu de homem, não entrando de forma alguma a matéria perecível no conjunto de suas perfeições.

E note-se que, tomando a aparente forma humana com que se apresentou entre os homens e de que se revestiu, porque assim o exigia o desempenho da sua missão naquela época, nenhuma das leis da Natureza foi derrogada, como

não o foi em nenhum dos fatos por Ele produzidos, que geralmente se denominam milagres, na suposição de que, assim chamados, melhormente elevam o espírito dos crentes e lhes atraem os corações para as maravilhas do seu poder e para os auxílios da sua bondade.

A ciência espírita explica de modo satisfatório e racional o aparecimento de Jesus na Terra, sem ser pôr meio de um nascimento humano. As leis de Deus são absolutas, imutáveis e eternas. Jesus, portanto, não as podia preterir, nem lhes abrir exceções, para deixar e tomar a vida, como fazia, aparecendo e desaparecendo, conforme o declarou. (Evangelho de João, capítulo 10º, versículo 18). Mas, se nesse caso, Ele nenhuma lei natural preteria ou derrogava, como supor a necessidade da preterição ou derrogação de alguma, para que pudesse aparecer na Terra, sem nascer?

Considere-se, ao demais, que, depois de crucificado, morto e sepultado, Jesus reapareceu com o mesmo corpo que tinha antes, tanto assim que Tomé o apalpou. Ora, se Ele pôde "reaparecer", após a crucificação, sem haver nascido, por que não poderia "aparecer" do mesmo modo, sem nascimento? Será porque o sacerdócio romano proíbe se entenda o que dizem os Evangelhos e manda se creia de olhos fechados? Só assim se compreende que, sendo esse "um mandamento do Pai", não deva ser entendido.

É inconcebível que a inteligência, a razão, a lógica, o raciocínio, meios que Deus nos outorgou para a compreensão de tudo, só não devam ser utilizados para a dos ensinamentos do Divino Mestre, não obstante haver Ele dito que nada há que não deva ser conhecido.

A verdade, entretanto, é que a presença de Jesus entre os homens, de todas as vezes que se lhes manifestou sob as aparências da corporeidade humana, foi uma aparição espírita tangível, tão perfeita que dava a impressão de ser Ele um homem como os demais, conforme o exigia a natureza da sua missão.

Considere-se ainda que, a não admitirmos que Jesus não foi um homem carnal, que o seu aparecimento na Terra não se deu por nascimento humano, por encarnação material, teremos que desprezar, negando-lhe qualquer vestígio de autenticidade, uma das mais belas e grandiosas páginas do Evangelho, uma de suas passagens mais sublimes e comovedoras: a da revelação, feita a Maria, cuja figura de rutilante beleza espiritual então se apagaria logo, da missão altíssima para que o seu Espírito fora escolhido, a de que nela e por ela se ia cumprir o que pelos profetas vinha sendo, desde longo tempo, predito aos homens, como anúncio da mais portentosa manifestação do amor de Deus para com seus filhos.

E, posto de lado esse laço fundamental da narrativa da epopéia messiânica, a todos está aberta a porta e facultado o direito de desprezarem estas e aquelas passagens, estes e aqueles pontos dos Evangelhos, para só aceitarem, comodamente, os que lhes agradem, ou convenham.

Mas, depois, que valor lhes restará? E, por que havemos de o transformar num corpo desarticulado, cujas partes componentes não mais se poderão ajustar, quando, pela revelação de que o Cristo desceu à Terra em Espírito, apenas revestido de um corpo de natureza perispirítica, de um corpo celeste, segundo a expressão de Paulo, único compatível com a condição celestial que lhe era própria, desaparecem todas as obscuridades das letras evangélicas e o Evangelho se nos patenteia qual maravilhoso e cristalino monolito, a refletir, em todos os seus infinitos e deslumbrantes matizes, a luz do mundo — Jesus?

A razão não pode hesitar na escolha, a menos que esteja obliterada pelas idéias preconcebidas, pelas sugestões dos invisíveis inimigos da Verdade, ou pelas paixões sectaristas.

(6) JOÃO, 12º, 34; 14º, 9 e 10. — Atos, 8º, 37.

5
LUCAS, 2º, 1 ao 7. Concepção e gravidez de Maria, por obra de Espírito Santo. — Aparição de Jesus na Terra

LUCAS: capítulo 2º, versículo 1. Sucedeu que, por aqueles dias, se publicou um edito de César Augusto, para o recenseamento de todo o mundo. — 2. Esse primeiro recenseamento foi feito por Cirino, Governador da Síria. — 3. Todos iam fazer suas declarações, cada um na sua cidade. — 4. José partiu da cidade de Nazaré, que fica na Galiléia, e veio à Judéia, à cidade de David, chamada Belém, por isso que ele era da casa e da família de David. — 5, a fim de fazer-se registrar com Maria, sua esposa, que estava grávida. — 6. Enquanto ali se achava, sucedeu que se completou o tempo ao cabo do qual devia ela parir; — 7, e Maria deu à luz o seu primogênito, envolveu-o em panos e o deixou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. (7)

A concepção, em Maria, como tudo mais que a isso se seguiu até ao suposto nascimento do nosso Redentor, tudo considerado uma obra miraculosa, por inexplicável mediante os conhecimentos de então e que inexplicável se conservou até ao advento da Terceira Revelação, mais não foi que o resultado de uma ação magneto-espírita, exercida com o emprego de fluídos apropriados.

E fundamento não há para se não admitir que assim possa ter sido, posta de lado toda e qualquer idéia de milagre, porqüanto este seria o “sobrenatural”, que não existe, visto que implicaria a derrogação de leis naturais, que são imutáveis, porque oriundas da sabedoria divina, ao passo que aquela ação assenta numa lei da Natureza, que o estudo e a experiência descobriram e os atos hão provado incessantemente, fatos que a todo instante podem ser verificados. É a lei do Magnetismo, que se desdobra em espiritual e humano e se exercita por meio da ação fluídica.

É sabido, com efeito, que Jesus não revelou aos homens toda a verdade. Ele próprio disse que apenas ensinava o que os homens podiam suportar; que, quando viesse o Espírito da Verdade, esse sim, lhes daria a conhecer todas as coisas (Evangelho de João, capítulo 16º, versículos 12 e 13).

Ora, não podendo essa revelação de verdades referir-se aos ensinamentos por Ele ministrados, é claro que, decorridos dezenove séculos, ao cabo de todo o progresso que a Humanidade tem feito nesse espaço de tempo, não mais pode ela, por outro lado, conservar-se estacionária na cegueira dos milagres, dos dogmas, das tradições supersticiosas. Fora condenar-se às trevas eternas e ao indiferentismo que esses absurdos geram.

O Espírito da Verdade não é um ser corpóreo ou fluídico; é o conhecimento progressivo da verdade, conhecimento que se não pode adquirir senão pelo aperfeiçoamento; é o conjunto dos Espíritos do Senhor, os quais, manifestando-se aos homens, os fazem penetrar naquele conhecimento; é, portanto, o Espiritismo que, consubstanciando os ensinos daqueles Espíritos, nos faculta conhecer as verdades que o Divino Mestre não pôde revelar e a discerní-las do erro e da falsidade; leva-nos a desenvolver, pela experiência, a nossa perspicácia e as nossas faculdades intelectuais; concita-nos ao devotamento, tocando-nos os corações e tornando-nos dignos de ser por ele

conduzidos a toda a verdade.

Vem como precursor do estado de perfeição que devemos atingir.

Mas, para alcançar tão alta meta, temos que trabalhar incessantemente pelo nosso progresso moral. Tal o objetivo dessa ciência: a perfeição humana. Para isso, três elementos se nos oferecem: o amor, o estudo e a caridade.

Todos os atos chamados “milagrosos” são resultantes de ações espíritas, de ações magnéticas, desenvolvidas com o auxílio de fluídos apropriados.

O Magnetismo é o agente universal que aciona tudo, porque tudo está submetido à influência magnética. A atração, efeito do magnetismo, se opera em todos os reinos da Natureza. Assim, pela atração magnética é que o macho se aproxima da fêmea, nos desertos da terra. É ainda pela atração magnética que o princípio fecundante é levado de uma flor a outra; que, nas entranhas do planeta, as substâncias se agregam, para formar os minerais; que as águas se orientam para as terras áridas, precisadas de fertilização.

Os fluídos magnéticos ligam todos os mundos do Universo, como ligam todos os Espíritos, encarnados ou não. É um como laço universal que Deus formou, para constituirmos todos, por assim dizer, um ser único e para podermos subir até Ele, Os diversos fluídos existentes se reúnem e conjugam pela ação magnética. Enfim, tudo é atração resultante desse agente universal — o Magnetismo.

Quando o homem houver adquirido o conhecimento de todos os fluídos, das suas diversas espécies, de suas propriedades, de seus efeitos, das várias transformações e combinações de que são passíveis, estará na posse do segredo da vida universal, a transcorrer sob a dupla ação: espírita e magnética, pela vontade de Deus e segundo leis naturais e imutáveis, que constituem a expressão grandiosa dessa vontade.

Em o nosso planeta, podemos distinguir quatro espécies de magnetismo: mineral, animal, humano e espiritual.

As criações, ou os seres ainda privados de responsabilidade, ainda, portanto, sem liberdade, nem personalidade, se submetem fatalmente à ação das leis a que se acham sujeitos, para a evolução que lhes cumpre a todos realizar. As entidades morais, porém, são dotadas de vontade, que representa um fator essencial e poderoso da efetivação das suas possibilidades. Tanto é assim, que o magnetizador humano, pela só ação da sua vontade, exercendo-se no emprego dos fluídos humanos, bem dirigidos, influi sobre o magnetizando e consegue fazê-lo cair em estado sonambúlico, experimentar, nesse estado, as sensações e impressões mais variadas, receber as idéias que lhe transmita, etc.

Quanto ao magnetismo espiritual, sua ação e seus efeitos são incontestáveis. O estudo e a experiência facilmente os comprovam nas sessões espíritas. Qualquer opinião que se forme sobre a improcedência destes princípios, desde que não assente no estudo e na experiência, é comparável à sentença que um juiz pronuncie sem ter lido autos, nem examinado provas.

A ciência do Magnetismo é maravilhosa em seus efeitos físicos e morais. Oferece a prova mais cabal da existência e da imortalidade da alma. Esta deixa de ser a resultante de forças vitais, ou do jogo dos órgãos, como pretendem os materialistas, e se apresenta como causa independente, como sede de uma vontade operosa, liberta momentaneamente da sua prisão e pairando sobre a natureza toda, na plenitude de suas faculdades inatas.

Hoje, felizmente, após quase dois séculos de vulgarização de seus princípios, já os sábios começam a falar, nas suas academias, com um pouco mais de afoiteza, dessa ciência básica para elucidações dos fenômenos mais graves que se apresentam às nossas cogitações. Dão-lhe, porém, denominações diversas, para fazerem crer que se trata de verdadeiras novidades.

Dizem então: não há Espiritismo, nem magnetismo. O que há é hipnotismo, é sugestão, etc. Por haver quem abuse da credulidade e explore a ignorância pública, lavram um decreto, lançando condenação geral e absoluta sobre aquilo que não conhecem, que não lhes convém conhecer e, menos, divulgar, porque a isso se opõem interesses inconfessáveis.

A necessidade de reproduzir, ainda que sumariamente, as lições de nossos mestres nos levou a tornar este capítulo mais extenso do que deverá ser. Entretanto, assim fazendo, logramos dar uma idéia da causalidade de fenômenos, a que muitos ainda denominam de “milagres”, erradamente, porqüanto são fenômenos naturais, que se produzem para determinados fins, de acordo com as necessidades da época.

A Virgem pura e imaculada, nossa Mãe Santíssima, era filha de Ana e Joaquim. Ana, como Isabel, foi tida por estéril durante muitos anos. Ambas rogavam ao Senhor se condoesse da aflitiva condição em que se encontravam, visto que, naqueles tempos, a esterilidade da mulher era considerada um opróbrio. Ana se doía dessa humilhação, porém não desesperava de alcançar a graça que deprecava.

Vindo a festa dos essenianos, foi Joaquim, como os demais, fazer a sua oferenda ao Senhor. Esta, no entanto, o sacerdote a repeliu com desprezo, estranhando que a fizesse alguém sobre o qual pesava a maldição de Israel. A seita dos essenianos se distinguia pela sua extrema austeridade.

Ana e Joaquim, traspassados de dor, elevaram, súplices, seus pensamentos ao céu e, orando com fervor ao Deus de infinita misericórdia, obtiveram o auxílio dos bons Espíritos, que confortam a alma dando-lhe forças para vencer os transes mais difíceis.

Findaram-se-lhes, afinal, os dias da provação, com o lhes conceder o Eterno uma filha, que seria a escolhida para Mãe do Senhor. Pondo-lhe o nome de Maria, o Anjo a proclamou cheia de graça e determinou a seus pais que, em observância dos votos que haviam feito, a consagrassem ao Senhor desde a infância. Assim é que Ana, ao cabo de vinte anos de esterilidade, concebeu e que, no momento oportuno e na casa onde costumava pousar, quando com seu marido chegava a Jerusalém, veio ao mundo a Virgem predestinada.

Segundo era de uso em Israel, ao nono dia de nascida, à menina, perante toda a família reunida, foi-lhe dado nome, ouvindo todos, da boca de Joaquim, que ela. se chamava Maria, que, em hebraico, significa “Estrela do mar” e, na linguagem siríaca, quer dizer “Soberana.

Passados quarenta dias, foi Ana ao templo purificar-se, levando nos braços a sua primogênita. Depois de fazer a oblata das vítimas a serem sacrificadas, proferiu o voto de consagrar ao serviço de Deus a menina que, com três anos e dois meses de idade, foi confiada à guarda do respectivo sacerdote, que, dizem, era o santo Zacarias, marido de Isabel, prima irmã da Virgem Maria.

Terminada a cerimônia, entrou esta para o templo, onde se educavam as donzelas, que lá permaneciam até se casarem.

Aos onze anos, achando-se ela ainda no templo, morreu-lhe o pai, em

avançada idade.

Aos quinze, em obediência ao que ordenava a lei, cumpria-lhe tomar esposo, para sair do templo amparada.

Cumpriu-se o preceito, ao celebrar-se a festa da nova dedicação, escolhendo os parentes de Maria, com os sacerdotes, para seu marido, a José, natural de Nazaré, da mesma tribo que a Virgem, pelo lado varonil.

Celebraram-Se os esponsais, tendo ela quinze anos e José de trinta e cinco a quarenta.

(7) 1º Reis, 16º, 1, 4 — JOÃO, 7º, 42. — Atos, 5º, 84 a 39. — Apocalipse, 3º, 10; 16º, 14.

6
LUCAS, 2º, 21 ao 40. Circuncisão. — Purificação. — Cântico de Simeão. —Ana profetisa

LUCAS: capítulo 2º, versículo 21. Dê ouvidos os oito dias ao cabo dos quais tinha o menino que ser circuncizado, foi ele chamado Jesus, que era o nome que o anjo lhe dera antes de ser concebido no seio de sua mãe. — 22. E, passado o tempo da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor. — 23, de acordo com o que está escrito na lei: "Todo primogênito será consagrado ao Senhor", — 24, e para oferecerem ao sacrifício que era devido, conforme a mesma lei, duas rolas ou dois filhotes de pombos. — 25. Havia em Jerusalém um homem probo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia à espera da consolação de Israel; e um Espírito Santo estava nele. — 26. Pelo Espírito Santo lhe fora revelado que não morreria antes que houvesse visto o Cristo do Senhor. — 27. Impelido pelo Espírito, veio ao templo e, como os pais do menino Jesus o tivessem levado lá a fim de o submeterem ao que a lei ordenava. — 28, ele o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: — 29. "Agora, Senhor, segundo a tua palavra, mandarás em paz o teu servo, — 30, pois meus olhos viram o Salvador que nos dás, — 31, e que fizeste surgir à vista de todos os povos, — 32, como luz para ser mostrada às nações e para glória de Israel, teu povo." — 33. O pai e a mãe de Jesus se admiravam das coisas que eram ditas dele. — 34. Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: "Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo da contradição dos homens. 35. E a tua própria alma será traspassada como por uma espada, a fim de que os pensamentos ocultos nos corações de muitos sejam descobertos." — 36. Havia também uma profetisa chamada Ana, filha de Manuel da tribo de Aser. Estava em idade muito avançada e não vivera senão sete anos com o marido, desde que se casara. — 37. Era então viúva, contava oitenta anos e não se afastava do templo, servindo a Deus, dia e noite, em jejum e orações. — 38. Chegando ao templo naquele momento, pós-se a louvar o Senhor e a falar do menino a quantos esperavam a redenção de Israel. — 39. Depois de terem cumprido tudo o que era ordenado pela lei do Senhor, eles regressaram à Galiléia, Indo para Nazaré, sua cidade. — 40. Entrementes, o menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria, estando nele a graça de Deus. (8)

A circuncisão constituía, entre os hebreus e outros povos da raça abraânica, uma cerimônia ritualística. Era um ato material, que se praticava em obediência a uma lei antiga; uma marca destinada a distingui-los dos sectários de outras crenças, como o era a ablução batismal.

Submetendo-se a esse uso, os pais de Jesus deram um exemplo de obediência às leis, exemplo que nos cumpre seguir, não nos revoltando contra os preceitos legais, evitando os escândalos que decorrem de tais revoltas.

O uso da circuncisão, como todas as práticas de culto externo e as cerimônias que formam o conjunto dos atos religiosos, diferentemente regulados, de acordo com a orientação de cada Igreja ou seita, são de origem e invenção puramente humanas, não passando, como tais, de formalidades inúteis, que só têm servido para dividir e separar os homens, para fomentar as

intolerâncias e determinar perseguições cruéis e, ainda, para divorciar as criaturas cada vez mais dos ensinos sublimes e puros do Mestre, por efeito dos falseamentos e deturpações que lhes infligem. Imagine-se quão grandes não seriam os benefícios de que a Humanidade fluiria, se a classe, que inutiliza a sua atividade no preenchimento de tantas formalidades vãs, compenetrada dos. verdadeiros destinos do homem e da razão de ser da sua presença neste planeta, ensinasse, explicasse e exemplificasse os preceitos que deu ao mundo Aquele de quem os que a compõem se dizem representantes na Terra!

Não nos iludamos, um único meio temos de servir ao nosso Pai celestial e de habilitar-nos à herança de que falou David, aos sons harmoniosos de sua harpa (Salmo capítulo 16º, versículo 5); é buscar a inspiração para os nossos atos e pensamentos nas lições e exemplos que nos legou Jesus, em seu testamento. Procuremos um irmão que nos ensine a ler e compreender esse testamento, que nos dê o bom exemplo e esse irmão será o legítimo representante do Cristo: esse será o nosso pastor.

Dissera o salmista, exprimindo o pensamento divino:
"Mostrar-lhe-ei o salvador por mim enviado" e no velho Simeão se cumpriu essa palavra profética.

Determinava o Levítico (capítulo 12), num de seus preceitos, ao ordenar a purificação das mulheres depois do parto, que a mãe não entrasse no templo antes de 33 dias. Findo esse prazo, deviam apresentar-se ao Senhor e oferecer-lhe um cordeiro de ano e um pombo, ou uma rola. Destinava-se o primeiro ao sacrifício do fogo, denominado holocausto, e o segundo ao sacrifício pelo pecado original, em confirmação da circuncisão. Quase tratava de mulher pobre, a lei apenas exigia duas pombas, ou duas rolas e alguns ciclos. (Cada ciclo valia mais ou menos 20 centavos.)

Por humildade e como exemplo de obediência às leis de Moisés, Maria, a Virgem, não descurou de cumprir os deveres que corriam às filhas de Sião, submetendo-se à cerimônia da purificação. Inspirado pelo seu anjo da guarda, guiado pelo pressentimento de que não morreria sem ver o Cristo, Senhor nosso, e sem proclamar ser aquele o Salvador esperado, Simeão também foi ao Templo no dia em que Maria e José lá entraram, com os ciclos de prata do resgate e os pombos do sacrifício, e, tomando nos braços o menino e erguendo-o bem alto, entoou, com a alma arrebatada, o seu belo cântico de esperança.

E não se cumpriram as proféticas palavras de Simeão? Jesus não foi exposto, no Gólgota, à contemplação daquela época e das épocas então porvindouras? Não esteve e não estará, até à consumação dos séculos, exposto às vistas de todos os povos, como a Luz que havia e há de alumiar as nações? Não têm sido estas e não continuarão a ser esclarecidas por Ele?

Proclamando o advento do Messias, disse Simeão que Ele se dera para glória de Israel, aludindo ao orgulho de que a nação judaica se sentia possuída, à idéia de que fora escolhida para receber aquele penhor de redenção. Para ruína e ressurreição de muitos em Israel e para ser exposto à contradição dos homens, disse também, aludindo às questões religiosas que se levantariam e que ainda duram; aos sofrimentos por que teriam de passar os grandes de Israel, como os de todas as nações, para expiarem o orgulho, que os impedia e impede de se reconhecerem irmãos dos pequeninos e humildes, porque filhos do mesmo Pai, ovelhas, como estes, do mesmo rebanho, e de reconhecerem por Pastor único desse rebanho aquele que da humildade fez o alicerce de

toda grandeza.

E Jesus não há sido a luz da ressurreição para todos quantos, emergindo das trevas em que os lançou a morte no pecado, dele se têm aproximado, seguindo-lhe
as pegadas? E a alma da Virgem, da Mãe Imaculada, não foi dilacerada, no cume do Calvário, pela mais angustiosa das dores, maior decerto do que se muitas espadas lhe houveram traspassado o coração?

Cumpriram-Se, pois, as profecias de Simeão, profecias que foram confirmadas por Ana, chamada a profetisa, porque, como médium que era, tinha a faculdade de predizer, sob a influência e a ação dos Espíritos do Senhor, certos acontecimentos. Era um Espírito bastante elevado, de faculdadeS mediúnicas muito desenvolvidas, como os profetas que surgiram em Israel.

Quanto a Jesus, menino, é claro que, não pertencendo ele à nossa Humanidade, visto que não se achava revestido de um corpo de carne idêntico aos nossoS, sua infância não podia transcorrer semelhantemente à dos Espíritos encarnados. Seu corpo, que era, cumpre não o esqueçamos, celestial, posto que material na aparência, de modo que ele fosse tido por um homem como os demais, a fim de que suas palavras fossem acreditadas e aceita a sua missão, apenas encobria, devido à sua natureza perispirítica, um Espírito livre, que agia com a independência e a superioridade de um ser puro, perfeito, e, assim, cheio da graça de Deus.

(8) Gênese, 17º, 12. — Êxodo, 13º, 2; 22, 29. — Levítico, 12º, 2 a 8. — Números, 3º, 13. — Isaías, 8º, 14. — Oséias, 14º, 9. — JOÃO, 7º, 22; 19º, 25 — Atos, 13º, 47; 28º, 22.

7
LUCAS, 2º, 8 ao 20. — MATEUS, 2º, 1 ao 12. Os pastores. — Adoração dos Magos

LUCAS: capítulo 2º, versículo 8. Ora, havia no país muitos pastores que passavam as noites no campo, revezando-se na guarda dos seus rebanhos. — 9. De repente, um anjo do Senhor se lhes apresentou, circunvolveu-os a claridade de Deus e eles se sentiram presa de grande temor. — 10. Então, o anjo lhes disse: "Não tenhais medo, pois venho trazer-vos uma notícia que, para vós como para todo o povo, será motivo de grande alegria: — 11, éque hoje, na cidade de David, vos nasceu um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. — 12. Eis aqui o sinal que vos fará reconhecê-lo: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura". — 13. No mesmo Instante reuniu-se ao anjo um grande troco da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo: — 14. Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na Terra aos homens de boa-vontade. — 15. Logo que os anjos se retiraram para o céu os pastores disseram entre si: Vamos até Belém para verificar o que nos acaba de ser dito, o que sucedeu, o que o Senhor nos mostra. — 16. Partiram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado numa manjedoura. — 17. E, tendo-o visto, reconheceram a verdade do que lhes fora dito a respeito daquele menino. — 18. E todos os que os ouviram se admiraram do que lhes era relatado pelos pastores. — 19. Maria prestava atenção a tudo isso que diziam e tudo reunia no seu coração. — 20. Os pastores regressaram glorificando e louvando a Deus por tudo quanto tinham Ouvido e visto, conforme ao que lhes tora dito.

MATEUS: capítulo 2º, versículo 1. Tendo Jesus nascido em Belém de Judá, ao tempo do rei Herodes, eis que do Oriente vieram alguns magos a Jerusalém. — 2, dizendo: "Onde está aquele que nasceu rei dos Judeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo." — 3. Sabendo disso, o rei Herodes ficou sobressaltado e com ele toda a cidade de Jerusalém; — 4, e, tendo reunido em assembléia todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, inquiriu deles onde devia nascer o Cristo. — 5. Disseram-lhe: "Em Belém de Judá, conforme ao que foi escrito pelo profeta: — 6. E tu Belém, terra de Judá, tu não és a última entre as principais cidades de Judá; pois que de ti sairá o chefe que há de conduzir meu povo de Israel." — 7. Então, Herodes, mandando chamar em segredo os magos, lhes perguntou em que tempo precisamente a estrela lhes aparecera;
— 8, e, enviando-os a Belém, lhes disse: "Ide, informai-vos exatamente acerca desse menino, e, quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, a fim de que eu também o vá adorar." —
9. Depois de ouvirem do rei essas palavras, os magos partiram e logo a estrela que tinham visto no Oriente lhes tomou a dianteira e só se deteve quando chegaram ao lugar onde estava o menino. — 10. Quando viram a estrela, eles se sentiram transportados de extrema alegria; — 11, e, entrando na casa, aí encontraram o menino com Maria, sua mãe, e, prosternando-se, o adoraram; depois, abrindo seus tesouros, lhe ofereceram, por presentes, ouro, Incenso e mirra. — 12. Avisados, enquanto dormiam, para que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho às suas terras. (9)

A explicação desses fatos se encontra na existência de faculdades mediúnicas, da mediunidade em pleno desenvolvimento, o que só é objeto de dúvida, ou de negação para quem não se quer dar ao trabalho de experimentar e observar. E não vale a pena se pretenda convencer os que julgam e sentenciam sem exame, as mais das vezes, unicamente porque o de que aqui se trata lhes fere o orgulho, ou contraria os interesses.

Os pastores, como médiuns videntes e audientes que eram, viam e ouviam, sob a influência do magnetismo espiritual, que os punha em estado de êxtase, por efeito do completo desprendimento de seus Espíritos. Viram assim os fluídos luminosos que em derredor deles espalharam os Espíritos do Senhor e que os cercavam de grande claridade. Ou, então, tiveram lucidez bastante para ver a luminosidade que se irradiava daqueles Espíritos.

Não percebendo a causa de semelhante luminosidade, tomaram-na por uma manifestação do próprio Deus, donde lhe chamarem — claridade de Deus.

De tais fatos não podemos duvidar, nós que os sabemos possíveis, como efeitos do magnetismo produzindo o sonambulismo, e que deles temos tido a comprovação pela experiência, em que pese aos sábios em Israel e ao sacerdócio romano.

Quanto aos Magos, também eram grandes médiuns e, por isso mesmo, é que tinham aquela denominação. Como médiuns, viram no espaço uma luz viva, que tomaram pela de uma estrela. Em conseqüência dessa suposta estrela mostrar-se animada de um movimento de translação segundo uma certa diretriz, foi considerada e chamada “milagrosa”, causando pasmo aos sábios caldeus, versados na astrologia. Que não era estrela demonstra-o aquele próprio movimento especial, porqüanto, para admitirmos que o fosse, houvéramos de admitir que um mundo, pois que uma estrela é um mundo, pode afastar-se da sua órbita de gravitação, para se movimentar no espaço, qual farol a orientar um viajor.

Foi a “estrela” de que fala a velha doutrina de Zoroastro, o reformador do Magismo, religião dos antigos persas e partos, o qual recomendou aos Magos que levassem oferendas ao rei menino. Foi a estrela de Jacob, mencionada na visão de Balaão. Era, como diz Santo Agostinho, o símbolo da luz nova que surgia para o mundo e que ofuscaria a do próprio Sol.

Era a muda linguagem do céu, narrando a glória de Deus e firmando o pacto da Virgem.

E tudo assim se passou, de acordo com a época, visto que esta era a em que vigorava a crença geral de que a todo nascimento na Terra presidia sempre uma boa ou má estrela. Hoje, porém, que os nossos sábios nada mais têm que aprender, porque tudo sabem, os fatos a que nos referimos, ou são impossíveis, ou não merecem que lhes dêem importância, porque não passam de fruto do fanatismo. Por outro lado, os fariseus dos tempos atuais, os doutores da Igreja Católica os dão como ‘milagres”, ou, seja, coisas sobrenaturais.

Entretanto, os ditos fatos têm uma explicação científica, natural, que prescinde inteiramente do recurso ao milagre, de que há séculos se valem os homens do Syllabus, para os quais pedimos a Deus um raio de luz e os eflúvios da sua infinita misericórdia.

A luz que guiou os Magos não era, pois, a de uma estrela, isto é, de um desses mundos que povoam o firmamento. Era apenas uma concentração de fluídos luminosos; era um efeito ótico, produzido pelos Espíritos do Senhor, de

modo que aos olhos dos Magos se afigurasse a cintilação de uma estrela.

Cumpre, entretanto, notar que eles bem sabiam serem tais efeitos manifestações dos Espíritos ou manifestações espiríticas, porqüanto eram médiuns conscientes, conheciam o Magnetismo e o Sonambulismo. Acresce que tiveram em sonho a revelação do advento do Messias. Ficaram, porém, na dúvida, e desejaram ter uma prova da realidade do que haviam sonhado. Foi quando lhes surgiu ante os olhos a estrela. Desde então não mais duvidaram e se puseram a caminho de Belém, afrontando todos os perigos e fadigas. Montados em dromedários, deixaram para trás de si a cidade dos seleucítas e a arrojada Babilônia, e entraram na Palestina.

Conduzidos sempre por aquela luz, semelhante à que, no Mar Vermelho, alumiou as fugitivas coortes de Israel, dado lhes foi, dizem as lendas, apreciar o lastimoso estado em que se encontrava a antiga Sião, a famosa Jerusalém, envolta num manto de melancolia, vitima da cobiça humana, da ambição do mundo, do orgulho dos nobres, tomados da fúria de ostentação, dominado por tudo quanto faz que o homem olvide inteiramente a vida futura.

Ah! que os homens ainda são os mesmos! Quantos e quantos não são os que preferem a leitura de romances sem nenhum fundo moral, ou destacar-se por esses escritos de malicioso chiste que todos os dias aparecem, a dispensarem alguns momentos de atenção aos ensinos de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Os Magos, então, foram e verificaram que realmente surgira no mundo o Chefe que havia de conduzir o povo de Israel à terra da promissão. Não mais o encontraram, porém, no lugar onde se dera o seu “nascimento”, e, sim, em casa de Matias, irmão de José, o qual residia em Belém, como se deduz da ordem dada por Herodes que, orientando-se pelas informações obtidas dos Magos, ordenou a matança de todas as crianças do sexo masculino, até à idade de dois anos. Essa ordem prova que os Magos não viram o menino antes da sua circuncisão e da purificação, porqüanto, do contrário, bastaria que a carnificina atingisse as crianças de, no máximo, um ano.

(9) JOÃO, 7º, 42. — Apocalipse, 2º, 27; 5º. 11 a 14.

8
MATEUS, 2º, 13 ao 23. Fuga para o Egito. — Degolação dos inocentes. — Regresso do Egito

MATEUS: capítulo 2º, versículo 13. Logo que eles partiram (os magos), um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e lá fica até que eu te diga que voltes; pois Herodes procurará o menino para o matar." — 14. José, levantando, tomou o menino e sua mãe e durante a noite se retirou para o Egito. — 15, onde ficou até à morte de Herodes, a fim de que se cumprissem estas palavras que o Senhor dissera pela boca do profeta: "Chamei do Egito a meu filho." — 16. Herodes, vendo que fora enganado pelos magos, encheu-se de grande furor e mandou matar em Belém e nas circunvizinhanças todos os meninos de dois anos para baixo, regulando-se pelo tempo de que se informara exatamente com os magos. — 17. Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: — 18. "Ouviu-se em Rama o grande rumor de muitos que choravam e se lamentavam: era Raquel chorando por seus filhos e não querendo ser consolada, pois eles não existem mais." - 19. Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, — 20, e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para a terra de Israel, pois que estão mortos os que queriam a morte do menino." — 21. José se levantou, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel. — 22. Mas, ouvindo dizer que na Judéia reinava Arquelau, em lugar de Herodes seu pai, teve receio de para lá ir e, avisado em sonho, dirigiu-se para as bandas da Galiléia, — 23, e foi residir numa cidade chamada Nazaré, a fim de que se cumprisse esta predição dos profetas: "Ele será chamado Nazareno." (10)

José, filho de David (não confundir com José, filho de Jacob e de Raquel, que viveu mil e tantos anos antes de Jesus Cristo), salvou o menino Jesus, levando-o para o Egito, donde regressou mais tarde, sempre na companhia da Virgem Santíssima.

Deu-se a degolação das crianças do sexo masculino, de dois anos para baixo, conforme ordenara Herodes, manifestação horrível da ferocidade habitual daqueles tempos, em que se sacrificavam os animais para, num ambiente de sangue derramado, adorar-se a Deus.

Crueldade inútil foi aquela, de uma alma impregnada de maldade e orgulho, crueza vã, cujos traços lúgubres e sombrios vamos, no entanto, encontrar mesmo naqueles que, depois, se apregoavam representantes de Jesus, mas que, felizmente, já se não vêem hoje, embora ainda estejamos no reinado das trevas.

Conta-se que, entre as crianças assassinadas na Síria, por aquela ocasião, figurou um filho do próprio Herodes. Tais eram a ambição è a dedicação desse tirano aos interesses políticos de Roma, que ele não trepidou em verter o sangue de milhares de crianças, para não ser apeado da posição de mando que ocupava.

Herodes descendia de uma família da Iduméia, que reinara na Palestina, havendo arrebatado o poder à família dos macabeus. Como último ato da sua crueldade, narram as crônicas que, ao sentir próxima e inevitável a morte, certo de que esta seria, para os judeus, motivo de grande regozijo, convocou para

Jericó, por um edito, sob rigorosas cominações penais, as personalidades mais eminentes da Judéia e as mandou meter no hipódromo, determinando à sua irmã Salomé e a seu cunhado Alexas que, assim ele expirasse, crivassem de flechas os presos, a fim de que, por essa forma, fosse o seu desaparecimento pranteado como os de poucos reis, tendo os seus funerais por cortejo a agonia das famílias e a orfandade. Nada tem isso de inacreditável, quando sabemos que, tempos depois, um seu sucessor deu de presente, num prato, quando festejava o próprio aniversário, a cabeça do Batista à filha da sua concubina, mulher de seu irmão! Mas, deixemos esses infelizes com as suas atrocidades e misérias, oremos por eles, envolvendo-os numa aura de piedade cristã, e busquemos, para o morticínio das crianças decretado por Herodes, uma explicação racional, ante a bondade do nosso Pai amantíssimo, sem a vontade do qual nada se passa, o que quer dizer que nada ocorre, senão em cumprimento das leis eternas, emanadas da sua sabedoria e que, por isso mesmo, são a expressão fiel da justiça perfeita e do amor infinito.

A quem procura alicerçar na razão a fé, consciente da perfeição absoluta dos atributos de Deus, não podem bastar, para aquele efeito, nem as palavras do evangelista, quando apenas registra, porque mais não lhe era lícito dizer em tal época, o cumprimento da profecia que anunciara o grande clamor de Rama, a prantear, sem consolação possível, a perda de seus filhos; nem as lamentações que nos oferece, em tom misterioso e autoritário, o Catolicismo, que prega e impõe a fé cega dos fanáticos.

Chegados que são os tempos de tudo esclarecer-se e cabendo à Doutrina Espírita o esclarecimento de tudo o que ficara oculto sob o véu da letra, vamos encontrar nessa doutrina a explicação que desejamos e as razões por que pôde verificar-se o fato com que nos ocupamos, dando-nos ela a ver que as crianças sacrificadas pela crueldade de Herodes não foram vítimas perdidas.

Efetivamente, o Senhor, na sua previdente bondade, permitira a encarnação daquela leva de Espíritos bastante purificados, aos quais apenas uma prova forte faltava, para se verem livres de encarnar num mundo de expiação, qual é a Terra, a fim de passarem por essa prova.

Assim, o fim, prematuro aos olhos dos homens, que eles tiveram, naquela existência, foi a prova de que ainda necessitavam.

Por outro lado, o sacrifício de tais vítimas, inocentes aos olhos dos homens, Constituiu, para seus pais, uma causa de progresso, pela dor com que foram provados, prova de que também eles ainda precisavam. Tudo está previsto sempre e regulado pela sabedoria infinita de Deus.

Fora dessa explicação, não há como se compreenda haja o Criador, em sua justiça e bondade, consentido que tal fato se desse, como elo de uma cadeia de acontecimentos, que objetivavam a salvação da Humanidade.

(10) JOÃO, 1º, 45.

9
LUCAS, 2º, 41 ao 52. Jesus no templo entre os doutores

LUCAS: capítulo 2º, versículo 41. — Seus pais iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa. — 42. Quando ele tinha a idade de doze anos, lá foram, como costumavam, no tempo da festa. — 43. Passados os dias desta, regressaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que eles dessem por isso. — 44. Pensando que o menino estivesse entre os que os acompanhavam, caminharam durante um dia e o procuraram no meio dos parentes e conhecidos. — 45, Não o achando, voltaram a Jerusalém, para procurá-lo aí. — 46.Três dias depois o encontraram no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e Interrogando-os. — 47. Todos os que o ouviam ficavam surpreendidos da sua sabedoria e das suas respostas. — 48. Vendo-o, seus pais se encheram de espanto e sua mãe lhe disse: "Meu filho, por que procedeste assim conOsco? Aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos." — 49. Jesus lhes disse: "Por que me procuráveis? Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu Pai?" — 50. José e Maria, porém, não compreenderam o que ele lhes dizia. — 51. E Jesus partiu em seguida com ambos e veio para Nazaré; e lhes era submisso. Sua mãe guardava no coração todas estas palavras. — 52. E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens. (11)

Com relação ao tempo decorrido desde que a sagrada Família regressõu do Egito, até o momento em que Jesus reapareceu, entre os homens, período esse a cujo respeito guardam as Escrituras completo silêncio, não nos é dado saber o que fez, nem como viveu o Filho do Homem. Sabe-se tão-somente que, após aquele regresso, ele, já na idade de 12 anos, foi visto a discorrer no templo, entre os doutores da lei, assombrando os anciães de Israel com a inteligência esplendorosa e a madureza de juízo que revelava em tão tenros anos, segundo refere LUCAS (capítulo 2º, versículo 47). Já era tal, com efeito, o seu saber, que os judeus, admirados, perguntavam como o possuía ele, sem jamais haver estudado (JOÃO, capítulo 7º, versículo 15). E que todos, em geral, o supunham aplicado ao ofício de carpinteiro, na oficina de seu pai.

Com um outro fato digno de reparo se depara nesta parte da narração de Lucas: o de haver Jesus passado três dias em Jerusalém, sem recurso de espécie alguma, sem seus pais e sem que estes, a princípio, lhe houvessem notado a falta.

E como se pode explicar que Jesus crescesse e se fortificasse em sabedoria, conforme diz o Evangelista (LUCAS, capítulo 2º, versículo 52), sem estudo e sem mestre, a ponto de confundir os doutores e causar admiração ao povo?

Para os católicos, a resposta é fácil e a que mais lhes convém, mesmo porque a Santa Madre Igreja, em favor de quem todos devemos abrir mão da nossa inteligência e da nossa razão, proíbe que seus fiéis se lancem a tais indagações. O Menino se mostrava cheio de sabedoria, a graça de Deus estava nele (LUCAS, capítulo 2º, versículo 14): o milagre explica tudo e faz descer o seu véu sobre a razão humana, que, desde então, nada mais tem que procurar saber. Por outro lado, se houvermos de seguir o cômodo exemplo dos

materialistas, não temos que atentar nesse fato, porqüanto não nos devemos impressionar senão com o que vêem os olhos da matéria.

Entretanto, sem milagre, sem prodígio, sem mistérios, e sem que tenhamos de rejeitar, por incompreensíveis, algumas partes da narração evangélica, a ocorrência se explica perfeitamente, de modo a podermos aceitar o que consta nos Evangelhos, não com os olhos fechados, mas com eles bem abertos, como os devemos ter diante da verdade que emana dessa fonte de eterna sabedoria.

Para que tudo, no caso, se torne claro e perceptível, basta se atente em que era puramente espírita a origem de Jesus e de natureza perispirítica o seu corpo, embora com a aparência de humano, de material, no qual nenhum milagre, nem mistério houve, porqüanto é da Natureza a existência de corpos terrestres e de corpos celestes. Apenas, essa circunstância teve que ficar em segredo, até que, cumprida a sua missão, os homens se achassem nas condições de compreender e aceitar os múltiplos fenômenos que das combinações dos fluídos tiram a sua causalidade. O que fora antinatural, por contrário às sábias leis emanadas da onisciência divina, é que um Espírito de pureza absoluta, como o de Jesus, colocado em nível superior aos dos mais eminentes da hierarquia espiritual concernente ao nosso planeta, pairando em altitude ainda não atingida sequer pelos que, dentre estes, ja tinham alcançado a perfeição sideral, houvesse, para se mostrar entre os homens como o verbo de Deus, de tomar um corpo grosseiramente carnal quais os nossos, isto é, de sofrer a encarnação humana, a que se acham sujeitos unicamente aqueles que ainda têm o que expiar, resgatar, ou reparar, aqueles que ainda se encontram mais ou menos distantes dos lindes extremos do progresso moral.

Acrescentem-se a essa circunstância os hábitos e costumes dos povos daquela época e o fato de que tratamos nada mesmo denotará de grandemente excepcional, apresentando-se, ao contrário, perfeitamente compreensível e aceitável, sem que se façam mister as imposições dos ortodoxos aferrados às tradições, ou ao dogmatismo.

Jesus chegara aos doze anos, entrara, pois, na adolescência, quando se celebrou a festa pascal, em comemoração da libertação dos judeus do cativeiro do Egito. Estando morto Herodes e destituído Arquelau das funções de preposto dos romanos, nenhum motivo de receios havia. Assim, a santa família compareceu à cerimônia da imolação do cordeiro e da consumação dos pães ázimos (não fermentados).

José e seu irmão Matias apresentaram Jesus no templo, como descendente de David.

Terminada a festa, Maria e José trataram logo de regressar a Nazaré, pela estrada da Galiléia, empreendendo uma viagem que durava quatro dias. A Virgem se pôs a caminho na companhia de outras donzelas e muitas matronas, indo José na de seus parentes e amigos íntimos. Como se sabe, há pais que trazem constantemente sob suas vistas os filhos, enquanto que outros, ou por compreenderem de modo diverso a vida, ou por saberem ajuizados seus filhos, lhes concedem maior liberdade. Era o que se dava com Maria e José, relativamente a Jesus, que, por isso, não saíra de Jerusalém na companhia deles. Aquela, não o vendo junto de si, o supunha com o pai, ocorrendo o mesmo da parte deste. Vê-se, assim, que nenhum fundamento há para se considerar inverossímil que só ao cabo de algum tempo de viagem houvessem os dois dado por falta do menino.

Verificada essa falta, voltaram ambos imediatamente a Jerusalém, à

procura do filho, e, depois de. terem viajado um dia, o foram encontrar no templo. E, nada mais natural do que, tendo-o encontrado, ela lhe dissesse magoada: «Meu filho, por que procedeste assim conosco? Aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos". Ao que ele respondeu: Por que me procuráveis? Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu Pai?

Nesta resposta de Jesus, que não foi compreendida por seus pais, é clara, evidente a alusão que ele fazia à missão altíssima de que se achava investido. E, a propósito dessa alusão, ocorre perguntar: Poder-se-á crer, dado fosse Jesus um Espírito que estivesse sofrendo a encarnação humana, como a sofrem todos os que vêm habitar a Terra, tivesse ele, aos doze anos apenas de idade, não só a intuição, mas a consciência plena da missão que descera a desempenhar, de ser, portanto, o enviado de Deus, o Messias prometido à Humanidade?

Aquela alusão, pois, comprova que ele era, como o diz a Revelação da Revelação, um Espírito, o Espírito a quem Deus confiou o glorioso encargo de dirigir, governar e proteger a Humanidade terrena, revestido simplesmente de um envoltório especial, de um corpo celeste, ou seja: fluídico, de natureza perispirítica, mas visível e tangível.

Encontrado por seus pais, voltou Jesus com eles para Nazaré, falecendo José algum tempo depois. Seguiram-se dezoito anos, tempo esse de que nenhuma notícia temos, relativa a Jesus. É que os Evangelistas fecharam os livros de suas memórias, para só os reabrirem com a narrativa do belo episódio em que o Precursor anunciou a presença do Cristo entre os homens, derramando, para exemplo, as águas da penitência sobre a cabeça daquele que, nada tendo de que se penitenciar, trazia aos homens o batismo do Espírito Santo, na frase do Padre Ligny. Tendo vindo não somente pregar, mas também exemplificar, começou o desempenho da sua missão, por aquele exemplo de submissão, dando ensejo, ao mesmo tempo, à consagração ostensiva da sua altíssima investidura.

Não eram vulgares, como não podiam ser, transcorrendo como as nossas, dada a sua natureza extra-humana, nem a sua vida íntima, nem a sua vida exterior. Ele gostava da solidão e a Virgem lhe favorecia esse gosto, visto que viera ao mundo nas condições espirituais precisas a auxiliar o filho em sua missão.

Jesus, pois, se ausentava freqüentemente, desaparecia. É que volvia às regiões superiores, onde pairava e para, na plenitude dos esplendores celestes, enviando continuamente à Terra, da qual é o Espírito protetor e governador, centelhas de luz purificadora e vivificante das almas, luz cujo brilho excede o dos raios do Sol. Oh! não nos é possível considerar em mente a figura sacrossanta do manso e divino Cordeiro imaculado, sem que das mais íntimas e melhores fibras da nossa alma se eleve a prece, como incenso odorífero, até aos seus sacratíssimos pés! Bendita seja a luz de Jesus!

Abramos o Êxodo e leiamos o versículo 31 do seu capítulo 25º: Farás de ouro puríssimo um candeeiro, trabalhado a martelo. Penetremos no Tabernáculo, possuidos de sentimentos puros, e, corrida a cortina, veremos as cintilações do ouro, sob o jorro de luz suave que o banha. A significação dessa figura, a fé a alcança recordando as palavras do Apocalipse (capítulo 21º, versículo 23): Esta cidade não há mister de sol, nem luz que a iluminem, por que a claridade de Deus a alumiou e a sua lâmpada é o Cordeiro.

O Cristo é o candeeiro de ouro puríssimo e perfeito, e esse ouro foi estendido a martelo na cruz, que se tornou o símbolo da nossa redenção. Sua luz é a vida, a alegria e a graça que nos inundam as almas. Façamos do nosso coração um tabernáculo e essa luz brilhará nele eternamente.

Tais são as deliciosas emanações das Escrituras, em cujas páginas o Cristo brilha com vivo fulgor.

Ouçamos a voz do Apóstolo Paulo e possa ela guiar-nos para o Salvador, como a estrela de Belém guiou outrora os magos. Seja o primeiro raio do sol da justiça essa voz que nos clama: Desperta, tu que dormes. Levanta-te dentre os mortos e o Cristo te alumiará. (PAULO, “Epístola aos efésios”. (12)

(11) Êxodo, 23º, 15. — Deuteronômio, 16º, 1, 16. - JOÃO, 7º, 15, 46.
(12) PAULO. (Efésios, 5º. 14).

10
MATEUS, 3º, 1 ao 17. — MARCOS, 1º, 1 ao 11. — LUCAS, 3º, 1 ao 18 e 21 ao 22. Prédica de João Batista. — Batismo. — Espírito Santo. — Anjos da guarda. — Batismo de Jesus

MATEUS: capítulo 3º, versículo 1. A esse tempo, veio João Batista pregando pelo deserto da Judéia. — 2. Dizia: “Fazei penitência, pois que o reino dos céus está próximo.” — 3. Porqüanto, eis aqui aquele de quem falou o profeta Isaías, dizendo: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas sendas.” — 4. João trazia uma veste de peles de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. — 5. Os habitantes de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a região circunvizinha do Jordão vinham ter com ele; — 6, e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no Jordão. — 7. Mas, vendo muitos fariseus e saduceus que vinham para o batismo, disse-lhes: “Raça de víboras, quem vos impeliu a fugir da cólera do que há de vir? — 8. Tratai de produzir dignos frutos de penitência, — 9. e não procureis intimamente dizer: “Temos Abraão por pai”; porqüanto eu vos declaro que destas pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão. — 10. O machado já está posto, raiz das árvores: toda Arvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — 11. Eu, por mim, vos batizo na água para vos induzir à penitência; mas aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, que não sou digno de lhe calçar os sapatos; ele vos batizará em Espírito Santo e no fogo. — 12. Traz na mão a joeira e limpará completamente o seu eirado; empilhará o trigo no celeiro e Queimará a palha num fogo que jamais se extingue. — 13. Então, Jesus veio da Galiléia ao Jordão ter com João, a fim de ser por este batizado. — 14. Mas João obstava a isso, dizendo: Eu é que devo ser batizado por ti e tu vens a mim? — 15. Jesus lhe respondeu: “Deixa-me fazer assim por esta vez; porqüanto é necessário que cumpramos toda a justiça.” João consentiu. — 16. Uma vez batizado, Jesus logo saiu da água e eis que os céus se abriram e ele viu descer sobre si o Espírito de Deus em forma de uma pomba. — 17. Imediatamente uma voz ecoou no céu, dizendo: Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto todas az minhas complacências.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 1. Começo do Evangelho de Jesus Cristo filho de Deus, — 2, como está no do que clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas sendas.” — 4. João esteve no deserto batizando e pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados. — 5. Toda a Judéia e todos os habitantes de Jerusalém vinham ter com ele e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no rio Jordão. — 6. João vestia pele de camelo, usava uma tira de couro à volta da cintura e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. Pregava dizendo: — 7. Um mais poderoso do que eu virá depois de mim, que não sou digno de lhe desatar as correias das alpercatas prosternando-me a seus pés. — 8. Eu vos batizo com água; ele, porém, vos batizará com Espírito Santo. — 9. Eis o que sucedeu naqueles dias: Jesus veio de Nazaré, que fica na Galiléia, e foi batizado por João no Jordão.

- 10. Logo que saiu da água, Jesus viu abrirem-se os céus e um Espírito Santo descer em forma de uma pomba e pairar sobre ele. — 11. E uma voz do céu se

fez ouvir dizendo: És meu filho bem-amado; em ti me tenho comprazido.

LUCAS: capítulo 3º, versículo 1. No décimo quinto ano do império de Tibério César, sendo Governador da Judéia Pôncio Pilatos tetrarca da Galiléia Herodes, tetrarca da Ituréia e da província de Traconites Filipe Irmão de Herodes e tetrarca de Abllina Lisãnias,
— 2, Anáz e Caifás sacerdotes magnos, o Senhor fez ouvir sua voz no deserto a João, filho de Zacarias, — 3, e João percorreu todas as cercanias do Jordão, pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados, — 4, conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas sendas. — 5. Todo vale será aterrado, todas as montanhas e todas as colinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos se tornarão retos e os acidentados se aplainarão; — 6, e toda carne verá a salvação do Senhor." — 7. Dizia ao povo que acorria em bandos para ser batizado: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da cólera que há de vir? — 8. Produzi dignos frutos de penitência e não comeceis a dizer: "Temos Abraão por pai", porqüanto eu vos declaro que poderoso é Deus para destas mesmas pedras fazer que nasçam filhos a Abraão.
— 9. Já o machado está posto à raiz das árvores e toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo." — 10. E como a turba lhe perguntasse: "Que devemos fazer"?
— ele, respondia: Que aquele que tem duas túnicas dê uma ao que nenhuma tem; que aquele que tem o que comer faça o mesmo. — 12. Também vieram ter com ele para ser batizados alguns publicanos que lhe disseram: Mestre, que devemos fazer? — 13. E ele lhes disse: Nada exijais além do que vos foi ordenado. — 14. Os soldados também o interrogavam, dizendo: E nós, que devemos fazer? Não pratiqueis violência nem calunieis pessoa alguma e contentai-vos com a vossa paga. — 15. E como o povo e todos pensavam consigo mesmo que talvez João fosse o Cristo, — 16, disse aquele a toda a gente: Eu vos batizo com água; um porém, virá mais poderoso do que eu, de cujas alpercatas não sou digno de desatar as correias, e vos batizará em Espírito Santo e em fogo. — 17. Ele traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado, empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue. — 18. Era assim que evangelizava o povo, ensinando-lhe ainda muitas outras coisas.

LUCAS: capítulo 3º, versículo 21. Sucedeu que, ao tempo em que João batizava todo o povo, também Jesus foi por ele batizado e, enquanto orava, o céu se abriu; — 22, e um Espírito Santo desceu sobre ele, na forma corporal de uma pomba; e ouviu-se no céu uma voz que dizia: És meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências. (13)

João, filho de Zacarias e de Isabel, o Precursor de Jesus, nasceu seis meses antes do aparecimento deste e desencarnou com 31 anos de idade. Cheio de um Espírito Santo desde o ventre materno, como diz o Evangelista, ele foi, conforme o declarou o divino Mestre, o maior dentre os nascidos de mulher. (MATEUS, capítulo 11º, versículo 11.)

Jovem ainda, retirou-se para o deserto, a fim de se entregar a uma vida de rigorosa austeridade, donde só regressou para dar início ao desempenho da sua missão, no ano 15 do império romano, aos 29 de sua idade, sob o reinado de Herodes Antipas. Entrou a pregar e a administrar o batismo de penitência,

todos os profetas, recebeu no deserto a inspiração de que soara a hora de ter começo a missão, que trouxera, de Precursor do Cristo e que consistia em preparar os caminhos que este teria de percorrer, em abrir brechas nas consciências, por onde penetrasse a luz de que Jesus era portador. Foi o que fez, pregando, ensinando, aconselhando aos homens que lavassem de toda impureza suas almas, que se arrependessem de suas culpas e praticassem a penitência, para se tornarem dignos de receber aquela luz, consubstanciação da moral divina. Quer isto dizer que João aparelhava o terreno para a obra que o Cristo descera a realizar.

O batismo, que ele administrava, era precedido da confissão, feita de público e em altas vozes pelo batizando, de suas faltas e pecados, para lhe despertar no íntimo o sentimento da humildade e para o constranger a evitá-las pela vergonha de as ter que confessar publicamente. A prática dessa confissão durou longo tempo. Depois, os que se arvoraram em representantes do Cristo dela se apossaram e a fizeram cair no desprestígio e na desmoralização que conhecemos, imposta como mandamento pelos que pregam o que não praticam.

João, cuja elevação espiritual as citadas palavras de Jesus patentearam, era, no entanto, menor do que o menor no reino dos céus, do que, por exemplo, Melquíades, rei de justiça e rei de paz, que foi sem pai, sem mãe e sem genealogia, que não teve princípio, nem fim de vida, que fez o seu aparecimento na Terra à semelhança do Filho de Deus, Jesus Cristo, cuja natureza puramente espiritual, sob as vestes de um corpo celeste e não terrestre, aquelas palavras comprovam, comprovando, portanto, que ele não nasceu , nem “morreu”, que a sua vida humana foi apenas aparente. (14)

Não obstante tratar-se de um Espírito superior em missão, como Maria e José, João, por estar encarnado, se achava olvidado da sua existência anterior, dela perdera a consciência..

Assim é que não se lembrava de que fora Elias.

Para abater o orgulho dos hebreus, que só consideravam. filhos do Senhor os que suportavam o jugo de Moisés, tal qual a Igreja Romana, que assim só considera os que cegamente lhe aceitam os dogmas, João, missionário celeste, disse que poderoso é Deus para fazer das pedras filhos de Abraão, que estes, portanto, não são somente os que dizem: Senhor! Senhor! e vivem preocupados com fórmulas exteriores, ritos, cerimônias, etc., mas os que trazem puros os corações; que a árvore que não dá bons frutos será arrancada e lançada ao fogo, isto é, que o Espírito encarnado, que não progride, mediante as expiações, as provas e as reparações a que o sujeitam seus erros e transviamentos, que não apresenta frutos de regeneração, será, depois da desencarnação, a que comumente chama “morte”, lançado no fogo dos remorsos das torturas morais, correspondentes ao grau da sua culpabilidade.

O batismo, que João ministrava e a que Jesus se submeteu para exemplo, consistia na ablução, ou lavagem do corpo, fato material destinado a simbolizar a purificação da alma, pela humildade, pelo arrependimento, de que era prova a confissão pública das faltas e crimes cometidos. Era um meio material de impressionar homens materiais, mas ao mesmo tempo um ato emblemático, como um selo posto ao compromisso assumido de regeneração moral, a efetuar-se pelo batismo em fogo e em Espírito Santo, que tem sua expressão nos sofrimentos purificadores e na assistência dos Espíritos purificados, assistência que faculta ao culpado os meios e as forças de levar a cabo a sua

purificação integral.

O conjunto dos Espíritos superiores, dos Espíritos purificados, fiéis cumpridores dos desígnios de Deus, é, com efeito, o que devemos entender, de modo indeterminado, por Espírito Santo. Sendo, embora, uma coletividade, bem se pode, contudo, dizer que o Espírito Santo é uma entidade individual, porqüanto, conforme o ensina a Revelação Espírita, desde que chegam aos cumes da perfeição e da pureza, os Espíritos como que perdem a individualidade, fundindo-se na unidade de sentimentos, de pensamentos, de vontade e de ação. (15)

O batismo em Espírito Santo, ou seja a assistência dos Espíritos do Senhor compreendidos nessa denominação, as criaturas humanas o recebem mediunicamente, pela intuição e pela inspiração, quando não de maneira ostensiva, pelas comunicações do Além.

Concede-a o Cristo, enviado de Deus e seu preposto ao governo do mundo terreno, aos homens de boa-vontade, a fim de que sejam sustentados em suas provas, guiados nas suas missões e ajudados na obra de purificação de seus Espíritos e na de seu progresso pela senda do aperfeiçoamento moral e intelectual.

Esse batismo Ele o administrou, clara e exemplificativamente, fazendo que descessem até seus discípulos aqueles Espíritos, que os iam amparar e auxiliar no desempenho da missão de que se achavam incumbidos, e que se manifestassem sob a aparência de línguas de fogo, formadas pela luminosidade dos seus perispíritos. Essa também uma das razões por que ao batismo em Espírito Santo é dado o nome de “batismo de fogo”. É que por ele desce sobre a criatura o fogo da inspiração divina, a abrasá-la dos sentimentos puros e elevados, que geram os heroísmos da fé.

Hoje, como sempre, esse batismo, ou influência, podemos obtê-lo todos, pelo trabalho, pelo amor, pela humildade e, sobretudo, pela caridade, e a temos, constante, animadora e eficaz, fazendo-se mister unicamente, para que aproveitemos de todos os seus inestimáveis benefícios, que dela tenhamos consciência, que a prezemos e guardemos como preciosíssimo tesouro, de que nos podemos valer em todas as circunstâncias da vida. Temo-la, com efeito, continuamente, porque temos de contínuo, a velarem por nós, os nossos Anjos da Guarda, Espíritos elevados, caridosos, santos, que tomaram a si o encargo de nos proteger e conduzir pela estrada do progresso, com o que também eles avançam nessa mesma estrada.

Era, pois, o batismo um ato material e simbólico, mas a que só se submetiam criaturas conscientes de seus atos, possuidas do arrependimento de seus erros e faltas, desejosos de fazer penitência e de alistar-se sob o estandarte de uma fé conducente à regeneração, para a conquista do “reino dos céus”. Isto perfeitamente se compreende. Que fez, porém, a Igreja Romana? Fez do batismo material, da água derramada, não mais sobre a cabeça de homens em condições de reconhecerem e confessarem suas culpas, mas sobre a cabeça das crianças recém-nascidas, um meio de apagar nelas a mancha do pecado original, de remissão desse pecado de que se deve considerar onerado todo aquele que nasce na Terra, apesar de nenhum pecado ainda haver cometido, erro que provêm de ensinar a Igreja, por não admitir a lei das reencarnações, que quem nasce no mundo traz uma alma expressamente criada para o corpo com que se apresenta.

Vê-se assim que, como outras, a instituição do batismo da água foi

completamente desvirtuada em sua natureza, em seu objetivo, em as condições precisas para ser administrado e nos fins a que visava, tudo por efeito de inovações e mandamentos humanos.

Ora, como é possível que, nunca tendo nascido antes, o Espírito do que nasce precise lavar-se de impurezas quaisquer? Será que já tenha saído impuro das mãos do seu Criador.

Em segundo lugar, se o prêmio, ou o castigo, decorrem das obras de cada um, como tantas vezes se encontra repetido nas Escrituras santas — "a cada um segundo suas obras" — não se compreende que a Humanidade seja responsável pela falta ou faltas que haja cometido o chamado primeiro homem, que não passa, como já mostramos, de um símbolo. E não se compreende, quer se dêem aos batizandos as lições que lhes dava João, quer sejam eles dispensados dessas lições, bem como do exercício da vontade e do uso do livre-arbítrio, da manifestação do arrependimento e do desejo da penitência, condições então necessárias à administração do batismo.

É evidente que a Igreja Romana não entendeu, ou revogou a palavra do Senhor, transmitida por Moisés aos homens. Veja-se: Deuteronômio, capítulo 24º, versículo 16 íbi

Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; mas cada um morrerá pelo seu pecado.

Ela não entendeu, ou não aceitou as palavras do apóstolo Paulo, na sua "Epístola aos Romanos", capítulo 14º, versículo 12:

"E, assim, cada um de nós dará contas a Deus de si mesmo."

Manifesto é, portanto, o absurdo do ensino da Igreja, ante os termos expressos da lei, ante os ensinamentos dos profetas e dos apóstolos. Essa a razão por que o clero romano foge a toda discussão, não admitindo que os leigos falem nos Evangelhos, e a razão também por que a Humanidade não dá às Escrituras sagradas a importância que lhes devia dar. Entretanto, assim não continuará a ser. Acreditamos e esperamos que o remédio não tardará, para extirpar o mal pela raiz, mal que lavra há muitos séculos, desde que os fariseus, ensinando que da aliança do Sinai viera a lei oral e não a lei escrita, reduziram o Código Sagrado a mero acervo de tradições e monopolizaram, por vaidade e interesse de seita, a inteligência e a interpretação dos livros santos, fazendo que a corrupção chegasse ao ponto de levar Jesus a declarar que os judeus haviam aniquilado a palavra do Senhor.

Sob o aspecto material, o batismo correspondia a uma necessidade daqueles tempos; destinava-se, como já dissemos, a fazer impressão em homens materiais. Se ainda hoje precisa ser mantido com esse aspecto, batizemos os nossos filhos; mas, desde que se tornem conscientes, mostremos-lhes que, ante a razão, somente a parte simbólica é de utilidade e proveito.

Jesus não tinha necessidade de ser batizado por João. A prova encontramo-la na circunstância de que recebeu um batismo, que era de penitência, que, por isso, exigia prévia confissão pública de pecados, sem ter confessado culpa alguma, sem de nenhum pecado se haver penitenciado. Quer isso dizer, evidentemente, que Ele era puro e perfeito, porqüanto só os que alcançam a perfeição na pureza se acham livres de ter a mais leve culpa, a mais ligeira falta de que se acusar em consciência. E essa circunstância, por si só, indica e demonstra que Ele não podia estar encarnado, ser um homem como os demais, porqüanto, conforme se lê em "O Livro dos Espíritos",

aqueles, dentre estes, que compõem a primeira classe, classe única, da primeira ordem, na escala espírita, já percorreram todos os graus do aperfeiçoamento e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna, no seio de Deus.

Trazia ele, portanto, um corpo celeste, que não precisava ser lavado, como os nossos corpos de lodo, por motivo algum e ainda menos como expressão material da necessidade de purificação espiritual.

Jesus, conseguintemente, e só Jesus, segundo proclamou João que Ele o faria, estava capacitado para administrar o batismo em Espírito Santo e em fogo e para, investir a outros de o ministrarem, como investiu os apóstolos que, depois de terem recebido esse batismo, foram incumbidos de pregar e exemplificar a moral que Ele trouxera ao mundo e de o conferirem a quantos, escutando-lhes as palavras, praticassem a lei do amor e, a seu turno, a propagassem pela palavra e pelo exemplo.

Segue-se, então, que apenas para dar um exemplo, para confirmar a missão de que o Precursor se achava encarregado, e ainda para receber pública e ostensivamente a confirmação da sua, foi que Jesus se fez batizar por João. Essa confirmação Ele a teve, de fato, mediante aquelas palavras que se ouviram, vindas do alto, e que continham, em seu sentido profundo, a afirmação de que à Terra descera o Espírito excelso, cujo advento os profetas anunciaram, e mediante o aparecimento de uma pomba a lhe pairar sobre a cabeça.

Foi esta uma manifestação espírita, que se produziu pela faculdade que tem o Espírito de dar ao próprio perispírito as formas e aparências que queira. Um dos que secundavam a Jesus no desempenho de sua missão, tomou, obedecendo aos desígnios de Deus, a forma de uma pomba que, considerada pelos antigos como emblema da pureza, veio atestar, naquele momento, a do Messias prometido.

Segundo a narração evangélica, aconteceu que, batizado Jesus, quando estava em oração (LUCAS, capítulo 3º, versículo 22), o céu se abriu e uma voz ressoou no espaço, dizendo:

Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto toda a minha com placência. Disse essas palavras um dos Espíritos Superiores, órgãos das inspirações divinas e executores das vontades de Deus. E as disse quando Jesus orava, para demonstrar aos homens que a prece do coração atrai as bênçãos do Senhor e os testemunhos do seu amor infinito; que determina, por intermédio dos Espíritos protetores, a influência divina; e também como sanção expressa da legítima autoridade de Jesus, da sua identidade na condição de enviado direto de Deus.

(13) Levítico, 11º, 22. — Salmos, 2º, 7.— ISAÍAS, 4º, 4. — DANIEL, 2º, 44. — ZACARIAS, 13º, 4. — João, 1º, 15 a 39; 8º, 83 a 39; 12º, 28; 15º, 6. — Atos, 2º, 37, 4º, 6; 13º, 26; 19º, 4, 18. — Apocalipse, 15º, 2.— Atos, 8º, 26 a 40.

(14) Com esta palavra muito jogo costumam fazer os que combatem a revelação da corporeidade fluídica do Cristo, Pretendendo que, se houveram sido aparentes, essa corporeidade e a vida humana de Jesus nenhuma realidade teriam tido. Convêm, pois, precisar o significado verdadeiro de tal palavra, ou, pelo menos, o sentido em que é empregada,

quando se trata daquela vida. Para esse efeito, de nenhuma autoridade maior, nem melhor, nos podemos socorrer, do que do Mestre Allan Kardec. Citemos, conseguintemente, o passo em que ele nos dê esse significado.

Encontramo-lo no capítulo 8º da segunda parte de O Livro dos Médiuns, capitulo que se intitula "Do laboratório do mundo invisível", numa nota por ele aditada a uma das respostas do Espírito que o instruía, em o nº 128 do volume. Vamos reproduzir, para boa Inteligência da explicação, as perguntas e respostas que deram lugar a essa nota.

2. Aquela caixa de rapé (tratava-se da aparição de um Espírito encarnado, que trazia na mão esse objeto) tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que estava em sua casa. Que era então a que foi vista com a aparição?

"Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como o foi, e para que não tomassem a aparição como uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente, O Espírito querendo que aquela senhora acreditasse na realidade da sua presença, tomou todas as aparências da realidade."

3. Dizes que foi uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é uma como ilusão de ótica. Desejáramos saber se a caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade, ou se havia nela alguma coisa de material?

"Certamente; é com o auxílio desse princípio material que o perispírito toma a aparência de vestes semelhantes às que o Espírito trazia quando vivo."

NOTA. — É verdade que se deve entender aqui a palavra "aparência" no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé, real, não estava lá: a que o Espírito trazia era apenas a representação da outra: era, pois, uma aparência, comparada ao original, se bem que formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre devemos tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo as nossas idéias, expomo-nos a grandes equívocos. Cumpre, por isso, aprofundar o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresente a menor ambigüidade. É uma recomendação que os próprios Espíritos repetidamente nos fazem. Sem a explicação que provocamos, a palavra aparência, constantemente reproduzida em casos análogos, podia dar azo a uma falsa interpretação.

(15) À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia espiritual, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição. (ALLAN KARDEC, O Livro dos Médiuns, capítulo 24º, nº 256).

Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo. Ld. Ibid.

11
MATEUS, 4º, 1 ao 11. — MARCOS, 1º, 12 ao 13. — LUCAS, 4º, 1 ao 13. Jejum e tentação de Jesus

MATEUS: capítulo 4º, versículo 1. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. — 2. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. — 3. Aproximando-se então dele, o tentador lhe disse. Se és filho de Deus, ordena a estas pedras que se tornem pães. — 4. Jesus lhe respondeu: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. — 5. O diabo o transportou à cidade santa e, colocando-o no pináculo do templo, — 6, disse-lhe: Se és filho de Deus, Lança-te daqui a baixo, pois está escrito que Ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem com suas mãos, para que não firas os pés nalguma pedra. — 7. Jesus respondeu: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. — 8. O diabo o transportou ainda para um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória que os acompanha, — 9, e lhe disse: Dar-te-ei todas estas coisas se, prosternando-te diante de mim, me adorares. — 10. Disse-lhe em resposta Jesus: Retira-te, satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás. — 11. Deixou-o então o diabo, cercaram-no os anjos e o serviam.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 12. E logo o Espírito o impeliu para o deserto; — 13, onde passou quarenta dias e quarenta noites, sendo tentado por satanás. Habitava com as feras e os anjos o serviam.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 1. Cheio de Espírito Santo, Jesus se afastou do Jordão e foi, pelo Espírito. impelido para o deserto. — 2. Aí permaneceu quarenta dias e foi tentado pelo diabo; nada comeu durante esses dias e, passados eles, teve fome. — 3. Disse-lhe então o diabo: Se és filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão. — 4. Jesus lhe respondeu: Está escrito: O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra de Deus. — 5. O diabo o transportou para um alto monte e lhe mostrou, num instante, todos os reinos da Terra, — 6, dizendo-lhe: Dar-te-ei todo esse poder e a glória destes reinos, porqüanto eles me foram dados e eu os dou a quem quero. — 7. Se, pois, anuires em me adorar, todas essas coisas te pertencerão. — 8. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás. — 9. O diabo ainda o transportou a Jerusalém e, colocando-o no pináculo do templo, disse: Se és filho de Deus, lança-te daqui a baixo; — 10, pois está escrito haver ele ordenado a seus anjos que tenham cuidado contigo, que te guardem. — 11. e te amparem com suas mãos, para que não firas o pé nalguma pedra. — 12. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. — 13. Acabada a tentação, o diabo se afastou dele por algum tempo. (16)

Disse o divino Mestre e Paulo repetia: — a letra mata e o espírito vivifica, de modo a ficar bem entendido que, para a compreensão das sagradas letras, não nos devemos prender às palavras. Temos, pois, prescientemente uma regra de interpretação, a que antes podemos chamar autêntica, que de doutrinal ou lógica, porque nos conduz à indagação do pensamento e do sentido da lei ou do ensino, à pesquisa das causas, da derivação histórica e das circunstâncias de tempo em que foi dado este, ou promulgada aquela,

assim com suas fontes de origem, sua razão de ser e seus fins. É uma regra, em suma, que nos faculta a hermenêutica ou arte de afiançarmos o verdadeiro sentido dos textos sagrados.

Aplicada à interpretação das narrativas evangélicas referentes ao jejum de Jesus, ver-se-á que, se as condições da época fizeram necessária a interpretação literal dessas narrativas, interpretação que serviu para que, no ano 130, Telésforo, Bispo de Roma, apoiando-se numa tradição apostólica, instituisse o preceito do jejum, ela já não pode hoje satisfazer, por falsa, absurda, inadmissível, a menos se negue o progresso da ciência das verdades eternas.

Estudemos o que foi dado a Moisés e consta no "Deuteronômio" (capítulo 8º, versículo 3): "Afligiu-te com a fome e deu-te por sustento o maná que desconheciaS e teus pais desconheceram, para te mostrar que o homem não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus"; de "Êxodo" (capítulo 16º, versículo 5): Este é o pão que o Senhor vos deu para comer"; de "Números" (capítulo 11º, versículo 9): "E ao tempo que de noite caia o orvalho, no campo também caia o maná.

Que é esse maná, senão uma figura emblemática da graça que, em todo o seu esplendor, devemos procurar no plano do Evangelho?

Que é esse maná caído do céu, senão o Salvador prometido à raça humana, personificada em Adão?

Passemos ao Novo Testamento. Lemos (em JOÃO, capítulo 6º, versículo 48 e seguintes): Eu sou o pão vivo que desci do céu; quem o comer viverá eternamente.

Vê-se que o pão, a que Jesus alude, referindo-Se ao tempo em que o supuseram sob o poder do diabo; o pão que era o seu sustento e que Ele trazia para matar a fome aos filhos de Israel, como maná que caiu do céu; o pão de que Ele fez emblema o seu corpo e o seu sangue; enfim, o pão da vida, outra coisa não é senão o alimento que toda alma encontra na sua doutrIna, nos seus ensinamentos, contidos nos Evangelhos, entendidos em espírito e verdade, como no-los faz entender a Revelação Nova. Nem de outro modo se pode compreender, quando é certo que, revestido de um corpo celeste, não se Sustentava com os alimentos cuja privação constitui o jejum. (17)

Era costume dos profetas prepararem-se, para o desempenho de suas missões, pela prece e pelo jejum no deserto. Jesus que, enquanto durou a que veio desempenhar na Terra, quis, para que ela produzisse os frutos imediatos que devia produzir, que o tivessem como um profeta, desapareceu, a fim de causar impressão aos homens e os induzir a considerá-lo tal, durante 40 dias, número que se tornou tradicional para ausência dos profetas. Pareceu então aos homens que, como profeta, Ele se submetera ao uso.

A alimentação material é necessária ao homem, isto é, ao Espírito encarnado em corpo material. Quando, porém, tem de penetrar num mundo superior, onde os corpos dos respectivos habitantes não são carnais como os nossos e sim de natureza perispirítica, o Espírito se incorpora fluídicamente. A sua nutrição aí, para a vida do corpo de que se acha revestido, opera-se pela absorção dos fluídos ambientes, apropriados àquele efeito - A planta não necessita comer, nem beber: absorve da Terra e do ar os fluídos que lhe são necessários à nutrição. Semelhantemente, o Espírito, revestido de um corpo de natureza perispirítica, absorve, para sustentar os princípios constitutivos desse corpo, ou desse perispírito, os fluídos ambientes, nos quais se acham contidos

esses mesmos princípios.

Nem se diga, citando Êxodo, 34, 28, para sustentar que Jesus haja podido, como homem, passar tanto tempo sem se alimentar, que o mesmo fez Moisés, enquanto esteve no cume do Sinai a receber o Decálogo. Ali não se refere que o chefe do povo hebreu passou todo aquele tempo sem comer coisa alguma, como diz (LUCAS, capítulo 4º, versículo 2), falando de Jesus, O que se lê naquela passagem do Êxodo é que Moisés não comeu pão, nem bebeu água, durante os 40 dias e 40 noites do seu retiro no Sinai. Tendo podido alimentar-se de ervas e insetos, o seu exemplo não colhe para o caso de Jesus.

Quanto à tentação, foi também uma figura emblemática que, de acordo com as necessidades da época e destinada a preparar o futuro, surgiu dos comentários a que deram lugar as palavras de Jesus, acerca das tentações a que está sujeita a Humanidade. E de outra forma não a podemos compreender hoje, quando sabemos, pela Revelação Espírita, que o “diabo”, o “demônio”, “satanás” não existem como individualidade votada eternamente ao mal, à perdição das criaturas de Deus; que aqueles nomes apenas designam o conjunto das maldades, das imperfeições, das paixões e dos vícios, existentes no homem e que lhe atraem influências perniciosas, “diabólicas”, capazes de desviá-lo do caminho do bem, do mesmo modo que os bons pensamentos e as boas obras lhe granjeiam influências boas, que o ajudam a avançar pela senda do progresso espiritual.

A tentação de Jesus, portanto, não foi uma realidade. A idéia de que o tenha sido nasceu, como dissemos acima, dos comentários que os apóstolos e discípulos teceram em torno de uma prédica sua, sobre o modo por que deve o homem resistir às tentações e emboscadas a que se acha exposto, isto é, opondo-lhes a fé e a perseverança. O Mestre desapareceu das vistas de todos por 40 dias e, ao reaparecer, falou, figurando as diversas maneiras por que pode o homem ser tentado. Concluíram daí, os que o ouviram, que o fato com Ele ocorrera e a imaginação emoldurou a suposta ocorrência, criando as circunstâncias em que esta deverá ter-se dado.

A desaparição e a reaparição de Jesus, dada a sua natureza, não constituíram um “milagre”, isto é, uma derrogação das leis naturais. Deram-se, antes, no cumprimento de uma dessas leis, se bem que desconhecida dos homens. Milagre seria, por exemplo, uma mulher dar à luz um leão, ou tombarem do céu as estrelas, porque tais fatos teriam sido contrários àquelas leis, como milagre seria também o haver Jesus sofrido uma encarnação humana, porqüanto, realmente, só por milagre fora possível que um Espírito tão sutil, tão etéreo, qual o seu, suportasse o contacto de matéria tão grosseira, como a do corpo humano, visto que tal fato estaria fora das leis naturais, que são imutáveis, importando, pois, numa subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade. (18)

Ora, bem sabemos que não há milagres, o que há, no caso de fenômenos assim chamados, é desconhecimento das causas que lhes dão origem, ignorância das leis que lhes presidem à produção.

Os desaparecimentos de Jesus, quando o supunham em retiro no deserto, ou a orar no cume de uma montanha, se davam, desmaterializando ele, pela ação da sua vontade, o corpo etéreo de que se achava revestido, o que só é possível aos Espíritos superiores, quando em encarnação ou incorporação fluídica.

Estando materialmente encarnado, o Espírito não tem meio de

desmaterializar o invólucro que o reveste. Pode, é certo, apartar-se temporariamente dele, mas conservando-se-lhe sempre ligado por um cordão fluídico, invisível a olhos humanos. Consegue assim, pelo desprendimento durante o sono e, algumas vezes, raras, nos casos de estado mais ou menos extático, libertar-se do seu corpo de carne e, pelo fenômeno da bicorporeidade e da bilocação, com o auxílio do seu perispírito, tornar-se visível e tangível em mais de um lugar, sob as aparências do corpo humano. Temos disso um exemplo no que se deu com Santo Antônio de Pádua.

Esses fatos são perfeitamente compreensíveis e podem ser realizáveis para quem tenha conhecimento bastante dos fluídos e do poder magnético de os atrair e combinar, pela ação da sua vontade.

Cumpre, porém, se estude profundamente e pratique o Magnetismo, para se adquirir o conhecimento da sua ação sobre toda a Natureza. Aquele que assim fizer e colher a experiência a que as sessões espíritas oferecem campo, prontamente se convencerá da ação prodigiosa do Magnetismo espiritual e, na posse de convicções nascidas do estado e do esforço da razão, bem como do testemunho dos próprios olhos, estará em condições de se não deixar embair pelas opiniões dos escribas e fariseus da época, nem pelas dos pseudo-sábios, que tudo negam do alto do pedestal do seu orgulho e das suas idéias preconcebidas.

(16) Êxodo, 34º, 28. — Deuteronômio, 8º, 3; 6º, 13; 10º, 20. — JOSUÉ, 24º, 14. — Salmos, 9º, 3. — Reis, 19º, 8. — EZEQUIEL, 3º, 14. — JOÃO, 14º, 30. — Apocalipse, 13º, 2, 7.
(17) Ver O Livro de Tobias, na Bíblia.
(18) A boa compreensão do que seja, em verdade, a encarnação, do que significa, da sua razão de ser, do seu objetivo, é bastante para que também claramente se compreenda que não pode ter encarnado um Espírito, qual o de Jesus, cuja suprema excelsitude, não só suas palavras, seus ensinamentos, seus atos e suas obras atestam, como ainda os ensinos constitutivos da Terceira Revelação e, talvez mais que tudo, esse sentimento íntimo e profundo que nos leva a considerá-lo colocado logo abaixo de Deus quando, em busca do amparo celestial para fortalecimento da nossa alma, lançamos, na amplidão do infinito, o nosso pensamento em prece; um Espírito que pôde, na plenitude da sua gloriosa humildade, formular esta interpelação e este conselho: "Quem me convencerá de pecado? Sede santos, como eu sou santo"; um Espírito, cuja culminância na perfeição Inspirou ao Padre Marchal esta exclamação, que se lê em O Espírito Consolador: "Que homem houvera podido tirar do seu coração a parábola do Filho Pródigo e o colóquio com a Samaritana?" e estes perlodos de sublimada eloquência, saídos da sua alma transportada: "Não, a Humanidade terrena, ainda que condensasse todas as suas energias de concepção, não poderia inventar Jesus Cristo. Antes dele, a Terra vira passar grandes luzeiros, não vira passar "o grande amor". Os luminares da antigüidade hauriram suas mais belas idéias nessa fonte que se chama a tradição: a fonte onde Jesus hauria era a sua alma e essa alma, derramando-se pelo mundo, basta para o aquecer. Só ele fundou a religião universal, trazendo à Terra o grande mandamento que a ligaria ao céu: "Amai a Deus de todo o coração; amai-vos como eu vos amo."

Útil, pois, é conheçamos tudo o que possa concorrer para a melhor inteligência, de nossa parte, da lei de justiça e misericórdia, que prescreve ao Espírito a encarnação e a reencarnação. Para esse efeito, um dos ensinos mais proveitosos é o que deram a Alexandre Belemare os Espíritos que o assistiam na elaboração da sua excelente obra — Espírita e Cristão, cujos originais foram lidos pelo Mestre Allan Kardec.

Esse ensino se resume no seguinte: O Espírito que haja falido fica na contingência, para chegar ao mesmo grau de aperfeiçoamento em que se acha outro que, partido do mesmo ponto, progrediu sem jamais falir, de fazer mais do que este. Como conseguirá fazer esse mais, para resgatar sua dívida? Sendo submetido a uma dificuldade especial que lhe cumpre vencer. Essa dificuldade é a encarnação, durante a qual terá ele que lutar contra paixões que representam, pela sua natureza e pela sua intensidade, a natureza e a Importância da falta a ser apagada.

Em todos os casos, mesmo que o Espírito encarne em missão, a encarnação representa sempre, para ele, uma dificuldade que lhe cabe vencer, pois que para vencê-la é que o Espírito encarna, e que no vencê-la é que consiste o seu progresso.

Ora, tendo Jesus podido dizer que ninguém havia capaz de o convencer de pecado, ou seja: capaz de lhe imputar com fundamento a mais ligeira transgressão da lei divina, e dizer igualmente que todos se tornassem santos, como ele era santo, isto é, puro, a que gênero de progresso lhe poderia um mundo inferioríssimo, qual a Terra, oferecer ensanchas, para justificar ou legitimar uma sua encarnação nele?

12
MATEUS, 4º, 12 ao 17. — MARCOS, 1º, 14 ao 15. — LUCAS, 4º, 14 ao 5. Notícia do encarceramento de João. — Retirada de Jesus para a Galiléia. — Pregações. Estada em Cafarnaum

MATEUS: capítulo 4º, versículo 12. Tendo ouvido dizer que João fora encarcerado, Jesus se retirou para a Galiléia; — 13, e, deixando a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima dos confins de Zabulon e de Nefatalim, — 14, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: — 15. "A terra de Zabulon e a terra de Nefatalim, caminho do mar além Jordão, a Galiléia das nações, 16, o povo que jazia nas trevas, viu uma grande luz; e a luz surgiu para os que jaziam na região da sombra da morte." — 17. A partir daí, Jesus começou a pregar e a dizer: Fazei penitência, pois o reino dos céus se aproxima.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 14. Logo que João foi encarcerado, Jesus veio para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus; — 15, e dizendo: Pois que o tempo se cumpriu e o reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no evangelho.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 14. Então Jesus, pela virtude do espírito, voltou para a Galiléia e a sua fama se espalhou por toda aquela região. — 15. Ensinava nas sinagogas e era glorificado por todos. (19)

Jesus levava, nas suas palavras, que tinham de ser por todos ouvidas, a luz onde mais necessária era. Para esse efeito, retirou-se de Nazaré e se dirigiu a Cafarnaum, nos confins da Galiléia. Alí, o povo, que se achava imerso nas trevas, recebeu a grande luz. Mal, porém, lhe percebeu a claridade; ao passo que a viram refulgente os que se achavam livres da morte.
Jesus, Ele próprio, era a luz, pois que ensinava e pregava a verdade, apontando o caminho que conduz ao reino dos céus. Nem todos, porém, os que as ouviam lhe compreendiam as palavras: eram os que estavam nas trevas. Muitos, entretanto, as apreendiam: os que estavam na região da sombra da morte, os que já se encontravam no plano espiritual, preparados, pelas reencarnações, para entendê-las.

Assim, os primeiros, que apenas viam a Jesus sob a sua aparência humana, divisavam velada a grande luz e, por isso, não percebiam o sentido das palavras que lhe ouviam. Os outros, os que lhe compreendiam as palavras, esses viam em forte esplendor a luz brilhante que o seu Espírito irradiava.

Fazei penitência, pois o reino do céu se aproxima, o que significa: chegou o tempo de ouvirdes o Enviado de Deus, o qual vos vem trazer a luz da verdade que, tirando-vos das trevas em que vos lançaram OS Vossos pecados, vos patenteará a estrada que leva ao céu ou seja: à perfeição na pureza. Fazei penitência: arrependei-vos dos vossos erros, faltas e crimes, para poderdes ver a luz, para serdes por ela alumiados e, deixando as trevas em que jazeis, tomardes a senda do progresso espiritual e subirdes ao seio de Deus.

Hoje, pela boca dos Espíritos, seus mensageiros, o mesmo Jesus clama: chegou o tempo de estudardes o Consolador, que vos vem ensinar os Evangelhos em espírito e verdade.

Então, pela virtude do espírito, voltou Jesus para a Galiléia. Quer isto dizer:

sendo ele sempre Espírito, sob as aparências humanas que tomara, transportou-se para os confins da Galiléia, com a rapidez do relâmpago, como fazia sempre que viajava só, pelo poder ou faculdade que tem o Espírito de ir de um ponto a outro, tão célere quanto o pensamento.

(19) ISAÍAS, 9º, 1, 2. — DANIEL, 9º, 25. — JOÃO, 4º, 43. — Atos, 10º, 37; 13º, 14; 17º, 2.

13
LUCAS, 4º, 16 ao 21. Vinda de Jesus a Nazaré. — Leitura da profecia de Isaías

LUCAS: capítulo 4º, versículo 16. Vindo a Nazaré, onde fora criado, entrou na sinagoga, como era seu costume, num dia de sábado, e se levantou para ler. — 17. Apresentaram-lhe o livro do profeta Isaías e ele, desenrolando-o, chegou ao ponto em que se achavam escritas estas palavras: — 18. "O Espírito do Senhor está sobre mim; pelo que a sua unção me consagrou. Ele me enviou a pregar o Evangelho aos pobres, a curar os de coração despedaçado, — 19, a anunciar aos cativos a sua redenção e aos cegos o recobramento da vista, a libertar os oprimidos, a apregoar o ano das graças do Senhor e o dia da retribuição." — 20. Enrolando de novo o livro, Ele o entregou ao ministro e sentou-se. Toda a gente, na sinagoga, tinha os olhos fitos nele. — 21. Disse então: "Cumpriu-se hoje esta palavra das escrituras que acabais de ouvir". (20)

Desenrolando Jesus o livro (porque os livros naquela época eram feitos em rolos de papiro), não foi por acaso (não existe acaso) que aqueles versículos de Isaías lhe vieram cair sob as vistas. As suas próprias palavras de comentários ao trecho Lido mostram que Ele o buscou intencionalmente para o ler naquela ocasião. Por quê e para quê? Para afirmar, com o testemunho das sagradas Escrituras, no lugar mesmo onde principalmente passara a sua aparente vida humana, que Ele era o ungido do Senhor, seu Enviado, o Messias prometido, que vinha à Terra para cumprir uma missão de amor, de devotamento, de redenção, preparatória, pela pregação e prática do Evangelho, da regeneração humana, cujas bases fundamentais lançava.

(20) ISAÍAS, 61º, 1; 57º, 15; 42º, 7. — JOÃO. 1º, 32, 3º, 34.

14
LUCAS, 4º, 22 ao 30. Jesus designado por "filho de José". — Sua resposta. — Levado ao cume do monte para ser dali atirado, Ele desaparece dentre as mãos dos homens

LUCAS: capítulo 4º, versículo 22. Todos lhe davam testemunho e, tomados de admiração ante as palavras cheias de graça que lhe saíam da boca, diziam: Não é este o filho de José? — 23. Jesus então lhes disse:
Sem dúvida me aplicareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze no teu país as grandes coisas que, segundo ouvimos, fizeste em Cafarnaum. — 24. Mas, em verdade vos digo que nenhum profeta é bem aceito no seu país. — 25. Em verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel, ao tempo de Elias. quando o céu se fechou durante três anos e seis meses e uma grande fome assolou toda a Terra; — 26, entretanto, Elias não foi enviado a nenhuma delas, mas a uma que era viúva em Sarepta de Sidônia. — 27. Havia também muitos leprosos em Israel ao tempo do profeta Eliseu e no entanto nenhum foi curado, só o sendo Naamã, que era da Síria. — 28. Todos os que se achavam na sinagoga, ouvindo-o falar desse modo, se encheram de Ira, — 29, e, levantando-se, o expulsaram da cidade e levaram ao cume do monte sobre o qual estava a cidade edificada, para o atirarem de lá em baixo. — 30. Jesus, porém, passando por entre eles, foi-se. (21)

Para os hebreus, como, em geral, para todos, naquela época, Jesus era filho de Maria e de José. Cumprida a sua missão, conhecida a revelação feita pelo anjo a Maria e a José, revelação que até ao termo daquela missão se conservou secreta, como era necessário, passou Ele a ser considerado filho somente de Maria Virgem, em virtude de uma concepção e um nascimento miraculosos, divinos, por obra do Espírito Santo.

Essa circunstância e a de haverem tomado ao pé da letra estas palavras — meu pai — de que Ele usava, referindo-se a Deus, fizeram que no espírito dos discípulos germinassem a idéia e a crença da sua divindade, que só ela lhes dava explicação dos fatos tidos por milagrosos, que Ele operava.

Quando disse: — Nenhum profeta é bem aceito em sua terra, deu Jesus uma lição aos incrédulos de todos os tempos.

Dizendo o que consta nos versículos 25 e 27, do capítulo 4º de LUCAS, quis, para profligar o orgulho dos que julgam ter o privilégio da misericórdia divina, mostrar que o Senhor, na distribuição de suas graças, só atende aos merecimentos de cada um, independente de todo sectarismo, de quaisquer cultos exteriores.

Os versículos 29 e 30 do capítulo 4º de LUCAS, confirmam que só na aparência era humano o seu corpo, fato que, por estar, como já vimos, de harmonia com as leis naturais, constitui uma verdade, que só escandaliza os orgulhosos e os sábios, dos quais elas ainda são desconhecidas, tanto quanto o eram dos homens daquela época.

Com efeito, como fora possível que, homem, houvesse Jesus podido, sem que lhe percebessem a fuga, desaparecer, passando por entre os que o cercavam, das mãos da turba que o agarrara enraivecida e o conduzira ao cume de um monte, a fim de o eliminar dentre os vivos, precipitando-o dali em

baixo? Desprezada a explicação clara, racional e irrecusável para quem não se ache dominado por idéias preconcebidas, só uma outra restará para o fato de que tratamos — o milagre. Esta, porém, não é, porque, como sabem os que conhecem a Doutrina Espírita, o milagre não existe.

(21) Salmo, 40º, 2. — JOÃO, 4º, 44; 6º, 42; 8º, 29; 10º, 39.

15
MATEUS, 4º, 18-22. — MARCOS, 1º, 16 ao 20. — LUCAS, 5º, 1-11. Vocação de Pedro, André, Tiago e João. — Pesca chamada milagrosa

MATEUS: capítulo 4º, versículo 18. Andando Jesus pela praia do mar da Galiléia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; — 19, e lhes disse: Segui-me e farei que vos torneis pescadores de homens. — 20. Para logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. — 21. Continuando a andar, viu dois outros irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que numa barca com o pai consertavam suas redes. e os chamou. — 22. Deixando no mesmo instante o pai e as redes, ambos o seguiram.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 16. Passando pela praia do mar da Galiléia, Jesus viu a Simão e seu irmão André que lançavam as redes ao mar, pois que eram pescadores; — 17, e lhes disse: Segui-me e farei de vós pescadores de homens. — 18. Logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. — 19. Tendo caminhado um pouco mais, viu a Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu, que também numa barca consertavam suas redes. — 20. Logo os chamou e ambos, deixando na barca Zebedeu com os jornaleiros, o seguiram.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 1. Um dia em que se achava à margem do lago de Cenezaré. Jesus, assediado pela multidão que se premia para ouvir a palavra de Deus, — 2, viu à borda do lago duas barcas; os pescadores tinham saltado para lavar suas redes. — 3. Entrou numa delas pertencente a Simão e lhe pediu que a afastasse um pouco da praia e, sentando-se, começou a pregar ao povo, de dentro da barca. — 4. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e atira a tua rede para pescar. — 5. Simão lhe objetou: Mestre, trabalhamos toda a noite e nada apanhamos; mas, obedecendo à tua ordem, lançarei a rede. — 6. E, tendo-o feito, pescaram tão grande quantidade de peixes que a rede se rompia. — 7. Acenaram aos companheiros que se achavam noutra barca para que viessem ajudá-los; os outros vieram e as duas barcas ficaram cheias de tal modo que quase se afundavam. — 8. Vendo isso, Simão Pedro se prostrou aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, afasta-te de mim, pois que sou um pecador. — 9. Tanto ele como os que o acompanhavam ficaram assombrados da pesca que haviam feito. — 10. Tiago e João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão, partilhavam do mesmo assombro. Então, disse Jesus a Simão: Nada temas: daqui por diante serás pescador de homens. — 11. Tendo de novo conduzido as barcas à praia, eles abandonaram tudo e o seguiram. (22)

Desta parte da narrativa evangélica ressalta a submissão dos primeiros discípulos de Jesus. Sob a inspiração de seus anjos da guarda, eles ouviram a voz interior que os concitava à obediência e fizeram o que ela lhes prescrevia, cedendo a essa espécie de atração que liga fortemente uns aos outros os Espíritos reciprocamente simpáticos.

A pesca, de que aí se fala, nada teve de milagrosa, ou sobrenatural. Foi um fenômeno do número dos que ainda hoje surpreendem a muitos, mas que depois, quando o conhecimento do Espiritismo e do Magnetismo estiver suficientemente difundido, serão reconhecidos como fatos naturais e normais.

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma revelação e uma ciência. Como ciência, ele espalhará o conhecimento do Magnetismo, cujo estudo tem sido tão estultamente desprezado pelos “sábios” da Terra. Com esse conhecimento e com o dos ensinos evangélicos em espírito e verdade, estará a Humanidade senhora das duas fontes de toda a luz e de todo o progresso, físico, moral e intelectual. Fácil então e simples se lhe tornará a compreensão de muitos fatos tidos ainda hoje por impossíveiS e cuja realidade os homens negam, proferindo sentença condenatória da ciência espírita que os explica, sentença, aliás, absolutamente destituída de qualquer valor, por isso que emanada de quem tudo completamente ignora daquela ciência.

A pesca foi o resultado de uma aplicação do Magnetismo. Produziu-a uma atração magnética determinada por Jesus que, conhecendo a fundo, pela suprema graduação do seu Espírito, esse agente universal que tudo rege e tudo aciona, como conhecia e conhece a natureza de todos os fluídos existentes, suas propriedades de ação e. as combinações de que são passíveis, fez que sobre eles atuasse a força incontrastável da sua vontade, sempre de perfeita harmonia com a vontade divina, e a grande alavanca operou o efeito desejado.

Ainda não está ao alcance do homem apreender as causas de todos os fenômenos, os meios por que se dão, nem as leis que lhes presidem à produção. Pouco a pouco, porém, ele vai avançando na senda do conhecimento e um dia chegará, por virtude dos seus progressos, à meta suprema, que Jesus já alcançara, quando o Pai o investiu na missão excelsa de presidir à formação do planeta em que habitamos e à marcha progressiva da Humanidade a que pertencemos. Assim é que, por exemplo, os fenômenos elétricos já foram excluídos da categoria dos milagres. Os magnéticos o serão igualmente, daqui a mais ou menos tempo.

O Espiritismo representa hoje a rede lançada por Pedro. Atraidos pelos fluídos que os bons Espíritos espalham, os homens estão vindo e virão cada vez mais lançar-se nessa rede, a fim de serem retirados das águas infectas dos vícios e das paixões em que se acham mergulhados.

(22) JOÃO, 21º, 6.

16
MATEUS, 4º, 23 ao 25. — MARCOS, 1º, 21 ao 28; e 3º, 7 ao 12. — LUCAS, 4º, 31 ao 37. Predição de Jesus. — Sua fama. — Curas físicas e morais chamadas "milagres"

MATEUS: capítulo 4º, versículo 23. E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. — 24. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: — possessos, lunáticos, paralíticos — e ele os curou. — 25. Acompanhava-o grande multidão de gente da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além Jordão.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 21. Vieram em seguida a Cafarnaum onde, entrando na sinagoga aos sábados, Jesus os instruía. — 22. Todos se admiravam da sua doutrina, por isso que Ele os Instruía como tendo autoridade para fazê-lo e não como os escribas. 23. — Ora, sucedeu achar-se na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro, que exclamou: — 24. Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. — 25. Jesus, em tom de ameaça, disse-lhe: Cala-te e sai desse homem. — 26. Logo o Espírito impuro, agitando-o em convulsões violentas e soltando um grito estridente, saiu do homem. — 27. Tão grande assombro se apoderou de todos, que uns aos outros perguntavam: Que é isto, que nova doutrina é esta? Ele manda com império mesmo nos Espíritos Impuros e estes lhe obedecem. — 28. Sua fama se espalhou assim, rapidamente, por toda a Galiléia.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 7. Jesus se retirou com seus discípulos para os lados do mar, acompanhado por grande multidão de gente da Galiléia e da Judéia, — E, de Jerusalém, da Iduméia e de além Jordão tendo vindo juntar-se-lhe, proveniente de Tiro e SIdônia, outra grande multidão que ouvira falar das coisas que Ele fazia. — 9. Disse Ele então aos discípulos que lhe arranjassem uma barca onde pudesse meter-se para não ser oprimido pela turba. — 10. É que, como curava a muitos, todos os que sofriam de um mal qualquer se precipitavam sobre Ele para tocá-lo. — 11. E os Espíritos impuros, quando o viam, se prosternavam gritando: — 12. És filho de Deus. Ele, porém, com grandes ameaças, lhes proibia que o descobrissem.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 31. Ele desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e ai os instruía nos dias de Sábado. — 32. E todos se espantavam da sua doutrina, porque falava com autoridade. — 33. Ora, estava na sinagoga um homem dominado por um demônio impuro, que exclamou em alta voz: — 34. Deixa-nos; que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és, és o santo de Deus. — 35. E Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: "Cala-te e sai desse homem". E o demônio, atirando o homem ao chão no meio da sinagoga, saiu dele sem lhe ter feito mal algum. — 36. O terror se apossou de todos e uns aos outros diziam: Que é isto? Ele ordena com autoridade e poder aos Espíritos impuros e estes saem logo? — 37. E sua fama se espalhou por todos os cantos do país.

Como se evidencia desses versículos, Jesus passava a sua aparente vida

humana a praticar incessantemente a caridade, assim com os humildes e desgraçados, como com os grandes e poderosos, pregando por toda parte o arrependimento, multiplicando ao seu derredor as curas do corpo e da alma. E os que o ouviam, pasmados autoridade com que Ele falava, inquiriam: Mas, que doutrina é esta, que faz que os Espíritos imundos lhe obedeçam?

Nos Evangelhos, portanto, encontramos a prova de que Jesus curava tanto as moléstias do corpo quanto as da alma, isto é, tanto restituía a saúde aos que sofriam de doenças corporais, como libertava os que se achavam presas de Espíritos obsessores, ou, conforme então se dizia, possessos do demônio. Segue-se daí que a crença dos espíritas, com respeito à influência dos Espíritos desencarnados sobre os encarnados, se funda na doutrina que Jesus pregava e exemplificava, bem como nos fatos que a sua ação caridosa tornou manifestos.

Mas, que podem valer esse argumento, ou essa autoridade, para quem sustenta que a alma é o conjunto das faculdades intelectuais, uma simples função do organismo físico, destinada a desaparecer com este, para sempre, pela morte? que o pensamento é uma secreção do cérebro? que as leis da Natureza são simples manifestações de forças incontrastáveis, carentes assim de moral, como de benevolência?

Tal o evangelho dos materialistas, que infelizmente ainda dominam. E são eles que lançam aos espíritas os epítetos de idiotas, de exploradores dos néscios de boa-fé! Nisso, entretanto, nada há de espantar. A fúria que revelam é idêntica e tem a mesma origem que a daqueles que inventaram as fornalhas ardentes, as cavernas dos animais ferozes. É ainda a mesma que o sacerdócio tem desencadeado, em nome de Jesus. Ë o fogo das baterias que, desde todos os tempos, margeiam a vereda que conduz a Sião; são as mesmas setas envenenadas que as hostes dos inimigos da verdade, ocultas ao longo dessa vereda, hão sempre desfechado contra os que a percorrem.

Mas, que importa, se, justificados pela fé, temos a paz com Deus, por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo, como disse Paulo? ("Epístola aos Romanos", Versículo 1). Que importa, se temos por nós o que fora dito a Abraão (Gênese, capítulo 15º, versículo 1) e aquele de quem falam os Salmos (capítulo 90º, versículos 2 ao 5 e capítulo 104º, versículo 10)? Marchemos, pois, para a frente, revestidos da couraça da fé, sob o escudo de Jesus Cristo.

Para imaginarmos o poder dos fluídos magnéticos de que dispunha Jesus, o mais puro de todos os Espíritos, e bem assim o poder que a sua vontade exercia sobre esses fluídos, regeneradores e fortificantes, cuja natureza, bem como combinações, efeitos e propriedades Ele conhecia de modo absoluto, basta atentemos nos efeitos que produz o magnetismo humano e nos que conseguem os médiuns curadores, mesmo os médiuns receitistas, com os quais inúmeras pessoas se têm tratado de variadíssimas enfermidades, com os mais satisfatórios resultados.

Operando as curas de que, sob o nome de milagres, falam os Evangelhos, Jesus fazia da doutrina de amor que trouxera ao mundo a mais eloqüente propaganda. Por isso mesmo, é esse o meio mais eficiente de que se servem os Espíritos, para, presentemente, fazer a da Doutrina Espírita. É que, a fatos, não há argumento, nem autoridade real que se contraponham. Menos ainda poderão Contrapor-se-lhes as opiniões de simples médicos, que nada sabem de Espiritismo, tanto mais quando muitos deles hão recorrido e recorrem às consultas mediúnicas, em casos desesperados, encontrando sempre a satis-

fação de seus anseios, com os Bittencourt Sampaio, os Figueiras, os Nascimentos e muitos outros médiuns que a esses sucederam, todos alheios à ciência médica, mas cheios de dedicação e de solicitude para acudirem desinteressadamente o próximo em suas aflições, servindo de instrumentos a Espíritos elevados, fiéis servos de N. Senhor Jesus Cristo, dos quais recebem a ação fluídico-magnética, que transmitem aos enfermos.

Quanto às curas da alma, isto é, quanto à libertação dos possessos, só mediante estudo sério das obras do mestre Allan Kardec, especialmente de O Livro dos Médiuns, obras cuja meditação acurada recomendamos a todos os adeptos do Espiritismo, se pode obter uma explicação racional e completa.

Os possessos, de que falam os Evangelhos, eram os subjugados por Espíritos impuros, dentre os quais, nem mesmo os mais endurecidos e obstinados no mal resistiam às intensamente luminosas irradiações da pureza e da perfeição de Jesus, cujo nome é hoje bastante para, se invocado com fé viva, produzir efeitos análogos aos que Ele pessoalmente conseguia.

Quer isto dizer que, nós outros, só os podemos obter por meio das preces fervorosas, da humildade e da fé na misericórdia ilimitada do nosso Salvador, porqüanto nos faltam as mais poderosas armas que existem para a libertação de um subjugado — a força moral decorrente do jejum espiritual a que Ele tantas vezes aludiu, e a pureza de sentimentos, que atrai os Espíritos bons, cuja presença é suficiente para dominar e subjugar, a seu turno, os mais obstinados e ferozes subjugadores. Todavia, a bondade de Jesus é tal e tanta que, mau grado às precárias condições morais em que nos encontramos, a não poucas curas temos assistido de irmãos que recobram o uso da razão e do livre-arbítrio, depois de terem sido dados como loucos incuráveis, pela ainda mais precária ciência dos homens.

O Espiritismo que, repetimos, é revelação e ciência, veio, restaurando na sua pureza aquela doutrina que de tanta surpresa enchia os que presenciavam as curas que o divino Mestre operava, ensinar-nos a distinguir a obsessão e a subjugação da alienação mental, ou loucura propriamente dita, que decorre do desmantelo do aparelho cerebral. Essa distinção quem nô-la faculta é a mediunidade, que também nos fornece os meios adequados a repararmos os estragos que apresenta o organismo material, depois de removida a causa da aparente loucura, como se dá com um prédio incendiado, após a extinção do incêndio.

Esses fatos, de que nos oferecem testemunho as sagradas letras, já têm sido comprovados por homens notáveis, cujas observações a respeito se acham registradas em livros e jornais.

Esses homens, porém, acreditavam ou acreditam na existência e na imortalidade da alma, qual esta é realmente, e não consideram o pensamento uma espécie de bílis, ou qualquer outra dessas secreções que o organismo expele ou absorve, ou, ainda, fixa nas suas cavidades interiores.

Os ortodoxos, a seu turno, não contestam as curas operadas por Jesus, antes as proclamam, mas como milagres. Em conseqüência, declaram e sustentam que tudo o que os homens façam de semelhante ou idêntico é diabólico, sem perceberem que desse modo colocam no mesmo nível a divindade, pois que para eles Jesus é uma fração de Deus, e a suprema potência do mal — Satanás cuja existência afirmam.

Assim, os doutores não admitem senão o que lhes vem por intermédio da Ciência, em cujo nome falam, e repelem a ciência espírita como produto da

imaginação de fanáticos ignorantes ou velhacos, considerando mesmo o seu cultivo um crime severamente punível.

De outro lado, os ortodoxos guardam a mesma atitude, não por amor da verdade, que pouco lhes interessa, mas por muito ciosos do prestígio do "demônio", que tanto há contribuído para lhes fortalecer o poderio.

Tal a situação que, embora já algum tanto modificada para melhor, pelos rápidos progressos da Doutrina dos Espíritos, ainda se apresenta aos profitentes desta, patenteando-lhes as dificuldades de ordem exterior que lhes cumpre superar, para, convencidos e confiantes, esperarem se cumpram integralmente as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Eles, no entanto, se manterão firmes em seus postos, porque vêem que cada vez mais essas promessas se irão cumprindo, quando vêem que já lhes é dado fazerem, sob a égide de Jesus, obras semelhantes às que Ele fazia, o que implica o cumprimento do prometido nestas palavras suas: Aquele que em mim crer também fará as obras que eu faço e fará outras ainda maiores (JOÃO, capítulo 14º, versículo 12).

E, como o dessas, verificam que igualmente se está dando o destas outras, visto que inegavelmente chegariam os tempos nelas preditos e se realizou o advento por elas anunciado:

E o Consolador, que é o Espírito Santo (23), que o Pai enviará em. meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos lembrará tudo o que vos tenho dito. (JOÃO, capítulo 14º, versículo 26).

(23) Ver em páginas anteriores o que devemos entender por Espírito Santo.

17
MATEUS, 5º, 1 ao 12. — LUCAS, 6º, 20 ao 26. Sermão da montanha

MATEUS: capítulo 5º, versículo 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte. sentou-se e os discípulos o rodearam. — 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: — 3. "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. — 4. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra. — 5. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. — 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. — 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. — 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. — 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: capítulo 6º, versículo 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. 21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. — 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. — 23. Rejubilai nesse dia e exultai, pois que grande recompensa vos está reservada no céu, porqüanto assim é que os pais deles trataram os profetas. 24. Ai, porém, de vós, que sois ricos, pois que tendes a vossa consolação no mundo. — 25. Ai de vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereís e chorareis! — 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porqüanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas. (24)

Ia o Senhor percorrendo toda a Galiléia, a ensinar nas Sinagogas, a pregar o Evangelho e a curar os enfermos, com a virtude que dele saía, isto é, com os fluídos que, por ato da sua vontade e do seu poder magnético, dirigia sobre os doentes e sobre os que se lhe aproximavam. De todos os lugares grande multidão acorria: da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, de toda a costa do mar, da Iduméia, de Tiro, de Sídon e da parte de além Jordão.

Toda essa gente seguia os passos do Redentor, para ouvi-lo, para vê-lo expelir os Espíritos impuros e curar as enfermidades.

Um dia, em que o ajuntamento era enorme, Jesus atravessou a turba, e, afastando-se dela, subiu a um monte, onde passou a noite em oração. Ao amanhecer, como viesse descendo, encontrou à sua espera grande parte do povo que o acompanhara ali. Parou então àmeia encosta do monte e, dirigindo-se a seus discípulos, fez a prédica das bem-aventuranças, em a qual sintetizou a maneira de alcançarmos o "reino dos céus", ou a suprema perfeição moral, isto é, pela prática do trabalho, do amor e da caridade, assim no que seja de ordem física e material, como no que pertença à ordem moral e intelectual.

Algumas de suas palavras, porém, nessa prédica, não têm sido bem compreendidas.

Disse o Mestre: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Quais são os “pobres de espírito ?“ São os que os homens assim chamam, porque, despidos de orgulho e de vaidade, reconhecendo que tudo devem ao seu Criador, que nada possuem, de si e por si mesmos, nenhum apego têm aos bens do mundo, cuja privação nenhum sofrimento lhes causa. Caminham livre e despreocupadamente, por não temerem os assaltos dos ladrões de qualquer espécie, sempre confiantes na bondade e na proteção do Pai celestial. São, em suma, os simples e humildes.

Disse também: sereis felizes, quando vos injüriarem e perseguirem. Exultai, que copioso será o vosso galardão no céu, pois que assim perseguiram os profetas.

Os espíritas podem considerar-se imunes contra todos os insultos que lhes forem lançados. Estes recairão sobre os que os lançarem, desde que eles exemplifiquem, pelo seu procedimento público e privado, a crença que professam, sobretudo mostrando-se bons e caridosos para com todos os seus irmãos. Muitos até lucrarão, se se virem excluídos do convívio e do contacto dos que formam as culminâncias sociais, os quais somente pelo orgulho se distinguem.

Entretanto, precisam compreender bem os graves deveres que correm a todo aquele que se diz espírita, a fim de não caírem nos abusos, que muitos praticam sob a capa do Espiritismo e que, em parte, legitimam as alegações e imputações dos inimigos de tão santa doutrina.

A apóstrofe que o justo e meigo Pastor proferiu se aplica aos que, tudo sacrificando à posse dos bens terrenais, vivem no luxo e na ostentação, indiferentes aos sofrimentos dos desgraçados e olham com desprezo as verdades santas. Esses infelizes, regra geral, são os que ocupam os lugares mais salientes, nos centros ditos de maior e mais apurada civilização.

Infelizes, de fato, porque ignoram e não querem saber que muitos dos que hoje arrastam os andrajos da miséria, em outras encarnações insultaram a Humanidade, com a mesma ostentação e o mesmo orgulho.

Quão difícil, entretanto, há de ser, por muito tempo ainda, a divulgação destes ensinamentos salvadores, únicos capazes de restituir à religião o grande papel que lhe cumpre desempenhar na realização dos destinos do gênero humano, desde que o Catolicismo proibe aos seus fiéis o conhecimento deles, ao mesmo tempo que se nega a ensinar a verdade, se furta às discussões e cada vez maiores mostras dá de intolerância e de simonia, ao ponto de deixar sem contestação alguma a afirmativa, feita em publicações bastante espalhadas, de que papas houve que estabeleceram tarifas de absolvições para os mais hediondos crimes! Todos são testemunhas de como procede o sacerdócio romano na prática do Evangelho, de cuja propagação ele se diz exclusivamente incumbido pelo divino Mestre.

Fora inútil repetir o que todos sabem, até por observação ocular, relativamente ao proceder desses falsos profetas, que o são, realmente, porqüanto, conhecendo a verdade, a ocultam, para terem a seus pés, submisso, o povo; porque, compreendendo a verdade, fogem, por orgulho, de a ela se submeterem e exalçam o erro.

Ai deles, disse o justo e meigo Pastor, referindo-se aos daquela época e o

diz hoje, novamente, quando não menor é o número dos falsos profetas.

Situado perto de Genesaré fica o monte onde Jesus fez a sua prédica e que por isso ainda hoje conserva o nome de “Montanha das Bem-aventuranças”.

(24) Salmos, 14º, 3; 36º, 11; 50º, 19; 61º, 2. — Provérbios, 14º, 13; 16º, 19 — ISAÍAS, 55º, 1; 57º, 15; 61º, 2, 3. — JOÃO, 16º, 20. — Atos, 5º, 41; 7º, 52. — TIMÓTEO, 2º, 5; 5º, 1.

18
MATEUS, 5º, 13 ao 16. — MARCOS, 9º, 49; e 4, 21 ao 23. — LUCAS, 14º, 34 ao 35; e 8º, 16 ao 17; e 11º, 33 ao 36. Sal e luz da Terra. — Lâmpada. — Nada oculto que não venha a ser manifesto e nada secreto que não venha a ser conhecido e a tornar-se público

MATEUS: capítulo 5º, versículo 13. Sois o sal da Terra. Se o sal perder a sua força, com que se salgará? Para nada mais servirá senão para ser posto fora e pisado pelos homens. — 14. Sois a luz do mundo. Uma cidade situada sobre um monte não pode ficar escondida. - 15. E ninguém acende uma lâmpada para a colocar debaixo do alqueire; coloca-a num candeeiro a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. — 16. Que assim também a vossa luz brilhe diante dos homens; que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso pai que está nos céus.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 49. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que o temperareis? Tende sal em vós e conservai entre vós a paz.

MARCOS: capítulo 4º, versículo 21. Dizia-lhes: Porventura vem a lâmpada para ser posta debaixo do alqueire ou da cama, ou para ser colocada no candeeiro? — 22. Porque, nada há secreto que não venha a ser manifesto, nada oculto que não venha a ser público. — 23. Ouça quem tenha ouvidos de ouvir.

LUCAS: capítulo 14º, versículo 34. O sal é bom, mas se se deteriorar, com que se há de temperar? — 35. Não servirá mais nem para a terra nem para a estrumeira, será posto fora. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 16. Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a cobre com um vaso ou a coloca debaixo do leito; põe-na no candeeiro a fim de que os que entrarem vejam a luz. — 17. Porque, nada há oculto que não venha a tornar-se manifesto, nada secreto que não venha a ser conhecido e a fazer-se público.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 33. Ninguém acende uma lâmpada e a coloca em lugar escondido ou debaixo de um alqueire; coloca-a no candeeiro, a fim de que todos os que entrarem vejam a luz. — 34. Teu olho é a lâmpada do teu corpo; se teu olho é simples, todo o teu corpo será luzente; mas, se for mau, todo o teu corpo será tenebroso. — 35. Toma, pois, cuidado: não seja treva a luz que está em ti. — 36. Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem que haja nele parte alguma tenebrosa, todo ele luzirá e te iluminará, qual se fora brilhante lâmpada. (25)

Para que se apreenda o pensamento do divino Mestre neste passo, preciso é se compreendam bem as figuras em que Ele o envolveu, ou, antes, a comparação de que se serviu para exprimi-lo. O sal, substância incorruptível e preservadora de toda corrupção, representa aqui o conhecimento que, da verdade, já o homem possua, por efeito dos ensinamentos que tenha recebido e que lhe cabe espalhar. Se o sal, porém, perde o sabor, se fica insípido, de nenhuma utilidade se torna, para nada mais presta, senão para ser posto fora.

Assim, o homem, ou, de modo mais geral, ‘o Espírito. Sua moralidade, seu amor a Deus, sua submissão às leis divinas, sua fiel observância de todos os

mandamentos que vêm de Deus e do seu Cristo, decorrendo tudo isso do aproveitamento daqueles ensinos, são o que lhe constitui o saber. Se não há esse aproveitamento, se, deixando-se dominar por maus pendores, o homem perde de vista a meta que lhe cumpre atingir, perde ele igualmente o seu sabor, passa a ser sal insípido. Desde então, tem que ser posto fora, o que significa: tem que ser afastado do convívio dos que conservaram o sabor e submetido, para novamente o adquirir, a sofrimentos e torturas morais, na erraticidade, adequados àquele efeito e, depois, à reencarnação na Terra, ou em planetas inferiores a este, onde, por meio das provas, correspondentes aos seus delitos, se purifique e eleve.

Uma época tem que vir, a da regeneração humana, em que somente Espíritos bons deverão habitar o nosso mundo. Nessa época, os que, tendo até então aí encarnado, se conservarem culpados e rebeldes, estacionários na senda do progresso, serão afastados dele, "lançados fora". Irão reencarnar em mundos apropriados às suas condições morais, onde terão que permanecer, até que se lhes ache vencida a obstinação no mal e a cegueira voluntária.

De modo particular, as figuras do sal da Terra, da luz do mundo, da lâmpada que se não deve esconder, para que possa alumiar e esclarecer, se aplicam aos que se constituem propagadores de uma parcela da verdade divina, apóstolos de uma revelação vinda do Alto.

Como divulgá-la, como lhes cumpre, pela palavra e pelo exemplo, eles se constituem o sal que preserva da corrupção as almas, a luz que ilumina as consciências, a lâmpada cujo foco atrai os que anseiam por sair das trevas em que caíram. Assim, os espíritas são, no presente, ou devem ser, o sal da Terra, a luz do mundo, relativamente à revelação nova, como os apóstolos e os discípulos do Cristo o foram relativamente à que ele trouxe à Humanidade.

Dizendo que nada ficaria oculto, ou desconhecido, Jesus se referia às gerações futuras que, não se satisfazendo com a letra, haveriam de procurar o espírito e de compreender, encontrando-o, que Ele, o enviado de Deus, não viera opor barreira à inteligência humana, ou lhe traçar limites aos esforços; que, ao contrário, viera alargar-lhe os horizontes e patentear a estrada do verdadeiro progresso aos Espíritos progressistas.

Se falava por parábolas, símbolos e figuras, era porque as inteligências de então ainda não estavam bastante aptas a suportar, se fossem apresentadas sem véus, o peso das revelações que Ele trazia e que, por isso, velava daquele modo. Chegados, porém, que são os tempos, tudo tem que ser esclarecido e explicado, se bem que com as devidas cautelas, porqüanto, como bem dizia Moisés, quando recomendava ao povo de Israel que se não aproximasse muito da sarça ardente, o fogo que nos aquece também nos queima.

Esse fogo, que abrasava a sarça e que impedia ao povo hebreu o acesso ao monte onde ele supunha estar Moisés em comunicação direta com Deus, quando, como grande médium que era, recebia pela audição as leis constitutivas do Decálogo, esse fogo, que ardia, mas não consumia a sarça, como se lê em Êxodo (capítulo 3º, versículo 2)... e Moisés via que a sarça ardia sem se consumir , simboliza a purificação dos culpados por meio da expiação. É o mesmo fogo a que também se refere o Deuteronômio (capítulo 33º, versículo 2), quando diz:

"Na sua direita (do Senhor), vinha a lei do fogo".

Não se nos estranhe fazermos freqüentes citações da Bíblia, porqüanto o Velho Testamento é sem dúvida subsidiário do Novo. São enxertos, sim, mas

da mesma planta, na mesma haste, para continuação da mesma vida, O Monte Sinai só é visto distintamente, quando iluminado pelo sol do Evangelho, que, a seu turno, só pode ser bem compreendido, como desdobramento da lei que irradiou daquelas alturas — o Decálogo. Nesse código está a base de toda a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos deu a conhecer, sob o seu verdadeiro aspecto, o Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus Onipotente de que fala o Apocalipse (capítulo 4º, versículo 8).

Essa lei esteve sempre manifestada ao Espírito, enquanto este se conservou inocente, como saíra das mãos do Criador, sabendo que a obediência é a vida, que a desobediência é a morte. Ele desobedeceu, faliu, morreu. Teve que ser, encarnado, sepultado na terra da expiação e do resgate.

A lei, pois, proclamada no Sinai, em forma de estatuto, é aquela mesma lei, sempre una e imutável. Como, porém, o Sinai não tenha bastado para vencer a rebeldia do homem, preciso se tornou o Calvário. Na pessoa de Moisés, reviveu o Elias que se refugiara no monte Horeb, para fugir às perseguições de Josabel e que voltou ao mundo para ouvir os mandamentos do Senhor, no mesmo lugar onde foi promulgada a lei que vigora até hoje e irá, como o Senhor, “além da eternidade”, na frase do Êxodo (capítulo 15º, versículo 18); ou “até à eternidade e além dela”, como diz Miquéias (capítulo 4º, versículo 5), expressões que bem mostram devermos distinguir duas eternidades: uma, absoluta; relativa, a outra.

Nada, portanto, terá de ficar oculto. Chegamos ao tempo em que tudo tem que ser esclarecido, não, certamente, de modo completo, mas tanto quanto o exija e comporte o nosso adiantamento. Não esqueçamos, porém, que, principalmente, da pureza da nossa consciência é que depende a intensidade da luz que tudo nos clareará, por isso que dessa pureza é que depende o sermos bons Espíritos e, conseguintemente, assistidos, inspirados, protegidos e guiados no conhecimento da verdade, como o são os Espíritos bons.

Não desconheçamos que a Ciência é fonte de luz para o desenvolvimento da nossa inteligência, fator importante de progresso intelectual. Mas, aproximemo-nos cautelosos dessa fonte, porqüanto, com o ministrar o saber e o poder, a Ciência raras vezes deixa de inocular no espírito o veneno do orgulho, que é a perdição do homem.

Conjuguemos devidamente os dois elementos: moral e ciência, e teremos toda a luz de que necessitarmos e seremos luz do mundo e sal da Terra.

(25) Provérbios, 14º, 18. — JOÃO, 15º, 8. — PAULO, 1ª aos Coríntios, 14º, 25. — Apocalipse, 1º, 20.

19
MATEUS, 5º, 17 ao 19. — LUCAS, 16º 17. Jesus não veio destruir a lei, mas cumpri-la

MATEUS: capítulo 5º, versículo 17. Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas cumprir. — 18. Porque em Verdade vos digo que, enquanto o Céu e a Terra não passarem, nem um só jota, nem um só ápice da lei passarão, sem que tudo esteja cumprido. — 19. Assim, aquele que violar qualquer destes menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será chamado o menor no reino dos céus; ao passo que aquele que os guardar e ensinar será chamado grande no reino dos Céus.

LUCAS: capítulo 16º, versículo 17. Será mais fácil que o céu e a Terra passem do que cair um sinal qualquer da lei. (26)

Note-se que Jesus se referia à lei e não as adições feitas à lei, adições que consistem em preceitos e mandamentos humanos, em dogmas decretados pelos homens, como fruto de interpretações que alteraram e deturparam o sentido e a aplicação da lei.

Declarando que não viera destruir, mas cumprir, a lei e os profetas, Jesus ipso facto declarava que a sua doutrina era apenas a confirmação do Decálogo e das profecias formuladas para os séculos que se lhe seguiriam. Hoje, igualmente, o Consolador prometido mais não faz do que sustentar, confirmar e explicar aquela mesma lei, aquelas mesmas profecias. Assim, as revelações moisaica, messiânica e espírita são, fundamentalmente, uma só revelação. É sempre a mesma revelação ajustada sucessivamente às condições humanas, oferecendo gradualmente ao homem os meios de reparar suas faltas, ampliando-lhe o conhecimento da verdade, encaminhando-o para a unidade de crenças, para a fraternidade, para a caridade, como expressões de solidariedade, pela identidade da origem. Ë sempre, portanto, o amor universal a envolver cada vez mais intensamente as criaturas e a atraí-las para junto do trono altíssimo do Pai celestial.

O Espiritismo, conseguintemente (não o negue quem não o tenha examinado de perto), é a confirmação e a ampliação do Cristianismo, instituído por Jesus com sua palavra evangélica, que precisa ser bem compreendida e praticada em espírito e verdade. E o será, porque a lei tem que ser cumprida em todas as suas partes, necessária e fatalmente, Os que não a cumprirem retardarão seu próprio progresso e se condenarão ao sofrimento na erraticidade e em encarnações sucessivas, de acordo com o grau de culpabilidade em que hajam incorrido, Os que, ao contrário, a cumprirem, rápido progredirão e chegarão celeremente ao reino do céu, que é a perfeição.

(26) Salmos 101º, 26 e seguintes. — ISAÍAS, 40º, 8; 51º, 6. —PEDRO, 1ª Epístola, 1º, 25.

20
MATEUS, 5º, 20 ao 26. — LUCAS, 12º, 54 ao 59. Justiça abundante. — Palavra injuriosa. Reconciliação

MATEUS: capítulo 5º, versículo 20. Porque, eu vos digo que, se a vossa justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus. — 21. Aprendestes o que fora dito aos antigos: "Não matarás e quem quer que mate será condenado no juízo." — 22. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão será condenado no juízo; — que aquele que disser a seu Irmão: Raca, será condenado no conselho; e quem disser: és um insensato, será condenado ao fogo da geena. — 23. Se, pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu Irmão tem qualquer coisa contra ti, — 24, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem fazer a tua oblata. — 25. Põe-te o mais depressa possivel de acordo com o teu adversário. enquanto estás em caminho com ele, para não suceder que te entregue ao juiz, este ao ministro e que sejas metido na prisão. 26. Em verdade te digo que dai não sairás enquanto não houveres pago até o último ceitil.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 54. E ele dizia ao povo: Assim vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vem chuva e com efeito' chove. — 55. Quando sopra vento do Sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. — 56. Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? — 57. E por que, por vós mesmos, não reconheceis o que é justo? — 58. Quando houveres de comparecer com o teu adversário perante o magistrado, trata de te livrares dele durante a viagem, para evitares que te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao esbirro e que este te meta na prisão. — 59. Dai não sairás, eu te digo, enquanto não tiveres pago até o último ceitil. (27)

Em tudo e sempre, deve o homem esforçar-se por proceder com justiça, sem orgulho e sem hipocrisia, não por medo do castigo, mas por testemunhar amor, submissão e reconhecimento àquele que paternalmente lhe ensinou o caminho por onde a Ele se chega.

As expressões raca, juízo, conselho, fogo do inferno, tomadas à linguagem da época, acorde essa linguagem com os costumes e crenças próprias dos lugares por onde andava o divino Mestre pregando a sua doutrina, Ele as empregou simbolicamente, em sentido figurado. Deus julga a criatura pelos seus atos. Se não usarmos de brandura, de indulgência para com o nosso próximo, se o insultarmos, incorreremos na sanção punitiva das leis daquele que quer que todos os homens, pois que são seus filhos, se tratem como irmãos.

O conselho e a geena são emblemas do julgamento pelo tribunal da consciência e também do castigo a que esse tribunal condena o culpado.

A reconciliação com o irmão a quem tenhamos ofendido e a reparação do dano que lhe houvermos causado são, aos olhos do Senhor, ações mais meritórias do que toda e qualquer oferenda levada ao altar, ou, o que vem a ser o mesmo, do que todo e qualquer ato de culto exterior, ainda que não puramente material.

Devemos cuidar de harmonizar-nos com os nossos adversários, enquanto

estamos neste mundo, pois que, quando menos esperarmos, poderemos ser arrebatados pela morte e iremos sofrer as conseqüências das faltas que houvermos cometido contra os nossos irmãos, no inferno do remorso e do pesar de não termos sabido escutar e praticar os ensinos do Evangelho, que só àfelicidade eterna nos encaminham.

O homem precisa compreender que, se repelir o seu irmão, será repelido da bem-aventurança que a todos está destinada, até que se haja submetido ao mandamento supremo do duplo amor conjugado, a Deus e ao próximo. Tal o efeito inevitável da lei de justiça e de amor na obra da eterna e perfeita harmonia.

(27) Êxodo, 20º, 13. — Deuteronômio, 5º. 17. — Job, 42º, 8. Salmo, 31º, 6. Provérbios, 25º, 8. — ISAÍAS, 55º, 6. — PAULO Epístola aos Romanos, 9º, 31; 10º, 3.

21
LUCAS, 13º, 1 ao 5 Fazer penitência

LUCAS: capítulo 13º, versículo 1. Por esse mesmo tempo vieram dizer a Jesus o que sucedera a uns galileus cujo sangue Pilatos misturara com o do sacrifício que eles faziam. — 2. Jesus, em resposta, disse: Pensais acaso que esses galileus, por terem sido tratados assim, fossem os maiores pecadores da Galiléia? — 3. Declaro-vos que não, e que, se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo. 4. — Acreditais igualmente que os dezoito homens sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou tossem mais devedores do que todos os habitantes de Jerusalém? — 5. Declaro-vos que não, e que, se não fizerdes penitência, parecereis todos do mesmo modo.

Os judeus consideravam as calamidades, as dores morais e físicas como castigos que a cólera de Deus fazia cair sobre os que as experimentavam, os quais, por isso mesmo que sofriam, eram considerados culpados. Logicamente, os que nada sofriam eram tidos por inocentes. Jesus tratou de destruir essa crença errônea, mas sem entrar em explicações, que o levariam a falar das encarnações e reencarnações, como meio de expiação, reparação e progresso, o que fora inconveniente, por não estar ainda a Humanidade apta a receber essas explicações.

Acreditavam eles, os judeus, na volta do Espírito a uma nova existência terrena, mas unicamente com relação aos profetas, aos grandes enviados, qual Elias, por exemplo, que criam ter vindo depois como João, o Precursor.

Entretanto, no colóquio que teve com Nicodemos (João, capítulo 3º), Jesus afirmou, ainda que veladamente, a realidade da lei natural da reencarnação e essa lei mostra que somos culpados todos os que nos achamos neste planeta, que todos a ele viemos para expiar e reparar não só as faltas de que temos consciência, como as de que nos não lembramos, cometidas em outras existências. Todos, portanto, temos que fazer penitência, se não quisermos agravar as nossas culpas e tornar-nos passíveis de maiores “castigos”. Mas, que vem a ser penitência? Pode ela dispensar a expiação e a reparação?

A lei das encarnações e reencarnações, cuja realidade, conforme acima dissemos, as palavras de Jesus a Nicodemos atestaram, nos dá solução satisfatória para muitos problemas, que permanecem insolúveis ante os ensinos do Catolicismo, por isso que este, em presença de qualquer dificuldade, logo apela para o dogma e para o milagre, em suma, para o sobrenatural. Assim, por exemplo, a desigualdade das condições sociais, que, segundo aquela lei, se explica com lógica e justiça, ele, nenhuma explicação podendo oferecer, a atribui ora ao pecado original, ora às faltas dos pais, sem atentar em que de tal modo nega um dos atributos de Deus — a justiça perfeita e misericordiosa — e em que os absurdos impostos com a autoridade, de que se presume revestido, a outro resultado não conduzem senão a aumentar a descrença, a matar a fé nas almas que, atribuladas, buscam conforto e esperança.

Pois que não há efeito sem causa, alguma ou algumas forçosamente existem para aquela desigualdade, bem como para as dores e sofrimentos de que é pródiga a vida terrena. A lei das encarnações e reencarnações, apresentando-nos essa vida como a continuação de outra precedentemente vivida, esta como a seqüência de uma anterior e assim por diante, nos aponta,

nas culpas, nos erros e nos crimes praticados nas pretéritas existências corpóreas, as causas das vicissitudes em que se nos transcorre a atual. Demonstra-nos ela, assim, que as nossas vidas sucessivaS no mundo são solidárias entre si.

A penitência, que Jesus aconselhou, não consiste, como se entendeu outrora, na reclusão em claustros, nos cilícios e outras tribulações materiais, quais as a que se submeteu uma Teresa de Jesus, aliás com o desprezo altamente meritório das glórias e grandezas do mundo.

A penitência a que aludia o divino Mestre é a que constitui meio de tornarmos cada vez menos ásperas, dificultosas e tormentosas as nossas existências na Terra, e de passarmos, afinal, a habitar mundos mais elevados, até chegarmos à condição de já não termos que ser habitantes de mundos quaisquer. Ela, pois, consiste no arrependimento sincero, profundo, e no propósito firme em que a criatura se coloca de não tornar a cometer as faltas que a arrastaram à mísera condição humana e, ainda, no esforço decidido pelas apagar de todo, a fim de que a lembrança delas não continue a acicatar a consciência. Assim entendida, a penitência dá lugar ao perdão divino.

Mas, por isso mesmo que pelo esforço, conseqüente ao arrependimento, por não reincidir nas faltas praticadas, é que a lembrança destas se dilui, deixando de atormentar a consciência, claro é que o arrependimento e, portanto, a penitência, não basta para o apagamento das culpas que o determinaram. E bastará, para esse efeito, o perdão, que decorre do arrependimento ou penitência? Também não porque, nesse caso, todo aquele esforço se tornaria desnecessário à criatura, uma vez que se houvesse arrependido. Se a tal resultado conduzisse, o perdão de Deus comprometeria o conceito de perfeição absoluta, inerente à sua justiça.

Qual então o efeito do perdão concedido ao pecador? Facultar-lhe os meios de resgate e reparação das faltas de que se acha arrependido, dar-lhe, de par com a iluminação interior, a fim de que bem compreenda seus deveres de filho de Deus, caridosa assistência espiritual aos esforços que faça por avançar, mediante aquele resgate e aquela reparação, na via do progresso, que o conduzirá, de mérito em mérito, aos olhos do Senhor, à perfeição e, pois, à felicidade perene para que foi criado.

Desde que o arrependimento não sofra intermitências e que por ele o Espírito se conserve voltado de contínuo para o seu Criador, o perdão, que em conseqüência lhe é outorgado, o coloca sob o influxo constante do amor sem limites do Pai celestial, das graças e misericórdias de que são transmissores os seus mensageiros, de sorte que fácil se lhe torna cada vez mais a realização de seus destinos.

O Espírito penitente absorve-se todo na oração e na vigilância que Jesus recomendava e que formam um como antemural às ondas de paixões que nos lançam no abismo do infortúnio.

Compreendidos assim, em espírito e verdade, o que vem a ser penitência e o perdão que dela decorre, também facilmente se compreende em que consistem os efeitos, a que chamamos “prêmio”, do bem que a criatura fez, e os que denominamos “castigo”, do mal que pratica. (28) Aqueles se traduzem na paz de espírito, na serenidade da consciência, na satisfação íntima que toda ação boa ocasiona e no progresso moral a que dá sempre lugar. Os outros se expressam pelo desassossego, pelo sofrimento, pelo remorso, pelas angústias e aflições e, muitas vezes, pelo desespero.

Aos efeitos do mal praticado, ou, seja, ao “castigo”, o Espírito culpado se forra pelo perdão, obtido mediante a penitência, mas que, como acima dissemos, não o forra à expiação, ao resgate, à provação e à reparação.

Temos assim que, à falta, se sobrevém o arrependimento, se segue o perdão e, a este, o resgate, depois a provação, que representa a contraprova da firmeza dos propósitos de regeneração, e, finalmente, a reparação, que testifica a conversão definitiva ao bem, através de tantas encarnações sucessivas, quantas forem necessárias.

Não é de fácil inteligência, bem o reconhecemos, este ponto, um dos mais transcendentes da Doutrina Cristã, compreendida à luz dos ensinos dados ao mundo pelo Paracleto, ou Consolador prometido pelo divino Mestre. Por isso mesmo, insistimos nele, repetindo o que nos disse o nosso bom Guia e Mestre: Expiação, provação, reparação, palavras são estas que exprimem idéias completamente distintas. A expiação é a primeira conseqüência da falta ou crime praticado, mediante a qual a consciência do criminoso acaba por despertar para o arrependimento; este o conduz a buscar a provação, com que efetua, conscientemente, o resgate da sua dívida, ao mesmo tempo que demonstra ser decisiva a sua resolução de emendar-se. Vem, finalmente, a reparação, pela qual, como a própria palavra o indica, ele repara o mal que haja feito, praticando todo o bem que lhe seja possível e atestando desse modo haver tomado o caminho da regeneração. Como é fácil de perceber-se, o sofrimento, sob modalidades diversas, constitui a característica dessas três fases da depuração espiritual.

Ele é sempre o cadinho desta. Assim se cumpre a justiça indefectível, mas misericordiosa, de Deus.

A obsessão, como qualquer outro sofrimento, nem sempre é uma expiação, representativa do que chamamos “castigo”. Pode já ser uma prova. Diante das explicações que deixamos dadas, desacertado é ver-se em todos os sofrimentos humanos um castigo, uma punição. Em muitos casos, eles são uma provação confirmativa do arrependimento. Sendo o perdão conseqüência natural do arrependimento, onde este exista verdadeiro, sincero, profundo, já não há lugar para o que vulgarmente se considera castigo, ou punição.

Perdoado, em virtude da sinceridade do seu arrependimento, que implica a lealdade dos seus propósitos e promessas de regeneração, o próprio Espírito é que se submete espontaneamente às provações ou provas que lhe ratificarão o arrependimento e o mostrarão digno do perdão recebido de seu Deus. Muitos exemplos corroboram estas nossas asserções.

Assim, tendo Moisés, ao tempo em que fora Elias, mandado matar grande número de sacerdotes, contrários à doutrina que ele pregava, como se vê em Reis, capítulo 3º versículo 18, quando voltou à Terra e foi João Batista, o Precursor, o maior dentre os varões nascidos de mulher, convidou todos os seus companheiros de outrora, espíritos também elevados, a virem ao mundo celebrar com assinalado sacrifício o advento do Salvador, oferecendo suas cabeças ao cutelo de Herodes. E ele, por seu lado, veio completar, no mesmo meio terrestre, a obra de purificação do seu Espírito, entregando igualmente a sua, mais tarde, ao mesmo déspota, como haviam feito os protagonistas da “degolação dos inocentes”.

Como se depreende desse caso, que é bem de prova e reparação, o Espírito, tendo-se elevado pelo arrependimento e adquirido, pela sinceridade e amplitude deste, as virtudes da submissão, da humildade e da fé, como que

insensibiliza a matéria, para o sacrifício reparador a que se submete e faz, com o sorriso da alegria que lhe causa a certeza da sua redenção, o que o impenitente faz com o desespero nalma e raivoso ranger de dentes.

Agora, compare-se, na sua razão de ser e nos seus efeitos lógicos, porque conformes com a justiça divina, a penitência, ou arrependimento, ensinada, aconselhada e recomendada pelo divino Mestre, à penitência feita sacramento pela Igreja Romana, que lhe condicionou o perdão divino; pondere-se que este, segundo ela, não existe, com eficiência para a salvação do pecador, senão depois que o padre diga — eu te absolvo, e não haverá como deixar de reconhecer-se quão divorciada do vero Cristianismo se acha essa Igreja e até que ponto as elucubrações teológicas dos santos padres, nos concílios, desfiguraram e adulteraram a doutrina simples e pura do meigo Nazareno. E que nesses concílios a preocupação avassaladora da mentalidade dos mesmos santos padres era a de estabelecer e firmar, como suprema, a autoridade que se atribuíam, a fim de chegarem à dominação material que ambicionavam. Daí o transformarem em algemas de escravidão os ensinos de libertação espiritual, ou, seja, de salvação, que trouxe ao mundo o manso Cordeiro de Deus.

(28) Assim nos exprimimos porque, em realidade, não há prêmio, nem castigo, na acepção humana e vulgar destes termos. Deus a ninguém premia, nem castiga, porqüanto, na lei universal de causa e efeito, vigente em todos os planos da criação Infinita, estão, reguladas, com absoluta justiça, todas as sanções, a se efetivarem em conseqüências naturais, para todos os atos, praticados ou simplesmente pensados, de todos os seres dotados de Inteligência e razão, portanto de todos os Espíritos. A idéia de prêmios e castigos, com o significado comum que damos a essas palavras, é simples resultado da concepção de uma divindade mais ou menos humanizada.

22
LUCAS, 13º, 6 ao 9. Parábola da figueira estéril

LUCAS: capítulo 13º, versículo 6. Disse-lhes também esta parábola: Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha, e, vindo colher-lhe os frutos, nenhum achou. — 7. Disse então ao seu vinhateiro: há já três anos que venho buscar os frutos dessa figueira e não acho nenhum; corta-a; por que há de estar ela ocupando a terra? — 8. O vinhateiro respondeu: Senhor, deixa-a mais este ano, a fim de que eu lavre a terra em torno dela e lhe ponha estrume. — 9. Depois, se der fruto, muito bem; se não, cortá-la-às. (29)

Facilmente se apreende o sentido desta parábola, com a qual, sobretudo, o que Jesus teve em mira foi pôr em evidência a longanimidade do Senhor e a assistência caridosa e devotada que incansavelmente nos dispensam os Espíritos prepostos à nossa guarda e progresso.

Assim, segundo a parábola, aquele que se mostra rebelde às inspirações do seu anjo de guarda, ingrato à sua dedicação, indiferente ao auxílio que lhe presta, insensível a todos os benefícios que recebe; aquele que se obstina em viver contrariamente aos ditames da moral, sem dar, pelas provas por que passa, os frutos que devia produzir, é como a figueira que, apesar de todos os cuidados do agricultor, do auxílio que lhe dispensa, do adubo que lhe põe, permanece estéril, sem frutificar. Tem que ser cortada e retirada do campo onde fora plantada, pois que a sua permanência ali acabaria por prejudicar as outras plantas.

Contudo, o agricultor, benévolo, paciente e desejoso sempre de vê-la produzir, não a corta logo; contenta-se em podá-la, na esperança de que, fortalecida assim a seiva que ainda lhe dá vida e que se acha como que adormecida, ela venha a se cobrir de frutos. Poda-a, pois, revolve-lhe a terra em derredor, chega-lhe em abundância estrume novo e espera.

Verificando, por fim, que nada obteve, que estéril como era a árvore se conserva, manda cortá-la e lançá-la ao fogo, para que não continue a ocupar, junto das que abundantemente produzem, um lugar que pode ser ocupada por outra também produtiva.

É o que faz conosco o Senhor. Ele nos faculta todos os recursos e meios de levarmos a efeito a nossa salvação, ou redenção, tendo chegado a enviar-nos o seu Filho bem-amado, para nos mostrar, palmilhando-o até ao cume do Gólgota, Ele que nada tinha de que se remir, o caminho que à redenção conduz. Como isso, entretanto, ainda não tenha bastado, faz que do céu caiam as estrelas, se abalem as virtudes, a trazer-nos, com seus conselhos e ensinamentos, sublimes exemplos de humildade, caridade e devotamento. E não é tudo: para que amplamente aproveitemos desses exemplos e ensinos, concede-nos, através de tantas reencarnações quantas sejam necessárias, o tempo preciso, colocando-nos, em cada uma, na posição mais conveniente à expiação das nossas faltas, à reparação do mal que tenhamos praticado e, conseguintemente, à produção dos frutos, que devemos dar, de progresso, representados pelas virtudes de que cumpre exornemos nossas almas.

Se, porém, apesar de tudo isso, perseveramos na prática do mal, temos que ser apartados da companhia daqueles que progridem, regenerando-se, para sermos lançados no fogo das torturas morais proporcionadas ao nossos delitos e crimes e das encarnações em mundos onde mais acerbos são os

sofrimentos, até que, despertada a nossa consciência — a seiva espiritual que nos alimenta o ser — nos disponhamos à purificação dos nossos sentimentos, tornando-nos, desse modo, dignos de receber, como co-herdeiros que somos, a parte que nos caiba da herança que Ele, o Pai celestial, instituiu para todos os seus filhos, sem exceção.

(29) ISAÍAS, 5º, 2. — MATEUS, 21º, 19.

23
LUCAS, 13º, 10 ao 13. Mulher doente, curvada

LUCAS: capítulo 13º, versículo 10. Certo sábado em que Jesus ensinava numa das sinagogas deles, — 11, veio aí ter uma mulher possessa de um espírito de enfermidade que a tornara doente, havia dezoito anos. Tão curvada era que absolutamente não podia olhar para cima. — 12. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, estás livre da tua doença." — 13. E, Impondo-lhe as mãos, ela se endireitou no mesmo Instante e rendeu graças a Deus.

Os judeus atribuíam a satanás, isto é, aos Espíritos, tudo o que não podiam compreender, nem explicar. Daí o empregarem muitas vezes o termo — "possessão" — referindo-se a casos que eram apenas de — doente.

O de que falam os versículos acima era um destes, de simples doença. Verifica-se isso, notando-se o seguinte: ao passo que o Evangelista, de acordo com o modo de ver de então e usando da linguagem então corrente, diz que a mulher estava possessa de um "espírito de enfermidade" — spiritum infirmitatis — Jesus, quando se lhe dirige, apenas diz: Mulher, estás livre da tua enfermidade — "ab infiírmitate tua". Entretanto, quando o caso era de possessão, isto é, de obsessão, de subjugação, Ele intimava o Espírito obsessor a que se afastasse.

Aquela mulher sofria de um amolecimento da medula espinhal e, como conseqüência, de enfraquecimento da coluna vertebral, pelo que não podia levantar o busto.

A cura se operou por efeito da aplicação, que Jesus lhe fez, mediante uma ação espírito-magnética, ou de magnetismo espiritual, de fluídos apropriados a restituir ao órgão enfraquecido a força de que carecia.

A natureza desses fluídos, bem como suas propriedades atuantes nos são desconhecidas e ainda não estamos em condições de os poder conhecer. Pelos efeitos, porém, que conhecemos e que, de boa-fé, são incontestáveis, do "magnetismo humano", podemos até certo ponto imaginar quais os que produzirá o "magnetismo espiritual", quando aplicado por um Espírito de sublimada pureza e, portanto, de inexcedível poder, como o de Jesus.

Aliás, dos efeitos da aplicação desse magnetismo (espiritual), em toda a sua amplitude, já podemos fazer idéia mais ou menos aproximada, sem recorrermos à comparação com os que resultam da do magnetismo humano, somente observando o que se passa nas sessões espíritas bem orientadas, onde os nossos guias, embora se nos conservem invisíveis, secundam por essa forma a nossa ação, desde que objetivamos dar alívio a um irmão nosso e que para eles apelamos pela prece feita com fervor e fé.

Vê-se assim que nos corre o dever de estudar e praticar com ardor, desinteresse e perseverança essa ciência celeste, que o Senhor nos confiou, precioso tesouro que nos facultará fazer obras análogas às que Ele fez, o que lograremos com o tempo, a continuidade do esforço, o desprendimento da matéria e a assistência dos nossos guias e, em geral, dos espíritos de eleição.

Acrescentemos que o fato evangélico que apreciamos encerra um outro ensinamento da maior importância, sobre o qual muito devemos meditar, para o aproveitarmos bem, de modo a corrigirmos uma tendência que se vai prejudicialmente generalizando. Essa tendência é a de atribuir-se toda e qualquer doença a uma atuação de Espíritos e o ensino consiste em que

devemos examinar cuidadosamente cada caso que se nos apresente, a fim de não confundirmos os que sejam de simples enfermidade com os em que os sofrimentos decorrem, principalmente, da ação de espíritos malfazejos, por índole, ou por inconsciência.

24
LUCAS, 13º, 14 ao 17. O dia de sábado. — Culto do sábado

LUCAS: capítulo 13º, versículo 14. O chefe da sinagoga, indignado por haver Jesus feito uma cura em dia de sábado, tomou a palavra e disse ao povo: “Há seis dias destinados ao trabalho vinde num desses dias para serdes curados e não nos de sábado.” — 15. O Senhor, respondendo, disse-lhe: “Hipócritas, qual de vós deixa de soltar o seu boi ou o seu jumento em dia de sábado, de o tirar do estábulo para lhe dar de beber? — 16. Por que então não se devia libertar em dia de sábado esta filha de Abraão dos laços com que satanás a teve presa durante dezoito anos?” - 17. Ouvindo-lhe estas palavras, seus adversários ficaram envergonhados e todo o povo se regozijava de o ver praticar gloriosamente tantas coisas. (30)

O sábado, Moisés o instituiu como meio de refrear a avareza, a cobiça, a ambição e a desumanidade dos senhores de escravos e de animais, que lhes não permitiam descansar das fadigas do trabalho cotidiano.

“O sábado foi feito em contemplação do homem e não o homem em contemplação do sábado”, como diz Marcos (capítulo 2º, versículo 27). Sua instituição representava uma medida útil, pois que destinada a proteger o corpo do esgotamento resultante do excesso de trabalho. Com esse único objetivo, é claro que de nenhum modo criava embaraço ou inibia a prática do bem.

Como, pois, se poderia pretender defesa a de uma ação benfazeja, qual a de livrar um obsidiado das garras do seu obsessor, ou, como disse Jesus, libertar dos laços de satanás uma filha de Abraão?

Note-se, porém, que o divino Mestre usou dessas expressões, não porque se tratasse de um caso de possessão, ou subjugação, por parte do espírito das trevas, mas, pois que assim o supunham todos, para que o seu ato fosse mais facilmente aceito, visto que, conforme ficou explicado na lição precedente, o caso era de moléstia, de enfermidade.

(30) Êxodo, 20º, 9, 10. — Levítico, 23º, 3. — EZEQUIEL. 20º, 12.

25
MATEUS, 5º, 27 ao 30. Adultério no coração. Extirpação de todos os maus pensamentos

MATEUS: capítulo 5º, versículo 27. Aprendeste que aos antigos fora dito: Não cometerás adultério. — 28. E eu te digo que quem quer que olhe para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu adultério no seu coração. 29. Se o teu olho direito te for motivo de escândalo — arranca-o e atira-o longe de ti, porqüanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ser todo este lançado na geena. — 30. Se a tua mão direita te for motivo de escândalo — corta-a e atira-a longe de ti, porqüanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ir todo este para a geena.

São simbólicas as palavras de Jesus, constantes nestes versículos. Devemos, pois, procurar-lhes o verdadeiro sentido. Elas têm, primeiramente, uma acepção de ordem geral, porqüanto visam fazer compreensível que os homens devem abster-se de toda má palavra, de toda ação má e de todos os maus pensamentos.

Quanto ao dizer que devem ser arrancado o olho e cortada a mão que se tornem causa de escândalo, bem se vê que também nesse ponto usou Ele de uma linguagem figurada, composta de imagens materiais, como convinha aos Espíritos daquela época. Falando a criaturas materiais, só por meio de tais imagens podia impressioná-las fortemente.

O ensino moral, que delas decorre, é que não basta nos abstenhamos do mal; que precisamos praticar o bem e que, para isso, mister se faz destruamos em nós tudo o que possa ser causa de obrarmos mal, seja por atos, seja por palavras, seja por pensamentos, sem atendermos ao sacrifício que porventura nos custe a purificação dos nossos sentimentos.

Não se estranhe o dizermos que podemos obrar mal pelo pensamento. Embora ela não exista perante os homens, porque estes não percebem o que se passa no íntimo do Espírito, incorre em falta, aos do Senhor, tanto quanto se praticasse uma ação má, aquele que formula um mau pensamento, porque. o Senhor, que lê o íntimo dos seres, vê a mácula que na alma produz um pensamento mau e toda mácula significa que a criatura se afastou do seu Criador.

Daí vem o ser a concupiscência, no dizer de Jesus, equiparada ao adultério. Para Deus, o Espírito, em quem ela se manifestou, cometeu falta Idêntica à em que teria caído, se houvera consumado o adultério, mesmo porque, as mais das vezes, só uma dificuldade material qualquer impede que o pensamento concupiscente se transforme em ato.

26
MATEUS, 5º, 31 ao 37. — LUCAS, 6º, 18. Casamento. — Juramento

MATEUS: capítulo 5º, versículo 31. — Também fora dito: Quem abandonar sua mulher dê-lhe carta de repúdio. — 32. Eu, porém, vos digo que quem repudiar sua mulher, a não ser por causa de adultério, a torna adúltera; e aquele que tomar a mulher repudiada por outro comete adultério. — 33. Ouvistes ainda que aos antigos fora dito: Não jurarás falso; mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. — 34. Eu vos digo que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; — 35, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei. — 36. Não jureis tampouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou preto um só de seus cabelos. — 37. Limitai-vos a dizer: sim, sim; não, não; pois o que passar disto procede do mal

LUCAS: capítulo 6º, versículo 18. Quem quer que deixe sua mulher e tome outra comete adultério; e quem quer que despose a que o marido abandonou comete adultério.

Relativamente ao divórcio, o objetivo imediato do ensino de Jesus foi impedir se multiplicasse o número de mulheres repudiadas sob os mais fúteis pretextos, como era de costume entre os judeus, mediante a carta de divórcio que Moisés permitira.

Nem foi com objetivo diverso que, doutra feita, apoiando-se na letra da Gênese, se referiu figuradamente, à criação inicial de um homem e de uma mulher, para origem da Humanidade, a fim de concluir recomendando não se separasse o que Deus unira.

De fato, o homem não deve equiparar-se ao bruto, tendo a mulher apenas como meio de satisfazer ele aos seus apetites materiais, ao instinto da procriação. Cumpre-lhe, ao contrário, considerá-la o que ela realmente é —um Espírito criado como o dele, a este em tudo semelhante e posto na Terra, pela encarnação, para também expiar e resgatar faltas, depurar-se, progredir, suportando, do mesmo modo que ele, os trabalhos e, como ele, gozando das alegrias que lhe proporcione a vida humana.

As causas ou motivos das separações conjugais, que ainda hoje se dão, como outrora, são frutos da nossa defeituosíssima civilização, que faz da união matrimonial do homem e da mulher um comércio, um objeto de negócio, união que, entretanto, deverá ser a de Espíritos afins, simpáticos e que, por efeito dessa simpatia e dessa afinidade, se buscassem para juntos passarem as provas da existência corpórea, tirando dessa circunstância um grande motivo de felicidade, que bastante atenuaria aquelas mesmas provas.

Quando as criaturas humanas houverem dominado seus maus instintos, quando a Humanidade se compuser de Espíritos que já tenham atingido um certo grau de purificação, o homem, compreendendo o verdadeiro objetivo da vida terrena, saberá santificar de fato a união conjugal e, então, não pensará mais em divórcio, mesmo porque para este já nenhum cabimento haverá.

Como o assunto de que estamos tratando terá que ser versado novamente, quando estudarmos os versículos de 1 à 9 do capitulo 9º do Evangelho de MATEUS e os versículos de 1 à 12 do capítulo 10º do de MARCOS, por agora

não nos estenderemos sobre ele.

Quanto ao juramento, o que Jesus teve em mira com o que disse a respeito foi coibir o abuso que das juras faziam os judeus. Aquele que traz puro o coração nenhuma necessidade tem de jurar, porqüanto, jamais faltando à verdade, nunca a sua palavra poderá ser posta em dúvida. E, se alguém houver que dela duvide, nenhum juramento será capaz de fazer que esse deixe de duvidar, porque para a iniquidade nenhuma prova há de retidão.

O juramento já existia, - como se vê das próprias palavras do Salvador, e continuou a existir, como um freio que a legislação humana pôs à insinceridade dos homens, à sua propensão para a mentira, por efeito da inferioridade espiritual que, em geral, os caracteriza.

Qual seja, porém, o valor desse freio todos hoje o sabem. Dentre nós, já foi oficialmente banido e, quando imperar na Terra o Espiritismo, ele desaparecerá completamente. Todos se limitarão a dizer — sim, ou não, conforme há perto de dois mil anos Nosso Senhor Jesus Cristo recomendava aos que estavam aptos a lhe guardar as palavras e decididos a caminhar pelas sendas do Senhor.

27
MATEUS, 5º, 38 ao 42. — LUCAS, 6º, 29 ao 30
Paciência. — Abnegação, caridade moral e material

MATEUS: capítulo 5º, versículo 38. Sabeis que fora dito: olho por olho e dente por dente. — 39. Eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao que vos queira fazer mal; que, ao contrário, se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis a outra; — 40, e, àquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa. 41. E se algum vos forçar a caminhar mil passos, caminhai com ele mais dois mil. — 42. Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 29. Se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra; se alguém te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. — 30. Dá a todo o que pedir e ao que te tomar os teus bens não os reclames. (31)

Claro se torna o sentido destas palavras de Jesus, desde que procuremos compreendê-las, como devem ser compreendidas, segundo o Espírito, que não segundo a letra. Considerem-se, antes de tudo, a época em que Ele desceu à Terra e as condições morais dos homens a quem falava. Considere-se igualmente o fim superior que tinha a sua missão, toda de abnegação, devotamento, caridade e amor, fim que era lançar, como lançou, pelos seus ensinos e exemplos, sementes da verdade, destinadas a germinar desde logo e a frutificar cada vez mais pelos séculos em fora.

Os preceitos da lei antiga eram de molde a infundir terror, como convinha a homens de naturezas violentas, que só pelo terror podiam ser dominados, que ainda se achavam incapacitados para obedecer a uma lei toda mansidão e doçura. Para que os direitos fossem reciprocamente respeitados, mister se fazia que cada um estivesse convencido de que sofreria, como castigo, mal idêntico, senão maior do que o que houvesse feito ao seu irmão.

A lei trazida ao mundo pelo Cristo, ao contrário, sobrepõe a tudo, em todos os casos, o amor, a abnegação, a renúncia de si mesmo, sentimentos esses que devem animar o homem, não só para com os que lhe são caros e amigos, como para com os seus inimigos. Nisto se resume tudo.

“Sabeis que fora dito: olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não oponhais resistência. ao que vos queira fazer mal.” Querem estas últimas palavras dizer:

Ponde de lado o orgulho e humilhai-vos; não façais justiça pelas vossas mãos; deixai que as leis divinas sigam o seu curso; limitai-vos a usar da caridade, do amor, da benevolência, a fim de que, pelo vosso exemplo, seja reconduzido o vosso irmão ao bom caminho, do qual se transviou. Fazei não somente a esmola da bolsa, mas também a do coração e da inteligência.

Compreende-se que, para os homens endurecidos daquela época, Jesus se visse na necessidade de formular esses exemplos de amor, por assim dizer, excessivo, de extremada abnegação. Era para, por pouco que deles obtivesse, predispô-los a enveredar pelo caminho do bem, ao longo do qual iriam gradualmente adquirindo os sentimentos capazes de lhes expungir os corações do ódio, da cobiça e da inveja que os dominavam.

Quanto a nós, se não nos achamos em condições de observar escrupulosamente esses preceitos evangélicos, como sucedeu mesmo a Moisés e aos profetas de Israel, nos remotos tempos em que viveram, nem por isso devemos deixar de estar atentos- ao advento da era predita para começo de uma nova fase de evolução moral, a iniciar-se com a Nova Revelação, cujos efeitos veremos e. acompanharemos, para eles concorrendo, encarnados ou desencarnados, a fim de que se cumpram as palavras de Jesus.

Depois de passarem os Espíritos pelo cadinho depurador das reencarnações, esclarecidos pela revelação espírita, apartados os obstinados no mal, tornado o planeta terreno morada exclusiva dos bons, em conseqüência da evolução moral, lenta, mas progressiva sempre, que acarretará a transformação física, também lenta, mas sempre progressiva, os homens chegarão a uma época em que, para julgamento de seus atos, em face dos preceitos evangélicos, um só tribunal haverá — o da própria consciência, guarda das leis de Deus, o nosso Criador, o nosso Juiz supremo e nosso Pai de misericórdia infinita.

Bem longe ainda nos achamos desses tempos ditosos em que, iluminados pela 'verdade e praticando o amor, caminharemos sempre sob as vistas do Pai celestial. Entretanto, já podemos atestar a realidade daquela transformação, pois que, embora lenta, a transição que a precederá já se vai fazendo patente na mudança dos costumes, na melhoria das índoles e até mesmo na modificação dos animais ferozes, que mais facilmente se vão sujeitando ao jugo do homem.

Quanto à lei de talião, a ciência espírita nos mostra que o olho por olho, dente por dente, do Velho Testamento, é uma realidade para todos os tempos, desde que, de sob o simbolismo dessa linguagem, extraiamos o sentido verdadeiro da sentença que ela exprime. Mediante as reencarnações sucessivas e os sofrimentos inerentes a cada uma delas, os Espíritos falidos vão sofrendo, para sua purificação e progresso, tudo o que fizeram sofrer aos outros, ainda que não tenham, durante a vida corpórea, lembrança dos seus delitos.

(31) Êxodo, 21º, 24. — Levítico, 24º, 20 — Deuteronômio, 19º, 21. — Provérbios, 20º, 22. — ISAÍAS, 50º, 6. — Lamentações, 3º, 30. — 1ª Epístola aos Coríntios, 6º, 7. — 1ª Epístola à Pedro, 2º, 12. — Epístola aos Romanos, 12º, 17.

28
MATEUS, 5º, 43 ao 48. — LUCAS, 6º, 27 ao 28 e 32 ao 36. Amar os inimigos. — Amor e caridade para com todos. — Via da perfeição

MATEUS: capítulo 5º, versículo 43. Tendes ouvido que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. — 44. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, — 45, a fim de serdes filhos de vosso Pai — que está nos céus — que faz nascer o Sol sobre os maus e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. — 46. Por que, se só amardes os que vos amam que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos? — 47. Se somente saudardes os vossos irmãos, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem o mesmo os gentios? — 48. Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celestial.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 27. Mas, digo eu a todos vós que me escutais: amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; — 28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos caluniam.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 32. Se não amardes senão os que vos amam, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também amam os que os amam? — 33. Se só fizerdes o bem aos que bem vos fazem, que mérito tereis, uma vez que os pecadores procedem do mesmo modo? — 34. Se só emprestardes aqueles de quem esperais receber, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também emprestam a pecadores, contando receber outro tanto? — 35. Amai, portanto, os vossos inimigos; fazei bem a todos e emprestai sem esperar pagamento. Vossa recompensa então será muito grande e sereis filhos do Altíssimo, que é benevolente para com os ingratos e os maus. — 36. Sede, pois, misericordiosos como vosso Pai é misericordioso. (32)

Obedeçamos à lei do amor, em tudo e para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos: tal o ensino de Jesus, constante nesses trechos evangélicos, que assim se conjugam com aqueles outros que referem haver o mesmo Jesus dito — Sede perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito, isto é, cultivai e praticai com sinceridade todas as virtudes que vos são ensinadas e exemplificadas, a fim de que vos aproximeis daquele que é a perfeição absoluta.

Para o conseguirmos, temos hoje o Espiritismo, a revelação nova, a revelação da revelação, novo transbordamento da bondade de Deus para com os homens, como luz brilhante que nos guiará os passos, rumo ao seio infinito do Pai, dando-nos a compreensão nítida das palavras evangélicas e facultando-nos, em conseqüência, atingir a meta que nos é proposta.

A jornada é longa e áspero e semeado de perigos e dificuldades o caminho, mas o porto de chegada é prodigioso de venturas e esplendores. Avante, pois!

(32) Levítico, 19º, 1. — Deuteronômio, 23º, 6. — Epístola aos Romanos. 12º, 14 e 20. — Atos. 7º, 59. — Provérbios, 25º, 21.

29
MATEUS, 6º, 1 ao 4. Humildade e desinteresse. — Segredo na prática das boas obras

MATEUS: capítulo 6, versículo 1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens para que vos vejam; do contrário, recompensa não recebereis do vosso Pai que está nos céus. — 2. Quando, pois, derdes a esmola, não mandeis tocar trombetas à vossa frente, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas praças públicas para serem honrados pelos outros homens. Em verdade vos digo: esses já receberam a sua recompensa. — 3. Quando derdes a esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita, — 4, a fim de que a esmola fique secreta; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

É certo que nem sempre a nossa consciência, dadas as condições do meio em que nos encontramos encarnados, nos pode indicar a causa determinante do nosso procedimento, ou os impulsos a que obedecemos na prática dos nossos atos. Entretanto, assim como, até certo ponto, nos é possível estudar as causas da enfermidade de que padeçamos, pelos medicamentos que nos aconselha o nosso médico, também podemos descobrir as das nossas enfermidades morais, pelo remédio espiritual que nos aconselham os nossos maiores, repetindo o conselho daquele que foi, é e será sempre o médico supremo, não só dos corpos, mas principalmente das almas. Procedendo, então, a esse estudo, reconheceremos que a carência de humildade em nossos corações constitui, as mais das vezes, a causa principal, mais ou menos oculta, das nossas faltas, dos nossos erros, dos nossos pecados.

Não é, certamente, por outra razão que, nos Evangelhos, a cada passo, quase que em todas as suas páginas, se nos deparam tantos e tão sublimados ensinamentos e exemplos de humildade. Não é, igualmente, por outro motivo que os nossos anjos de guarda, os nossos guias, tão de contínuo e com tanta insistência nos recomendam que sejamos humildes.

Pois bem, do trecho que estamos apreciando, o que sobretudo decorre é ainda uma esplêndida lição de humildade. Somente possuindo essa virtude celeste, de que, como de todas as outras, foi modelo excelso Nosso Senhor Jesus Cristo, é que seremos capazes de praticar unicamente boas obras, com o cunho da abnegação, do desinteresse, da sinceridade, do sigilo, do devotamento, do amor, em suma, ensinados também nos versículos que estudamos. Somente a posse daquela virtude fundamental nos capacitará para a prática da caridade material e moral, pondo em jogo todas as aptidões da inteligência e todas as delicadezas do coração.

À caridade assim praticada, sob o duplo aspecto que comporta, é que se referia o divino Mestre, como facilmente verificaremos, se procurarmos interpretar-lhe, em espírito e verdade, as palavras, quando, conforme ao texto acima, empregava o termo esmola que, entre nós, tem um sentido que abate e humilha.

30
MATEUS, 6º, 5 ao 15. — LUCAS, 11º, 1 ao 4. Prece. — O Pai Nosso

MATEUS: capítulo 6º, versículo 5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé, nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. — 6. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso aposento e, fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. — 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. — 8. Não vos assemelheis a eles, porqüanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. — 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; — 10, venha a nós o teu reino; — faça-se a tua vontade tanto na Terra como no céu; — 11, dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; — 12, perdoa as nossas dividas como perdoamos aos nossos devedores; — 13, e não nos abandones à tentação; mas livra-nos do mal, assim seja. — 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. — 15. Se porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. — 2. Disse-lhes Ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; — 3, dá-nos hoje o pão de cada dia; — 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação. (33)

A prece! Antes que a luz do Espiritismo nos banhasse a alma, não sabíamos o que é verdadeiramente prece, nem quais o seu poder e a sua eficácia. Ela não passava, para nós, de uma prática costumeira, a que nos habituara nossa mãe e a que recorríamos, sempre que nos sentíamos aflito. Rogávamos então a Nosso Senhor Jesus Cristo um remédio para o nosso sofrimento.

Apesar, porém, de lhe ignorarmos o valor e a eficácia, mesmo fazendo-a por simples hábito, ela nos enchia de doces esperanças o coração e nos proporcionava conforto. Faltava-nos, entretanto, a convicção de que aqueles por quem pedíamos beneficiavam dos nossos rogos.

Essa, aliás, a situação em que se encontra, com relação à prece, a generalidade das criaturas, devido à ignorância em que se mantêm da verdade, por efeito da incompreensão das coisas santas, donde a indiferença geral, cuja responsabilidade pesa toda sobre os que, monopolizando a interpretação das letras sagradas, fazem dos Evangelhos hieróglifos semelhantes aos do antigo Egito.

Considere-se, porém, que, se entre os egípcios o sacerdócio proibia aos leigos a leitura e a explicação dos livros sagrados, era porque, para os ler e explicar, mister se fazia uma iniciação longa, que se praticava através de estudo profundo e continuado e de provas que capacitavam o indivíduo para

um estado de desprendimento que lhe permitia penetrar no mundo da verdade. Assim, esta, naquela época, como ao tempo de Jesus, só era ministrada ao povo de modo muito restrito, em proporções compatíveis com o desenvolvimento comuin das inteligências. Aos fracos, precisava ser transmitida veladamente, para os não tornar insanos; aos maus, para lhes não aumentar as responsabilidades, ou lhes facultar meios de praticarem o mal. Os sacerdotes egípcios, no entanto, os iniciados, esses já conheciam o magnetismo, o sonambulismo e praticavam a sugestão, chamada então magia, segundo refere Estrabão, o célebre geógrafo grego.

Vê-se assim que, no Egito, iniciados eram aqueles para quem a luz da verdade brilhava com grande fulgor. Eles não ficavam, como os que se dizem representantes de Jesus na Terra e únicos possuidores do conhecimento da sua doutrina, envoltos na obscuridade dos mistérios, dos milagres e dos dogmas, em contrário ao que quer o manso Rabi de Nazaré, que veio à Terra precisamente para iluminar com seus ensinos e exemplos o caminho da salvação a todas as criaturas de Deus. E é do estudo e da prática sincera e simples desses ensinos que ressaltam o poder extraordinário, o valor inigualável e a prodigiosa eficácia da prece.

Um exemplo: certa vez, durante algumas noites seguidas, à hora de nos deitarmos, oramos em favor de um irmão do espaço que, por um médium, nos fizera a narração de seus sofrimentos. Decorridos algumas semanas, por ocasião de outro trabalho, disse-nos o médium, ao ouvido: F. agradece os benefícios que colheu das tuas preces. Despertada a nossa reminiscência, pelo irmão agradecido, sentimo-nos surpreso, mas, ao mesmo tempo, cheio de grande contentamento.

Doutra feita, havendo acompanhado o bom irmão Bittencourt Sampaio, nosso mestre e companheiro de saudosa memória, em visita que fez a uma infeliz irmã que tinha o rosto já todo devorado por um cancro e à qual ia ele levar algum alívio, na primeira sessão que realizamos depois desse fato, o anjo de guarda da pobrezinha se manifestou, para nos- agradecer, dizendo: “O Pai celestial ouviu as vossas preces e Francisca deixa de sofrer neste momento”. Desencarnara. Desde então se nos firmou definitivamente a convicção de que a prece opera prodígios de misericórdia, é um recurso de valor inapreciável, que a bondade infinita de Deus nos concede para obtermos o de que necessitam os nossos Espíritos, uma vez que o empreguemos com humildade, submissão e fé.

A ciência espírita ensina como se produzem esses efeitos, fazendo-nos compreender que a prece, considerada do ponto de vista espiritual, é uma emanação dos mais puros fluídos, por meio da qual amparo e força recebem, mesmo a seu mau grado, aqueles a cujo favor é ela feita; que é uma magnetização moral, operando-se a distância; que, assim sendo, orar é emitir fluídos sutis que, propelidos pela força da vontade, do amor, vão envolver aquele por quem se ora, fortalecer-lhe o Espírito e esclarecê-lo. Pela prece, exercemos, de um ponto de vista mais alto, ação idêntica à que desenvolve o magnetizador sobre um paciente.

Recomendando, para a prece, o segredo, o silêncio, o recolhimento, e aconselhando seja ela feita em poucas palavras, Jesus, ipso facto, condenou, assim com relação àquela época, como em relação ao futuro, as pompas cultuais e as cerimônias ritualísticas, a multiplicidade das rezas que os lábios pronunciam, conservando-se-lhes alheio o coração.

Jesus orou ao Pai por nós, do mesmo modo que o fez Moisés que, dando um ensinamento aos hebreus, levantou para os céus as mãos, sempre que precisou vencer a Israel. (Êxodo, capítulo 17, versículo 11).

Jesus Cristo vive sempre para interceder por nós. (PAULO, "Epístola aos Hebreus", capítulo 7º, versículo 25; — "Epístola aos Romanos", capítulo 8º, versículo 34; — 1ª. a Timóteo, capítulo 2º, versículo 5; — João, 1ª Epístola", capítulo 2º, versículo 1). — Pai, perdoa-lhes. (LUCAS, capítulo 23º, versículo 34). — Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste. (João capítulo 17º, versículo 11). — Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco. (João, capítulo 14º, versículo 16).

Intercedendo, pois, pelas ovelhas de seu rebanho, Jesus nos deu um exemplo que devemos seguir constantemente, orando, sempre com o pensamento nele, que ora por nós, que por nós vive e reina.

Foi num desses dias, em que o viram absorvido na oração, que seus discípulos, pela boca de um deles, lhe pediram, terminada a sua prece: "Mestre, ensina-nos a orar." E o divino Mestre, satisfazendo de pronto a esse pedido, lhes ensinou a oração, que ficou sendo chamada dominical, porque dirigida a Deus, o Senhor, em latim —dominus. Temos dela a explicação que nos deram o Mestre Allan Kardec, e, posteriormente, os próprios evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Dessa explicação éeste o resumo:

Pai nosso: — Pai de todas as criaturas, Criador supremo, de quem todos provimos.

Que estás no céu: — que ocupas o infinito da tua criação, tão acima de nós, que os nossos olhos impuros te não podem descobrir.

Santificado seja o teu nome: — que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome, pelos seus pensamentos e atos, como pelas suas palavras; que seus corações nada abriguem capaz de lhes macular os lábios com uma blasfêmia, tornando-os impuros para proferir o nome daquele que é a pureza absoluta.

Venha a nós o teu reino: — pois que o teu reino é da justiça, da paz e do amor; que a paz, o amor e a justiça reinem entre os homens.

Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no céu: — que as leis santas, justas e imutáveis, que nos impuseste, sejam observadas e praticadas com amor e reconhecimento em nosso mundo, como o são nos mundos felizes, por humanidades mais adiantadas do que a nossa; como o são pelos Espíritos bem-aventurados, que na sua submissão aos teus santíssimos desígnios têm a fonte da bem-aventurança de que gozam.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: — concede-nos, Senhor, o alimento necessário à sustentação do corpo material que nos deste, como instrumento para a obra da nossa purificação espiritual; mas, dá-nos, sobretudo, o pão da vida eterna, o viático indispensável a todos os Espíritos que faliram, como os nossos, para que tenham a força de subir até ao sólio da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores: — Perdoa-nos as ofensas que te temos feito, os pecados em que a todo instante caímos, as faltas em que ainda a todo momento incorremos, transgredindo os preconceitos da tua santa lei. Mas, como o amor e o perdão formam a essência dessa lei, a que se acha submetida a nossa existência, que a tua justiça caia sobre nós, pois que disseste, pelo teu Filho bem-amado, o nosso Mestre divino: "Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam." Usa, porém, de misericórdia para conosco, se misericordiosos

formos para com os nossos irmãos, perdoando-nos tanto quanto houvermos perdoado as faltas dos nossos semelhantes.

Não nos deixes cair em tentação: — bem conhecendo a extensão da nossa fraqueza, forra-nos, Senhor, às provas demasiado fortes para a nossa virtude e dá-nos forças para resistirmos aos nossos maus pendores; fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias, a fim de que possamos vencer, sem tibiezas, nem desfalecimentos, na luta que precisamos travar com as paixões grosseiras e os sentimentos inferiores, que nos tentam de contínuo, para a nossa perdição.

Livra-nos de todo mal: — permite, Senhor, que cercados pelos bons Espíritos, dóceis aos seus conselhos e inspirações, possamos sempre resistir às nossas paixões e vícios, às nossas inclinações más, e repelir assim os maus Espíritos que, atraidos por essas inclinações, paixões e vícios, tentam constantemente apoderar-se de nós e arrastar-nos ao caminho do mal.

Amém, que quer dizer — assim seja: — assim seja, Senhor, pois que o reinado, o poder e a glória te pertencem a ti que és o único verdadeiramente grande, que estás acima de todas as coisas e de todas as criaturas, a ti que és o nosso Deus, o Criador único de tudo o que vive e se move no espaço infinito, a ti que, onipotente na imensidade, és o nosso juiz supremo, o nosso soberano, o nosso Rei, a quem tributamos as homenagens dos nossos corações e em cujo louvor entoarão as nossas almas cânticos eternos.

Por concluir, repitamos o conselho com que os evangelistas e os apóstolos puseram fecho a essa explicação da oração dominical: (34)

“Meditai, amados irmãos, este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, acabamos de dar-vos, acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem, para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando em si os sentimentos do dever para com Deus, para com seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo o que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão Àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que esse Deus, o Deus de amor vos abençoe.”

(33) 3º Reis, 18º, 36, 37. — 4º Reis, 4º, 33. — Eclesiastes, 5º, 1, 2. — JOÃO, 17º, 5. — Atos, 21º, 14. — Apocalipse. 5º, 9, 10.
(34) J. B. ROUSTAING – A Revelação da Revelação, volume 1, página 446.

31
MATEUS, 6º, 16 ao 18. Jejum

MATEUS: capítulo 6º, versículo 16. Quando jejuardes, não vos ponhais tristes como os hipócritas, que desfiguram o semblante para que os homens vejam que eles estão jejuando. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. — 17. Vós, quando jejuardes, perfumai a cabeça e lavai o rosto, — 18, a fim de que o vosso jejum não seja visível aos olhos dos homens e sim aos do vosso Pai, que tem presente a si o que haja de mais secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

Compreende-se, é mesmo justo, louvável, meritório que nos privemos de alimentos, que restrinjamos a nossa alimentação ao estritamente necessário, para socorrermos o nosso irmão a quem falte o indispensável; porém, que enfraqueçamos o nosso corpo, deixando de alimentá-lo, em obediência a um preceito supostamente religioso, é simplesmente absurdo.

Semelhante preceito só se concebe como obra de fanatismo, como imaginado por obscurantistas, que cifram toda a religião na observância de um formalismo absolutamente estéril. Quando mesmo se pudesse admitir que tais privações ritualísticas fossem do agrado de Deus, certo não o seriam, desde que praticadas publicamente, com ostentação.

De salvar a alma é tudo o de que devemos e precisamos cogitar; mas, isso só o conseguiremos, levando-a moralmente, purificando-a, mediante a prática da caridade, porta única da salvação. Se a nossa consciência nos disser que, para a esse efeito chegarmos, necessitamos fazer sacrifícios, façamo-los, porém de modo que todos redundem em benefício do Espírito. Esse o ensino do divino Mestre.

Os judeus praticavam o jejum material; e Jesus, dizendo o que consta nos versículos que estamos apreciando, visou evitar que essa prática continuasse a oferecer ensejo para a hipocrisia e incentivo ao orgulho, tornando-se uma causa de acréscimo de responsabilidades e de maior transviamento dos que a ela se entregavam. Nenhum mérito tem aos olhos de Deus o que a criatura faça por ostentação, para ser vista, apreciada e louvada pelos homens.

Jesus aconselhava e os seus mensageiros presentemente aconselham o jejum, mas o jejum espiritual, que consiste na abstenção de todo mal, isto é, de todo mau pensamento, de toda má palavra, de todo ato que nos degrade aos olhos do nosso Criador. Jamais façamos consistir a prática do amor a Deus e ao próximo, mandamento que encerra toda a lei e os profetas, como o disse o Mestre divino, na observância daquela e de outras formalidades idênticas, que nada valem, porque em nada concorrem para a melhora espiritual das criaturas. (35)

(35) ISAÍAS, 58º, 5 a 12.

32
MATEUS, 6º, 19 ao 23. — LUCAS, 12º, 32 ao 34. Desprendimento das coisas terrenas. — Não procureis sendo o que, pela caridade, vos aproxima de Deus. Coração puro, único e verdadeiro tesouro

MATEUS: capítulo 6º, versículo 19. Não queirais acumular tesouros na Terra, onde a ferrugem e as traças os destroem, onde os ladrões os desenterram e roubam. — 20. Preparai-vos tesouros no céu, onde não há ferrugem nem traças que os possam destruir, onde não há ladrões que os desenterrem e roubem. — 21. Porqüanto, onde estiver o vosso tesouro aí estará também o vosso coração. — 22. Vosso olho é a lâmpada do vosso corpo; se vosso olho for simples, todo o vosso corpo será luminoso. — 23. Mas, se vosso olho for mau, todo o vosso corpo é tenebroso. Se, pois, a luz que está em vós não for senão trevas, quão grandes não serão estas mesmas trevas!

LUCAS: capítulo 12º, versículo 32. Pequenino rebanho, não tomais, porqüanto aprouve ao Pai dar-vos o seu reino. — 33. Vendei o que possuís e distribui-o em esmolas. Provei-vos de bolsas que o tempo não estrague; amontoai, no céu, um tesouro que não se esgota nunca, do qual o ladrão não se aproxima e que as traças não roem. — 34. Pois que, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (36)

Como várias vezes temos dito, Jesus, por isso que falava a homens materiais, costumava empregar, para tocá-los, imagens materiais. Se lhes procurarmos, porém, o espírito, encontraremos o verdadeiro sentido e o alcance de suas palavras.

Assim procedendo, relativamente às que constam nestes versículos, veremos ser o seguinte o ensino que delas decorre: não procureis realizar na Terra a vossa felicidade, quando isso esteja em oposição à felicidade eterna do vosso Espírito, na imensidade.

Aproximar-nos cada vez mais de Deus deve ser o pensamento que presida a todos os nossos atos. Para avançarmos no sentido dessa aproximação é que, principalmente, nos achamos neste mundo, visto que nisso está toda a nossa felicidade, o fim para que fomos criados. Tendo-nos transviado da senda que devêramos trilhar sempre, tudo para nós está em a retomarmos de novo, a fim de ganharmos a nossa verdadeira pátria, ascendendo ao seio do nosso Mestre, que nô-la veio mostrar, ao mesmo tempo que nos veio habilitar, mediante seus ensinos, para entrarmos na posse do patrimônio de luz e bem-aventurança, que o Pai nos reserva.

Não nos deixemos fascinar pelos bens perecíveis, qualquer que seja o brilho que aparentem, porque são uma fonte de trevas para o nosso Espírito. A luz que parecem ter se apaga, desde que deles nos prive a morte. Ver-nos-emos então numa existência, onde não cabem as vaidades, e sem coisa alguma com que possamos apresentar-nos perante Deus.

O nosso único e verdadeiro tesouro está junto do Eterno, que é o possuidor de todas as graças. Desde que nos compenetremos desta verdade, Ele será sempre o alvo de todas as nossas ações, de todos os nossos pensamentos, para Ele se voltará de contínuo o nosso coração, que assim estará sempre

junto de Deus, origem e concretização de todos os bens reais, porque junto dele estará o nosso tesouro.

Pequenino rebanho, não temais, etc. Estas palavras Jesus as dirigia aos primeiros discípulos, muito poucos, em número, comparativamente à grandeza da tarefa que lhes cabia desempenhar, mas devotados e atentos em caminhar sem desvios pela senda do Senhor.

Dirigem-se também aos primeiros espíritas que, em número igualmente reduzido para a missão que lhes cumpre desempenhar, precisam ser, como aqueles, cheios de devotamento e firmes nos seus passos sob as vistas do Senhor, em cujas promessas devem, como os primeiros discípulos, confiar plenamente.

Vendei o que possuía e distribui-o em esmolas. Não quer isto dizer que devamos desfazer-nos de todos os nossos haveres, de modo a ficarmos na condição de termos que, por nossa vez, esmolar. Fora absurdo e contrário a todos os ensinamentos do Mestre. Significa que a posse e a aplicação dos bens que nos pertençam devem ser isentas de egoísmo e santificadas pela caridade; que as boas obras, de ordem material, como de ordem intelectual, constituem as únicas riquezas indestrutíveis, porque, como bens espirituais que são, representam o principal fator de todo progresso moral, que nos conduz àperfeição, fazendo-nos aproximar de Deus.

(36) Provérbios, 23º, 4. — 1ª Epístola à Timóteo, 6º, 17, 19. — Epístola aos Hebreus, 13º, 5. — 1ª Epístola a Timóteo, 6º, 7 a 11. — 1ª Epístola à Pedro, 1º, 4.

33
LUCAS, 12º, 13 ao 21. A avareza. — Rico exclusivamente preocupado com as coisas da Terra. — Rico em Deus

LUCAS: capítulo 12º, versículo 13. Disse-lhe então um homem do meio da multidão: Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança. — 14. Jesus, porém, respondeu: Homem, quem me constituiu vosso juiz ou partidor? — 15. Depois, acrescentou: Cuidado, preservai-vos de toda a avareza; porque a vida de cada um não está na abundância dos bens que possua. — 16. Em seguida, disse-lhes esta parábola: Havia um homem riquíssimo cujas terras produziram. abundantes frutos; — 17, e que pensava consigo mesmo: que hei de fazer, não tendo onde guardar o que colhi? — 18. Disse afinal: farei isto: demolirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí amontoarei toda a minha colheita e os meus bens; — 19, e direi à minhalma: alma, tens de reserva para longos anos muitos bens; repousa, come, bebe, regala-te. — 20. Mas Deus disse a esse homem: Insensato, esta noite mesmo virão demandar tua alma e as coisas que entesouraste de quem serão? — 21. Assim acontece àquele que entesoura para si e que não é rico em Deus. (37)

Avareza é a paixão que se apodera do infeliz cuja única preocupação consiste em acumular riquezas. São ainda inúmeros os que só cuidam das coisas da Terra e para os quais a crença em Deus, na imortalidade da alma, na vida futura não passa de desvario de fanáticos e de quem não tem com que se ocupar. Aliás, não é isso de causar estranheza, quando se sabe como, em geral, procedem os que tomaram a si a missão de ensinar e demonstrar aos homens os fundamentos reais daquela crença e as conseqüências que daí dimanam.

O certo, porém, é que, as mais das vezes, quando menos espera, o homem se vê arrebatado pela morte, deixando tudo quanto levou a acumular durante a vida, para ser esbanjado por outros, que nada fizeram pela aquisição de tanta riqueza. Se as criaturas humanas se compenetrassem bem desta idéia, ela bastaria para combater a avareza e para lhes dar a ver quão melhor e necessário é que ponhamos, em reunir um tesouro para a vida eterna, os cuidados e esforços que malbaratamos em ajuntar riquezas para uma vida efêmera, qual a terrena que apenas alguns anos dura.

Daí decorre, lógica e naturalmente, que aqueles para quem os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo são o código das verdades eternas, da moral divina, o que acima de tudo devem procurar é tornar-se ricos em Deus, pela prática ininterrupta do amor e da caridade, pelo esforço constante por se libertarem das influências materiais, como: a sensualidade, o orgulho, o egoísmo, a cupidez, a inveja, etc.

Jesus não baixou ao mundo para reinar sobre as coisas perecíveis como os reis da Terra, nem para dar aos homens leis materiais. Sua missão, ao contrário, consistia, sobretudo, em desprender, da matéria, homens profundamente materializados, ou materiais, em lhes destruir o ídolo de carne, a fim de dar-lhes ao Espírito a visão e o gosto das coisas espirituais.

Falava-lhes com dureza, porque duros tinham eles os corações, tanto que, mesmo assim, pouco as suas palavras os impressionavam.

(37) Job, 20º, 22; 27º, 8 e 9 — Salmos, 38º, 7; 51º, 9. — Eclesiastes, 11º. 9. — Jeremias, 17º. 11 — JOÃO, 18º, 36. — 1ª Epístola aos Coríntios, 15º, 32. — 1ª Epístola à Timóteo, 4º, 14; 5º, 5; 6º, 7. — Apocalípse, 2º, 9.

34
MATEUS, 6º, 24 ao 34. — LUCAS, 16º, 13 ao 15; e 12º, 22 ao 31. Servir a Deus e não a Mamon. — Nada de preocupação exclusiva com as coisas materiais. — Confiar em Deus, procurando os caminhos que levam a Ele

MATEUS: capítulo 6º, versículo 24. Ninguém pode servir a dois senhoreS, porque, ou odiará a um e amará o outro, ou se submeterá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon. — 25. Eis por que vos digo: não vos inquieteis pelo que comereis para sustento da vossa vida, nem com que vestireis o vosso corpo. A vida não é muito mais do que o alimento, e o corpo muito mais do que as roupas? — 26. Vede as aves do céu: não semeiam, não ceifam, não enchem celeiros e entretanto vosso Pai celestial as alimenta. Não sois muito mais do que elas? — 27. E qual de vós pode, pelo seu engenho, acrescentar um côvado à sua estatura? — 28. E com as vestes, por que vos inquietais? Considerai como crescem os lírios do campo: não trabalham, nem fiam. — 29. E eu vos digo que, no entanto, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais vestiu como um deles. — 30. Se, pois, Deus cuida de vestir assim o feno dos campos que hoje existe e amanhã será lançado ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé! — 31. Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos? ou: que beberemos? ou como nos vestiremos? — 32. À semelhança dos gentios que se azafamam por essas coisas, porqüanto vosso Pai sabe que delas precisais. — 33. Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo. — 34. Assim, não vos inquieteis pelo dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia a sua própria aflição.

LUCAS: capítulo 16º, versículo 13. Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon. — 14. Os fariseus, que eram avarentos, ouvindo-lhe todas estas coisas, zombavam dele. — 15. Jesus lhes disse: Pondes grande cuidado em parecer justos aos homens; mas Deus conhece os vossos corações; pois, o que é elevado aos olhos dos homens éabominação aos olhos de Deus.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 22. E disse a seus discípulos: Portanto, eu vos digo: não vos inquieteis pela vossa vida, cuidando do que comereis, nem pelo vosso corpo, procurando com o que o cubrais. — 23. A vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. — 24. Considerai os corvos: não semeiam, nem ceifam, não têm despensa nem celeiro e Deus os sustenta. Não valeis mais do que eles? — 25. Mas, qual de vós o que, pelo seu engenho, possa aumentar um côvado à sua estatura? — 26. Se as menores coisas estão acima do vosso poder, por que vos haveis de inquietar pelas outras? — 27. Vede como crescem os lírios; não trabalham, nem fiam, e, entretanto, eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, jamais vestiu como qualquer deles. — 28. Ora, se Deus veste dessa maneira o feno que hoje está no campo e amanhã será lançado no forno, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé! — 29. Não vos atribuleis, pois, pelo que haveis de comer ou de beber; não fique em suspenso o vosso Espírito. — 30. As gentes do mundo são

que procuram todas essas coisas; vosso Pai sabe que delas tendes necessidade. — 31. Procurai, portanto, primeiramente, o reino de Deus e a sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo. (38)

A missão de Jesus, como ainda há pouco dizíamos, tinha por principal escopo libertar os homens do jugo, da escravidão da matéria e convencê-los de que o objetivo que devem colimar, o fim que acima de todas as coisas devem propor aos seus esforços é a conquista da vida eterna, isto é, a vida de puro Espírito, do Espírito que, havendo completado o ciclo das provas que se lhe tornaram necessárias ao progresso moral, chega ao supremo grau de pureza, o que lhe faculta a compreensão de Deus e o gozo eterno da vida espiritual livre, que o leva a aproximar-se cada vez mais do centro da onipotência, sem, todavia, igualar-se jamais à Divindade.

Predicando a homens grosseiros, de naturezas rebeldes, de almas endurecidas, tinha Ele, como também já dissemos, que lhes dirigir fortes e enérgicas reprimendas, para conseguir tocá-los um pouco, impressionando-lhes a imaginação.

Tendo-se em conta essas circunstâncias e considerando-se que as suas palavras devem ser interpretadas sempre segundo o espírito e não segundo a letra, facilmente se percebe que, ao proferir as que constam nos versículos acima, não pretendeu o divino Mestre aconselhar ao homem que, para satisfação de todas as necessidades da sua existência, se entregue exclusivamente aos cuidados do seu Criador; que deixe de cumprir a sua tarefa; que se despreocupe de toda previdência, negligenciando em precatar-se para os dias da senectude e da invalidez. Jamais poderia Ele pensar em dar semelhante conselho, quando é certo que do conjunto de seus ensinos decorre para a criatura humana o dever de ajuntar no seu celeiro, enquanto se ache no vigor da idade, os grãos que lhe assegurem o pão da velhice. Apenas, o que é mister é que faça isso lealmente, com integridade diante do Senhor, sem desperdiçar qualquer parcela, porque lhe cabe ajudar seus irmãos desvalidos ou inválidos, que não puderam colher mais do que algumas espigas para seu sustento diário.

Portanto, trabalhar segundo as nossas forças e meios, pensando sempre nos que não o podem fazer, ou já não podem mais, e cuidando de auxiliá-los quanto nos seja possível, eis como cumpre procedamos, certos de que Deus abençoa os corações puros e as boas intenções.

Ninguém pode servir a Deus e a Mamon. Mamon era uma divindade que os antigos sírios adoravam, um ídolo de prata ou de ouro, que mais ou menos correspondia ao Júpiter dos latinos e representava as paixões humanas, com seu cortejo de vícios, o que explica o pensamento de Jesus, quando disse: Ninguém pode ao mesmo tempo servir a dois senhores.

De fato, não podemos viver a vida que Deus quer que vivamos, cedendo simultaneamente aos desvarios da vida mundana. O mundo, em regra, considera coisas elevadas e dignas do maior apreço, únicas cobiçáveis, a riqueza e a glória, por serem as que satisfazem ao cego orgulho do homem, enquanto que o Senhor ama os de espírito humilde, aos simples e mansos de coração.

A criatura deve aguardar que pela vontade do seu Criador se lhe desenvolvam os predicados com que haja de brilhar aos olhos de seus irmãos, mas deve esperar em atividade, no trabalho, que Deus sempre abençoa, e não

na inércia, na ociosidade, na despreocupação com que a açucena dos campos espera, no seio da Terra, que de suas brilhantes vestes Ele a cubra. Proceder de modo contrário é pretender que Jesus tenha encomiado a preguiça, a negligência, é fazer de suas palavras um pretexto para a incúria, para o fatalismo.

Não vos inquieteis pelo dia de amanhã. Quer isto dizer que, vivendo segundo os desígnios de Deus e trabalhando, como lhe cumpre, para a sua subsistência, deve o homem estar sempre confiante de que a tudo mais, como for de justiça e conforme às suas necessidades espirituais, o Pai proverá. Quer dizer também que, embora sem ser menos previdente do que certos animais, não deve ele mostrar-se ambicioso, nem concentrar na acumulação de riquezas todos os seus pensamentos e desejos. Quer, ainda, dizer que, se apesar da sua aplicação ao trabalho, vier o homem a achar-se na penúria, deve confiar-se ao Senhor, que, sabendo o que convém a cada uma de suas criaturas, se permite que em tal situação ele se encontre, é porque ela representa a prova necessária a lhe depurar o Espírito e a torná-lo digno do seu Criador.

Cônscios, que devemos estar, de que, por nós mesmos, nem as mínimas coisas somos capazes de fazer, como poderemos alimentar a pretensão de mudar a face dos acontecimentos, que todos decorrem da onisciente ação divina? Em todas as circunstâncias, pois, o que nos cabe é conformar-nos, certos de que tudo obedece à vontade de Deus, que só ao nosso bem visa.

Não nos preocupemos com os cuidados e aflições que hajam de vir. Entreguemo-nos confiantes à misericórdia do Senhor, que não deixará de chamar os obreiros diligentes para, no devido tempo, gozarem do fruto de seus labores. Coragem, portanto, coragem, que esse tempo chegará. Quando houvermos transposto a barreira que nos detém os passos, volveremos à nossa verdadeira pátria e de lá apreciaremos os progressos da Humanidade, e cumprida integralmente estará a revelação do Cristo.

(38) Gênese, 18º, 21. — Êxodo, 3º, 8 — 1º Reis, 16º, 7. — Job, 38º, 41. — Salmos, 54º, 23; 146º, 9. — JOÃO, 2º, 15. — 1ª Epístola à Timóteo, 6º, 19. — Aos Filipenses, 4º, 6. — 1ª de Pedro, 5º, 7. — Epístola aos Gálatas, 1º, 10.

35
LUCAS, 16º, 19 ao 31. Parábola do mau rico e do pobre paciente e resignado

LUCAS: capítulo 16º, versículo 19. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e finissimo linho e se banqueteava magnificamente todos os dias. — 20. Havia também um pobre mendigo chamado Lázaro que jazia coberto de úlceras à porta do rico, — 21, e que bem quisera saciar-se com as migalhas que caiam da mesa deste, mas ninguém lhas dava; e os cães vinham lamber-lhe as chagas. — 22. Ora, aconteceu que o mendigo morreu e foi transportado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também e teve o inferno por sepultura. 23. Quando este, dentre os seus tormentos, levantou os olhos e ao longe viu Lázaro no seio de Abraão, — 24, disse em gritos estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro para que, molhando nágua a ponta do dedo, me refresque a língua, pois sofro tormentos nestas chamas. — 25. Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembra-te de que recebeste bens em tua vida e de que Lázaro só teve males; por isso ele agora é consolado e tu és atormentado. — 26. Demais, grande abismo existe entre nós e vós; de modo que os que querem passar daqui para lá não o podem, como também não se pode passar de lá para cá. — 27. Disse o rico: Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, — 28, onde tenho cinco irmãos, para lhes dar testemunho destas coisas, a fim de que eles não venham a cair neste lugar de tormentos. — 29. Abraão lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem. — 30. Não, pai Abraão, disse o rico, se algum dos mortos lhes for falar, eles farão penitência. — 31. Abraão respondeu: Se não escutam nem a Moisés nem aos profetas, não acreditariam do mesmo modo, ainda que algum dos mortos ressuscitasse. (39)

O ensinamento que se contém nesta parábola, como os de todas as outras, é plenamente confirmado pelos princípios da Doutrina Espírita.

O rico, egoísta e endurecido, encontra, ao mergulhar no sepulcro, o seu inferno, em o desespero de que se vê presa, ao passo que o pobre que, submisso e resignado, sofre todas as suas duras provas, ascende, pela morte, ao céu, ao seio de Abraão: à paz da consciência, à paz espiritual.

Quando na erraticidade, os Espíritos de um e outro pediram a reencarnação, como meio de minorarem seus sofrimentos, pela depuração de suas almas. De acordo com as causas desses sofrimentos, um buscou a prova da riqueza e o outro a da pobreza. Reencarnados, aquele empregou seus haveres na ostentação, no luxo, na satisfação dos gozos materiais, conservando-se indiferente aos gemidos do outro que, doente, faminto, exposto a todas as intempéries e ao desprezo da sociedade, suportava sem revoltas todas as dores e privações.

Um contemporizava, procurando iludir e sofismar a lei, enquanto que o outro estritamente a cumpria.

Ambos, afinal, desencarnam e vão encontrar-se em situações opostas, quais a do que saldou seus compromissos e a do que os agravou ainda mais. O rico, nessa conjuntura, aprecia o resultado do seu procedimento, verificando o engano e a decepção que sofrem os soberbos, os orgulhosos, os poderosos e tantos outros que vivem neste mundo iludidos quanto aos fins reais da

existência terrena.

Acode-lhe então à mente pedir fossem avisados do que lhe acontecera os irmãos que ele deixara na Terra. A hipótese desse pedido, formulada na parábola, mostra ser real a crença na comunicabilidade dos mortos com os vivos, crença que, de fato, era corrente entre os judeus.

A tal pedido, porém, responde Abraão, mostrando ser absolutamente inútil, como ainda hoje a cada momento se comprova, toda e qualquer comunicação do além-túmulo, para os sistematicamente incrédulos. Realmente, de que serviria aos irmãos do rico, os quais, como se depreende da parábola, também se achavam dominados pelo egoísmo, o que lhes fosse dizer o Espírito do pobre, ou qualquer outro desencarnado? Responderiam com um encolher os ombros, considerando alucinação ou sonho a aparição que tivessem.

Porque, quase sempre, onde há a incredulidade sistemática, também há o endurecimento do coração, que leva o homem a rejeitar todos os avisos e conselhos que lhe venham de além-túmulo, pela razão de que tais conselhos e avisos lhe contrariam as paixões e os interesses materiais. Ao demais, a firmá-lo na sua obstinação, aí está o Catolicismo, que lhe diz parodiando a resposta de Abraão: “Tendes os Evangelhos e a Igreja, por que haveis de procurar outra coisa?”

Segundo a parábola, Abraão respondeu ao rico: Eles têm lá Moisés e os profetas: que os ouçam. Como pode, porém, a Igreja Romana responder de modo semelhante, quando, por não lhe praticar os preceitos, tem feito dos Evangelhos letra morta e, em conseqüência, que a abominação e a desolação se implantassem no lugar santo? Não é por outra causa que o Senhor envia ao mundo o Paracleto, o Consolador, a reconduzir os homens à prática do amor, à pureza de sentimentos, à simplicidade dos ensinos puros da sublime moral do Mestre divino e, assim, ao progresso, que é lei universal.

O rico da parábola teve a inspirá-lo um bom sentimento, quando pretendeu forrar seus irmãos aos sofrimentos por que estava passando. Faltou-lhe, porém, o arrependimento, que lhe atenuaria ou abreviaria as penas a que se condenara, pelo seu delirante egoísmo, e que daria ao seu pedido a força de que carecia, por não exprimir o pesar que lhe causava o ver seus irmãos a transgredirem a lei divina, mas apenas o desejo de poupá-los às provas de que já se haviam tornado merecedores.

O abismo de que fala o versículo 26 deve ser entendido como exprimindo a impossibilidade em que se encontram os Espíritos superiores de se porem em contacto direto com os inferiores que expiam suas culpas, por não o permitir a diversidade das vibrações dos respectivos perispíritos. Não se conclua, porém, daí, que aqueles se achem impossibilitados de acudir aos segundos, como lhes prescrevem as leis de solidariedade, fraternidade e amor.

Eles o fazem, mas imperceptivelmente para os sofredores, por intermédio de outros Espíritos que, menos graduados na escala espírita, podem daqueles aproximar-se e cercá-los dos cuidados de que necessitem.

Pela mesma razão, os Espíritos inferiores não podem elevar-se aos planos onde pairam os bons Espíritos, nem mesmo vê-los, antes que um arrependimento sincero e profundo lhes torne os perispíritos capazes de sentirem, ainda que fracamente, as vibrações dos daqueles outros, entre os quais se acham os seus protetores, ou lhes torne possível a permissão de acompanharem os bons Espíritos, a fim de se instruírem, ou progredirem.

(39) ISAÍAS, 8º, 20; 34º, 16; 66º, 24. — Job, 21º, 13. Zacarias, 14º, 12. — JOÃO, 5º, 30, 45. — Atos, 15º, 21; 17º, 11.

36
MATEUS, 7º, 1 ao 7. — MARCOS, 4º, 24. — LUCAS, 6º, 37 ao 38, e 41 ao 42. Não julgar os outros. — O argueiro e a trave. — Não dar aos cães as coisas santas

MATEUS: capítulo 7º, versículo 1. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; — 2. porqüanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medidos. — 3. Como é que vês um argueiro no olho do teu irmão e não percebes a trave do teu? — 4. Ou, como é que dizes a teu irmão: — 5. Deixa-me tirar um argueiro do teu olho, quando tens no teu uma trave? — 6. Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás como podes tirar o argueiro do olho do teu irmão. — 7. Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

MARCOS: capítulo 4º, versículo 24. Dizia-lhes: Atentai no que ides ouvir. Sereis medidos com a mesma medida com que medirdes os outros e ainda se vos acrescentará.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 37. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; — 38, dai e se vos dará e no vosso regaço será derramada uma boa medida, cheia, atestada, a extravasar; porqüanto para vos medir servirá a mesma medida com que houverdes medido os outros.

LUCAS: capítulo 6, versículo 41. Como é que vês o argueiro que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu olho? — 42. Ou, como é que podes dizer a teu irmão: Meu irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiramente a trave que está no teu olho e então verás como tirar o argueiro que está no olho do teu irmão. (40)

Na oração dominical, pedimos a Deus que nos perdoe, “como nós perdoamos aos nossos irmãos”. Segue-se que, com a indulgência, a tolerância, a brandura com que tratarmos os outros, é que seremos tratados.

Comecemos, pois, por lavar a nossa alma dos vícios e paixões que a maculam, por purificar os nossos corações; depois, então, quando de todo limpos nos acharmos, poderemos censurar as faltas alheias. Desde que, porém, estejamos nessas circunstâncias, limpos de toda culpa, não o faremos, porque teremos sempre presentes as palavras d’Aquele que disse: O que estiver sem pecado atire a primeira pedra, e que, dirigindo-se à pecadora, acrescentou: Vai e não peques mais. (João, capítulo 8º, versículos 1 ao 11).

Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas. Quer isto dizer: procedei sempre de acordo com as circunstâncias de ocasião. Sondai o terreno, preparai-o e, se o reconhecerdes fértil, por pouco que seja, semeai com prudência e precaução. Cultivai depois com cuidado a semente. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, guardai silêncio, demonstrando que não quereis falar.

A vossa reserva talvez excite a curiosidade e o desejo de saber. Nesse caso, lançai-vos à obra, consagrando-vos a esses que, tendo-vos a princípio repelido, depois vieram. Estendei os braços às ovelhas transviadas e

reconduzi-as ao Senhor. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes, solícitos e diligentes. A ventura de haverdes salvo da incredulidade os vossos irmãos vos premiará o labor e vos preparará para gozardes das alegrias da eternidade.

(40) Provérbios, 9º, 7, 8 e 19º, 17; 23º, 9 — Salmos, 78º, 12. — Atos, 13º, 45, 46. — Romanos, 2º, 1; 14º, 3. — 1ª Epístola aos Coríntios, 4º, 3, 5.

37
MATEUS, 7º, 7 ao 11. — LUCAS, 11º, 5 ao 13. A prece. — Pedi e se vos dará. — Buscai e achareis. Batei e se vos abrirá

MATEUS: capítulo 7º, versículo 7. Pedi e se vos dará; buscai e achareis, batei e se vos abrirá; — 8, porqüanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 9. Qual dentre vós dá uma pedra ao filho, quando este lhe pede pão? — 10. Ou, se pedir um peixe, qual lhe dará uma serpente? — 11. Ora, se sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, boas coisas dará aos que lhas pedirem.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 5. Disse-lhes ainda: Se alguém que tiver um amigo o for procurar alta noite, dizendo: Meu amigo, empresta-me três pães, — 6, pois um de meus amigos, que está viajando, acaba de chegar a minha casa e nada tenho para lhe dar; — 7, e o amigo lhe responder, de dentro de casa: Não me importunes; minha porta já está fechada e meus servos deitados assim como eu: não posso levantar-me para te dar o que pedes; — 8, se, apesar disso, o primeiro insistir em bater, — digo-vos que, quando o segundo não se levante para dar o que lhe é pedido por ser seu amigo o pedinte, se levantará pelo menos por causa da importunação e dará ao outro tudo o que lhe seja necessário. — 9. E eu vos digo: Pedi e se vos dará, procurai e achareis, batei e se vos abrirá; — 10, porqüanto quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 11. Se algum de vós pedir pão a seu pai, este lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? — 12. Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? — 13. Ora, se maus como sois, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, dará o bom Espírito aos que lho peçam. (41)

Com estas palavras, Jesus animava a seus discípulos, a fim de que não caíssem no abatimento e no desânimo, que o mau êxito costuma acarretar.

A perseverança fortalece, melhora e garante o bom êxito às nossas resoluções, às nossas obras e à nossa fé, tornando-nos dignos da atenção do Mestre que, pelos nossos esforços reiterados, nos concede o que antes não concedera, quando ainda não estávamos seguros de nós mesmos.

Coisa alguma deve o homem fazer ou empreender, sem primeiro invocar e implorar a assistência do Senhor que, cheio sempre de bondade, sabe o que convém a seus filhos e lhes dá, segundo esse critério, o de que necessitem, muito embora sejam eles as mais das vezes tão cegos e ingratos, que lhe não percebem os providenciais desígnios.

Nós quase sempre pedimos, sem sabermos se nos convém ou não aquilo que desejamos, se está de acordo com a natureza das provas que devamos sofrer. Ele, porém, que é nosso Pai e tudo sabe acerca de cada um de nós, nos alimenta de conformidade com a nossa constituição.

Peçamos-lhe o pão de vida e Ele nos facultará abundantes meios de o adquirirmos.

Conceder-nos-á luz, para compreendermos por que sofremos, e as forças da fé e da humildade, para sofrermos com paciência, resignação e amor as mais rigorosas provas.

Se nem sempre nos concede a graça que lhe solicitamos, é porque vê, que, em vez de ser ela para nós um bem, grande mal poderia trazer-nos. Mas, ao filho que se lhe dirige com sinceridade, abre-lhe Ele o entendimento que dá o bom Espírito, isto é, a capacidade de amá-lo e a inteligência das coisas sob a influência espírita, permitindo que seus mensageiros o esclareçam. Aquinhoado com essa graça, compreende o homem os ensinos do Mestre; esforça-se pelos praticar, e jamais desespera do seu amor e da sua justiça.

(41) Gênese, 6º, 5. — Provérbios, 8º, 17. — Jeremias, 29º, 12. — JOÃO, 14º, 13; 15º, 7. — Timóteo, 1º, 5, 6.

38
MATEUS, 7º, 12. — LUCAS, 6º, 31 - Justiça. — Amor e Caridade

MATEUS: capítulo 7º, versículo 12. Fazei aos homens tudo o que quiserdes que eles vos façam, nisso estão a lei e os profetas.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 31. Fazei aos homens o que quereis que eles vos façam. (42)

Ama o teu próximo como a ti mesmo. O teu próximo, qualquer que ele seja, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo, é teu irmão, pois que é filho do mesmo Pai, que está nos céus. Procede com ele, como quererias que procedesse contigo, em tudo e por tudo. Presta-lhe todo auxilio que estiver dentro das tuas possibilidades, dos meios de que disponhas e das faculdades que possuas: pela palavra, pelos atos e pelos pensamentos. Ajuda-o de todas as formas: com o coração, com a bolsa, com os braços, com a inteligência.

É isto o que significam as palavras que acima se lêem, ditas por Nosso Senhor Jesus Cristo.

(42) Levítico, 19º, 18 — Romanos, 13º, 8, 10. — Gálatas, 5º, 14. — 1ª Epístola à Timóteo, 1º, 5.

39
MATEUS, 7º, 13 ao 14. Porta estreita que conduz à vida

MATEUS: capítulo 7º, versículo 13. Entrai pela porta estreita, pois que larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição; e grande é o número dos que por ela entram. — 14. Quão estreita é a porta, quão apertado o caminho que conduzem à vida, quão poucos o encontram!

A porta estreita e o caminho espaçoso indicam os esforços que o Espírito falido tem que fazer, assim como as fadigas, as dores e aflições que deve suportar, para alcançar a vida eterna, esforços objetivando despojar-se de seus vícios e imperfeições morais e fadigas resultantes dos que empregue por tomar o caminho do bem e por fazer que lhe nasçam no coração os sentimentos opostos àqueles vícios.

Os que trabalham, praticam o amor, a caridade, a humildade, a tolerância, o desinteresse, a dedicação para com todos, bem cumprindo suas provas e resistindo aos maus instintos, às tendências más, através das sucessivas encarnações necessárias à sua purificação e ao seu progresso, esses são os que encontram a porta estreita e o caminho apertado.

A porta larga e o caminho espaçoso, que conduzem à perdição e pela qual em tão grande número entram os homens, são o orgulho, o egoísmo, a ambição, com todos os seus derivados: a cupidez, a avareza, a inveja, a luxúria, a intemperança, a cólera, a preguiça, o materialismo, a incredulidade, a intolerância, o fanatismo; de modo geral — a maldade, pela palavra ou pelos atos, sob todas as formas e em todos os graus.

Eu sou a porta; aquele que entrar por mim será salvo, disse Jesus (João, capítulo 10º, versículo 9). Por ser o conjunto de todas as perfeições, Jesus se apresentou como a personificação da porta estreita, a fim de que, por uma imagem objetiva, melhor os homens compreendessem o que significa entrar por essa porta, para alcançar a vida eterna.

Assim falando, usou Ele de uma figura, que tem de certo modo o seu símile em Mara, lugar a que chegou sequioso o povo hebreu, conduzido por Moisés, depois de haver atravessado o Mar Vermelho e o deserto de Sur, e onde não pôde matar a sede que o devorava por serem amargosas as águas, que, no entanto, se tornaram doces, logo que Moisés lançou nelas o lenho que o Senhor lhe mostrou. A partir daí é que aquele sítio se ficou chamando Mara, que quer dizer — amargura (Êxodo, capítulo 15º, versículos 23 ao 25). São amarguras que depuram e purificam o Espírito, preparando-o para o gozo da bem-aventurança. Nos momentos de aflição e angústia, é que mais esplende a fé. Na cruz, é que a paciência e a esperança se firmam.

Procurando seguir a Jesus, toparemos com muitos veios de amargosas águas. Não murmuremos, porém, nem desanimemos, porqüanto, perto de cada Mara a que chegarmos, encontraremos, se obedecermos às vozes do Senhor, a nossa Elim, com as suas fontes de água deliciosa e as suas umbrosas palmeiras (Êxodo, capítulo 15º, versículo 27), onde acamparemos felizes e nos refaremos de todos os cansaços da jornada.

O cálice é amargo para um coração terno, porém o Cristo pode torná-lo de grande doçura. Eu sou, eu mesmo sou o que apago as tuas iniqüidades por amor de mim e não me lembrarei de teus pecados. (ISAÍAS, capítulo 43º, versículo 25).

Perguntai a Daniel, atirado à ferocidade dos leões; aos prisioneiros, lançados na fornalha ardente; a Paulo, no cárcere, a todos os gloriosos Espíritos que esgotaram o cálice do martírio, se algum amargor lhe acharam. Todos decerto responderão que nada de amargo tinha, porque com eles estava Jesus.

Todos nós amargas águas sorvemos neste mundo. Doces, no entanto, elas se tornarão, desde que, abraçados à cruz fincada no cimo do Calvário, plenamente confiemos no Pai de infinita misericórdia, que a nenhum de seus filhos esquece, pensando nos que pelo sacrifício se redimiram do pecado e alcançaram a glória eterna. Os que vieram de uma grande tribulação e lavaram suas roupas e as embranqueceram no sangue do Cordeiro, o Cordeiro, que está no meio do trono, os guardará e os levará às fontes das águas da vida e enxugará Deus toda a lágrima dos olhos deles. (Apocalipse, capítulo 7º, versículo 17).

40
LUCAS, 13º, 23 ao 30. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita

LUCAS: capítulo 13º, versículo 23. E alguém lhe perguntou: Senhor, tão poucos são os que se salvam? Ao que ele respondeu: — 24. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porqüanto eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. — 25. E quando o pai de familia houver entrado e fechado a porta, se, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos; o Senhor, respondendo, dirá: Não sei donde sois. — 26. Se então disserdes: Bebemos e comemos na tua presença e ensinaste nas nossas praças públicas, — 27, ele vos responderá: Não Sei donde sois; afastai-vos de mim, vós todos os que praticais iniqüidadeS. — 28. Haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaac, Jacob estão no reino de Deus e que vós sois repelidos de Lá. — 29. Do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-dia virão os que se hão de sentar à mesa no reino de Deus. — 30. E eis que serão os últimos os que eram primeiros e os primeiros serão os que eram últimos. (43)

É árduo, escabroso, cheio de espinhos e urzes, o caminho que nos leva à Casa do Pai.

Muitos recuam dele, amedrontados com os obstáculos que terão de superar. Esses são os que não podem passar pela porta estreita. Aquele, porém, que segue sempre a senda que a sua consciência lhe traça, ouvindo-lhe os conselhos e pondo-os em prática, esse transpõe facilmente a porta da salvação, por mais estreita que pareça. Ao aproximar-se dela, verá que se torna ampla e aberta de par em par, a fim de deixá-lo passar.

Muitos procurarão passar e não poderão. São os que tentam, mas não perseveram. Os espíritas devem tomar para si essas palavras. Muitos, de fato, são os que, vendo entreaberta a porta, para ela se encaminham, mas com passo incerto e hesitante, levando consigo o cortejo de vícios, fraudes e impurezas que os acompanha. O caminho, entretanto, cada vez se lhes alonga mais e a porta volta gradualmente a fechar-se. Quer isso dizer que só uma consciência pura nos pode conduzir até essa porta e fazer que a transponhamos.

LUCAS, capítulo 13º, versículo 25. — Se o Espírito, chamado a progredir na vida corporal, se obstina em ficar estacionário, apesar de todos os esforços de seus guias e protetores, o Senhor o degreda para planetas inferiores à Terra, onde terá que fazer uma nova série de peregrinações, até que compreenda a necessidade de progredir. LUCAS: capítulo 13º, versículos 26 e 27. — Há nestes versículos uma alusão aos que, embora professando ostensivamente um culto qualquer, se conservam desviados do caminho traçado pela lei divina. Não basta que o homem se intitule profitente, desta ou daquela religião; é preciso que pratique a moral, que toda se contém, como o disse Jesus, no duplo mandamento: Amar a Deus e amar ao próximo. Não basta dizer: Senhor! Senhor! É preciso fazer a vontade do Pai, que está nos céus.

As locuções — choro, ranger de dentes — são empregadas em sentido alegórico. Exprimem as torturas morais por que forçosamente tem de passar o

Espírito endurecido e consciente de que esse endurecimento é a causa única de seu sofrer.

Conosco vivem de novo, presentemente, na Terra, dentre os Espíritos que acompanharam a Jesus, muitos que progrediram quanto à inteligência e ao saber, mas que, por desgraça deles, nenhum progresso fizeram, quanto à simplicidade do coração. Julgam possuir tudo; entretanto, chegados que seja o dia, verão a nudez de suas almas.

LUCAS, capítulo 13º, versículo 29. — Virão do Oriente e do Ocidente, etc. Alusão à comunhão de pensamentos e crenças, que reinará entre os homens, ao tempo da regeneração.

Alusão igualmente aos Espíritos depurados que virão de diversos outros planetas à Terra, quando também esta já se achar depurada, isto é, na época em que Jesus, Espírito da Verdade, baixará de novo ao nosso globo, de conformidade com o que nos está predito e anunciado.

LUCAS, capítulo 13º, versículo 30. — E eis que serão os últimos os que eram os primeiros e os primeiros serão os que eram os últimos. Os que primeiro se puseram a caminho, demandando a casa do Pai, mas não tiveram a perseverança necessária, retardaram-se e ficaram para trás dos que começaram depois a jornada e nela perseveraram. Aqueles são, em geral, os que, tomados de orgulho, se fiam em si exclusivamente. O mesmo orgulho lhes torna tardos os passos.

Para Deus nada é o tempo que o Espírito gaste na realização do seu progresso. Para ele, o arrependimento e as virtudes são tudo. Assim o Espírito que tardiamente entrou na senda do bem, mas que por ela caminha com perseverança e atividade, pode não só alcançar, como ainda passar adiante do Espírito preguiçoso, senão culpado, que nenhum esforço faz, mesmo que tenha começado mais cedo a sua rota ascensional.

(43) Salmos, 6º, 9; 31º, 6. — Isaías, 55º, 6. João, 7º, 34; 8º, 21; 13º, 33. — Romanos, 9º, 31.

41
MATEUS, 7º, 15 ao 20. — LUCAS, 6º, 43 ao 45. Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore

MATEUS: capítulo 7º, versículo 15. Acautelai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco sob o aspecto exterior de ovelhas, mas que, por dentro, são lobos vorazes. — 16. Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Porventura se colhem uvas nos espinheiros, ou figos nas sarças? - 17. Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e toda árvore má dá maus frutos. — 18. Uma árvore boa não pode produzir maus frutos e uma árvore má não pode produzir frutos bons. — 19. Toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — 20. É, pois, pelos frutos que os conhecereis.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 43. A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; — 44, pois cada árvore se conhece pelo fruto; não se colhem figos nos espinheiros nem uvas nas sarças. — 45. O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração; e o homem mau tira o mal do mau tesouro do seu coração; porqüanto a boca fala do que está cheio o coração. (44)

Não basta pregar por palavras; é essencial fazê-lo pelo exemplo. Esta a súmula da lição que se contém nos versículos acima transcritos.

Pela obra é que se conhece o operário. Assim, de modo geral, falsos profetas são todos aqueles que pregam e aconselham a boa moral que não praticam. É árvore má todo aquele que não apresenta frutos da doutrina que propaga. “Se sois árvores boas, dai frutos”.

Pautemos os nossos atos pela moral do Cristo, conformemo-los com os seus ensinamentos e bons serão os frutos que dermos. Se formos árvores más, estaremos destinados a ser cortados e lançados ao fogo da expiação, pela reencarnação.

Espíritas, aos que vos chamem falsos profetas, demonstrai que o não sois, exemplificando o que ensinais, mostrando, pelo vosso proceder, os frutos da moral cuja excelência proclamais. Aos que, por serem cegos, não podem apreciar o brilho da luz que vos banha as almas, abri-lhes os olhos e eles verão.

A lição do Divino Mestre, sobre os lobos que se apresentam com a aparência de ovelhas, precisa ser muito meditada pelos espíritas, principalmente pelos diretores de Grupos, para que não se prestem, como, infelizmente, ainda tão amiúde acontece, aos manejos insidiosos de tais lobos, deixando-se levar ao funesto erro de transformarem as manifestações espíritas em espetáculos, a que os incautos são atraídos pela curiosidade do maravilhoso, para acabarem mistificados e iludidos, quando não de todo desencaminhados da senda da verdade, com palavras mentirosas, práticas insensatas, ritos cabalísticos e até cenas deprimentes, quais as de pisarem Espíritos, cortar-lhes as cabeças, mandá-los para porões de navios e outras com que se desmoralizam a si próprios e, cobrindo-se de tremendas responsabilidades, lançam o ridículo sobre o que há de mais sério e respeitável — as comunicações do mundo visível com o mundo invisível.

Alguns, é certo, procedem de boa-fé. Nem por isso, entretanto, se acham isentos das insídias dos falsos profetas, que os engodam com um ou outro

resultado apreciável da sua atuação, a fim de mais facilmente os obsidiarem e terem sob a nefasta dominação que objetivam sempre alcançar, para satisfação de seus sentimentos maléficos. Esses também acabam, cedo ou tarde, sendo vítimas, porém, afinal, vítimas tão-somente da sua ignorância, do seu orgulho, dos seus propósitos de especulação, de todos os seus sentimentos inconfessáveis, porqüanto são esses sentimentos que atraem os infelizes que se comprazem na treva em que mergulharam pela obstinação no mal e que são os verdadeiros lobos de que nos devemos guardar, segundo a advertência do Pastor divino.

(44) Deuteronômio, 13º, 1, 3. — Jeremias, 23º, 16. — Miquéias, 3º, 5. — MARCOS, 13º, 22. — Romanos, 16º, 17 e 18. — Efésios, 5º, 6. — Colossenses, 2º, 8. — 2ª Epístola à Pedro, 2º, 1. — 1ª Epístola à João, 4º, 1. — Atos, 20º, 29, 30. — JOÃO, 15º, 26.

42
MATEUS, 7º, 21 ao 29. — LUCAS, 6º, 46 ao 49. Deus julga pelas obras

MATEUS: capítulo 7º, versículo 21. Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus; aquele, porém, que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. — 22. Muitos me dirão nesse dia: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, não expulsamos em teu nome os demônios e não fizemos em teu nome muitos prodígios? — 23. Eu então lhes direi: Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade. — 24. Aquele que escuta as minhas palavras e as pratica é comparável ao homem ajuizado que construiu sua casa sobre a rocha. — 25. Veio a chuva, transbordaram os rios, os ventos sopraram e se arremessaram sobre essa casa e ela não caiu por estar edificada sobre a rocha. — 26. Aquele, porém, que ouve as minhas palavras e não as pratica se assemelha ao insensato que construiu sua casa na areia. — 27. Veio a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos, precipitaram-se sobre essa casa e ela desabou e grande foi a sua ruína. — 28. Ora, terminando Jesus esses discursos, a multidão se admirava da sua doutrina, 29, porque Ele a instruia como tendo autoridade e não como os escribas e os fariseus.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 46. Mas por que me chamais; Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo? — 47. Vou mostrar-vos a quem se assemelha aquele que vem a mim — que escuta as minhas palavras e as pratica. — 48. Assemelha-se a um homem que edifica uma casa e que, cavando fundo, lhe constrói na rocha os alicerces. Um rio, transbordadas suas águas, se arremessou sobre a casa e não conseguiu abalá-la, por estar edificada sobre a rocha. — 49. Aquele que escuta as minhas palavras, e não as pratica, se assemelha a um homem que edificou sua casa sobre a terra, sem lhe cavar alicerces, O rio se arremessou sobre ela, a casa caiu logo e grande foi a sua ruína. (45)

O julgamento de cada criatura se baseia no de suas obras. Ë este um princípio intuitivo, uma verdade axiomática, a que só não se curvam os que ensinam e apregoam ser a Humanidade inteira responsável pela falta do primeiro homem, ao qual chamam Adão.

Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! serão ouvídos. Quer dizer: não entrarão no reino de Deus aqueles cujas palavras não corresponderem aos seus atos. As palavras desses se perderão no espaço, sem chegarem ao Senhor.

Sempre e sempre devemos praticar o que ensinamos, apreciamos e encomiamos. Porque, não basta nos extasiemos ante a lei de Jesus e digamos: é perfeita! Se nos não esforçarmos pelo nosso aperfeiçoamento, obedecendo-lhe, vã se tornará a nossa admiração.

Inútil será que nos proclamemos cristãos, desde que procedamos em oposição ao que nos ensinou e prescreveu o Cristo; que nos declaremos espíritas, se continuarmos quais éramos antes de conhecermos o Espiritismo; que nos afirmemos médiuns e usemos das faculdades mediúnicas que possuamos, se não pusermos em prática os ensinamentos que temos recebido, se não nos utilizarmos dessas faculdades com a consciência do

nosso dever cristão, com o propósito de servir à causa da Verdade, que é a causa de Deus, e de concorrer para a melhora de nossos irmãos, dando-lhes testemunho dos sérios e constantes esforços que empregamos por progredir.

Compromete-se, praticando um abúso, o médium que não pratica a humildade e o desinteresse, que não usa das suas faculdades mediúnicas com o fim exclusivo de fazer, mediante o exercício contínuo da caridade, uma propaganda séria, útil e eficaz da lei de Jesus, corroborada pela sublime Doutrina dos Espíritos, seus mensageiros.

Para os espíritas, a prática da doutrina que professam é tudo, porqüanto muito lhes será pedido, visto que muito lhes é dado. Cumpre, pois, nos preparemos, todos os que nos dizemos tais, para prestar contas exatas do que se nos confiou.

Pouco depois de haver escrito o que acabamos de resumir, a Sra. Collignon, médium pelo qual foram transmitidas ao Sr. J. B. Roustaing as revelações que se encontram na obra que ele publicou sob o título de "Revelação da Revelação", passou a escrever, debaixo de nova influência mediúnica e com letra diferente, o seguinte:

"Não basta se diga que certa moral é sublime; cumpre pô-la em prática. Não basta ser-se cristão e mesmo cristão-espírita, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que queiram entrar no reino de meu Pai sejam seus filhos pelo coração e não de lábios somente, obedeçam com submissão, zelo e confiança às instruções que receberam e recebem hoje dos Espíritos, enviados de acordo com as minhas promessas, para ensinar progressivamente aos homens todas as coisas, para os conduzir à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse.

"Digam: Senhor, Senhor! mas digam-no do fundo de seus corações, correspondam seus atos às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá.

Por aquele cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e os poderosos. — ISABEL.

Em seguida, também de modo espontâneo, o médium escreveu, sob a influência anterior e com letra igual à com que fora traçado o ensino que acabava de ser recebido, esta última comunicação:

"Bendizei do Senhor a graça que vos fez e pedi-lhe de coração o apoio daquele que se vos manifestou hoje, por intermédio do seu enviado. Perseverai no caminho que trilhais, tende confiança e fé, mas séria, e o Senhor estenderá suas mãos sobre vós, para afastar os obstáculos que vos possam deter". — JOÃO, MATEUS, LUCAS.

(45) Romanos, 2º, 13. — 2ª Epístola à Timóteo, 2º, 19.

43
MATEUS, 8º, 1 ao 4. — MARCOS, 1º, 40 ao 45 — LUCAS, 5º, 12 ao 16. O leproso

MATEUS: capítulo 8º, versículo 1. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o acompanhou; — 2, e, aproximando-se dele, um leproso se pôs a adorá-lo, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 3. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero-o; estás curado. E no mesmo instante lhe desapareceu a lepra. 4. E Jesus acrescentou: Não fales disto a ninguém; mas vai mostrar-te aos sacerdotes e faze a oferenda prescrita por Moisés, a fim de que lhes sirva de testemunho.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 40. Aproximou-se dele um leproso e, de joelhos, o implorava, dizendo: Se quiseres, podes curar-me. — 41. Jesus se apiedou do homem e, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Quero-o, fica curado. — 42. Assim que pronunciou estas palavras, a lepra deixou o homem, ficando este curado. — 43. Mandando-o embora, proibiu-lhe terminantemente Jesus que falasse do fato, dizendo: — 44. Não fales disto a ninguém, mas vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece, pela tua cura, o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 45. O homem, porém, tanto que dali se afastou, começou a falar da sua cura e a anunciá-la por toda parte, de sorte que Jesus não podia mais aparecer ostensivamente na cidade; permanecia fora, nos lugares desertos, mas de toda parte vinham ter com Ele.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 12. Sucedeu que, achando-se Jesus em certa cidade, um homem coberto de lepra o viu, dele se aproximou e, prostrando-se com o rosto em terra, o Implorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 13. Estendendo a mão, Jesus o tocou, dizendo: Eu o quero, fica curado; e a lepra desapareceu no mesmo instante. — 14. Jesus lhe ordenou que não falasse a ninguém. Mas vai, disse-lhe, mostrar-te aos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés determinou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 15. Sua fama cada vez mais se dilatava e a ele acorria grande multidão de pessoas que vinham aos
bandos para o ouvir e ser curadas de suas enfermidades. — 16. Ele, porém, se retirava para o deserto e orava. (46)

Jesus recompensou a fé que verificara existir naquele pobre homem, cujo Espírito, por maneira tão dolorosa, expiava suas culpas de vidas anteriores. Mas, sabendo que ainda não era tempo de dar publicidade ampla às graças que espalhava, recomendou ao homem que a ninguém referisse a cura de que fora objeto.

Ainda hoje assim é. O Senhor acode a curar a lepra dos corações de suas ovelhas; porém, nem todos se acham em estado de compreender a graça que Ele lhes faz, pelo que os bons Espíritos, seus enviados, nos recomendam: procedei com prudência.

Relativamente às curas espíritas, talvez ainda não haja também chegado o tempo de serem praticadas abertamente. Assim sendo, com prudência devem agir os que as possam operar como instrumentos dos Espíritos do Senhor, a fim de que os benefícios da sua misericórdia, espalhados pelos que se acham aptos a recebê-lo, não se tornem causa de acréscimo de responsabilidade e de dívidas morais, para os que não se encontrem em condições de apreciá-los, e

a fim também de que o Consolador, que aí está entre nós com o nome de Espiritismo, não veja sobposto o seu objetivo capital, que é curar as almas, ao interesse egoístico da cura apenas dos corpos.

E tanto mais compreensível é o conselho, que nos vem do Alto, para que obremos com prudência, quando não há duvidar de que, em sendo oportuno, os benefícios do Senhor sempre se divulgam, faça-se o que se fizer em contrário a essa divulgação. É disso evidente sinal o fato de haver aquele que deixara de ser leproso desobedecido ao que lhe determinara- o divino Mestre.

Sua cura, que foi instantânea, se operou por ato da vontade poderosa de Jesus, atuando sobre os fluídos apropriados a produzi-la e efetuando uma concentração magnética deles sobre o doente.

O magnetismo humano já opera curas que, todavia, não podemos ainda compreender.

Quanto mais, espiritualizando-se pela sua depuração, o homem se aproximar da vida espiritual, quanto mais em condições se puser, conseguintemente, de exercer ação sobre os fluídos que o cercam, tanto mais facilmente os poderá empregar como meio curativo.

Longe estamos de imaginar sequer o que pode o homem conseguir do magnetismo e menos ainda o que poderá a seu tempo.

Nada houve, pois, de sobrenatural na cura do leproso, operada por Jesus. Não houve, por conseguinte, milagre algum senão aos olhos dos homens, aos quais o fato, como tantos outros, pareceu milagroso, por desconhecerem completamente a lei natural que lhe presidiu à realização.

Que fazem os médicos da Terra, para chegarem a purificar a pele de um leproso? Tratam a massa do sangue, procurando despojá-la de tudo o que a corrompe. Do mesmo modo procedem os enviados do Pai.

Enquanto o nosso organismo material não se tornar de natureza elevada, têm eles que depurar a fonte das nossas impurezas. O corpo nos retém cativa a alma. Tempo, porém, virá em que nossa alma recuperará a sua liberdade e desferirá o vôo, elevando-nos o corpo a um alto grau de pureza, isto é, tornando-o inteiramente fluídico.

Os leprosos eram excluídos do convívio social. Para que aquele, a quem Ele curara, pudesse volver a esse convívio, foi que Jesus lhe mandou que se mostrasse aos príncipes dos sacerdotes e levasse, em testemunho da sua cura, a oferenda prescrita por Moisés.

Pelo que respeita a essa oferenda, para se lhe compreender o significado, atenda-se a que tudo era emblemático na legislação moisaica. Assim como se sacrificavam as primícias dos rebanhos, imitando-se a consagração dos primogênitos das famílias; assim como se degolava a vítima propiciatória, para redimir as faltas dos povos, assim também os leprosos eram obrigados a levar uma oferenda ao Senhor, a título de penhor da purificação obtida e de gratidão pelo benefício recebido.

Cada um oferecia o que estava ao seu alcance e aquele que mais oferecia era então, como ainda hoje, aos olhos dos homens, considerado o mais limpo. Com efeito, não é comum, entre os homens, o interesse do juiz influir no julgamento?

Se Jesus se conservava nos lugares ermos, como dizem os Evangelistas, era porque, perseguido, a bem dizer, pelas multidões, mais curiosas de milagres do que do reino dos céus, Ele se via forçado a procurar sítios mais espaçosos.

Quanto ao retirar-se para o deserto, a fim de orar, como pensavam seus discípulos, o que se dava, conforme já foi explicado, era que lhes desaparecia das vistas, fazendo cessar a visibilidade e a tangibilidade do seu corpo celeste, ou, seja, fluídico, a fim de volver às regiões celestiais onde paira de contínuo o seu Espírito excelso.

(46)Levítico, 14º, 3, 10.

44
MATEUS, 8º, 5 ao 13. — LUCAS, 7º, 1 ao 10. O centurião

MATEUS: capítulo 8º, versículo 5. Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio ter com Ele um centurião e lhe dirigiu esta súplica: — 6. Senhor, meu servo está de cama, em minha casa, atacado de paralisia e sofre extremamente. — 7. Jesus disse: Irei lá e o curarei. — 8. Mas o centurião lhe ponderou: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; dize apenas uma palavra, e o meu servo estará curado; — 9, porqüanto sou um homem submetido a outro; tenho, sob minhas ordens, soldados; — digo a um: vai lá e ele vai; a outro; vem cá e ele vem; a meu servo digo: faze isto e ele faz. — 10. Ouvindo estas palavras, Jesus se encheu de admiração e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que ainda não encontrara em Israel tão grande fé. — 11. Também vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão, Isaac e Jacob; 12, mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 13. E, voltando-se para o centurião, disse: Vai e seja feito como acreditaste. Nessa mesma hora o servo ficou curado.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 1. Acabando de dizer todas estas coisas ao povo, entrou em Cafarnaum. — 2. Um centurião tinha doente, quase a morrer, um servo que lhe era muito caro. — 3. Tendo ouvido falar de Jesus, o centurião lhe mandou suplicar, por alguns anciães judeus, que viesse curar o seu servo. — 4. Falando a Jesus, os anciães o imploraram instantemente, dizendo: 5 um homem que merece lhe faças esta graça; — 5, pois que ama o nosso povo e nos edificou uma sinagoga. — 6. Jesus se pôs a caminho com eles; mas, quando chegaram perto da casa do centurião, este lhe mandou dizer por seus amigos: Senhor, não te dês esse incômodo, pois não sou digno de que entres na minha casa, — 7, como não me julguei digno de ir ter contigo; dize uma só palavra e o meu servo estará curado; — 8, porqüanto sou um homem submetido à autoridade de outro; tenho, sob minhas ordens, soldados e, se digo a um: vai lá, ele vai; a outro: vem aqui, ele vem; a meu servo: faze isto, ele faz. — 9. Ouvindo isso, Jesus se mostrou admirado e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Em verdade vos digo que ainda não vira em Israel tão grande fé. — 10. E quando para a casa do centurião voltaram os que este mandara a Jesus, encontraram curado o servo que estava doente. (47)

A cura do servo do centurião, como a do leproso, também se operou pela aplicação do mesmo princípio, o princípio magnético, e não por milagre. Assim como a pilha galvânica pode momentaneamente dar movimento aos músculos e aos nervos de um cadáver, também a concentração, por efeito magnético, de certos fluídos espalhados na atmosfera pode operar sobre o organismo vivo um abalo violento que o regenere.

Na força daquele que, pela ação exclusiva da sua vontade, obtinha tais efeitos é que se poderia ver um milagre; mas, é natural a explicação dessa força. Do mesmo modo que o solo que pisamos se acha juncado de plantas cujas propriedades curativas ainda se não conhecem, também a atmosfera que nos cerca contém propriedades fortificantes, purificadoras e regeneradoras, das quais só aprenderemos a servir-nos quando nos entregarmos a estudos morais, que nos elevem à altura da Ciência que teremos de adquirir para as conhecermos devidamente.

Dizemos estudos morais, porque só esses estudos nos desembaraçarão dos instintos brutais que escravizam a nossa vontade, tornando-a capaz de os dominar, de dominar os nossos sentidos, de aproximar-nos, portanto, da perfeição e de aumentar os nossos poderes.

Somente a depuração moral nos possibilitará os estudos necessários ao conhecimento dos fluídos magnéticos dotados daquelas propriedades fortificantes, depurativas e regeneradoras.

Antes mesmo, porém, que chegue às condições de se utilizar diretamente desses fluídos, poderá o homem servir-se deles com bom resultado, mediante o auxilio dos Espíritos protetores da Humanidade, os quais, valendo-se do magnetismo espiritual, lhos colocarão ao alcance, como, aliás, já o fazem com os médiuns curadores.

Como, porém, a depuração moral do homem só muito lentamente se vai operando, claro é que ainda muito tardará que ele se ache apto a manejar sempre com eficácia aqueles fluídos.

Enquanto não atinge esse ponto, cumpre-lhe servir-se, oportuna e criteriosamente, assim do sonambulismo magnético e do magnetismo humano, como da ciência médica, que lhe indica as substâncias minerais, vegetais e animais, possuidoras de propriedades curativas já conhecidas e de outras que ainda virão a ser descobertas.

Em última análise, todas as curas, que se obtém pelo uso de substâncias medicamentosas, são produzidas pelos fluídos a que nos vimos referindo, pois que, quando uma planta, por exemplo, denota possuir virtude curadora para tal ou qual enfermidade, o que se dá é que essa planta tem a propriedade de saturar-se, por efeito da lei de afinidade, dos fluídos apropriados a restabelecer, no organismo humano, o desequilíbrio fluídico que ali se verificou e que é a enfermidade, fluídos que ela leva ao dito organismo, quando é nele introduzida, sob esta ou aquela forma.

Por aí se vê que a medicina não deve constituir um sistema, mas um meio de restabelecer-se no organismo aquele equilíbrio, quando desfeito, e a harmonia das forças vitais, quando perturbada. Os que se consagram à meritória missão de aliviar os sofrimentos físicos da Humanidade devem entregar-se a profundos e perseverantes estudos teóricos e experimentais, para poder lançar mão, com oportunidade e proveito, tanto daquela ciência, adotando o princípio dos contrários, ou o dos semelhantes, bem como do magnetismo humano e do sonambulismo magnético, visto que todos esses elementos são do domínio da Natureza.

Cumpre, porém, que o homem remonte sempre àorigem do mal que deseje remediar; que, sobretudo, procure sempre, em todas as dores físicas, dores orgânicas, bem entendido, a causa moral de onde elas se geram. É claro que aquele que quebra um braço a nenhuma dor secreta pode atribuir o fato, ou a maus pendores; mas, nos inúmeros males que afligem o gênero humano, se pesquisarmos o fundo dos corações e das consciências, encontraremos sempre a raiz dessa árvore que se estende por sobre todos os membros. O coração ou a alma estão quase sempre atacados. Daí a perturbação do sistema nervoso, fonte de todas as enfermidades, de todos os sofrimentos. Perscrute o que sofre os seus antecedentes e descobrirá muitas vezes o pesar oculto de uma ação, um acontecimento que interessou a saúde, viciando o sangue que deve circular puro nas veias.

Ainda não encontrara tão grande fé em Israel. —Assim dizendo, quis Jesus

assinalar que filho de Deus, no sentido particular em que Ele usava dessa locução, é todo aquele que em Deus tem fé, seja judeu ou gentio; que ter fé em Deus não é privilégio desta ou daquela seita religiosa; e que o que tem fé, seja ele o que for, Deus não o rejeita, como faz a Igreja Romana com os que não se lhe curvam ao jugo, aos quais ela não só repele do seu seio, como presunçosamente os declara repelidos do Senhor.

Orgulhosa dos bens que recebeu, não admite lhe caiba reparti-los, esquecida do caso da Cananeana, de quem Jesus, para dar sublime ensinamento, provocou uma resposta, que foi formulada nos seguintes termos: O cãozinho se nutre das migalhas que caem da mesa de seu dono. (MATEUS, capítulo 15º, versículo 27; MARCOS, capítulo 7º, versículo 28.)

Chamada a continuar a obra dos primeiros cristãos, a Igreja começou a desempenhar com zelo a sua tarefa; mas o êxito a embriagou e ei-la sacrificando a Mamon, esquecida da humildade do Mestre divino e dos princípios evangélicos, repelindo, cheia de orgulho, os que procuram abrir-lhe os olhos e opondo-se, pelas conveniências políticas, até às conversões à religião ortodoxa! O véu dos interesses inconfessáveis, da ânsia de predomínio dos mistérios, lhe impede completamente a visão da luz. Esse véu, porém, será arrancado, porque Deus o quer. A grandiosidade dos ensinos espíritas, a verdade da ciência espírita irão tirando uma a uma as camadas de obscurantismo que os séculos no seu perpassar lhe colocaram em cima, ocultando-lhe a luz.

A Igreja do Cristo tem por templo o nosso planeta, por fiéis todos os que praticam a sua moral simples e sublime e por sacerdotes todos os corações puros que arrebanham os Espíritos transviados, para os reconduzir Àquele que empunha o grande cajado de pastor.

Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores (capítulo 8º, versículo 12 de MATEUS). Isto significa que os que receberam a palavra do Senhor e dela não fizeram o uso que deviam fazer; que os que se julgavam salvos, pela única razão de suporem com o direito de absolver e de condenar, serão pesados na mesma balança em que pesavam os outros e passarão na erraticidade pelas torturas morais apropriadas a fazê-los aperfeiçoar-se.

(47) Salmo, 106º, 20. — 2ª Epístola à Pedro, 2º, 17. — Judas, 13º.

45
LUCAS, 7º, 11 ao 17. O filho da viúva de Naim

LUCAS: capítulo 7º, versículo 11. No dia seguinte, Jesus se dirigiu para uma cidade chamada Naim, acompanhado por seus discípulos e por grande multidão. — 12. Ao aproximar-se da porta da cidade, aconteceu-lhe ver que levavam a enterrar um morto que era filho únicO de sua mãe, sendo esta viúva; grande número de pessoas da cidade a acompanhava. — 13. Vendo-a, o Senhor se encheu de compaixão por ela e lhe disse: Não chores. — 14. Aproximou-se e tocou o esquife; os que o levavam pararam e ele disse: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. — 15. No mesmo instante aquele que estava morto se sentou e começou a falar e Jesus o restituiu à sua mãe. — 16. Todos os presentes foram tomados de espanto e glorificaram a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo. — 17. O rumor desse milagre se espalhou por toda a Judéia e por todas as suas cercanias. (48)

Quando se encontra num desses estados de repouso a que chamamos — sono, síncope, catalepsia, o corpo físico se acha separado da inteligência que o anima. Em tais casos, o Espírito readquire uma liberdade momentânea e limitada, permanecendo, porém, ligado ao corpo de que se separou, por uma como cadeia elétrica, que éo laço fluídico do perispírito, laço que o reconduz ao invólucro material, logo que as necessidades humanas o determinam.

Não há então morte real, porque desta não há despertar material, uma vez que a vontade imutável do Senhor jamais força o Espírito a se unir à podridão, que começa, pela decomposição da matéria corporal, desde o instante em que se rompe definitivamente aquele laço fluídico.

No caso do filho da viúva de Naim, como no da filha de Jairo e no de Lázaro e, ainda, em todos os outros de ressurreição de mortos aos olhos dos homens, esse laço não se quebrara, a morte era apenas aparente, O que, portanto, em todos eles, fez Jesus foi chamar os prisioneiros aos cárceres de carne, donde se haviam afastado, e eles volveram imediatamente.

Nenhuma outra causa nem outra explicação qualquer têm os fatos desta natureza, constantes assim do Velho, que do Novo Testamento.

Desde que o Espírito tenha voltado à sua vida primitiva, à vida espírita, não lhe é mais possível retornar à vida corporal humana, a não ser por meio da reencarnação, isto é, renascendo, de acordo com as leis naturais e imutáveis da reprodução, vigentes na Terra.

(48) JOÃO, 4º, 19; 6º, 14; 9º, 17; 11º, 43. — Atos, 9º, 40 — Romanos, 4º, 17.

46
MATEUS, 8º, 14 ao 17. — MARCOS, 1º, 29 ao 34 — LUCAS, 4º, 38 ao 41. Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas

MATEUS: capítulo 8º, versículo 14. Tendo ido à casa de Pedro, Jesus aí en controu a sogra deste de cama e com febre. — 15. Tocou-lhe na mão e a febre desapareceu, ela se levantou imediatamente e se pôs a servi-los. — 16. Pela tarde apresentaram-lhe muitos possessos e de todos expulsou ele com a sua palavra os maus Espíritos e curou os que estavam doentes; — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

MARCOS: capítulo 1º, versículo 29. Saindo da sinagoga, vieram com Tiago e João à casa de Simão e de André. — 30. Ora, achando-se a sogra de Simão de cama com febre, logo falaram dela a Jesus; — 31, e este, aproximando-se, lhe pegou na mão e a fez levantar-se; no mesmo instante a febre a deixou e ela se pôs a servi-los. — 32. Ao cair da tarde, quando o Sol já se escondia, trouxeram-lhe muitos doentes e possessos; — 33, aglomerando-se à porta da casa todos os habitantes da cidade. — 34. E ele curou muitas pessoas atacadas de diferentes moléstias e expulsou muitos demônios, aos quais não permitia que falassem, porque o conheciam.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 38. Saindo da sinagoga, entrou Jesus na casa de Simão, cuja sogra estava com muita febre e lhe pediram que se compadecesse dela. — 39. Inclinando-se sobre ela, Jesus ordenou à febre que a deixasse e a febre a deixou, ela se levantou imediatamente e começou a servi-los. — 40. Ao pôr do Sol, todos os que tinham doentes atacados de moléstias diversas os traziam e ele, pondo sobre cada um as mãos, os curava. — 41. De muitos os demônios saíam gritando e dizendo. És o filho de Deus. Mas Jesus os ameaçava e não lhes permitia que falassem, por isso que sabiam ser ele o Cristo. (49)

As curas físicas, que Jesus operava, eram sempre efeito da ação magnética que Ele exercia sobre os doentes, pelo poder da sua vontade que, em cada caso, reunia e combinava instantaneamente os fluídos apropriados a curar a enfermidade de que se tratava. Do mesmo modo, pela ação da sua vontade poderosa e incontrastável, éque realizava a cura dos padecentes de obsessão ou subjugação espiritual. Não podendo resistir àquela ação, os Espíritos inferiores se afastavam de suas vítimas, deixando-as livres do jugo que as oprimia, e, as mais das vezes, por intermédio destas, que então se tornavam médiuns falantes, davam testemunho da grandeza espiritual do Cristo, da sua autoridade suprema de enviado divino, da superioridade extrema que lhe advinha da sua qualidade de Espírito de pureza perfeita e imaculada, clamando: És o Filho de Deus!

«Se obedeceres à voz do Senhor teu Deus e obrares o que é reto diante de seus olhos e obedeceres aos seus mandamentos e guardares todos os seus preceitos, eu não enviarei sobre ti qualquer das enfermidades que mandei contra o Egito; porque eu sou o Senhor que te sara.” (“Êxodo”, capítulo 15º, versículo 26.)

Ao defrontar com os leprosos que se amontoavam nas vizinhanças de

Betsaida (LUCAS, capítulo 17º, versículo 12), Jesus confirma essas palavras, demonstrando ter o poder de os curar, revelando, pois, ser de fato o preposto imediato do Senhor que sara. Ele é bem portanto, o médico das almas, como o disse, capaz de curá-las todas do pecado que as enferma, causando-lhe males atrozes. Portador ao mundo e distribuidor do divino perdão, base da sua medicina, Ele muda a enfermidade em saúde, transformando a morte em vida, que é a salvação.

Anelando por esta, entoemos com o salmista o nosso cântico, dizendo, em testemunho da nossa fé: “Ele perdoa todas as minhas maldades e sara todas as minhas enfermidades. Redime da morte a minha vida. Bendize, ó minha alma, o Senhor.” (“Salmo”, capítulo 102º, versículos 3, 4 e 22.)

(49)Isaías, 53º, 4. — 1ª Epístola à Pedro, 2º, 24. — Atos, 16º, 17 e 18.

47
MARCOS, 1º, 35 ao 39. — LUCAS, 4º, 42 ao 44. Retirada para o deserto. — Prece. — Pregação

MARCOS: capítulo 1º, versículo 35. No dia seguinte, tendo-se levantado muito cedo, saiu e foi para um lugar deserto, onde se pôs a orar. — 36. Simão e os que com ele estavam lhe foram no encalço: — 37, e, quando o encontraram lhe disseram: Toda gente te procura. — 38. Ele então disse: Vamos às aldeias e cidades próximas a fim de que também aí eu pregue, pois foi para isso que vim. — 39. E assim pregava nas sinagogas e por toda a Galiléia e expulsava os demônios.

LUCAS: capítulo 4º, versículo 42. Ao nascer do dia, saiu e foi para um lugar deserto; a multidão que o procurava veio ter com Ele e não o largava com receio de que se fosse embora. — 43. Ele, porém, lhes disse: É preciso que também nas outras cidades eu anuncie o reino de Deus; pois para isso é que fui enviado. — 44. E pregava nas sinagogas da Galiléia. (50)

A linguagem e a narração dos evangelistas são, embora eles se achassem debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, conformes, como não podia deixar de acontecer, às crenças dos apóstolos e das multidões que acompanhavam a Jesus. Daí o dizerem que este se retirava para lugares desertos, a fim de orar.

Não era isso, porém, o que se dava. Como não estava sujeito, senão aparentemente, às contingências da encarnação, entre elas à do repouso pelo sono, porqüanto o seu corpo, como já foi explicado, era celeste, o que quer dizer — de natureza fluídica, o que se verificava, todas as vezes que o supunham ter-se retirado para o deserto, é que volvia às regiões superiores onde constantemente paira, exercendo o governo do mundo que lhe está confiado.

Era o que fazia durante a noite, reaparecendo, ao amanhecer, com o seu corpo de aparência humana, no sítio onde devia ser encontrado.

Entretanto, esses seus desaparecimentos, dando ensejo àquela suposição, encerravam também um ensinamento, qual o de que todos devemos estar sempre vigilantes, a fim de nos acharmos prontos sempre a comparecer diante do Senhor.

Com o deixar supusessem que se levantava muito cedo, para ir entregar-se à oração, ensinava aos homens que não devem proporcionar a si mesmo um repouso desnecessário, nem consagrar demasiado tempo aos cuidados pessoais.

(50) Isaías, 61º, 1. — JOÃO, 16º, 28; 17º, 4.

48
MATEUS, 8º, 18 ao 22. — LUCAS, 9º, 57 ao 62. Seguir a Jesus. — Deixar que os mortos enterrem seus mortos. — Não olhar para trás

MATEUS: capítulo 8º, versículo 18. Vendo-se Jesus cercado por grande multidão, resolveu atravessar o lago. — 19. Então um escriba se aproximou e lhe disse: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. — 20. Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas, os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 21. Outro discípulo lhe disse: Senhor, permite que primeiro eu vá enterrar meu pai. — 22. Jesus lhe retrucou: Deixa que os mortos enterrem seus mortos.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 57. Quando iam a caminho, um homem lhe disse:
Senhor, eu te acompanharei para onde quer que fores. — 58. E Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas, os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 59. E disse a outro: Acompanha-me. Ao que ele respondeu: Senhor permite que vá primeiramente sepultar meu pai. — 60. Jesus lhe disse. Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. — 61. Disse-lhe outro: Eu te seguirei, Senhor, mas permite que vá antes dizer adeus aos de minha casa. — 62. Jesus lhe disse: Aquele que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás, não serve para
o reino de Deus. (51)

O filho do homem não tem onde repousar a cabeça. - Jesus, que era sempre Espírito livre, pois que não sofrera a encarnação humana; que, como temos dito, sempre que desaparecia da vista dos homens, era porque ascendia às regiões celestiais donde dirige a marcha da Humanidade terrena, o que ainda não fora revelado, nem explicado, porque não seria compreendido, não tinha onde descansasse das fadigas a que o julgavam sujeito os que o supunham um homem comum e esses eram todos os que lhe seguiam as pegadas, os que o acompanhavam pelas estradas da Palestina.

Além disso, porém, com essas palavras, dirigidas aos que o consideravam passível de todas as vicissitudes da existência corpórea, quis Ele significar que os cuidados e esforços pela conquista cujos meios de efetivação constituíam o objeto capital da sua missão, deve a criatura sobrepô-los às voluptuosidades, às doçuras e ao repouso exagerado da vida material, que precisa caracterizar-se pela atividade no bem, pela energia contra os pendores malsãos, pelo desprendimento das coisas perecíveis e pela confiança em Deus.

Deixa que os mortos enterrem seus mortos. — Não pretendeu, é claro, o divino Mestre, isso dizendo, aconselhar e, menos, autorizar que se deixem insepultos os corpos, nem que faltemos às obrigações que os laços de família ou de amizade nos impõem. Apenas teve em mira mostrar que não se deve fazer do enterramento dos corpos um culto, ou, o que ainda é pior, um motivo de ostentação e de fausto. Quis tão-somente, Ele que viera demonstrar que o que tem valor real é o Espírito e não o corpo, ensinar que para aquele e não para este é que devemos fazer convirjam os nossos principais e maiores cuidados, ensinar que o nosso culto aos entes amados que regressam à vida

extraterrena, o nosso luxo para com eles devem consistir nas preces fervorosas e constantes, saídas do coração, e não em atenções pueris dispensadas aos despojos putrescíveis, que a terra reclama para o trabalho de decomposição que lhe incumbe.

Os mortos, de que Jesus falava, são os que vivem exclusivamente para o corpo e não para o Espírito e pelo Espírito. Que esses, aos quais falecem outras consolações, se abracem e agarrem à podridão e ponham todos os cuidados em enterrar seus mortos. Que os outros, porém, os que vivem mais para e pelo Espírito, do que para o corpo, se apliquem em pregar a vida eterna em consolar e exortar os homens a que busquem o carreiro conducente a essa vida, onde tudo é perfume, alegria e luz.

Logo que, pelo médium que o auxiliava, acabavam de ser dadas ao Sr. J. B. Roustaing as explicações que deixamos resumidas, outro Espírito, como enviado de Jesus e em seu nome, fez que o mesmo médium escrevesse, com caligrafia diferente da anterior e magistral, o seguinte:

"Deixai que os mortos enterrem seus mortos e ide vós anunciar o reino de Deus. Deixai entregues a si mesmos os que se mostram incapazes de ver a luz. Tratai, primeiramente, de levá-la aos que a desejam.

"Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si não é apto para o reino de Deus: É preciso que as condições pessoais, egoísticas, não vos façam voltar atrás, e abandonar a obra que tendes de executar. Começastes a caminhar para a frente, segui o vosso caminho, pois parar é recuar.

"Jesus vos abençoa".

Em seguida, com a mesma caligrafia de antes, escreveu o médium: "Foi um Espírito, intermediário de Jesus junto de vós, quem se manifestou e vos transmitiu a palavra do Mestre.

"O Senhor, com vigilante ternura, olha para todos vós e seu amor leva em conta os vossos menores esforços. Mas, se por estar Jesus muito acima dos Espíritos que vos servem de guias e protetores, estes não são por Ele pessoalmente dirigidos, com mais forte razão, entre Ele e vós, indispensáveis são os intermediários. O Espírito que vos transmitiu as suas palavras é um dos que lhe recabem as ordens e espalham, sob a sua direção, a luz e a ciência.

"Grande seja o vosso reconhecimento! A bondade do Senhor desce sobre os que se esforçam por submeter-se às suas leis. Paciência, coragem, perseverança, fé e amor. — MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO".

(51) 3º Reis, 19º, 20.

49
MATEUS, 8º, 23 ao 27. — MARCOS, 4º, 35 ao 40 — LUCAS, 8º, 22 ao 25. Tempestade aplacada

MATEUS: capítulo 8º, versículo 23. Tomou em seguida a barca, acompanhado
pelos discípulos. — 24. E eis que se levantou no mar uma tempestade tão grande que as ondas cobriam a barca. Ele entretanto dormia. — 25. Os discipulos então se aproximaram dele e o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. — 26. Jesus lhes respondeu: Por que tendes medo, homens de pouca fé? E. levantando-se, mandou que os ventos e o mar se aquietassem e grande bonança logo se fez. — 27. Os homens, cheios de admiração, diziam: Quem é este a cujas ordens os ventos e o mar obedecem?

MARCOS: capítulo 4º, versículo 35. Nesse dia, ao cair da tarde, disse-lhes Ele: Passemos para a outra margem. — 36. E, despedida a multidão, levaram consigo Jesus na barca, onde Ele se achava, outras barcas o seguiam. — 37. Levantou-se grande ventania, que, atirando as vagas sobre a barca, a enchiam dágua. — 38. Jesus, que se achava à popa, dormia reclinado num travesseiro. Eles o acordaram, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? — 39. Jesus, levantando-se, falou ao vento e ao mar dizendo: Cala-te, emudece; o vento cessou e logo reinou grande calma. — 40. E Ele lhes disse: Por que sois tão tímidos? ainda não tendes fé? E todos, cheios de temor, diziam uns aos outros:
Quem julgas seja este a quem o vento e o mar obedecem?

LUCAS: capítulo 8º, versículo 22. Certo dia, tendo entrado numa barca com os discípulos, disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago; e partiram. — 23. Enquanto faziam a travessia, Ele adormeceu e grande ventania se desencadeou sobre o lago, enchendo dágua a barca e pondo-os em perigo. — 24. Os discípulos se acercaram dele e, despertando-o, disseram: Mestre, socobramos. Jesus, levantando-se, falou ameaçadoramente ao vento e às ondas agitadas. Tudo logo cessou e reinou grande calma. — 25. Disse-lhes Ele então: Onde está a vossa fé? Eles, porém, cheios de temor e de admiração, perguntavam uns aos outros: Quem julgas seja este que dá ordens aos ventos e às ondas e é obedecido? (52)

Segundo já foi explicado, Jesus, como governador, diretor e protetor do nosso planeta, a cuja formação presidiu, missão que por si só indica a grandeza excelsa do seu Espírito, tinha, por efeito dessa excelsitude, o conhecimento de todos os fluídos e o poder de utilizá-los conforme entendesse, de acordo com as leis naturais que lhes regem as combinações e aplicações.

Ora, dados esse conhecimento e esse poder, tão fácil lhe era curar uma enfermidade, como aplacar uma tormenta, modificando as condições dos elementos que as produzem, todos de natureza fluídica, fazendo cessar entre eles o desequilíbrio que as ocasiona.

Cumpre ponderar que tais fenômenos visam a um fim providencial — o aperfeiçoamento do orbe, em correspondência com o progresso da Humanidade e de tudo o que lhe concerne.

Os que sucumbem, vitimados por eles, são os que escolheram ou se viram obrigados a passar pela prova de terminarem dessa maneira a existência

terrena. É o que igualmente se dá com os que perecem nos incêndios, nos terremotos, pela peste, pela fome, pela guerra, etc., visto que nada se dá por obra do acaso; que tudo tem uma justa razão de ser. A pena de talião, como já tivemos ensejo de mostrar, é uma realidade, do ponto de vista espiritual, para os Espíritos culpados, os quais, amiúde, sentem a necessidade de passar por aquilo que
fizeram a outros e então encarnam nas condições apropriadas à satisfação dessa necessidade.

O certo é que tudo segue marcha regular, estabelecida pela onisciência divina, concorrendo tudo para um contínuo progresso, assim de ordem física, como de ordem intelectual e moral. Tudo, pois, em a Natureza, é preparado e conduzido pela ação de Espíritos prepostos à execução dos sábios desígnios de Deus, exercendo-se essa ação de conformidade com as leis naturais e imutáveis que o Supremo legislador do Universo pôs, desde toda a eternidade.

Com o conhecimento perfeito de todas essas leis e com o poder, por assim dizer, divino que possui, em relação ao nosso planeta, a vontade potentíssima de Jesus, o mais graduado daqueles Espíritos, era e foi bastante, para fazer que a tempestade cessasse, o tempo se tornasse de novo calmo e sereno o mar.

Também o homem operará um dia fatos desses, que aos seus olhos ainda assumem as proporções de verdadeiros prodígios, porque grande nele só há o orgulho, causador único da sua extrema fraqueza. Operá-los-á quando, pela elevação dos sentimentos, pelo progresso espiritual, se tornar senhor da ciência do Magnetismo e capaz de praticá-la, sob a influência e o auxílio espíritas, determinando, pelas combinações fluídicas, a atração magnética e todos os demais efeitos decorrentes daquele agente universal. Assim, dia virá em que todos os fatos que presentemente ainda nos maravilham e assombram se nos tornarão familiares. Tal se dará quando houvermos chegado a um alto grau de pureza moral. Ë esta uma verdade, cujo fundamento integral se encontra nas seguintes palavras do divino Mestre: Fareis as obras que eu faço e fareis outras ainda maiores. (João, capítulo 14º, versículo 12.)

No estado de inferioridade em que ainda se acha o nosso planeta, as hecatombes, as pestes, a fome e a guerra contribuem para o progresso dos povos, porque são meios de provação e expiação e servem para o desenvolvimento da civilização e da Ciência, de adiantamento moral e intelectual, abrindo ensejos à atividade, à prática do devotamento e da caridade.

São efetivamente flagelos, no sentido de que atingem indistintamente grandes e pequenos; mas, são, principalmente, meios apropriados a lembrar ao homem que todos estamos sujeitos ao poder divino, perante o qual todas as cabeças se encontram à mesma altura. Não devemos, pois, lamentar que tais calamidades se abatam sobre este ou aquele país.

Devemos, ao contrário, bendizer do Senhor, “que estende seu flagelo por sobre as massas e pesa na sua balança o valor de seus povos; que manda às nações o progresso e a paz aos homens de boa-vontade”.

Tudo, repetimos, segue marcha regular, objetivando o progresso, assim de ordem física, como de ordem intelectual e moral.

(52) Salmo, 106º, 29.

50
MATEUS, 8º, 28 ao 34. — MARCOS, 5º, 1 ao 20. — LUCAS, 8º, 26 ao 40. Legião de maus Espíritos expulsos. — Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar

MATEUS: capítulo 8º, versículo 28. Ao chegar Jesus, na outra margem do lago, à terra dos Gerasênios, vieram-lhe ao encontro, saindo dos túmulos, dois possessos tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho; — 29. e se puseram a gritar: Jesus, filho de Deus, que há entre ti e nós? vieste aqui para nos atormentar antes do tempo? — 30. Não longe dali havia uma grande vara de porcos pastando; — 31, e os demônios suplicaram a Jesus: Se nos expulsares daqui, manda-nos para aqueles porcos. — 32. Jesus lhes disse: Ide; e eles, saindo dos possessos, passaram para os porcos; logo toda a manada partiu a correr impetuosamente e se foi precipitar no lago, onde os porcos morreram afogados. — 33. Então, os que os guardavam fugiram e, indo à cidade, narraram tudo o que sucedera aos possessos. — 34. Todos os habitantes da cidade saíram ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, lhe pediram que se retirasse do país.

MARCOS: capítulo 5º, versículo 1. Tendo atravessado o mar, desembarcaram no pais dos Gerasênios; — 2, e, mal Jesus descera da barca, um homem possuido do espírito imundo veio ter com Ele, saindo dos sepulcros, — 3, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender nem mesmo com correntes: — 4, pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadelas e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. — 5. Vivia dia e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras. — 6. Ao ver Jesus. de longe, correu para ele e o adorou; — 7, exclamando em altas vozes: Que há entre ti e mim, Jesus, filho de Deus Altíssimo? Eu te conjuro, por Deus, a não me atormentares. — 8. Isso porque Jesus lhe ordenava: Espírito imundo, sai desse homem. —
9. Perguntando-lhe Jesus: Como te chamas? respondeu: Chamo-me Legião, porqüanto somos muitos. — 10. E lhe pedia com instância que não o expulsasse daquele país. — 11. Ora, havia ali uma grande vara de porcos pastando na encosta do monte — 12, e os demônios faziam a Jesus esta súplica: Manda-nos para aqueles porcos, a fim de que entremos neles. — 13. E como Jesus lhes desse prontamente permissão para isso, os espíritos impuros, saindo do possesso, entraram nos porcos e toda a manada, que era de perto de duas mil cabeças, correu com grande impetuosidade e foi precipitar-se no mar, onde se afogou. 14. Os que a apascentavam fugiram e foram espalhar na cidade e nos campos a notícia do que se passara e uma multidão saiu a ver o que acontecera. — 15. Veio ter com Jesus e, vendo o homem que estivera atormentado pelo demônio, assentado, vestido e em seu juízo, os que a compunham se encheram de temor; — 16, e, ouvindo dos que presenciaram os fatos a narrativa do que sucedera ao possesso e aos porcos, — 17, se puseram a pedir a Jesus que deixasse aquelas terras. — 18. Ao volver Ele para a barca, o homem que estivera atormentado pelo demônio suplicou que lhe fosse permitido acompanhá-lo. — 19. Jesus, porém, lho recusou, dizendo: Volta para tua casa, para o meio dos teus e conta-lhes tudo o que por ti fez o

Senhor; e que Ele de ti se compadeça. — 20. O homem partiu e começou a espalhar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera, causando admiração a todos.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 26. Vieram navegando até ao país dos Cerasênios, que fica defronte da Galiléia. — 27. Ao saltar Jesus em terra, veio ter com Ele um homem que desde muito tempo estava possuído do demônio, que não trazia roupa alguma e que não morava em casa, mas nos sepulcros. — 28. Logo que viu a Jesus, se prostrou diante dele e, em altos brados, dizia: Jesus, filho do Deus Altíssimo, que há entre ti e mim? Eu te suplico, não me atormentes. — 29. Isso porque Jesus ordenava ao Espírito imundo que saísse daquele homem que, havia muito tempo, era por ele violentamente assaltado. De nada servia prenderem-no com correntes e porem-lhe ferros aos pés; quebrava as correntes e os ferros e era impelido pelo demônio para os lugares ermos. — 30. Jesus lhe perguntou: Qual é O teu nome? Ele respondeu: Chamo-me Legião, pois que muitos demônios tinham entrado nele. — 31. E esses demônios pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. — 32. Como num monte próximo estivesse pastando uma grande vara de porcos, os demônios pediram a Jesus que lhes permitisse entrar nos porcos, o que lhes foi concedido. — 33. Saíram então do homem, entraram nos porcos e logo toda a manada correu com impetuosidade a se precipitar no lago e aí se afogou. 34. Vendo isso, os que a guardavam fugiram e foram contar na cidade e nas aldeias o que se passara. — 35. De uma e de outras acorreram muitas pessoas a ver o que sucedera e, vindo onde estava Jesus, encontraram o homem que ficara livre dos demônios, sentado a seus pés, vestido e de perfeito juízo, o que os encheu de temor. — 36. E os que tinham visto o que se passara lhes referiram como o possesso fora libertado da legião dos demônios. — 37. Então, toda a multidão de habitantes do país dos Gerasenios pediu a Jesus que se retirasse dali, por se acharem aterrorizados. Jesus tomou de novo a barca e partiu. — 38. O homem de quem os demônios tinham saido suplicava que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Jesus, porém, o mandou embora, dizendo: — 39. Volta para tua casa; narra o que Deus fez por ti. E o homem foi por toda a cidade, espalhando a notícia do que lhe fizera Jesus. — 40. Regressando este, o povo o recebeu com alegria, pois que todos o esperavam. (53)

A subjugação consiste na ação dominadora que o mau Espírito exerce sobre um outro Espírito que, por mais fraco, se deixou dominar e aquele sujeita temporariamente à sua vontade.

Para produzir esse efeito, o subjugador atua fluídicamente sobre o outro, encarnado, combinando com os fluídos deste os do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Fá-la então sentir a sua presença de todas as maneiras, ouvir, falar, ver e praticar os atos a que lhe apraza impeli-lo, efeitos que a medicina oficial capitula de loucura.

No caso de possessão, o domínio é mais completo. O Espírito obsessor como que se substitui ao do encarnado no seu corpo, donde, por assim dizer, expulsa o outro, para servir-se desse corpo, como se lhe pertencera, ficando a este ligada a vítima, apenas por um cordão fluídico, com o auxílio do perispírito. Combinando os fluídos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o mau Espírito se introduz no instrumento corpóreo deste último e lhe imprime

uma ação que é efeito daquela combinação fluídica. Essa substituição tanto pode dar-se no estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado.

Há ainda um caso excepcional de substituição, caso em que esta se dá voluntariamente, da parte do encarnado, e com permissão dos anjos de guarda, para fim útil, qual o da manifestação de um Espírito obsessor, a fim de ser doutrinado e esclarecido, a benefício seu e de suas vítimas.

Foi nessa condição de possessos de Espíritos maus que dois indivíduos, ou um só, o número pouco importa, se apresentaram a Jesus que, expelindo deles os seus perseguidores, fez que estes se manifestassem visualmente aos porcos, os quais, espavoridos com a visão, debandaram em precipitação tão grande, que foram cair no mar, Os Espíritos obsessores, obedecendo à vontade de Jesus, apenas se fizeram visíveis aos porcos, espantando-os. Não passaram para estes, como disseram os Evangelistas, pela ignorância do que só agora foi revelado a tal respeito, porqüanto o perispírito do Espírito não pode atuar fluídicamente sobre o dos animais, por ser impossível a combinação dos respectivos fluídos, uma vez que os princípios não são idênticos.

Ocorre, porém, dizer, que, se bem não possam ser médiuns, na acepção exata do termo, os animais, alguns pelo menos possuem a faculdade da vidência, tanto que se espantam com as visões que têm, prevenindo desse modo o homem da presença do Espírito.

Quanto ao conhecimento dos meios e processos pelos quais se produzem esses fenômenos de visão nos animais, ainda o não podemos ter, porque nos falta o da natureza dos fluídos, de suas propriedades e das combinações de que são passíveis. Nem por isso, entretanto, nos deve importar a incredulidade e a negação dos sábios, dos materialistas, de todos os que se supõem senhores exclusivos da verdade, do bom-senso, da razão e do mundo, que chamam seu. Para firmarmos a nossa crença, na realidade dos efeitos terríveis e formidáveis da ação dos Espíritos inferiores, temos os fatos autenticados pelos Evangelistas, temos a ciência espírita, cujo estudo leva ao conhecimento de tais fatos, temos a nova revelação, que nos veio desvendar os segredos de além-túmulo, temos as manifestações mediúnicas que, cada vez em maior número, se dão por toda a parte, demonstrando o poder, a extensão e as modalidades várias da atuação dos seres do plano incorpóreo sobre os encarnados.

A subjugação, como a obsessão, em geral, é uma expiação, sempre adequada e proporcionada aos crimes e faltas cometidos pelos que a sofrem e a se verificar em condições de despertar a consciência, de ocasionar o remorso e acarretar o arrependimento, que determina o perdão, cujos misericordiosos efeitos sobre o Espírito já tivemos ocasião de apreciar.

(53) Deuteronômio, 5º 25. — 3º Reis, 17º, 18. — Atos, 16º, 39. — Apocalipse, 18º. 2 e 20º, 3.

51
MATEUS, 9º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 1 ao 12. — LUCAS, 5º, 17 ao 26. Paralítico

MATEUS: capítulo 9º, versículo 1. Tendo tomado de novo a barca, Jesus tornou a atravessar o lago e veio à sua cidade. — 2. E eis que lhe apresentaram um paralíticO deitado no seu leito. Jesus, vendo-lhe a fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; teus pecadoS te são perdoados. 3. Logo alguns escribas disseram entre si: Este homem blasfema. — 4. Jesus, lendo-lhes o pensamento, disse: Por que abrigais maus pensamentos nos vossos corações? — 5. Que é o que será mais fácil dizer: PerdoadoS te são os teus pecados", ou dizer: "Levanta-te e anda"? — 6. Ora, para que saibais que o filho do homem tem na Terra o poder de remir os pecados, — "levanta-te", diz Ele ao paralítico, "toma o teu leito e volta para tua casa". — 7. Imediatamente o paralítico se levantou e voltou para casa. — 8. Vendo isso, a multidão, tomada de espanto, rendeu graças a Deus, que deu aos homens tal poder.

MARCOS: capítulo 2º, versículo 1. Alguns dias depois voltou Jesus a Cafarnaum. — 2. Assim que ouviram dizer que Ele estava em casa, reuniu-se lá tanta gente que a casa ficou apinhada até fora da porta; e Ele pregava a palavra de Deus. — 3. Trouxeram-lhe então um paralítico carregado por quatro homens. — 4. Como, por causa da multidão, não o pudessem levar até junto do Mestre, fizeram no teto uma abertura e por aí desceram o leito em que jazia o paralítico. — 5. Observando-lhes a fé, disse Jesus a este Último: "Filho, teus pecados te são perdoados." — 6. Ora, estavam por ali sentados alguns escribas em cujos corações se aninhavam estes pensamentos: — 7. Que diz este homem? Ele blasfema; quem pode perdoar os pecados senão Deus unicamente? - 8. Jesus pelo seu espírito conheceu logo o que eles pensavam de si para si e lhes disse: "Por que aninhais em vossos corações esses pensamentos? — 9. Que é O que será mais fácil de dizer a este paralítico: Teus pecados te são perdoados? ou: Levanta-te, toma o teu leito e caminha? — 10. Para que saibais que o filho do homem tem, na Terra, o poder de perdoar os pecados — 11. digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 12. No mesmo instante o paralítico se levantou, tomou o leito e partiu diante de toda a gente. Todos se encheram de espanto e, glorificando a Deus, diziam: Nunca vimos coisa semelhante.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 17. Um dia, em que estava a ensinar entre os fariseus e os doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém, e se sentaram ao redor dele, e em que a virtude do Senhor estava com Ele para os curar, — 18, eis que alguns homens, trazendo num leito um paralítico, procuravam meio de fazê-lo entrar na casa e chegar até junto do Mestre. — 19. Como não achassem por onde fazê-lo entrar por causa da multidão, subiram ao telhado da casa e, levantando as telhas, por aí desceram o leito em que se achava o paralítico e o colocaram no meio da sala, diante de Jesus. — 20. Este, observando-lhes a fé, disse ao doente: Homem, teus pecados te são perdoados. — 21. Então, os escribas e os fariseus se puseram a pensar, dizendo de si para si: Quem é este que assim blasfema? Quem pode perdoar os pecados, senão Deus unicamente? — 22. Jesus lhes conheceu os pensamentos e, respondendo, disse-lhes: Que é o que pensais no vosso Intimo? — 23. Que será mais fácil de dizer: Teus pecados te são

perdoados, ou: Levanta-te e anda? — 24. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, na Terra, o poder de perdoar os pecados, digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para a tua casa. — 25. No mesmo instante, o paralítico se levantou diante de todos e, tomando o leito em que estivera deitado, voltou para sua casa, rendendo graças a Deus. — 26. Todos, tomados de assombro, glorificavam a Deus e, cheios de temor, diziam: Que coisas maravilhosas vimos hoje. (54)

Jesus curou o paralítico pelo mesmo meio de que se serviu para operar as outras curas de que já temos tratado — pela ação magnética, desenvolvida sob o influxo da sua poderosa vontade.

Como as demais, também essa cura foi qualificada de — milagrosa, foi considerada um milagre pela multidão, pelos escribas e pelos fariseus.

Entretanto, conforme havemos mostrado, semelhantes fatos, por isso mesmo que se acham ao alcance de todos os Espíritos que já chegaram à perfeição moral e que, conseguintemente, já realizaram imenSo progresso intelectual, nada têm de maravilhosos, são, ao contrário, absolutamente naturais.

Os fariseus e os escribas se escandalizaram e o consideraram um blasfemo, por haver dito ao paralítico, ao lhe efetuar a cura — Teus pecados te são perdoados, entendendo que o divino Mestre se arrogava um privilégio da Divindade. Jesus, que lhes lia os pensamentos, observou-lhes que, para o efeito objetivado, tanto fazia que dissesse o que havia dito, como dizer ao doente: Levanta-te e anda.

Dois ensinamentos da mais alta importância aqui se encerram, que merecem ser assinalados.

Tendo declarado, por mais de uma vez, que — não viera julgar o mundo, que não julgava a ninguém, que só Deus julga, Jesus, quando proferiu a primeira daquelas frases, evidentemente não o fez desempenhando uma função que lhe pertencesse, ou exercendo uma autoridade suprema de que se achasse investido, pois que somente no caso de lhe caber a função de ‘Juiz”, de Julgador, com competência para condenar, lhe caberia a de perdoar.

Mas, sendo assim, como de fato era, o declarar Ele abertamente que ao paralítico os pecados lhe eram perdoados equivalia a afirmar que se achava investido de uma missão divina, que estava no mundo como o enviado, o Cristo do Senhor, como o Messias de há muito prometido aos homens, como o Verbo de Deus, visto que lhe exprimia com exatidão os pensamentos e cumpria fielmente os desígnios, estando em união perfeita com o Criador, sendo um com Ele.

Mas, que Espírito encarnado, por maior que seja a sua elevação, por mais alto que seja o grau de sua pureza, poderia, ou poderá reconhecer-se, em consciência, e proclamar-se investido de um mandato dessa natureza, o mais alto que possamos conceber? Nenhum.

Se, portanto, Jesus, em quem, sem blasfemar, ninguém seria capaz de apontar o mais leve resquício de orgulho, se reconhecia e proclamava na posse de tão sublimada investidura, é que não se encontrava na con dição de encarnado, não sofria as limitações da encarnação humana, limitações que, por muito ligeiras que as imaginemos ou suponhamos, lhe impediriam ter dela consciência e o fariam pô-la em dúvida, ainda que algum Espírito elevado lhe viesse revelar. E nenhum lhe fez semelhante revelação, nem pudera fazer,

submetidos que todos estavam, como Ele o demonstrou, à sua superioridade de governador do planeta terreno, de diretor e protetor da Humanidade a que pertencemos.

Jesus, pois, era sempre, como consta na Revelação da Revelação, Espírito livre, cônscio da sua perfeição e do seu mandato, Espírito que, mesmo quando visível aos homens, se encontrava nas regiões excelsas da mais absoluta pureza, lá onde não podiam ir os que o acompanhavam e seguiam de coração aberto os seus ensinos: “Procurar-me-eis e não me achareis e onde eu estou não podeis vir”. (JOÃO, capítulo 7º, versículo 34.)

O outro ensinamento decorre da circunstância de haver Jesus, para curar o paralítico, usado da fórmula: Teus pecados te são perdoados, por mostrar essa circunstância, claramente, que a causa da enfermidade daquele homem eram os seus pecados, donde logicamente se deduz que outra não é a dos sofrimentos peculiares àencarnação na Terra e, por conseguinte, a da encarnação mesma, que, assim, não significa, para os que a sofrem, como pretende a Igreja Católica, expiação da falta de Adão e Eva (figuras simbólicas), falta a que Jesus certamente não teria deixado de aludir, se fora real, dada a sua capital importância nos destinos da Humanidade que lhe está confiada. Ele, porém, nenhuma alusão fez jamais a semelhante falta.

Em suma, dando a ver que o sofrimento do paralítico lhe advinha de seus pecados e declarando-os perdoados, não por ato seu, mas em cumprimento da vontade de Deus, ou seja — em observância da lei, Jesus revelou, mais uma vez, naquela ocasião, o poder de que dispunha, superior a todas as possibilidades da inteligência humana, por efeito da sua extrema perfeição espiritual, que o constituía agente direto da autoridade divina, ante a qual todas as criaturas têm que curvar a cabeça.

(54) Salmo, 31º 5 e 138º, 3. — JOÃO, 1º, 24, 25. — Apocalipse, 2º, 23. — Job, 14º, 4. — Isaías, 43º, 25; 44º, 23. — Jeremias, 31º, 34; 50º, 20.

52
MATEUS, 9º, 9-13. — MARCOS, 2º, 13-17. — LUCAS, 5º, 27-32 Vocação de Mateus

MATEUS: capítulo 9º, versículo 9. Ao sair dali viu Jesus um homem de nome Mateus, sentado no telônio (55) e lhe disse: Segue-me. Logo o homem, levantando-se, o seguiu. — 10. E sucedeu que, achando-se depois Jesus à mesa na casa desse homem, vieram muitos publicanos e pecadores e se sentaram à volta da mesa com Jesus e seus discípulos. — 11. Notando isso, os fariseus diziam aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come na companhia de publicanos e de pecadores? — 12. Jesus, ouvindo-os, disse: Não são os que gozam saúde que precisam de médico e sim os doentes.
— 13. Eis, pois, aprendei o que significam estas palavras: Quero a misericórdia e não o sacrifício, porqüanto não vim chamar os justos, mas os pecadores.

MARCOS: capítulo 2º, versículo 13. Jesus saiu de novo em direção ao fiar; todo o povo o assediava e Ele a todos ensinava. — 14. Ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado no telônio e lhe disse: Segue-me; e Levi, erguendo-se, o seguiu. — 15. Aconteceu que, achando-se Jesus à mesa em casa desse homem, muitos publicanos e pecadores, que em grande número o acompanhavam, se sentaram também à mesa com Ele e os discípulos. — 16. Os escribas e os fariseus, vendo-o comer na companhia de publicanos e pecadores, disseram aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come e bebe com os publicanos e os pecadores? — 17. Ouvindo o que diziam, Jesus lhes observou: Não precisam de médico os que estão bons e sim os doentes; eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 27. Depois disso, Jesus partiu e vendo um publicano de nome Levi sentado no telônio lhe disse: Segue-me. — 28. E o publicano, levantando-se e abandonando tudo, o seguiu. — 29. Levi lhe ofereceu, mais tarde, um grande festim em sua casa, onde havia muitos publicanos e outras pessoas que também tomaram lugar à mesa. — 30. Os fariseus e os escribas murmuravam e diziam aos discípulos de Jesus: Como é que bebeis e comeis com publicanos e pecadores? — 31. Jesus, respondendo, lhes disse: Não precisam de médico os que gozam saúde e sim os doentes. — 32. Não foi aos justos mas aos pecadores que vim chamar à penitência. (56)

Chamando, para ser um de seus seguidores e, mais tarde, um dos propagadores da doutrina que Ele viera trazer ao mundo, a um publicano cobrador de impostos, que se achava no respectivo telônio, ou escritório, e indo depois jantar em sua companhia e na de outros de idênticas condições sociais, Jesus nos ensinou que não devemos menosprezar os que nos pareçam, pela sua posição, indignos do nosso apreço. Porque, muitas vezes, onde só vemos felonia ou impureza, pode o Senhor ter colocado um germe de virtude que, cultivado, possivelmente se desenvolverá. Deu-nos ainda uma lição de indulgência, mostrando que devemos tê-la para com os nossos irmãos, em geral; que devemos constituir-nos o amparo do fraco; que devemos procurar os enfermos e esforçar-nos pela sua cura.

Respondendo à observação dos fariseus, Ele, que já dissera consistir a sua missão em salvar o que estava perdido, reafirmou essa declaração, dizendo que “não viera em busca dos justos, mas dos pecadores”, porqüanto só “queria

(e quer) misericórdia e não sacrifício", palavras que, em espírito e verdade, significam que não há o sacrifício de nenhum Espírito culpado, isto é, que nenhum será sacrificado pela sua condenação a penas eternas; que, ao contrário, para todas haverá misericórdia, o que quer dizer — perdão, desde que haja arrependimento, perdão que, como já tivemos ocasião de ver, abre ao culpado ensejo de expiar, na erraticidade, as faltas cometidas, por meio de sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às mesmas faltas, abrindo-lhe em seguida o caminho da reparação e do progresso, por meio da reencarnação e de novas provações.

Jesus, pois, queria a misericórdia e, como a queria, procurava sempre despertar no homem o remorso da falta e o desejo da sua reparação, como conseqüência do arrependimento, ao qual convidava todos os delinqüentes, facilitando assim a expiação e a salvação aos que, de outro modo, estacionariam longo tempo na impenitência.

Cumpre notar que as palavras, cujo verdadeiro significado acabamos de apreciar, proferidas pelo divino Mestre, confirmam as que foram ditas, em sentido oculto, profeta Oséias (capítulo 6º, versículo 6) e pelo profeta Samuel (1 Reis, capítulo 2º, versículos de 6 à 10): "Porque o que eu quero é a misericórdia e não o sacrifício e ciência de Deus mais que os holocaustos" e "O Senhor dá e tira a vida, lança nos infernos e de lá retira", palavras essas que completam as de Miquéias (capítulo 6º, versículo 8.) e de Isaías (capítulo 1º, versículo 11.)

*

Mateus, que Jesus foi buscar entre os publicanos, era um Espírito elevado, que encarnara com a missão de assistir o Mestre na obra para cuja execução baixara este ao mundo terreno.

Filho de Alfeu, ele se chamava Levi e assim é que mais conhecido era. Adotou, porém, o nome de Mateus e o usava de preferência àquele outro.

(55) Escritório de cobrador de impostos.
(56) Oséias, 6º, 6 — Miqueias, 6º, 8. — Isaías, 1º, 11.

53
MATEUS, 9º, 14 ao 17. — MARCOS, 2º, 18 ao 22. — LUCAS, 5º, 33 ao 39. Jejum. — Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho

MATEUS: capítulo 9º, versículo 14. Então, vieram ter com Ele os discipulos de João e lhe perguntaram: Por que os fariseus e nós jejuamos freqüentemente e os teus discipulos não jejuam? — 15. Jesus lhes respondeu: Podem acaso chorar os filhos do esposo quando o esposo está com eles? Dia, porém, virá em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 16. Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, por isso que aquele esgarçaria uma parte da roupa e lhe aumentaria o rasgão; — 17, e não se deita vinho novo em odres velhos, porque os odres se quebram, o vinho se derrama e os odres ficam perdidos; ao passo que, deitando-se vinho novo em odres novos, um e outros se conservam.

MARCOS: capítulo 2º, versículo 18. Alguns discípulos de João e alguns fariseus que costumavam jejuar vieram e perguntaram a Jesus: Por que os discípulos de João e os fariseus jejuam e os teus discípulos não jejuam? — 19. Jesus lhes respondeu: Os filhos das núpcias podem acaso jejuar enquanto o esposo está com eles? Não podem jejuar enquanto têm consigo o esposo. — 20. Mas dia virá em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 21. Ninguém cose um remendo de pano novo em roupa velha, porqüanto aquele arrancaria uma parte desta e tornaria maior o rasgão. — 22. Ninguém põe vinho em odres velhos, porqüanto o vinho quebraria os odres, se derramaria e os odres ficariam perdidos; vinho novo em odres novos deve ser posto.

LUCAS: capítulo 5º, versículo 33. Então lhe disseram: Por que é que os discípulos de João assim como os fariseus jejuam freqüentemente e fazem orações, enquanto que os teus comem e bebem? — 34. Jesus lhes disse: Podeis obrigar os filhos do esposo a jejuar enquanto o esposo está com eles? — 35. Dias virão em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 36. Fez-lhes também esta comparação: Ninguém prega remendo de pano novo em roupa velha, porque o novo rompe o velho e assim o pedaço de pano novo não convém à roupa velha. — 37. Do mesmo modo ninguém deita vinho novo em odres velhos, porque, se fizer Isso, o vinho novo rebentará os odres, se derramará e os odres ficarão perdidos. — 38. O vinho novo deve ser posto em odres novos, porque assim tudo se conservará. — 39. E não há quem, bebendo vinho velho, prefira o novo, pois que diz: o velho é melhor. (57)

Entendem com o futuro espírita os ensinamentos velados que se contêm nestes versículos.

Os homens eram a roupa velha que, se remendada fora irrefletidamente, se teria rompido; eram os odres velhos, que a fortidão do vinho novo houvera rebentado, perdendo-se eles e este.

De fato, imagine-se o que aconteceria se aos homens daquela época, materiais, ignorantes, aferrados aos seus preconceitos e tradições, fosse propiciada, sem as devidas cautelas, uma doutrina inteiramente nova para eles, qual a que Jesus pregava e exemplificava; se recebessem, em toda a sua intensidade, a luz brilhante dessa doutrina. Ficariam, sem dúvida, ofuscados. Eis por que necessária se tornou a linguagem parabólica, de que se serviu o di-

vino Mestre, as imagens materiais e as comparações terra-a-terra de que lançou mão, para espalhar os ensinos de que fora portador ao mundo.

Nem só, porém, naqueles tempos havia odres velhos. Eles ainda hoje existem: são-no os cegos, os interesseiros, os que, bebendo em mananciais impuros e difundindo uma doutrina falsificada, se constituem estorvo à obra da regeneração humana, cuja execução procuram de todo modo embaraçar, como se estivesse na possibilidade dos homens obstar a que se cumpra uma lei absoluta, qual a do progresso.

Atualmente, nós, os espíritas, somos os odres novos, destinados a receber o vinho novo: a Doutrina Espírita, que é a mesma Doutrina Cristã, na pureza com que a ensinou o seu fundador, tal qual em nossos espíritos a derramam os Espíritos do Senhor.

Importa, pois, nos acautelemos, para não a recebermos alterada, viciada e corrompida; para não obstarmos a que ela passe pela fermentação destinada a nos expurgar as almas dos princípios impuros, capazes de nos acarretarem a demência, pois que impedem nos inspiremos no pensamento do Cristo de Deus e pratiquemos a lei de amor e caridade, da qual Ele se mostrou a excelsa personificação.

Jesus se denominava a si mesmo de “esposo”, tomando esse termo às idéias, às tradições e aos costumes hebraicos, pela consideração que era dispensada aos hebreus que se casavam.

Sendo o chefe da doutrina de salvação, que tivera a missão de revelar ao mundo; o chefe da família cristã que viera constituir, Ele era comparado ao mancebo puro, que depõe a coroa nupcial, a fim de assumir o governo do lar que formou para si.

Os “filhos do esposo”, os “amigos do esposo” designavam seus discípulos que, vivendo sob a sua proteção, não precisavam jejuar, isto é, não necessitavam das privações expiatórias, indispensáveis à reparação de faltas e a se manterem fiéis aos ensinos que recebiam.

Privações expiatórias dissemos, por serem as que constituem o verdadeiro jejum, o jejum moral, único a que, por ser o que produz efeitos espirituais, se referia o Mestre divino, que jamais cogitou de prescrever a privação de alimentos, ou de recomendar o peixe em vez da carne, coisa que, se outrora pôde justificar-se de alguma forma, hoje se tornou inútil e ridícula mesmo, para homens de inteligência culta, que sem dificuldade compreendem que o que os macula não é o que lhes entra pela boca, mas o que desta lhes sai, vindo do coração.

(57) Cânticos, 5º, 50. — JOÃO, 3º, 29. — 2ª Epístola aos Coríntios, 11º, 2. — Apocalipse, 21º, 9.

54
MATEUS, 9º, 18 ao 26. — MARCOS, 5º, 21 ao 43. — LUCAS, 8º, 41 ao 56. A filha de Jairo. — A hemorroíssa

MATEUS: capítulo 9º, versículo 18. Tendo dito essas coisas, aproximou-se dele um chefe de sinagoga que, adorando-o, lhe disse: Senhor, minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá. 19. Jesus se levantou e, acompanhado pelos seus discípulos, partiu com o homem. — 20. Ao mesmo tempo, uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue, acercando-se dele por detrás, lhe tocou a fimbria da túnica; — 21, pois que dizia consigo mesma: Bastar-me-á tocar nas suas vestes para ficar curada. — 22. Jesus, voltando-se, a viu e lhe disse: Filha, tem confiança, tua fé te curou. E desde aquele momento a mulher se achou curada. — 23. Chegando à casa do chefe de sinagoga, disse Jesus aos tocadores de flauta e à multidão que lá encontrou: — 24. Retirai-vos, porqüanto a menina não está morta, apenas dorme. Todos, porém, zombavam dele. — 25. Afastada a multidão. Ele entrou e tomou a mão da menina, que logo se levantou. — 26. A notícia do fato se espalhou por toda aquela redondeza.

MARCOS: capítulo 5º, versículo 21. Tendo passado na barca para a outra margem, grande multidão o cercou à beira-mar. — 22. Um príncipe da sinagoga chamado Jairo, que viera à sua procura, ao vê-lo, se lhe lançou aos pés, — 23, e lhe dirigiu instantemente esta súplica: Minha filha está moribunda; vem e lhe impõe as mãos para que ela se cure e viva. — 24. Jesus partiu com ele, acompanhado pela multidão que o premia. — 25. Então, uma mulher que sofria de um fluxo de sangue, havia doze anos, — 26, e que padecera muito nas mãos de vários médicos, com os quais gastara todos os seus haveres, sem melhorar do seu mal, que antes se agravara, — 27, tendo ouvido falar de Jesus, se meteu na multidão e, aproximando-se dele por detrás, lhe tocou a túnica. — 28. Dizia: Se eu conseguir tocar-lhe apenas na roupa, estarei curada. — 29. No mesmo instante o sangue deixou de correr e ela sentiu em seu corpo que estava curada do mal que a afligia. — 30. Jesus percebeu imediatamente que de si saira uma virtude e, voltando-se para a multidão, perguntou: Quem tocou as minhas vestes? — 31. Os discípulos lhe ponderaram: Vês que a multidão te comprime por todos os lados e perguntas quem te tocou! — 32. Jesus, porém, passeando o olhar em torno de si, procurava descobrir quem o tocara. — 33. A mulher, que sabia o que se passara nela, atemorizada e a tremer, aproximou-se e, lançando-se-lhe aos pés, confessou toda a verdade. — 34. Jesus lhe disse: “Filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada de tua enfermidade”. — 35. Estando Ele ainda a falar, chegaram alguns familiares do príncipe da sinagoga e, dirigindo-se a este, disseram: Tua filha morreu, por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — 36. Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao príncipe da sinagoga: Não temas; tem fé. — 37. E não permitiu que, afora Pedro, Tiago e João irmão de Tiago, mais alguém o acompanhasse. — 38. Chegando à casa do chefe de sinagoga, deparou com um bando confuso de pessoas que choravam e soltavam grandes lamentos. — 39. Logo que entrou na casa, disse a essas pessoas: Por que vos achais aflitos e por que chorais? A menina não está morta, apenas dorme. — 40. Todos, porém, zombavam de suas palavras. Ele mandou que saíssem e, acompanhado pelo pai, pela mãe da menina e pelos que tinham vindo na sua

companhia, entrou no aposento onde se achava a menina deitada. — 41. Tomando-lhe as mãos, disse: Talitha cumi, isto é, menina, levanta-te, eu o ordeno. — 42. No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a caminhar, pois já contava doze anos, ficando todos admirados e maravilhados. — 43. Jesus lhes recomendou muito expressamente que ninguém viesse a saber do fato e mandou que dessem de comer à menina.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 41. Veio ter com ele então um homem chamado Jairo, que era príncipe da sinagoga e, lançando-se-lhe aos pés, lhe pediu que entrasse na sua casa, — 42, dizendo ter uma única filha de cerca de doze anos que estava a morrer. Partiu com ele Jesus, apertado pela multidão. — 43. Uma mulher que, havia doze anos, sofria de uma perda de sangue e que gastara com médicos tudo o que possuía, sem que nenhum houvesse conseguido curá-la, — 44, se aproximou dele por detrás e lhe tocou a fimbria da túnica, com o que logo o fluxo de sangue cessou. — 45. Perguntou então Jesus: Quem me tocou? Como todos negassem ter sido quem o tocara, Pedro e os que o cercavam lhe disseram: Mestre, pois que a multidão te aperta e oprime, como podes perguntar: Quem me tocou? — 46. Jesus replicou: Alguém me tocou, porqüanto percebi que uma virtude saiu de mim. —
47. A mulher, verificando assim não poder ocultar-se, aproximou-se toda trémula e, prostrando-se aos pés de Jesus, declarou diante de todo o povo o motivo por que o tocara e que ficara imediatamente curada. — 48. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou, vai em paz. — 49. Ainda não acabara de falar, chegou alguém e disse ao príncipe da sinagoga: Tua filha morreu; não dês ao Mestre mais incômodo. — 50. Mas, ouvindo isso, Jesus disse ao pai da menina: Não temas, tem fé somente e ela será salva. — 51. Chegando à casa de Jairo, não deixou que aí entrassem senão Pedro, Tiago e João. com o pai e a mãe da menina. — 52. Todos a choravam e lamentavam. Ele, porém, disse: Não choreis, ela não está morta, apenas dorme. — 53. Zombavam, porém, dele, por saberem que estava morta. — 54. Jesus, pegando-lhe na mão, exclamou: Menina, levanta-te. — 55. Seu Espírito voltou ao corpo, ela se levantou imediatamente e Jesus mandou que lhe dessem de comer. — 56. Os pais da menina se mostraram cheios de espanto e Ele lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que sucedera. (58)

Ainda neste caso, o da hemorroíssa, a cura Jesus a operou, como em todos os outros, unicamente pelo poder magnético de que dispunha. Envolto sempre em fluídos vivificantes e reparadores, Ele os distribuía, sempre que oportuno, pelos que de tais fluídos necessitavam.

Foi, em suma, como nos demais, um efeito de combinações fluídicas, que ainda ignoramos, porque ainda não nos achamos capazes de compreender a natureza dos fluídos, seus efeitos e suas propriedades de ação, conhecimento a que só chegaremos, mediante a nossa depuração moral.

Os efeitos curativos que a medicina obtém dos minerais e vegetais de que se utiliza, no tratamento das enfermidades humanas, são devidos aos fluídos, dotados de propriedades terapêuticas, de que se acham saturados os aludidos vegetais e minerais, fluídos idênticos aos que, como inúmeros outros, se acham espalhados na atmosfera terrena, sem que os homens lhes suspeitem a existência. Pois bem, desses mesmos fluídos é que se servia Jesus.

Conhecendo-os todos, bem como as combinações de que são passíveis, ele não precisava recorrer às substâncias que os contêm. Pela ação exclusiva

da sua vontade, reunia os que eram aplicáveis ao caso ocorrente, lançava-os sobre o enfermo e a cura se operava. Essa a explicação da mulher que, tocando-o, ficou livre do fluxo sangüíneo de que sofria.

Quanto à filha de Jairo, todos a tinham por morta, tanto que à porta da casa estavam flautistas a tocar os seus instrumentos, como era de uso entre os Hebreus e o é ainda nalguns lugares do nosso país, em os quais se costuma tocar música nas casas onde morreu alguém.

Aquela morte, porém, era apenas aparente; tratava-se exclusivamente de um desses casos de catalepsia profunda, em que, de par com a suspensão de todos os sentidos e a cessação de todos os movimentos, há rigidez e aspecto cadavéricos, ausência absoluta de pulsações, de respiração e de calor, e tão completa insensibilidade física, que nenhuma impressão causam as mais fortes pancadas. A menina se achava, em suma, num desses estados catalépticos, que nem os mais hábeis profissionais da medicina logram distinguir da morte real.

Vê-se, portanto, que era apenas aparente a sua morte. Embora fosse extremo o desprendimento do Espírito que habitava aquele corpo, ele a este se conservava ligado por um tênue cordão fluídico — o do perispírito, coisa que os homens não podem ver e que, na época, ignoravam. Sabia-o, porém, Jesus e, porque o sabia, chamou, com a suprema autoridade que lhe dava a sua excelsitude espiritual, o Espírito da suposta morta, ordenando-lhe que volvesse à sua prisão carnal. E a menina despertou, fato que, como era natural da parte de quantos a tinham por morta, foi considerado uma ressurreição, portanto, um milagre, visto que o julgavam impossível.

Como esse, foram todos os milagres que Jesus operou. Em nenhum houve mais do que um fenômeno absolutamente natural, apenas regido por leis naturais que os homens desconheciam e, na sua generalidade, ainda desconhecem, mas das quais chegarão um dia a ter conhecimento perfeito, tanto que Ele não hesitou em afirmar: Fareis as mesmas obras que eu faço e outras ainda maiores. (JOÃO, 14, 12.)

(58) 2º Paralipõmenos, 35º, 25. — Levítico, 15º, 25. — JOÃO, 11º, 11, 13 e 43. — Atos, 14º, 9; 20º, 10.

55
MATEUS, 9º, 27 ao 31. Cegos curados

MATEUS: capítulo 9º, versículo 27. Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! — 28. Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: Sim, Senhor! — 29. Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se conforme a vossa fé. — 30. Os olhos de ambos se abriram e Jesus lhes proibiu terminantemente que falassem do fato, dizendo: Vejam que ninguém o saiba. — 31. Mas os dois se foram e espalharam por todo o pais a fama do Mestre.

A cegueira, assim como a mudez e a surdez, quer permanente, quer temporária, constitui provação ou expiação, segundo o grau de culpabilidade, para aquele que recusou auxílio a seus irmãos, que abusou de suas faculdades, fossem elas quais fossem, e que, assim, ficou sujeito a sofrer a pena de talião. Terá que viver na dependência dos outros e suportar as privações resultantes da ausência daquelas faculdades, que foram sua força ou seu orgulho em precedente existência.

Quanto à proibição de Jesus, aos dois cegos, de falarem da cura que neles acabara de operar, não só lhe foi inspirada pela modéstia, que constantemente exemplificava, como também teve por fim envolver o fato numa sombra de mistério, o que era, às vezes, necessário, para que, realçada por esse tom misterioso, crescesse a fama das grandes coisas que ele fazia, e, de outras, determinado pelas circunstâncias e pelo meio onde agia, quando neste os homens não se achavam em condições de apreender a verdade e de reconhecer que os efeitos obtidos derivavam da aplicação de leis naturais.

Não é impossível ao homem conseguir, acidentalmente, por ato da sua vontade e pela ação magnética, resultados semelhantes aos que Jesus produziu; mas, para isso, mister se faz que uma grande pureza lhe dê tão grande poder, e o auxílio, que então não lhe faltará, dos Espíritos Superiores, os quais tomam a si proceder à escolha dos fluídos apropriados à produção do resultado que deva ser obtido e colocar-lhos ao alcance da mão.

É um tesouro que lhe está reservado, mas que lhe cumpre adquirir, elevando o seu Espírito, depurando os seus sentimentos e colocando-se, desse modo, em condições de apreciar os fluídos, de lhes conhecer a natureza, o valor, os efeitos, e de poder contar com aquele auxílio dos Espíritos Superiores. Só então lhe será possível efetuar com segurança curas como as que Jesus operava.

56
MATEUS, 9º, 32 ao 34. — LUCAS, 11º, 14 ao 20. Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus

MATEUS: capítulo 9º, versículo 32. Logo que eles saIram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — 33. Tendo sido este expulso. o mudo falou; e a multidão admirada dizia: Nunca se viu coisa semelhante em Israel. — 34. Mas os Fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 14. Jesus expulsou o demônio de um homem que estava mudo e, logo que expulsou o demônio, o mudo falou e todo o povo se encheu de admiração. — 15. Mas, entre os populares, alguns diziam: — É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. — 16. Outros, para o tentarem, lhe pediam um sinal do céu. — 17. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo será desolado e casa sobre casa cairá. — 18. Se, pois, Satã está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Sim, porqüanto dizeis que é por Belzebu que expulso os demônios. — 19. Ora, se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juizes. — 20. Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que o reino de Deus veio até vós. (59)

Era exercendo uma ação fluídica sobre os Órgãos da voz, da palavra, que o mau Espírito, obsessor daquele homem, a quem chamavam possesso do demônio, o tornava mudo. Jesus o afastou, cessou a ação fluídica, o mudo falou.

Quanto à acusação dos Fariseus e dos Padres da época, que atribuíam o fato à influência de Belzebu, era análoga à que fazem aos espíritas os Sacerdotes de hoje, dignos sucessores dos sacerdotes hebreus. Assim sendo, bem é de ver-se que nenhuma atenção nos pode ela merecer.

Com efeito, aqueles diziam de Jesus que ele era assistido por Belzebu; dizem seus sucessores que a Doutrina Espírita é demoníaca. Ë natural e não podia ser de outra maneira, uma vez que esta ensina e prega exatamente o mesmo que ensinava e pregava o Divino Mestre: o amor de Deus e do próximo, a renúncia às coisas da Terra, a prática ilimitada da caridade, o perdão sem restrições, a humildade, a benevolência, a observância, em suma, de todos os preceitos e mandamentos divinos, exemplificados pelo manso Cordeiro de Deus.

E não só propaga ensinamentos idênticos aos deste, como explica, em espírito e verdade, o que nos Evangelhos, que encerram toda a verdadeira Doutrina Cristã, se acha encoberto pelo véu da letra, pelo simbolismo da parábola, pela capa do mistério, escoimando-a de todos os mandamentos humanos que, oriundos de interpretações falsas ou tendenciosas e de tradições caducas, adulteraram completamente as palavras e lições do Enviado do Senhor.

Se estamos em erro, se não é esta a verdade, que nô-la mostrem, que nos convençam do nosso erro e abaixaremos a cabeça, porque a mais ardente aspiração de nossa alma é sermos humildes e fiéis servos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

(59) MARCOS, 3º, 22. — JOÃO, 2º, 25; 10º, 20.

57
MATEUS, 9º, 35 ao 38. Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores

MATEUS: capítulo 9, versículo 35. Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino, curando todos os males e todas as enfermidades. — 36. E vendo todas aquelas gentes, teve piedade delas, pois estavam maltratadas e jaziam por ali como ovelhas que não têm pastor. — 37. Disse então aos discípulos: A seara é verdadeiramente grande, mas poucos os trabalhadores. — 38. Rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela. (60)

O mesmo que se deu após o estabelecimento da lei recebida por Moisés, ocorreu depois do advento da revelação messiânica: vieram as tradições, os mandamentos humanos, as interpretações, que alteraram e falsearam a lei simples e sublime do Cristo de Deus. Desses falseamentos e alterações, resultou o que ainda hoje vemos: inúmeras criaturas abandonadas a si mesmas, sem crença, sem fé, oprimidas sob um jugo que a razão repele por absurdo mas que se lhes impôs, como ainda se lhes pretende impor. Eram, verdadeiramente, quais ovelhas sem pastor.

Delas, porém, o Senhor de novo se apiada e com elas vem ter, por intermédio dos Espíritos seus servidores fiéis, trazendo-lhes uma nova revelação das verdades eternas, não para destruir a Lei, a lei que ele próprio lhes dera a conhecer, como ampliação daquela que fora Moisés o intermediário, mas para a restaurar e fazê-la cumprida.

Já tendo a Letra dado os frutos que devia produzir, seu reinado passou; soou a hora de substituí-lo o império do Espírito. Aquilo que só como milagre se admitia, a Ciência hoje o explica, como efeitos de leis naturais, se bem que de muitas ainda seja desconhecido o mecanismo. Vieram a Ciência e a Doutrina Espírita, doutrina santa em seus fundamentos, porque os tem nos Evangelhos, código eterno da única moral verdadeira — a Moral divina; veraz em seus corolários porque, harmônicos com as leis imutáveis, oriundas da onisciência do Criador do Universo, todos eles formam um feixe de luz que orienta, para o redil santo do divino Pastor, as ovelhas do seu imenso rebanho, que, perdidas no matagal inextricável do erro e da mentira, se tornaram presas da intolerância, do fanatismo, da superstição, do dogmatismo despótico, quando não da incredulidade, do materialismo e das suas deletérias influências.

Descendo das altas regiões do bem, os Enviados de Jesus vêm, por ordem sua e em seu nome, repetir-nos, com as mesmas palavras, o que por Ele foi outrora dito a seus discípulos:

“A seara é grande mas os obreiros são poucos. Rogai ao Senhor que envie obreiros à sua seara”.

Ela, pois, tomemo-las como dirigidas aos que sintamos possuidos de boa-vontade e, unidos pelo sentimento de amor fraterno, do amor cristão, saiamos a pregar pela palavra, mas, sobretudo, pelo exemplo, a moral que o Cristo de Deus pregou e exemplificou. Seja o Evangelho o sol donde se irradie a luz que nos clareie o caminho de obreiros da salvação da Humanidade.

(60) MARCOS, 6º, 34 — Números, 27º, 16 e 17. — 3º Reis, 22º, 17. — Ezequiel, 34º, 1 e seguintes. — Zacarias, 10º, 2. — 2ª Tessalonicenses, 3º, 1, — JOÃO, 4º, 35.

58
MATEUS, 10º, 2 ao 4. — MARCOS, 3º, 13 ao 14, e 16 ao 19. — LUCAS, 6º, 12 ao 16. Nomes dos apóstolos. — Suas vocações

MATEUS: capítulo 10º, versículo 2. Estes são os nomes dos doze apóstolos: o primeiro, Simão, que é chamado Pedro, e André, seu irmão; — 3, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu: Tomé e Mateus, o Publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; — 4, Simão Cananeu e Judas Iscariotes, o. que o traiu.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 13. Subindo a um monte, chamou Jesus a si os que quis e esses acudiram ao chamado. — 14. Designou doze para estarem com ele e para serem enviados a pregar.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 16. A saber: Simão, a quem deu o nome de Pedro. — 17. Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais chamou Boanerges, que significa — filhos do trovão. — 18. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão Cananeu. — 19, e Judas Iscariotes, que o traiu.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 12. A esse tempo, tendo Jesus subido a um monte para orar, lá passou toda a noite orando a Deus. — 13. Quando amanheceu, chamou os discípulos, escolheu, dentre eles, doze, a que chamou apóstolos: — 14. Simão, a quem cognominou de Pedro, e André seu irmão, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu; — 15, Mateus e Tomé, Tiago, filho de Alfeu, e Simão chamado o Zeloso. — 16. Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor. (61)

Jesus, para os homens, fora a um monte, a fim de orar, e aí passara toda a noite orando a Deus. Na realidade, porém, Ele voltara, como acontecia todas as vezes que desaparecia das vistas humanas, às regiões superiores de onde preside à marcha da Humanidade terrena, conforme anteriormente ficou explicado.

Quanto à escolha dos apóstolos, presidiu a essa escolha, bem como à distribuição dos nomes que lhes deu o divino Mestre, o caráter de cada um deles e a natureza da missão que a cada um tocaria.

Entre os doze escolhidos estava Judas Iscariotes, que traiu a Jesus. Era um Espírito elevado em inteligência, mas que, pedindo para assistir o Mestre, tomara a si missão superior às suas forças, do que resultou falir.

Na continuação destes estudos, veremos qual foi o seu procedimento ulterior e como se deu a sua reabilitação.

(61) JOÃO, 1º, 42; 13º, 26. — Atos, 1º, 13.

59
LUCAS, 6º, 17 ao 19. Descida do monte. — Curas

LUCAS: capítulo 6º, versículo 17. Jesus em seguida desceu com eles do monte e se deteve numa planície, cercado dos discípulos e de grande multidão de gente de toda a Judéia, de Jerusalém e das regiões marítimas de Tiro e de Sidônía. — 18, gente que viera para ouvi-lo e para ser curada de suas enfermidades. Eram também curados os que se achavam possessos de Espíritos imundos. — 19. Todos procuravam tocá-lo, porque dele saia uma virtude que a todos curava.

Relativamente à cura, de que aqui se trata, das enfermidades e ao afastamento dos Espíritos obsessores, nada temos que acrescentar ao que deixamos dito com referência a outras obras da mesma natureza, praticadas por Jesus.

Também da virtude que dele saía já falamos suficientemente. Constituíam essa virtude os fluídos que, por ato da sua vontade e por efeito do seu poder magnético, Ele dirigia sobre os enfermos, especialmente sobre os que se lhe aproximavam.

60
MATEUS, 10º 1 e 5 ao 15. — MARCOS, 3º, 15. e 6º, 7 ao 13. — LUCAS, 9º, 1 ao 6. Missão, poder, pobreza e pregação dos apóstolos. Instruções que lhes foram dadas

MATEUS: capítulo 10º, versículo 1. Tendo reunido os doze apóstolos, Jesus lhes deu poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem e o de curar todas as doenças e enfermidades.

MATEUS, capítulo 10º, versículo 5. E enviou esses doze, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos: — 6, ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; — 7, ide e pregai, dizendo: O reino dos céus está próximo; — 8, curai os doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes. — 9. Não tenhais ouro, nem prata, nem qualquer moeda nos vossos cintos, — 10, nem saco para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porqüanto, o obreiro merece sustentado. — 11. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permanecei até que partais de novo. — 12. Ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa. — 13. Se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; e, se o não for, a vossa paz voltará para vós. — 14. Quando alguém não vos quiser receber e não vos escutar as palavras, ao sairdes da casa ou da cidade onde tal se deu, sacudi a poeira dos vossos pés. — 15. Em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 15. E lhes deu o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demônios.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 7. Jesus chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes poder sobre os Espíritos impuros. — 8. Recomendou-lhes que levassem consigo apenas o bordão; que não levassem nem saco, nem pão, nem dinheiro nos cintos. — 9, que calçassem unicamente suas sandálias, mas não cuidassem de ter duas túnicas. — 10. E lhes dizia: Na casa em que entrardes, permanecei até que partais de novo. — 11. Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, dando assim testemunho contra elas. — 12. Tendo partido, os apóstolos pregavam aos povos que fizessem penitência; — 13, expulsavam muitos demônios e ungiam com óleo muitos doentes, curando-os.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 1. Jesus, tendo reunido os doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades. — 2. E mandou que fossem pregar o reino de Deus e curar os enfermos. — 3. Disse-lhes: Não leveis em viagem nem bordão, nem saco, nem pão, nem dinheiro e não tenhais duas túnicas. — 4. Na casa em que entrardes ficai e dela não saiais; — 5, e, quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber, sacudi, ao deixar-lhes a cidade, até a poeira dos vossos pés, a fim de que isso constitua um testemunho contra elas. — 6. Os apóstolos partiram e foram de aldeia em aldeia, evangelizando e curando por toda a parte os enfermos. (62)

Jesus mandou que os apóstolos primeiramente anunciassem o reino de Deus e curassem os enfermos da sua nação humana, para que mais se apertassem entre eles os laços de família, de fraternidade e de pátria. Recomendou-lhes que nada levassem consigo, pois que tudo deviam confiar dele; que abençoassem os lugares onde fossem bem acolhidos e sacudissem dos pés a poeira, onde fossem repelidos.

Como missionários do Senhor, protegidos por este, nenhuma importância deviam dar às comodidades materiais, cumprindo-lhes estar persuadidos de que o Mestre os seguia, ligando, ou desligando o que eles ligassem, ou desligassem, isto é, sancionando o que fizessem.

Aos apóstolos e discípulos de Jesus cabia espalhar o conhecimento da verdade. O mesmo compete hoje aos espíritas fazer; mas, para que sejam verdadeiros sucessores dos discípulos do Cristo e disponham de autoridade e poder idênticos aos destes, necessário é adquiram a pureza que eles possuíam. Só assim lograrão elevar-se ao Senhor e se acharão em condições de ligar e desligar, na Terra, certos de que ligaram e desligaram igualmente no céu.

Mister, porém, se faz compreendam bem o em que consiste esse ligar e desligar.

Sem dúvida, não consiste em absolver e condenar, porque isto compete unicamente ao Juiz supremo. Consiste, sim, em sentir em si mesmo o encarnado, o que, aliás, só é possível a Espíritos que já atingiram certo grau de elevação moral, o julgamento que será proferido e, pela sinceridade do arrependimento do culpado, a indulgência com que o juiz sentenciará. Tal o sentido em que devemos compreender aquelas palavras, que o orgulho humano falseou, fazendo-as exprimir um ato de arbítrio do homem que, desde então, se arrogou o poder de absolver e condenar, de perdoar ou deixar de perdoar pecados, não como simples declaração, mas como sentença proferída em julgamento. E não é tudo: a cobiça humana as tomoú para justificativa de um tráfico vergonhoso — o das indulgências.

Os discípulos fiéis de Jesus eram Espíritos elevados, que se não deixavam dominar pelo sentimento da animosidade pessoal, médiuns inspirados que, sob a influência espírita, se achavam em condições de apreciar o valor daqueles a quem se dirigiam. Do conjunto das virtudes que possuíam e que lhes asseguravam a assistência, a inspiração, a proteção, o amparo e o concurso dos Espíritos superiores, é que lhes advinha a infalibilidade naquela apreciação, infalibilidade de que a Igreja Romana pretendeu fazer-se herdeira, mas esquecendo-se de chamar a si a herança de santidade, de virtudes e de elevação moral por eles legada aos que lhes aspirassem à concessão. Ao invés disso, voluntariamente cega, ela se engolfou cada vez mais nas trevas que o orgulho e a confiança em si mesmo geram.

A Igreja, porém, despertará, disseram os Evangelistas MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO, numa de suas comunicações insertas na obra A Revelação da Revelação. Despertará e o sonho, em que ainda se compraz. dissipar-se-á ao clarão da nova aurora.

A trombeta do “juízo final” vai retumbar para ela nos quatro cantos do mundo, Os anjos do Senhor aparecerão em sua glória, não do modo por que ela o diz nas suas errôneas interpretações, mas na glória da pureza; e os discípulos de Jesus, reencarnando novamente, para concluir a obra que

começaram, virão ainda ligar e desligar na Terra e o Senhor ligará e desligará no céu, pois que tal será deles a missão, e o juízo não se achará inquinado de nulidade.

E com as seguintes palavras terminaram aqueles altos Espíritos a sua bela comunicação explicativa: “Coragem, filhos da nossa Igreja, da Igreja do Senhor. Aproximam-se os tempos em que os discípulos e o Mestre aparecerão de novo entre vós, em que vossos olhos desvendados verão o Justo nas nuvens do céu em que os anjos — os Espíritos purificados — descerão à Terra, para mais eficazmente vos estenderem seus braços fraternais.

“Entoai cânticos de alegria; rejubilai, rejubilai: os tempos se aproximam.

Dai de graça o que de graça recebestes. — Isto, que Jesus disse a seus discípulos, ensinando-lhes que as coisas de Deus jamais devem constituir objeto de tráfico, de especulação, de meio de existência material, se aplica hoje a todos os espíritas e, particularmente, aos que, médiuns, investidos das faculdades mediúnicas, são chamados a servir de intérpretes aos bons Espíritos e a pregar, inspirados por eles, a lei de Jesus, em espírito e verdade. Pelos seus mensageiros de luz, do mesmo modo que pelos seus Evangelhos, o Cristo lhes repete a eles, assim como a todos os que nos dizemos profitentes da Nova Revelação: Dai de graça, seguindo as pegadas dos Apóstolos, o que de graça haveis recebido, porqüanto, para vós, como para eles, tudo vem de Deus e vos é concedido graciosamente, a fim de desempenhardes a vossa tarefa.

Atentando nessas palavras suas, lembremo-nos de que também disse o divino Mestre: No dia do julgamento, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra, do que para com os que recusam a luz que Ele a todos envia. Mais severo, portanto, do que o daqueles povos, que não tiveram socorro algum direto, para sair das trevas em que viviam imersos, será o julgamento dos que, como nós, hoje recebem os ensinos claros e os copiosos auxílios que trazem seus emissários celestes.

Longa será, para os que recusarem esses ensinos e auxílios, ou fizerem mau uso deles, a duração das provas e expiações.. Haverá, para os que assim procederem, eternidades de sofrimentos, correspondendo a eternidade de faltas.

É claro que o termo eternidade - se acha aqui empregado em sentido relativo, como correspondente à locução - penas eternas -, para exprimir prolongadas expiações na erraticidade e através de sucessivas reencarnações, em mundos inferiores mesmo à Terra. A única eternidade real, que se possa citar, é Deus.

(62) 4º Reis, 17º, 24 e seguintes. — Isaías, 53º, 6 — Jeremias, 50º, 6. — Ezequiel, 34º, 5. — Atos, 8º, 18 e seguintess. — 1ª Pedro, 2º, 25.

61
MATEUS, 10º, 16 ao 22. — LUCAS, 12º, 11 ao 12. Prudência. — Simplicidade. — Desassombro diante dos homens. — Assistência e concurso do Espírito Santo

MATEUS: capítulo 10º, versículo 16. Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede prudentes, pois, como as serpentes e simples como as pombas; — 17, mas guardai-vos dos homens, pois que eles vos farão comparecer perante seus juizes e vos flagelarão em suas sinagogas. — 18. Sereis levados, por minha causa, à presença dos governadores e dos reis para dardes testemunho de mim diante deles e das nações. — 19. E, quando vos fizerem comparecer, não vos cause inquietação o como haveis de falar, nem o que direis; o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião. — 20. Porqüanto, não sois vós quem fala, é o Espírito do vosso Pai quem fala em vós. — 21. O irmão dará morte ao irmão e o pai ao filho; os filhos se revoltarão contra os pais e lhes darão a morte; — 22, e todos vos odiarão por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 11. Quando vos conduzirem às sinagogas e àpresença dos magistrados e poderosos. não vos cause inquietação o modo por que respondereis, nem o que direis; — 12, pois o Espírito Santo vos ensinará, na ocasião, o que for preciso que digais. (63)

Jesus se referia especialmente às perseguições de toda sorte que, naqueles tempos de ignorância e crueza, se desencadeariam. Contra seus apóstolos e discípulos. Suas palavras, no entanto, foram ditas também com relação aos que, nos tempos atuais, viriam a ser os pregoeiros da Nova Revelação, os porta-vozes do Consolador por ele prometido ao mundo.

Elas, pois, alcançam os espíritas que, se bem pouco devam temer as perseguições físicas, se acham, contudo, expostos às perseguições morais, partindo estas, por um lado, dos escribas e fariseus dos nossos dias, e, por outro lado, dos materialistas e dos incrédulos.

Os primeiros, previa-o Jesus, os perseguiriam com seus ódios e injúrias, formulando contra eles as mesmas acusações que contra o Mestre divino formulavam os fariseus e os escribas de outrora: as de serem instrumentos do demônio, charlatães e loucos, Os segundos os perseguiriam com seus sarcasmos, zombarias e insultos. É o que, de fato, se verifica, tanto da parte de uns, como de outros.

Para triunfarmos de tais perseguições, precisamos munir-nos das armas indicadas pelo manso Cordeiro de Deus, quando recomendava a seus discípulos que fossem prudentes, como as serpentes, e simples, como as pombas. Essas armas são o raciocínio, com que devemos enlear os nossos perseguidores, e, sobretudo, a prática das boas obras e o exemplo das virtudes cristãs. Empregadas que sejam essas armas, no cumprimento do dever que nos corre de proclamar a verdade e só a verdade, aqueles para com quem delas usarmos, quando perceberem que os queremos ganhar, não mais poderão fugir ao contágio benéfico da moral prática.

Não vos cause inquietação como haveis de falar, nem o que direis. O que houverdes de dizer vos será dado na ocasião, porqüanto não sois vós quem fala, é o Espírito de vosso Pai quem fala em vós. Era preciso que os apóstolos

e discípulos, homens saídos do povo, sem educação, sem desembaraço perante as autoridades, confiassem na inspiração que lhes viria do Alto, a fim de poderem avançar no desempenho da missão que lhes cabia. Médiuns que eram, inspirados seriam pelos Espíritos puros, pelos Espíritos superiores e pelos bons Espíritos, a cuja assistência aludia Jesus, ao lhes declarar: "é o Espírito de vosso Pai quem fala em vós", porqüanto a. locução Espírito de Vosso Pai — exprime o mesmo que estoutra — Espírito Santo, de cuja significação já tratamos, mostrando que indica o conjunto dos Espíritos puros, superiores e bons.

É exatamente o que se dá nos tempos de hoje, em que os bons médiuns vêem, sentem, ouvem e falam, traduzindo o que lhes transmitem do plano invisível os enviados do Senhor.

Fato é este que confirmamos com o testemunho do que sabemos, do que temos presenciado e mesmo recebido.

Imitemos, pois, os discípulos do divino Mestre: sejamos prudentes e humildes, dóceis aos seus ensinamentos e conquistaremos lugar entre os bons servos do Senhor, segundo o grau de pureza e elevação moral que adquiramos.

(63) Êxodo, 4º, 12. — Jeremias, 1º, 5 a 8. — 2º Reis, 23º, 2. — Daniel, 12º, 12. — Miquéias, 7º, 6. — Atos, 5º, 40; 12º, 1. — LUCAS, 21º, 14, 15. — Romanos, 16º, 19. — Efésios, 5º, 15. — 1ª Epístola aos Coríntios, 14º, 20.

62
MATEUS, 10º, 23 ao 27. — LUCAS, 12º, 1 ao 3 e 6º, 39 ao 40. Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. — Fermento dos fariseus. — A hipocrisia; nada oculto a Deus. — Cego conduzindo outro cego

MATEUS: capítulo 10º, versículo 23. Quando, pois, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo: Não tereis percorrido todas as cidades de Israel antes que o filho do homem venha. 24. O discípulo não está acima do mestre nem o servo acima de seu senhor. — 25. Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor. Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais a seus domésticos. — 26. Não os temais, porém; porqüanto nada de oculto há que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido. — 27. O que vos digo nas trevas, dizei-o vós às claras, e o que escutais no ouvido, pregai-o de sobre os telhados.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 1. Tendo-se reunido grande multidão em torno de Jesus, de tal sorte que todos uns aos outros se apertavam, entrou ele a dizer aos discípulos: Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia; — 2, porqüanto, nada há Oculto que não Venha a ser conhecido. — 3. Assim, o que dissestes nas trevas será dito às claras; e o que houverdes dito no Ouvido, dentro dos aposentos, será pregado de sobre os telhados.

LUCAS: capítulo 6, versículo 39. Propunha-lhes também esta comparação. Pode acaso um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no fosso? — 40. O discípulo não está acima do seu mestre; mas todo discípulo será perfeito, se for como seu mestre. (64)

Estas outras palavras de Jesus se referiam, especialmente, às perseguições físicas que se desencadeariam contra os apóstolos e seus continuadores ou imitadores, até a época do advento da liberdade e do livre exame. Por outro lado, atenta a profecia da vinda do filho do homem, aludiam aos tempos da revelação do Espírito da Verdade, à era espírita, que havia de preceder o novo advento do Filho de Deus. Sob todos os demais aspectos, referiam-se àquela época e ao futuro, em todos os séculos.

Devemos imitar àquele que nos conduz. Coloquemo-nos, como servos que somos, à altura moral do nosso senhor e seremos quais o senhor e teremos chegado àculminância da felicidade eterna.

As cidades de Israel, de que fala o texto acima, representam alegoricamente todas as nações da Terra.

Jesus Cristo, diretor, governador e protetor do nosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do nosso progresso e de nos conduzir à perfeição, recebeu do Pai três missões, ou, melhor, recebeu do Pai uma missão, a ser desempenhada em três fases sucessivas.

A primeira, cumprida há dois mil anos e continuada do plano invisível, e a segunda, iniciada com o advento do Espírito da Verdade, caracterizando a era espírita, consistiram em preparar e promover o progresso físico do nosso planeta e o progresso físico, moral e intelectual da nossa Humanidade e a sua regeneração. A terceira consistirá em completar a execução dessa obra, levan-

do-nos à perfeição.

A primeira Ele a cumpriu, desempenhando entre os homens o seu Messianato e continuou a cumpri-la, na condição de Espírito invisível, com o concurso do Espírito Santo (65), agindo este sob a sua direção.

A segunda, cujo desempenho se verifica presentemente, abrindo-nos a era da Revelação Espírita, Ele a cumpre por intermédio dos messias, isto é, de enviados especiais e missionários, encarnados e errantes, com o objetivo de conduzir as gerações humanas ao conhecimento da verdade, ensinando-lhes todas as coisas e anunciando-lhes as que hão de vir.

A terceira virá Ele cumpri-la, nos tempos preditos, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da Verdade, para mostrá-la sem véu. Manifestar-se-áentão aos homens em todo o seu poder, em toda a majestade da sua pureza perfeita e imaculada, o que se dará quando aqueles estiverem capacitados para o receber e para Suportar a verdade na sua integral limpidez.

Quer dizer que Ele nos preparou a infância que hoje nos prepara o desenvolvimento da inteligência, característico da maturidade, e que, dentro de mais algum tempo, virá Ele colher os frutos do seu trabalho e receber na sua glória aqueles de seus discípulos que bem aproveitado hajam de seus ensinamentos.

O discípulo não está acima do mestre. — Aos olhos do Senhor, Eterno, iguais são todas as condições sociais; logo, o amo não é mais do que o servo. Maior valor só tem o que pratica, com humildade, a lei de amor.

Mister se faz aprendamos, compreendamos bem e não esqueçamos nunca o princípio fundamental, o objetivo e os efeitos da lei divina e, portanto, natural, da reencarnação e, conseguintemente, que, pela pluralidade das existências e conformemente ao grau de culpabilidade, as expiações e as provações, tendo por fim a purificação e o progresso do Espírito, são apropriadas às faltas cometidas nas encarnações precedentes. Assim, por exemplo, o senhor de ontem, duro e arrogante, que, como tal, delinqüiu, falindo em suas provas, será o escravo, ou o servo de amanhã. O sábio de ontem que, materialista e orgulhoso, abusou da sua inteligência, da sua ciência, pervertendo as massas populares, será o cego, o idiota, ou o louco de amanhã. O orador de ontem ou de hoje, que se utilizou da sua eloqüência para arrastar homens e povos a erros graves, será o surdo-mudo do dia seguinte.

Aquele que ontem teve saúde, força e beleza física e de tudo isso abusou, será amanhã sofredor, doente, raquítico, deserdado da natureza, enfermo; porqüanto, se é certo que os corpos procedem dos corpos, não menos certo é que eles se formam apropriados às provações e expiações por que o Espírito haja de passar e que a encarnação será no meio e nas condições adequadas a umas e outras.

É o que explica por que e como, na mesma família, dois filhos, nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, se apresentam em condições físicas, morais e intelectuais tão diversas, mesmo tão opostas.

Saiba o homem e jamais o esqueça que o parente de ontem, o mais caro amigo da véspera podem vir a ser e muitas vezes são o estranho, o desconhecido do dia seguinte, que ele poderá a todo instante encontrar, acolher, ou repelir.

Todos, pois, nos devemos considerar irmãos e ajudar-nos mutuamente.

Cego, guia de cego, é aquele que não pratica o que prega, circunstância que o tórna mais culpado do que o que se deixa por ele guiar. Mais terá que

expiar e. portanto, que sofrer.

Nada ficará oculto. — Por maiores que sejam os esforços dos inimigos da verdade, para deter os passos à Revelação Nova, que vem, pelo Espírito da Verdade, continuar a obra de Jesus, e grandes são esses esforços, como foram os despendidos outrora contra a Doutrina que Ele trouxe ao mundo, ela se vai espalhando cada vez mais, de mais em mais alargando o espaço e o futuro aos Espíritos progressistas. É que o homem chegou a um ponto em que o seu saber tem que aumentar com rapidez.

Guardai-vos do fermento dos Fariseus, isto é: da sua hipocrisia. Nada é oculto a Deus, nada permanecerá oculto aos homens. Se Jesus falava por parábolas, era porque preciso se fazia preparar as inteligências, sem as sobrecarregar demasiadamente. Se pregasse em termos claros e precisos a sua moral sublime, teria prejudicado os homens, em vez de os esclarecer.

Hoje, o mesmo já não acontece porque outro é o grau de desenvolvimento das inteligências. As verdades, que os enviados do Senhor revelam ao mundo, devem ser espalhadas, explicadas, desenvolvidas com toda a clareza, extraindo-se da letra o espírito, para que de uma vez caia a venda que oculta a tantas inteligências a luz, o que tudo se obterá, mediante a assistência dos Espíritos superiores, com paciência, perseverança e sinceridade, sem eiva da hipocrisia com que costuma proceder o farisaísmo de todos os tempos.

(64) Atos, 8º, 1; 9º, 25; 14º, 6. — JOÃO, 13º, 16; 15º, 20; 8º, 48, 52.
(65) Num dos capítulos anteriores ficou explicado o que, em Espiritismo, se deve entender por Espírito Santo.

63
MATEUS, 10º, 28 ao 31. — LUCAS, 12º, 4 ao 7. Só temer a Deus, sem cuja vontade nada sucede

MATEUS: capítulo 10º, versículo 28. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei sim aquele que pode precipitar tanto o corpo como a alma na geena. — 29. Não é verdade que dois pássaros se vendem por um asse? (66) Pois, nenhum deles cai na Terra sem ser pela vontade do vosso pai. — 30. Até os cabelos das vossas cabeças estão todos contados. — 31. Nada, portanto, temais; bem mais valeis do que muitos pássaros.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 4. E eu vos digo, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e que, depois disso, nada mais tem que fazer. — 5. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: Temei aquele que, depois de haver tirado a vida, tem o poder de lançar na geena; a esse sim, eu vos digo, temei. — 6. Não se vendem cinco pássaros apenas por dois asses? Entretanto, não há um só deles que Deus tenha esquecido. — 7. Até os cabelos das vossas cabeças estão contados. Não temais, pois; bem mais valeis do que muitos pássaros. (67)

Apropriando sempre sua linguagem à época e ao estado das inteligências, de modo a impressionar fortemente aqueles a quem falava, Jesus dirigia essas palavras a seus discípulos, para lhes infundir a confiança de que necessitavam, para, livres dos temores que os assaltavam ante as provas e perigos das missões que lhes eram confiadas, as desempenharem com desassombro, afrontando todos os percalços e perigos. Disse-as, igualmente, para inspirar aos homens a confiança sem limites que devem depositar em Deus, que olha com vistas paternais para todas as suas criaturas, sem exceção.

Não temais os que podem matar o corpo, mas que não podem matar a alma.

Jesus, com estas palavras, chama a atenção do homem para a inteligência de que é possuidor e que, filha de Deus, a Deus tem que voltar, na individualidade e na imortalidade.

Quanto à geena, alguns a tomaram por um lugar de suplício, por um inferno, à maneira do Tártaro do paganismo, das crenças gregas e romanas, onde os culpados eram punidos, ou à maneira da cloaca dos Judeus, caverna que o rei Josias mandara construir em Jerusalém, para despejo das imundícies da cidade, bem como dos cadáveres a que negavam sepultura, e onde era mantido um fogo contínuo, para consumir os detritos ali atirados.

Assim o entenderam os que se ativeram à letra. Manifesta, entretanto, é a erronia de semelhante interpretação, pois não se compreende que o Espírito, o princípio inteligente, dotado de individualidade e personalidade, cuja natureza íntima ainda desconhecemos, possa estar sujeito a permanecer indefinidamente num lugar material circunscrito e a ser queimado pelo fogo. Vê-se, portanto, que se trata de uma expressão alegórica, de significação complexa.

A geena, o inferno, é a imensidade onde, quando errante, o Espírito culpado passa pelos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas que haja cometido.

Aquele termo abrange também, na sua significação, as terras primitivas e todos os mundos inferiores, de prova e expiação, onde, pela encarnação ou reencarnação, se vêem lançados os Espíritos culpados, e onde o corpo que os reveste por si só também é para eles uma geena, como o são, na erraticidade, aqueles sofrimentos ou torturas morais.

Ora, atendendo a que o corpo, como envoltório do Espírito, não é mais do que o instrumento das provas necessárias à sua purificação e progresso, é claro que a criatura nada deve temer dos que, quando muito, podem apenas destruir esse instrumento, ao passo que deve sempre temer que a parte verdadeiramente importante do seu ser mereça condenada à geena de que acabamos de falar. Assim sendo, evidente se torna que o homem deve preferir a perda do seu corpo, sempre que se encontre em risco de, para o salvar, perder o seu Espírito, isto é, incorrer em falta de que lhe resulte a condenação à geena.

Todos os cabelos das vossas cabeças estão contados. — Não devem estas palavras ser tomadas ao pé da letra, pois que, em tal caso, envolveriam a negação do livre-arbítrio do homem e justificariam o entregar-se ele ao fatalismo. Quer dizer que, admitidas no sentido literal, elas sustentariam um erro, porqüanto, para ser responsável, como de fato é, preciso se faz que o homem goze de liberdade no seu proceder. Com efeito, ele é livre de praticar um ato qualquer, mas esse ato tem seu princípio de origem e seus corolários regulados pelas leis naturais, imutáveis e eternas, cuja execução e aplicação o aludido ato provoca, tornando o homem sujeito a experimentar as conseqüências do seu procedimento.

O que as palavras que estamos apreciando querem dizer é que nada sucede que não tenha sido previsto pela infinita sabedoria do Senhor, a qual, entretanto, deixa que os acontecimentos da vida humana sigam seu curso, conformemente ao uso que o homem faz do seu arbítrio.

É igualmente certo, porém, que a bondade infinita de Deus vela incessantemente pelas suas criaturas e faz sentir sobre estas a sua influência, por intermédio dos Espíritos bons, auxiliando-as em se forrarem aos efeitos funestos do mau uso do livre-arbítrio de que Ele as dotou.

Assim, pois, nem um só ato nosso, nem um só dos nossos mais secretos pensamentos escapam ao Senhor, que nunca abandona a qualquer de seus filhos, não esquece nenhuma de suas ações boas e não deixa impune nenhuma ação má de modo que, chegada que seja a hora da prestação de contas, cada um encontrará, no livro da vida, a sua página escriturada com exatidão.

(66) 20 centavos.
(67) 1º Reis, 14º, 45. — 2º Reis, 14º, 11. — Isaías, 51º, 7, 8, 12, 13. — Jeremias, 1º, 8. — Zacarias, 8º, 12, 13. — JOÃO, 15º. 14 e 15. — Atos. 27º, 34. — 1ª Epístola à Pedro, 3º, 14.

64
MATEUS, 10º, 32 ao 36. — LUCAS, 12º, 8 ao 9 e 49 ao 53. Jesus veio trazer fogo à Terra. — Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja

MATEUS: capítulo 10º, versículo 32. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu pai, que está nos céus. — 33. Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu pai que está nos céus. — 34. Não penseis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer a paz e sim o gládio; — 35, porqüanto, vim separar de seu pai o homem, de sua mãe a filha e de sua sogra a nora; — 36, e o homem terá por Inimigos os de sua própria família.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 8. Ora, eu vos digo que aquele que der testemunho de mim diante dos homens, dele o filho do homem dará testemunho diante dos anjos de Deus. — 9. Mas aquele que me negar diante dos homens será também negado diante dos anjos de Deus.

LUCAS: capítulo 12º versículo 49. Vim trazer o fogo à Terra; e que é o que quero senão que ele se acenda? — 50. Tenho que receber um batismo e quão ansioso estou para que ele se cumpra. — 51. Pensais que vim trazer a paz à Terra? Não, eu vo-lo digo, vim trazer a separação; — 52, porqüanto, doravante, se numa casa se encontrarem cinco pessoas, estarão todas divididas, três contra duas e duas contra três; — 53, estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra. (68)

Jesus é a personificação da moral sublime que Ele trouxe ao mundo, para a nossa salvação. Praticar essa moral é estar no carreiro por Ele traçado, é confessá-lo. Aquele que, ao contrário, se embrenha pelos caminhos tortuosos, que são os do orgulho, do egoísmo, da hipocrisia, dos vícios e das paixões que degradam a Humanidade, esse se afasta da senda da verdade, renega o bom Pastor, repudiando-lhe a lei. Ora, a esse o bom Pastor não o pode receber na categoria dos Espíritos bons, nem apresentá-lo ao Rei dos reis, enquanto não dê testemunho dele, praticando a sua moral.

Jesus veio pôr fogo à Terra, com o trazer ao mundo uma doutrina que saparia os abusos, os preconceitos e as tradições sustentados pelos escribas, fariseus e sacerdotes orgulhosos e cúpidos. E esse fogo Ele o queria bem aceso, para que ao seu derredor se grupassem os homens, a fim de aprenderem, praticarem e espalharem pelo exemplo os ensinamentos cuja difusão constituía o objeto da sua missão, que seria sancionada com o sacrifício do Gólgota, destinado a fazê-la frutificar e preparar o advento da nova revelação.

Com efeito, trazendo aos homens, Espíritos atrasados, esse progresso, Ele veio dar causa a lutas, no seio mesmo das famílias, lutas a que ainda hoje presenciamos, entre os que desejariam enveredar pela nova estrada e os preguiçosos ou obstinados, que quereriam permanecer estacionários. Todavia, seu objetivo era santo, pois que consistia em substituir a fé cega e falsa, pela observância da lei de amor, pela prática da caridade e da fraternidade, que serão os alicerces da paz universal, ainda muito distante, é certo, mas que se

há de realizar, porque essa é a vontade do nosso Pai celestial.

O Espiritismo é Jesus presente de novo entre nós, éEle ainda a influir sobre nós, impelindo-nos para o progresso e a dar lugar a novas lutas, que somente cessarão quando Ele próprio vier completar a sua obra pela separação do joio e do bom grão, isto é, pela elevação dos bons à posse do reino que lhes está preparado e pela repulsão dos rebeldes e cegos voluntários para as terras em que possam decidir-se a encetar a obra da sua purificação. Só então a sua missão se tornará de paz. Depois de ter sido até aí — rei da justiça, Ele será —
o rei da paz.

Trabalhai, pois, espíritas, com ardor, diz-nos o Senhor pela boca de seus emissários, por arrancar os parasitas que abafam a sua vinda; esclarecei as inteligências obscuras, sustentai os fracos, ajudai os vossos irmãos a chegarem ao ponto em que vos achais, a fim de que todos, vendo a luz, ela a todos igualmente ilumine.

(68) Salmos, 40º, 10; 54º, 14. — Miquéias, 7º, 6. — João, 7º, 43, 9º, 16; 10º, 19; 13º, 18. — Romanos, 10º, 9. — 2ª Epístola à Timóteo, 2º, 12. — 1º de João, 2º, 28. — Apocalipse, 3º, 5.

65
MATEUS, 10º, 37 ao 39. — LUCAS, 14º, 25 ao 27. Amor da família. — Cumprimento do dever acima de todas as coisas. — Paciência e resignação nas provações terrenas

MATEUS: capítulo 10º, versículo 37. Aquele que ama a seu Pai ou a sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama, de mim não é digno. — 38. Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. — 39. Aquele que acha sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará.

LUCAS: capítulo 14º, versículo 25. Jesus, voltando-se para a multidão que o acompanhava, disse; — 26. Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher, a seus filhos, a seus irmãos, a suas Irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo; 27, e aquele que não toma sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo. (69)

Os santos Evangelhos são o código, ou a tábua dos preceitos e sentenças do Divino Mestre. Para bem se conhecerem esses preceitos e sentenças, necessário se faz estudá-los, interpretando-os, de modo a lhes alcançar o sentido profundo. Para isso, não basta ter deles a compreensão literal ou gramatical; é preciso pesquisar-lhes os fundamentos, apreciá-los em conjunto, buscar-lhes o espírito.

Jesus veio dar cumprimento ao Decálogo e confirmar as profecias que lhe eram relativas. Veio congraçar a Humanidade, fazendo-lhe ver que os seus membros devem unir-se pela amizade, pelo afeto, pelo carinho, que produzem a concórdia, pelo amor paterno e filial.

Veio, enfim, mostrar-lhe que a vida real é a do Espírito liberto da escravidão da matéria, isto é, purificado, e que o Espírito só se depura na adversidade, que é o crisol das grandes obras.

Ele, portanto, jamais poderia ter dito o que quer que importasse em condenação do amor da família. O que, com relação a esta, como a respeito de tudo mais, condenou foi o excesso, que em todas as coisas prejudica o ser humano e o transvia. É dever do homem consagrar-se à família e preencher para com esta todas as obrigações que lhe impõem as leis divinas, cuja síntese é a lei do amor.

Não deve, porém, fazer do cumprimento dessas obrigações um culto. Não lhe deve sacrificar o amor ao próximo, nem os interesses superiores e a felicidade real de seus outros irmãos em Deus, pois que isso seria. egoísmo e o egoísmo contravém aos ensinos do Filho de Deus.

Assim, aquele que, para agradar a seu pai ou a sua mãe, praticar um ato contrário a esses ensinos não é digno do Mestre, não pode ser seu discípulo. Essa a lição constante dos versículos acima, para cuja compreensão cumpre não constituam obstáculo os termos odiar e aborrecer, porqüanto nenhum desses vocábulos traduz com exatidão a palavra correspondente no texto hebraico, a qual não tem a significação violenta daquelas outras e carece de equivalente nos modernos idiomas.

Além disso, importa não esqueçamos que Jesus freqüentemente usava de expressões demasiado fortes, para impressionar os Hebreus de então,

profundamente materializados.

Quanto ao ser a vida do Espírito a Única real e, pois, a única digna de apreço e valiosa, a prova temo-la em que, falando a seus discípulos, o Senhor lhes recomendava que nenhuma importância dessem à vida do corpo, sempre que lhes fosse mister sacrificá-la, a bem daquela outra.

A cruz a que aludia, quando sentenciava que quem não tomar a sua para o seguir não pode ser seu discípulo, é a das expiações e das provas necessárias e inevitáveis, por isso que mediante elas somente é que o Espírito se depura, quando as aceita com humildade, resignação e, até, reconhecimento, conforme o exemplificou Ele que, aliás, era justo, inocente e imaculado, que, por conseguinte, nada tinha que expiar, nem que o tornasse merecedor de qualquer provação.

Dizendo que "aquele que acha a sua vida a perderá e que aquele que perde a vida por sua causa a achará", o Divino Mestre se dirigia especialmente a seus discípulos, para lhes significar que, dentre eles, o que falisse à sua missão, para conservar a vida humana, renunciaria ao acabamento da obra, comprometendo, assim, gravemente, a sua vida espiritual; que, ao contrário, aquele que não recuasse diante da morte e a sofresse, para levar a cabo a obra, desempenhando a sua missão, teria a vida eterna.

Tais palavras, entretanto, podem e devem considerar-se como dirigidas, no mesmo sentido, aos que posteriormente, em todas as épocas, viessem ou venham a constituir-se continuadores da alta missão em que se investiram os apóstolos e os discípulos imediatos do Cristo.

(69) Deuteronômio, 13º, 6, 33º, 9. Êxodo, 32º, 26 e 27. — JOÃO, 12º, 25. 2ª Epístola à Timóteo, 3º, 12. — Apocalipse, 12º, 11.

66
LUCAS, 14º, 28 ao 33. Examinar antes de obrar. — Não parar na estrada do progresso. — Não dar apreço aos bens materiais, senão como meio de fazer caridade

LUCAS capítulo 14º, versículo 28. Qual aquele dentre vós que, desejando edificar uma torre, não orça de antemão, com vagar e calma, a despesa necessária, para saber se tem com que terminá-la, — 29, a fim de que, por não a poder acabar, depois de lhe haver lançado as fundações, todos os que a vejam entrem a escarnecê-lo, — 30, dizendo: Esse homem começou a construir, mas não pôde acabar? — 31. Ou, qual o rei que, tendo de entrar em guerra com outro rei, não examina antes, com vagar e calma, se pode marchar com dez mil homens contra o inimigo que vem ao seu encontro com vinte mil? — 32. Se o não pode fazer, manda embaixadores, quando o inimigo ainda está longe, e lhe apresenta propostas de paz. — 33. Assim, pois, aquele dentre vós, que não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo. (70)

Antes de enveredarmos por um caminho novo, precisamos certificar-nos de que dispomos de uma vontade bastante forte, para percorrê-lo todo; pois, se assim o não fizermos, ficaremos sujeitos a perder o nosso tempo, o que se dará, desde que paremos hesitantes e indecisos, sobretudo em se tratando do caminho do progresso.

Em tal caso, preferível é esperemos, até nos fortalecermos bastante, antes que nos arriscarmos a tentativas infrutíferas, que amargos pesares nos trarão.

Para caminharmos pela senda do progresso, que é a da caridade universal, devemos desprender-nos dos bens materiais, considerando-os simples meio de fazermos o bem e proporcionarmos alívio aos nossos irmãos que sofrem.

Renunciar a tudo o que possuímos não quer dizer que devamos esbanjar, pôr fora os nossos bens; mas, que não lhes devemos criar uma afeição que nos impeça de dar-lhes a aplicação para que nos foram confiados, isto é, de praticarmos a caridade, condição essencial de todo progresso, porque sem ela não há salvação.

(70) 3º Reis, 5º, 17 e 18. — Provérbios, 24º, 27.

67
MATEUS, 10º, 40 ao 42 e 11º, 1. Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade terá sua recompensa

MATEUS: capítulo 10º, versículo 40. Aquele que vos recebe a mim me recebe; e aquele que me recebe recebe o que me enviou. — 41. Aquele que recebe o profeta como profeta receberá a recompensa do profeta; e aquele que recebe o justo na qualidade de justo receberá a recompensa do justo. — 42. E todo aquele que der de beber a um destes pequeninos, só por ser dos meus discípulos, um copo dágua fria, em verdade vos digo, não perderá sua recompensa.

MATEUS: capítulo 11, versículo 1. Logo que acabou de dar essas instruções a seus doze discípulos, Jesus partiu a ensinar e pregar nas cidades vizinhas. (71)

O sentido e o alcance destas palavras, dirigidas por Jesus, como ensino, aos homens de então e do futuro, se podem resumir da forma seguinte: Aquele que deposita fé em Deus e procede tendo em vista a vida eterna, tendo em vista cumprir a lei de amor e de caridade, obterá a recompensa reservada ao fiel.

As palavras do versículo 40 eram endereçadas aos apóstolos: Aquele que recebe os vossos ensinamentos recebe os meus e quem recebe os meus ensinamentos recebe os daquele que me enviou.

As do versículo 41 são simbólicas: Aquele que proceder com louvável intuito será recompensado pela sua intenção.

Quanto às do 42, podem explicar-se como encerrando, para todos os homens, a seguinte lição: O bem que fizerdes vos será contado, por menos importância que tenha o vosso ato e seja qual for a dos irmãos que aliviardes ou socorrerdes.

(71) 3º Reis, 17º, 10 e seguintes; 18º, 4 e seguintes. — 4º Reis, 4º, 8 e seguintes.

68
LUCAS, 10º, 1 ao 12 e 16. Missão e instruções dadas aos setenta e dois discípulos

LUCAS: capítulo 10º, versículo 1. Algum tempo depois, o Senhor escolheu setenta e dois outros discípulos e os enviou dois a dois, precedendo-o, a todas as cidades e a todos os lugares aonde ele próprio tinha que ir; — 2, e lhes dizia: A seara na verdade é grande, mas poucos são os trabalhadores; rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela. — 3. Ide; eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. — 4. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias e a ninguém saldeis pelo caminho. — 5. Ao entrardes em qualquer casa, dizei primeiramente: Paz a esta casa. — 6. Se aí estiver algum filho da paz, a vossa paz ficará com ele; senão, voltará para vós. — 7. Permanecei na casa comendo e bebendo do que nela houver, porqüanto o obreiro é digno do seu salário; não andeis de casa em casa. — 8. Quando entrardes numa cidade qualquer onde vos acolham, comei do que se vos apresentar; — 9, curai os doentes que ai encontrardes e dizei-lhes: O reino de Deus está próximo de vós. — 10. Mas se, entrando nalguma cidade, não vos receberem, ide pelas ruas e dizei: — 11. Sacudimos contra vós até a poeira da vossa cidade, que se agarrou aos nossos pés; sabei, todavia, que o reino de Deus está próximo. — 12. Digo-vos que nesse dia os de Sodoma serão tratados com mais indulgência do que os de tal cidade.

LUCAS: capítulo 10º, versículo 16. Aquele que vos escuta a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza, despreza aquele que me enviou. (72)

As instruções por Jesus dadas aos setenta e dois discípulos são idênticas às que deu aos apóstolos, como vimos, tratando dos versículos. 9 e 13 do capítulo 10, do Evangelho de Mateus. Todavia, alguns pontos aqui há que reclamam observações especiais.

Não saudeis a ninguém pelo caminho. — Segundo o espírito, o que com essas palavras quis Jesus dizer é o seguinte: “Não deixeis que vos desviem do caminho em que ides; não pareis; avançai para a meta, até que a tenhais alcançado”.

Filhos da paz — a vossa paz (capítulo 10º, versículo 6). — Por “filhos da paz” designava Jesus os que se mostravam dispostos a enveredar pela nova estrada que os faria adiantar-se em direção ao Senhor. — A paz que eles tinham (“a vossa paz”) eram a fé e os conhecimentos que possuíam e que com eles ficavam, desde que se achassem num meio refratário a aceitá-los.

Permanecei na mesma casa: sede perseverantes. —Comei e bebei do que nela houver:

Nem só pelo espírito vive o homem. Cumpre-lhe prover às necessidades do corpo. Os discípulos davam o alimento do Espírito e recebiam de outros o alimento do corpo. Como trabalhadores, cabia-lhes ser alimentados, em recompensa do trabalho que executavam.

Tinham, porém, que se restringir ao estritamente necessário. Não é isso, entretanto, o que fazem os que se dizem ministros do Cristo e sucessores dos apóstolos. Sob o pretexto de que merecedor do salário é o obreiro, traficam com as coisas de Deus e procedem como todos vêem, para que necessitemos

indicá-lo aqui mais uma vez.

Aquele que, além do necessário, procura o luxo, o fausto, a voluptuosidade, o bem-estar material, não é e não pode ser discípulo do Mestre, que na Terra só deu exemplos de humildade, desinteresse, abnegação, dedicação e caridade, do amor que o homem deve consagrar e praticar para com os seus irmãos. Como poderão considerar-se discípulos de Jesus e sucessores dos Apóstolos os que recebem dinheiro em paga das preces que fazem?

Enviando os discípulos que escolhera para transmissores da sua palavra, com autoridade para abençoar ou reprovar, não deu Jesus esse direito a quem quer que entendesse de exercer, sem preencher as condições a isso essenciais, isto é, sem possuir as virtudes que elevam o Espírito e atraem a assistência dos Espíritos superiores.

Sacudi a poeira dos vossos pés: — Afastai-vos, sem nada aceitar, dos que vos repelirem, sem levar convosco nem mesmo a poeira que vossos passos levantem. Eles serão tratados mais rigorosamente do que os de Sodoma e Gomorra, por isso que se lhes mostrou a luz e fecharam os olhos; fez-se-lhes ouvir a palavra de paz e taparam os ouvidos.

Dando aos discípulos o poder de ligar e desligar, Jesus lhes recomendou, simultaneamente, que se não munissem de duas túnicas, nem de dois pares de sandálias.

Proibiu-lhes cogitar do bem-estar material, e mesmo receber coisa alguma, em troca de seus ensinamentos e preces. Prescreveu-lhes, enfim, uma vida de completa abnegação, de inteiro esquecimento de si mesmos.

Entretanto, como procederam e como procedem os pseudo discípulos do Cristo, os que se dizem sucessores dos apóstolos? Ao mesmo tempo que se apregoam herdeiros dos poderes conferidos a estes, renunciam à herança da humildade, da pobreza, de todas as virtudes que o Mestre exemplificou e que constituíram o patrimônio deles. Cercados de luxo e fausto, oferecem o pé a beijar aos que se lhes aproximam do trono rebrilhante de pedrarias, quando deveriam ser os que lavassem os pés a seus irmãos. Não compreenderam, nem compreendem que a única maneira de que dispõe o homem de erigir para si um trono consiste em viver vida austera e humilde, esforçando-se por imitar os apóstolos e os discípulos do Cristo de Deus.

Aquele que vos escuta a mim me escuta, etc. — Estas palavras, constantes no versículo 16, do capítulo 10º de LUCAS, só as podem aplicar a si os que, sacerdotes ou leigos, judeus ou gentios, sigam as pegadas do Mestre divino, os que lhe pratiquem sinceramente as lições e os exemplos. Elas se aplicam. igualmente, aos que, novos discípulos de Jesus, guiados e inspirados pelos Espíritos do Senhor, imitando os de outrora e os apóstolos, são chamados a divulgar a Nova Revelação, a pregar em espírito e verdade e a desenvolver, de acordo com essa Revelação, a lei do Cristo, seus ensinamentos, sua moral.

Aquele que não se sinta disposto a uma vida de abnegação, de humildade e de pobreza, bem fará dando outra direção às suas atividades, evitando transformar aquele ministério numa profissão. Diante do que fazem e da maneira por que vivem os ministros da Igreja de Roma, como não se lhes hão de considerar irônicas as eloqüentes prédicas sobre as virtudes que aconselham, mas que não exemplificam?

Deixemos, porém, de lado os abusos. Cada um responderá pelos seus

atos. Cuidemos nós, os espíritas, de nos impormos ao respeito de todos, pelo cumprimento exato dos nossos deveres, pela austeridade do nosso caráter, pela observância dos ensinamentos do Mestre, pela confiança que inspire a nossa sinceridade, no propósito único de impulsionar o progresso da Humanidade.

(72) JOÃO, 5º. 23. — Atos, 13º, 51; 18º, 6. — 1º Tessalonicenses, 4º, 8. — 2º Tessalonicenses, 3º, 1. — 1ª Epístola aos Coríntios, 10º, 27. — 4º Reis. 4º, 29.

69
LUCAS, 10º, 17 ao 20. Regresso dos setenta e dois discípulos. — Seus nomes escritos nos céus

LUCAS: capítulo 10º, versículo 17. Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome. — 18. E Jesus lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como relâmpago. — 19. Vedes que vos dei o poder de esmagar as serpentes, os escorpiões e todo o poder do inimigo; nada vos causará dano. — 20. Contudo, não vos alegreis por vos estarem os espíritos submetidos, alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus. (73)

Dizendo aos discípulos que via Satanás cair do céu qual relâmpago, Jesus lhes falava, como sempre, figuradamente. Toda vez que tentarmos combater o mal sob qualquer forma que se apresente, mas tendo em vista o progresso e o amor universal, o mal se precipitará nos abismos insondáveis e sua queda servirá para nos esclarecer. Sempre que nos aventurarmos por uma estrada desconhecida, difícil, mas ao fim da qual entrevejamos o progresso da Humanidade, o bem dos nossos irmãos, caminhemos desassombradamente. Os répteis venenosos que se ocultem por onde passemos não levantarão as cabeças malfazejas, não lançarão seus dardos contra nós. Esmagá-los-emos com os pés e eles se ocultarão envergonhados da derrota. O Senhor protege os que trabalham com zelo na obra de que os encarregou.

Jamais nos orgulhemos do que o Senhor permita que façamos. Nosso objetivo, nossa única ambição devem consistir em ganharmos a recompensa prometida. Rejubilemo-nos, portanto, se virmos que nossas obras nos autorizam a esperá-la, mas não tiremos daí nenhum motivo de vaidade.

Os que caminham sinceramente nas sendas do Senhor podem rejubilar-se, pois seus nomes estão escritos no “céu”. O Mestre paga sempre ao trabalhador na razão do seu trabalho.

Idêntica à dos discípulos deve ser a alegria dos espíritas, porqüanto também são designados a trabalhar na obra e conseguirão tudo o que tentarem fazer em seu nome, com confiança e sinceridade, com o fim exclusivo de impulsionar o progresso da Humanidade.

(73) Êxodo, 32º, 32 e 33. — Salmos, 68º, 29. — Isaías, 4º, 3. — Daniel, 12º, 1. — JOÃO, 12º, 31 — Filipenses, 4º, 3. — Apocalipse, 9º, 1; 12º, 8, 9.

70
MATEUS, 11º, 2 ao 6. — LUCAS, 7º, 18 ao 23 Discípulos de João mandados por este a Jesus

MATEUS: capítulo 11º, versículo 2. Tendo, na prisão, sabido das obras do Cristo, João mandou que dois de seus discípulos fossem ter com Ele — 3, e lhe dissessem: És aquele que tem de vir ou esperamos outro? — 4. Jesus lhes respondeu: Ide contar a João o que vistes e ouvistes. — 5. Os cegos vêem, os coxos caminham, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam; o Evangelho é pregado aos pobres. — 6. Bem-aventurado o que não se houver escandalizado de mim.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 18. Os discípulos de João lhe referiram todas as coisas que Jesus fazia. — 19. E João chamou dois deles e os mandou a Jesus para lhe perguntarem: És aquele que tem de vir ou é outro o que esperamos? 20. Esses homens, encontrando Jesus, lhe disseram: João Batista nos mandou aqui para te perguntarmos se és aquele que tem de vir ou se é outro o que esperamos? — 21. Nesse mesmo instante, Jesus curou muitas pessoas de enfermidade e chagas e dos maus espíritos e restituiu a vista a muitos cegos. — 22. Em seguida, respondendo aos discípulos de João, disse: Ide narrar a João o que vistes e ouvistes: que os cegos vêem, que os coxos caminham, que os leprosos estão curados, que os surdos ouvem, que os mortos ressuscitam, que o Evangelho é pregado aos pobres. — 23. E bem-aventurado aquele que não se houver escandalizado de mim. (74)

A fama levara a João o rumor dos atos de Jesus, João, porém, não tinha certeza de que Jesus fosse quem devia ser. Enviou-lhe pôr isso dois de seus discípulos, para verificarem se se não tratava de algum hábil impostor. Foi, portanto, para lhe comprovar a identidade, que João mandou seus emissários ao Cristo. O Precursor queria certificar-se de que Jesus era realmente aquele cuja vinda ele anunciara.

Quanto aos chamados “milagres” que Jesus praticou em presença dos discípulos de João, já sabemos como Ele os operava.

Os pobres, a quem o divino Mestre se referia, falando mais para aquela época do que para o futuro, eram os que se viam abandonados, desprezados, eram os que de ninguém mereciam atenção alguma. De modo geral, pobres são todos os que, sentindo a necessidade de enriquecer-se com a palavra evangélica, se dispõem a ouvi-la.

Todo aquele que não aceita a moral do Cristo, o repele. Feliz, pois, do que lhe acolhe os preceitos e os põe em prática, porque progride e não tem que temer uma repulsa.

(74) Gênese, 49º, 10. — Números, 24º, 17. — Daniel, 9º, 24. — Isaías. 29º, 18; 35º, 4 e 5; 61º, 1; 8º, 14. — Salmos, 21º, 27. — JOÃO, 2º, 23; 3º, 2; 5º. 36; 6º, 14. — Timóteo, 2º, 55. — Romanos, 9º, 32. — 1ª Epístola à Pedro, 2º. 8. — Apocalipse, 22º, 16.

71
MATEUS, 11º, 7 ao 15. — LUCAS, 7º, 24 ao 30 e 16º, 16. João, precursor, e Jesus. — Pedra fundamental do edifício da regeneração. — Missão nova e futura de João

MATEUS: capítulo 11º, versículo 7. Logo que eles se foram embora, começou Jesus a falar de João ao povo nestes termos: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 8. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que na casa dos reis é que vivem os que se vestem assim. — 9. Que é então o que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que profeta; — 10, porqüanto dele é que está escrito:
"Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho". — 11. Em verdade vos digo: Nenhum dentre quantos hão nascido de mulher foi maior do que João Batista, mas aquele que for o menor no reino dos céus é maior do que ele. — 12. Desde os dias de João Batista até o presente o reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam; 13, pois, até João, todos os profetas e a lei profetizaram; — 14, e, se quiserdes, compreendei: ele é o Elias que há de vir. — 15. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 24. Logo que se foram os mensageiros de João, entrou Jesus a falar deste à turba: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 25. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que nas casas dos reis é que se encontram os que se vestem magnificamente e vivem nas delícias. — 26. Que é, então, O que fostes ver? Um profeta? Sim, certamente, eu vo-lo digo, e mais que profeta; — 27, porqüanto, dele é que está escrito: Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho adiante de ti. — 28. Pelo que, eu vos digo que, dentre os que hão nascido de mulher, nenhum ainda houve maior do que João Batista; mas aquele que for o menor no reino de Deus é maior do que ele. — 29. E todo o povo e os publicanos que o ouviram se submeteram aos desígnios de Deus recebendo de João o batismo. — 30. Mas os fariseus e os doutores da lei desprezaram os desígnios de Deus para com eles, não se fazendo batizar por João.

LUCAS: capítulo 16, versículo 16. A lei e os profetas duraram até João; a partir daí, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência. (75)

Falando de João nesses termos, Jesus dava testemunho da missão que o Precursor viera desempenhar, assim como anunciava a nova e futura missão que ele desempenhará, e lançava a pedra fundamental em que assentaria o edifício da regeneração, edifício que se vai erguendo, embora lentamente.

A época do aparecimento de Jesus na Terra, sob a forma corporal humana, nos é indicada como básica do progresso que 'nas idéias se havia de produzir. Elas, de fato, se elevaram, fracamente é certo, mas o bastante para se despojarem do envoltório material que as constrangia e tendem, cada vez mais, a se elevar para as regiões espirituais. Pois bem, para o acabamento dessa empresa, para a continuação da obra de Jesus, é que trabalham os Espíritos elevados, sob as vistas e a direção do Mestre.

MATEUS, versículos 9 e 10. — LUCAS, versículos 26 e 27. — Exprimindo-se dessa forma, Jesus testificava que o Espírito de João já atingira um grau de elevação muito mais alto do que os dos profetas. Comparava estes últimos, nas diversas épocas em que apareceram, com Elias reencarnado como Precursor, para, apontando a extensa linha de progresso que fora percorrida, mostrar que o Elias de então já era muito mais do que o Elias dos Hebreus. Podemos, em conseqüência, imaginar qual será a grandeza desse Espírito, do ponto de vista do poder e da ciência, quando desempenhar a sua missão espírita, assinalando com essa missão a sua nova passagem pela Terra.

Referimo-nos ao seu progresso em ciência universal, que é, conforme se sabe, indefinido e não limitado, como o progresso moral, cujo limite o Espírito atinge no seio de Deus, alcançando a perfeição moral.

MATEUS, versículo 11. — LUCAS, versículo 28. — O pensamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao declarar que, dentre os varões nascidos de mulher, João era o que mais alto se achava colocado, espiritualmente falando, foi, em primeiro lugar, fazer sentir, embora deixando velada pela letra essa verdade, que Ele, Jesus, não nascera de mulher. Em segundo lugar, quis revelar a existência de outros Cristos, isto é, de outros Espíritos que, havendo percorrido sempre, sem desvios, a linha reta do progresso, chegaram à suprema pureza, sem terem necessidade de descer ao ventre da mulher, a fim de passarem por provações, a fim de provarem a morte, segundo a sua própria linguagem.

A esses Espíritos é que o divino Mestre comparava o de João, para afirmar que, mau grado à extraordinária elevação deste, ele era menor do que o mais pequenino no reino dos céus. Vê-se assim que do fato de se achar encarnado o seu Espírito é que Jesus tirava fundamento para a afirmativa que fez, porqüanto esse fato constituía a prova formal de que aquele Espírito ainda não galgara os cumes supremos da pureza, visto que os que a tais altitudes chegam ficam, em absoluto, excluídos da ação da lei das encarnações e reencarnações, que é o que já se verificara com Jesus, antes mesmo que o nosso mundo se formasse.

Sofrendo, como estava, os efeitos dessa lei, a João se lhe velara o passado. Tal qual sucede a todos os encarnados, ele esquecera suas anteriores existências, como era necessário, pois, a não ser assim, nenhum mérito lhe adviria do desempenho da missão de Precursor, se sempre tivesse diante dos olhos tudo quanto fizera como Elias, o profeta; se a todos os momentos pudesse apreciar os feitos do venerando legislador, de cujas mãos recebera o povo hebreu as tábuas da lei, o Decálogo.

O Elias que tinha de vir veio, de fato, na pessoa de João que, concluída na Terra a sua missão de Precursor, continuou e continua a desempenhá-la na espiritualidade, trabalhando para que progridam o planeta terreno e a sua Humanidade, preparando o novo advento de Jesus, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade. E, ao abrir-se, como agora se abre, a era nunciativa desse advento, a era espírita, ele novamente clama ao povo, a todo o povo da Terra, aos publicanos, aos escribas, aos fariseus e aos doutores da lei em nossos dias: Fazei penitência, arrependei-vos, arrependei-vos, que se aproxima a hora do julgamento, pois que a morte, de um instante para outro, VOS pode surpreender e entregar os vossos Espíritos culpados à expiação na erraticidade e, depois, às aflições e angústias das reencarnações.

Purifiquemo-nos, para sermos recebidos na morada celeste, onde só têm entrada os eleitos, isto é, os puros, condição a que todos havemos de chegar,

visto que para o Senhor não há eleitos, nem réprobos, segundo as falsas interpretações humanas. Só, porém, os que se tornam puros podem acercar-se do centro da Onipotência.

Notemos que, confirmando ser João a reencarnação do Espírito Elias, o divino Mestre não disse: “João é o Elias que havia de vir”, mas: João é o Elias que há de vir”. Assim, além de confirmar a presença de Elias entre os homens na pessoa de João, anunciou o seu futuro reaparecimento na Terra, sempre como Precursor. Trará então, por missão especial, o alargamento do círculo das idéias e conhecimentos humanos, o fortalecimento do amor universal e, portanto, da caridade e da fraternidade que lhe são conseqüentes.

A partir de João, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência.

É figurada esta linguagem, significando que ninguém se aplica a fazer o que deve, para alcançar o reino de Deus, para realizá-lo em sua alma, que é o meio de chegar a ele, conforme ensinou Jesus. Cada um procura criar para si um reino da Terra, caracterizado por honras extraordinárias e imenso poderio, e tenta violentar a entrada do reino de Deus, por meio da hipocrisia, ou do anátema.

(75) Malaquias, 3º, 1; 4º, 5 e 6. — Apocalipse, 2º, 7.

72
MATEUS, 11º, 16 ao 19. — LUCAS, 7º, 31 ao 35. João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus, João e Jesus compreendidos hoje pelos que são os filhos do Senhor

MATEUS: capítulo 11º, versículo 16. Com que compararei esta geração? Ela se assemelha a crianças que, assentadas na praça pública e aos gritos, — 17, dizem aos seus companheiros: Tocamos flauta para vós outros e não dançastes; lamentamo-nos e não chorastes. — 18. Veio João e, porque não come, nem bebe, dizem: Está possesso do demônio. — 19. O filho do homem veio e, porque come e bebe, dizem: "Aí está um comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores". Mas a sabedoria é justificada pelos seus filhos.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 31. Disse o Senhor: Com que compararei os homens desta geração? A quem se assemelham? — 32. Assemelham-se a meninos que, sentados na praça pública e falando uns para os outros, dizem: Tocamos flauta para vós e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes. — 33. João Batista veio e, porque não come nem bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio. — 34. O filho do homem veio, come e bebe e dizeis: É um comilão e beberraz, amigo dos publicanos e dos pecadores. — 35. Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

Usando, mais uma vez, de linguagem apropriada àcapacidade intelectual dos que o ouviam, Jesus, por essas palavras, mostrava aos homens que suas inteligências rebeldes recusavam todos os testemunhos da verdade, quaisquer que fossem, propensos sempre a procurarem, no que observavam, uma razão de ser estranha à bondade de Deus, não se rendendo nem mesmo à evidência.

Mas, a sabedoria foi justificada por todos os seus filhos. — Quer isto dizer que um dia os homens haviam de compreender tudo aquilo a cuja compreensão obstava o atraso deles na senda do desenvolvimento e do progresso. É assim que, de fato, hoje compreendemos.

São filhos de Jesus os que se tornaram capazes de apreender as verdades que, quando cegos, negaram e que ainda são negadas pelos que continuam cegos.

Para bem cumprir a missão que lhe fora confiada, João adotara uma vida de austeridade extrema, de abstinência e insulamento, com o que dava, como Precursor, o ensino e o exemplo da penitência que viera pregar e que tinha por emblema, por símbolo, o batismo às margens do Jordão, sendo a sua palavra o meio de os homens se prepararem para entrar no caminho que leva ao Senhor. Surpreendidos com aquela existência excepcional e não a podendo compreender, seus contemporâneos o tinham por vítima de uma obsessão.

Jesus, contrariamente, vivia entre os homens, a fim de lhes mostrar o que é praticar o amor e a caridade, a fim de vulgarizar, por assim dizer, todas as virtudes que pregava e de que era modelo, tornando-as compreensíveis. Para esse efeito, comia à mesa do pobre, passava a noite sob o teto do publicano, embarcava com os pescadores, oferecendo desse modo edificantes exemplos aos orgulhosos, que, entretanto, por isso mesmo que o eram, o acusavam de se comprazer nos centros abjetos da sociedade de então.

Jesus, em suma, veio, como bem já o compreendemos, curar os enfermos, da alma principalmente, salvar os que se achavam perdidos, encorajar os desesperados. Mas, sabendo que assim foi e é, já teremos aproveitado dos seus exemplos, já estaremos dispostos a pô-los em prática, a nos engrandecermos vencendo pela caridade, pelo amor, pela humildade, o oceano de lama que a todo momento ameaça tragar-nos?

Sigamos todos nós, homens da Terra, e, principalmente, os que somos espíritas, o exemplo de Jesus, sem nos preocuparmos com as opiniões e os conceitos dos escribas e fariseus de hoje, os orgulhosos da nossa época. Entremos desassombrados na choupana do pobre e vamos comer com os desgraçados, com os réprobos do mundo; levemos-lhes o que pudermos desse alimento que os sustentará pelos séculos em fora: o pão da vida, que nutre a alma, clareia a inteligência e purifica o coração!

73
LUCAS, 7º, 36 ao 50. Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles

LUCAS: capítulo 7º, versículo 36. Tendo-lhe um fariseu pedido que em sua casa fosse comer, Jesus entrou na casa do fariseu e tomou lugar à sua mesa. — 37. Logo uma pecadora da cidade, sabendo que Jesus estava à mesa em casa desse fariseu, aí veio ter trazendo um vaso de alabastro cheio de bálsamo; — 38, e, colocando-se por trás dele, se pôs a banhar-lhe de lágrimas os pés, a enxugá-los com os cabelos, ao mesmo tempo que os beijava e os ungia com o bálsamo. — 39. Vendo isso, o fariseu que o convidara disse de si para si: Se este homem fora profeta, saberia quem é esta mulher que o toca, que é uma pecadora. — 40, Jesus então lhe disse: Simão, tenho alguma coisa a te dizer. Ao que ele respondeu: Mestre, fala. — 41. Um credor, disse Jesus, tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinqüenta. - 42 Como não tivessem com que pagar, o credor perdoou as dividas a ambos. Qual dos dois, em conseqüência, mais o estimará? — 43. Simão respondeu: Creio que aquele a quem ele mais perdoou. Jesus lhe retrucou: Julgaste bem. — 44. E, voltando-se para a mulher, disse ainda a Simão: Vês esta mulher? Entrei na tua casa, não me deste água para lavar os pés, enquanto que ela, ao contrário, mos banhou com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. — 45. Não me deste ósculo e ela, desde que entrou, não cessa de me beijar os pés. — 46. Não me ungiste com bálsamo a cabeça, ao passo que ela me unge com bálsamo os pés. — 47. Eis te declaro que muitos pecados lhe são perdoados, pois que ela muito amou. Aquele a quem menos se perdoa menos ama. — 48. E disse à. mulher: Teus pecados te são perdoados. — 49. Os que com ele estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa os pecados? — 50. Jesus disse ainda à mulher: Tua fé te salvou; vai em paz.

O fato referido nestes versículos constitui um exemplo da influência que o arrependimento tem sobre os destinos do homem. Por isso é que repetidamente se nos diz que nos arrependamos de nossos pecados, se queremos salvar-nos, que se nos aconselha a penitência.

Maria, a Madalena, a pecadora de Magdala, obteve o perdão de suas culpas, não por haver banhado os pés de Jesus com bálsamo e com lágrimas, mas porque esse ato foi a conseqüência do pesar profundo que lhe causavam suas faltas, do arrependimento sincero de que se achava possuida e por serem imensas sua fé e sua esperança naquele diante do qual se prosternava.

Mulher de costumes livres, vaidosa da sua beleza, não hesitou, uma vez tocada de viva mágoa dos seus erros, em se humilhar, enxugando com os cabelos aqueles pés que o seu arrependimento inundava de lágrimas, em sacrificar a esse arrependimento os perfumes que serviam para mais sedutora torná-la e que se santificavam ao contacto com o Santo dos Santos. Foi o testemunho mais alto e mais eloqüente que ela podia dar, aos homens, porqüanto Jesus lhe perscrutava os arcanos do coração, de renunciar ao seu passado de desordens e foi, ao mesmo tempo, a mais positiva promessa, que podia fazer, de reparação no futuro.

Longe de a censurarmos, imitemos todos, todos, a Madalena, prostrando-nos aos pés de Jesus e derramando-lhe na fronte os inebriantes perfumes que nos perdem. Façamo-lo, e de sua boca ouviremos palavras de paz, de consolação e de amor, pois que a Ele e só a Ele deu o Pai onipotente o poder de ligar e desligar na Terra e no céu, poder que os apóstolos também exerciam sob a sua obediência, e inspirados e guiados pelos Espíritos superiores.

Duas circunstâncias devemos assinalar, no caso de Maria Madalena, porque explicam o procedimento que teve Jesus e servem para nossa orientação. Em primeiro lugar, conquanto fosse mulher de vida dissoluta, possuía um coração compassivo, sensível à miséria de seus semelhantes. Era de natureza fraca e impressionável, donde as suas quedas; porém, era a sua caridade tão grande, que jamais um infortúnio apelara em vão para a sua piedade, que jamais um desgraçado lhe batera a porta e não encontrasse a compaixão e o devotamento, levado este até à abnegação. Essa a razão por que Jesus pôde dizer ao fariseu, que o convidara para a sua mesa com o intuito de descobrir nele algum ponto vulnerável, tanto que facilitara à pecadora entrar-lhe em casa: "Eis te declaro que muitos pecados lhe são perdoados, porque ela muito amou". O amor de que Ele falava era o amor considerado do ponto de vista da caridade, do desprendimento, da piedade.

Em segundo lugar, a fé que Jesus inspirou a Maria Madalena foi que lhe abriu os olhos para o próprio proceder e a levou a se arrepender profundamente deste. A comparação entre a vida sem mácula do Mestre e os inumeráveis excessos da sua vida de pecadora foi o que a impressionou e impeliu a vir, cheia de arrependimento sincero, rogar, em preces fervorosas, prostrada aos pés daquele a quem considerava um enviado celeste, o perdão de suas faltas. Jesus, que lhe lia no fundo da alma a disposição de não mais falir, de se regenerar, lhe concedeu a graça suplicada, graça cuja obtenção, aliás, está ao alcance de qualquer pecador, desde que vivo seja o seu remorso e verdadeiro o seu arrependimento, como os tinham aquela pecadora; porqüanto a graça não é o que a Igreja humana forjou.

A graça, o mesmo que o perdão, de que já tratamos longamente (76), tem por efeito abrir ao culpado as vias da reparação, que então lhe não é duramente imposta, como sucede nos casos de culpados endurecidos, mas facultada de maneira a ser feita com felicidade, com alegria, visando sempre o pecador efetuar o progresso que deixara de realizar e entrar de novo em graça perante o amor do Pai.

Assim foi que o fariseu Simão, que pretendera armar a Jesus uma cilada, a fim de o apanhar em falta, lhe proporcionou ensejo para uma lição edificantíssima, adequada àquela época e ao futuro.

Submissamente imploremos ao Espírito ora purificado Maria Madalena (77) que por nós interceda junto ao Nosso Divino Mestre e Senhor, para que também saibamos arrepender-nos e merecer-lhe o perdão que nos salvará.

(76) Veja-se o capitulo — Fazer penitência.

(77) Explanando o caso de Maria Madalena, o autor destas "Elucidações Evangélicas" o dá como sendo Maria de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro, a qual, durante uma ceia a que Jesus esteve presente nessa aldeia, seis dias antes da Páscoa, também lhe ungiu os pés com perfumes e os enxugou com os próprios cabelos, segundo referem os Evangelhos

de Mateus (capítulo 26º, versículos 1 ao 13), de Marcos (capítulo 14º, versículos 1 ao 9) e de João (capítulo 12º, versículos 1 ao 8.)

Parecendo-nos manifesta aí a confusão, que, aliás, outros comentadores das letras evangélicas têm feito, de dois episódios diversos, ocorridos em ocasiões diferentes, um quando Jesus principiava a desempenhar a sua missão, o outro quando já esta se aproximava de seu termo, diversidade que se patenteia não só das palavras que a propósito de cada um proferiu o divino Mestre, como dos comentários que a um e outro fizeram os Evangelistas na obra "Revelação da Revelação", em que esta se baseia, suprimimos, neste passo, todas as referências a Maria de Betânia, cujo ato, semelhante ao da Madalena, é estudado adiante, a propósito dos versículos 1 à 13 do capítulo 26º de MATEUS e dos versículos 1 à 9 do capítulo 14º de MARCOS.

Ainda duas outras circunstâncias nos induziram a levar a efeito essa supressão, que nos julgamos no dever de assinalar, como revisor da presente obra. A primeira é que, nela, quando se comenta o episódio em que foi protagonista a irmã de Marta e de Lázaro, nenhuma alusão há ao de Maria Madalena, como seria natural e lógico que houvesse, desde que de um só fato se tratasse, já considerado anteriormente, e não de dois.

A segunda é que Bittencourt Sampaio, em a sua Divina Epopéia, nas "Notas ao Canto 12º", páginas. 417, in fine, e 418, depois de mostrar que os episódios são diversos, conclui, dizendo: "Não se confunda, pois, a ação praticada por Maria, irmã de Marta e de Lázaro, com o que fizera a pecadora em casa do fariseu, numa cidade da Galiléia, no começo da missão de Jesus". — (Nota do revisor, Dr. Guillon Ribeiro, por ocasião da segunda edição desta obra.)

74
MATEUS, 11º, 20-24. LUCAS, 10º, 13-15. Cidades impenitentes

MATEUS: capítulo 11º, versículo 20. Começou ele então a exprobrar as cidades onde realizara tantos milagres o não terem feito penitência. — 21. Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido em Tiro e em Sidônia, elas teriam feito penitência em cilícios e em cinza. — 22. Eis por que vos digo que, no dia do juízo, Tiro e Sidônia serão tratadas com menos rigor do que vós. — 23. E tu, Cafarnaum, porventura te elevarás até ao céu? Serás abatida até ao inferno, porqüanto, se os milagres operados dentro dos teus muros o tivessem sido em Sodoma, talvez que esta ainda hoje subsistisse. — 24. Eis por que te digo que no dia do juizo a Terra de Sodoma será tratada com menos rigor do que tu.

LUCAS: capítulo 10º, versículo 13. Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido outrora em Tiro e em Sidônia, elas teriam feito penitência nos cilícios e nas cinzas. — 14. Eis por que, no dia do juízo, Tiro e Sidônia serão tratadas com menos rigor do que vós. — 15. E tu. Cafarnaum, que te elevaste até ao céu, tu submergirás até ao inferno. (78)

Estas palavras de Jesus se referem ao estado dos Espíritos encarnados naquela época. No que Ele diz de Tiro e Sidônia, há imagens materiais apropriadas aos homens de então.

Penitência significa arrependimento (79). A penitência do Espírito consiste no pungente remorso de suas faltas e na expiação que se lhe segue; tudo, porém, do ponto de vista moral e não como o entendia a gente daqueles tempos, que só admitia a reparação material.

Quanto ao deverem ser tratados com menor rigor os de Tiro e Sidônia, do que os de Corozaim e Betsaida, e os de Sodoma menos rigorosamente do que os de Cafarnaum, é porque estes, como os de Corozaim e Betsaida, foram testemunhas dos milagres e, por orgulho, tudo haviam rejeitado, tinham fechado os olhos à luz, tornando-se, portanto, mais criminosos do que os de Sodoma que, atacados, pela sua materialidade, no lodaçal das paixões vis, talvez destas se houvessem libertado, se ouvissem a palavra do Mestre e presenciassem os “milagres” por Ele operados. Fazendo essa distinção, queria Jesus que os homens compreendessem que, de todos os crimes passíveis de castigo, os mais graves são os que a inteligência comete, que os mais rigorosamente puníveis, dentre os que resultam dos arrasamentos da matéria, são aqueles de que o Espírito conscientemente participa.

O inferno, como já vimos, é a consciência do culpado e o lugar onde ele sofre a expiação de seus crimes, qualquer que seja esse lugar. Onde quer que o Espírito se acha presa de contínuas torturas, quer encarnado, quer desencarnado, é o seu Inferno, termo de que Jesus usava alegoricamente.

Igualmente alegóricas, figuradas, são as palavras — dia do juízo. Não significam que haja, como o entende a Igreja, um “juízo final”, a que todos os defuntos comparecerão. Os Espíritos que encarnados habitaram Tiro e Sidônia, Corozaim e Betsaida, Cafarnaum e Sodoma, bem como todos os Espíritos culpados que têm vivido na Terra, desde que o homem aí apareceu, hão

passado, sucessivamente, depois da morte, ao termo de cada existência planetária, pelo julgamento, que é o da própria consciência, sofrendo, conseqüentemente, na erraticidade, mediante torturas morais, a expiação correspondente às faltas cometidas e, em seguida, mediante nova encarnação.

Um termo, entretanto, haverá, para esses sucessivos julgamentos e condenações a que se encontram sujeitos os Espíritos que na Terra encarnam. Com efeito, chegados que sejam os últimos dias da era material para a Humanidade terrena, os que se conservarem rebeldes serão degredados para mundos inferiores, só permanecendo na Terra os que houverem alcançado um grau de aperfeiçoamento que lhes permita continuar aí, avançando pela senda do progresso. Porém, esse afastamento dos rebeldes se efetuará gradualmente, à medida que eles se forem tornando incompatíveis com o aperfeiçoamento físico do planeta e o aperfeiçoamento moral da maioria dos que o habitem. Assim é que a Humanidade se irá depurando também de modo gradual, até que só a componham Espíritos que, voluntariamente submissos à lei do progresso, se achem aptos a entrar numa fase de contínua e cada vez mais rápida evolução moral, a culminar na pureza perfeita. Esse, em espírito e verdade, o juízo final, que os homens, influenciados pelas falsas interpretações próprias do reinado da letra, ainda não puderam compreender.

Deduz-se, do que fica dito sobre a maneira por que a Humanidade se depurará, que a renovação ou transformação do planeta em que habitamos não, resultará de nenhum abalo violento, mas de um progresso contínuo, o que Significa que será quase imperceptível para nós. Todos esses fenômenos, a que chamamos calamidades e que cada vez mais freqüentes e multiplicados se vão tornando, constituem os meios de operar-se a transformação física do nosso mundo. Em chegando a época em que os que se tenham mantido rebeldes devam ser dele afastados definitivamente, cada uma de tais calamidades abrirá nas fileiras desses Espíritos grandes claros, a fim de que mais depressa elas se renovem e a obra de purificação se ultime.

No período final dessa transformação, isto é, quando a Terra estiver prestes a passar ao estado fluídico puro e ao de puros Espíritos os que componham a Humanidade terrena, é que Jesus aparecerá, como Ele próprio o predisse, na plenitude do seu poder, da sua glória, da sua pureza perfeita e imaculada, para mostrar a verdade sem véu aos que, então, serão todos membros da sua Igreja, da única Igreja existente, a universal Igreja Cristã, e para os conduzir ao foco da onipotência e dar-lhes a conhecer o Pai.

(78) Isaías, 14º, 13. — Lamentações, 2º, 1. — Jeremias, 51º, 53. — Ezequiel, 26º, 20. — Jonas, 3º. — Apocalipse, 2º, 5.
(79) Veja-se o que foi escrito acerca do "arrependimento", em páginas anteriores.

75
MATEUS, 11º, 25 ao 27. LUCAS, 10º, 21 ao 22. CEGOS, tidos entre os homens por SÁBIOS e PRUDENTES. ESCLARECIDOS, que os homens consideram como OBSCUROS

MATEUS: capítulo 11º, versículo 25. Proferiu então Jesus estas palavras: Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequenos. — 26. Assim é, meu Pai, porque te aprouve que fosse assim. — 27. Todas as coisas me são dadas por meu pai e ninguém, senão o pai, conhece o filho; e ninguém conhece o pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar.

LUCAS: capítulo 10º, versículo 21. Nessa mesma hora, Jesus exultou pelo Espírito Santo e disse: Graças te dou, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequeninos. Graças, pai, porque assim te aprouve. — 22. Todas as coisas me são dadas por meu pai e ninguém sabe quem é o filho senão o pai, nem quem é o pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar. (80)

Jesus, desse modo, felicitava e animava seus discípulos, a fim de que se não amedrontassem com a tarefa que lhes era confiada. A obra do Senhor é entregue aos simples e aos inocentes, aos fracos e aos obscuros, não como o entendemos, mas como devéramos compreender. Quer dizer que é confiada aos que se entregam ao Senhor, aos que têm confiança e fé e não aos que são tidos por grandes, poderosos e sábios. É que estes só admitem o que julgam haver descoberto e ensinam, pois que o orgulho não lhes permite compreendam a influência e o auxilio espíritas, tudo atribuindo unicamente à força de suas inteligências e de suas vontades. Assemelham-se a essas terras gordas onde nascem abundantemente ervas imprestáveis, que estiolam a boa semente espalhada nelas pelo vento.

Com efeito, desgraçadamente, nas sociedades humanas, ainda constitui fenômeno extraordinário a existência de um homem inteligente e ilustrado, que não seja orgulhoso e incrédulo. Daí o desprezo, a ironia, o sarcasmo com que se referem ao Espiritismo, ciência sobre a qual se pronunciam, sem nunca a terem estudado e apenas porque lhes põe diante dos olhos coisas que eles consideram novidades inadmissíveis, pela razão única de serem desconhecidas da sapiência de que se jactam.

Os sábios, os prudentes e os pequenos de que falava Jesus são os que como tais os homens consideram. O juízo de Deus, porém, não é idêntico ao dos homens.

MATEUS, capítulo 11º, versículo 27. — LUCAS, capítulo 10º, versículo 21. — Pelas palavras constantes nestes versículos, aludia Jesus à sua elevação e à sua missão de Espírito protetor e governador do nosso planeta, a cuja formação presidiu, com o encargo de levar à perfeição a Humanidade terrena; mostrava ser, entre os homens, o único que não sofrera a encarnação humana, como a sofrem os outros Espíritos que descem a habitar a Terra; mostrou que, conservando a sua condição de Espírito, de Espírito puro, estava sempre em relação direta com Deus; que os homens nada poderiam saber das coisas

celestes, extra-humanas, de além-túmulo, senão por meio da revelação que de futuro lhes fariam os Espíritos do Senhor, dando-lhes a conhecer quem é o Filho e preparando-os para conhecer quem é o Pai.

Hoje, com efeito, verificamos que, graças a essa revelação, é que os Evangelhos se nos tornam claros ao entendimento. É ela que nos faz ver donde viemos e para onde vamos, o nosso passado e o nosso futuro; que nos demonstra que, por termos falido, é que fomos humanizados, a fim de expiarmos as nossas culpas, resgatarmos as nossas faltas e saldarmos as nossas dívidas para com a justiça divina; que nos mostra só podermos reabilitar-nos pelo trabalho, pela humildade, pelo desinteresse, pelo amor e pela caridade, praticados tanto do ponto de vista material, como do ponto de vista intelectual e moral.

Foi essa revelação que nos fez saber que a matéria nos tira a lembrança das nossas anteriores existências corporais, se bem possamos, pela luz que ela nos fornece para o estudo e o exame das nossas más tendências, dos nossos maus instintos e pendores, esclarecer-nos sobre aquelas existências e verificarmos o que aqui viemos expiar e reparar, o que temos de, aqui, modificar e adquirir.

Finalmente, é essa revelação que, confirmando as esperanças que todos trazemos nalma, nos dá a certeza de que um dia, depois de havermos passado por todos os trâmites da depuração espiritual, chegaremos à perfeição moral, que nos integrará em Deus, fazendo-nos entrar na posse da herança que Ele a todos os seus filhos reserva.

É o que Paulo exprime na sua Epístola aos Romanos, capítulo 8º, versículo 17, dizendo: “E, se somos filhos, também somos herdeiros verdadeiramente de Deus e co-herdeiros do Cristo, se é, todavia, que padecemos com Ele, para que também sejamos com Ele glorificados”.

(80) Salmos, 8º, 3. — JOÃO, 1º, 18; 3º, 35; 5º, 27; 6º, 44 e 46; 17º, 2. — 1ª Epístola aos Coríntios, 1º, 19, 27º; 2º, 7, 8. — 2ª Epístola aos Coríntios, 3º, 14; 16º, 17.

76
MATEUS, 11º, 28 ao 30. Jugo suave e fardo leve

MATEUS: capítulo 11º, versículo 28. Vinde a mim vós todos que vos achais fatIgados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. — 29. Tomai sobre vós o meu jugo, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas. — 30. Porque, o meu jugo é suave e o meu fardo leve. (81)

Em Jesus encontramos o exemplo da coragem e da resignação, o caminho único que nos pode conduzir à felicidade eterna, a que chegaremos desde que lhe sigamos os ensinos. Que exige Ele de nós? Nem mesmo o nosso amor nos pede. Quer apenas que trabalhemos, sob a sua direção, pela nossa própria glória. Não emprega, como o homem, a violência, para nos obrigar a lhe seguirmos as pegadas. Não nos diz: crê, ou morre; mas, simplesmente: — em mim está a vida.

Onde, senão nele, encontramos graça, alívio para as nossas aflições, cura para as nossas enfermidades, bálsamo para as feridas de nossa alma? Onde encontraremos dedicação igual à sua, que não hesitou em ir até ao sacrifício do Gólgota para nos salvar?

Praticando-lhe a moral é que nos depuraremos e praticar-lhe a moral é segui-lo. Ora, seguindo-o, de todo o nosso coração, não carregaremos pesado jugo, porqüanto a sua moral é de fácil prática, para quem quer que se forre aos mesquinhos objetivos humanos.

Encontrareis descanso para vossas almas. — Observando a moral de Jesus, despojar-nos-emos de todas as impurezas e chegaremos, pelo progresso, à perfeição, que nos levará aos mundos superiores, aos mundos fluídicos, onde habitam os Espíritos puros. Alcançar o repouso para a alma é nada mais ter que expiar. Ela então entra na paz do Senhor, paz ativa, rica de boas obras e de grandes coisas.

Atendamos aos conselhos do nosso bom e amoroso Jesus; caminhemos-lhe nas pegadas e, como quer que nos apelidemos — cristãos, judeus, ou muçulmanos —sejam quais forem o culto exterior que pratiquemos e a nação a que pertençamos na Terra — dirijamo-nos para Ele que, como bom pastor, leva suas ovelhas aos campos de ricas pastagens, onde o lobo voraz nunca aparece: os mundos superiores e fluídicos a que atrás nos referimos.

(81) Jeremias, 6º, 16 — Zacarias, 9º, 9. – 1ª Epístola à João, 2º, 6; 5º. 8. — JOÃO, 13º, 16.

77
MATEUS, 12º, 1 ao 8. — MARCOS, 2º, 23 ao 28. LUCAS, 6º, 1 ao 5. O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes faculta o arrependimento e a reparação

MATEUS: capítulo 12º, versículo 1. Naquele tempo, passou Jesus em dia de sábado por uns trigais. Seus discípulos, tendo fome, se puseram a colher algumas espigas e a comê-las. — 2. Vendo isso, os fariseus lhe disseram: Teus discípulos estão fazendo o que não é permitido se faça em dia de sábado. — 3. Disse-lhes então Jesus: Não lestes o que fizeram David e os que o acompanhavam quando tiveram fome? — 4. Como entrou na casa de Deus e comeu os pães. da proposição, que nem a eles, nem aos que o acompanhavam era licito comer, só o sendo aos sacerdotes? — 5. Também não lestes na lei que os sacerdotes no templo violam o sábado e não cometem pecado? — 6. Ora, eu vos digo que está aqui o que é maior do que o templo. — 7. Se soubésseis o que significam estas palavras: "Quero misericórdia e não sacrifício", jamais condenaríeis inocentes; — 8, porqüanto o filho do homem é Senhor até mesmo do sábado.

MARCOS: capítulo 2º, versículo 23. Sucedeu ainda que, atravessando Jesus em dia de sábado umas searas, seus discípulos, por elas avançando, se puseram a colher algumas espigas. — 24. Ao que os fariseus disseram: Como é que teus discípulos fazem em dia de sábado o que não é permitido fazer-se? — 25. Respondeu-lhes Jesus: Não lestes o que fez David premido pela necessidade, quando teve fome, assim como os que o acompanhavam? — 26. Que entrou na casa de Deus, sendo Abiatar o príncipe dos sacerdotes, e comeu os pães da proposição e os repartiu com os do seu séquito, não obstante só aos sacerdotes ser permitido comê-los? — 27. E acrescentou: "o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — 28. Assim, pois. o filho do homem é senhor também do sábado.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 1. Ora, sucedeu que num dia de sábado chamado o segundo-primeiro, passando Jesus por uns trigais, seus discípulos se puseram a cortar algumas espigas, a debulhá-las com as mãos e a comê-las. — 2. Alguns fariseus então lhes disseram: Por que fazeis o que não é permitido fazer-se aos sábados? — 3. Jesus, tomando a palavra, lhes disse: Não lestes o que fez David quando, com os que o acompanhavam, teve fome? — 4. Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, os comeu e distribuiu com os de seu séquito, muito embora só aos sacerdotes fosse licito comê-los? — 5. E acrescentou: O filho do homem é senhor também do sábado. (82)

Moisés instituiu a guarda do sábado apenas para que não só os homens, como também os animais tivessem periodicamente um dia reservado ao descanso. Esse dia, que então se chamava o segundo-primeiro, era o segundo sábado da primeira parte do mês.

Quanto aos pães da proposição, que só os sacerdotes podiam comer, eram os que se ofereciam ao altar.

Segundo a lei, os Hebreus, no dia de sábado, deviam abster-se de todos

os atos manuais, de tocar em qualquer metal.

Ora, lembrando aos fariseus o que fizera David com aqueles pães e que, no templo, os sacerdotes, cumprindo os ritos do culto, violavam o sábado, Jesus lhes quis mostrar que assim os pães, como o sábado, estavam submetidos às necessidades humanas e que, portanto, o homem tinha o direito de alimentar-se, em qualquer dia, com o que Deus lhe pusera à disposição, para satisfazer aos reclamos da sua existência.

Recordando-lhes as palavras, que eles não haviam compreendido: "Quero misericórdia e não sacrifício", procurou fazer-lhes sentir que Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes dá a faculdade de se arrependerem e repararem suas faltas, contrariamente ao que faziam aqueles que condenavam os acusados de sacrilégio e sob o menor pretexto mandavam lapidá-los sem piedade. E dizer-se que, depois dessas observações claras do Mestre divino, inúmeros horrores e atrocidades inenarráveis ainda se cometeram em seu nome! E ainda se cometem...

A instituição do sábado, como tantas outras práticas e usos de culto externo, como tantas e tantas cerimônias com que o homem ocupa tão larga parte do seu tempo, nenhuma importância ou valor têm, para aquele que queira compreender em espírito e verdade o que disse Jesus.

Mas, virá o tempo e já veio em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; esses os adoradores que o Pai quer. Deus é espírito e, os que o adoram, em espírito e verdade é que o devem adorar. (JOÃO, capítulo 4º, versículos 23 e 24.)

Mulher, crê-me, virá tempo em que não será neste monte, nem em Jerusalém que adorareis o Pai. (JOÃO, capítulo 4º, versículo 21.)

Com efeito, chegados são os tempos em que os homens deverão unir-se, para formarem, pela fé espírita, ou cristã, um só rebanho, sob o mando de um único pastor: o Cristo, nosso Protetor, nosso Governador e nosso Mestre.

Reservemos um dia para o descanso do corpo, mas consagremo-lo de modo especial a Deus, santificando-o, ainda mais, se possível, do que os outros dias da nossa existência, pela prática de obras que atestem o nosso amor aos outros homens e ao Pai celestial e pelas graças que lhe rendamos, reconhecidos à sua misericórdia. Santifiquemo-lo também, implorando a Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda com mais fervor do que nunca, que nos fortaleça a fé, vivifique em nossas almas a esperança e as encha do sentimento da caridade; que nos envie um raio da sua luz divina, a fim de bem compreendermos e praticarmos os seus ensinamentos, demonstrando, por essa forma, que desejamos ser fiéis discípulos seus.

Tenhamos um dia em que os nossos corpos repousem dos trabalhos que os fatigam; mas, não deixemos que jamais os nossos corações repousem, esquecidos do bem que lhes cumpre fazer.

(82) Levítico, 24º, 5, 9. — Números, 28º, 9. — 1º Reis, 21º, 6. — 2º Paralipõmenos, 6º, 18. — Oséias, 6º, 6. — Miquéias. 6º, 6, 7, 8. — JOÃO, 7º, 22.

78
MATEUS, 12º, 9 ao 14. — MARCOS, 3º, 1 ao 6. — LUCAS, 6º, 6 ao 11. Cura de uma mão paralítica, em dia de sábado

MATEUS: capítulo 12º, versículo 9. Dali saindo, veio Jesus à sinagoga deles. — 10. Ai se achava um homem, que tinha seca uma das mãos, e, para acusarem a Jesus, lhe perguntaram: É permitido curar em dia de sábado? — 11. Jesus lhes respondeu: Qual, dentre vós, aquele que, tendo uma ovelha e vendo-a cair num fosso em dia de sábado, não pegará nela para retirá-la de lá? — 12. E não vale o homem muito mais do que uma ovelha? Sim, é permitido fazer o bem em dia de sábado. — 13. E disse ao homem: Estende a tua mão. O homem a estendeu e ela ficou sã como a outra. — 14. Os fariseus. porém, saindo dali, se reuniram em conluio contra ele, cogitando do modo por que o perderiam.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 1. Jesus entrou de novo na sinagoga. Como aí se achasse um homem que tinha seca uma das mãos, — 2, eles se puseram de observação para ver se Jesus o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 3. Disse então Jesus ao homem que tinha a mão seca: Vem aqui para o meio. — 4. E perguntou: É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar ou tirar uma vida? Eles se calaram. — 5. Perpassando então por eles o olhar, tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão; o homem a estendeu e ela ficou sã. — 6. Os fariseus se retiraram logo e, com os Herodistas, fizeram um conciliábulo buscando meio de o perderem.

LUCAS: capítulo 6º, versículo 6. Entrando num outro sábado na sinagoga, começou a ensinar. Lá estava um homem cuja mão direita era seca. — 7. Os escribas e os fariseus o observavam para ver se ele curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 8. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse ao homem, que tinha a mão seca: Levanta-te e fica de pé aqui no meio. o homem se levantou e ficou de pé. — 9. Disse então Jesus: Pergunto-vos: É licito em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? — 10. Depois de olhar para todos, disse ao homem: Estende a tua mão; ele a estendeu e esta ficou sã. — 11. Cheios de furor, os escribas e fariseus perguntavam uns aos outros o que fariam a Jesus. (83)

Nas traduções desta parte dos Evangelhos, lê-se: mão árida, mão seca. Segundo a “Revelação da Revelação”, porém, de acordo com o texto original corretamente interpretado, era uma mão paralítica a que Jesus curou, por meio, como sempre, de uma ação magnética, exercida e dirigida pela sua potente vontade.

Quanto aos escribas e fariseus, Jesus não os olhou “tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações”, conforme se lê nas narrativas evangélicas. O pensamento, que essas palavras humanas mal exprimiram, é que o divino Mestre se doía de vê-los resistir voluntariamente aos esforços que Ele empregava para os salvar.

A cólera jamais entrou, nem poderia entrar, no coração do Cristo. Os escribas e os fariseus eram Espíritos culpados que, empedernidos, fechavam os olhos para não ver a luz que o Senhor lhes oferecia e o Senhor com isto

sofria realmente, se afligia e indignava ante tal obstinação. Não sofrem os nossos anjos de guarda com o nosso endurecimento? Mas, como os fariseus e os escribas, temos o nosso livre-arbítrio, que não pode ser violentado, como não o foi o deles, uma vez que, enviando à Terra o Messias, Deus a todos abriu uma nova via de purificação e redenção.

Seus anjos guardiães faziam por eles o que por nós fazem os nossos. Eles, porém, os repeliam, do mesmo modo que nós muitas vezes repelimos os nossos, no pleno gozo do livre-arbítrio que o Pai nos concedeu. Com efeito, decorridos que são 20 séculos, ainda hoje ocorre mais ou menos o mesmo que se dava naqueles tempos.

De fato, assim como os escribas, os fariseus e o sacerdócio hebreu combatiam a revelação messiânica, que era a confirmação da revelação moisaica, também os fariseus e os escribas de hoje e o sacerdócio romano guerreiam a revelação espírita, que é a confirmação da messiânica. Ontem, as fogueiras; hoje, os insultos e os sarcasmos.

Entretanto, libertos, como já nos achamos, do terror dos anátemas, use cada um da sua inteligência, da sua razão e do seu livre-arbítrio e compare o que ensina a Igreja Romana com o que ensina a Doutrina Espírita, e por si mesmo decida, em face dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

(83) Êxodo, 23º, 4, 5. — Deuteronômio, 22º, 4. — JOÃO, 5º, 18; 9º, 16; 10º, 89.

79
MATEUS, 12º, 15 ao 21. Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim

MATEUS: capítulo 12º, versículo 15. Sabendo disso, Jesus se retirou daquele lugar; muitos doentes o seguiram e ele a todos curou, — 16, ordenando-lhes que não o descobrissem, — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: — 18. "Eis aqui o servo que elegi, o meu bem-amado, em quem muito se compraz a minha alma. Sobre ele porei o meu espírito e ele às nações anunciará a justiça. — 19. Não discutirá, não gritará e ninguém lhe ouvirá' a voz nas praças públicas. — 20. Não acabará de partir o caniço já quebrado e não apagará a mecha ainda fumegante, enquanto não alcance a vitória da justiça. — 21. E no seu nome as nações porão todas as esperanças. (84)

Sabendo Jesus que os fariseus contra ele conspiravam, retirou-se daquele lugar, ordenando aos enfermos curados que não revelassem as curas que haviam obtido, a fim de que aqueles, que eram, como Espíritos culpados, o "caniço já quebrado", não fossem levados a comprometer-se ainda mais, expondo-se a duras e acerbas provações. Ele, pois, confirmando o que dissera o profeta, evitava acabar de partir os caniços já quebrados.

Jesus é servo e bem-amado de Deus, pela sua qualidade de Espírito puro e perfeito. Deus o "elegeu", quando o constituiu protetor e governador do nosso planeta. "Nele se compraz", desde que o tornou partícipe do seu poder, da sua justiça e da sua misericórdia; e faz que seu Espírito sobre ele constantemente pouse, transmitindo-lhe diretamente a inspiração, com o mantê-lo em perene comunicação consigo.

Desempenhando a sua missão terrena, Jesus anunciou às nações a justiça, com lhes mostrar a única linha de proceder, segura e reta, que conduz ao fim colimado. Ainda agora, com o advento do Espiritismo, ele anuncia a justiça às nações, por intermédio do Espírito Santo (85), que de novo mostra a todos aquela linha de proceder segura e reta, iluminando, com o facho da verdade, a estrada do progresso, pela qual todos podemos avançar com passo firme, cultivando a ciência, a caridade, o amor: selos da aliança entre a fé e a razão.

Jesus, confirmando o que dissera o profeta, não discutiu, nem gritou na praça pública, como faziam os Hebreus, cada um dos quais procurava com fortes brados abafar a voz de seus adversários, para que sua opinião prevalecesse. Ele falou aos homens com autoridade, porém não da maneira por que falavam os escribas e os fariseus.

O caniço quebrado, a mecha ainda fumegante simbolizam os Espíritos culpados nos quais uma tendência, por muito fraca que seja, há sempre para se melhorarem. Jesus, então, longe de os repelir, o que equivaleria a quebrar de todo o caniço e a apagar a mecha fumegante, aguarda que venha a justiça, isto é, que, pela expiação, eles se despojem dos vícios que os tornam impuros e, pois, injustos.

E as nações nele porão suas esperanças. — Estas palavras significam que

todos compreenderão ser a sua moral a única que pode fazer que os homens progridam. Todos confiarão na sua influência, para alcançar a perfeição. A revelação atual abre e inicia esta fase nova.

As palavras do profeta Isaías (capítulo 42º, versículo 3) tinham de cumprir-se com relação aos fariseus, que tramavam contra Jesus, por isso que eles eram o "caniço quebrado", que o Mestre não acabaria de partir e seriam, depois da morte, a "mecha ainda fumegante", que Ele não apagaria, porqüanto lhes cumpria, como a todos os Espíritos, purificar-se pela expiação, despojando-se dos vícios que os faziam "injustos".

(84) Isaías, 42º, 1 ao 3.
(85) Já por mais de uma vez temos explicado o que se deve entender por Espírito Santo. Veja-se páginas anteriores.

80
MATEUS, 12º, 22 ao 28. — MARCOS, 3º, 20 ao 26. Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. Blasfêmias dos fariseus. — Reino dividido

MATEUS: capítulo 12º, versículo 22. Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar. — 23. A multidão estupefata perguntava: Porventura é este o filho de David? — 24. Os fariseus, porém, ouvindo isto, diziam entre si: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. — 25. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será destruido e toda cidade ou casa, que se dividir contra si mesma, não subsistirá. — 26. Ora, se Satanás expulsa a Satanás, está ele dividido contra si mesmo; como poderá então o seu reino subsistir? — 27. Se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Estes, por isso mesmo, é que serão os vossos juizes. — 28. Mas, se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 20. Entraram em casa e aí se aglomerou tão grande multidão, que nem sequer podiam comer. — 21. Ao saberem disso os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo. — 22. Os escribas vindos de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu e expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios. — 23. Jesus, porém, tendo-os chamado, lhes dizia por parábolas: Como pode Satanás expulsar a Satanás? — 24. Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. — 25. Se uma casa está dividida contra si mesma, não pode subsistir. — 26. Se, pois, Satanás se rebelar contra si mesmo, estará dividido, não poderá subsistir e terá fim. (86)

Aquele homem, tido como “possesso do demônio”, estava subjugado por um Espírito mau que, combinando com os dele os fluídos do seu perispírito e lançando-lhe, sobre os órgãos da visão e da audição, fluídos apropriados a esse efeito, paralisara aqueles órgãos. Jesus o curou pela ação da sua vontade potentíssima, afastando o obsessor.

A subjugação que ele sofria era, como todas, em geral, uma expiação. Seu Espírito expiava graves abusos da palavra, anteriormente praticados, e o não ter sabido aproveitar-se da luz que lhe fora concedida. A multidão, maravilhada com o fato, inquiria: Por-ventura, é este o filho de David? É que predito fora que o maior dos profetas descenderia da linhagem de David.

As palavras que dirigiu aos escribas e fariseus, bem como as que a seu respeito proferiram os que eram considerados seus parentes, tinham um alcance tanto espírita, quanto evangélico, isto é, foram ditas como ensino para aquele momento e como lição a frutificar na época atual, da nova revelação. As épocas, conforme o sabemos, se ligam umas às outras e, quanto mais nos adiantarmos, tanto melhor compreenderemos a ligação que existe entre o aparecimento de Jesus na Terra e a presente manifestação dos Espíritos.

O aparecimento de Jesus entre os homens, segundo já explicamos, com o governador do planeta terráqueo e diretor da Humanidade que o habita, foi uma manifestação espírita. Ele desceu até nós, para lançar as bases da nova regeneração. Pois bem, atualmente, assistimos a uma outra manifestação

espírita, produzida pelos Espíritos que, como enviados do Mestre, vêm continuar e desenvolver-lhe a obra.

Belzebu, Satanás, Príncipe dos demônios são expressões figuradas de que Jesus usava, para se fazer compreendido e escutado. Designavam e designam os Espíritos maus que, tendo falido, perseveram, endurecidos, na senda do mal, a praticarem-no contra os homens.

Os filhos daqueles que o acusavam de obrar por Belzebu e aos quais o Mestre se referia, dizendo que seriam juizes dos seus acusadores, eram os que, entre os Hebreus, seguiam de coração a lei de Moisés, tendo em vista servir a Deus, os quais, já um tanto purificados e colocados acima de seus pais, conseguiam, algumas vezes, por meio da prece e da perseverança, afastar os Espíritos malfazejos que se manifestavam pela obsessão e pela subjugação.

Os homens de então, como os de hoje, os Escribas e os Fariseus de agora, como os daquele tempo, negam tudo o que não compreendem e condenam o que os incomoda, ou lhes fere o orgulho. Jesus era acusado pelos seus contemporâneos de obrar por influência demoníaca. É precisamente o que diz o sacerdócio romano, diante dos fatos espíritas. A resposta, porém, deve ser a mesma que Jesus dava aos seus injuriadores: “Nenhum reino que se divide contra si mesmo pode subsistir”.

Do mesmo modo que alguns filhos dos Hebreus, também podemos livrar alguns dos nossos irmãos encarnados da ação dos que, no plano invisível, se fizeram agentes das trevas, desde que nos elevemos e purifiquemos, saibamos valer-nos da prece e obremos com perseverança.

A expressão — “espírito de Deus” — considerada em relação a Jesus, significa a influência direta que o Pai exercia e exerce sobre Ele. Em relação a nós, devemos considerá-la como exprimindo a dos Espíritos purificados, que o Senhor nos envia como medianeiros entre a sua vontade e os nossos Espíritos. Deus só se comunica diretamente com os Espíritos puros, de pureza perfeita, aos quais incumbe de presidir à formação dos orbes e de lhes dirigir as respectivas humanidades, em seu progresso moral e científico. Só esses Espíritos podem aproximar-se do foco universal; só a eles cabe com exatidão o nome de “servos do Senhor”.

Mas, através da escala espírita, até nós desce o “Espírito de Deus”. Ë para que ele chegue a todos os homens que, ontem, os apóstolos, discípulos de Jesus, desobstruíram as sendas que Ele traçara para passarmos, rumo às altas culminâncias da espiritualidade, e que, hoje, com a nova revelação, recebemos a luz de que necessitamos para, com os corações inundados dela, podermos avançar por aquelas sendas.

Ao saberem disso, os parentes de Jesus vieram para o prender, dizendo que perdera o juízo. — Os Hebreus, pelo consórcio dos de uma tribo com os de outra, eram parentes quase todos, ou como tais se consideravam. Assim que, Jesus, aos olhos dos homens, estava rodeado de primos mais ou menos próximos.

Ora, esses parentes, segundo os quais Jesus procedia do mesmo tronco que eles, não podiam admitir que aquele se elevasse tão alto, que instituísse apóstolos, e saíram a prendê-lo, sob o fundamento de que perdera a razão e estava louco. Bem dissera o Mestre que ninguém é profeta na sua terra.

Dá-se hoje o mesmo que com ele se deu. O clero qualifica de demoníaca a Doutrina Espírita; os modernos escribas e fariseus chamam loucos e

desequilibrados aos espíritas, tendo chegado mesmo a arranjar uma lei punitiva da prática do Espiritismo! Diante disso, que devemos fazer? Exemplificar pela prática das boas obras, da humildade e da paciência, da doçura e da indulgência, da pureza de sentimentos, e avançar corajosamente pelo caminho que nos está traçado, certos de que o Cristo vela por nós e nos protege. Temos, como prepostos seus, a nos guiarem pela estrada que a Ele conduz, os bons Espíritos, os Espíritos de luz e de misericórdia.

(86) JOÃO, 2º, 25; 7º, 5, 20; 8º, 48; 10º, 20. — Apocalipse, 2º, 23. — Daniel, 2º, 44.

81
MATEUS, 12º, 29 ao 37. — MARCOS, 3º, 27 ao 30. — LUCAS, 11º, 21 ao 23; e 12º, 10. O forte armado. — Pecado remido. — Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. — Palavra Ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. — Pelo fruto é que se conhece a árvore

MATEUS: capítulo 12º, versículo 29. Como poderá entrar alguém na casa de um homem forte e roubar-lhe as alfaias, se antes não o prender? Depois disto é que lhe pilhará a casa. — 30. Quem não está comigo está contra mim; quem comigo não entesoura — dissipa. — 31. Eis por que vos digo: Todos os pecados e todas as blasfêmias serão perdoados aos homens, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo, que não o será. — 32. O que alguém disser contra o filho do homem ser-lhe-á perdoado; mas não terá perdão nem neste século nem no futuro o que alguém disser contra o Espírito Santo. — 33. Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore. — 34. Raça de víboras, como podeis, sendo maus, dizer boas coisas, uma vez que da boca só sai o que abunda no coração! — 35. O homem que é bom tira boas coisas de bom tesouro e o homem mau tira más coisas de mau tesouro. — 36. Ora, eu vos digo que os homens, no dia do julgamento, prestarão contas de toda a palavra ociosa que houverem proferido. — 37. Porque serás justificado pelas tuas palavras e pelas tuas palavras serás condenado.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 27. Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e lhe roubar as alfaias, se antes o não manietar; só depois disso conseguirá pilhar-lhe a casa. — 28. Em verdade vos digo que aos filhos dos homens serão perdoados todos os pecados que hajam cometido e todas as blasfêmias que tenham proferido; — 29, mas aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito. — 30. Jesus falava assim, porque diziam: Ele está possesso de um espírito impuro.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 21. Quando um homem forte guarda armado a entrada de sua casa, em segurança está tudo o que ele possua. — 22. Porém, se um outro mais forte vem e o vence, levará consigo todas as armas em que ele confiava e se apossará dos seus haveres. — 23. Aquele que não está comigo está contra mim e aquele que comigo não entesoura dissipa.

LUCAS: capítulo 12, versículo 10. Se alguém falar contra o filho do homem, isso lhe será perdoado; mas não terá perdão aquele que blasfemar contra o Espírito Santo. (87)

A fim de apreendermos o pensamento do Mestre através da linguagem de que Ele usava, precisamos despojar da letra o espírito, para o que mister se faz compreendamos bem o sentido verdadeiro destas palavras suas ditas especialmente aos que são chamados a receber a revelação nova: “O espírito é que vivifica; as palavras que vos digo são espírito e vida”.

Dizendo o que se lê no capítulo 12º, versículo 29 de Mateus e capítulo 3º, versículo 27 de Marcos, alude Jesus ao pecado que, por suas seduções, se

apodera do homem e o despoja de todas as virtudes. Eram, pois, palavras emblemáticas.

Pelas do capítulo 11º, versículo 21 de Lucas, vemos que precisamos estar vigilantes sobre a nossa consciência, a fim de nos acharmos sempre prontos a combater os maus instintos e pendores e as paixões más. Se deixamos de conservar-nos cautelosamente em guarda e ativos na prática do bem, os vícios penetram em nosso coração e nos tomam uma a uma as armas. Porque, não basta deixar de praticar o mal; é necessário praticar o bem, que só ele nos resguarda de cairmos no mal. Com efeito, que é, senão egoísta e orgulhoso, aquele que falta à caridade? Que é, senão ímpio, aquele que se esquece do seu Deus? O mesmo se dá com todas as virtudes que não são praticadas. Tomam-lhes o lugar os vícios que elas, se cultivadas, teriam destruído.

As do capítulo 11º, versículo 22 de Lucas completam a figura material que o divino Mestre compusera para a inteligência dos Hebreus. Sem dúvida, os vícios que substituam as virtudes no coração daquele que se tornou descuidoso e não tirou proveito delas antes de serem destruídas, para aproveitarem da sua destruição despojam as ditas virtudes do asilo que lhes fora preparado e nele se alojam.

Quem não está comigo está contra mim. (capítulo 12º versículo 30 de Mateus e capítulo 11º, versículo 23 de Lucas.) Quer isto dizer: quem não segue a lei do Cristo, isto é, a doutrina moral de que Ele é a personificação, dela se aparta; logo, está contra Ele, pois que trilha senda oposta à que Ele traçou. Do mesmo modo, quem caminha por essa senda reúne os tesouros que o Senhor reserva para os justos; quem dela se desvia dissipa esses tesouros e perde precioso tempo. Eis por que também Ele disse: “Quem comigo não entesoura dissipa”.

Capítulo 12º, versículos 31 e 42 de Mateus, capítulo 3º, versículos 28 e 29 de Marcos e capítulo 12º, versículo 10 de Lucas. — Para a boa compreensão destes versículos, devemos lembrar-nos de que o Espírito Santo, no entender dos Judeus, era o próprio Deus, ou a inteligência mesma de Deus. Referindo-se, pois, à blasfêmia contra o Espírito Santo, Jesus se referia à blasfêmia contra Deus. Segue-se daí que, quando dizia que só a blasfêmia contra o Espírito Santo nunca seria perdoada aos homens, ao passo que considerava passível de perdão a blasfêmia contra o filho do homem, Jesus claramente mostrava a diferença que há entre Ele, não obstante a sua essência preciosa, a sua origem e a sua posição espíritas, e o Senhor onipotente; patenteava a sua inferioridade com relação a este. A blasfêmia consiste em negar a Deus, em acusar de injustiça ou erro Àquele que é todo amor, ciência e justiça, que é a verdade absoluta. Que crime se pode a este comparar?

Quanto ao pretender-se que, por haver dito que o que blasfema contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito, o divino Mestre haja formulado uma ameaça de penas eternas, nenhum fundamento há para semelhante dedução. Para os Hebreus, de acordo com seus preconceitos, tradições e escrituras, os termos “eternidade”, “eterno”, “eternamente”, apresentavam dois sentidos, podiam ser tomados em duas acepções diversas: um sentido absoluto, quando se referiam a Deus; um sentido relativo, quando empregados com referência aos homens, caso em que indicavam uma duração imensa, mas, por maior que fosse, limitada, condicionada a ter fim. Veja-se, em confirmação do que dizemos: Êxodo, capítulo 15º, versículo 18; Miquéias, capítulo 4º, versículo 5; Esdras, capítulo 3º, versículo 3; Josoé, capítulo 14º,

versículo 9; Isaías, capítulo 57º, versículo 16. Foi, pois, em sentido relativo, querendo exprimir dilatadíssimo período de tempo, como o concebemos, que Jesus usou daquelas palavras, falsamente interpretadas pelos homens, quando lhes deram um sentido absoluto.

Quantas vezes não se manifestam em nossas sessões Espíritos grandemente sofredores, por se sentirem imensamente culpados, dizendo que se acham condenados a penas eternas, que seus sofrimentos não mais terão fim? A existência, neles, dessa crença constitui um dos meios providenciais de serem levados ao arrependimento. Com efeito, a agudeza e a longa duração do sofrimento acabam consumindo as energias do culpado para o mal. Cansado de sofrer, aterrorizado com a perspectiva de dores sem fim, ele se volta para si mesmo, olha com desespero para o seu passado, aprecia todos os crimes e faltas que o precipitaram no abismo e, afinal, exclama: Se eu houvesse de recomeçar! Então, os bons Espíritos, sempre atentos aos transviados, o impelem a ver como faria, se tivesse de recomeçar e o induzem, assim, pouco a pouco ao arrependimento, fazendo-lhe nascer no íntimo a esperança do perdão, esperança a cujo influxo o arrependimento se desenvolve e se acentua o desejo de expiar, reparar e progredir, mediante provas adequadas a esse efeito. E Deus lhe perdoa, concedendo-lhe a reencarnação, a fim de que, pelo caminho da reparação se purifique e eleve.

Disse Jesus: “Meu pai não quer que nenhum destes pequeninos pereça. Vim salvar o que estava perdido. Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus”. Essas palavras bem mostram que não há Espírito culpado e rebelde, que não experimente o influxo das leis imutáveis do progresso e do aperfeiçoamento, às quais todos os que se transviaram são levados a obedecer, pelo sofrimento e pela expiação. Nenhum há que, com o tempo e a reencarnação, deixe, ovelha tresmalhada, de voltar ao aprisco.

Com o que disse acerca das árvores boas e más, para frisar que pelo fruto é que se conhece a árvore, o divino Mestre teve em mira, dirigindo-se a seus discípulos, ensinar-lhes a conhecer os homens. Indubitavelmente, o homem de maus instintos praticará ações más. Se porém, fizer esforços por praticar o bem, podemos dizer que a árvore é boa e ficar certos de que, se for cultivada. melhor se tornará.

Capítulo 12º, versículos 36 e 37 de Mateus. — De acordo com o texto original, judiciosamente interpretado, não foi palavra “ociosa” o que disse Jesus, mas: palavra “ímpia”. Usando do primeiro desses termos, os tradutores naturalmente o fizeram para dar maior amplitude à sentença do Mestre, que - então passou a abranger as conversações fúteis, e mais que levianas e todos os excessos de linguagem.

Pelo que toca ao dia do julgamento, em que os homens prestarão contas, trata-se, conforme já explicamos à página 265 quando estudamos o texto evangélico relativo às “cidades impenitentes”, do momento em que o Espírito culpado, após a sua desencarnação, faz uma introspecção, observa a existência terrena de que acaba de sair, aprecia seus crimes ou faltas e, tocado de remorso e arrependimento, sofre a expiação, a que se segue, inevitavelmente, a reencarnação.

(87) Isaías, 49º, 24; 53º, 12. — JOÃO, 7º, 12 e 52. Hebreus, 6º, 4, 10. — Timóteo, 1º, 13. — 1ª Epístola à João, 5º, 16.

82
MATEUS, 12º, 38 ao 42. — LUCAS, 11º, 29 ao 32. Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de Jesus. — Prodígio de Jonas. — Ninivitas. Rainha do Meio-dia

MATEUS: capítulo 12º, versículo 38. Então, alguns dos escribas e fariseus lhe disseram: Mestre, queríamos ver um prodígio por ti feito. — 39. Ele lhes respondeu: Esta geração má e adúltera pede um prodígio; nenhum outro lhe será dado senão o prodígio do profeta Jonas. — 40. Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de uma baleia, também o filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra. — 41. Os Ninivitas se levantarão no julgamento contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência ao ouvir a pregação de Jonas; e, AQUI, há mais do que Jonas. — 42. A rainha do Meio-dia se levantará no dia do juízo contra essa geração e a condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; e AQUI, há mais do que Salomão.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 29. Disse então à turba que o cercava: Esta geração é uma geração perversa; pede um prodígio; não lhe será dado outro diverso do do profeta Jonas. - 30. Assim como Jonas foi um prodígio para os de Nínive, também o filho do homem será um prodígio para esta geração. - 31. A rainha do Meio-dia se levantará, no dia do Juízo, contra os homens desta geração e os condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; e, AQUI, há mais do que Salomão. - 32. Os Ninivitas se levantarão no dia do juízo contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência atendendo & pregação de Jonas; e há, aqui, mais do que Jonas. (88)

Passados que estão os tempos dos milagres, o homem, hoje, não pode suportar as imposições dos que se opõem à difusão da luz à marcha do progresso, a menos que faça o que, em geral, se observa em tudo o que diz respeito à religião pregada e exemplificada pelo clero romano.

Para admitirmos que Deus, onipotente e, por conseguinte, onisciente, nosso Pai celestial, que nos criou perfectíveis, tanto que sujeitos à lei imprescritível e fatal do progresso, operasse milagres, teríamos de admitir como possível que Ele derrogue suas leis, ou abra nelas exceções, porqüanto o milagre não seria senão a derrogação parcial de uma ou algumas leis, ou exceção ao que elas prescrevem. Mas, a possibilidade de tais derrogações ou exceções implicaria não serem as leis divinas absolutamente sábias e perfeitas, o que vale dizer - eternas e imutáveis, uma vez que só pode ser mutável o que seja perfectível. Ora, não sendo perfeita uma lei, desde que admite exceções, forçoso fora reconhecêssemos, para podermos admitir o milagre, que as leis divinas não refletem a perfeição absoluta do supremo legislador. Porém, neste caso, a conseqüência a que chegaríamos é que também o legislador não seria perfeito e sim perfectível também. Absurdo dos absurdos, em se tratando de Deus, como o deve conceber o cristão.

Nem se diga que, por ser onipotente, pode Ele derrogar por arbítrio, como o entenda, suas leis. Por esse lado, igualmente, chegaremos ao absurdo, visto que nenhuma ação arbitrária se pode consorciar com a onisciência de um ser infinito em todos os seus atributos, para quem portanto não há passado, nem

presente, nem futuro, fora que se acha de toda idéia de tempo, sem a qual o arbítrio carece de significação, dado que este só se pode exercer ocasionalmente, advérbio que subentende sucessão de fatos, ou de efeitos, só existente para seres limitados como nós em todas as suas faculdades, capacidades e percepções, condição que faz imprescindível o princípio convencional de tempo.

O “milagre”, portanto, não passa, presentemente, de um esteio em que, valendo-se do precário conhecimento que da verdade possuem as massas humanas, procuram apoio as igrejas terrenas, no empenho de manterem o predomínio que alcançaram, explorando as superstições populares e sustentarem crenças tradicionais, mas que perderam sua razão de ser, em face do desenvolvimento da razão humana, e que, portanto, não podem subsistir.

Agraciados pela misericórdia divina com a luz viva da Nova Revelação, nós outros, os espíritas, temos o dever de perquirir, até onde a mesma misericórdia no-lo permita, as causas, a fim de compreendermos os efeitos e aproveitarmos das lições que eles nos oferecem, porque não mais nos é lícito crer, senão no que seja fruto de convicções adquiridas em conseqüência do estudo, da meditação e da iluminação interior, que se consegue pela prece fervorosa, sentida e humildemente formulada.

Aquela geração a que Jesus se referia, que lhe repelia os esforços para reconduzi-la ao caminho da verdade, qualificando-o de possesso do demônio, era má pela sua obstinação no erro; era adúltera, porque desprezava a fé no seu Deus, para se entregar a práticas materiais.

Essa geração é a mesma que hoje chama demoníaca à ciência espírita, que vem dar cumprimento à lei e aos profetas; que se baseia nos Evangelhos de N. Senhor Jesus Cristo, em espírito e verdade, como Ele próprio mandou que os entendêssemos, fugindo à letra que mata, tudo porque isso é contrário e prejudicial aos interesses materiais da clerezia romana que, para conservar a sua dominação, precisa manter na ignorância os fiéis da sua Igreja, que repudia a Deus para adorar o Papa.

Jonas constituíra para os Ninivitas um prodígio, um milagre, porque acreditaram, sem sombra de dúvida, que ele fora engolido por um peixe, em cujas entranhas permanecera três dias, submerso no fundo do mar. Do mesmo modo Jesus, que, até para os discípulos, era um homem igual aos outros, pela sua ressurreição e ascensão viria a constituir, para a geração da sua época, um prodígio, um milagre, visto que, para essa geração, tais fatos não podiam ser mais compreensíveis nem menos miraculosos, do que, para os Ninivitas, o reaparecimento de Jonas, após três dias de permanência no ventre de um peixe.

Dar-se-á, porém, que aqueles fatos, que ontem não podiam ser explicados, nem compreendidos, que tiveram, portanto, de ser impostos como milagrosos, devam hoje ser aceitos, com o mesmo caráter, para glória de Deus, quando a Nova Revelação, que veio substituir a fé cega pela fé raciocinada, no-los explica plena e satisfatoriamente? Certo que não.

Com efeito, na ressurreição e na ascensão do Cristo, nós espíritas podemos e devemos crer, sem de nenhum modo aceitarmos, no que quer que seja, o milagre, desde que aquela Revelação nos mostra e prova, com os textoS evangélicos, compreendidos em seu espírito, que Jesus só aparentemente era homem, que Ele desempenhou a sua missão como Espírito, Espírito livre, de pureza perfeita e imaculada, portanto, isento da lei da

encarnação, apenas revestido de um corpo fluídico, de um perispírito tornado visível e tangível, com o qual possível e fácil lhe foi sair do sepulcro, conservando-se este fechado e selado.

Igualmente, com relação a Jonas, ela nos faz saber que ele apenas esteve durante três dias preso a ferros a bordo de um navio, em que viajava, donde um marinheiro devotado, condoído da sua sorte, o transportara às escondidas num bote até à praia, aí deixando-o. A tendência que tem o homem para dar a tudo o cunho do maravilhoso e a atração que este sobre ele exerce criaram a lenda de Jonas engolido e vomitado por um peixe. Semelhante maravilha logo se impôs à imaginação humana como um "milagre" e como "milagre" foi tido e crido.

Os Ninivitas que, aproveitando da pregação de Jonas, entraram e permaneceram nas vias do Senhor e a rainha do Meio-dia que reconheceu a grandeza de Deus e a sabedoria daquele a quem Deus fizera rei, para reinar com eqüidade e distribuir justiça, eram a condenação dos Judeus, que resistiam a todos os esforços de Jesus para os reconduzir ao bom caminho. Foi o que o divino Mestre acentuou, dizendo: "E há, aqui, mais do que Jonas; e há, aqui, mais do que Salomão".

Jonas e Salomão eram Espíritos em missão, porém de ordem inferior. Citando-os, de modo algum pensou Jesus em se lhes equiparar, sendo, como era, o Cristo de Deus e, como representante do Pai, o Mestre, o Rei do nosso planeta e da Humanidade terrena. Ao contrário, o que fez, lembrando os exemplos de Jonas e Salomão, foi chamar a atenção dos homens para a superioridade da sua missão, superioridade que a Nova Revelação patenteia aos nossos olhos, e chamar-lhes também a atenção para a culpabilidade dos que se rebelavam contra seus ensinos.

Daí o dizer: "Assim como Jonas foi um sinal para os de Nínive, assim também o filho do homem será um prodígio para esta nação".

(88) 3º Reis, 10º, 1. – 2º Paralipõmenos, 9º, 1. - MARCOS, 8º, 2. - JOÃO, 2º, 18. - Romanos, 2º, 27. – 1ª Epístola aos Coríntios, 1º, 22.

83
MATEUS, 12º, 43 ao 45. — LUCAS, 11º, 24 ao 28. Dever, que tem o homem, de resistir aos maus instintos, às más paixões. — Resposta de Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse uma mulher

MATEUS: capítulo 12º, versículo 43. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, vagueia pelos lugares áridos em busca de repouso e não o encontra. — 44. Diz então: "Voltarei para a casa donde saí". E, voltando, a encontra vazia, limpa e ornada. — 45. Parte então de novo arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior. Assim acontecerá com esta geração criminosa.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 24. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, anda por lugares áridos em busca de repouso. Não o encontrando, diz: Voltarei para a casa donde saí. — 25. E. voltando, a encontra varrida e ornada. — 26. Vai-se, então, de novo, reúne outros sete Espíritos mais malvados do que ele e, entrando todos na casa, lá se instalam. E o último estado do homem fica sendo pior do que antes. — 27. Ora, sucedeu que, quando ele dizia estas coisas, uma mulher, elevando a voz do meio do povo, lhe disse: Felizes o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram! — 28. Jesus, porém, disse: Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam. (89)

Jesus, por essa forma, advertia os homens de que estivessem precavidos sempre contra as más paixões e tendências que, repelidas, a princípio, facilmente podem voltar depois mais intensas e tenazes, como acontece com as enfermidades, relativamente às quais se verifica que as recaídas são sempre mais perigosas.

Os Espíritos imundos que influenciam para o mal o homem são atraídos pelos seus maus sentimentos. Ora, se o homem limpar sua alma de todas as impurezas e a adornar das virtudes opostas a tais sentimentos ocupa-la-á o seu anjo de guarda, tornando impossível àqueles Espíritos fazerem nela morada, como antes. Ornemos, pois, de virtudes as nossas almas, a fim de que o Senhor as possa considerar habitações dignas dos seus mensageiros, os Espíritos bons, de cuja inspiração e assistência gozaremos, então, constantemente.

Nenhuma relação tem o que acabamos de dizer com o chamado "sacrifício da eucaristia", pelo qual entendeu a Igreja romana de fazer do corpo humano morada da divindade. Semelhante absurdo, como todos os outros erros dessa igreja, provém das interpretações literais por ela dadas às Escrituras, interpretações que, se outrora puderam legitimar-se com o grande atraso intelectual da Humanidade, hoje constituem uma das causas principais do desprestígio em que a vemos e da generalização da descrença.

A comunhão do Cristo, simbolizada pela Ceia, foi um último e solene apelo por ele feito aos homens, para o cultivo da fraternidade. A comunhão dos discípulos era um repasto comemorativo, uma lembrança simbólica daquela outra comunhão.

Dizendo respeito unicamente ao Espírito toda a Doutrina de Nosso Senhor

Jesus Cristo, pelo lado unicamente espiritual é que deveram ter encarado e ensinado os preceitos evangélicos aqueles que se intitulam seus representantes na Terra, com abstenção completa dos cultos e cerimônias puramente materiais, que nada valem e para nada servem.

Capítulo 11º, versículos 27 e 29 de Lucas. — A mulher que elevou a voz do meio da multidão, para louvar a Maria, como mãe de Jesus, conforme a consideravam os homens, falou como médium, sob a inspiração momentânea de um guia que, desse modo, abriu ensejo à resposta de Jesus, que foi um ensinamento: “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam”. Sim, bem-aventurados os que estudam e ensinam a moral pregada por Jesus e põem-na em prática, não fazendo da profissão de fé um meio de vida, de satisfazerem às suas ambições de mando e predomínio, como infelizmente ainda vemos.

(89) Job, 1º, 6, 7. — 1ª Epístola à Pedro, 5º, 8. — 2ª Epístola à Pedro, 2º, 20 a 22. — JOÃO. 5º, 14. — Timóteo, 1º, 25.

84
MATEUS, 12º, 46 ao 50. — MARCOS, 3º, 31 ao 35. — LUCAS, 8º, 19 ao 21. O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática

MATEUS: capítulo 12º, versículo 46. Estando Ele ainda a pregar para a multidão, sua mãe e seus Irmãos do lado de fora procuravam falar-lhe. — 47. Então alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão aí fora procurando-te. — 48. Respondendo a esse que assim falara. disse Ele: Quem é minha mãe e quais os meus Irmãos? — 49. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus Irmãos; — 50, porqüanto, quem quer que faça a vontade de meu pai que está nos céus, esse é meu Irmão, minha Irmã e minha mãe.

MARCOS: capítulo 3º, versículo 31. Sua mãe e seus irmãos, tendo vindo e ficado do lado de fora, o mandaram chamar. — 32. Ora, como a multidão o cercasse, alguém lhe disse: "Olha que tua mãe e teus irmãos, te procuram. — 33. Ao que perguntou Ele: Quem é minha mãe e quais são os meus irmãos? — 34. E, olhando para os que se achavam sentados ao redor de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; — 35, porqüanto, aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 19. Sua mãe e seus irmãos vieram ter com Ele, mas não puderam aproximar-se dele por causa da multidão. — 20. Disseram-lhe então: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos que te querem ver. — 21. Jesus, respondendo, disse: Minha mãe e meus irmãos São os que escutam a palavra de Deus e a praticam. (90)

Não estando ligado a Maria por nenhum laço humano, Jesus mostrou aos homens os sentimentos de fraternidade e de amor que os devem unir. Qual poderia ser, de fato, o desejo do bom pastor, que vinha à procura das ovelhas tresmalhadas do seu rebanho? qual poderia ser o seu objetivo? Reuni-las em torno de si. Todas, fossem quais fossem, eram e são dele bem-amadas.

Efetivamente, nenhum grau de parentesco humano havia entre Jesus, Maria e José, porqüanto, como já vimos, Ele se achava apenas revestido de um corpo aparentemente humano, de um corpo fluídico, que, pelo poder da sua vontade e da sua sabedoria, se tornava visível e tangível, conforme as necessidades da sua missão. Trazia um corpo "celeste", na expressão de Paulo, tendo sido a sua concepção, por Maria, obra do Espírito Santo, como também já explicamos e deve ser entendido.

Por essa explicação ficou patente que Maria não concebeu, não deu à luz filho algum, se conservou sempre virgem, pura e imaculada, sem que, na realidade, o aparecimento do nosso Salvador na Terra tenha apresentado o que quer que seja de milagroso ou de sobrenatural.

Assim sendo, é claro que também nenhum grau de parentesco humano havia entre Ele e os que eram considerados seus irmãos, cumprindo ainda se advirta que, em hebreu, a palavra — irmão —. tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, o irmão propriamente dito, o primo co-irmão, o simples parente.

(90) JOÃO, 2º, 12, 15º, 14; 20º, 17. — Romanos, 8º, 29. — Hebreus, 2º, 11. — Apocalipse, 1º, 5.

85
MATEUS, 13º, 1 ao 23. — MARCOS, 4º, 1 ao 20, e 25. — LUCAS, 8º, 1 ao 15, e 18; e 10º, 23-24 Parábola do semeador. — Explicação dessa parábola

MATEUS: capítulo 13º, versículo 1. Naquele dia, saindo Jesus de casa foi sentar-se à beira do mar. — 2. E grande multidão se lhe reuniu em torno. Entrando então para uma barca, ele ai se sentou, ficando a multidão na praia. — 3. E começou a dizer muitas coisas por parábolas, falando assim: Eis que o semeador saiu a semear. — 4. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram. — 5. Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade. — 6. O Sol, nascendo, crestou-as; e, como não tinham raízes, secaram. — 7. Uma outra caiu entre os espinheiros que cresceram e a abafaram. — 8. Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta por um. — 9. Quem tiver ouvido de ouvir, ouça. — 10. Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? — 11. Respondeu Ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não. — 12. Àquele que tem, mais ainda se dará, ficando ele na abundância; mas ao que não tem se tirará até o que tem. — 13. Eis por que lhes falo por parábolas; é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. — 14. Neles se cumpre esta profecia do profeta Isaías: “Escutareis com os ouvidos e não entendereis, olhareis com os olhos e não vereis. — 15. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhes tornaram surdos e os olhos se lhes fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não compreendam com os corações e, não se convertendo, não sejam curados por mim”. — 16. Felizes os vossos olhos porque vêem, os vossos ouvidos, porque escutam; — 17, porqüanto, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram. — 18. Escutai, pois, a parábola do semeador. — 19. Do coração de todo aquele que escuta a palavra do reino e não a compreende vem o mau Espírito tirar o que nele foi semeado; é a semente que caiu ao longo do caminho. — 20. A que caiu em terreno pedregoso representa aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; — 21, mas, não tendo ela raízes no seu coração, só por pouco tempo subsiste; sobrevindo as tribulações e perseguições por motivo da palavra, ele logo se escandaliza. — 22. A semente lançada entre os representa espinheiros aquele que ouve a palavra, mas em quem os cuidados do século e a ilusão das riquezas a abafam e impedem de produzir frutos. — 23. A que foi semeada em terra boa indica aquele que escuta a palavra e a compreende, aquele em quem ela frutifica, produzindo cada grão cem, sessenta ou trinta.

MARCOS: capítulo 4º, versículo 1. Pôs-se de novo a ensinar próximo ao mar e, como enorme fosse a multidão que ali se reuniu, Ele subiu para uma barca e se sentou, ficando todo o povo na praia. — 2. Muitas coisas ensinava por parábolas, dizendo, segundo o seu modo de doutrinar: — 3. “Escutai. O semeador saiu a semear: — 4, e, enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à borda do caminho; vieram as aves do céu e a comeram. 5. Outra parte

caiu em terreno pedregoso, onde pouca terra havia; as sementes germinaram logo, pois que pequena era a profundidade da terra; — 6, veio, porém, o Sol, crestou as plantas e estas, por não terem raízes, secaram. — 7. Outra parte caiu entre espinheiros, estes cresceram e a abafaram, de sorte que ela não deu frutos. — 8. Outra, finalmente, caiu em terra boa; os grãos deram fruto; elevaram-se, multiplicaram-se e produziram cem, sessenta, trinta por um.' — 9. E acrescentava: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir. — 10. Quando com Ele ficaram a sós os doze que o seguiam interrogaram-no acerca dessa parábola, — 11. e Ele lhes respondeu: Dado vos é a vós conhecer o mistério do reino de Deus, mas, para aqueles que são de fora, tudo se faz por parábolas; — 12, a fim de que, vendo, vejam e não vejam e, ouvindo, ouçam e não compreendam, para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. — 13. Perguntou-lhes em seguida: Não entendeis esta parábola? Como podereis entender todas as parábolas? — 14. O semeador semeia a palavra. — 15. A margem do caminho, ao longo do qual a semente caiu, são aqueles de cujos corações Satanás vem arrancar a palavra logo depois de ter sido nos seus corações semeada. — 16. Semelhantemente, o terreno pedregoso são os que, ouvindo a palavra, a recebem jubilosos. — 17. Como, porém, nesses ela não cria raízes, dura pouco tempo. Em vindo as tribulações e perseguições por causa da palavra, eles logo se escandalizam. — 18. Os outros, designados pela parte das sementes lançadas entre espinheiros, são os que ouvem a palavra, — 19, mas os cuidados do século, a ilusão das riquezas e as outras paixões, entrando em seus corações, a sufocam e ela não frutifica. — 20. O terreno bom onde a última parte das sementes é lançada são os que ouvem a palavra, a recebem e dela tiram frutos, na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um.

MARCOS: capítulo 4º, versículo 25. Mais será dado ao que já tem e ao que não tem se tirará mesmo o que tem.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 1. Algum tempo depois, ia Jesus de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando o reino de Deus. Acompanhavam-no os doze, — 2, e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos malignos e curadas de enfermidades; Maria, apelidada — a Madalena, da qual sete demônios haviam saído; 3. — Joana, mulher de Cusa, Intente de Herodes; Susana e muitas outras que o assistiam com seus bens. — 4. Como o cercasse grande multidão de gente vinda de todas as cidades, disse Ele esta parábola: — 5. O semeador saiu a semear a sua semente e. enquanto o fazia, uma parte dela caiu à margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu a comeram. — 6. Outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado. — 7. Outra caiu entre espinheiros que, crescendo, a sufocaram — 8. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E, dizendo Isso, exclamava:

Quem tem ouvido. de ouvir, ouça. — 9. Os discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola. — 10. Ele lhes respondeu: Dado vos foi a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. — 11. Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus. — 12. A que cai junto do caminho indica os que ouvem a palavra, mas de cujos corações Satanás a vem arrancar, pelo temor de que, crendo, eles se salvem. — 13. As que caem sobre pedras indicam os que, tendo-a Ouvido, recebem com alegria

a palavra: esta, porém. não cria raízes, porqüanto eles crêem apenas durante algum tempo, retrocedendo assim que chegam as tentações. — 14. A parte que cai entre espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas em cujos corações ela é abafada pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida e não produz frutos. — 15. A boa terra onde cai a Última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam, em seus corações bons e excelentes e dela tiram fruto pela paciência.

LUCAS: capítulo 8º, versículo 18. Vede, pois, de que modo ouvis; porqüanto mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

LUCAS: capítulo 10º, versículo 23. Voltando-se para os discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que vêem o que vedes; — 24, porqüanto eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram. ouvir o que ouvis e não ouviram. (91)

As explicações que Jesus deu da parábola do semeador era a que convinha aos Espíritos encarnados naquela época e a de que necessitavam os apóstolos, a fim de desempenharem suas missões. As mesmas explicações bastam para que a compreendamos.

A razão por que Jesus preferentemente falava por parábolas era evitar que muitos se enchessem de maiores responsabilidades, que lhes acarretariam grandes sofrimentos no futuro: aqueles que, capazes embora de receber sem véu a sua palavra, não se lhe submeteriam. Por outro lado, para os que estivessem dispostos a avançar, a caminhar para diante, nenhum inconveniente havia em que os ensinos lhes fossem ministrados veladamente, visto que se esforçariam, como o fizeram os discípulos, por lhes descobrir o sentido oculto e o apreenderiam. Os que, ao contrário, assim não procedessem, por considerarem pesada demais para suas naturezas más a reforma. que aqueles ensinos impunham, seriam culpados apenas de indiferença, de não procurarem devassar os mistérios que de pronto não compreendiam.

Dizendo, pois, que não lhes falava senão por parábolas, “para que não se convertessem”, aludia o Mestre aos que, cedendo a um primeiro impulso, tentariam avançar, mas que, detidos bruscamente pelos seus maus instintos, fariam sem demora um recuo, que lhes viria a ser causa de graves expiações, porqüanto, conforme também o disse, “muito será dado ao que já tem; ao passo que àquele que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado”.

Estas palavras significam que aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo; enquanto que o outro, o que tem pouco, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apossem do seu coração, que os vícios e males, que o oprimirão durante séculos, tomem o lugar das poucas virtudes de cuja posse já desfrutasse.

Antes das revelações feitas por Jesus, o homem, nenhuma idéia clara formando da outra vida, não estava apto a conhecer os “mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus”, expressões que compõem uma imagem destinada a materializar, por assim dizer, para a compreensão de homens materiais, a felicidade dos bem-aventurados. Os “mistérios” do reino dos céus, os “segredos” do reino de Deus eram os meios, desconhecidos até então, de chegar-se àquela felicidade.

Jesus veio levantar o véu e esclarecer as inteligências. Porém, apenas uma ponta do véu foi levantada; a “luz” permaneceu velada.

Hoje, a luz já brilha com mais vivo fulgor, porque os Enviados do Senhor ergueram um pouco mais o véu que a encobria, tanto quanto os olhos humanos, tornados mais fortes, o permitiam. O véu, entretanto, só será levantado completamente, quando os homens houverem alcançado alto grau de desenvolvimento moral e intelectual. Só então lhes será facultado conhecerem todos os “mistérios do reino dos céus”, todos os “segredos do reino de Deus”.

(91) Isaías, 6º, 9. — Ezequiel, 12º, 2. — JOÃO, 5º, 35; 12º, 40; 20º, 29. — Atos, 28º, 26, 27. — 1ª Epístola aos Coríntios, 2º, 10. — 2ª Epístola aos Coríntios, 3º, 14. — Hebreus, 5º, 11; 11º, 13. — Romanos, 11º, 8. — 1ª Epístola à Timóteo, 6º, 9. — 1ª Epístola à João, 2º, 27.

86
MATEUS, 13º, 24 ao 30. Parábola do joio semeado entre o trigo

MATEUS: capítulo 13º, versículo 24. E lhes propôs uma outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou bom grão no seu campo. — 25. Enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e se foi embora. — 26. A plantação do homem germinou, cresceu e deu espigas, mas com ela cresceu também o joio. — 27. Os servos do pai de família vieram então dizer-lhe: Senhor, não semeastes bom grão no vosso campo? Como é que nele há joio? — 28. Ele lhes respondeu: Foi um inimigo quem o semeou. Os servos lhe perguntaram: Quereis que vamos arrancá-lo? — 29. E ele respondeu: Não; receio que, arrancando o joio, arranqueis ao mesmo tempo o trigo. — 30. Deixai que um e outro cresçam juntos até à ceifa; quando chegar a ocasião de ceifar, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiramente o joio e atai-o em feixes para ser queimado; o trigo, empilhai-O no meu celeiro.

Nem todos os Espíritos se encontram no mesmo grau de desenvolvimento. Dos encarnados na Terra, uns são elevados, outros apenas iniciam suas provações morais. Vê-se daí não ser cabível que, para operar-se a renovação de nossa geração espiritual, se condenasse toda a geração material de que somos parte a perecer num dilúvio semelhante ao de que falam os antigos. É evidente, pois, que tal dilúvio não se deu com o caráter de universalidade que lhe atribuíram as narrações escriturísticas.

O joio cresce de par com o bom grão. Depois, em cada colheita, aquele, para se depurar, é lançado ao fogo da expiação, ao mesmo tempo que o bom grão é guardado nos celeiros do Senhor.

Desde que saiu do estado de fluidez, incandescente, a Terra tem passado por transformações sucessivas, tem sofrido renovações parciais, para o efeito de preparação e progresso graduais dos reinos mineral, vegetal e animal, mesmo do reino humano, efeito a que de futuro hão de seguir-se, por outros meios, as depurações e transformações, também graduais, dos aludidos reinos da Natureza.

Dizendo que o “pai de família” não consentira que seus servos arrancassem, do campo que ele semeara, o joio, com receio de que simultaneamente tirassem o trigo, quis o divino Mestre refrear o zelo dos apóstolos e dos que lhes sucedessem como continuadores da sua obra, os quais, levados pelo desejo de fazer progredir a Humanidade, poderiam ir longe de mais. À força de quererem reprimir abusos, poderiam chegar ao extremo de amedrontar os homens retos, porém simples, e de os afastar.

Conviria não perdessem de vista este ensinamento os que, nos tempos atuais, apregoando zelo da pureza do Espiritismo, pregam a necessidade da extinção completa, por todos os meios, dos centros onde ele é falseado e que representam o joio a crescer entre o bom grão.

Não esqueçamos nós, os espíritas, que foi invocando um zelo semelhante que a Igreja se tornou perseguidora e abriu a interminável série dos seus atentados à liberdade de pensamento e de crença, a todas as liberdades, afinal, atentados que cada dia mais profundamente a divorciaram da doutrina

cristã, do espírito dos Evangelhos, para cuja interpretação ela acabou proclamando-se a única habilitada, a fim de esconder aquele divórcio.

A lição que a parábola do joio e do trigo encerra mostra que toda a ciência, para aquele que se propõe a pregar as verdades eternas, a difundir as da Doutrina dos Espíritos, a fim de que bem apreendidas sejam as daqueles mesmos Evangelhos, está em apropriá-las às inteligências que as tenham de receber. Se não for assim, um por exemplo, que teria aceitado a moral evangélica, se lha houveram apresentado sob aspecto condizente com o seu ponto de vista (e por isso é que Jesus a maior parte do tempo ensinava por parábolas e símiles), a repelirá, ou ofuscado pela intensidade da luz que dela se irradia, ou atemorizado com as grandes dificuldades que ela lhe deixa entrever.

A ceifa, de que fala a parábola, se dá na ocasião em que o Espírito volta à sua condição de origem, isto é, em que volta ao estado de Espírito liberto da matéria, por se haver despojado do seu envoltório carnal. Ao retornarem a esse estado, eles se encontram, ou na condição de joio a ser queimado, o que se verifica pelo fogo do remorso, das torturas morais, a que se segue a re-encarnação neste mundo, ou em mundos inferiores à Terra, de acordo com as tendências que revelam e com o grau da sua culpabilidade; ou na condição de trigo, caso em que passam a habitar mundos superiores ao nosso, onde continuarão a aperfeiçoar-se, a progredir.

Encarada assim, como o deve ser, a ceifa tem sido feita sempre e ainda continuará por longo tempo. Quando terminará? Quando chegar a época da ceifa definitiva. Com relação ao nosso mundo, essa época será a em que não mais se permita ao joio crescer aqui de envolta com o trigo, em que aquele será arrancado e lançado fora, isto é, em que os Espíritos que se tenham conservado obstinadamente culposos e rebeldes se verão compelidos a deixar de encarnar no planeta terreno, para o fazerem em mundos colocados abaixo dele na escala dos orbes. A Terra, então, terá passado a fazer parte do reino de Deus, o que quer dizer: ter-se-á tornado, exclusivamente, morada de Espíritos bons.

Os ceifeiros, no caso, são os Espíritos superiores, aos quais incumbe velar pelas expiações dos Espíritos culpados, na erraticidade, e classificar os que, por terem bem cumprido suas provas, mereçam ascender a mundos mais elevados do que o nosso.

87
MATEUS, 13º, 31 ao 35. — MARCOS, 4º, 26 ao 34. — LUCAS, 13º, 18 ao 22. Grão de mostarda. — Fermento da massa. — Semente lançada à terra

MATEUS: capítulo 13º, versículo 31. Propôs-lhes uma outra parábola, dizendo: O reino dos céus se assemelha ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. — 32. Esse grão, que é a menor de todas as sementes, quando cresce, torna-se planta maior do que todas as outras, torna-se árvore em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar. — 33. Disse-lhes também esta outra parábola: O reino dos céus se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique inteiramente levedada. — 34. Jesus disse por parábolas todas essas coisas à multidão; não lhe falava sem parábolas; — 35, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta: Abrirei minha boca para falar por parábolas: revelarei coisas que estão ocultas desde a formação do mundo.

MARCOS: capítulo 4º, versículo 26. E dizia: O reino de Deus é como quando um homem lança à terra a semente. — 27. Quer o homem durma. quer vele dia e noite, a semente germina e cresce sem que ele saiba como; — 28, pois que a terra, por si mesma, produz primeiro a erva, depois a espiga e afinal o grão que cobre a espiga. — 29. E, amadurecido o fruto, passa-se-lhe a foice, pois é esse o momento da ceifa. — 30. E dizia: A que compararemos o reino de Deus? Por que parábola o representaremos? — 31. Ele se assemelha a um grão de mostarda que, ao ser semeado, é a menor de todas as sementes que existem na terra. — 32. Uma vez, porém, semeada, ela cresce e se torna maior do que todos os arbustos; dá galhos tão grandes que os pássaros do céu se podem abrigar à sua sombra. — 33. E assim lhes falava por muitas parábolas, de acordo com o que eles podiam entender. — 34. Não lhes falava sem parábolas; mas, a sós com os discípulos, tudo lhes explicava.

LUCAS: capítulo 13º, versículo 18. Dizia: O reino dos céus a que se assemelha e com que o compararei? — 19. Assemelha-se ao grão de mostarda que o homem toma e planta no seu horto; ele germina, cresce e se torna árvore grande em cujos ramos pousam os pássaros do céu. — 20. E repetiu: Com que compararei o reino de Deus? — 21. Ele se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique completamente levedada. — 22. E assim ia ensinando pelas cidades e aldeias a caminho de Jerusalém. (92)

Comparando o reino dos céus ao grão de mostarda, quis Jesus mostrar à multidão que o gérmen, por mínimo que seja, donde se parta para chegar ao céu, pode desenvolver-se e produzir grandes resultados.

No seu pensamento acerca do futuro, a comparação do reino dos céus com um grão de mostarda, que, de pequenino que é, se torna árvore grande, em cujos ramos os pássaros vêm habitar, constitui uma alegoria em que aquele grão representa o ponto de partida, a origem do planeta e da Humanidade, o estado rudimentar de uma e outro; em que o crescimento oculto do grão, sua afloração, desenvolvimento e transformação em árvore simbolizam as fases por que tem passado o nosso mundo, as da formação e desenvolvimento dos reinos mineral, vegetal, animal e humano e as de depuração e transformação

física do planeta e física, moral e intelectual da Humanidade. Os ramos da árvore indicam o grau de evolução que aquele atingirá, para se tornar morada de paz e de felicidade, que os Espíritos purificados virão habitar e onde, continuando a progredir com ela, chegarão à perfeição.

Na parábola em que comparou o reino de Deus ao fermento que se lança na massa de farinha para levedá-la e torná-la em pão, figurou Jesus o trabalho de transformação e purificação das almas, por efeito da doutrina de amor e bondade que Ele lançava nos corações — único fermento apropriado à preparação do pão espiritual, que alimenta para a vida eterna.

Na em que o reino dos céus é comparado à semente que o homem lançou à terra, o divino Mestre indicava o trabalho, secreto, mas contínuo, da semente de regeneração que Ele imergia nos corações, ao mesmo tempo que mostrava as fases de germinação, crescimento, transformação, desenvolvimento e frutificação que o Espírito atravessa, para atingir a maturidade moral e intelectual, estado em que será aproveitado pelos ceifadores incumbidos de proceder à colheita para o celeiro divino, o reino de Deus.

Por outro lado, esta última parábola, despojado da letra o Espírito, é o emblema dos períodos que a nossa Humanidade tem percorrido e transposto na via do progresso, desde o aparecimento do homem na Terra, assim como dos períodos que ela tem de percorrer e transpor, para sua regeneração completa.

A erva, que aflorou ao solo, como produto da germinação da semente, designa o tempo que se escoou antes que Jesus aparecesse na Terra; a formação da espiga indica o que decorreu desde esse aparecimento até os nossos dias; a formação dos grãos que cobrem a espiga, os próprios grãos já formados e o fruto ao qual, quando maduro, se passa a foice, por ser essa a época da ceifa, indicam os tempos atuais e futuros da era do Espiritismo, que vem preparar e efetivar a regeneração da Humanidade e as promessas que as proféticas palavras do Salvador encerram.

Neste momento, o grão, aqui, se está formando; ali, amadurece e, em certas partes escolhidas, já se acha maduro, ou já foi ceifado.

Tais os resultados que o Espiritismo, que apenas há alguns anos apareceu, está produzindo.

(92) Isaías, 2º, 2, 3. — Miquéias, 4º, 1. — Salmos, 57º, 2, — Romanos, 16º, 25, 26. — 1ª Epístola aos Coríntios, 2º, 7. — Efésios, 3º, 9. — Colossenses, 1º, 26. — Apocalipse, 14º, 15.

88
MATEUS, 13º, 36 ao 43. Explicação da parábola do joio

MATEUS: capítulo 13º, 36.. Tendo despedido a multidão, entrou Jesus em uma casa; e os discípulos, acercando-se dele, lhe pediram: Explica-nos a parábola do joio semeado no campo. — 37. Ele, respondendo, disse: Aquele que semeia o bom grão é o filho do homem. — 38. O campo é o mundo; os filhos do reino são o bom grão; os filhos da iniquidade são o joio. — 39. O inimigo que semeou, é o diabo; o tempo da colheita é o fim do mundo; os segadores são os anjos. — 40. O que se faz com o joio, que é arrancado e queimado no fogo, far-se-á no fim do mundo. — 41. O filho do homem enviará seus anjos; estes reunirão e levarão o para fora do seu reino todos os que são causa de escândalo e de queda; — 42, e os lançarão na fornalha do fogo; lá haverá prantos e ranger de dentes. — 43. Então, os justos brilharão como o Sol, no reino do pai. Aquele, que tiver ouvidos de ouvir, ouça. (93)

Encarregado do progresso do nosso planeta e da Humanidade a que pertencemos, isto é, do dos Espíritos que nele encarnam, Jesus, desde o aparecimento do homem na Terra, vem semeando o bom grão e o semeará sempre; sempre trabalhou, trabalha e trabalhará pelo nosso progresso, até que aqueles Espíritos atinjam a perfeição, que os colocará na categoria dos Espíritos puros.

Designando-se a si mesmo por filho do homem, fazia lembrada a missão que o trouxera ao mundo terreno, missão que, no parecer dos homens, era humana, como convinha que estes a considerassem. Entretanto, pela explicação velada que deu da parábola do joio mostrava o seu poder, como enviado de Deus, como tendo recebido de Deus a investidura de rei do nosso planeta, ao qual chama “seu reino , como tendo, sob sua autoridade às suas ordens, os “anjos”; como tendo todo poder sobre a Terra, que é o “seu reino”, e bem assim sobre as gerações humanas que nela se sucederão; como sendo quem, “no fim do mundo”, fará que “seus anjos” reúnam e levem para fora da terra, para fora do “seu reino”, os filhos de iniqüidade, simbolizados pelo joio, e quem os mandará lançar na “fornalha do fogo”, onde há prantos e ranger de dentes, permanecendo no “seu reino’, onde brilharão como o Sol, os filhos do reino, os justos, simbolizados pelo bom grão.

O campo representa o nosso planeta e a sua Humanidade. Os filhos do reino, tendo por símbolo o bom grão, são os que tendem a progredir e se esforçam por consegui-lo. Os filhos de iniqüidade, cujo símbolo é o joio, ou cizânia, são os que se deixam arrastar pelas más influências, por serem maus os seus instintos.

O diabo, o “Inimigo”, que semeou, semeia e semeará, por muito tempo ainda, na Terra, o joio, são todos os Espíritos maus, Espíritos de erro e de mentira que, errantes ou encarnados, exercendo sobre nós perniciosa influência, trabalham por nos obstar ao progresso, impelindo-nos a praticar o mal, por pensamentos, palavras e obras, afastando-nos das vias do Senhor.

O fim do mundo, predito por Jesus e que, na parábola, corresponde ao tempo da ceifa, não deve ser entendido como um fato repentino, como sendo a transformação, a renovação de todo o Universo, operando-se de um instante para outro. O fim do mundo vem sendo preparado de há muito e a pouco e pouco progressivamente vai ocorrendo. Compreendido como significando a

época da colheita, ele se apresenta dividido em três períodos distintos: — primeiro, aquele em que aos Espíritos inferiores foi e será permitido encarnar na Terra para, por sucessivas expiações e reencarnações, se purificarem, passarem de “filhos de iniqüidade” a “filhos do reino”; segundo, aquele em que o joio começará a ser apartado do bom grão, em que os Espíritos culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão afastados do nosso planeta e lançados em planetas inferiores; terceiro, aquele em que, concluída a separação do joio e do trigo, estará completado o afastamento dos Espíritos inferiores e o nosso mundo se terá tornado morada de paz e felicidade para Espíritos bons, já aptos a entrar na fase espírita.

A luz que brilha nos justos (MATEUS: capítulo 13º, versículo 43), nos filhos do Senhor, é a da verdade, da fé e do amor.

Os mundos superiores formam, na imensidade, o reino do Pai, e o nosso planeta, desde que atinja a necessária elevação, lhes pertencerá ao número, constituindo, para nos servirmos de uma comparação humana, “uma das províncias do reino de Deus.

(93) Apocalipse, 2º, 7; 14º. 15; 19º, 20.

89
MATEUS, 13º, 44 ao 52. Tesouro oculto. — Pérola de alto preço. — Parábola da rede lançada ao mar

MATEUS: capítulo 13º, versículo 44. O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto num campo; o homem que o achou o esconde e, cheio de alegria pelo haver achado, vai vender tudo que possui e compra aquele campo. — 45. O reino dos céus ainda se assemelha a um negociante que procura belas pérolas; — 46, que, achando uma de alto preço, vende tudo o que possui e a compra. — 47. O reino dos céus se assemelha também a uma rede de pescar que, lançada ao mar, apanha toda espécie de peixes. — 48. Quando fica cheia, os pescadores a puxam para bordo, onde, assentados, se põem a separá-los, deitando os bons nos vasos e lançando fora os maus. 49. Assim será no fim do mundo: os anjos virão e separarão os maus do meio dos justos; — 50, e os lançarão na fornalha de fogo, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 51. Haveis compreendido todas estas coisas? Eles responderam: Sim. — 52. Disse-lhes Ele então: Todo escriba instruído acerca do reino dos céus se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas. (94)

Aquele que recebe a palavra de Deus deve sentir-se tão feliz quanto o que, dando grande importância às coisas materiais, acha um tesouro, se é que se pode estabelecer comparação entre sentimentos de naturezas tão diversas. Cumpre-lhe, então, guardar bem dentro do coração essa fonte de riquezas eternas e esforçar-se para que nenhum dos vícios da Humanidade lhe possa arrebatar o precioso achado.

Vai o homem e vende tudo o que tem. — Quer isto dizer: despoja-se dos erros, dos maus instintos, dos maus pendores, dos vícios, de tudo, em suma, que o prende à matéria, como os bens terrenos o prendem ao solo que os encerra.

E compra o campo. — Faz, para conservar aquele tesouro espiritual, todos os sacrifícios que a Humanidade exija.

A pérola é, como o tesouro, a verdade, que o homem encontra, com o receber e agasalhar a palavra de Deus.

Quanto à pesca, figura a escolha dos bons e o afastamento dos maus, como na parábola do joio e do bom grão.

Por escribas designava Jesus os homens mais esclarecidos que as massas e incumbidos de espalhar no meio delas a luz contida no tesouro da inteligência e da erudição de que dispõem.

Aquele que se serve da ciência que recebeu dos tempos antigos, para fortificar e, por assim dizer, tornar recomendável aquilo que quer tornar crido, é o que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas.

Significa isso que nós outros, os espíritas, devemos, dentro dos limites da nossa instrução, das nossas faculdades, investigar as crônicas antigas, escrutar as legendas, desencavar os velhos manuscritos sepultados no fundo das bibliotecas seculares ou dos conventos e, armados dos vetustos documentos que chegarmos a possuir, demonstrar aos tímidos, aos incrédulos, aos pseudo sábios a autenticidade e a ancianidade da ciência que professamos.

(94) Filipenses, 3º, 7, 8. — Isaías, 55º, 1. — Apocalipse, 3º. 18. — Provérbios, 1º, 4; 3º, 14, 15; 8º, 10, e 19.

90
MATEUS, 13º, 53 ao 58. — MARCOS, 6º, 1 ao 6. Nenhum profeta é desestimado sendo no seu país, na sua casa e entre seus parentes

MATEUS: capítulo 13º, versículo 53. Tendo acabado de dizer essas parábolas, Jesus partiu dali; — 54, e, voltando ao seu país, os instruía nas sinagogas; de sorte que, tomados de admiração, eles diziam:
Donde lhe vieram esta sabedoria e estes milagres? — 55. Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e Tiago, José, Simão e Judas seus irmãos? — 56. E suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas estas coisas? — 57. Assim era que dele se escandalizavam, Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país e na sua casa. — 58. E não fez lá muitos milagres por causa da Incredulidade deles.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 1. Dali saindo, voltou Jesus para o seu país acompanhado pelos discípulos. — 2. E, chegando o dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos dos que o ouviam, admirando-se da sua doutrina, diziam: Donde lhe vieram todas estas coisas? Que sabedoria é essa que lhe foi dada? Como é que suas mãos obram tais maravilhas? — 3. Não é ele o carpinteiro filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós? E se escandalizavam dele. — 4. Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre os seus parentes. — 5. E não pôde fazer lá nenhum milagre; apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos. — 6. E se admirava da incredulidade deles. E lá ia percorrendo as aldeias dos arredores a ensinar. (95)

No parecer dos homens, Jesus era filho de Maria e de José, crença que a Igreja Romana continua a sustentar, firmada no milagre, tendo feito dela um dogma. Convindo em que essa crença tenha sido necessária naquelas prístinas épocas, hoje, nós outros, os espíritas, não podemos sobrepô-la à verdade que nos trouxe a nova revelação, acerca da origem espírita de Jesus, das condições em que se deu o seu aparecimento na Terra e da sua genealogia espiritual.

Nenhum profeta é desestimado, senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes. — Essas palavras, confirmativas destas outras que a sabedoria popular consagrou: “Ninguém é profeta na sua terra” e “santo de casa não faz milagre”, encerram uma reflexão filosófica, cujo valor todos temos podido verificar.

Quanto ao não haver Jesus, ali, feito milagres, foi porque grande era a incredulidade, a cegueira voluntária dos que o cercavam. A obstinação os levaria a fechar os olhos, para não verem a luz, o que os tornaria mais culpados e passíveis de maiores castigos. Vendo isso, o Mestre que, pela doçura do seu coração, jamais provocou a revolta de qualquer Espírito, não quis vencer a oposição que à sua influência levantavam encarnados e desencarnados, dominando-lhes a resistência, para lhes poupar o remorso da falta em que incorriam.

Verifica-se assim que não houve, para Jesus, impossibilidade de operar “milagres” naquela ocasião e naquele lugar. O que houve foi, de sua parte,

“ausência de vontade”. Ele se forrou a exercer a sua autoridade incontestável sobre os Espíritos que se lhe opunham à ação, para lhes não aumentar o grau da culpabilidade.

Nada obstante, sempre operou algumas curas, pela imposição das mãos.

(95) Isaías, 49º, 7. — LUCAS, 4º, 16, 23º, 24. — JOÃO, 4º, 44; 6º, 42.

91
MATEUS, 14º, 1 ao 12. — MARCOS, 6º, 14 ao 29. — LUCAS, 3º, 19 ao 20 e 9º, 7 ao 9. Morte de João Batista. — palavras que, ditas com relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na reencarnação

MATEUS: capítulo 14º, versículo 1. A esse tempo chegou aos ouvidos do tetrarca Herodes a fama de Jesus; — 2, e ele disse a seus servos: Esse é João Batista; é o próprio João que ressuscitou dentre os mortos; daí vem o fazerem-se por seu intermédio tantos milagres. — 3. Herodes mandara prender a João, pusera-o a ferros e o metera na prisão, por causa de Herodíades, mulher de seu Irmão. — 4. É que João lhe dizia: Não te é permitido tê-la por mulher. — 5. Herodes queria dar-lhe a morte, mas temia o povo, que considerava João um profeta. — 6. Porém, no dia do aniversário de Herodes, a filha de Herodíades dançou diante dele e lhe agradou; — 7, tanto que ele prometeu sob juramento dar-lhe tudo o que pedisse. — 8. Ela, industriada de antemão por sua mãe, disse: Dá-me, aqui mesmo, num prato, a cabeça de João Batista. — 9. Esse pedido muito aborreceu ao rei, que, todavia, por causa do juramento que fizera e dos que com ele se achavam à mesa, mandou que lha dessem. — 10. Ao mesmo tempo ordenou que a João Batista cortassem a cabeça na prisão. — 11. E a cabeça de João foi trazida num prato e dada à moça, que a levou à sua mãe. — 12. Os discípulos de João vieram, carregaram-lhe o corpo, o sepultaram e foram comunicar tudo isso a Jesus.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 14. Ora, o rei Herodes ouviu falar de Jesus, cuja nomeada se espalhara muito, e dizia: João Batista ressuscitou dentre os mortos; daí vem que tantos milagres se operam por seu intermédio. — 15. Outros, porém, diziam: É Elias, outros: É um profeta igual a um dos profetas. — 16. Ouvindo isso, disse Herodes: Este homem é João a quem mandei cortar a cabeça e que ressuscitou dentre os mortos. — 17. Herodes, tendo desposado Herodíades, não obstante ser ela mulher de Filipe, irmão dele, mandara prender João, o pusera a ferros e metera na prisão por causa dela, — 18, porque João lhe dizia: Não te é permitido ter por mulher a mulher de teu irmão. — 19. Desde então, Herodíades sempre lhe armava ciladas, desejosa de fazê-lo morrer, o que não conseguia, — 20, visto que Herodes temia a João por saber que era um varão justo e santo. Guardava-o, pois, e fazia muitas coisas aconselhando-se com ele e o escutava de boamente. — 21. Afinal, chegou um dia favorável, o do aniversário de Herodes, no qual este ofereceu um banquete aos grandes de sua corte, aos tribunos e aos maiorais da Galiléia. —
22.A filha de Herodíades teve entrada, dançou diante de Herodes e de tal modo lhe caiu no agrado, bem como no de todos quantos se achavam à mesa, que ele lhe disse: Pede-me o que quiseres e eu te darei. — 23. E acrescentou, jurando: Sim, o que me pedires eu te darei, ainda que seja a metade do meu reino. — 24. Ela, quando saiu, perguntou à mãe: Que é o que pedirei? Sua mãe lhe respondeu: A cabeça de João Batista. — 25. Ela se deu pressa em voltar à sala onde estava o rei e fez o seu pedido, dizendo: Quero que neste mesmo instante me dês num prato a cabeça de João Batista. — 26. O rei se aborreceu com esse pedido; mas, por causa do juramento que fizera e dos que com ele estavam à mesa, não quis desatendê-la. — 27. Tendo ordenado a um dos da sua guarda que trouxesse a cabeça de João Batista num prato, o

guarda foi ao cárcere e ai degolou João; — 28, trouxe a sua cabeça num prato, deu-a à moça e esta a deu à sua mãe. — 29. Sabendo do ocorrido, os discípulos de João vieram, levaram-lhe o corpo e o puseram num sepulcro.

LUCAS: capítulo 3º, versículo 19. Herodes, o tetrarca, tendo ouvido de João uma censura por causa de Herodíades, mulher do Irmão de Herodes, e por causa de todos os males que fizera, — 20, juntou a todos os seus crimes o de meter a João num cárcere.

LUCAS: capítulo 9º versículo 7. Herodes, o tetrarca, tendo ouvido falar de tudo o que Jesus fazia, não sabia o que pensar, pois uns diziam: — 8, que João ressuscitara dentre os mortos, outros que Elias voltara, enquanto outros afirmavam que um dos antigos profetas ressuscitara. — 9. Herodes dizia: Pois que mandei degolar a João, quem é este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo. (96)

Ditas e repetidas como sendo o que a voz pública afirmava com relação a Jesus, estas palavras: Elias; é João Batista, que ressuscitou dentre os mortos; é Elias que voltou; é um dos antigos profetas, que ressurgiu, bem como estas outras, que o rumor público levara Herodes a proferir: Pois que mandei cortar a cabeça a João Batista, quem é este? — Este homem é João Batista a quem mandei cortar a cabeça. — João Batista ressuscitou dentre os mortos, confirmam a existência, entre os Hebreus, da crença popular na reencarnação.

Efetivamente, os homens não poderiam ter a Jesus como sendo ou Elias, ou João Batista, ou algum dos antigos profetas, que voltara a viver na Terra, senão admitindo que a alma, ou Espírito, quer de Elias, quer de João, quer de um dos antigos profetas, reencarnara naquele corpo que, conforme então acreditavam, era obra humana de José e de Maria, os quais, como sabemos, passavam por ser o pai e a mãe do Salvador.

Quanto à morte de João Batista e às particularidades que lhe são relativas, suficientemente explanadas se acham nas narrativas dos três Evangelistas, as quais se completam umas pelas outras.

(96) Levítico, 18º, 16; 20º, 21. — Ester, 5º. 3, 6; 7º, 2.

92
MATEUS, 14º, 13 ao 22. — MARCOS, 6º, 30 ao 45. — LUCAS, 9º, 10 ao 17. Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes

MATEUS: capítulo 14º, versículo 13. Ouvindo a narração que lhe fizeram os discípulos de João, Jesus partiu numa barca e se retirou secretamente para um lugar deserto. Ao saber disso, o povo deixou as cidades e o foi seguindo a pé. — 14. Quando ele saltou em terra, viu grande multidão e, compadecendo-se dela, curou os doentes. — 15. Como caísse a tarde, os discípulos se aproximaram e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; manda-os embora, a fim de que vão às aldeias comprar o que comer. — 16. Jesus, porém, lhes disse: Não é necessário que se afastem daqui; dai-lhes vós mesmos de comer. — 17. Os discípulos replicaram: Não temos mais que cinco pães e dois peixes. — 18. Disse-lhes ele: Trazei-mos. — 19. Em seguida mandou que a multidão se assentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos, que os passaram ao povo. — 20. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 21. Ora, os que comeram eram em número de cinco mil, sem contar as mulheres e as crianças. — 22. Feito isso, Jesus ordenou aos discípulos que tomassem a barca e passassem para a outra margem do lago antes dele, que ficava despedindo o povo.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 30. Ora, os apóstolos, reunindo-se em torno de Jesus, lhe deram conta de tudo que haviam feito e ensinado. — 31. E ele lhes disse: Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto, a fim de aí repousardes um pouco. Ë que eram tantos os que iam e vinham que eles não tinham tempo para comer. — 32. Subindo, pois, para uma barca, retiraram-se para um lugar deserto. — 33. Mas, muitos, tendo-os visto partir e muitos tendo sido informados da partida, grande multidão acorreu a pé de todas as cidades e chegou antes deles. — 34. Ao saltar da barca, vendo Jesus grande multidão, dela se compadeceu, pois era como rebanho que não tem pastor, e começou a ensinar-lhe muitas coisas. — 35. E como já se fizesse tarde, os discípulos se aproximaram dele e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; — 36, manda-os embora, a fim de que vão às cidades e aos povoados dos arredores comprar o que comer. — 37. Respondendo, disse Jesus: Dai-lhes vós mesmos de comer. Eles replicaram: Aonde iremos comprar por duzentos denários pães que bastem para lhes darmos de comer? — 38. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Ide e vede. Depois de o verificarem, disseram eles: Cinco pães e dois peixes. — 39. Jesus então lhes ordenou que fizessem o povo sentar-se em ranchos na relva. — 40. Todos se assentaram formando diversos ranchos, uns de cem pessoas outros de cinqüenta. — 41. E Jesus, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou e partiu os pães e os entregou aos discípulos para que os pusessem diante do povo; repartiu assim também os dois peixes com todos. — 42. Todos comeram e ficaram fartos. — 43. E ainda levaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe que haviam sobrado, — 44, não obstante serem em número de cinco mil os que comeram. — 45. Em seguida, Jesus mandou que os discípulos tomassem de novo a barca, passassem para a outra margem do lago em direção a Betsaida, enquanto Ele ficava despedindo o povo.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 10. De volta, os apóstolos relataram a Jesus tudo que haviam feito e Jesus, levando-os consigo, se retirou para um lugar deserto próximo de Betsaida. — 11. Informadas disso, as turbas o seguiram e Jesus, recebendo-as, entrou a falar-lhes do reino de Deus e a curar os que precisavam ser curados. — 12. Ora, como o dia começasse a declinar, os doze vieram a ele e lhe disseram: Manda embora esta gente, a fim de que vá procurar alojamento e o que comer nas granjas e aldeias dos arredores, pois estamos num lugar deserto. — 13. Mas Jesus lhes disse: Dai-lhes vós mesmos de comer. Ao que eles replicaram: Só se formos nós mesmos comprar comida para todo este povo, pois não temos mais do que cinco pães e dois peixes. — 14. Eram cerca de cinco mil pessoas. Disse então Jesus aos discípulos: Fazei que se assentem divididos em grupos de cinqüenta — 15. Os discípulos obedeceram e fizeram que todos se sentassem. — 16. Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes. levantou os olhos ao céu e os abençoou, depois os partiu e entregou aos discípulos para que os distribuíssem pela multidão. — 17. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram doze cestos com os pedaços que sobraram. (97)

Jesus, como já tivemos ocasião de ver, dispunha do poder de atrair os fluídos de que precisava e, pela sua potente vontade, atuava sobre os Espíritos, que pressurosamente lhe obedeciam. Assim foi que conseguiu, mediante transportes e pelo emprego de fluídos apropriados, multiplicar a diminuta quantidade de alimentos que os discípulos tinham ao seu dispor e desse modo satisfazer às necessidades da multidão que o rodeava.

Preparados com fluídos próprios à sua produção ordinária, aqueles alimentos adquiriram as necessárias propriedades nutritivas, de sorte que em porções mínimas saciavam a maior fome.

Aliás, para que a multidão ficasse saciada, bastaria que Jesus o quisesse, da mesma forma que bastava o seu querer, para que se operassem as curas dos doentes. Teria sido bastante que reunisse em torno dela os fluídos convenientes, reparadores e fortificantes, para que, aspirados esses fluídos, cessassem todas as exigências do estômago. Era mister, porém, que, para serem abaladas aquelas criaturas materiais, um efeito físico se produzisse, como se produziu.

Para os apóstolos, os discípulos e a multidão, foi, com os pedaços, multiplicados ao infinito, em que Jesus dividiu os cinco pães e os dois peixes, que todos se saciaram. Isso foi o que todos viram, esse o fato que às vistas de todos se verificou. Como ignorassem a origem, as causas e os meios ocultos que o produziram, todos o consideraram um milagre, conforme ainda o consideram os que se conservam estranhos à nova revelação.

Eis, porém, o que se passou: tendo nas mãos os pães e os peixes, Jesus os envolvia em fluídos apropriados à produção de tais alimentos e, dando a esses fluídos as formas e o sabor de peixes e de pães, os tornava visíveis e tangíveis e substituía os pedaços que ia retirando dos pães e dos peixes que os discípulos lhe haviam entregado. Comendo-os com o sabor e a consistência que deviam ter, a multidão estava certa de que comia sempre porções dos alimentos que o divino Mestre subdividia.

Não há nisso o que cause espanto, nem o que justifique se considere impossível o fato.

Os sonâmbulos magnéticos não tomam a água, o vinho, ou qualquer

alimento, como sendo o que se lhes diga que são, tudo em virtude da influência espírita a se exercer no homem por intermédio de um magnetizador humano? Que é, pois, o que nesse terreno não poderia fazer Jesus, pela ação da sua vontade potentíssima e tendo a secundá-lo inumeráveis falanges de Espíritos superiores?

Além disso, que a nós outros já nenhuma dúvida pode oferecer, para que nenhuma estranheza nos cause o fenômeno de que vimos tratando, será suficiente nos lembremos dos casos de transporte, tornados por assim dizer vulgares entre os pesquisadores dos fenômenos psíquicos; fenômenos pelos quais são trazidos ao compartimento onde os experimentadores se reúnem, a portas e janelas fechadas, flores e outros objetos, sem que alguém possa dizer por onde penetraram ali.

Tanto quanto a multiplicação dos pães e dos peixes, são milagrosos esses fatos, mas, apenas, para os que nada sabem da Doutrina Espírita e se lhe conservam alheios.

(97) 4º Reis, 4º, 42. — JOÃO, 6º, 1, 2 e 5.

93
MATEUS, 14º, 23 ao 33. — MARCOS, 6º, 46 ao 52. Jesus e Pedro caminham por sobre o mar

MATEUS: capítulo 14º, versículo 23. Tendo despedido o povo, subiu a um monte para orar; e, ao cair a noite, lá se achava ele só. — 24. Entretanto, a barca era impelida de um lado para outro pelas ondas no meio do mar; pois o vento era contrário. 25. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus veio ter com eles, caminhando por sobre o mar. — 26. Ao vê-lo andando sobre o mar, eles se turbaram e diziam: É um fantasma e, apavorados, se puseram a gritar. — 27. Logo, porém, Jesus lhes falou assim: Tende confiança; sou eu; nada temais. — 28. Pedro lhe respondeu: Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas. — 29. E Jesus lhe disse: Vem; e Pedro, descendo da barca, andou sobre a água em direção a Jesus. — 30. Mas, vendo que o vento estava forte, teve medo; e como começasse a submergir-se, bradou: Senhor, salva-me! — 31. Ato continuo, Jesus, estendendo-lhe a mão, o segurou e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste? — 32. Assim que subiram para a barca, cessou o vento. — 33. Então, os que estavam na barca se aproximaram dele e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o filho de Deus.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 46. Depois de haver despedido o povo, subiu a um monte para orar. — 47. Ao cair da noite, a barca se achava no meio do mar; e Jesus estava só. em terra. — 48. Vendo que seus discípulos tinham grande dificuldade em remar, por lhes ser contrário o vento, Jesus, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, caminhando sobre o mar; e queria passar-lhes adiante. — 49. Eles, porém, desde que o viram caminhando sobre o mar, supuseram ser um fantasma e começaram a gritar; — 50, pois que todos o viram e ficaram apavorados. Ele logo falou, dizendo: Tranqüilizai-vos, sou eu, nada temais. — 51. Subiu para a barca onde eles estavam e o vento cessou, e eles ainda mais espantados ficaram; — 52, visto que não tinham compreendido a multiplicação dos pães; é que seus corações estavam cegos. (98)

Jesus e Pedro caminham sobre o mar.

Nada de mais singular ou estranhável apresenta este fenômeno, do que qualquer dos outros que o divino Mestre operou e que foram tidos por “milagres”.

E tanto mais facilmente compreensível este se torna, desde que consideremos que Jesus não se achava revestido de um corpo material humano, como os nossos, que Ele era sempre um Espírito livre, com um corpo fluídico. de natureza perispirítica, de forma e aparência humanas, ao qual, pela ação exclusiva da sua vontade, privava das características humanas, dando-lhe as condições etéreas das formas puramente espirituais.

Ora, assim como o Espírito livre, sem envoltório corporal terreno, pode atravessar os ares, sem que qualquer obstáculo o detenha, igualmente pode caminhar, ou, antes, deslizar sobre as águas.

Quanto ao fato de também Pedro haver podido andar sobre o mar, para o compreendermos, basta nos lembremos de que ele era, em grau elevadíssimo, o que chamamos médium de efeitos físicos, próprio, portanto, para o fenômeno

da levitação. E este foi o fenômeno que com ele se produziu. Utilizando-se dos fluídos de que dispunha, por possuir aquela faculdade mediúnica, os Espíritos prepostos o mantiveram suspenso sobre as águas, de modo a lhe tornar possível avançar por cima da superfície líquida, como se estivesse andando sobre terreno sólido.

Graças ainda a essa mediunidade de efeitos físicos, de que era possuidor, foi que ele também conseguiu, mais tarde, auxiliado pelos Espíritos prepostos, libertar-se das correntes com que o ataram na prisão. (Atos dos Apóstolos, capítulo 12º, versículos 6 e 7.)

Razão não há para que aqui discutamos os fatos desta, ou de natureza semelhante, tão copiosos nas narrativas evangélicas, nem para que nos preocupemos com os que dizem não serem satisfatórias as explicações que deles dá a Doutrina Espírita. Trata-se de fatos que ora se tornaram freqüentes e que podem ser presenciados, examinados e analisados por quem os queira compreender. Os que o fizerem de ânimo desprevenido e com o desejo sincero de encontrar a verdade perceberão que eles são simples efeitos da ação de uma lei ainda desconhecida, ou mal conhecida na sua essência e no seu mecanismo.

Que os sábios, que pretendem tudo saber, os observem devidamente e expliquem de outra forma, se o puderem. Eles, entretanto, preferem nada ver, nada observar, nada pesquisar, para tudo negarem, como se efetivamente já tudo soubessem. Tal o invariável critério que revelam

(98) Job, 9º, 8. — Salmos, 2º, 7. — JOÃO, 1º, 49; 6º, 15, 16 e 70. — Atos, 8º, 37. — Romanos, 1º, 4.

94
MATEUS, 14º, 34 ao 36. — MARCOS, 6º, 53 ao 56. Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus

MATEUS: capítulo 14º, versículo 84. Tendo atravessado o lago, vieram eles à terra de Genesaré; — 35, e, reconhecendo-os, os do lugar espalharam a notícia por todo o país e lhe apresentaram todos os doentes; — 36, e lhe pediam que os deixasse apenas tocar na fimbria de suas vestes; e todos os que as tocaram ficaram sãos.

MARCOS: capítulo 6º, versículo 53. Tendo atravessado o lago, vieram à terra de Genesaré onde aportaram. — 54. Assim que desembarcaram, os habitantes do lugar reconheceram a Jesus. — 55. Transmitiram a notícia a todo o país e começaram a trazer de todos os lados os doentes em seus leitos, para onde quer que ouviam dizer que ele estava. — 56. Em qualquer lugar que entrasse, burgo, aldeia, ou cidade, punham os doentes nas praças públicas e pediam lhes fosse permitido apenas tocar a fimbria de suas vestes; e todos os que nelas tocavam se curavam. (99)

Já temos visto, a propósito de outros casos deste gênero, a grandeza do poder magnético de que Jesus dispunha. O tocar-lhe nas vestes, fato que, devido à ignorância das causas e dos efeitos, os homens de então tinham por necessário para que o “milagre” se operasse, não passava de um meio material que, por isso mesmo, lhes era indispensável.

A cura, porém, neste caso, como em todos os demais, resultou da ação da vontade daquele que exercia poder soberano sobre os elementos etéreos.

Os doentes se curaram todos, não por terem tocado na fímbria das vestes do Senhor, mas pela ação da sua vontade poderosa, pela ação magnética que exercia, pela emissão que fazia de si, sob aquela ação, dos fluídos apropriados a cada espécie de doença, os quais eram dirigidos para o organismo do doente.

Pelos resultados que já alcançamos ou observamos com o magnetismo humano, podemos imaginar quais fossem os que era capaz de produzir o magnetismo espiritual, manejado por um Espírito, qual o de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Já entre nós existem médiuns que curam quase instantaneamente, por meio de passes magnéticos; outros que só com a sua presença obtêm curas admiráveis e fatos já se têm verificado de o médium obter efeitos surpreendentes com o só olhar.

(99) Atos. 19º, 12.

95
MATEUS, 15º, 1 ao 20. — MARCOS, 7º, 1 ao 23. Mãos não lavadas. — Tradições humanas. — Escândalo a desprezar. — Guias cegos. — Verdadeira impureza. — O que vem do coração é que suja o homem, que o torna impuro

MATEUS: capítulo 15º, versículo 1. Então alguns escribas e fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, se aproximaram de Jesus e lhe disseram: — 2. Por que transgridem teus discípulos a tradição dos antigos, não lavando as mãos antes de comer? — 3. Respondeu-lhes ele: E por que transgredis vós os mandamentos de Deus em obediência & vossa tradição? Deus disse: — 4. “Honra a teu pai e a tua mãe”; e: “Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou sua mãe”. — 5. Vós. porém, dizeis: Quem quer que haja dito a seu pai ou a sua mãe: “Tudo que ofereço a Deus vos é útil”, satisfaz à lei, — 6, embora, em seguida, deixe de honrar a seu pai e a sua mãe. Tornastes assim nulo o mandamento de Deus pela vossa tradição. — 7. Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, dizendo: 8. “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. — 9. Ë, pois, em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens”. — 10. E chamando para perto de si a multidão, disse: Ouvi e compreendei: — 11. Não é o que lhe entra pela boca o que suja o homem. — 12. Então, os discípulos, aproximando-se. lhe disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo o que acabaste de dizer, se escandalizaram? 13. Ele respondeu: Toda a planta que meu pai celestial não plantou será arrancada pela raiz. — 14. Deixai-os, são cegos a conduzir cegos; ora, se um cego se faz guia de outro cego, cairão ambos no fosso. — 15. Disse então Pedro: Explica-nos essa nova parábola. — 16. Jesus lhe replicou: Também vós ainda sois tão baldos de inteligência? — 17. Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre e é em seguida lançado em lugar escuso’ — 18. Mas o que sai da boca vem do coração e é o que mancha o homem, o torna impuro; — 19, pois que do coração vêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os falsos testemunhos, as blasfêmias, as maledicências. — 20. Estas as coisas que mancham o homem; mas, comer sem ter lavado as mãos, não o torna impuro.

MARCOS: capítulo 7º, versículo 1. Alguns escribas e fariseus vindos de Jerusalém foram ter com Jesus; — 2, e, tendo visto seus discípulos tomarem a refeição com as mãos impuras, isto é, sem as terem lavado, os censuraram; — 3, pois os fariseus e os Judeus não comem sem terem lavado as mãos muitas vezes, guardando a tradição dos antigos. — 4. E quando voltam da praça pública não comem sem se haverem banhado, tendo muitos outros costumes mais, cuja observância lhes foi transmitida pela tradição e eles conservam, como o de lavarem os copos, os jarros, os vasos de bronze e os leitos. — 5. Perguntaram-lhe, pois, os fariseus e os escribas: Por que não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos, comendo sem terem lavado as mãos? — 6. Jesus respondeu: Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, conforme está escrito: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; — 7, é em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens” — 8, pois, deixando de lado o mandamento de Deus, observais

com cuidado a tradição dos homens, lavando os jarros e os cálices e fazendo muitas outras coisas semelhantes. — 9. E lhes dizia: Anulais totalmente o mandamento de Deus, para guardardes a vossa tradição. — 10. Assim, enquanto que Moisés disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e: Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou sua mãe; — 11, vós dizeis: Se um homem diz a seu pai ou a sua mãe: "Tudo o que ofereço a Deus vos é "útil", ele satisfaz à lei. — 12. E lhe permitis que não faça mais coisa alguma por seu pai ou sua mãe. — 13. Revogais assim a palavra de Deus pela tradição, que vós mesmos estabelecestes e deste modo fazeis muitas outras coisas semelhantes. — 14. Chamando novamente o povo para perto de si, disse: Ouvi-me vós todos e compreendei: — 15. Nada há do que existe fora do homem que, entrando nele, o possa manchar, tornar impuro; o que sai do homem é que o mancha e torna impuro. — 16. Se alguém tiver ouvido. de ouvir' que ouça. — 17. Logo que, apartando-se do povo, entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola; — 18, e ele lhes disse: Tão pouco inteligentes ainda sois? Não compreendeis que tudo o que está fora do homem, entrando nele, não o pode sujar, tornar impuro; — 19, pois que nada disso lhe entra no coração e sim desce ao ventre, donde as fezes da alimentação têm que ser expelidas e lançadas no lugar secreto? — 20. E acrescentava: O que macula o homem é o que sai do próprio homem; — 21, pois de dentro dos corações dos homens é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, — 22, os roubos, as avarezas, as iniqüidades, as felonias, a impudicícia, a inveja, a blasfêmia, o orgulho, os desregramentos. — 23. Todos estes males vêm de dentro do coração do homem e o mancham. (100)

Também nós devemos desconfiar das tradições. As palavras que sobre estas Jesus dirigiu aos fariseus ainda em nossos dias têm toda aplicação.

Com efeito, foram as tradições, quase sempre de pura invenção humana, que deturparam a lei de amor, de perdão, de olvido das ofensas, de mútuo auxilio, que Jesus pregou e exemplificou. O que, constituindo as tradições, se vê por toda parte, são práticas que não encontramos, onde quer que seja, aconselhadas pelo Divino Mestre. Devemos, portanto, desprezá-las, para observarmos, com simplicidade, com singeleza, o Cristianismo do Cristo, deixando que se escandalizem os orgulhosos fariseus de nossos dias, que nos injuriem e ridiculizem, fazendo o mesmo que fizeram os de outrora, com relação ao enviado de Deus.

Dia virá em que serão forçados a abandonar todas as tradições de que se dizem respeitosos, convertendo-se também àquela lei, mãe de todas as virtudes. Guardemo-nos dos maus pensamentos, das palavras e ações más, que para a nossa salvação é o que importa e não as tradições, que em nada concorrem para nos preservar de tudo o que nos possa macular.

Escutai-me e compreendei: Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa manchar, tornar impuro. Não é o que entra pela boca do homem o que suja, que o torna impuro; o que sai da boca do homem é que o suja e torna impuro.

Os costumes, isto é, as doutrinas, prescrições, preceitos e mandamentos de origem humana, aditados às leis reais, ou seja: às leis divinas, reveladas aos Hebreus por Moisés, é que constituíam a tradição dos antigos.

Hoje, igualmente, para os que se dizem cristãos, também há a tradição dos

antigos, formada pelas doutrinas, preceitos, prescrições e mandamentos de cunho humano, alterando, deturpando, falseando, com os seus acrescentamentos, a lei divina, contida na palavra do Mestre, na palavra evangélica que, velada pela letra, enquanto foi necessário, constitui a base, o fundamento da Nova Revelação, que a veio explicar em espírito e verdade, na época julgada própria pelo Senhor para o advento do Espírito que vivifica, em substituição da letra que mata.

Ora, assim como Jesus veio combater e eliminar a tradição dos antigos, seguida pelos Hebreus, arrancando desse modo toda planta que o Pai celestial não plantara, também agora, presentemente, o Espírito da Verdade, que representa o Cristo, complemento e sanção da verdade, vem, pela revelação nova, pelos Espíritos do Senhor, combater e suprimir tudo o que a tradição acrescentou à lei, arrancando igualmente as plantas que o Pai celestial não plantou.

O que Jesus disse dos escribas e fariseus daquela época se aplica inteiramente aos de hoje, os quais, repelindo a nova revelação, honram À Deus com os lábios, o que quer dizer — em vão, ensinando doutrinas e mandamentos humanos, como se Deus pudesse admitir a pureza exterior, quando o coração está sujo; como se pudesse aceitar o culto dos lábios, vendo que o coração se conserva frio; como se pudesse abençoar e perdoar ao homem, quando vê que este amaldiçoa e se vinga!

O ensino de Jesus mostra que todos os preceitos relativos aos alimentos, à natureza destes, à prática do jejum material e das privações corporais, destituídos de utilldade e proveito para o próximo, são vãs e inúteis aos olhos de Deus, a quem só há um jejum agradável: o jejum moral, espiritual, que o divino Pastor recomendou às suas ovelhas e que consiste na abstenção de tudo o que seja mal, isto é, de tudo o que, nos pensamentos, nas palavras e nos atos, seja contrário à lei divina, evangelicamente revelada, de justiça, de amor, de caridade e fraternidade.

Como se explica que, passados dezenove séculos, os que chamaram a si a sucessão dos Apóstolos e se declararam infalíveis, ainda insistam, depois da explicação que Jesus, respondendo a Pedro, deu aos apóstolos, acerca das práticas materiais, em prosseguir por um caminho desviado da verdade?

É que a Igreja, que os homens instituíram, sendo humana, agiu humanamente, lançando mão de leis materiais, para dominar a matéria, a bem das suas necessidades e interesses, e obstar ao desenvolvimento das inteligências que, do contrário, um dia, compreenderiam que ela se transviara, falta essa que agravou pela sua inércia, pelo seu espírito reacionário e mesmo retrógrado.

Os séculos passaram, trazendo cada um o seu contingente de civilização, de progresso, de luz. Só a Igreja se obstina em manter sobre os homens o véu com que lhes cobre as inteligências; só ela persiste em perpetuar a infância da Humanidade, quando esta, em plena virilidade, se debate por lhe fugir às peias. Aproxima-se, porém, a hora da libertação. O espírito humano, regenerado, esclarecido, esquecerá todos os chocalhos que a Igreja oferece à infância, empunhará francamente as armas do Cristo e entrará na liça.

(100) Êxodo, 20º, 12. — Provérbios, 23º, 22. — Efésios, 6º, 2. — Isaías, 29º, 13. — Ezequiel, 33º. 31. — Colossenses, 2º, 18, 22. — a Tito, 1º, 14, 15. — Romanos, 14º, 14. — Timóteo, 14º, 1, 5. — JOÃO, 15º, 2. — 1ª Epístola aos

Coríntios, 3º, 11, 12.

96
MATEUS, 15º, 21 ao 28. — MARCOS, 7º, 24 ao 30. A mulher cananeana

MATEUS: capítulo 15º, versículo 21. Partindo daí, Jesus se retirou para os lados de Tiro e de Sidônia. — 22. E uma mulher cananeana, vindo dessa região, lhe bradou: Senhor, filho de David, tem piedade de mim; minha filha está sendo cruelmente atormentada pelo demônio. — 23. Jesus não lhe respondeu uma só palavra e seus discípulos, aproximando-se, lhe rogaram: Faze o que ela pede, a fim de que se vá embora, pois vem gritando no nosso encalço. — 24. Ele respondeu: Não fui mandado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel. — 25. A mulher afinal se aproximou dele e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me. — 26. Ele lhe respondeu: Não convém pegar do pão dos filhos e dê-lo aos cães. — 27. Replicou-lhe ela: Sim, Senhor; mas os cãezinhos comem ao menos as migalhas que caem das mesas de seus amos. — 28. Disse então Jesus: Mulher, grande é a tua fé: seja-te feito como desejas. E no mesmo instante lhe ficou a filha curada.

MARCOS: capítulo 7º, versículo 24. Dali partindo foi Jesus para os confins de Tiro e de Sidônia; entrou numa casa desejando que ninguém o soubesse, mas não pôde ocultar-se; — 25, por isso que uma mulher, cuja filha se achava possessa de um Espírito impuro, tanto que ouviu dizer achar-se ele ali, entrou e se lhe prostrou aos pés. — 26. Ela era gentia e de origem siro-fenícia. Suplicou-lhe que expulsasse da filha o demônio. — 27. Jesus lhe disse: Deixa que primeiro se saciem os filhos; pois não se deve tomar do pão dos filhos para dá-lo aos cães. — 28. Ela, porém, respondeu: É verdade, Senhor, mas os cãezinhos, debaixo da mesa, comem ao menos as migalhas das crianças. — 29. Ele então disse: Vai, que, por efeito do que acabas de dizer, já o demônio saiu de tua filha. — 30. Ao regressar a casa, verificou ela que o demônio saira de sua filha, achando-se esta deitada no leito. (101)

Nesta passagem dos Evangelhos, uma apreciação se nos oferece da marcha do Cristianismo e da do Espiritismo, que lhe vem concluir a obra.

Como daí se vê, Jesus, que era e é todo amor e caridade, não repeliu verdadeiramente aquela mulher, nem lhe falou daquele modo por não pertencer ela ànação judia. Fê-lo para dar uma lição aos homens, mostrando-lhes que, por muito afastada a criatura das crenças cristãs, a fé em Deus pode operar o “milagre” que lhe ela peça. Que fora o que impelira a mulher cananeana a apelar para o Mestre, senão a confiança que depositava na sua missão divina? Quem lhe inspirou a resposta que deu ao Senhor, senão a fé viva de que se achava possuída, a confiança sem limites que Ele lhe inspirava?

O que daí podemos e devemos concluir logicamente é que obteremos tudo o que pedirmos com fé e perseverança, embora nem sempre o seja em condições que os nossos sentidos grosseiros logrem apreciar no momento. Muitas vezes, as graças que imploramos de um ponto de vista humano só na eternidade produzirão seus frutos.

O episódio de que tratamos constituiu uma lição de que necessitavam os homens daquela época e, em particular, os Judeus, e também os de agora, especialmente os católicos romanos, que se julgam com o privilégio de formar, eles sós, a família divina, de ser os únicos verdadeiros filhos do Pai celestial.

Essa não é a doutrina ensinada e exemplificada por Jesus, que considerava e considera “filhos” todos os que, sejam quais forem suas nacionalidades e seus credos, procuram sinceramente a verdade e se esforçam por trilhar as sendas da justiça, da caridade, do amor, da fraternidade.

Aos olhos do Senhor, os homens não são nem cristãos, nem católicos, nem judeus, nem muçulmanos, nem pagãos, nem heréticos, nem ortodoxos. Eles se dividem apenas em submissos à lei divina e em rebelados contra ela. Todo aquele que, em verdade, se esforce por caminhar nas veredas do Senhor, é filho do “pai de família”.

Nós outros, os espíritas, tampouco podemos considerar-nos, pelo só fato de o sermos, os únicos filhos verdadeiros. Mas, por já compreendermos melhor quais os que assim podem ser chamados, devemos desejar com ardor merecer esse título e esforçar-nos por usar dignamente dele, para o que precisamos ter fé forte e vivaz; ter a coragem das nossas opiniões e dos nossos atos, não transigindo jamais com a nossa consciência.

O pão que recebemos, destinado aos “filhos”, devemos distribui-lo abundantemente com os “cãezinhos” que, famintos, pedirem lhes seja permitido partilhar do alimento sagrado: o “pão de vida e de verdade”.

Mas, para isso, cumpre tenhamos, além de fé viva, ativa e produtiva, que nada teme, amor fecundo, abnegação completa, absoluto esquecimento das ofensas, caridade sem limites, certos de que o perdão e o benefício ocultos valem cem vezes mais do que os que se ostentam ou reclamem agradecimentos. Precisamos, enfim, ter cheios os nossos corações das virtudes que conduzem à perfeição.

Procedendo desse modo, mais tarde ou mais cedo veremos dar-se, com os incrédulos, os materialistas, ou sábios orgulhosos, os escribas, os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, que nos tempos hodiernos repelem a revelação nova, como já repeliram a palavra do Cristo e a de seus apóstolos, o mesmo que se deu outrora e se tem dado em todas as épocas: serem queimados no fogo do remorso e passarem pelas torturas e sofrimentos morais, pelas expiações, reparações e provas correspondentes à sua obstinação no erro, e se convencerem, finalmente, das verdades reveladas e exemplificadas pelo Divino Cordeiro Imaculado.

A nós espíritas, agraciados com as revelações de que são portadores ao mundo os Espíritos do Senhor, que nos importa o ridículo a que procuram lançar-nos os insensatos que, em última análise, só dão atenção e apreço ao que podem explorar a bem de seus interesses materiais; que se furtam ao estudo e à experiência e se constituem juizes em causa própria, para sempre e somente condenar o que desconhecem e ignoram, por se não terem dignado de ler os autos?

Quanto à cura da mulher cananeana, cabem as mesmas explicações dadas a propósito de outros casos análogos, de que já tratamos, dos de subjugação por Espíritos inferiores, que era o seu caso.

(101) Atos, 3º, 25, 26; 13º, 46. — Romanos, 15º, 8.

97
MARCOS, 7º, 31 ao 37. Cura de um surdo-mudo

MARCOS: capítulo 7º, versículo 31. Deixando as cercanias de Tiro, veio Jesus, por Sidônia, ao mar da Galiléla, atravessando o território de Decápolis. — 32. Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que Impusesse as mãos nele. — 33. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na língua. — 34. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: Eph pheta, isto é: "abri-vos". — 35. Logo se abriram os olvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando ele a falar distintamente. — 36. Jesus a todos recomendou que nada dissessem a ninguém; porém, quanto mais ele o proibia, tanto mais divulgavam o que viam. — 37. E cada vez mais admirados diziam: Ele tudo tem feito; tem feito que os surdos ouçam e que os mudos falem. (102)

O fato aqui referido tem, como tantos outros que já estudamos, sua explicação no poder magnético de Jesus. Exercendo, por efeito desse poder, uma ação fluídica apropriada sobre os órgãos auditivos do homem, o divino Mestre o curou da surdez. Desde que ele começou a ouvir, pôde igualmente falar, porqüanto a mudez era apenas conseqüência da surdez.

Para que a cura se produzisse, a Jesus bastava unicamente a sua vontade. Entretanto, porque precisava ensinar a seus discípulos a maneira de concentrarem a força magnética de que dispunham e o recurso à prece, a fim de alcançarem o resultado almejado, conseguindo dos Espíritos superiores o indispensável auxílio, que consistia em escolherem e lhes porem nas mãos fluídos apropriados, foi que o Mestre procedeu da forma que o Evangelista descreve. Cumpria que lhes ensinasse a utilizar-se dos diversos meios que tinham ao seu alcance, quando houvessem de operar.

Não venham, armados da sua ignorância orgulhosa, os chamados "espíritos fortes", que desconhecem completamente o poder magnético dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores, bem como a natureza dos fluídos, seus efeitos e propriedades de ação sobre o organismo humano, tachar de impossíveis estes fatos autênticos, qualificando-os de "milagres", quando é certo que todos se enquadram na ordem da Natureza e se produzem segundo suas leis. O Magnetismo prova a possibilidade de tais fatos.

(102) Isaías, 35º, 5 e 6. — JOÃO, 9º, 6; 11º, 33, 38º, 41; 17º, 1.

98
MATEUS, 15º, 29 ao 39. — MARCOS, 8º, 1 ao 10. Multidão de doentes curados. — Multiplicação de sete pães

MATEUS: capítulo 15º, versículo 29. Jesus, ao sair dali, veio costeando o mar da Galiléia e tendo subido a um monte, lá se sentou. — 30. Logo dele se acercou grande multidão onde havia mudos, cegos, coxos e muitos outros doentes que foram colocados a seus pés; e ele a todos curou; — 31, de sorte que a multidão se mostrava maravilhada por ver que os mudos falavam, que os coxos andavam, que os cegos enxergavam; e todos glorificavam ao Deus de Israel. — 32. Jesus chamou os discípulos e lhes disse: Faz-me compaixão este povo, pois há três dias está comigo e não tem o que comer; não os quero mandar embora em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho. — 33. Os discípulos lhe disseram: Onde Iríamos achar, neste deserto, pães que bastassem para saciar a tão grande multidão? — 34. Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes! Sete, responderam eles, e alguns peixinhos. — 35. Ele ordenou ao povo que se sentasse no chão, — 36, e, tomando os sete pães e os peixes e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos, que por sua vez os deram ao povo. — 37. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram sete cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 38. Ora, os que comeram eram em número de quatro mil, fora crianças e mulheres. — 39. Tendo em seguida despedido o povo, Jesus tomou uma barca e veio para os arredores de Magadã.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 1. Naqueles dias, sendo de novo muito numerosa a multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou os discípulos e lhes disse: — 2. Faz-me compaixão este povo, que há três dias está comigo e nada tem para comer. — 3. Se eu mandar que voltem para suas casas sem terem comido, desfalecerão pelo caminho, pois que alguns vieram de longe. — 4. Os discípulos lhe responderam: Onde quem os possa fartar de pão neste deserto? — 5. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Eles responderam: Sete. — 6. Ordenou então ao povo que se sentasse no chão e, tomando os sete pães e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem e estes os distribuíram pelo povo. — 7. Tinham também alguns peixinhos. Ele os abençoou e ordenou que do mesmo modo os distribuíssem. 8. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. — 9. Os que comeram eram cerca de quatro mil e Jesus os mandou embora. — 10. Logo, tomando uma barca com os discípulos, veio para as bandas de Dalmanuta. (103)

Os fatos aqui narrados são apenas a reprodução de outros que antes Jesus produzira e que já os Estudamos em páginas anteriores.

(103) Isaías, 35º, 5 e 6. – 4º Reis, 4º, 43.

99
MATEUS, 16º, 1-4. — MARCOS, 8º, 11-13. Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus e Saduceus

MATEUS: capítulo 16º, versículo 1. Os fariseus e saduceus se acercaram dele para o tentar e pediram lhes mostrasse um sinal no céu. — 2. Ele lhes respondeu: Ao cair da tarde dizeis: Fará bom tempo, amanhã, porque o céu está avermelhado; — 3, e ao amanhecer dizeis: O dia hoje será tempestuoso, pois o céu está de um vermelho sombrio. — 4. Sabeis portanto reconhecer o que pressagia o aspecto do céu e não podeis reconhecer os sinais dos tempos? Esta geração má e adúltera pede um sinal; nenhum lhe será dado senão o do profeta Jonas. E, deixando-os, se foi embora.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 11. Vieram os fariseus e começaram a discutir com ele pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal no céU. — 12. Jesus, dando um profundo suspiro, lhes disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado. — 13. E, tendo-os deixado, tomou de novo a barca e passou para a outra margem (104).

Por “fariseus” e “saduceus” os Apóstolos designavam os incrédulos. Eram tais os que foram ter com Jesus, para o tentarem, isto é, a fim de o apanharem em falta, pois não reconheciam poder no Mestre para fazer o que lhe pediam. Atualmente, a mesma coisa se verifica. Não faltam os que exigem se lhes faculte observar prodígios, como condição para que creiam. Entretanto, se fossem atendidos, não se dariam por satisfeitos: tratariam de explicar os fatos de um modo que se lhes afiguraria racional, do ponto de vista em que se colocam, e reclamariam “outra coisa”. Orgulhosos, cegos, obstinados, rebeldes, fariam como presentemente fazem os médicos, que, diante de uma cura que consideraram impossível, mas que os Espíritos efetuaram, dizem que tal se verificou, porque a enfermidade não precisava de remédio para desaparecer.

Jesus, por isso, respondeu aos fariseus e saduceus que “nenhum outro sinal seria dado àquela geração má e adúltera, senão o do profeta Jonas”.

(104) 1ª Epístola aos Coríntios, 1º, 22. — JOÃO, 6º, 30.

100
MATEUS, 16º, 5 ao 12. — MARCOS, 8º, 14 ao 21.
Fermento dos Fariseus e dos Saduceus

MATEUS: capítulo 16º, versículo 5. Seus discípulos, tendo passado para a outra margem do lago, se esqueceram de levar pães. — 6, Jesus lhes disse: Vede bem, preservai-vOS do fermento dos fariseus e dos saduceus. — 7. Ouvindo isso, os discípulos pensaram de si para si: Ë porque não trouxemos pães. — 8. Conhecendo-lhes o pensamento, Jesus lhes disse: Homens de pouca fé, por que haveis de estar pensando que vos falei por não terdes trazido pães? — 9. Ainda não compreendeis e não vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos enchestes com o que sobrou? — 10. Nem dos sete pães para quatro mil homens e dos cestos que levastes? — 11. Como pois não compreendeis que não vos falei de pão quando disse: Preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? — 12. Os discípulos então compreenderam que ele não lhes dissera que se preservassem do fermento dos pães e sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 14. Ora, os discípulos se esqueceram de prover-se de pães, de sorte que um único pão traziam consigo na barca. — 15. E Jesus lhes deu este preceito: Vede bem, preservai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes. — 16. Eles pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães. — 17. Jesus, reconhecendo-lhes o pensamento, disse: Por que cogitais de não terdes trazido bastante pão? Ainda não sabeis, ainda não compreendeis? Ainda estão cegos os vossos corações? — 18. Tendo olhos, não vedes? tendo ouvidos, não Ouvis? Perdestes a memória? — 19. Quando parti cinco pães para cinco mil pessoas, quantos cestos enchestes do que sobrou? Doze, disseram eles. — 20. E quando parti sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos cheios de pedaços ficaram? Sete, responderam eles. — 21. E Jesus acrescentou: Como é então que ainda não compreendeis o que vos digo?

Nesses conselhos que dava a seus discípulos, Jesus falava para aquela época e para o futuro, no qual a sua presciência lhe facultava ver o que sucederia.

Na interpretação que lhes deram os discípulos, encontramos a explicação precisa dessas palavras do divino Mestre. Constituem o fermento dos fariseus, do qual devemos preservar-nos, como aconselhado era aos discípulos, além das inspirações do orgulho, toda submissão covarde ao poder, o que significa a toda doutrina que nos queiram impor, desde que seja contrária à que o Cristo pregou e exemplificou, como o é, atualmente, a dos ortodoxos, católicos e protestantes, a qual, na maioria dos casos, de modo algum se conforma com a doutrina cristã, estando mesmo, as mais das vezes, em flagrante antagonismo com esta.

Sim, devemos preservar-nos de todas as inspirações do orgulho e de toda submissão covarde ao poder, sempre que este tente exercer qualquer ação sobre as nossas consciências, ou sobre os nossos atos morais. Demos a César o que é de César, mas não esqueçamos que os césares estão submetidos a Deus e que só este tem direito sobre todas as criaturas.

Espíritas convictos, que, por efeito do estudo, da meditação e dos ditames

da nossa razão livre, aceitamos a revelação nova, que vem concluir a obra do Cristianismo do Cristo, obra de regeneração da Humanidade, por meio da luz e da verdade, pela implantação da justiça, do amor, da caridade e da fraternidade universal, na Terra, devemos resistir, com respeito, mas também com firmeza, a qualquer oposição, venha de onde vier, visando impedir que executem a vontade de Deus os bons Espíritos que se comunicam com os homens, como portadores daquela revelação.

Temos um só Mestre, um único Senhor e somos todos irmãos. Convencidos e conscientes disto, propaguemos a verdade evangélica e, firmados nela, defendamos o nosso livre-arbítrio, a liberdade da nossa consciência.

101
MARCOS, 8º, 22 ao 26. Cura de um cego

MARCOS: capítulo 8º, versículo 22. Como chegassem a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediram que o tocasse. — 23. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia e, passando-lhe saliva nos olhos e impondo-lhe as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. — 24. O homem, olhando, disse: Vejo a caminhar homens que parecem árvores. — 25. Jesus lhe colocou de novo a mão sobre os olhos e ele começou a ver, ficou curado, de sorte que via tudo distintamente. — 26. Jesus o mandou embora para casa, dizendo: Vai para tua casa e, se entrares na aldeia, não digas a ninguém o que te sucedeu.

Jesus nunca se achava só. Estava sempre acompanhado. A recomendação que fez dizia respeito à visão do cego.

Da primeira vez que lhe impôs as mãos, deu-lhe o Mestre a vista espiritual. Viu ele então os Espíritos que em torno daquele se grupavam e que lhe pareceram homens de gigantescas proporções. Pela segunda imposição das mãos, Jesus lhe curou os órgãos animais, passando ele a ver os outros homens, seus semelhantes. Fora-lhe restituida a visão corporal.

Aquela, a espiritual, se desenvolvera pela ação dos Espíritos que cercavam o Mestre, os quais fizeram que o homem se tornasse, na ocasião, vidente, desembaraçando-lhe da matéria o Espírito.

A explicação desse fenômeno, que foi de desprendimento, é a mesma dos fenômenos magneto-espíritas, ou seja: dos fenômenos devidos não só ao magnetismo espiritual, mas também ao magnetismo empregado com o fim de desenvolver a visão espiritual. Pelo contacto dos fluídos humanos que o circunvolvem, o Espírito adquire maior força; seu perispírito, ou duplo, forrando-se, por assim dizer, aos eflúvios perispiríticos que o rodeiam, pode subtrair-se ao corpo que o retém, o que lhe permite recobrar, momentaneamente, uma certa liberdade.

O Magnetismo ainda ensaia os primeiros passos. O homem tem por demais desprezado o poder que o Senhor lhe pôs nas mãos; mal se dignou de lançar os olhos para a primeira página da introdução desse grande livro da Ciência.

O Magnetismo constitui objeto de estudo grave e profundo, que reclama, para se tornar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo. Esses os três auxiliares sem os quais não poderemos colher os frutos da árvore da Ciência. Com eles, saberemos repelir sempre o mal e caminhar a passos largos pela senda do progresso.

Dirigindo-se especialmente aos magnetizadores, os Espíritos lhes dizem, como enviados do Senhor: Trazeis em vós a fonte de todas as descobertas, de todas as ciências. Abri, trabalhando seriamente, as páginas desse grande livro e nele descobrireis todos os dias alguma beleza nova e vereis até onde pode chegar o poder do homem, quando tem a sustentá-lo o amor do bem, da verdade e do belo.

O magnetizador sério, que trabalhe visando o progresso da Humanidade, deve esmerar-se na escolha dos sonâmbulos que hajam de secundá-lo, certo de que cada um servirá para determinada especialidade. Um só não basta, pois que este que, como Espírito, é adiantado num dos ramos da Ciência, pode

ser completamente ignorante no que respeita a outro. Não nos referimos aqui à ciência humana, porqüanto o sonâmbulo que, na condição de encarnado, seja extremamente simples de espírito pode ser espiritualmente muito adiantado, desde que também seja simples de coração, visto que o desprendimento faculta ao homem o recebimento de inesperadas revelações, por intermédio dos Espíritos superiores, aos quais o sonâmbulo serve de instrumento.

Deve o magnetizador ter o cuidado de escolher, para seus sensitivos, pessoas de corações puros e devotados, que ele instruirá na ciência magnética, moldando-as a pouco e pouco ao gênero de trabalho para que manifestam aptidão. Assim, este, quando em êxtase, poderá ser o auxiliar de um químico; aquele projetará luz nas trevas da história; aquele outro resolverá problemas mecânicos sobre os quais a Humanidade tem encanecido, sem lhes achar solução.

Mas, para chegar a semelhante resultado, cumpre que tanto o magnetizador como o magnetizado sejam puros de coração e não busquem na Ciência uma exploração mundana, sem o que ambos verão falir suas esperanças. Afugentados os Espíritos superiores, que só se aproximam do que é puro, os mistificadores dominarão o campo.

O estado sonambúlico é, para o sensitivo, o do Espírito que se liberta do corpo, que nada mais lhe fica sendo senão um instrumento pelo qual transmita seus pensamentos e sensações, exatamente o mesmo que evocadores e médiuns são para os Espíritos.

Desenvolvido e produzido repetidamente, aquele estado eleva o Espírito, habituando-o a libertar-se da sua prisão, mesmo durante o estado de vigília. Desse modo, espalhando pouco a pouco em torno de si seus eflúvios libertadores, acostumar-se-á o homem a viver, por assim dizer, fora de si mesmo. A atmosfera que o rodeia se impregnará desses fluídos humanos e, assim como a miragem que flutua no horizonte se avoluma com as nuvens que a cercam e se lhe agregam, também esses fluídos atrairão os fluídos ambientes que nos circundam e apressarão o desenvolvimento das faculdades humanas e a emancipação das almas.

O cego viu os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus e que lhe pareceram homens gigantescos, semelhantes a árvores pela altura do porte. Como a maioria dos que vivem na Terra, ele desconhecia os efeitos do desprendimento espiritual, pelo que não pôde compreender o que se passava aos olhos de seu Espírito.

Nas aparições espíritas, ou nos casos de desprendimento do Espírito do vidente, o que mais lhe prende a atenção é a sede propriamente dita do Espírito, a parte superior da forma corpórea que se lhe apresenta. Só depois de haver notado essa parte da aparição, é que ele percebe o resto das formas, que quase sempre se mostram indistintas, como que diluídas numa espécie de vapor. Geralmente, as formas humanas, que os Espíritos conservam, são mais amplas do que o eram na Terra, podendo-se acrescentar que, nos mundos superiores à Terra, os habitantes são de estatura maior do que a nossa e revelam muito maior pureza de linhas no talhe.

Na Terra, mundo inferior, onde ainda predomina a inferioridade moral, os fenômenos magneto-espíritas são muito amiúde obra de Espíritos maus, tanto que produzem efeitos fluídicos violentos e dolorosos, ou perigosos, tais como, em particular, as subjugações corporais, ou corporais e morais ao mesmo tempo. Doutras vezes, são obra de Espíritos levianos, embusteiros, dando

lugar a mistificações.

Como, porém, tudo se passa debaixo da vigilância dos Guias, se tais efeitos se verificam, é que fazem parte da. série de provações que o encarnado tem que sofrer, pelo que os Espíritos protetores consentem que eles se dêem.

Todas as coisas têm sempre um fim sério. Assim, desde que investiguemos as causas determinantes de uma dessas mistificações, depararemos ou com uma incredulidade sistemática, ou com uma confiança orgulhosa, ou com uma credulidade, uma inexperiência que precisavam de ser esclarecidas, para conduzirem o mistificado à perspicácia e ao devotamento. Não raro, o caso constitui uma lição que convinha fosse dada às suas testemunhas, cuja atenção o encarnado atingido se incumbia de despertar.

Impondo pela segunda vez a mão no homem que estava cego, Jesus, conforme acima dissemos, lhe curou os órgãos materiais da visão, sendo-lhe restituída a vista corporal. Esse resultado, afinal, como todos os outros, de natureza idêntica ou semelhante, decorreu unicamente da ação da potente vontade do Mestre e da sua prodigiosa força magnética, sem que lhe fosse mister passar saliva nos olhos do doente, nem lhe impor as mãos, o que Ele só fez a título de ensino e de exemplo para os homens.

Desempecendo-lhe a visão espiritual, tornando-o vidente, atraiu Jesus a atenção de seus discípulos, dos homens de então, e, principalmente, dos da época atual, para os mistérios de além-túmulo, que viriam a ser desvendados. A um e outros mostrou, do mesmo passo, que aquele, cujo Espírito se acha dominado pela matéria, ou a ela escravizado, está moral e intelectualmente cego, do ponto de vista espiritual, espírita; que esse não poderá recobrar a vista, senão quando seu Espírito exercer domínio sobre a matéria, dela se desprender, isto é, se libertar para dominá-la; que desse modo é que começa.

É o progresso moral, a que o desprendimento da visão espiritual do cego servia e serve de símbolo.

102
MATEUS, 16º, 13 ao 20. — MARCOS, 8º, 27 ao 30. — LUCAS, 9º, 18 ao 21. Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação. — Alusão de relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. — Missão de Pedro na igreja do Cristo. — Verdadeira confissão

MATEUS: capítulo 16º, versículo 13. Chegando às cercanias de Cesaréia de Filipe Jesus perguntou a seus discípulos: Que é o que os homens dizem do filho do homem? — 14. Eles responderam: Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros, que é Jeremias ou um dos profetas. — 15. Jesus lhes perguntou: E vós quem dizeis que eu sou? 16. Simão Pedro respondeu: és o Cristo, filho do Deus vivo. — 17. Jesus respondeu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que Isso te revelaram, mas meu pai que está nos céus. — 18. E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. 19. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na Terra será também ligado no céu e o que desligares na Terra será desligado nos céus. — 20. Ordenou em seguida aos discípulos que a ninguém dissessem ser ele Jesus o Cristo.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 27. Jesus partiu daí com seus discípulos para as aldeias dos arredores de cesaréia de Filipe e pelo caminho lhes perguntava: Quem dizem os homens que eu sou? — 28. Responderam eles: Uns dizem que João Batista; outros que Elias; outros que um como os profetas. 29. Disse-lhes então: Mas, vós, quem dizeis que eu sou? Pedro, respondendo, disse: és o Cristo. — 30. E ele lhes proibiu que o dissessem a pessoa alguma.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 18: Sucedeu que um dia, estando de parte a orar rodeado de seus discípulos, Jesus lhes perguntou: Quem diz o povo que eu sou? — 19. Eles responderam: uns — João Batista: outros — Elias; outros — algum antigo profeta que ressuscitou. — 20. Disse-lhes ele: E vós quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: O Cristo de Deus. — 21. Ele então lhes proibiu muito expressamente que o dissessem a pessoa alguma. (105)

Estas passagens têm um duplo fim, que muito importantes as tornam: lembrar aos homens o princípio da reencarnação e não deixar esquecessem as relações medíúnicas que podem existir entre eles e as entidades espirituais. Jesus firmava assim o que mais tarde viria a ser posto em evidência, explicado e desenvolvido, em espírito e verdade, pela Nova Revelação.

Com efeito, as perguntas formuladas pelo Divino Mestre sobre o que pensavam dele as gentes e as respostas que lhe foram dadas mostram não só que a opinião geral lhe atribuia uma origem espiritual anterior àquela sua vida terrena, vendo nesta uma existência nova num novo corpo, o que envolvia a idéia da preexistência da alma e da reencarnação, como também que os hebreus sabiam, embora confusamente, pelas tradições conservadas, que o homem pode voltar muitas vezes à Terra, para concluir uma obra começada e interrompida pela morte humana.

Ora, não contestando a opinião segundo a qual Ele podia ser a

reencarnação de um Espírito, como o de Elias, João, ou outro, Jesus confirmou a hipótese do renascimento, perguntando: E vós quem dizeis que eu sou? — hipótese que também confirmou no seu colóquio com Nicodemos.

"Se a crença de reviver na Terra, diz o autor da Divina Epopéia, sob o nome de ressurreição, a que hoje, pela revelação nova, chamamos reencarnação, fosse um erro, Jesus, o verbo de Deus, a luz verdadeira que alumia a todo que vem a este mundo, não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Ao contrário, Ele a sancionou, proclamando-a como uma condição necessária e indispensável para o progresso e adiantamento da Humanidade".

Não te admires de eu dizer: é necessário que torneis a nascer, observou o divino Mestre a Nicodemos (Evangelho de João, capítulo 3º, versículo 7). Deste modo ratificou Ele, conforme acima dissemos, a lei natural do renascimento, da reencarnação, apresentando-a como uma realidade e realidade ante a qual se dissipam todas as dúvidas oriundas dos absurdos que, sob a capa do milagre, pretendem os ortodoxos que admitamos. A reencarnação, pois, o renascimento, a obrigação que tem o Espírito de reviver, como meio de chegar ao estado de pureza integral, idéia que já se continha na revelação hebraica, que constituiu princípio fundamental na revelação messiânica, mas que não foi apreendida por virtude das interpretações literais a que estiveram sujeitas essas revelações, constitui hoje, pela revelação nova, que as vem explicar em espírito, uma verdade axiomática, expressão fiel do pensamento do Mestre Divino.

E vós quem dizeis que eu sou? — perguntou Jesus a Pedro, que lhe respondeu: És o Cristo, Filho do Deus vivo, isto é, o Enviado do Senhor. Retrucando, Jesus lhe fez ver que o conhecimento dessa verdade lhe fora dado por uma revelação vinda do Pai que está nos céus.

De fato, como podia Pedro saber, para o afirmar com tanta segurança e firmeza, que Jesus era o Enviado de Deus, se tal coisa lhe não houvera sido revelada? E de que modo pudera ter tido essa revelação, a não ser por uma inspiração mediúnica? Ë claro que, na ocasião, ele foi apenas o instrumento que serviu para a revelação de uma verdade, ou de um médium falante.

Logo, podemos e devemos concluir não só que Pedro era médium, como que já então se davam essas revelações a que a Doutrina Espírita chama mediúnicas.

Efetivamente, dotado de uma organização física bastante maleável para se prestar a todas as influências mediúnicas, Espírito intelectualmente mais adiantado do que os dos outros apóstolos, Pedro era, dentre estes, o que possuía em maior extensão e poder os dons da mediunidade. Era, pois, o que mais se prestava a servir de pedra fundamental para a construção da Igreja do Cristo: "E eu te digo que és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja".

Quer isto dizer que sobre a mediunidade é que assenta essa Igreja, que assim repousa em alicerce inabalável, porqüanto a faculdade que aquele apóstolo possuía havia de espalhar-se, como realmente aconteceu e está acontecendo, mais do que nunca, nos tempos atuais, sem que o menor dano lhe possam causar os ódios sectaristas, nem os interesses de qualquer natureza: "contra ela não prevalecerão as portas do inferno".

Assim sendo, é claro que todos os verdadeiros espíritas e, sobretudo, os médiuns sinceros e humildes servirão para aquela construção, trazendo-lhe cada um a sua pedra.

E, de tal modo, eles poderão, como Pedro, espalhando de mais em mais, em torno de si, a luz que forem recebendo, ligar também e desligar na Terra, certos de que o Senhor ligará e desligará no céu.

Não quer isso dizer, está visto, que o homem, quem quer que ele seja, tenha o poder de absolver ou condenar, proferindo sentenças das quais não haja apelação, nem mesmo para Deus. Quer unicamente significar que, conservando a integridade da alma e a pureza do coração, obtendo, em conseqüência e cada vez mais, as luzes que trazem os bons Espíritos, se tornarão também cada vez mais aptos a julgar das coisas da Terra e das coisas do céu, a dirigir pelo bom caminho os outros homens, a distinguir com segurança os que se desviam e os que marcham fiéis e a poder fazer-lhes sentir isso, sem perigo de erro.

E não se argumente tampouco com as palavras de Jesus declarando Pedro a pedra fundamental da sua Igreja, para sustentar-se a infalibilidade do papa, chamado o sucessor daquele apóstolo e o vigário exclusivo do Cristo na Terra.

Aquelas palavras foram especialmente dirigidas a Pedro que, Espírito adiantado e devotado e, além disso, excelente instrumento mediúnico, conforme já dissemos, dispunha, por ser da vontade de Jesus e graças aos Espíritos superiores que o assistiam, de uma perspicácia, que não podemos avaliar com exatidão. Sua visão penetrante descia ao fundo das consciências, sondava os mais íntimos pensamentos e constante era a sua comunicação com os emissários divinos. Ora, achando-se em tais condições, ao seu alcance estava ligar e desligar na Terra (o que também se pode traduzir por admitir ou não na Igreja do Cristo que, em sua origem, era simples reunião de fiéis, os que se propunham a ingressar nela), visto que não fazia mais do que pronunciar, em voz humana, os decretos que espiriticamente lhe eram transmitidos.

Digam-nos, porém: quantos Pedros já se contaram entre os que se hão instituído seus sucessores?

Se os dons, as virtudes e os demais predicados por que Pedro se distinguia entre os discípulos não eram inerentes à sua individualidade, mas ao encargo que o Mestre lhe conferiu de pastorear o pequeno rebanho que formava a primitiva Igreja Cristã, nem só nenhuma razão haveria para que fosse ele o escolhido e não outro, nem com os que se disseram seus sucessores se teriam dado os fatos que a história dos Papas e dos Concílios registra, fatos que mais ou menos continuam a reproduzir-se e que explicam o desprestígio da Igreja de Roma, que tende a desaparecer. Não vêem os homens do Silabo, dos dogmas impostos pelo terror das fogueiras e dos martírios que, numa época como a atual, em que a razão se emancipa de todas as tutelas, já não é possível a imposição da fé cega?

Não, as coisas vão mudar. Passado o tempo das fogueiras e dos apavorantes anátemas, despojado o Chefe da Igreja do poder temporal, que mal e indevidamente exercia, porque o Mestre disse: Regnum meum non est in hoc mundo (106), o prestígio, o poder, o reinado daquele que queira ser ou haja de ser sucessor de Pedro somente poderão demonstrar-se pela caridade, pela humildade, pelo desinteresse, pela mansidão e abnegação, que foram as armas com que o Manso Cordeiro de Deus apeou potentados e derrocou tronos de déspotas, a todos se sobrepondo pela exemplificação daquelas virtudes sublimes. Mesmo, porém, que um homem aparecesse revestido de tais virtudes, ainda assim não poderia, só por isso, considerar-se sucessor de

Pedro, que não mostrou apenas possuí-las, mas se distinguiu entre os demais discípulos, muito embora estes também fossem exemplificadores dos ensinamentos de Jesus.

Não, Pedro não teve, nem tem sucessor na Terra. Quem pudera ou pode haver sucedido a esse altíssimo Espírito, que preside ao progredir da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus? Ele continuou e continua no desempenho da sua missão espiritual, depois de haver desempenhado a sua missão humana. Desempenhando esta última, deu princípio, com o concurso dos outros apóstolos e dos discípulos que se lhe associaram, à edificação da Igreja do Cristo e, desempenhando a sua missão espiritual, prossegue na execução desta obra e a concluirá.

E as portas do inferno não prevalecerão contra ela, porque, sendo a Igreja do Cristo o conjunto dos filhos do Senhor, não será atingido pelo sofrimento e pela expiação aquele que, tendo sabido manter a integridade do coração e da alma, se esforçou por cumprir, segundo a lei divina, todas as suas obrigações, todos os seus deveres, para com Deus e para com os homens.

Pedro foi um discípulo enérgico, devotado, fiel até à morte. Quem quer que construa sobre tal base não terá que temer as portas do inferno.

Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, isto é: o conhecimento exato dos meios de chegar à perfeição moral.

Essas chaves a Igreja de Roma desprezou e deixou se perdessem. De modo algum, portanto, pode o seu chefe considerar-se sucessor do grande apóstolo. Detenha-se ela no caminho errado por onde funestamente enveredou, volte ao verdadeiro caminho e continue a percorrê-lo do ponto até onde chegaram Pedro e os apóstolos, os discípulos e seus primeiros imitadores, que achará a Igreja do Cristo cuja edificação eles começaram e que o Espírito da Verdade vem, progressivamente, ampliar e concluir.

Compreenda ela o sentido verdadeiro das palavras que Jesus dirigiu a Pedro e aos Apóstolos, sentido que espiriticamente é hoje revelado pelos enviados do Mestre Divino, e, então, como os verdadeiros espíritas, também trabalhará, inspirada pelo Espírito da Verdade, na edificação da Igreja do Cristo. Só então poderá, realmente, ligar e desligar — o que, bem entendido, não quer dizer absolver ou condenar seus irmãos — mas tornar-se, pela integridade do coração e da alma, pela obtenção das luzes dos bons Espíritos, atraindo-os por aquela integridade, cada vez mais apta a julgar das coisas da Terra e das coisas do céu, a dirigir os homens pelo bom caminho, que é o dos mandamentos que Jesus declarou encerrarem toda a lei e os profetas, e a distinguir com exatidão os que se desviam e os que marcham fiéis pela senda que Ele traçou.

(105) JOÃO, 1º, 42; 6º, 69. — 1ª Epístola à João, 4º, 15. — Atos, 8º, 37. — Hebreus, 1º, 2, 5. — Efésios, 2º, 8. — 1ª Epístola aos Coríntios, 2º, 10. — Gálatas, 1º, 16. — Apocalipse, 21º, 14. — Isaías, 51º, 16.

(106) Ao nosso ver, a privação do poder temporal, se foi, individualmente, um mal, ou uma perda sensível para o Sumo Pontífice, não o foi para a Igreja de que é ele o chefe, visto que redundou no desaparecimento do que melhor provava não ser essa Igreja a do Cristo. Não sendo deste mundo o reino do Filho de Deus, sua não podia ser a Igreja cujo reinado era todo deste mundo. O ter sido despojado daquele poder, valeu, pois. para a Igreja Romana por uma como galvanização. Graças a isso é que

ainda pôde ostentar a aparência de prestígio de que gozou nestes últimos tempos. Obtendo, como recentemente obteve, em 1929, que lhe restituíssem o poder temporal é que ela decretou a sua própria e definitiva condenação, volvendo a oferecer ao mundo, quando no Espiritismo ressurge o verdadeiro Cristianismo, a demonstração iniludível de que nela não está o espírito da Doutrina Cristã, de que ela é a antítese da Igreja Universal do Cristo.

103
MATEUS, 16º, 21 ao 23. — MARCOS, 8º, 31 ao 33. — LUCAS, 9º, 22. Predição. — Palavras de Pedro. — Resposta de Jesus

MATEUS: 16º, versículo 21. Em seguida começou Jesus a declarar aos discípulos ser preciso que Ele fosse a Jerusalém, que aí sofresse muito dos anciães, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes, que aí fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia. — 22. Pedro, chamando-o de parte, se pôs a repreendê-lo, dizendo: Tal não aconteça, Senhor; nada disso te sucederá. — 23. Jesus, voltando-se para Pedro, lhe disse: Afasta-te de mim, Satanás, tu me és motivo de escândalo, pois que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 31. E começou a lhes declarar ser preciso que o filho do homem sofresse muito e que fosse rejeitado pelos anciães, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que fosse morto e que ressuscitasse três dias depois. — 32. Como falasse abertamente dessas coisas, Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo. — 33. Jesus, porém, voltando-se e olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Tira-te da minha frente. Satanás, pois que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 22. E acrescentou: É preciso que o filho do homem sofra muito e que seja rejeitado pelos anciães, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que lhe seja dada a morte e que ressuscite no terceiro dia. (107)

MATEUS, capítulo 16º, versículo 21; MARCOS, capítulo 8º, versículo 31; LUCAS, capítulo 9º, versículo 22. — Tendo Jesus descido à Terra para dar aos homens a maior prova, o maior exemplo de amor e de abnegação que eles podiam receber, cumpria-lhe preparar seus discípulos para aquele ato importantíssimo da sua missão, a fim de que, aos olhos de todos, na época, como no futuro, ficasse demonstrado que sua “morte” e “crucificação” estavam previstas, não foram acontecimentos puramente humanos.

Servindo-se das expressões — ser morto, ‘ressuscitar —. o Cristo usava de uma linguagem que os homens pudessem compreender. Apresentando o seu corpo a aparência da corporeidade humana, importava-lhe passar pela metamorfose da morte. Depois, deixando no esquecimento o corpo de carne de que parecia revestido, cumpria-lhe mostrar-se aos homens, para que ficasse comprovada a sua identidade. Era, portanto, preciso que os homens fossem prevenidos do acontecimento que sobreviria, a fim de lhe apreenderem a razão, porqüanto os próprios discípulos não teriam compreendido o fato do reaparecimento do Mestre, se o não houvessem considerado do ponto de vista da ressurreição, no sentido que davam a este termo.

Para os hebreus, a ressurreição consistia na volta da alma a um corpo de carne, a um corpo material, sem indagarem se se tratava sempre do mesmo corpo, sem inquirirem da origem, nem do fim de tal corpo. Mas, tanto os discípulos, como, em geral, os hebreus compreendiam a ressurreição que Jesus anunciara como tendo que ser a volta de sua alma ao mesmo corpo. Essa a razão por que Ele permitiu a Tomé que pusesse a mão na abertura que

lhe haviam feito de um lado e os dedos nas chagas que os cravos lhe abriram nas mãos e nos pés, retomando, para esse efeito, o seu corpo que, como sabemos, era fluídico, de natureza perispirítica, com a tangibilidade, a consistência, a aparência de um corpo humano.

Conseguintemente, sendo tal a natureza do corpo de Jesus, não houve, com relação a Ele, nem morte, nem ressurreição, no sentido que então era dado a estas expressões. Houve apenas aparência de uma e outra coisa.

Foram todos morais os sofrimentos que o Mestre suportou na cruz. O que das chagas lhe saía era uma combinação puramente fluídica, com a aparência de sangue.

Sem dúvida, estas revelações são de molde a alarmar, como de fato têm alarmado, muitas criaturas aferradas às torturas físicas do grande modelo que nos foi enviado. Porém, forçoso é vejamos em Jesus somente um Espírito, Espírito superior a todos os outros que concorreram para a formação do nosso planeta e cujos sofrimentos, portanto, foram todos morais, decorrentes do amor que consagrava e consagra a seus protegidos, por vê-los tão endurecidos.

Dizemos — seus protegidos —porque Ele é o nosso protetor, o governador do nosso planeta. Nessa qualidade, experimentava o sofrimento que causa a uma mãe terna e carinhosa o ter que punir o filho bem-amado.

Nos últimos momentos do seu sacrifício na cruz, limitou-se a dizer em voz alta: Tudo está consumado, eis-me aqui, Senhor, para mostrar aos homens, por meio de um exemplo prático, a resignação, a obediência e a submissão com que se devem eles comportar, diante das vontades do soberano Senhor. O brado que soltou do cimo do madeiro não foi tampouco um brado de sofrimento. Deixando-o escapar no momento de “render a alma” (está claro que apenas no entender dos homens), fé-lo com o intuito de lhes chamar a atenção para aquele instante supremo e lhes fazer compreender, por uma expansão de alegria e não de angústia, a felicidade do Espírito que se desprende do seu grosseiro invólucro, para se elevar ao seu Criador.

Não faltarão os que digam: “Que mérito era o dele em se submeter a tais torturas, se não experimentava os sofrimentos físicos, uma vez que apenas aparente era o seu corpo.” Não compreendem os que assim falam, que os sofrimentos morais são de intensidade infinitamente maior do que os sofrimentos físicos; que o sofrimento, na essência espiritual, é mais forte e mais vivo do que o possam ser, para os nossos corpos, quaisquer sofrimentos humanos, ainda os mais agudos. Todos conhecemos desgostos, mágoas e torturas morais superiores a qualquer dor física, tanto que de bom grado os trocaríamos por dores desta natureza.

Jesus sofreu, sim, sofreu cruelmente, não na sua “carne”, mas em seu “espírito”. Cada pancada do martelo nos cravos que lhe traspassavam as mãos e os pés fluídicos, mas tangíveis, lhe ia ferir a sensibilidade delicadíssima e lhe fazia correr da alma o sangue mais precioso: o do amor e do devotamento que nos consagra. O divino modelo, que por nós subiu ao Calvário, que padeceu por nós, sofreu e sofreu muito, conforme mostraremos oportunamente, quando voltarmos a este ponto. (108)

Quanto ao haver desaparecido do sepulcro o corpo de Jesus, é um fato que se explica pela mesma natureza fluídica do invólucro corpóreo que Ele constituiu para o desempenho de sua missão e cujos elementos componentes fez que voltassem ao meio de onde os tirara, uma vez concluída aquela missão, retomando a partir daí, e continuando, como Espírito, Espírito puro e

perfeito, a desempenhar a sua missão espiritual, na qualidade de protetor e governador do nosso planeta, missão que neste momento desempenha entre nós por meio do Espírito da Verdade e da Nova Revelação.

MATEUS, capítulo 16º, versículo 22; MARCOS, capítulo 8º versículos 32 e 33. — As palavras que Pedro dirigiu a Jesus, ao acabar este de predizer os seus sofrimentos, “morte” e “ressurreição”, e também a resposta do Mestre àquele apóstolo, se explicam da maneira seguinte: Do mesmo modo que os médiuns atuais, Pedro nem sempre estava debaixo de uma influência estranha e, desde que isso se verificava, seu Espírito agia livremente. Foi, pois, como homem que ele se viu presa do temor de perder o seu Mestre querido. Não era possível que estivesse privado sempre do seu livre-arbítrio. Poder-se-á, porventura, admitir, ou supor, sequer, haja sido a inspiração dos bons Espíritos que o levou a negar o Mestre?

Quanto à severidade da resposta de Jesus, nada tem de estranhável, quando se sabe que todo Espírito encarnado é fraco e falível, pelo só fato de ser encarnado, e que o Mestre não podia deixar de querer se mantivesse Pedro constantemente em guarda contra as fraquezas humanas, que sempre tornam a criatura incapaz de sentir o gosto das coisas de Deus e só ter o das coisas do mundo.

A expressão satanás, de que usou com relação àquele apóstolo em sentido puramente figurado, significa a má influência, a má inspiração. Eram elas que faziam procurasse ele desviar o Mestre do cumprimento do seu dever.

Respondendo a Pedro por aquela forma, apropriada ao momento e ao futuro, deu-nos Jesus uma grande lição: a de que a vontade do Senhor tem que predominar sempre sobre qualquer vontade; que todos, encarnados e desencarnados, temos que nos curvar às suas leis, com submissão, respeito e amor, mantendo-nos em guarda contra as fraquezas humanas.

Humildes de coração, auxiliemo-nos mutuamente, em tudo e por tudo e, com alegria que exprime reconhecimento, recebamos as provas que ao Senhor praza enviar-nos, tendo os nossos lábios e as nossas almas prontos sempre a bem dizer de todas as suas decisões. Não choremos nunca, sobretudo nós, os espíritas, que recebemos a luz, pois que as de gratidão são as únicas lágrimas que a fé pode verter.

Possuindo a presciência do futuro, Jesus antevia as fases e condições dos progressos vindouros. Todas as suas palavras, portanto, eram ditas para aquele momento e alcançavam o futuro. Assim, quando disse a Pedro: “Afasta-te de mim, Satanás, etc.”, o divino Mestre abrangia na sua apóstrofe as fases de erro e de materialidade que atravessaria sua sublime doutrina de amor, perdão e bondade, por efeito dos dogmas e mandamentos humanos, que a deturpariam; por efeito do orgulho, da intolerância do fanatismo, do espírito de dominação, do despotismo religioso; por efeito da predominância do gosto pelas coisas dos homens, isto é, das honrarias, do fausto, das dignidades, do poder, dos favores e vantagens de ordem espiritual e temporal, que não são coisas de Deus. Com relação à época atual, aquelas palavras atingem a todos os que se mostrem hostis e rebeldes à Revelação Espírita, trazida ao mundo pelos Espíritos do Senhor, como hostis e rebeldes à Revelação Cristã se mostraram os escribas, os fariseus, os príncipes dos sacerdotes e seus adeptos.

(107) 2º Reis 19º, 22. — Romanos, 8º, 7.

(108) Aliás, com os progressos que a ciência espírita tem realizado e que são Imensos em nossos dias; com os subsídios importantes que para esses progressos têm trazido as experiências, a que os cientistas deram o nome de "metapsíquicas", sobre o que eles mesmos convencionaram chamar "ectoplasma", experiências, em muitas das quais se há observado o reflexo dolorosíssimo que produz no médium qualquer abalo mais ou menos violento nas formações ectoplásmicas, já se pode reconhecer não só que dos sofrimentos ditos "físicos" não esteve isento o Divino Mestre, por ser de natureza perispirítica o seu corpo, como também que esses sofrimentos foram, para Ele, mais agudos e intensos do que os mais vivos que experimentemos, por intermédio dos nossos corpos grosseiros, de carne putrescível.

104
MATEUS, 16º, 24 ao 28. — MARCOS, 8º, 34 ao 39. — LUCAS, 9º, 23 ao 27. Meios e condições sem os quais não se pode ver na Terra o reino de Deus, em todo o seu poder

MATEUS: capítulo 16º, versículo 24. Disse então Jesus a seus discípulos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 25, porqüanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará. — 26. De que serve a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? Que preço dará o homem para recobrar sua alma? — 27. Pois o filho do homem tem que vir na glória de seu pai, com seus anjos: e então dará a cada um de acordo com suas obras. — 28. Em verdade vos digo: Alguns há, entre os que aqui se acham, que não morrerão sem ter visto o filho do homem vindo ao seu reino.

MARCOS: capítulo 8º, versículo 34. E, chamando para junto de si o povo e os discípulos, disse: Se alguém me quiser acompanhar, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me; — 35, porqüanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá, mas aquele que perder a vida por minha causa e do Evangelho a salvará. — 36. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? — 37. E que daria o homem em troca da sua alma? — 38.Aquele que de mim se envergonhar e das minhas palavras, nesta raça adúltera e pecadora, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier, acompanhado dos santos anjos, na glória de seu pai. — 39. E acrescentou: Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto chegar o reino de Deus em seu poder.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 23. E dizia a todos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 24, porqüanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a salvará. — 25. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo Inteiro, fazendo-o em seu detrimento, e perder-se? — 26. Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos. — 27. Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto o reino de Deus. (109)

O devotamento absoluto, a submissão sem limites são as condições únicas de chegarmos à perfeição relativa que a Humanidade pode alcançar. Dedicando-nos aos nossos irmãos, pela prática sem reservas da caridade, submetendo-nos aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, observando, em todos os nossos atos, os preceitos morais que Ele pregou e exemplificou, estaremos no caminho seguro da nossa salvação. Sujeito às necessidades materiais e aos instintos humanos, cumpre que o homem regule a sua existência, tendo sempre em vista que o seu corpo é um empréstimo que o Senhor lhe fez, como meio de efetuar a sua depuração e chegar até Ele. Não deve apegar-se a esse corpo, nem ao tesouro que acumulou, porqüanto nenhum dos dois o salvará no outro mundo.

Aquele que se entrega aos gozos materiais entra para a categoria dos que

perdem a alma pelos bens mundanos, dos que a “vendem ao demônio”, para usarmos de uma frase tantas vezes repetida e tão mal compreendida. Consagrarmos o nosso corpo, isto é, a nossa dedicação, o nosso trabalho, os nossos esforços ao bem da Humanidade, afrontando incômodos e contrariedades, empregando as riquezas que possuamos em auxiliar, com critério e prudência, os nossos irmãos, é caminharmos para a salvação. Fazer o contrário é gozar materialmente, negligenciando a verdadeira felicidade.

Que todos os nossos atos e pensamentos tenham a guiá-los a gratidão ao nosso Deus e o amor aos nossos irmãos; que nunca o egoísmo, ou o interesse pessoal manchem a pureza das nossas consciências.

As palavras de Jesus, com relação aos que dele se envergonham, abrangendo o passado, o presente e o futuro, dizem respeito aos que se riem, ridiculizam e fogem das coisas santas, de medo do ridículo. Com referência, especialmente, à era nova que se abre para a Humanidade com o advento do Espiritismo e que irá até que comece a separação do joio e do bom grão, elas entendem com os que, depois de terem conhecido a verdade, usarem de disfarces para, pelo respeito humano, não confessarem suas convicções. Desses, que são os que se envergonham de Jesus, também Ele se envergonhará. Esses, quando chegar o momento daquela separação, se se conservarem culpados, rebeldes, morrerão para o nosso planeta. Quer isto dizer que não mais lhes será permitida a reencarnação na Terra. Ao terem de encarnar, ver-se-ão constrangidos a fazê-lo em planetas inferiores a este, onde, como condição necessária a que melhorem moralmente e progridam, a expiação corresponderá à duração da falta.

Aludindo aos que não morrerão (ou não “gostarão a morte”, como se lê nalgumas traduções dos Evangelhos), sem terem visto chegar o reino de Deus em seu poder, Jesus se referia à categoria de Espíritos que, encarnados naquela época, tinham de chegar, de reencarnação em reencarnação, ao tempo em que o reino de Deus se estabelecerá realmente na Terra; em que o divino Mestre se mostrará em todo o seu esplendor aos homens, bastante puros, então, para poderem suportar o fulgor do seu Espírito. A maior parte daqueles a quem Ele se referia, falando dos que viveriam na Terra ao tempo da sua vinda, serão, nesse tempo, Espíritos purificados e se acharão reencarnados em missão.

(109) Deuteronômio, 24º, 16. — Salmos, 48º, 7, 8, 9. — Daniel, 7º, 10. — Zacarias, 14º, 5. — Job, 34º, 11. — Jeremias, 17º, 10. — JOÃO, 12º, 25. — Timóteo, 3º, 12. — Romanos, 2º, 6. — 1ª Epístola aos Coríntios, 3º, 8. — 1ª Epístola à Pedro, 1º, 17. — Apocalipse, 2º, 23; 20º, 12; 22º, 12.

105
MATEUS, 17, 1 ao 9. — MARCOS, 9º, 1 ao 9. — LUCAS, 9º, 28-36 Transfiguração de Jesus no Tabor. — Aparição de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os discípulos —Voz que saiu dessa nuvem e palavras que proferiu

MATEUS: capítulo 17º, versículo 1. Seis dias depois, Jesus chamou a Pedro. a Tiago e a João, irmão de Tiago e, afastando-se com eles, os conduziu a um monte elevado. 2. E se transfigurou diante deles: seu rosto resplandeceu como o Sol, suas vestes se tornaram brancas como a neve. — 3. E eis lhes apareceram Elias e Moisés, que com Ele falavam. — 4. Disse então Pedro a Jesus: Senhor, estamos bem aqui; se quiseres faremos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 5. Pedro ainda falava quando uma nuvem luminosa os cobriu e uma voz, que da nuvem saía, disse: Este é meu filho dileto em quem hei posto todas as minhas complacências; escutai-o. — 6. Ouvindo isso, os discípulos caíram de rosto em terra, presas de grande temor. — 7. Jesus se aproximou, tocou-os e lhes disse: Levantai-vos e não temais. — 8. Erguendo então os olhos, eles a ninguém mais viram senão somente a Jesus. — 9. Quando desciam do monte, Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a pessoa alguma do que vistes, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 1. Seis dias depois, Jesus chamou de parte a Pedro, a Tiago e a João e os levou consigo a um alto monte e se transfigurou diante deles. — 2. Suas vestes se tornaram brilhantes e alvíssimas como a neve, de uma brancura tal como nenhum pisoeiro na terra poderia conseguir. — 3. E lhes apareceram Elias e Moisés a falarem ambos com Jesus. 4. Disse Pedro então a Jesus: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 5. Ele não sabia o que dizia, pois todos três estavam aterrorizados. 6. Uma nuvem se formou e os cobriu; e dela uma voz saiu, dizendo: Este é meu filho muito amado, escutai-o. — 7. Logo, porém, olhando à volta de si, a ninguém mais viram, senão a Jesus. — 8. Quando desciam do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. — 9. E eles guardaram segredo do fato, excogitando entre si o que quereria dizer: Até que o filho do homem ressuscite dentre os mortos.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 28. Cerca de oito dias depois de haver dito essas palavras, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João e subiu a um monte para orar. — 29. E, enquanto orava, mudou-se-lhe o semblante; suas vestes se tornaram alvas e resplandecentes; —30, e eis que dois homens com Ele falavam, a saber: Moisés e Elias, — 31, que apareceram cheios de glória. Falavam-lhe da sua saída do mundo, a verificar-se era Jerusalém. — 32. Pedro e seus dois companheiros, que haviam adormecido, despertando, viram a majestade de Jesus e os dois homens que com Ele se achavam. — 33. Sucedeu que, quando estes se iam afastando de Jesus, Pedro, não sabendo o que dizia, propôs: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 34. Quando ele ainda falava, veio uma nuvem e os cobriu; e como a nuvem os envolvesse, amedrontaram-se. — 35. E

uma voz saiu da nuvem dizendo: Este é meu filho bem-amado; escutai-o. — 36. Enquanto a voz falava, Jesus estava só. Os discípulos se calaram, nada disseram a ninguém, por então, do que tinham visto. (110)

O fenômeno, que se produziu no monte Tabor, em presença de Pedro, Tiago e João, foi uma formidável manifestação espírita, que teve por fim mostrar a elevação espiritual de Jesus, afirmar a sua missão como Cristo, filho do Deus vivo, Cristo de Deus, e enunciar, sob um véu que a nova revelação levantaria mais tarde, as promessas para o futuro. Retomando, momentaneamente, diante daqueles discípulos, por meio da transfiguração, os atributos da natureza que lhe era própria, se bem que velados ainda, pois de outro modo eles não lhes teriam podido suportar o brilho, Jesus lhes dava uma idéia da sua grandeza espiritual e da glória da vida por que eles ansiavam.

A presença, visível para os discípulos, de Moisés e Elias que, como outros Espíritos, tanto e ainda mais elevados, rodeiam incessantemente a Jesus, foi um meio de que se serviu este para lhes ferir a imaginação e de, por assim dizer, confirmar, diante dos mesmos discípulos, a sua elevação espiritual e que Ele era o Cristo, o Messias prometido. Ambos, Moisés e Elias, haviam anunciado o Messias; a presença ali dos dois como que sancionava e santificava, aos olhos dos Apóstolos, a missão que Ele, Jesus, desempenhava.

A voz que saiu da nuvem e que se foi perdendo no espaço, depois de haver dito: “Este é o meu filho bem-amado, em quem pus todas as minhas complacências; escutai-o, afirmava, dessa forma, em nome do Todo-Poderoso, do Pai, a missão de Jesus, como sendo o Cristo, filho do Deus vivo.

Atestando, aquela presença, a intervenção dos Espíritos junto dos homens, o fato de que tratamos foi a revelação, aos apóstolos, da realidade das manifestações espíritas. Constituía, pois, uma promessa feita para o futuro, promessa que se cumpre agora, quando tais manifestações se produzem ostensivamente por toda a parte, explicadas e tornadas compreensíveis pela Nova Revelação outorgada ao mundo mediante tais manifestações.

Verifica-se, pois, que são chegados os tempos então preditos. Nessas condições, a Revelação Espírita é bem o outro Consolador, o Espírito da Verdade, que Jesus, o Messias prometido por Moisés e Elias, a seu turno prometeu. Assim como há dois mil anos se cumpriu a promessa desses dois grandes profetas, hoje se cumpre o que prometeu Aquele cujo advento constituíra objeto daquela promessa.

Escolhidos por serem os que apresentavam condições físicas mais favoráveis a torná-los aptos, mediunicamente, à produção da manifestação espírita que se ia dar, os três discípulos, Pedro, Tiago e João, caíram nesse estado de sonolência, de torpor, em que ficam os médiuns, quando se dá uma forte manifestação espírita. E o fato da transfiguração se produziu para eles, com o esplendor correspondente à elevação dos Espíritos que no mesmo fato tomavam parte. Os Espíritos, como o ensina a Doutrina Espírita, têm a faculdade de tornar-se visíveis e tangíveis, sob a forma humana, e transfigurar-se, reunindo em torno de si os fluídos luminosos que sejam necessários ao fenômeno.

A resplendência que tomaram as vestes de Jesus, as quais, segundo diz o Evangelista, eram de alvura tal, que nenhum pisoeiro da Terra jamais poderia consegui-la, foi uma confirmação da elevação sem par do Cristo, pois que aquelas palavras, entendidas em espírito e verdade, significam que na Terra

ninguém jamais poderia igualá-lo em elevação. Com efeito, ainda quando haja alcançado a perfeição sideral, isto é, se tenha tornado puro Espírito, qualquer dos que encarnem no nosso planeta será sempre menos adiantado do que Jesus: ser-lhe-á inferior em ciência universal. Ë que Jesus, Espírito que, como todos os demais, teve a mesma origem, partiu do mesmo ponto de inocência e ignorância, havendo chegado sem o menor desvio, sem a mais ligeira falta, sem se afastar jamais da diretriz traçada pelas leis do Pai, à suprema perfeição moral, continuou e continua a progredir em ciência universal, visto que esse progresso é indefinido. Assim sendo, nunca poderá Ele ser alcançado, na senda desse progresso, por qualquer outro Espírito que haja retardado a marcha da sua evolução, do seu aperfeiçoamento moral, por efeito de uma transgressão que seja daquelas leis.

Quanto mais elevado, tanto mais luminoso se revela o Espírito às vistas humanas. Do mesmo modo, quanto mais elevado é um planeta na escala dos mundos, tanto mais branca e refulgente é a sua luz. Os mundos espirituais, que qualificamos de celestes, aos quais só têm acesso os puros Espíritos, são, na hierarquia dos mundos, os que projetam luz mais branca e mais brilhante. Também entre os puros Espíritos, que em pureza são todos iguais, por haverem todos chegado à perfeição moral, há hierarquia, sob o ponto de vista da ciência universal, pois que se distinguem pela soma de suas aquisições intelectuais. Todos, através da eternidade, se vão cada vez mais aproximando de Deus, tendo do Criador mais perfeito conhecimento, sem, no entanto, poderem jamais igualá-lo, nem abrangê-lo com o olhar, ou lhe suportar as irradiações, quando se acercam do foco da onipotência, para se inspirarem nas vontades daquele que é o Pai de tudo o que é.

A recomendação que Jesus fez aos discípulos, para que a ninguém falassem do que tinham visto, até que Ele houvesse ressuscitado dentre os mortos, obedeceu à razão de que, se os discípulos divulgassem imediatamente os fatos que presenciaram, antes de verificar-se o que se chamaria a “ressurreição” do mesmo Jesus, ninguém lhes daria crédito.

O fenômeno da transfiguração do Divino Mestre, assim como a de um Espírito muito elevado, nada tem de comum com o da transfiguração do ser humano. Naqueles casos, há ação exclusiva do Espírito sobre o seu corpo perispirítico; nos outros, há necessidade de uma combinação do perispírito do Espírito que opera com o do encarnado que lhe serve de instrumento, sendo, portanto, aparente a transfiguração, visto que resulta do aspecto que o desencarnado dá aos fluídos em que envolve o encarnado.

(110) Deuteronômio, 18º, 15. — Isaías, 17º, 1. — Daniel, 8º, 18; 9º, 21; 10º, 10 e 18. — Atos, 3º, 22. — 2ª Epístola à Pedro, 1º, 17 e 18. — Apocalipse, 1º, 15, 16; 10º, 1.

106
MATEUS, 17º, 10 ao 13. — MARCOS, 9º, 10 ao 12. O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel

MATEUS: capítulo 17º, versículo 10. Seus discípulos então lhe perguntaram: Por que é que os escribas dizem ser preciso que Elias venha primeiro? — 11. Jesus lhes respondeu: Em verdade, Elias tem que vir e restabelecerá todas as coisas. — 12. Mas eu vos digo que Elias já veio; eles não o conheceram e contra ele fizeram tudo o que quiseram. Assim também farão sofrer o filho do homem. — 13. Então seus discípulos compreenderam que Ele lhes havia falado de João Batista.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 10. E o Interrogavam, dizendo: Por que é que os fariseus e os escribas dizem ser preciso que primeiro venha Elias? — 11. Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias tem que vir primeiro e restabelecer todas as coisas; que sofrerá muito e será desprezado, como está escrito a respeito do filho do homem. — 12. Mas eu vos digo que Elias já veio e que eles o trataram como lhes aprouve, de acordo com o que a respeito dele fora escrito. (111)

Chamando a atenção dos discípulos para o fato de haver Elias voltado à Terra na pessoa de João Batista, Jesus assentava as bases da Revelação Espírita, que Ele, mais tarde, no seu colóquio com Nicodemos, deixaria veladamente entrever e que, depois, os Espíritos do Senhor trariam aos homens, nos tempos marcados por Deus, explicando-lhes, em espírito e verdade, a lei natural e imutável da reencarnação, seu princípio fundamental, suas regras, fins e conseqüências. Talhava assim Jesus a pedra angular sobre que repousaria o edifício do futuro.

Aquelas suas palavras que, cobertas pelo véu da letra, grande influência haviam de exercer no porvir, sob o império do espírito, pouca importância tinham para os apóstolos, dada a natureza da época em que foram ditas, pois a reencarnação, se bem não constituísse lei entre os hebreus, estava no domínio das crenças da maioria deles, embora já a houvessem combatido os “espíritos fortes”, como erros da superstição. Jesus, portanto, ressuscitando Elias na pessoa de João Batista, não fez mais do que ressuscitar essa velha crença, mostrando a lei natural e imutável do renascimento, de cuja aplicação entre nós a reencarnação daquele profeta era apenas um exemplo, dentro da ordem geral da Natureza, pelo que respeita ao reino humano.

E não nos devemos admirar de que os discípulos houvessem feito ao Mestre aquela pergunta, visto que, nas condições sociais em que viviam, pouco sabiam da história sagrada, porqüanto a ciência teológica era, na Igreja Hebraica, o que ainda é em nossos dias: uma luz que se oculta, para que não esclareça a multidão e não lhe patenteie as feridas que a Escritura, essa pobre desfigurada, recebeu das interpretações humanas.

Falando de João, disse Jesus a seus discípulos que os escribas e fariseus não haviam compreendido que aquele que pregava o arrependimento e o advento do Redentor era o Elias cuja volta o Antigo Testamento prometera e os discípulos logo compreenderam que Ele se referia ao Batista, que este era o mesmo Elias que as profecias anunciavam, como tendo que ser o Precursor do

Cristo.

O que, porém, Jesus, naquela ocasião, não podia, nem devia dizer, mas que hoje a Nova Revelação nos diz é que — Moisés, Elias e João Batista — são uma mesma e única entidade.

Isso os Espíritos do Senhor nos revelam agora, porque são chegados os tempos em que se tem de efetuar a “nova aliança”; em que todos os homens, Judeus e Gentios, se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença num Deus uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o Pai; em Jesus Cristo, nosso Protetor, Governador e Mestre: o Filho; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, Espíritos bons, que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do nosso planeta e da sua Humanidade: o Espírito Santo.

Sim, Moisés, Elias e João Batista são um só, são o mesmo Espírito encarnado três vezes em missão. Quando foi Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou veladamente.

Quando foi Elias, deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo. Quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor.

Essas três figuras formam o emblema de uma tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias, no Tabor, aos três discípulos, foram elas postas ao alcance das inteligências humanas, quando Jesus ensinou aos homens que João Batista fora Elias, que volvera à Terra. Assim, Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, porém, não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Haverá, talvez, quem objete que, sendo os três um só Espírito, não poderiam Moisés e Elias aparecer no Tabor como dois Espíritos distintos, conforme se verificou. Entretanto, a Nova Revelação explica o fato, ensinando que, ali, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés. Tais substituições se dão, quando necessárias, por Espíritos da mesma ordem.

O princípio da reencarnação esteve esquecido durante muito tempo e convinha que assim acontecesse, porque preciso se tornara que um véu fosse lançado entre os homens cheios de vícios, de charlatanices, de superstições, e os mistérios de além-túmulo, até que a Humanidade, pelos progressos realizados, se mostrasse apta a apreender esses mistérios e, com eles, a lei natural da reencarnação, que então lhe seria, pelos Espíritos do Senhor, revelada, como o está nos ensinos da Terceira Revelação, em espírito e verdade, no seu fundamento e nas suas conseqüências, lei que, de par com aqueles mistérios, desvenda aos homens as sendas da expiação, da reparação e do progresso, sempre abertas ao Espírito que, trilhando-as, chegará à perfeição moral e, assim, à realização de seus destinos, por virtude da justiça de Deus, cujos tesouros de bondade e misericórdia são inesgotáveis.

(111) Isaías, 53º. — Daniel, 9º, 26. — Malaquias, 4º, 5. — Lucas, 1º, 16, 17. — Atos, 3º, 21.

107
MATEUS, 17º, 14 ao 20. — MARCOS, 9º, 13 ao 29. — LUCAS, 9º, 37 ao 43 e 17º, 5 ao 6. Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum

MATEUS: capítulo 17º, versículo 14. Quando voltou para onde estava o povo, chegou-se a ele um homem que, ajoelhando-se a seus pés, lhe disse: Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai ora no fogo, ora na água. — 15. Já o apresentei a teus discípulos, mas estes não o puderam curar. — 16. Jesus respondeu: Oh! geração incrédula e perversa, até quando estarei entre vós? até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. — 17. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que ficou no mesmo instante curado. — 18. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós expulsar esse demônio? — 19. Jesus lhes disse: Por causa da vossa nenhuma fé; pois, em verdade vos digo, que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha: Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível. — 20. Não se expulsam os demônios desta espécie senão por meio da prece e do jejum.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 13. Vindo ter com seus discípulos, viu Jesus que grande multidão os cercava e que com eles alguns escribas discutiam. — 14. Logo que deu com Jesus, todo aquele povo, tomado de espanto e temor, correu a saudá-lo. — 15. Ele então lhes perguntou: Que é o que discutíeis? — 16. Um homem do meio da turba respondeu: Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um espírito mudo, — 17, o qual, todas as vezes que dele se apodera, o atira ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica seco; pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 18. Jesus lhes disse: Oh! geração incrédula, até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino. — 19. Trouxeram-no; e, tanto que viu a Jesus, o Espírito o agitou e atirou por terra, a estorcer-se no chão e a espumar. — 20. Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? O pai respondeu: Desde a infância; — 21, e o Espírito o tem muitas vezes lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos. — 22. Jesus lhe disse: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. — 23. Logo o pai do menino exclamou, banhado em lágrimas: Senhor, eu creio, ajuda a minha pouca fé. — 24. Jesus, vendo o povo acorrer, ameaçou o Espírito impuro, dizendo: Espírito surdo e mudo, eu te ordeno: sai deste menino e não entres mais nele. — 25. O Espírito, soltando um grito e agitando violentamente o menino, saiu, ficando este como morto, de sorte que muitos diziam: Morreu. — 26. Mas, tomando-lhe Jesus as mãos e erguendo-o, ele se levantou. — 27. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expelir aquele demônio? — 28. Jesus respondeu: Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. — 29. Dali partindo, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém o soubesse.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 37. No dia seguinte, quando desciam do monte, grande multidão lhes veio ao encontro; — 38, e eis que, do meio do povo, um homem exclamou: Mestre, eu te suplico, olha para meu filho: é o

Único que tenho. — 39. Um Espírito se apossa dele e o faz subitamente gritar, atira-o por terra e o agita em violentas convulsões, fazendo-o espumar e só o larga depois de o haver esfarrapado. — 40. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 41. Jesus respondeu: Oh! geração infiel e perversa, até Quando estarei convosco e vos suportarei! Traze-me aqui teu filho. — 42. Ao aproximar-se o menino, o demônio o atirou por terra e o pôs em grandes convulsões. — 43. Jesus, tendo falado ameaçadoramente ao Espírito impuro, curou o menino e o restituiu ao pai.

LUCAS: capítulo 17º: versículo 5. E os apóstolos disseram ao Senhor: Aumenta-nos a fé. — 6. O Senhor lhes disse: Se tiverdes a fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Desenraíza-te e transplanta-te para o mar e ela vos obedecerá. (112)

Destes trechos evangélicos se vê que os discípulos de Jesus, apesar de investidos por Ele no poder de curar os enfermos e de afastar dos obsidiados os Espíritos obsessores, não puderam expulsar daquele rapaz, que lhes fora trazido, o perseguidor que o atormentava. Entretanto, apresentado o moço ao Mestre, este ameaçou o "demônio" que sobre ele atuava e no mesmo instante cessou a obsessão de que era agente tal "demônio".

Enquanto se achava com seus discípulos, Jesus os preparava para desempenhar as missões que lhes iam ser confiadas, sobretudo quando Ele houvesse terminado a sua entre os homens.

Eram ainda incipientes as faculdades mediúnicas de seus discípulos, tinham que se desenvolver, para serem exercidas cada vez em maior escala, até alcançarem toda a amplitude a que haviam de chegar. O mesmo se dá com os médiuns atuais; mas, ao passo que aqueles atingiram o seu pleno desenvolvimento sob as vistas de Jesus, como devia suceder, o dos instrumentos mediúnicos da atualidade só se tornará completo, quando estiver na Terra o Regenerador, grande Espírito que trará a missão de aproximar a Humanidade do ponto de sua purificação integral, da sua perfeição moral. Até lá, eles apenas obterão fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

Quanto ao não haverem podido os discípulos expelir do rapaz, a que se referem os Evangelistas, o "demônio", a causa de tal insucesso está assinalada na resposta que Jesus deu, quando eles lhe perguntaram por que não tinham conseguido "lançá-lo fora". Foi por causa da vossa pouca fé, disse o Divino Mestre, acrescentando: "Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum".

Ocorre, entretanto, perguntar como é que, já tendo eles produzido, dentro de certos limites, fatos considerados "milagrosos", pela assistência que lhes dispensava o Mestre, quando os mandara às cidades vizinhas, com o poder de curar os enfermos e expulsar os demônios (MATEUS, capítulo 10º, versículo 8), ficaram sem essa assistência naquele caso do lunático. É que Jesus lhes quis significar não se terem eles ainda tornado capazes de cumprir com segurança a tarefa que lhes cabia, preservando-os desse modo do orgulho a que, na condição de homens, poderiam dar entrada em seus corações e levando-os a reconhecer que ainda precisavam fortalecer a fé, tornar absoluta a confiança, que deviam depositar naquele em cujo nome iam falar e agir, para estarem aptos a realizar com firmeza as obras que o viam praticar pelo só poder da sua vontade, em virtude da sua perfeita pureza.

Foi, ao mesmo tempo, um exemplo, para os que de futuro viessem a ser os

continuadores da obra dos discípulos. De fato, se estes, edificados como eram, constantemente, pelos ensinos, conselhos e exemplos do Mestre, santificados pela sua presença, ainda estavam sujeitos a fracassos, como o que nesta passagem dos Evangelhos se registra, quão maiores não hão de ser esses fracassos, na atualidade, entre nós, que carecemos de fé, que não sabemos orar e que não praticamos o jejum espiritual! A fé, alavanca poderosa, capaz por si só de levantar o mundo, constitui o meio único de que podemos lançar mão eficazmente, para afastar os Espíritos atrasados e sofredores. Da fé nasce a prece que, se, além de fervorosa e perseverante, é acompanhada do jejum espiritual, acaba sempre por tocar o Espírito culpado, o esclarecer e encaminhar para a verdade.

Que é a fé? Que é a prece? Que é o jejum? Em que consistem este e aquelas?

Disse Jesus ao pai do moço: Se puderes crer, todas as coisas são possíveis àquele que crê. Cumpre notar que, dizendo isso, o Mestre falou figuradamente, como, aliás, de ordinário, sucedia. Mas, dentro da figura de que usou, está a verdade. Efetivamente, que prodígioS não pode a fé operar? Que é o que não consegue essa alavanca prodigiosa, essa força motriz incoercível, esse calor fecundante, que dá à alma a essência pura da crença, sem sombras, na existência de Deus, no seu amor e na sua misericórdia infinitos, que a faz librar-se às regiões luminosas do espaço e subir até ao seu Criador, sem mesmo perceber como e por que sobe. A fé consiste na confiança absoluta, sem a mais ligeira dúvida, sem vacilações. Ë uma virtude difícil, senão impossível de definir-se e quase incompreensível para nós outros, pobres pecadores de todos os instantes, cheios de imperfeições e fraquezas. Dizemo-la incompreensível para nós, porque, propensos a considerá-la apanágio somente de Espíritos elevados, por verificarmos que, nas ocasiões em que mais necessária nos é, ela nos falece a nós que a todos os instantes recebemos provas da bondade e misericórdia extremas de Nosso Senhor Jesus Cristo; que estudamos e aceitamos, com lágrimas de reconhecimento, as lições por Ele dadas e exemplificadas até ao cimo do Gólgota, vemos, no entanto, que, noutros irmãoS, menos aparelhados de outras virtudes, ela é forte, esclarecida e sábia, como deve ser em todo cristão, segundo ensinam os Evangelhos.

A verdade, porém, é que: àquele que crê, todas as coisas são possíveis, por isso que em torno dele se grupam os Espíritos do Senhor, para assisti-lo. À fé se alia sempre a esperança e ambas se desdobram em caridade. Não tendo ainda os nossos corações bastante abertos para agasalharmos essas virtudes, esforcemo-nos, pelo estudo, pela meditação dos ensinos e exemplos do nosso Salvador e dos seus apóstolos, por fortalecê-los em nossos espíritos, aprendendo a pedir somente o que possa ser de justiça aos olhos de Deus.

Sim, Senhor, eu creio; ajuda a minha pouca fé. —Na humildade e simplicidade do seu coração, aquele pai não se sentia bastante forte em sua fé, para merecer tal graça; porém, esse mesmo temor militava por ele e lhe facultou ser atendido pela bondade infinita. Aí temos o valor e o alcance da prece!

Orai e jejuai, disse-nos o Bom Jesus. Mas, que éorar? Será repetir palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos sonoras, mais ou menos humildes, ditas de lábios para subirem ao Senhor?

Jejuar será abster-nos de alimentos quaisquer, necessários à sustentação

do nosso corpo material e indispensáveis ao regular funcionamento do nosso organismo?

Não. Não nos iludamos. Não é prece uma reunião de palavras que se repetem todos os dias, por ofício, como meio de ganhar a vida, e que acabam tornando-se maquinais.

A prece poderosa, a prece de Jesus são os atos da vida praticados com o pensamento em Deus, e sempre a Deus reportados. É um arroubo contínuo do pensamento, uma aspiração incessantemente dirigida ao Criador e a guiar-nos na prática da verdade, da caridade e do amor, a bem do nosso progresso moral e intelectual e do progresso dos nossos irmãos.

O jejum que Jesus nos recomendou consiste em nos abstermos de pensamentos culposos, inúteis, frívolos mesmo; em sermos sóbrios na satisfação das nossas necessidades materiais, reservando o supérfluo para o repartirmos com os nossos irmãos a quem falte o necessário; em sermos sinceros na modéstia, na regularidade dos costumes, na austeridade do proceder.

Tais são o jejum e a prece que expelem os “demônios” da pior espécie, os “demônios” que nos tornam cegos, surdos e mudos.

Jesus não precisava recorrer à prece ocasional, porque, puro Espírito, Espírito perfeito, investido de onipotência sobre os Espíritos impuros, sua vida, aquela vida que os homens supunham humana, decorria continuamente piedosa aos olhos do Senhor e também porque a sua missão já era um ato de fé e amor, uma prece ativa e permanente, que o colocava (mesmo posta de lado a sua superioridade espiritual) acima de todos os Espíritos, pelo poder e pela persuasão.

(112) JOÃO, 11º. 40.

108
MATEUS, 17º, 21 ao 22. — MARCOS, 9º, 30 ao 31. — LUCAS, 9º, 44 ao 45. Predição, por Jesus, da sua morte e ressurreição

MATEUS: capítulo 17º, versículo 21. Quando voltaram para a Galiléia, Jesus lhes disse: O filho do homem será entregue às mãos dos homens, — 22, e estes lhe darão a morte, mas ele ressuscitará ao terceiro dia. Os discípulos ficaram profundamente contristados.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 30. Ensinando a seus discípulos, dizia: O filho do homem será entregue às mãos dos homens, que o farão morrer mas ele ressuscitará ao terceiro dia depois da sua morte. — 31. Os discípulos porém, não entenderam essas palavras suas e receavam interrogá-lo.

LUCAS: capítulo 9º, versículo Todos pasmavam do grande poder de Deus e como se mostrassem admirados dos que ele fazia, disse a seus discípulos: Guardai nos vossos corações o que vos vou dizer: O filho do homem há de vir a ser entregue às mãos dos homens. — 45. Mas os discípulos não entendiam essas palavras; tão veladas eram que não as compreendiam; e tinham receio de o interrogar a tal respeito.

Estes versículos se explicam por si mesmos. Jesus revelava antecipadamente os acontecimentos que se iam dar, a fim de tocar mais fundamente o espírito dos discípulos e lhes aumentar a fé.

Predisse-lhes que “habitaria com os mortos”, a fim de tornar mais frisante a sua ressurreição.

O que eles, porém, compreenderam foi, apenas, que o Senhor se preparava para morrer, que corriam o risco de perder o Mestre bem-amado, crentes de que este pertencia, pelo seu invólucro corpóreo à humanidade terrena. Ao mesmo tempo, receavam interrogá-lo, porque a ressurreição, após uma morte que, no parecer deles, seria real, material, povoava de dúvidas os Espíritos, quanto à possibilidade de tal fato, mesmo como um milagre, dúvidas de que lhes nascia o temor de interpelarem a Jesus.

A vida, a morte e a ressurreição do Salvador, fatos aparentes, mas que deviam ser consideradas reais, tiveram uma razão e um fim que hoje se justificam e explicam, sem que haja mister sejam impostas, dogmaticamente, como milagres, isto é, como derrogações de leis naturais e imutáveis.

109
MATEUS, 17º, 23 ao 26. Jesus paga o tributo

MATEUS: capítulo 17º, versículo 23. Tendo eles vindo a Cafarnaum, os que recebiam o tributo das duas dracmas se aproximaram de Pedro e lhe perguntaram: Teu Mestre não paga as duas dracmas? — 24. Ele respondeu: Sim. Ao entrarem em casa, Jesus lhe perguntou:
Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra os tributos ou impostos? De seus filhos ou dos estranhos? — 25. Pedro respondeu: Dos estranhos. Jesus replicou: Então os filhos se acham isentos; — 26. mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e lança o teu anzol; pega do primeiro peixe que apanhares, abre-lhe a boca, que encontrarás dentro um estáter; toma-o e vai entregá-lo por mim e por ti. (113)

Destes versículos, que à primeira vista parecem destituídos de importância, decorrem altas e proveitosas lições, como, aliás, de todos os textos das sagradas letras, para quem as estude com a atenção e o interesse que merecem as coisas santas.

Os Judeus, como sabemos, persistiam em querer que Jesus fosse um chefe temporal, pretensão que Ele não perdia ensejo de demonstrar infundada, porqüanto o seu reino não era deste mundo, não sendo, pois, de estranhar que os discípulos, como hebreus, que eram, desejassem encontrar um pretexto para se forrarem às obrigações que lhes impunha o poder do dominador estrangeiro. Por isso, o Mestre, cuja missão era toda de natureza espiritual, aproveitou aquela oportunidade, para, com a eloqüência de seus atos, lhes dar uma lição de humildade e submissão, apontando-lhes estas virtudes como as armas que dão, aos pequenos, a vitória da razão e da verdade.

Os “filhos”, a quem Jesus se referia, eram, com relação aos reis da Terra, os naturais do país; ao passo que, para os romanos, eram “filhos” os cidadãos de Roma, sendo estrangeiros os povos subjugados; para os hebreus, ao contrário, no país que aqueles haviam conquistado, estrangeiros eram os conquistadores e filhos os que nesse país haviam nascido. Justo era, portanto, que, estando na sua terra, eles não pagassem tributo aos romanos.

Nada obstante, logo que interpelado foi, Pedro respondeu que o seu Mestre pagaria o tributo, tão certo estava de que este cumpriria, como de fato aconteceu, as obrigações do homem pacífico, que se submete às leis de seu país ainda que as tenha por injustas e que elas realmente o sejam.

E, assim, com efeito, deve ser, porque a derrogação ou revogação das leis rigorosas ou iníquas, tem que resultar, não de revoluções, que sempre acarretam calamidades e as mais das vezes pioram a situação, mas da ação dessa força moral que se personifica na razão e na discussão, ativas, sábias, esclarecidas e perseverantes, força que, com o auxílio do tempo, põe em foco a justiça e a verdade, fontes de toda civilização lídima e de todo o progresso.

Com relação ao fato de haver Pedro achado no ventre do peixe a moeda com que pagou o tributo, cabem as explicações gerais dadas sobre os efeitos magnéticos, quando tratamos da pesca tida por miraculosa. Uma ação magnética, exercida pela vontade de Jesus, sobre os fluídos, impeliu o peixe a engolir a moeda e a encaminhar-se para o anzol com que foi pescado.

(113) Êxodo, 30º, 13; 38º, 26.

110
MATEUS, 18º, 1 ao 5. — MARCOS, 9º, 32 ao 40 — LUCAS, 9º, 46 ao 50. Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade

MATEUS: capítulo 18º, versículo 1. Naquela hora os discípulos se acercaram de Jesus e lhe perguntaram: Quem julgas que é o maior no reino dos céus? — 2. Jesus, chamando um menino, o colocou de pé no meio deles, — 3, e lhes disse: Em verdade vos digo: se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no reino dos céus. — 4. Aquele, pois, que se fizer humilde e pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus. — 5. Aquele que receber em meu nome um tal menino, a mim me recebe.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 32. Vieram a Cafarnaum e, quando chegaram a casa, perguntou-lhes ele: De que vínheis tratando pelo caminho? — 33. Todos se calaram, por isso que tinham vindo a discutir sobre qual deles era o maior. — 34. Jesus então se sentou, chamou os doze apóstolos e lhes disse: Se algum quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos. — 35. Em seguida, tomou de um menino, colocou-o no meio deles e, depois de o beijar, — 36, disse-lhes: Quem receber em meu nome a uma criança como esta a mim me recebe e quem me receber não me recebe a mim, recebe sim àquele que me enviou.

— 37. Disse-lhe em seguida João: Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome, mas que não te segue; nós lho proibimos. — 38. Jesus disse: Não lho proibais, porqüanto não há ninguém que, tendo feito em meu nome um milagre, possa depois dizer mal de mim; — 39, visto que quem não é contra vós é por vós; — 40, e quem quer que em meu nome vos dê de beber um copo dágua, por serdes do Cristo, não perderá, eu vo-lo digo em verdade, sua recompensa.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 46. Veio-lhes então à mente saber qual dentre eles era o maior. — 47. Mas Jesus, vendo o que lhes ia nos corações, tomou de um menino e o colocou perto de si; — 48, e lhes disse: Quem quer que receba em meu nome esta criança me recebe e quem quer que me receba recebe aquele que me enviou; porqüanto, aquele que entre vós for o menor esse é o maior. — 49. João, replicando, disse: Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome e nós lho proibimos, pois que ele não te segue conosco. — 50. Jesus lhe disse: Não lho proibais, porque quem não é contra vós por vós é. (114)

Nestas palavras de Jesus, temos mais uma lição de caridade, de amor, de amparo ao fraco, de fé, humildade e simplicidade. “Aquele que quiser ser o primeiro seja o último, o servo de todos”, disse Ele.

Sejamos crianças que o Divino Mestre tome em seus braços. Fracos, como somos e nos reconhecemos, confiemos nele e, se nos tornarmos simples de coração, nele encontraremos a chave de toda a ciência. Sejamos caridosos com os nossos irmãos e nele teremos o mais admirável tipo da caridade.

Aquelas palavras suas significam: Não procureis elevar-vos pelas vossas próprias forças, porque elas vos trairão; não acrediteis valer mais do que os vossos irmãos, aos olhos de vosso pai; nem desejeis sobrepor-vos a eles;

procurai, ao contrário, ajudá-los a se elevarem, dando-lhes o melhor dos conselhos: o do exemplo.

Supunham os discípulos que o Senhor tinha preferência por um deles, que João era o mais amado. Daí o ciúme que lhes nasceu no intimo, tal a miserabilidade da carne, mesmo entre os bons, ciúme, entretanto, desculpável, até certo ponto, por provir do grande amor que consagravam ao Mestre. Esse o sentimento que lhes trouxe ao espírito a idéia de saberem qual era o maior e motivou a discussão em que se empenharam.

João, porém, não era o mais amado, era, antes, o que mais amava, o que o impelia a aproximar-se mais de Jesus, dando isso lugar a que os outros pensassem que lhe coubera a melhor parte.

“Se não vos converterdes e não vos tornardes quais crianças, não entrareis no reino do céu, advertiu o Divino Mestre. Quer dizer, se não abandonardes as idéias e tendências humanas, não chegareis à perfeição. A criança é o símbolo da inocência. O pensamento de Jesus, ao servir-se de tal símbolo, era este: Se não vos fizerdes simples e inocentes, o orgulho vos impedirá a entrada no reino dos céus, ou: não sereis moralmente perfeitos.

Quando disse que aquele que, em seu nome, recebe a uma criança, recebe-o a Ele, quis significar que, pondo-nos ao alcance do fraco e do simples, de partilharmos com este o que possuirmos em inteligência, em força, em saber, tê-lo-emos a Ele ao nosso lado.

MARCOS, capítulo 9º, versículos 37 e 39. — LUCAS, versículos 49 e 50. — O que consta nestes versículos mostra que a ninguém é lícito sofrear os impulsos da fé, nem pretender forçar que os outros caminhem pela senda que se lhe abriu, quando podem, seguindo a que a essa fica paralela, chegar ao fim que lhes cumpre atingir. Mostra, portanto, quão errados andam e divorciados de seus ensinos os intolerantes, que entendem de impor a todos a tirania mística, dizendo-lhes: crede como eu, adorai como eu, do contrário sereis condenados às penas eternas.

Eis aqui a doutrina do Cordeiro de Deus: Não lho proibais, que lícito não vos é impedir que quem quer que seja pratique o bem. Aquele que não é contra mim (estas são, textualmente, as palavras do Mestre) por mim é.

Compare-se essa doutrina à que, por questões de fórmulas, de palavras, de ritos, excomunga as criaturas de Deus e as condena a suplícios atrozes, praticando contra elas inomináveis crueldades, e dizei se os que assim procedem seguem o Cristo e podem, sem blasfemar, usar do seu nome.

Que importava que aquele irmão não pertencesse ao número dos que seguiam a Jesus, se, Espírito esclarecido, compreendendo a missão do Messias prometido, possuído de fé viva e ardente, ia, por seu lado, pregando aos homens que escutassem o Mestre, de quem apenas ouvira falar, e praticando o que este pregava? Certo de que, com o apoio do nome de Jesus, atraía sobre si as graças do Senhor, ele expulsava os Espíritos impuros, sustentado por Espíritos superiores, que lhe secundavam os esforços. Era uma pedra insulada, mas que servia para a construção do edifício, como tantas outras houve, há hoje e haverá no futuro.

Qualquer que seja o caminho que trilharmos, desde que o palmilhemos praticando a caridade, espalhando o bem, em nome de Jesus, aí descobriremos as marcas de seus pés e seremos com Ele e Ele será conosco, e faremos milagres, quais esse de que fala MARCOS no capítulo 9º, versículo 38, isto é, atos que se efetuam pela vontade de Deus, segundo leis verdadeiras

e imutáveis da Natureza, ainda desconhecidas dos homens mas existentes de toda a eternidade, que essa é a significação única que devemos dar àquele termo e não o de derrogação das leis naturais, como o pretende a Igreja Romana.

(114) Salmos 130º, 2º, 2. — 1ª Epístola aos Coríntios, 14º, 20. — 1ª Epístola à Pedro, 2º, 2.

111
LUCAS, 9º, 51 ao 56. Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus

LUCAS: capítulo 9º, versículo 51. Como se aproximasse o tempo em que havia de ser arrebatado no mundo, ele, de semblante resoluto, se pós a caminho para ir a Jerusalém. — 52. Enviou adiante alguns mensageiros que de passagem entraram numa aldeia de Samaritanos a fim de lhe prepararem pousada. — 53. Estes, porém, não o receberam por ter ares de quem ia para Jerusalém. — 54. Vendo isso, seus discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres digamos que o fogo desça do céu e os consuma? — 55. Jesus, porém, voltando-se para eles, os repreendeu, dizendo: Não sabeis de que Espírito sois? — 56. O filho do homem não veio para perder e sim para salvar os homens. Dirigiram-se a uma outra aldeia. (115)

O tempo que se aproximava, em que Jesus tinha que ser arrebatado do mundo, era o momento em que, pouco depois, desapareceria, como desapareceu, das vistas humanas, realizando-se a sua ascensão, termo que traduz bem o pensamento, pois que, diante dos discípulos reunidos, Ele se elevou nos ares, até que deixou de ser visto.

O fato de se haverem os Samaritanos recusado a recebê-lo nada tem de estranhável, porqüanto, como se sabe, eles viviam em antagonismo com os Judeus, de cujas idéias não partilhavam. Daí, também a lembrança, que Tiago e João tiveram, de pedirem que do céu descesse fogo para consumi-los.

Jesus, porém, não só lhes recusou o que pediram, mas ainda os repreendeu, dando, como sempre, um exemplo de caridade e mostrando que, de fato, não viera abolir a lei de Moisés, mas cumpri-la, completando-a com o prescrever o amor em retribuição do ódio, o perdão em troca da injúria, o benefício em paga da ofensa. Com o seu cinzel todo feito de doçura, ainda que forte, Ele veio dar àquele bloco, informe e cheio de arestas, formas deUcadas e burilar-lhe os contornos. Chegado que é o momento de concluir essa obra, o Mestre novamente toma do buril, para fazer que nela apareçam os mais delicados traços, dos quais cintilará o amor divino.

Quando a obra estiver acabada, quando esse amor houver penetrado em todos os corações, estes, plenos de todas as virtudes, darão testemunho de que, com efeito, Jesus não veio abolir a lei, mas justificá-la, tornando-a perfeita.

(115) 4º Reis, 1º, 10 e 12. — JOÃO, 3º, 17; 12º, 47. — Atos, 1º. 2.

112
MATEUS, 18º, 6 ao 11. — MARCOS, 9º, 42 ao 50. — LUCAS, 7º, 1 ao 2. Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo

MATEUS: capítulo 18º, versículo 6. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que em mim crêem, melhor fora lhe pendurassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao fundo do mar. — 7. Ai do mundo por causa dos escândalos, pois é necessário que venham escândalos; ai, entretanto, do homem por quem vem o escândalo. — 8. Se vossa mão ou vosso pé vos for motivo de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós. Mais vos vale entrar na vida coxo ou estropiado do que com duas mãos e dois pés e ser lançado no fogo eterno. — 9. Se vosso olho vos for motivo de escândalo, arrancai-o e atirai-o longe de vós; mais vale entreis na vida com um só olho do que com dois e ser lançado na geena do fogo. — 10. Tende muito cuidado em não desprezar a um destes pequeninos, pois vos digo que seus anjos, no céu, vêem sempre a face de meu pai que está nos céus. — 11. Porque, o filho do homem veio salvar o que estava perdido.

MARCOS: capítulo 9º, versículo 42. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que crêem em mim, mais valera lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar. — 43. Se vossa mão vos é motivo de escândalo, cortai-a; mais vale entreis na vida com uma só mão do que com duas e ir para a geena do fogo que jamais se extingue, — 44, onde o verme que os rói não morre e o fogo não se apaga. — 45. Se vosso pé vos é motivo de escândalo, cortai-o; mais vale entreis coxos na vida eterna do que com dois pés e serdes precipitados na geena do fogo que jamais se extingue; — 46, onde o verme que os rói não morre e o fogo nunca se apaga. — 47. Se vosso olho vos é motivo de escândalo. arrancai-o; melhor será que entreis no reino de Deus com um só olho do que com dois e serdes precipitados na geena do fogo, — 48, onde o verme que os rói não morre e o fogo jamais se extingue, — 49, pois todos terão que ser salgados com fogo, como toda vítima tem que ser salgada com sal. — 50. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que o temperareis? Tende sal em vós e entre vós guardai a paz.

LUCAS: capítulo 7º, versículo 1. Disse Jesus a seus discípulos: É impossível que não venham escândalos; mas ai daqueles por quem vêm os escândalos. — 2. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar do que escandalizar a um destes pequeninos. (116)

No planeta atrasado em que habitamos, as encarnações, em geral, são concedidas aos Espíritos que as pedem, para expiação e reparação de faltas que anteriormente cometeram. Consistem as expiações em sofrimentos físicos e morais, sofrimentos esses que, muitas vezes, são causados pelos maus atos, maus conselhos, maus exemplos de outros que, obstinados no mal, se tornam assim causas ou instrumentos de escândalo. Constitui este, para o que lhe experimenta as conseqüências, uma como punição de suas culpas e, portanto, um fator do seu progresso.

Necessário é, pois, que haja escândalo no mundo, visto que só mediante

eles muitas consciências despertam para o reconhecimento dos erros praticados e para o arrependimento, e que, pelo contacto com os vícios, e que as virtudes se fortalecem e deles triunfam. Ai, porém, dos que ocasionem o escândalo, e ai também, ainda que menor lhes seja a culpa, dos que se deixem levar até ao escândalo. Mais valera não houvessem encarnado, antes de estarem bastante amadurecidos para uma vida melhor.

Qualquer que seja o sacrifício que nos custe a destruição, em nossas almas, de todas as causas do mal, preferível é que o façamos, a que nos tornemos causa de escândalo, com o que nos condenaremos a sofrer, durante séculos talvez, na vida errante do Espírito culpado, uma tortura de todos os momentos, sem que nos sorria a esperança de ver-lhe o fim, enquanto o arrependimento não nos abrir o coração para aninhá-la, induzindo-nos ao desejo de baixarmos de novo ao mundo, para, numa outra vida, expiar e reparar o mal praticado.

O fogo exprime emblematicamente a expiação, como meio de purificação e, assim, de progresso, para o Espírito culpado.

O sal, entre os hebreus, era o emblema da purificação de toda vítima oferecida em oblata ao Senhor.

Recorrendo sempre aos costumes, preconceitos e tradições hebraicas, para compor a linguagem figurada de que necessitava usar, Jesus ainda aqui apresentou a infância como emblema da pureza e da virtude.

O filho do homem veio salvar o que estava perdido. — Estavam perdidos os que se haviam desencaminhado, por não mais obedecerem aos mandamentos, por os terem falseado, fazendo das tradições o fundamento de seus dogmas. Esses os que o filho do homem viera salvar, abrindo-lhes uma estrada nova, em seguimento da de que se tinham afastado. Com o correr dos tempos, entretanto, também essa nova estrada ficou atravancada de dogmas, de tradições, de interpretações grosseiras, escombros confusos do edifício que Ele erguera a tão grande altura, com extrema simplicidade e clareza, proclamando entre os homens e para a Humanidade inteira que toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos: amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo, abstração feita de todos os diversos cultos exteriores, e prescrevendo que não adorassem o Pai nem de cima do monte, nem em Jerusalém; que o adorassem, como Ele quer ser adorado, em espírito e verdade, isto é, como servos e membros da Igreja universal do Cristo, cujo templo é o nosso planeta e cujos fiéis são os que praticam aquele duplo amor, pelo exemplo e pela palavra, para que se lhe cumpra a promessa, de haver — um só rebanho conduzido por um só pastor.

Assim tendo acontecido, volta Ele hoje a salvar, por meio da Nova Revelação e por intermédio dos Espíritos seus servidores, os que se perderam em meio daqueles escombros e reconduzi-los, em nome do Espírito da Verdade, ao caminho que leva a Deus.

(116) Levítico, 2º, 13. — Ezequiel. 43º, 24. — Zacarias, 13º, 7. — JOÃO, 3º, 17. — 2ª Epístola aos Coríntios, 13º, 11. — Efésios, 4º, 29. — Colossenses, 4º, 6.

113
MATEUS, 18º, 12 ao 14. — LUCAS, 15º, 1 ao 10. Ovelha desgarrada. — Dracma perdida

MATEUS: capítulo 18º, versículo 12. Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se desgarra, ele não deixa as outras noventa e nove nos montes para ir procurar a que se desgarrou? — 13. E se acontece que a encontre, em verdade vos digo que essa ovelha lhe dará mais alegria que as outras noventa e nove que não se extraviaram. — 14. Assim, não é da vontade de meu pai que está nos céus que pereça um só que seja destes pequeninos.

LUCAS: capítulo 15º, versículo 1. Os publicanos e os pecadores se aproximaram de Jesus para ouvi-lo. — 2. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este homem recebe os pecadores e come com eles. — 3. Jesus então lhes propôs esta parábola: — 4, Qual dentre vós aquele que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixará as outras noventa e nove no deserto, para ir procurar a que se perdeu até achá-la? — 5. E que, encontrando-a, não a carregará aos ombros cheio de alegria? — 6. Esse tal, voltando a casa, reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: Congratulai-vos comigo, pois achei a minha ovelha que se perdera. — 7. Eu vos digo que, igualmente, mais alegria haverá no céu por ter um pecador feito penitência do que por causa de noventa e nove justos que não precisam fazer penitência. — 8. Ou, qual a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a sua candeia, não varre a casa e não procura com cuidado a moeda até a encontrar? — 9. Uma vez que a encontre, ela reúne suas amigas e vizinhas e lhes diz: Regozijai-vos comigo, pois encontrei a dracma que havia perdido. — 10. Do mesmo modo, haverá, eu vos digo, grande júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faça penitência. (117)

O mesmo é o pensamento que ditou as parábolas da ovelha desgarrada e da dracma perdida. Visam ao mesmo fim os ensinamentos que derivam de ambas. Apenas, a da dracma objetiva, de modo especial, os pobres a quem Jesus se dirigia.

Ele viera em socorro dos que fraquejam, ou que, apavorados com os obstáculos do caminho, retrocedem. O pai de família cuida com ternura do filho doente e o coração se lhe alvoroça de ventura, quando o vê restabelecido.

Foi o que fez o Filho bem-amado do Pai, durante a sua missão terrena. Era o que fazia, antes que descesse a desempenhar essa missão, desde que o homem surgiu no planeta, o que continuou a fazer, depois do desempenho daquela missão, e faz ainda agora, por intermédio dos Espíritos do Senhor, que sempre trabalharam e trabalham pelo progresso da nossa Humanidade. Todos os seus cuidados se hão sempre concentrado e concentram nas suas ovelhas; exerce, porém, maior vigilância sobre as que sofrem e as que um mau pastor deixou se perdessem. Ele as procura e, quando a sua voz amorosa chega a ecoar no coração daquela que se perdera, oh! então, o bom pastor corre para essa que respondeu ao seu chamamento e, tomando-a nos braços, a reconduz ao aprisco, para que não mais se aparte do rebanho.

Não é da vontade de meu Pai que está nos céus que nenhum destes pequeninos pereça.

Quer isto dizer que nenhuma criatura do Senhor permanecerá afastada

dele; todas, mais cedo ou mais tarde, se irão reunir a seus pés. Cumpre, pois, trabalhemos, para que, quanto antes, possamos obter o lugar que nos está reservado na vida eterna; isto é, para que o mais depressa possível entremos nessa existência ditosa, onde tudo é atividade, caridade, amor, ciência e progresso.

Se os "príncipes da Igreja" quisessem compreender as palavras de Jesus, certamente não insistiriam em pregar a condenação a penas eternas e a queda dos anjos, duplo erro que o progresso das inteligências e a consciência moderna já condenaram como falsidades, monstruosidades, em face da onipotência, da justiça, da bondade e da misericórdia infinita de Deus, Pai de todos, Criador de tudo o que existe, cujo amor universal, infinito, abrange todas as criaturas; de Deus, que olha com paternal afeto, tanto para o mais pequenino animálculo, como para o rei da Terra. É um duplo erro que a Nova Revelação vem condenar em nome de Jesus, por intermédio dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade.

Quanto ao símile da moeda perdida e achada, perfeitamente se justifica que Jesus se haja servido dele, desde que atentemos em que as suas palavras eram dirigidas a pobres, para os quais a mais insignificante quantia tem grande importância, pelas dificuldades com que logram ganhá-la. Nada mais natural, portanto, do que a figurada alegria da mulher, ao encontrar a dracma cujo desaparecimento representaria talvez a perda de uma parte do trabalho exaustivo a que se entrega o marido, para dar sustento a uma porção de míseros filhinhos.

Assim, o sentimento da mulher, na parábola, sentimento que é desta o mecanismo, tem o maior interesse, porque visa tornar compreensível à classe pobre que tudo o que estiver perdido, do ponto de vista espiritual, deve ser buscado com ardor igual ao que a anima a procurar uma moeda de pequeno valor e deve causar, quando encontrado, alegria idêntica à que produz o achar-se a moeda que se perdera. Daí decorre que o arrependimento por havermos desprezado as virtudes e, conseguinte-mente, por termos alimentado os vícios que as substituíram, constitui o meio e o caminho de tornarmos a encontrar o que se perdera e fará que nos sirvamos do que havíamos perdido e de novo achamos, para alimentar nossa alma, a fim de que progrida moral e intelectualmente. Quão grande não será a alegria que, assim fazendo, proporcionaremos aos nossos protetores, aos nossos guias, aos Espíritos do Senhor, anjos de Deus, na frase do nosso Divino Mestre, Jesus Cristo!

(117) 1ª Epístola à Pedro, 2º, 10, e 25.

114
LUCAS, 15º, 11 ao 32. Parábola do filho pródigo

LUCAS: capítulo 15º, versículo 11. Disse ainda: Um homem tinha dois filhos. — 12. O mais moço disse ao pai: Meu pai, dê-me a parte que me há de tocar dos teus bens. E o pai repartiu com os dois os seus bens. — 13. Poucos dias depois, o filho mais moço reuniu tudo o que era seu, partiu para um país estranho e muito distante e aí dissipou os seus haveres em desregramentos e deboches. — 14. Quando já havia dissipado tudo, grande fome assolou aquele país e ele começou a passar privações. — 15. Foi então e entrou para o serviço de um dos habitantes do país, o qual o mandou para uma sua fazenda a apascentar os porcos. — 16. Aí, muito gostara ele de encher a barriga com as landes que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. — 17. Afinal, caindo em si, disse: Quantos jornaleiros há, na casa de meu pai, que têm pão em abundancia, enquanto que eu aqui morro de fome! — 18. Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e lhe direi: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti. — 19. Não mais sou digno de que me chames teu filho; trata-me como a um dos teus jornaleiros. — 20. E levantando-se, foi ter com o pai. Vinha ele ainda longe quando este o viu, e tomado de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. — 21. Disse-lhe o filho: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; não sou mais digno de que me chames teu filho. — 22. O pai disse, porém, a seus servos: Trazei-me depressa a melhor das roupas e vesti-a nele; ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés; — 23, trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e regozijemo-nos; — 24, pois que este meu filho estava morto e ressuscitou; estava perdido e foi achado. E começaram a festejar o acontecimento. — 25. O filho mais velho estava no campo. De volta, ao aproximar-se de casa, ouviu música e rumor de dança. — 26. Chamou um dos servos e perguntou o que era aquilo. — 27. O servo respondeu: É que teu irmão voltou e teu pai mandou matar um novilho gordo por tê-lo recobrado são e salvo. — 28. O rapaz se indignou e não queria entrar. O pai saiu e se pôs a lhe pedir que entrasse. — 29. Ele, porém, disse: Já lá se vai tantos anos que te sirvo, sem jamais haver transgredido ordem tua e nunca me deste um cabrito para que eu me banqueteasse com meus amigos. — 30. No entanto, ao regressar o teu outro filho, que esbanjou todos os seus bens com meretrizes, logo lhe matas um novilho gordo. — 31. Meu filho, disse o pai, estás sempre comigo e o que é meu é teu; — 32, mas, pelo que respeita a teu Irmão, era preciso que nos banqueteássemos e rejubilássemos. porqüanto ele estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi achado. (118)

Esta parábola do filho pródigo é uma das mais eloqüentes, por ser das que mais altamente exprimem a bondade, a misericórdia infinitas do nosso Pai do Céu. Ela traduz o conforto da esperança, que nos traz a resignação ante todas as infelicidades e desgraças a que nos condenamos pelos nossos vícios e paixões, únicos inimigos que precisamos combater e vencer. Ela nos mostra que, tendo esbanjado, no cultivo desses vícios e paixões, os tesouros de força, de ciência, de sabedoria, que possuía, havendo dissipado o tempo e a inteligência, acaba o Espírito por se sentir avassalado pela fome das virtudes que, pão do céu, alimentam para a vida eterna; por sentir o vácuo no seu íntimo e, sofrendo os efeitos da miserável condição a que chegou, pensa com amargura no que perdeu e se lembra então do Pai, do seu Deus, tão bom e tão

terno, único capaz de lhe restituir os tesouros esbanjados. E o Pai, tocado pelo arrependimento sincero do filho e pela sua súplica, lhe faculta os meios de readquirir tudo o que constituíra a parte dissipada de sua herança.

Esta parábola é, portanto, um desmentido formal e solene, oposto ao erro fatal do dogma da condenação eterna, e uma demonstração magnífica do remédio que temos em nossas mãos: a penitência, isto é, o arrependimento, pelo qual se opera a ressurreição do Espírito que, pervertido, se obstinava no mal e que, por essa obstinação no mal, se acha morto, porqüanto, sendo a morte, na acepção legítima da palavra, a cessação de todo movimento, é, uma acepção figurada, a cessação de todo progresso. O arrependimento o ressuscita, pondo-o em condições de retomar a marcha ascensional. É assim que ele estava perdido e foi achado.

Todos os que vivemos neste planeta somos filhos pródigos. Arrependamo-nos, façamos penitência, confiantes em absoluto na ilimitada misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, o nosso Amparo, o nosso Redentor.

(118) Atos, 2º, 39. — Efésios, 2º, 13 e 17; 5º. 14. — Apocalipse, 3º, 1.

115
LUCAS, 16º, 1 ao 12. Parábola do mordomo infiel

LUCAS: capítulo 16º, versículo 1. Disse também Jesus a seus discípulos. Havia um homem rico que tinha um mordomo e este perante ele foi acusado de lhe haver dissipado os bens. — 2. Ele o chamou à sua presença e lhe disse: Que é o que ouço dizer de ti? Dá-me conta da tua administração, pois que não poderás mais administrar meus bens. — 3. Disse então o mordomo de si para si: Que hei de fazer, uma vez que meu amo me tira a administração de seus bens? Não sei cultivar a terra e de mendigar tenho vergonha. — 4. Já sei o que farei, a fim de que, quando me houverem tirado a mordomia, encontre pessoas que me recebam em suas casas. — 5. Chamou cada um dos que deviam a seu amo e perguntou ao primeiro: Quanto deves a meu amo? — 6. O devedor respondeu: Cem cados de óleo. Disse-lhe o mordomo: Toma a tua obrigação, senta-te ali e escreve depressa uma outra de cinqüenta. — 7. Perguntou em seguida a outro credor: E tu quanto deves? Respondeu esse: Cem coros de trigo. Toma, disse ele, o documento que me deste e escreve um de oitenta. — 8. E o amo louvou o mordomo Infiel por haver procedido com atilamento: pois os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz. — 9. E eu vos digo: Empregai as riquezas de iniqüidade em granjear amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos. — 10. Aquele que é fiel nas pequenas coisas sê-lo-á também nas grandes; aquele que é injusto no pouco também o é no muito. — 11. Ora, pois, se não houverdes sido fiéis no tocante às riquezas de iniqüidade, quem vos confiará as verdadeiras? — 12. Se não fostes fiéis, com o alheio, quem vos dará o que é vosso? (119)

Para que esta parábola seja bem entendida, preciso é se atente bastante no que consta nos versículos 10 e 12, do capítulo 16º de LUCAS, que mostram qual o seu espírito e não permitem, portanto, se suponha e diga, como o têm feito certos críticos sem ponderação, que o divino Modelo haja pensado em legitimar ou, sequer, aplaudir o roubo, em sancionar, ou aprovar as fraudes e as ações más.

Nela não se nos oferece um exemplo, conforme o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das letras de cada versículo, mas, apenas, uma comparação. Compara-se o juízo de um homem, sobre uma ação má, porque fraudulenta, que ele admira louva — não), pela habilidade que revela, e o juízo de Deus com relação àqueles que empreguem suas riquezas humanas em fazer o bem, que sempre militará a seu favor, ainda quando as hajam adquirido fraudulentamente.

Dizemos — “admira” — e não — “louva” — porque, podendo a palavra, no original, significar as duas coisas, devemos traduzi-la por “admirar”, que é mais consentânea com o pensamento do Mestre.

Quanto às “riquezas de iniqüidade”, são as riquezas terrenas, que se tornam, tão amiúde, fontes de males para o homem, porqüanto, adquiridas muitas vezes, ao que se diz legitimamente, Deus sabe que o são pela astúcia, pela esperteza, empregadas contra o simples, o ignorante, a criatura de boa-fé.

Pois que no mundo não falta quem admire e até louve a previdência de um outro, mesmo quando essa previdência se traduza por um ato fraudulento, do qual é vítima o primeiro, como se poderá negar louvores àquele que empregue

os bens perecíveis e perigosos da Terra na conquista de amigos que o ajudem a entrar nos tabernáculos eternos, isto é, aplicando-os em auxiliar o pobre, o necessitado, fato que lhe será levado em conta, para amortização de suas dívidas?

(119) Daniel, 4º, 27. — JOÃO, 12º, 36. — Efésios, 5º. 8. — 1º Tessalonicenses, 5º. 5. — 1ª Epístola à Pedro, 4º, 8.

116
MATEUS, 18º, 15 ao 17. — LUCAS, 17º, 3 ao 4. Palavras de Jesus relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas

MATEUS: capítulo 18º, versículo 15. Se contra ti pecou o teu irmão, vai e o repreende, mas a sós com ele. Se te atender, tê-lo-ás ganhado. —
16.Se, porém, não te atender, faze-te acompanhar de uma ou duas pessoas, a fim de que tudo seja confirmado pela autoridade de duas ou três testemunhas. — 17. Se também não as atender, comunica-o à Igreja; e, se também à Igreja ele não atender, trata-o como gentio e publicano.

LUCAS: capítulo 17º, versículo 3. Tende cuidado convosco: se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. — 4. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: Eu me arrependo — perdoa-lhe. (120)

Quer isto dizer: se houverdes de fazer a algum de vossos irmãos uma censura qualquer, procurai formulá-la com palavras brandas, persuasivas, a fim de que ele se corrija. Se vos houver ofendido, perdoai-lhe com sinceridade a ofensa recebida, ocultando-a dos estranhos, para que ele não fique vexado, e Deus vos perdoará do mesmo modo por que houverdes perdoado.

Não guardeis jamais prevenção alguma contra um irmão vosso. Jamais, cedendo a um rancor que, em certos casos, do ponto de vista humano, possa parecer legítimo, vos arrisqueis a fazer que aquele que vos ofendeu recalque para o fundo do coração o seu arrependimento sincero.

Razão nenhuma, aliás, pode haver, para procedermos de modo contrário, pois sabemos que, conforme o disse Nosso Senhor Jesus Cristo, seremos julgados como houvermos julgado. Além disso, não nos devemos esquecer de que, amiúde, não apenas sete vezes no dia, mas setenta vezes sete vezes ofendemos a Majestade divina, ofensas estas que consistem na transgressão de suas leis e em todas as tentativas que façamos para nos subtrairmos à ação delas.

Usemos, pois, para com os nossos irmãos, da benevolência de que tanta necessidade temos e digamos, sinceros, ao Senhor:

“Perdoa as minhas ofensas, como perdôo as de meus Irmãos. Quanto ao aconselhar Jesus, para os que o ouviam, que o ofendido chamasse testemunhas, caso não o atendesse o ofensor, e recorresse à Igreja, se este persistisse em não se emendar, cumpre não olvidemos que Ele falava aos Judeus, povo rixento, rancoroso e vingativo. Conseguir, portanto, que, entre eles, o ofendido, depois de valer-se daqueles expedientes, esquecesse e desprezasse as ofensas, esquecendo e desprezando o ofensor, com o considerá-lo gentio e publicano, já representava uma conquista imensa.

Gentio, para os Judeus, significava bárbaro, idólatra. Publicanos eram os cobradores de impostos, função que os tornava odiosos.

(120) Levítico, 19º, 17. — Provérbios, 17º, 10. — JOÃO, 8º, 17. — Romanos, 16º, 17. — 1ª Epístola aos Coríntios, 5º. 9. — Timóteo, 5º. 19, 20. — 1ª Epístola à Pedro, 3º, 1.

117
LUCAS, 17º, 7 ao 10. Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador

LUCAS: capítulo 17º, versículo 7. Qual de vós o que, tendo um servo ocupado em lhe lavrar a terra, ou em lhe apascentar os rebanhos, diz a esse servo, ao voltar ele dos campos: Vem sentar-te à mesa? — 8. Não lhe dirá antes: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido; depois comerás e beberás? — 9. E o amo deve porventura agradecimento ao servo por ter feito o que lhe fora ordenado? — 10. Penso que não. Assim, quando houverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que éramos obrigados a fazer. (121)

Significa isto que nada somos, em comparação com o Senhor, que tem o direito de tudo exigir de nós, a quem tudo foi dado. Não nos devemos, portanto, vangloriar do que fizermos, tendo em vista agradá-lo. Temos que esforçar-nos por cumprir o nosso dever, sem que a isso nos mova unicamente a esperança de uma recompensa. A preocupação do cumprimento do dever, o reconhecimento para com Deus e a esperança de satisfazê-lo, tais os sentimentos exclusivos que nos devem animar.

(121) Job, 22º, 3; 35º, 7. — Salmos, 15º, 2. — Romanos, 3º. 12, 11º, 35. — 1ª Epístola aos Coríntios, 9º, 16. — Filipenses, 11º.
(122) Levítico, 13º, 2, 46, 14º, 2. — JOÃO, 4º, 4.

118
LUCAS, 17º, 11 ao 19 Os dez leprosos

LUCAS: capítulo 17º, versículo 11. Ora, sucedeu que, dirigindo-se para Jerusalém, teve Jesus que atravessar a Samaria e a Galiléla. — 12. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos que pararam ao longe, — 13, e lhe bradaram: Jesus, Mestre, tem piedade de nós. — 14. Assim que os viu, Jesus disse: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. — 15. Vendo-se curado, um deles retrocedeu, glorificando a Deus em altas vozes. — 16. E se prostrou, rosto em terra aos pés de Jesus, rendendo-lhe graças. Esse era Samaritano. — 17. Perguntou-lhe Jesus: Os dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? — 18. Então, nenhum mais, senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus? 19. E, dirigindo-se ao estrangeiro, disse: Levanta-te, vai, tua fé te salvou. (122)

Com o fato aqui narrado, ensinou Jesus que não basta, a quem quer que seja, haver nascido sob uma doutrina religiosa qualquer, aceitar, praticar mesmo seus dogmas, para adquirir méritos perante o Senhor; que o seu manto de misericórdia se estende sobre todos, sem distinguir o Samaritano do Judeu, o ortodoxo do herético, conforme Ele tornou claro no seu colóquio com a Samaritana (Evangelho de João, capítulo 4º), onde mostrou aos homens que, para o Pai, não há heréticos, nem ortodoxos, mas tão-somente filhos mais ou menos amorosos, mais ou menos submissos, aos quais Ele transmite suas instruções, sejam quais forem as crenças que professem, a pátria onde tenham nascido, uma vez que seus corações os encaminhem para Ele e que se revelem prontos a receber os ensinos, as graças que Ele lhes manda e que abrem ao Espírito as sendas do progresso, assim de ordem física, como de ordem moral e intelectual e o levam à perfeição.

O Samaritano, de que fala o texto evangélico, logo que se viu limpo, voltou, cheio de reconhecimento, para se prostrar aos pés do caridoso Médico e lhe render graças por tamanho benefício, enquanto os Judeus, que se julgavam os filhos privilegiados, trataram de ir cumprir as formalidades legais, para sem demora voltarem ao convívio dos outros homens, convívio de que tinham sido expulsos, porque eram leprosos. Foi também o que se deu com os comprovincianos da mulher de Samaria, a quem Jesus, à borda do “poço de Jacob”, ofereceu a água nova, que mata para sempre toda sede. Eles logo se reuniram em torno do Mestre, a lhe dizerem: Senhor, a tua palavra penetrou em nossos corações, a tua luz nos deslumbrou, cremos em ti.

Como se explica que, em face de tais ensinamentos e exemplos, a Igreja romana persista em chamar de diabólica a Doutrina Espírita e em considerar excomungados os que a professam? É que ela se acha completamente divorciada do Evangelho, nada tendo de comum com a Doutrina Cristã a de que é chefe o Pontífice Romano.

Em oposição aos ensinos de Jesus, ela adota o princípio de ortodoxia, em que se apoiavam os Judeus, e declara heréticos e persegue como tais todos os que professam crenças divergentes dos seus dogmas humanos, das suas interpretações humanas, de seus preceitos, fundados principalmente em interesses materiais.

Assim, pois, se considerando o que éramos, pudermos reconhecer, pelo que somos, quanto o Senhor há feito por nós, no sentido de curar-nos da lepra

do pecado, de limpar-nos das imperfeições morais, em vez de continuarmos pelo caminho que levávamos e irmos preencher vãs formalidades de culto exterior, retrocedamos, em busca do Senhor, para nos prosternarmos aos seus pés, com os corações transbordantes de reconhecimento e de amor e com o firme propósito de lhe seguirmos os passos.

Quanto à cura dos leprosos, operou-a como todas as outras de que tratam os Evangelhos e como já deixamos explicado, uma ação fluídica exercida por Jesus sobre os doentes.

119
LUCAS, 17º, 20 ao 24 O reino de Deus está dentro de nós

LUCAS: capítulo 17º, versículo 20. Como os fariseus lhe perguntassem: Quando vem o reino de Deus? ele respondeu: O reino de Deus não virá de modo a que possa ser notado. — 21. Não se dirá: Ele está aqui ou está ali, porqüanto o reino de Deus está dentro de vós. — 22. E disse aos discípulos: Tempo virá em que querereis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis. — 23. Dir-vos-ão: Ei-lo aqui, ei-lo ali; não vades, não os sigais; — 24, pois, tal como o relâmpago que brilha de um lado a outro do céu, assim será o filho do homem no seu dia. (123)

O reino de Deus o homem o traz em si mesmo, pois que é no exercício de suas faculdades que se lhe depara o meio de alcançá-lo, isto é, de atingir a perfeição moral. Ele não virá, como o relâmpago, produzindo um clarão que o faça notado, por isso que só lentamente, de progresso em progresso, de ascensão em ascensão, pode o homem aproximar o advento em si daquele reino. Só a perfeição moral humana o fará vir implantar-se na Terra.

Nenhum abalo brusco a trará. Unicamente por um trabalho demorado, penoso, incessante, o homem o conquistará.

O reino de Deus não é um lugar circunscrito, qual o imaginaram as criaturas terrenas.

Não é uma habitação venturosa, onde logremos penetrar. Não. É a imensidade na virtude.

Vê-se, pois aí, que o reino de Deus está em nós; se não o percebemos, é porque ainda não sabemos descobri-lo. Ele, em suma, é a União das almas depuradas. Depuremos, pois, as nossas, para o possuirmos.

Tempo virá, em que desejareis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis. Quantos e quantos, com efeito, não desejariam presenciar os atos e as obras praticados por Nosso Senhor Jesus Cristo? Quantos não quereriam ver passar aqueles dias, em que o Senhor pregava e exemplificava a moral de que fora portador ao mundo. Certo o desejariam todos os que já compreendem que o único remédio para os males da Humanidade consiste na observância dos dois grandes preceitos do amor e da caridade, que implicam a prática da união, da solidariedade, da justiça, da fraternidade, do mútuo auxílio. Aqueles dias, porém, não voltaram e muito tardarão ainda a vir. Só virão de novo, quando nos despegarmos das influências e dos apetites da matéria, fontes do orgulho, do egoísmo, do sensualismo e da sensualidade, de modo a podermos assimilar a moral do filho do homem, que, se volvesse à Terra, antes de estarmos amadurecidos para contemplarmos o renascer do seu dia, seria tratado, pelos novos escribas, fariseus e doutores da lei, como o foi pelos de antanho.

Dir-vos-ão, ei-lo aqui, ei-lo ali; não vades, não sigais os que assim falem. Estas palavras se aplicavam aos abusos a que, com a sua presciência, o divino Mestre via sujeita a sua doutrina, no correr dos tempos, abusos que se traduziriam como de fato sucedeu, pela utilização do seu nome e da Sua autoridade, para se transviarem OU cegarem os fracos e os crédulos; pelas adições feitas à lei e que, não constituindo, como não constituem, por isso mesmo que são adições, partes integrantes da lei de fraternidade, igualdade,

liberdade e, pois, de justiça, de amor e de caridade, representam deturpações da lei; pelos falazes ornamentos de que cobriram os puros e suaves preceitos da moral sublime que Ele personifica.

São aditamentos à sua lei tudo o que tender a materializar o que está e não pode deixar de estar submetido à inteligência e ao coração dos homens, inteligência e coração para os quais fora feita e se dirige, como se dirigirá sempre, aquela lei.

Momento, no entanto, virá, em que, despojada dos enganosos ornamentos com que a cobriram, a lei do Cristo se mostrará repentinamente aos homens, como um relâmpago, em toda a sua pureza. É o momento em que se fará a reforma na gente dos cultos. A isso proverá Deus, mediante as encarnações, que forem precisas, de Espíritos em missão, os quais conduzirão a Humanidade a conhecer, em espírito e verdade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Essa reforma determinará o desaparecimento dos diversos cultos exteriores, que dividem e separam os homens, e os levará a se unirem num culto único: o de adoração sincera do Pai — Deus, uno, único indivisível — por meio da prece do coração e não dos lábios somente, da prece espiritual, do jejum espiritual, da prática do amor ao Criador acima de tudo e ao próximo, como a si mesmo. Essa adoração se expressará também pelo amor, pelo respeito e pelo reconhecimento para com o Filho, Jesus, protetor e governador do nosso planeta e da Humanidade terrena; pela invocação feita a Deus e ao seu Cristo, para que conceda às suas criaturas o auxílio, o concurso e a proteção do Espírito Santo: os bons Espíritos.

Pela reforma de que falamos, terão cumprimento estas palavras do Senhor: “Tempo virá, em que não será mais no cume do monte, nem em Jerusalém, que adorareis o Pai”.

Tornados os verdadeiros adoradores que o Pai reclama, os homens o adorarão em espírito e verdade e todos esses lugares, chamados sinagogas, igrejas, mesquitas, templos, se mudarão, indistintamente, em lugares de reunião, de prece, de instrução, onde, impelidos pelos sentimentos da humildade, da caridade, do amor, todos se congregarão em assembléias, para, sob a influência e a proteção dos bons Espíritos, elegerem unanimemente o mais digno, o mais esclarecido, o de maior merecimento, para presidir a todas.

O Universo é o templo do Senhor. Não queiramos antecipar o futuro.

(123) JOÃO, 17º, 12.

120
LUCAS, 17º, 25 ao 37. Sinais precursores da segunda vinda de Jesus

LUCAS: capítulo 17º, versículo 25. Mas, é necessário que antes ele sofra muito e seja sujeitado por esta geração. — 26. E, tal como sucedeu ao tempo de Noé, assim sucederá nos dias do filho do homem. — 27. Comiam e bebiam, os homens desposavam as mulheres e as mulheres tomavam marido até ao dia em que Noé entrou na arca; veio então o dilúvio e os fez perecer a todos. — 28. Semelhantemente sucedeu nos dias de Lot: Comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e edificavam. — 29. No dia, porém, em que Lot saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, que os fez perecer a todos. — 30. Assim será no dia em que o filho do homem aparecer. — 31. Nesse dia, aquele que se achar no eirado e tiver dentro de casa seus haveres não desça para os tirar de lá e do mesmo modo não volte atrás aquele que estiver no campo. — 32. Lembrai-vos da mulher de Lot. — 33. Todo aquele que procurar salvar a vida perdê-la-á e todo aquele que a perder salvá-la-á. — 34. Digo-vos que nessa noite, de duas pessoas que estiverem no mesmo leito, uma será tomada e deixada a outra; — 35, de duas mulheres que juntas estiverem moendo, uma será tomada e deixada a outra, de dois homens que estiverem no mesmo campo, um será tomado e o outro deixado. — 36. perguntaram-lhe então os discípulos: Onde será isso, Senhor? — 37. Respondeu ele: Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias. (124)

Respondendo aos fariseus, Jesus lhes declarou que o reino de Deus está em nós e que se nos tornará patente, quando estivermos em condições de bem assimilar a moral do Filho do Homem, libertos da influência da matéria, o que significa: quando houvermos atingido a perfeição moral. Continuando, disse ainda o divino Mestre ser, entretanto, necessário que Ele, o Filho do Homem, sofresse muito e fosse rejeitado por aquela geração. Com efeito, foi preciso que o legislador apusesse à lei, que trouxera ao mundo, o selo do seu amor, levando o devotamento que viera exemplificar diante dos homens ao extremo limite, que está, para os mesmos homens, no sacrifício da vida. Apesar disso, porém, repeliu aquela lei a geração que a recebeu, como a de hoje ainda a repele. É que muitos Espíritos, rebeldes quando da missão do Cristo, na Terra vivem de novo, sempre rebeldes.

Ao mesmo tempo, pela sua “morte”, Jesus nos ensinou a não ligarmos exagerada importância à nossa existência, do mesmo modo que, pela sua vida, nos mostrou que não devemos prodigalizá-la inutilmente, salvaguardando-a, aos olhos dos homens, com o lhes desaparecer das vistas todas as vezes que ela correu perigo, antes do momento em que, pela “morte”, remataria o edifício que seu amor construiu. Está claro que, falando, assim, da “morte” de Jesus, da “preservação da sua vida”, dos “perigos” que esta correu, fazemo-lo de acordo com a maneira de entender dos homens, pois, pela Nova Revelação, sabemos que, não sendo carnal o seu corpo, mas fluídico, celeste, Ele não se achava sujeito a nenhuma dessas vicissitudes.

As alusões do Divino Mestre aos tempos de Noé e de Lot, à chuva de fogo e de enxofre, tiveram por fim compor uma alegoria capaz de produzir efeito naquela época em que, engolfados nas preocupações e cuidados, de uma vida

toda material, os homens não cogitavam, sequer, da vida eterna, de progredir, do futuro que os aguardaria, como com tantos e tantos ainda hoje sucede. Inesperadamente, porém, chega o momento, como chegaram o do dilúvio, o da destruição de Sodoma, em que todos os Espíritos materiais, todos os Espíritos carnais serão afastados do nosso planeta, onde só a espiritualidade terá que reinar, indo, depois de se sentirem deslumbrados pela luz que de súbito lhes brilhará ante os olhos, para planetas inferiores à Terra, nos quais o fogo dos remorsos os devorará e sofrerão duríssimas expiações, até que, pelo arrependimento, volvam ao caminho que os levará à conquista do lugar que lhes está reservado, visto que àlei do progresso ninguém jamais poderá furtar-se.

LUCAS: capítulo 17º, versículos 31 e 32. — Que as preocupações de ordem material nos não dominem o pensamento, desde que tenhamos compreendido que nos cumpre, sem mais demora, pensar em nosso futuro espiritual, para que nos não aconteça como à mulher de Lot que, segundo a narrativa da Gênese (capítulo 19º, versículo 26), “se transformou em estátua de sal, que se derreteu”. Lenda pueril, oriunda da ingenuidade das épocas primitivas. O que se deu com aquela mulher que, preocupada com os bens materiais que era forçada a abandonar, se demorou em fugir, consistiu no seguinte: foi atingida por um raio e, quando caiu ao chão, estava reduzida a cinzas.

As palavras de Jesus, constantes nos versículos que estamos estudando, destinadas a impressionar fortemente as inteligências dos que as ouviam e a tocar também as das gerações que se sucederam, Ele as dirigia igualmente à nossa e às que se seguirão, porqüanto já vêm próximos os tempos em que começará a depuração da Terra, pelo que com zelo e solicitude devemos cuidar do progresso moral e intelectual nosso e dos nossos irmãos, do futuro dos nossos e dos seus Espíritos.

LUCAS: capítulo 17º, versículo 33. — Compreendamos bem, em espírito e verdade, o pensamento de Jesus, dizendo, de um duplo ponto de vista, o que consta neste versículo.

Aquele que só vive para o presente, preocupado unicamente em conservar a vida material, virá, mais cedo ou mais tarde, a perdê-la, pois que morrerá. Mas, como, ao perdê-la, não tenha cuidado do seu progresso espiritual, que é o em que consiste a salvação da alma, terá de recomeçar, achando assim de novo a vida que perdera e pela qual se lhe reabre a estrada que o conduzirá à meta.

Aquele que trata de salvar a vida espiritual perderá a vida material, mas achará do outro lado do túmulo a que não tem fim, a que ambicionava.

LUCAS: capítulo 17º, versículos 34 e 35. — Como nem todos se acharão no mesmo grau de adiantamento, na época da purificação do planeta, forçoso será que haja uma escolha dos que possam continuar a reencarnar na Terra, uma vez concluida a separação do joio e do trigo.

LUCAS: capítulo 17º, versículos 36 e 37. — À sua resposta deu Jesus uma forma evasiva, pela mesma razão por que muitas vezes falava servindo-se de figuras emblemáticas, isto é, porque os discípulos o não compreenderiam, se respondesse de modo preciso. Hoje, pela nova revelação, sabemos que as palavras do Mestre querem dizer: por toda parte onde haja na Terra humanidade, haverá progresso e mudança e onde quer que a depuração se tenha completado, aí se reunirão os Espíritos purificados, os guias, as águias.

(125)

(124) Gênese, 7º e 19º. — Job. 39º, 30. — JOÃO, 12º, 25. — 1º Tessalonicenses, 4º, 16. — 2º Tessalonicenses, 1º, 7.
(125) Afigura-se-nos que às palavras do versículo 37 se pode dar a seguinte interpretação mais precisa e que, em essência, não difere da que os Evangelistas lhe atribuíram: onde quer que haja Espíritos encarnados, aí se reunirão Espíritos desencarnados, simbolizados nas águias pela liberdade e amplitude de ação, pelo poder. Reunir-se-ão, a fim de tornar efetivo, para os primeiros, o cumprimento das provas, das expiações, dos resgates a que se achem sujeitos, auxiliando-os, de tal forma, na efetivação do progresso que lhes cumpra realizar. As águias serão, nesse caso, assim os Espíritos bons, elevados, mais ou menos purificados, cuja ação se exerce no sentido de amparar e fortalecer os encarnados, para que vençam com felicidade suas provações, colhendo bons frutos da encarnação em que se encontram, como também os Espíritos atrasados, inferiores, moralmente cegos, cuja ação maléfica intensifica as dores e os sofrimentos dos encarnados, que, por efeito da lei de afinidade, os atraiam de preferência aos que poderiam e desejariam ajudá-los, dando àquelas dores e sofrimentos um acréscimo de intensidade, correspondente à rebeldia que manifestem em face da lei divina. Numa hipótese, como noutra, haverá sempre, conforme claramente se verifica, execução plena da lei de justiça e misericórdia.

121
MATEUS, 18º, 18 ao 20. Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome

MATEUS: capítulo 18º, versículo 18. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na Terra será ligado no céu e tudo que desligardes na Terra será desligado no céu. — 19. Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na Terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus. — 20. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles. (126)

Explicado, como já deixamos, o poder de ligar e desligar, que Jesus conferiu aos seus discípulos, cumpre levemos em conta que eles, que já eram bastante esclarecidos, mais ainda o seriam, quando lhes fosse dada toda a luz, nos limites da missão terrena de cada um.

Já de si mesmos elevados, inspirados e guiados por Espíritos superiores, eles se achavam em condições de julgar, com sabedoria e acerto, da moralidade e dos sentimentos dos homens. A prova temo-la no fato do julgamento e da condenação de Ananias, por Pedro.

Veja-se, para boa compreensão do que dizemos, como esse fato se deu. Advertido misteriosamente, isto é, como médium audiente, por aqueles Espíritos, da perfídia de Ananias, Pedro se achou em estado de julgá-lo com segurança e de lhe condenar o procedimento.

A perspicácia dos Apóstolos, pois que todos eram médiuns de grandes faculdades, sobretudo audientes, resultava da elevação pessoal deles e dos avisos que recebiam de seus guias espirituais. Tais faculdades, entretanto, por isso mesmo que eram pessoais e devidas à elevação espiritual de cada um, não se transmitiram por herança aos que se arvoraram em seus sucessores. O Mestre, quando proferiu as palavras constantes nos versículos acima, só se dirigiu aos Apóstolos e não a esses pretensos sucessores que, degenerados, como Ele os antevia, não estariam aptos a receber tão alta investidura.

Cumpre dizer, porém, que, entre os sucessores dos Apóstolos (Judeus e Gentios), alguns houve que, pela sua santidade e por suas faculdades mediúnicas, com a assistência e o concurso de seus guias espirituais, puderam e podem colocar-se em condições de ligar e desligar, no verdadeiro sentido destas palavras. Entre nós espíritas, também, necessariamente, alguns há de haver que, preenchendo essas condições, do mesmo modo podem ligar e desligar. Mas, quão reduzido não será o número desses!

Quanto à promessa, que Jesus fez aos que se reúnam em seu nome, de lhes conceder Deus o que pedirem, importa entendamos que se referia não a pedidos formulados apenas com os lábios, mas a súplicas que se façam do imo dalma, com um sentimento profundo e santo, e que santo e justo seja o que pretenda o pedinte obter. Da sua promessa está, pois, excluído, é claro, tudo o que diga respeito às coisas mesquinhas do mundo, a interesses exclusivamente humanos.

Assim também, para que se cumpra a sua promessa de estar com aqueles que se reúnam em seu nome, importa, antes de tudo, saber o em que consiste acharem-Se dois, ou três, ou muitos, reunidos em nome de Jesus. Para que tal

se dê, é preciso que a todos anime o desejo de lhe seguir a lei, que todos se achem possuidos do amor a Deus e ao próximo. Fora daí não há reunião em nome de Jesus.

Pelo estudo da Doutrina Espírita, ficamos conhecendo a influência atrativa que exercem os fluídos simpáticos, que são o laço que aproxima, uns dos outros, os Espíritos, se não da mesma ordem, pelo menos possuídos dos mesmos sentimentos, dos mesmos gostos, dos mesmos pendores. Se, portanto, intimamente ligados pelo amor a Deus, nos reunirmos para a obtenção de suas graças, formando uma cadeia simpática bastante sólida, e apelarmos para a proteção do divino Mestre, Ele acudirá sem dúvida ao nosso chamamento, no sentido de que seus emissários nos cercarão e nos banharão os Espíritos nos eflúvios de amor que implorarmos.

Mas, como havemos de esperar resultados infalíveis, quando ainda tão raros são os homens animados de bons sentimentos, do verdadeiro sentimento de amor; quando vemos serem tantos os tíbios, os indiferentes, os indignos, mesmo entre os que se reúnem em reduzido número? O Senhor, todavia, sabe contar suas oveLhas, e caras lhe são as cabeças fiéis.

Entretanto, a Igreja Romana se baseia no texto do capítulo 18º de MATEUS, versículo 20, para dar valor aos seus concílios, considerando-os meio superior a quaisquer outros de se obterem a verdade, a sã e legítima interpretação das sagradas escrituras, dizendo: Que respeito não devem merecer os concílios, nos quais a Igreja toda se acha reunida, na pessoa de seus pastores, constituindo uma assembléia infalível, pois que assistida e inspirada pelo Espírito Santo!

Como, porém, se poderá supor assistida por Jesus, pelos seus emissários, inspirada pelo Espírito Santo, uma assembléia em que há discussões inflamadas, controvérsias tremendas e muitas vezes acrimoniosas; em que ainda nenhuma questão religiosa foi decidida por unanimidade? Ora, se nos concílios, compostos de “homens de Deus”, infalíveis em seus julgamentos, diversos eram os pareceres; se muitos de seus membros mantinham suas opiniões contra as da maioria triunfante, quais as influências que guiavam os do sacro colégio? Desde que divergentes se mostram as opiniões nos concílios, por que meio se há de distinguir o que é inspirado pelo Espírito Santo e o que o é por Satanás?

Dirão talvez: pela sabedoria humana, pela experiência, pelo estudo, pelas tradições. Repliquemos, nesse caso: Não; só a razão pode decidir e, para a razão, infalível somente Deus o é. Pastores humanos, quer insulados, quer reunidos em concílio, são tão falíveis quanto os outros homens, porque estão sujeitos, como estes, às boas e às más influências espirituais.

Nem objete a Igreja que a infalibilidade está com a maioria dos membros dos seus concílios. Como poderá prová-lo? Ao contrário, a minoria deles é que tem caminhado, como ainda hoje se dá com a minoria dos que formam a coletividade espírita, nas pegadas do Mestre; é que lhe segue os exemplos de doçura, de humildade, de desinteresse, de paciência, de caridade e de amor. Quais e quantos, dos que hão constituído a maioria dos concílios, são os que, imitando os Apóstolos, exemplificaram a abnegação e o devotamento, a tolerância e a fraternidade para com todos os homens? Muito ao invés disso, nessas maiorias foi sempre onde se mostraram o orgulho, a ambição, o fanatismo, a intolerância, o egoísmo e, freqüentemente, a incredulidade. Quem então os assistia e inspirava: O Espírito Santo, ou Satanás? (127)

Dizem também os sacerdotes romanos, para afastar da Revelação Espírita os homens, que só Satanás teve e tem o poder de se comunicar e só ele se comunica mediunicamente com as criaturas humanas. Tais afirmativas não passam de puerilidades interesseiras, monstruosas em si mesmas, devidas à ignorância, ou à má-fé, é que são desmentidas, assim pelas tradições históricas, como pelos fatos ocorridos em todos os tempos e entre todos os povos, e ainda pelas revelações que o Senhor nos tem enviado.

Negar a ação mediúnica, oculta ou ostensiva, do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos bons, dos Espíritos elevados, dos Espíritos de luz e verdade, para só admitir a de Satanás, isto é, a dos Espíritos do erro e da mentira, equivale a rejeitar todo o passado da Humanidade terrena, a tradição de todos os acontecimentos que ela registrou, o Antigo e o Novo Testamento, os fatos, que um e outro relatam, de comunicação dos "anjos", isto é, dos Espíritos purificados, com os homens; a manifestação espírita feita a Moisés no Sinai, as tábuas da lei, o Decálogo; a anunciação, a Abraão, da vinda do Messias e, depois, aos hebreus, pelos profetas de Israel.

Pretende ainda a Igreja que nos abstenhamos das comunicações com o mundo espiritual, porque Moisés proibiu a evocação dos mortos. È real essa proibição, mas, para lhe descobrirmos a causa, basta atentemos nos motivos que a inspiraram. Atrasado e supersticioso, o povo hebreu estava, no entanto, destinado a constituir-se o depositário da crença monoteísta, para transmiti-la às gerações futuras, e Moisés lhe proibiu que interrogasse os mortos, para preservá-lo de ser, pelos Espíritos inferiores e impuros que o cercavam, desviado da senda que lhe cumpria trilhar. Assim sendo, não há o que estranhemos naquela proibição, quando não ignoramos que, hoje mesmo, não devemos pôr-nos em comunicação com o mundo invisível, senão nas condições que a própria doutrina indica, para não suceder que, em virtude da lei de afinidade, Espíritos inferiores, similares aos nossos, nos venham enganar e perder.

Querer que evitemos essa comunicação, pela impossibilidade de discernirmos o que é verdade do que é impostura, é formular uma objeção que inquina igualmente de incerteza as decisões dos concílios, uma vez que, nunca tendo havido, entre os seus membros, unanimidade de sentimentos, de pensamentos, de vontades, de aspirações, eles forçosamente se acharam sempre sob dupla influência: uma boa, outra má, sem se poder determinar quais os que recebiam a boa.

Mas, não nos iludamos com esses sofismas dos que querem que cegamente nos entreguemos à dominação de obscurantistas retardatários, que não admitem discussão, nem luz, nem progresso, nem raciocínio, nem compreensão. Para as inspirações da Igreja, como para as dos médiuns, há um critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação fiscalizadora por meio da razão, verdadeiro testemunho de Deus entre os homens.

Investiguemos a história dos papas, dos concílios todos e procuremos, nos julgamentos por eles proferidos e nas opiniões emitidas, os sentimentos de abnegação, de desinteresse, de amor universal que lhes presidiram às decisões e, quando os acharmos, poderemos dizer: Isto emanou verdadeiramente do Espírito Santo.

Para as comunicações particulares, a pedra de toque é a mesma. Onde quer que se nos deparem o amor e a caridade, abatendo o orgulho, a avareza, a ambição, os vícios que disputam a posse da Humanidade e a dilaceram,

poderemos dizer: Isso provém dos bons Espíritos, dos Espíritos do Senhor; foi o Espírito Santo o inspirador dos médiuns.

E por que havemos de estranhar que o sacerdócio romano afirme que as comunicações espíritas procedem todas de Satanás, quando sabemos que o sacerdócio hebreu atribuía a Belzebu o poder que Jesus tinha de expulsar dos obsidiados os Espíritos da treva?

Assim como, sob o regime da lei de Moisés, numerosos profetas, médiuns inspirados, audientes e videntes, surgiram em Israel, Espíritos em missão, tendo por objetivo libertar os Israelitas da tradição e da ambição dos levitas e reconduzi-los às crenças puras; assim como, para o prosseguimento da revelação que Ele trouxera ao mundo, também houve, entre os discípulos do Cristo, médiuns inspirados, audientes e videntes; hoje, para a revelação que nos trazem os Espíritos do Senhor, há igualmente, e haverá médiuns de faculdades múltiplas, para nos transmitirem, da verdade absoluta, a parcela que já possamos e devemos receber.

Cumpre-se assim o que Jesus anunciou e prometeu, quando disse que, nos tempos do "fim do mundo", cairiam do céu as estrelas e as virtudes do céu se abalariam (MATEUS, capítulo 24º, versículo 29); que em seu nome o Pai enviaria aos homens o Consolador, que é o Espírito Santo, o qual lhes ensinaria todas as coisas e lembraria quanto Ele dissera (João, capítulo 14º, versículo 26).

Os tempos preditos chegaram. O Espírito da Verdade, conjunto dos Espíritos do Senhor, estão vindo preparar e realizar o fim do mundo do erro e da mentira, glorificar a Jesus, recordar-nos tudo o que Ele disse, explicando, em espírito e verdade, e desenvolvendo os seus ensinamentos, ensinar-nos progressivamente toda a verdade, anunciar-nos as coisas que hão de vir, preparar, enfim, o novo advento do Mestre que, quando disso formos dignos, virá mostrar-nos sem véu a verdade, da qual Ele é o espírito, o complemento, a sanção.

(126) JOÃO, 20º, 23. - 1ª Epístola aos Coríntios, 5º. 4. — 1ª Epístola à João, 3º. 22; 5º. 14.

(127) Tais foram os escândalos provocados pelas discussões violentas verificadas nesses Concílios, que resolveram suprimi-los, criando o dogma da infalibilidade papal.

122
MATEUS, 18º, 21 ao 35. Perdão das injúrias e ofensas. — Parábola dos dez mil talentos

MATEUS: capítulo 18º, versículo 21. Então, aproximando-Se dele, Pedro lhe perguntou: Senhor, perdoarei a meu irmão todas as vezes que pecar contra mim? Fá-lo-ei até sete vezes? — 22. Respondeu Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. — 23. Por isso o reino dos céus se assemelha a um homem rei que quis tomar contas aos seus servos. — 24. Tendo começado o ajuste, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos (128). — 25. Como não tivesse com que os pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para pagamento da dívida. — 26. Aquele servo, porém, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava: Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 27. O senhor, então, compadecido dele, o mandou embora e lhe perdoou a dívida. — 28. Daí saindo, entretanto, aquele servo encontrou um companheiro que lhe devia cem denários (129) e, agarrando-o, lhe dizia, a sufocá-lo: Paga o que me deves. — 29. O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, lhe rogava: Tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 30. O outro não quis; foi-se dali e mandou metê-lo no cárcere até que pagasse o que devia. — 31. Vendo os outros servos, seus companheiros, o que se passava, ficaram muito contristados e foram contar ao senhor o que havia ocorrido. — 32. Então o senhor o chamou e lhe disse: Servo mau, eu te perdoei, porque me pediste, toda a tua dívida; — 33, não devias tu também ter compaixão de teu companheiro, como tive de ti? — 34. E, irritado, o entregou aos verdugos até que pagasse toda a sua dívida. — 35. Assim também fará convosco meu Pai celestial, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do íntimo do coração. (130)

Não levemos em conta as ofensas que recebamos; sejamos sempre prontos a perdoar tantas vezes quantas formos ofendidos, não esquecendo que o Senhor nos julgará do mesmo modo por que houvermos julgado os nossos irmãos. Saldemos, pois, todas as suas dívidas, dando-lhes tempo para pagá-las, como o Senhor mesmo lhes dá. Se queremos que o nosso Pai, a quem tanto temos ofendido e ofendemos, use de misericórdia para conosco, sejamos misericordiosos. Tenhamos sempre presente ao nosso espírito esta grande sentença, chave de todos os ensinos: Não façais aos outros o que não desejaríeis vos fizessem

A falta ou a recusa de perdão, de nossa parte, éegoísmo, secura ou dureza de coração, muitas vezes conseqüência do orgulho, vícios e defeitos esses que constituem não só casos de expiação e de reencarnações, como também um obstáculo a que o Espírito saia dos mundos inferiores, o que somente se dá, quando se há tornado capaz de perdoar sempre, incessantemente, do fundo dalma a seu irmão.

(128) Um talento valia mais ou menos 1.900 Cruzeiros em moeda brasileira.

123
MATEUS, 19º, 1 ao 9. — MARCOS, 10º, 1 ao 9. Divórcio. — Casamento

MATEUS: capítulo 19º, versículo 1. Tendo acabado de dizer essas coisas. Jesus deixou a Galiléia e foi para os confins da Judéia, além Jordão. — 2. Grandes multidões o acompanharam e ali curou ele os doentes. — 3. Dele se acercaram os fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer causa? — 4. Respondeu Jesus: Não tendes lido que aquele que no princípio criou o homem o criou macho e fêmea? e disse: — 5. Por isto o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne. — 6. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu. — 7. Replicaram eles: Como é então que Moisés mandou que desse carta de repúdio à mulher e a despedisse? — 8. Respondeu Jesus: Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos permitiu repudiásseis vossas mulheres; mas no princípio não foi assim. — 9. Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por motivo de adultério, e casar com outra, comete adultério, assim como aquele que casar com uma mulher repudiada, também comete adultério.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 1. Dali partindo, veio Jesus para os confins da Judéia, além Jordão; de novo as multidões se reuniram em torno dele, que recomeçou a ensiná-las como costumava. — 2. Chegaram então alguns fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: 5. É lícito a um homem repudiar sua mulher? — 3. Ele, respondendo, perguntou: Que vos prescreveu Moisés? — 4. Responderam-lhe eles: Moisés permitiu despedir a mulher, dando-lhe carta de repúdio. — 5. Jesus lhes replicou: Por causa da dureza de vossos coracões é que Moisés vos escreveu esse mandamento. — 6. Porém, desde o princípio do mundo, Deus os fez macho e fêmea. — 7. Por esta razão o homem deixará pai e mãe e se ligará à sua mulher. — 8. E serão dois numa só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. — 9. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu. (131)

Criados todos simples e ignorantes, mas dotados das faculdades necessárias a avançar, para o destino que lhes é comum, usando do livre-arbítrio e da razão e, assim, recebendo o prêmio ou o castigo a que fizeram jus, isto é, experimentando as sanções da lei imprescritível do progresso, moral e intelectual, a que todos se acham sujeitos, para chegarem todos à perfeição, herança que o Pai celestial reserva a seus filhos, sem exceção nenhuma, é certo que apenas alguns Espíritos ascendem a essa perfeição sem jamais se desviarem do carreiro santo que lhes foi traçado.

Esses constituem as falanges dos Espíritos puros, imaculados, que têm por morada as regiões etéreas mais próximas do centro da onisciência — Deus, Os outros formam as dos que faliram mais ou menos gravemente e para os quais, em conseqüência, se cria a necessidade de encarnar e reencarnar, a fim de se depurarem gradativamente, mediante expiações, provações e reparações, e conquistar, progredindo, a perfeição moral.

Compreende-se, pois, que o corpo, pela sua mesma natureza, não é mais do que um instrumento facultado ao Espírito, para que, no meio planetário correspondente ao gênero e à gravidade dos seus delitos, passe pelas provas

que, fazendo-lhe nascer no intimo o arrependimento, o levem de reparação em reparação e, conseguintemente, de progresso em progresso, ao fim providencial colimado. Ora, sendo a encarnação o meio de se efetivar o progresso dos Espíritos que delinqüem, a existência de sexos diferentes, nos corpos que eles então têm que tomar, se tornou necessária, para que, mediante a procriação, esses corpos se reproduzissem, pois, de outro modo, não haveria para o Espírito possibilidade de encarnar.

Da obrigatoriedade imperiosa da procriação, gerou-se a necessidade da união de corpos sexualmente distintos. O casamento, porém, se bem do ponto de vista materIal atenda a essa necessidade, corresponde, no entanto, a um objetivo muito mais alto, em relação ao qual os corpos do homem e da mulher nenhum valor têm aos olhos do Senhor, para quem ambos só valem como Espíritos, porqüanto o Espírito é que é o ser por Ele criado, com o destino a que há pouco nos referimos, nada mais sendo que instrumento de depuração o corpo que o Espírito temporariamente reveste.

Assim, o casamento que, na ordem material, tem por fim a procriação, na ordem moral traduz execução da lei de amor, pelo que tem de ser a união íntima, a fusão, por bem dizer, de duas almas, o que justifica as palavras emblemáticas da Gênese: serão dois numa só alma.

Ora, se, no matrimônio, a verdadeira união é de Espíritos, por isso que o fim moral prepondera com relação ao material, embora este também seja providencial, a conclusão a tirar-se é que ele só se realizará com acerto, oferecendo garantias seguras ao preenchimento do fim principal, quando for uma união que se efetue espontaneamente, por virtude de mútua simpatia e isento de preocupações subalternas. Então, sim, será uma união perfeita e indissolúvel, pois que, interrompida pela morte, se reatará na erraticidade, conservando-se ali, onde como disse Jesus não há “marido e mulher”, qual laço forte, a prender, pela eternidade em fora, os que o hajam formado para se prestarem apoio mútuo na sua ascensão através do infinito.

Mas, então, como se explica que Moisés tenha autorizado o divórcio, contrariamente às palavras da (Gênese, quando diz: “Não separe o homem o que Deus uniu”? Fê-lo, por causa da dureza do coração humano, declarou-o Jesus.

A princípio, as necessidades materiais constituíam o móvel único da união do homem e da mulher. Depois, tornando-se a multiplicidade dos filhos uma riqueza, o que se verificou ao surgirem ou desenvolverem-se os povos pastores, a mulher estéril entrou a ser perseguida e até mesmo eliminada. À vista dessa situação, que a ansia pelo aumento das populações criou para a mulher, dando lugar, depois, a que todos os pretextos servissem para o abandono da esposa, que era o que ocorria ao tempo de Moisés, procurou este remediar ao mal, autorizando o divórcio, que, ao menos, preservava a estéril dos maus tratos a que se via sujeita.

Aos novos abusos que daí decorreram cuidou Jesus de remediar, só admitindo o divórcio no caso de adultério.

Conforme já dissemos, o casamento é, de fato, indissolúvel, quando é a união de dois entes que se sentem atraidos um para o outro por forte simpatia toda espiritual, que, no propósito sincero de se auxiliarem mutuamente nas suas provas, espontaneamente se ligam pelos laços de um afeto, também de natureza espiritual, independente de quaisquer formalidades religiosas e civis, apenas atraindo para si, humildes e submissos, pela prece do coração, as

bênçãos e graças do Pai celestial.

Nesse caso, sim, os dois passam a ser uma só carne, que ao homem não é dado, nem possível, separar, por ter sido Deus quem os uniu, isto é, por se haver a união deles efetuado segundo as vistas de Deus, que, conseguintemente, a santificou, abençoando-a. Semelhantes uniões, no entanto, ainda, por ora, constituem apenas, para a nossa Humanidade, um ideal. Na Terra, por enquanto, mau grado a todas as pomposas solenidades de que o cercam, o casamento perde o caráter sagrado que devera ter, para ser, na grande maioria dos casos, a legalização de um contrato comercial, no cumprimento de cujas obrigações as duas partes contratantes se mostram mais ou menos escrupulosas.

Dizendo não separasse o homem o que Deus unira, Jesus cortou cerce o abuso do século em que Ele desceu à Terra e pôs um óbice à corrupção dos séculos que se seguiriam. Não disse, porém, que vivessem forçosamente unidas, em comum, duas criaturas que não possam aproximar-se uma da outra, sem se excitarem reciprocamente à prática de faltas, que implicam transgressão da lei de caridade.

O divórcio não pode existir, aos olhos do Senhor, senão quando um Espírito, pelos seus exemplos ou palavras, impele ao mal um outro com quem antipatize. Aí, conceda-o ou não a lei humana, existe, de fato, o divórcio, porque, então, há, na ordem moral, adultério. Ora, em tal caso, não será melhor separar os galhos da árvore, do que deixar que esta dê maus frutos?

É uma contingência que há de desaparecer por efeito da gradual depuração da Humanidade, mas que ainda subsistirá por longo tempo, até quando os homens, ainda tão presunçosos de seus costumes e da sua moralmente hedionda civilização, deixarem de orgulhar-se do merecimento que supõem ter. A sociedade humana ainda está muito escravizada aos preconceitos, aos abusos, aos vícios, para que se execute a reforma das leis terrenas sobre o casamento, no sentido de pô-las de acordo com a lei natural da união perante Deus. Isso será obra do tempo e do progresso verdadeiro. Cada dia, entretanto, traz o seu grão de areia, que se sobrepõe aos precedente mente trazidos, e esses grãos, acumulando-se, acabarão por formar muralha impenetrável aos vícios da Humanidade.

Torne-se o casamento uma aliança determinada por mútua inclinação, por uma poderosa e irresistível simpatia, de onde se origine puro e sincero amor; uma aliança que, ao influxo desse sentimento, se efetive para recíproca sustentação e apoio, no desempenho dos encargos da existência, nos sofrimentos e infortúnios que advenham como provas, para a depuração espiritual, e o divórcio perderá toda razão de ser, porque caso não haverá em que seja aplicável.

Enquanto, porém, as nossas naturezas se não houverem modificado tão profundamente quanto é preciso, para que o casamento, de acordo com a lei natural, seja a. união, aos olhos de Deus, ao mesmo tempo livre e indissolúvel, conformemo-nos com as leis que nos regem, observando as formalidades que elas impõem para a celebração do matrimônio. E, para prescindirmos, como espíritas, das bênçãos religiosas que as Igrejas humanas pretendem indispensáveis à santificação do ato matrimonial, lembremo-nos de que estamos cercados de levitas — os bons Espíritos, os mensageiros divinos, sempre prontos a nô-las conceder em nome do Senhor, e de que, se nos esforçarmos por praticar o casamento, segundo a lei natural perante Deus, com

relação a nós se cumprirão estas palavras do Divino. Mestre: Já não sois dois, mas uma só carne; não separe o homem o que Deus uniu.

(129) Moedas de prata do valor aproximado de vinte centavos.
(130. 4º Reis, 4º, 1. — Neh, 5º. 8. — Colossenses, 3º, 13.
(131) Deuteronômio, 24º, 1. — Gênese, 2º, 24. — JOÃO, 10º, 40. — 1ª Epístola aos Coríntios, 6º, 16; 7º, 2, 10, e 11.

124
MARCOS, 10º, 10 ao 12. — MATEUS, 19º, 10 ao 12. Respostas de Jesus relativas às condições do casamento. Dos eunucos por diversos motivos

MARCOS: capítulo 10º, versículo 10. Em casa, os discípulos o Interrogaram de novo a esse respeito. — 11. Disse-lhes ele: Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira. — 12. E se uma mulher deixa o marido e casa com outro também comete adultério.

MATEUS: capítulo 19º, versículo 10. Disseram-lhe então os discípulos: Se tal é a condição do homem com relação à esposa, não convém casar. — 11. Jesus lhes disse: Nem todos compreendem esta palavra, mas sim aqueles a quem isso é dado. — 12. Porque, há os que do ventre materno nasceram eunucos; há os que foram feitos eunucos pelos homens e outros há que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Entenda-o quem puder entender. (132)

Como encarnados, os discípulos de Jesus se achavam sob a influência dos preconceitos hebraicos e, assim, encarando o casamento apenas do ponto de vista das satisfações sensuais, consideravam um embaraço a obrigação de conservarem a mulher que escolhessem, houvesse que houvesse. Daí o terem dito: “Se tal é a condição do homem com relação à esposa, não convém casar”. Entendiam que não convinha ao homem casar-se, desde que lhe cumpria, sob pena de incorrer em adultério, guardar a esposa escolhida, acontecesse o que acontecesse.

Eles não perceberam a alusão que Jesus fazia, em mente, aos tempos futuros em que, depuradas as criaturas, a união do homem e da mulher será simultaneamente livre e indissolúvel, segundo a lei natural, à face de Deus, porque será a reunião de dois corpos para a reprodução e a ligação de duas almas pelo laço divino da lei do amor.

Supunham, fazendo a observação que fizeram, falar por inspiração própria. Entretanto, haviam recebido do Alto a inspiração e a ela obedeceram, tanto mais facilmente, quanto era conforme às idéias que alimentavam em virtude daqueles preconceitos. Receberam-na, para abrirem ensejo a que o Mestre desse, como deu, veladamente, um novo ensino, destinado a ser explicado e desenvolvido pela revelação atual, tendo por objetivo, com o lhes dar a compreender os motivos de incapacidade ou de abstenção do casamento, indicar aos homens a maneira por que hão de proceder para praticar, de acordo com a lei divina, a união simultaneamente livre e indissolúvel do homem e da mulher.

Eunucos, desde o ventre materno, são os que, ao procederem à escolha de suas provações, se impõem, como uma delas, tomar, para expiação de abusos em vidas anteriores, um corpo incapaz de corresponder às exigências do Espírito, quando este ceda às tentações da carne.

Eunucos feitos pelos homens são os que tais se tornam por efeito da castração, de uso corrente na época em que Jesus falava, uso que se conservou ainda por muito tempo, ou para que adquirissem belas vozes os que a sofriam, ou para servirem de guardas de haréns ou serralhos, devendo-se

também incluir no número dos que falamos os que se tornam quais os castrados, por efeito dos excessos e deboches a que se entregam e os que são vitimas de crimes, de horrendas vinganças, o que tudo exprime, para vergonha da Humanidade, a sua barbaria e depravação.

Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Entenda-o quem puder entender. (133) MATEUS, capítulo 19º, versículo 12.

Tendo Jesus enunciado veladamente o seu pensamento, porque assim o exigiram a época e o estado das inteligências, muitos houve que lhe não compreenderam as palavras e que, tomando-as no sentido literal, procederam como Orígenes, filho de Leônidas de Alexandria, o qual, encarregado de instruir os fiéis dessa cidade, se fez eunuco para colocar-se ao abrigo da calúnia, visto que homens e mulheres acorriam em multidão à sua escola. Outros, seguindo-lhe os conselhos de continência perpétua, se fizeram mutilar, para porem termo aos ímpetos da Natureza e, assim, ganharem o céu. Dessa falsa interpretação humana do ensino do Cristo é que nasceu o voto de celibato dos padres e dos membros de todas as ordens religiosas e monásticas de ambos os sexos.

Tudo, porém, tem a sua razão de ser, até mesmo os abusos que hoje se assinalam e profligam. As associações religiosas foram a salvaguarda dos primeiros tempos da era atual.

No seio delas se refugiavam os fracos e os perseguidos; as ciências e as artes ali se desenvolviam ao abrigo da destruição pela brutalidade dos homens e pela violência dos poderosos. Desde, entretanto, que foram desaparecendo as causas que as fizeram surgir, deveram ter sido modificadas, acompanhando o progresso geral da Humanidade. Não se tendo verificado isso, elas se tornaram prejudiciais a esse mesmo progresso.

O homem e a mulher, que não se sintam com forças para cumprir dignamente, com a abnegação e o desinteresse precisos, os deveres que a família impõe, fazem bem, aos olhos de Deus, abstendo-se de a constituírem pelo casamento, qualquer que seja o sacrifício material, carnal, que isso lhes custe. Mas, que ninguém assim proceda, na suposição de ser esse um meio de ganhar o céu, porque fora desconhecer os fundamentos divinos da constituição da família e negar funestamente satisfação às exigências da Natureza; que isso não seja tido como uma coroa de glória que cause orgulho, sob a influência deletéria do misticismo, ou da preguiça, do fanatismo, da ambição, do egoísmo. De nada serviria, em tal caso, a não ser para alimentar no coração humano o orgulho e o desvario e para fortalecer uma confiança ilusória.

Não é bom que o homem seja só, disse Deus, segundo refere Moisés. Não o é, de fato, porque, em contraposição a um que saiba dominar a carne, mil outros sucumbirão na sombra, sob o seu jugo, tornando-se hipócritas, verdade que, por manifesta, dispensa qualquer demonstração.

(132) Provérbios, 21º, 19. — Romanos, 7º, 3. — 1ª Epístola aos Coríntios, 7º, 10. e 11.
(133) MATEUS, capítulo 19º, versículo 12.

125
MATEUS, 19º, 13 ao 15. — MARCOS, 10º, 13 ao 16. — LUCAS, 18º, 15 ao 17. A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição

MATEUS: capítulo 19º, versículo 13. Apresentaram-lhe então algumas crianças para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas. Como os discípulos as repelissem com palavras rudes, — 14, Jesus lhes disse: Deixai as crianças; não as impeçais de vir a mim, porqüanto dos que se lhes assemelham é que é o reino dos céus. — 15. E, depois de lhes Impor as mãos, dali se afastou.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 13. E lhe apresentavam crianças para que as tocasse. Os discípulos, porém, repeliam com palavras rudes os que as apresentavam. — 14. Vendo Isso, Jesus se indignou e lhes disse: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porqüanto o reino dos céus é dos que forem tais como eles. — 15. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como uma criança, o reino de Deus, nele não entrará. — 16. E, abraçando as crianças e lhes impondo as mãos, as abençoava.

LUCAS: 18º, versículo 15. Alguns também lhe traziam crianças para que as tocasse. Vendo isso, os discípulos os repeliam com rudeza. — 16. Jesus, porém, as chamou para junto de si e disse: Deixai vir a mim as crianças, não o impeçais, porqüanto o reino de Deus é dos que forem como as crianças. — 17. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como uma criança, o reino de Deus, nele não entrará.

Já tivemos ocasião de receber explicações suficientes a este respeito, quando estudamos os versículos de 1 a 5, do capítulo 18º, de MATEUS; e os versículos de 32 a 40, do capítulo 9º, de MARCOS; e os versículos de 46 a 50, do capítulo 9º, de LUCAS.

Jesus repetia essas palavras, a fim de que se gravassem na memória dos discípulos. O pensamento era sempre o mesmo, expresso em termos diferentes, em ocasiões e lugares diversos. Á simplicidade do coração e a humildade do espírito são, ao mesmo tempo, a base,
a fonte, o meio e o caminho para se alcançarem as virtudes, a depuração, o progresso, que levam à pureza, à perfeição.

126
LUCAS, 18º, 1 ao 8. Parábola da viúva e do mau juiz

LUCAS: capítulo 18º, versículo 1. Disse-lhes também esta parábola, a fim de mostrar que é preciso orar sempre e não se cansar de o fazer; — 2. Havia, em certa cidade, um juiz que não temia a Deus, nem se importava com os homens. — 3. Havia também, na mesma cidade, uma viúva que freqüentemente o procurava, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. — 4. Ele por muito tempo não a quis atender; mas, por fim, disse de si para si: Se bem que eu não temo a Deus e não considero os homens, — 5, todavia, pois que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que afinal não me venha a fazer qualquer afronta. — 6. Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse esse mau juiz. — 7. Como deixará Deus de fazer justiça a seus eleitos, que para ele apelam dia e noite, como suportará que Indefinidamente os oprimam? — 8. Em verdade vos digo que cedo lhes fará justiça. Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, achará na Terra fé? (134)

Apresenta-se-nos aqui, como exemplo, um homem sem princípios, sem fé, e que cede unicamente à importunação de uma viúva, para lhe fazer justiça. Com mais forte razão devemos esperar que o Senhor atenda às nossas súplicas perseverantes e fervorosas, uma vez que justas sejam.

O Espírito não está sujeito às limitações do tempo. Não nos deve preocupar, portanto, a demora com que sejam deferidos os nossos rogos. Nem uma só das nossas palavras se perde.

Lá, onde o tempo não tem limites, se nos depararão os efeitos delas.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 7. — Cada um obterá conforme as suas obras, quando for chegado o tempo - Desde que a cada um é dado de acordo com as suas obras, a cada um justiça é feita: ao justo, a recompensa; ao culpado, o castigo. Graças à Revelação Espírita e a muitas das passagens evangélicas que temos estudado, já conhecemos o sentido e o alcance destas palavras: recompensa e castigo.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 8. — A justiça do Senhor se executa ininterruptamente.

Se lhe quisermos sentir os suavíssimos efeitos, coloquemo-nos entre os escolhidos, que são os que seguem as pegadas do Mestre.

O filho do homem foi e é, para nós, a personificação da doutrina que pregou e exemplificou. Há, na interrogação constante no versículo 8, do 18º capítulo de LUCAS, uma alusão de Jesus à nova era, já então predita, do Espiritismo, do advento do Espírito, era que se nos abre, preparando a segunda vinda do Cristo, era em que, pela Revelação Espírita, será restabelecida a lei tal como dele emanou.

Com efeito, essa revelação que, trazida pelos Espíritos do Senhor, vem restabelecer na sua pureza a lei enunciada pelo filho do homem, encontra na Terra uma fé geral? Ele vem, pela dita revelação, para implantar entre os homens o seu reino. Encontra, na Terra, a fé?

Todos nós podemos responder.

Ora, em não havendo a fé, na Terra, haverá o castigo. Uma coisa é conseqüência da outra.

(134) Romanos, 12º, 12. — Efésios, 6º, 18. — Colossenses, 4º, 2. —. 1º Tessalonicenses, 5º, 16, e 17. — Hebreus, 10º, 37. — 2ª Epístola à Pedro, 3º. 8 e 9. — Apocalipse, 6º, 10.

127
LUCAS, 18º, 9 ao 14. Fariseu e publicano

LUCAS: capítulo 18º, versículo 9. Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam em si mesmos, considerando-se justos, e desprezavam os outros: — 10. Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. — 11. O fariseu, de pé, orava, dizendo intimamente: Meu Deus, graças te dou por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. — 12. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de tudo o que possuo. — 13. O publicano, que ficara de longe, não ousava sequer elevar os olhos para o céu, mas, batendo nos peitos, dizia: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador. — 14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa e não o outro; porque, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado. (135)

No orgulho tem o homem o seu mais encarniçado inimigo, por ser o que mais se lhe infiltra no coração e o que mais obstinadamente se lhe agarra.

Que merecimento podemos ter, perante o Senhor, ainda que sejamos rigorosos no cumprimento da lei, se nos julgamos superiores ao nosso irmão? Observando a lei, não fazemos mais do que cumprir o nosso estrito dever. Julgando-nos superiores ao nosso irmão, pecamos contra a caridade, pois que, sejam quais forem as aparências, por muito miserável, culpado até, que pareça, pode ele ter puro o coração, pode, quando menos, possuir a humildade, que lhe permita uma justa apreciação de si mesmo e o coloque em condições de reprimir em si o mal. Sejamos severos conosco, brandos e indulgentes com os outros.

“O publicano voltou para sua casa justificado”, porque fizera justiça a si próprio, reconhecendo a sua inferioridade. Estava, portanto, no caminho do bem. Um mal reconhecido deixa de existir, a partir do momento em que se lhe aplica o remédio.

O fariseu não foi justificado, porque fizera ato de orgulho e faltara à caridade para com um de seus irmãos, em vez de fazer ato de humildade perante o Senhor, por motivo de suas faltas, ainda que mínimas fossem.

Aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado. Constituindo o orgulho uma falta grave, o que se exalta será punido. Sendo a humildade sincera o melhor agente da reforma individual, o progresso será a sua conseqüência. Por isso é que é ela a virtude que mais brilha nos enviados celestes e a que eles mais nos recomendam, como fundamental para a nossa salvação.

(135) Salmo 134º, 2. — Isaías, 7º, 15; 58º, 2. — Job, 22º, 29. — Timóteo, 4º, 6. — 1ª Epístola à Pedro, 5º. 6. — Apocalipse, 3º, 17.

128
MATEUS, 19º, 16 ao 26. — MARCOS, 10º, 17 ao 27. — LUCAS, 18º, 18 ao 27. Parábola do mancebo rico

MATEUS: capítulo 19º, versículo 16. Eis que um mancebo, dele se aproximando, lhe disse: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? — 17. Jesus lhe respondeu: Por que me chamas bom? Bom só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. — 18. Perguntou-lhe o mancebo: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho; — 19, honra a teu pai e tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo. — 20. Retrucou o mancebo: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha juventude; que mais me falta? — 21. Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Ao ouvir essas palavras o mancebo se retirou triste, porque muitos eram os bens que possuía. — 23. Disse então Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que difícil é um rico entrar no reino dos céus. — 24. Digo-vos mais ainda: É mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino do céu. — 25. Ouvindo isto, seus discípulos, muito espantados, perguntaram: Quem pode então ser salvo? — 26. Jesus, fitando neles os olhos, disse impossível é isto para os homens, mas para Deus tudo é possível.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 17. E, indo ele pela via pública, um homem veio a correr e, ajoelhando-se-lhe aos pés, lhe falou assim: Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? — 18. Disse Jesus: Por que me chamas de bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 19. Conheces os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não praticarás fraude, honra a teu pai e a tua mãe. — 20. Ao que o homem retrucou: Mestre, todas essas coisas tenho eu observado desde a minha mocidade. — 21. Jesus, olhando para ele com amor, lhe disse: Falta-te ainda uma coisa: vai, vende tudo o que possuís, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Mas o homem, aflito com aquelas palavras, se retirou triste, pois possuía grandes riquezas. —
23. Jesus, olhando à volta de si, disse a seus discípulos: Quão difícil é que entrem no reino de Deus os que possuem riquezas! — 24. E como os discípulos se mostrassem espantados com as suas palavras, ele lhes repetiu: Filhinhos, quão difícil é que entrem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! — 25. Mais fácil é que um camelo passe por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino de Deus. — 26. Maior ainda se tornou o espanto dos discípulos, que uns aos outros diziam: Quem pode então ser salvo? — 27. Jesus, porém, fitando-os, disse: Isto para os homens é impossível, mas não para Deus, a quem tudo é possível.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 18. Um homem de destaque o interrogou por esta forma: Bom Mestre, que hei de fazer para ganhar a vida eterna? — 19. Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 20. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. — 21. Replicou o homem: Todos esses mandamentos tenho-os guardado desde a minha mocidade. — 22. Ouvindo isso, disse-lhe Jesus:
Ainda uma coisa te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um

tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 23. O homem, porém, tendo escutado essas palavras, se entristeceu, pois que era muito rico. — 24. Vendo Jesus que ele ficara triste, disse:
Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus! — 25. Mais fácil é um camelo passar por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus. — 26. Os que o ouviam lhe disseram: Quem pode então ser salvo? — 27. Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível para os homens é possível a Deus. (136)

O mancebo que, impelido por uma influência espírita, foi ao encontro de Jesus, tinha que servir de exemplo e de lição aos que o cercavam. Naquela circunstância, como sempre que era oportuno e conveniente, o divino Mestre recorreu a imagens e locuções materiaiS, para tocar e impressionar fortemente as inteligências da época, extirpar o egoísmo e o apego aos bens terrenos e preparar o advento do Espírito, para quando o reinado da letra houvesse produzido todos os seus frutos.

Protestando contra o qualificativo de bom, que lhe fora dado, Ele, que era bom por excelência, o fez intencionalmente, para de antemão proscrever a sua divinização e sustentar o monoteísmo, mostrando que, em face do Deus de Israel, ninguém o poderia tratar como Deus, senão no sentido das palavras do Profeta (Salmo 81º, versículo de 1 a 6): Deus assiste sempre ao conselho dos deuses e, colocado no meio deles, julga os deuses; sem deixar, entretanto, de ser, como todos os Espíritos criados, filho do Altíssimo, do Deus dos deuses. Sois deuses e todos sois filhos do Altíssimo (Salmo citado).

Disse o Mestre: Meu pai e eu somos um. Mas, também disse, referindo-se a seus discípulos: Rogo por eles e pelos que hão de crer em mim, pela palavra deles, a fim de que todos sejam um, como tu, meu Pai, és em mim e eu em ti, a fim de que também sejam um em nós. Estou neles e tu estás em mim, para que sejam consumados na unidade. (JOÃO, capítulo 17º, versículo 21 ao 23.)

Quer isto dizer que, purificando-nos, adquirindo a perfeição moral, é que nos aproximaremos de Jesus, chegaremos a estar em relação direta com Ele, porque teremos chegado à condição de puros Espíritos e alcançaremos a vida eterna, que consiste em conhecê-lo e conhecer o Pai.

Respondendo ao mancebo, Jesus lhe recordou o Decálogo, que contém os mandamentos a que os homens devem obedecer e que se resumem no seguinte: não fazermos aos outros o que não quisermos que nos façam:
fazer aos outros tudo o que quiséramos nos fizessem, amando-os como a nós mesmos, praticando para com eles a justiça e a caridade, material e moral, com devotamento e renúncia.

Entretanto, precisamos entender bem, segundo o espírito, as palavras do Mestre, a fim de não deduzirmos delas que, para servir a Deus, devamos despojar-nos de tudo o que possuirmos. Daquelas palavras o que decorre é que nenhum fruto produz a prática das virtudes e dos mandamentos, se não é escoimada de egoísmo e santificada pela caridade. A caridade e o esquecimento de si mesmo faltavam ao mancebo. Foi por isso que Jesus lhe disse: Ainda te falta uma coisa, velando com a letra da imposição de um sacrifício absoluto dos bens humanos, para melhor tocar a inteligência dos homens materiais a quem falava, o espírito do ensinamento moral que lhes ministrava e que era o de que, onde está o tesouro, aí costuma estar sempre o coração da criatura humana, do que ali mesmo deu prova o mancebo, com a

tristeza que lhe causou a resposta obtida. Por pressentir, lendo-lhe o pensamento, essa tristeza, foi que Jesus disse, no momento em que ele se afastava, quando, pois, ainda podia ouvi-lo: “Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus, no reino dos céus”. Proclamou assim o princípio — Fora da caridade não há salvação, e preparou as gerações futuras a compreenderem que uma das provas mais temíveis, um dos maiores obstáculos a todo progresso moral é a riqueza, quando não se torna instrumento e meio de praticarem-se a caridade e o amor do próximo.

Porém, a caridade não consiste em dar do supérfluo. A verdadeira caridade sai do coração e o devotamento a acompanha sempre. Mas, ninguém pode ser devotado a seus irmãos, sem a renúncia de si mesmo, porqüanto grandes sacrifícios impõe o devotamento que tenha por móvel a caridade. Assim, caridade, devotamento e abmegação formam uma trilogia inseparável.

A caridade, para o ser, de fato, exige o desinteresse absoluto, não só quanto a qualquer remuneração material como também quanto às recompensas celestes, porque, do contrário, ainda será egoísmo. Ela tem que ser praticada, colimando o bem que possa produzir, por amor do próximo exclusivamente.

Aos discípulos que, ante o que Ele dissera ao mancebo, lhe perguntaram: Quem pode então salvar-se? respondeu apenas: O que é impossível para os homens épossível para Deus.

Mas, se só Deus nos pode salvar, para que servem as obras e a fé? É esta uma objeção que formulada tem sido muitas vezes e para a qual somente nós, os espíritas, encontraremos resposta, desde que meditemos os ensinos da Terceira Revelação.

Os que a formulam se colocam no mesmo ponto de vista dos discípulos, que se mostram espantados com o que Jesus dissera ao mancebo e induzidos a interpelá-lo como o fizeram, porque, atentando unicamente na letra, só perceberam as dificuldades da conquista do reino dos céus. Não perceberam os meios que ao Espírito são concedidos, para vencer essas dificuldades. Pode, por acaso; o homem, na sua curta existência terrena, depurar-se bastante para se considerar salvo? Poderão seus atos ser tão bons e sua fé tão viva que lhe assegurem a salvação?

Ora, se só a perfeição nos levará aos pés do Senhor, à salvação, quem senão Ele, por terno e indulgente, nos salva com o conceder-nos tempo, para que todos nos purifiquemos, com o relevar-nos as dívidas, a nós, maus servos, até que as possamos pagar? Concedendo às suas criaturas todo o tempo de que elas hajam mister, faculta-lhes Deus um agente poderoso, com cujo auxilio chegam elas sempre a alcançar a meta, por mais afastadas que desta se achem e por mais escabrosa que seja a estrada que lhes cumpre percorrer.

Assim sendo, quem, de fato, nos salva, senão Deus, que só Ele é bom, só Ele tem indulgência e longanimidade, só Ele tem nas suas mãos a duração do tempo?

O homem carece de capacidade para julgar por si mesmo do grau de pureza que lhe é necessário a elevar-se. Somente Deus pode julgar. À Revelação Espírita estava reservado esclarecer, aos olhos de todos, na época predita pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, o sentido das palavras de Jesus, velado pela letra, e indicar os meios que Deus faculta a seus filhos, para vencerem todas as dificuldades e atingirem o fim. Esses meios são o renascimento, a reencarnação, a princípio expiatória e precedida,

no espaço, da expiação proporcionada e apropriada às faltas cometidas; depois, e por fim, gloriosa, visto que dá ao Espírito entrada no reino de Deus, no reino dos céus, isto é, lhe permite alcançar a perfeição moral.

Eis por que e como é Deus e só Deus quem nos salva.

(136) Gênese, 18º, 14. — Êxodo, 20º, 13. — Deuteronômio, 5º. 17. — Job, 42º, 2. — Jeremias, 32º, 17. — Provérbios, 11º, 23. — Zacarias, 8º, 6. — Atos, 2º, 45. — Romanos, 13º, 9. — Gálatas, 5º. 14. — Timóteo, 3º, 8. — 1ª Epístola à Timóteo, 6º, 9, e 10, 18º, 19.

129
MATEUS, 19º, 27 ao 30. — MARCOS, 10º, 28 ao 31. — LUCAS, 18º, 28 ao 30. Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze Tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade e perseverança na senda do progresso

MATEUS: capítulo 19º, versículo 27. Pedro então lhe perguntou: Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos; que recompensa será a nossa? — 28. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, ao tempo da regeneração, o filho do homem estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. — 29. E todo aquele que abandonar, pelo meu nome, casa, ou irmão, ou irmã, ou pai ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, receberá o céntuplo e terá por herança a vida eterna. — 30. Mas, muitos que foram dos primeiros serão dos últimos e muitos que foram dos últimos serão dos primeiros.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 28 Pedro então lhe observou: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Disse Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que deixe, por mim e pelo Evangelho, casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos e terras, — 30, que, presentemente, neste século mesmo, não receba, com as perseguIções, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, pais, filhos e terras, e, no século futuro, a vida eterna. — 31. Mas, muitos dos que tenham sido primeiros serão últimos e muitos dos que tenham sido últimos serão primeiros.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 28. Disse então Pedro: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo não haver ninguém que deixe, pelo reino de Deus, casa, ou pais, ou Irmãos, ou mulher ou filhos, — 30, que, aInda nos tempos presentes, não receba muito mais e, no século futuro, a vida eterna. (137)

Tendo, como encarnados ao tempo de Jesus, colaborado na obra de regeneração da Humanidade, os apóstolos continuaram e continuarão ao serviço do Mestre, até ao momento em que os homens hajam compreendido a marcha e a finalidade de suas existências.

Já, presentemente, eles julgam as tribos de Israel, no sentido de que presidem ao progresso do nosso planeta. São os intermediários entre Jesus e os nossos guias, do mesmo modo que Jesus é o intermediário entre o Senhor e eles.

O tempo da regeneração é o em que a Revelação Espírita regenerará os homens, pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades que até então houveram de estar cobertas pelo véu da parábola. O tempo, em que o filho do homem estará assentado no trono da sua glória, será a época em que todos se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele que é o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou.

Também vós estareis assentados em doze tronos. Estas palavras, ditas com referência aos apóstolos, traçam uma alegoria destinada a tornar compreensível o grau extraordinário de elevação a que terão chegado, naquela

época, os ministros de Jesus. As doze tribos simbolizam as divisões a que os povos ainda se acham sujeitos na Terra. Julgar (as doze tribos) significa aqui governar, dando a cada um segundo suas obras e méritos. Refere-se à missão, que também cabe aos apóstolos, de velar pelo cumprimento das provas e expiações a que os ditos povos se encontram sujeitos. Os Espíritos culpados têm, regra geral, a liberdade de escolher suas provas. Não são aqueles os que determinam o gênero destas. Eles apenas velam para que as aludidas provas estejam sempre em relação com as forças do culpado, de modo que não haja para este impossibilidade de triunfar. A ação deles se desenvolve, sobretudo, na execução da pena por que deve o delinqüente passar, no estado espírita. Os remorsos, corporificados na visão de suas faltas, nos quadros fluídicos que lhe estão constantemente visíveis e que, por assim dizer, lhe cravam de contínuo as lâminas aceradas de uma recordação cruel, tal a obra que, pelo poder de sua vontade, executam os Espíritos que "julgam as doze tribos de Israel" despertando no culpado o arrependimento e o desejo de reparar e progredir.

É de notar-se que, ao proferir aquelas palavras, Jesus se dirigia não somente aos onze apóstolos, que se conservariam fiéis, mas, também, a Judas Iscariotes que, sabia-o Ele de antemão, o trairia, falindo gravissimamente à sua missão, como, de fato, o traiu. Prova isso que o divino Mestre também sabia que Judas, pelos meios postos ao seu alcance, como ao de todos os Espíritos culpados, de purificação e progresso moral, meios que são a expiação e a reencarnação, que constituem o inferno e o purgatório da reparação, chegaria, com o auxílio do tempo, a regenerar-se e a colocar-se em situação igual à dos demais.

Vê-se, assim, que, antecipadamente, Jesus proclamava a falsidade do dogma humano, ímpio e monstruoso, da eternidade das penas para o Espírito culpado; desse "inferno eterno" que, segundo a Igreja Romana, houvera tragado para todo o sempre o de Judas Iscariotes, que ela considera o maior dos réprobos, despercebida das traições que também ela há séculos vem praticando contra o mesmo Jesus.

Por se dirigir diretamente aos Hebreus, o divino Mestre aludiu apenas aos doze apóstolos, como sendo os que ocupariam tronos, para julgar as tribos de Israel, símbolo da Humanidade, dividida em povos de raças diversas. Suas palavras, porem, se estendem a todos os Espíritos bem-aventurados, cujo número é para nós incalculável, os quais todos têm suas missões e encargos, velando solícitos pelo nosso progresso e facilitando o adiantamento dos que, chegados ao ponto de só estarem sujeitos a encarnações não materiais, tenham que progredir nos mundos fluídicos.

MATEUS, capítulo 19º, versículo 29; — MARCOS, capítulo 10º, versículos 29 e 30; — LUCAS, capítulo 18º, versículos 29 e 30. — Também são figuradas as palavras de Jesus constantes nestes versículos. Entendidas segundo o espírito, o que se verificará é que Ele apontou, como exemplo, aqueles sacrifícios, por serem os maiores que o homem possa fazer.

O amor, que traz em si a humildade e a caridade, para ser verdadeiro, eficaz, frutuoso, reclama atividade e perseverança na senda do progresso, objetivando, em cada criatura, o seu próprio aperfeiçoamento e o de seus irmãos. Ora, muitos dos que se houverem posto a caminho antes dos outros chegarão últimos ao fim, por não terem avançado com perseverança naquela senda. Esses são os que contam consigo mesmos e julgam caminhar com

mais segurança e passar adiante dos demais. A conseqüência será verem seus passos obstados pelo orgulho e retardada, portanto, a sua marcha. Assim é que, tendo sido dos primeiros a se porem a caminho, serão os últimos a chegar.

137) Deuteronômio, 33º, 3, e 10. — Êxodo, 32º, 26. — Malaquias, 2º, 5, e 6. — Job, 42º, 10. — 2º Paralipômenos. 25º. 9. — 1ª Epístola aos Coríntios, 6º, 2, 3. — Apocalipse, 2º, 26; 3º, 21; 20º, 4.

130
MATEUS, 20º, 1 ap 16. Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora

MATEUS: capítulo 20º, versículo 1. O reino dos céus se assemelha a um homem, pai de família, que ao amanhecer saiu a assalariar trabalhadores para a sua vinha. — 2. Tendo convencionado com os trabalhadores pagar por dia um denário (138) a cada um, mandou-os para a vinha. — 3. Saiu de novo por volta da hora terceira (139) e vendo outros na praça, desocupados, — 4. disse-lhes: Ide também para minha vinha e vos pagarei o que for justo. — 5. Eles foram. A hora sexta e à hora nona, o pai de família saiu novamente e fez o mesmo. — 6. Por volta da undécima hora, tornou a sair e, encontrando mais alguns desocupados, lhes disse: Por que passais aqui ociosos o dia todo? — 7. Responderam-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes então: Ide trabalhar na minha vinha. — 8. Ao anoitecer disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros. — 9. Apresentaram-se os que tinham vindo para o trabalho por volta da hora undécima e cada um recebeu um denário. — 10. Chegando a vez dos que foram assalariados em primeiro lugar, pensavam eles que receberiam mais do que os outros; porém, não receberam senão um denário cada um. — 11. Então, ao receberem a paga, murmuravam contra o pai de família, dizendo: — 12. Estes, que foram os últimos, trabalharam apenas uma hora e tu os Igualas a nós, que suportamos o peso do dia e do calor. — 13. Respondendo a um deles, disse o dono da vinha: Meu amigo, nenhum agravo te faço; não convieste comigo em receber um denário? — 14. Toma o que te é devido e vai-te embora; a mim me apraz dar a este, que foi dos últimos, tanto quanto a ti. — 25. Ou não me é permitido fazer o que quero? Acaso, mau é o teu olho porque sou bom? — 16. Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

Na época em que Jesus pregou a sua doutrina, o orgulho dos que formavam as camadas superiores dos Judeus erguia alta barreira entre estes e todos os que não se achavam submetidos à lei de Moisés. Eles se consideravam privilegiados, crendo-se os únicos merecedores das graças do Senhor, por terem nascido Hebreus e não Gentios ou pagãos.

Cumpria abater aquele sentimento nuns, e, do mesmo passo, animar os esforços dos outros.

Era mister encher de esperança e coragem os pecadores que se arrependiam. Foi objetivando esse resultado que Jesus disse: “Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

O divino Mestre houvera podido explicar pela reencarnação as diferenças no número das horas de trabalho dos obreiros e a igualdade dos salários, das recompensas. Mostraria então que os trabalhadores da primeira hora, os que foram em primeiro lugar assalariados, se conservaram estacionários em muitas existências, ao passo que os da última hora trabalharam com zelo e atividade pelo seu adiantamento. Assim, no fim do dia, chamados uns e outros a receber o salário, as recompensas, pelo trabalho feito, isto é, pela soma de progresso

realizado, as pagas tiveram que ser iguais, porqüanto, tendo todos produzido a mesma soma de trabalho, todos tinham direito ao mesmo salário, à mesma recompensa.

Mas, como ainda não chegara o tempo de ser convenientemente aceita essa explicação, única verdadeira, a soma do trabalho executado por cada um dos trabalhadores foi conservada na obscuridade.

Mostrou desse modo Jesus aos Judeus que a questão é de cultos, nem de nacionalidades, e sim de trabalho por adquirir merecimento, e cuidou de encorajar os que, tendo adquirido tardiamente o conhecimento das verdades evangélicas, temessem não lhes assistir direito às recompensas prometidas aos que adquirissem esse conhecimento desde a primeira hora.

Trabalhadores, que somos, da última hora, não devemos, pois, hesitar em compreender a tarefa a que nos convida o Senhor, certos de que Ele não considerará o tempo que houvermos gasto em desempenhá-la e sim o zelo e a boa-vontade de que dermos prova.

Os primeiros que entraram no carreiro, chamados ao conhecimento da verdadeira lei, que é a lei de justiça, amor e caridade pregada por Jesus, serão os últimos a chegar ao fim, se, em vez de seguirem a linha reta, enveredarem pelos atalhos tortuosos. Ao contrário, os que, começando por último, caminharem sempre esforçadamente para a frente, chegarão sem delongas ao fim, serão os primeiros a chegar e serão escolhidos em primeiro lugar, ainda que sejam dos últimos na ordem da criação, dos últimos, portanto, chamados. Como o número dos retardatários costuma ser maior do que o dos diligentes, resulta serem muitos os chamados e poucos os escolhidos.

(138) Moeda de prata que ao princípio valia dez asses, cerca de 20 centavos.

(139) Os Judeus como os Romanos dividiam as doze horas do dia em quatro partes cada uma de três horas. Essas quatro partes se designavam por hora primeira, hora terceira, hora sexta, hora nona, correspondendo a primeira às seis horas da manhã de agora, a terceira às nove, a sexta ao meio dia e a nona às quinze horas.

131
MATEUS, 20º, 17 ao 19. — MARCOS, 10º, 32 ao 34. — LUCAS, 18º, 31 ao 34. Predição do sacrifício do Gólgota

MATEUS: capítulo 20º, versículo 17. Subindo para Jerusalém, Jesus chamou de parte os doze discípulos e lhes disse: — 18. Vamos para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte. — 19. Entregá-lo-ão aos Gentios para que seja escarnecido, flagelado e crucificado. E ele ao terceiro dia ressuscitará.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 32. Subindo eles a estrada de Jerusalém, Jesus lhes ia à frente, o que enchia de espanto e de temor os que o seguiam. Ele então chamou de parte novamente os doze discípulos e começou a predizer-lhes o que estava para lhe acontecer. — 33. Subimos, como vedes, para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciães, que o condenarão à morte e o entregarão aos Gentios. — 34. Escarnecê-lo-ão, cuspir-lhe-ão no rosto, açoitá-lo-ão, tirar-lhe-ão a vida e ele ressuscitará ao terceiro dia.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 31. Em seguida, Jesus, tomando de parte os doze apóstolos, lhes disse: Eis que vamos para Jerusalém e tudo que os profetas escreveram acerca do filho do homem se cumprirá; 32, pois que será entregue aos Gentios, será escarnecido, açoitado e cuspido. — 33. E depois que o tiverem flagelado, lhe darão a morte e ele ressuscitará ao terceiro dia. — 34. Eles, porém, nada compreenderam; aquelas palavras lhes eram um segredo; não entendiam o que lhes era dito. (140)

Jesus, neste passo, repetiu a predição que já fizera da sua “morte” e da sua “ressurreição”, acrescentando e precisando novas particularidades. (Veja-se: MATEUS, capítulo 16º versículo 21; capítulo 17º, versículos 21 e 22. — MARCOS, capítulo 8º, versículo 31; e capítulo 9º, versículo 30. — LUCAS, capítulo 9º, versículos 22, 44 e 45.)

Não há o que comentar nessas palavras, que são positivas. Jesus, predizendo-os, fundamentava os acontecimentos que iam ocorrer e desse modo dava maior peso às suas afirmativas. As narrações dos Evangelistas se completam, como sempre, uma pelas outras.

Os discípulos não compreenderam, dessa vez, melhor do que das precedentes, o sentido exato das palavras do Mestre. Não atinavam, sobretudo, com o que poderia ser a “ressurreição” de Jesus. Tinham o entendimento obscurecido, quanto a esse ponto, a fim de que os fatos pudessem suceder sem obstáculos.

Os apóstolos, diz um dos Evangelistas, muito admirados e receosos, seguiam o Mestre, quando a caminho de Jerusalém. É que temiam os sacerdotes e os principais Judeus, sentindo que seria difícil escapar-lhes.

(140) Salmo, 21º. — Isaías, 53º. — JOÃO, 18º, 28. — Atos, 3º, 18.

132
MATEUS, 20º, 20 ao 28. — MARCOS, 10º, 35 ao 45. Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas

MATEUS: capítulo 20º, versículo 20. Aproximou-se (ide então a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e o adorou, dando mostras de querer pedir-lhe alguma coisa. — 21. Jesus lhe perguntou: Que queres? — Manda, disse ela, que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita, outro à tua esquerda, no teu reino. — 22. Retrucou-lhes Jesus: Não sabeis o que pedis. Podeis porventura beber o cálice que eu tenho de beber? Responderam eles: Podemos. — 23. Disse-lhes ele: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber; quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vo-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou. — 24. Ouvindo aquilo, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. — 25. Mas, Jesus os chamou e disse: Sabeis que os príncipes das nações dominam os povos; que os grandes exercem seu poder sobre eles. — 26. Assim, porém, não há de ser entre vós outros: aquele que entre vós queira ser o maior seja o que vos sirva; — 27, seja o vosso servo aquele que quiser ser o primeiro entre vós; — 28, a exemplo do filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 35. Acercaram-se então dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, e lhe disseram: Mestre, queremos nos faças tudo o que te pedirmos. — 36. Perguntou-lhes Jesus: Que quereis que eu vos faça? — 37. Concede, disseram eles, que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. — 38. Jesus lhes observou: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber e receber o batismo com que eu serei batizado? — 39. Responderam os dois. Podemos. Replicou Jesus: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber e sereis batizados com o batismo com que eu o serei. — 40. Quanto, porém, a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos vo-lo conceder; isso será dado àqueles para quem meu Pai o haja preparado. — 41. Ao ouvirem o que pediam Tiago e João, os dez outros apóstolos se tomaram de indignação contra eles. — 42. Jesus, porém, os chamou e lhes disse: Sabeis que os que têm autoridade sobre os povos exercem dominação sobre estes; que seus príncipes os tratam com império. — 43. Assim, entretanto, não deve ser entre vós, onde o que quiser ser o maior tem que se fazer vosso servo; — 44, e o que quiser ser o primeiro tem que ser o servidor de todos. — 45. Por que, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos. (141)

Insignificante é a diferença que se pode notar entre as duas narrativas evangélicas, reproduzidas acima. A mãe de Tiago e João estava com os dois. Ela e eles dirigiram sucessivamente a palavra ao Mestre. Este, porém, só

respondeu, como era natural, aos dois discípulos.

O batismo a que Jesus aludia, dizendo que lhe cumpria recebê-lo, era o sacrifício a que teria de submeter-se e não a água que João lhe derramara sobre a cabeça. Era também, de modo geral, o martírio que os apóstolos, seguindo-lhe o exemplo, teriam de sofrer.

Com o que disse, relativamente ao lugar a que os dois discípulos aspiravam, fez ressaltar a supremacia divina, com referência a qualquer outro Espírito, por mais elevado que seja.

Ante a indignação de que se tomaram os outros dez apóstolos contra Tiago e João, cujo pedido interpretaram como significando que os dois se consideravam superiores aos demais, o Mestre lhes deu o ensinamento simples e conciso, que os Evangelistas registraram, objetivando encaminhar o homem para a humildade, o desinteresse e a renúncia de si mesmo, para o devotamento a todos. Esse ensinamento deu fruto entre os discípulos e os primeiros cristãos. Os homens, porém, o olvidaram e deixaram de praticar, desde o dia em que, passados os tempos apostólicos, fizeram da Igreja do Cristo um reino deste mundo, pactuando com as potências da Terra, ou, por vezes, lutando contra elas, caminho pelo qual foram levados ao orgulho, à ambição, à ânsia de predomínio, à intolerância, ao abuso, às aberrações, aos excessos que aquelas fontes de erros e de paixões fazem jorrar. Daí o desprestígio em que caiu e vemos a Igreja de Roma.

Mas, são chegados os tempos em que as palavras do Mestre se têm de cumprir e tornar verdades práticas. Importa, pois, que nós outros, os espíritas, sejamos os primeiros a dar exemplos de humildade, de desinteresse, de renúncia e de devotamento.

Disse Jesus: “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos”. Foi efetivamente o que fez. Segundo as suas palavras, Ele veio dar a vida pela redenção de muitos. Por que não de todos? Será por que haja estabelecido duas categorias, uma de “eleitos”, outra de “réprobos”, quando disse que muitos serão os chamados e poucos os escolhidos? Não, certamente. Já vimos como e por que os chamados são muitos, são mesmos todos, e poucos serão os escolhidos. Precisamos compreender, em toda a sua grandiosidade, o sentido das palavras do Mestre, ponderando que o caminho está aberto a todos nós, que todos temos o livre-arbítrio e a lei de amor, para nos guiarem os passos nesse caminho, de modo que o percorramos com segurança e sem desvios.

Aquela restrição se explica e justifica, porque, sem dúvida, ao tempo da purificação do nosso mundo, haverá Espíritos rebeldes e obstinados, que serão afastados deste planeta e mandados para outros, de categoria inferior, onde terão que expiar suas rebeldias e obstinações, e progredir, sob as vistas de outro Cristo de Deus. Assim, nem todos chegarão ao fim debaixo da mesma direção, mas todos hão de chegar.

A mesma restrição ainda nos faz ver de que modo Jesus foi e é o nosso redentor e como devemos compreender que haja realizado a obra da nossa redenção, excluindo toda idéia de que esta se operou por haver Ele tomado sobre si e expiado, pelo sacrifício do Gólgota, as nossas culpas, isentando-nos da responsabilidade delas. De semelhante idéia nasceu um dos erros mais grosseiros que a Igreja Romana propina e pelo qual desvirtua a significação real daquele sacrifício, tornando-o um ato de “expiação substitutiva”, que seria visceralmente contrário à justiça perfeita e ao amor infinito de Deus.

(141) Isaías, 53º, 10. — Daniel, 9º, 24. — MARCOS, 14º, 36. — LUCAS, 22º, 42. — JOÃO, 11º, 51; 13º, 14; 18º, 11. — Atos, 12º, 2. — Romanos, 5º, 15. — 2ª Epístola aos Coríntios, 1º, 7. — 1ª Epístola à Timóteo, 2º, 6. — Hebreus, 9º, 28. — 1ª Epístola à Pedro, 1º, 19; 5º. 3. — Apocalipse, 1º, 9.

133
LUCAS, 19º, 1 ao 10. Conversão de Zaqueu

LUCAS: capítulo 19º, versículo 1. Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. — 2. Vivia ali um homem, chamado Zaqueu, que era dos principais entre os publicanos, rico, — 3, e que procurava ver a Jesus para o conhecer, o que não podia conseguir devido à multidão, pois que ele era de muito baixa estatura. — 4. Correndo então adiante de todos, subiu a um sicômono para o ver, porqüanto por alí havia Jesus de passar. — 5. Chegando ao lugar onde ele se achava, Jesus levantou os olhos, o viu e lhe disse: Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa. — 6. Zaqueu desceu a toda pressa e o recebeu com alegria. — 7. Todos os que Isso presenciaram murmuravam, por ter Ele ido hospedar-se em casa de um homem pecador. — 8. Entretanto, Zaqueu, prostrando-se diante do Mestre, lhe disse: Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se nalguma coisa defraudei a alguém, restituir-lhe-ei o quádruplo. — 9. Sobre o que disse Jesus: Hoje entrou nesta casa a salvação, pois este também é filho de Abraão. — 10. Porque, o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido. (142)

São fáceis de apreender-se as conseqüências deste fato. Jesus viera em socorro dos que se perdiam, conforme vimos ao apreciar a resposta por Ele dada aos discípulos Tiago e João, quando tiveram a idéia de pedir que descesse fogo do céu para consumir os Samaritanos que não os tinham querido receber (LUCAS, capítulo 9º, versículo 56.) Sua moral persuasiva frutificava nalguns corações e os que tratavam de pô-la em prática eram salvos, pois entravam no caminho do progresso rápido e contínuo.

Essa moral, sempre pura e reconfortante, temo-la hoje, no Evangelho, sob as nossas vistas. Mas, infelizmente, não cuidamos de aplicá-la, de a pôr em obras. Entretanto, sabemos que nos cumpre fazer como Zaqueu, isto é, apressar-nos em preparar a morada dos nossos corações para nela recebermos o Senhor, em ativar, pela purificação dos nossos Espíritos, a do planeta que habitamos. Aplicando-nos as palavras de Jesus, urge reparemos sem demora todo dano que houvermos causado aos nossos irmãos, depois de havermos feito um sério exame das nossas consciências. Assim procedendo, podemos, como Zaqueu, ouvir as palavras do Mestre, repercutindo suavemente no imo das nossas almas. Então, também seremos, como ele, “filhos de Abraão”, palavras que significam — “herdeiros do céu”.

(142) Êxodo, 22º, 1. — 1º Reis, 12º, 3. — 2º Reis, 12º, 6. — Romanos, 4º, 11, 12, e 16. — Gálatas, 3º, 7. — JOÃO, 3º, 17.

134
MATEUS, 20º, 29 ao 34. — MARCOS, 10º, 46 ao 52. — LUCAS, 18º, 35 ao 43. Cura dos cegos de Jericó

MATEUS: capítulo 20º, versículo 29. Saindo eles de Jericó, grande multidão acompanhou a Jesus. — 30. E eis que dois cegos que se achavam sentados à beira da estrada, ouvindo dizer que Jesus por ali passava, se puseram a clamar: Senhor, filho de David, tem compaixão de nós! — 31. O povo os repreendia, mandando que se calassem; porém eles clamavam cada vez mais alto: Tem compaixão de nós, Senhor, filho de David! — 32. Jesus então parou, chamou-os e lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? — 33. Responderam os dois: Que se nos abram, Senhor, os olhos. — 34. Compadecido deles, Jesus lhes tocou os olhos e, no mesmo instante, ambos recobraram a vista e o seguiram.

MARCOS: capítulo 10º, versículo 46. Estiveram depois em Jericó. Ao sair daí Jesus, acompanhado dos discípulos e de grande multidão, um cego, de nome Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira da estrada, esmolando. — 47. Tendo ouvido dizer que Jesus Nazareno por ali passava, começou a clamar: Jesus, filho de David, tem compaixão de mim! — 48. Muitos o ameaçavam para que se calasse, porém ele clamava ainda mais alto: Filho de David, tem piedade de mim! — 49. Jesus então parou e mandou que o chamassem. Alguns o foram chamar, dizendo: Tem confiança, levanta-te que ele te chama. — 50. Bartimeu, atirando para o lado a capa, de um salto foi ter com Jesus. — 51. Perguntou-lhe este: Que queres que eu te faça? O cego respondeu: Mestre, faze que eu enxergue. — 52. Disse-lhe então Jesus: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele enxergou e foi seguindo a Jesus pela estrada.

LUCAS: capítulo 18º, versículo 35. Sucedeu que, ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmola — 36. Ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. — 37. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que em por ali passava. — 38. Logo clamou ele: Jesus, filho de David, compadece-te de mim! — 39. Os que iam à frente o repreendiam, para que se calasse; ele, porém, clamava cada vez mais forte: Filho de David, tem compaixão de mim! — 40. Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego. Ao aproximar-se este, perguntou-lhe: — 41. Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor', faze que eu veja! 42. Jesus lhe disse: Vá; tua fé te salvou. — 43. Imediatamente, o que era cego viu e foi seguindo a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, tendo visto aquilo, louvava a Deus.

Dois fatos de cura aqui há, um referido por MARCOS e LUCAS, outro por MATEUS. Jesus não permaneceu todo o tempo na cidade de Jericó, desde que nela entrou e pediu hospedagem a Zaqueu. Ao contrário, saiu muitas vezes, para instruir o povo. Assim foi que operou a dupla cura, em ocasiões diversas. Isso, entretanto, nenhuma importância tem. São minúcias pueris, com que não nos devemos preocupar.

Quanto às curas, Ele as operou, como as outras de que já tratamos, por ato exclusivo da sua vontade e pela ação do seu poder magnético. Se tocou os olhos dos cegos, coisa de que não tinha necessidade, foi para mostrar aos

discípulos o que lhes cumpria fazer.

Operando a de Bartimeu, filho de Timeu, só com o pronunciar estas palavras: Vai, tua fé te sarou, quis impressionar fortemente as massas, mostrando aos homens o poder de que dispunha.

Cegos que somos do coração e da inteligência, digamos com fé: Senhor, que os nossos olhos se abram", e recobraremos a vista moral e espiritual. Digamos com fé: Mestre, faze que eu veja, e veremos, porqüanto a luz espírita clareará as trevas que nos envolvem, projetando o fulgor de seus raios na estrada reta e segura que temos de percorrer.

135
MATEUS, 21º, 1 ao 17. — MARCOS, 11º, 1 ao 11, e 15 ao 19. — LUCAS, 19º, 28 ao 48. Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém

MATEUS: capítulo 21º, versículo 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide a essa aldeia que vos está defronte e lá encontrareis amarrada uma jumenta com o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. — 3. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo vo-los deixarão trazer. — 4. Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: — 5. "Dizei à filha de Sião" (143): "Eis que vem a ti o teu rei, cheio de doçura, montado numa jumenta e trazendo o jumentinho que está sob o jugo". — 6. Os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes ordenara. — 7. Trouxeram a jumenta com o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes e o fizeram montar. — 8. Da multidão muitos então estenderam pelo caminho suas roupas, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pela estrada. — 9. E a turba toda, tanto os que iam à frente como os que vinham atrás, clamava: Hosana ao filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! — 10. Quando ele entrou em Jerusalém, a cidade toda se abalou e perguntavam: Este quem é? — 11. A multidão respondia: É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia. — 12. Jesus entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas, — 13, dizendo-lhes: Está escrito: "Minha casa será chamada casa de oração". E fizestes dela um covil de ladrões. — 14. Vieram então ao templo cegos e coxos e ele os curou. — 15. Vendo, porém, as maravilhas que ele operava e ouvindo os meninos que clamavam no templo: Hosana ao filho de David, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se indignaram. — 16, e lhe perguntaram: Ouves o que eles dizem? Respondeu-lhes Jesus: Sim. E nunca lestes isto: "Da boca dos meninos e das criancinhas que ainda mamam, tiraste perfeito louvor". — 17. E, deles se apartando, retirou-se da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite.

MARCOS: capítulo 11º, versículo 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betânia, perto do monte das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que está em frente de vós; ao entrardes nela, encontrareis amarrado um jumentinho no qual ainda ninguém montou. Desamarrai-o e trazei-me. — 3. Se alguém vos perguntar: Que fazeis? respondei: O Senhor precisa dele, e logo vo-lo deixarão trazer aqui. — 4. partiram os dois discípulos e acharam o jumentinho, numa encruzilhada, amarrado do lado de fora de uma porta e o desamarraram. — 5. Alguns dos que por ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis? Por que desamarrais esse jumentinho? — 6. Eles responderam como Jesus lhes determinara e os que os haviam interpelado deixaram que o levassem. — 7. Levaram então eles o jumentinho, cobriram-no com suas capas e Jesus montou-o. — 8. Muitos também estenderam suas vestes ao longo do caminho,

enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam por onde ele passava. — 9. E tanto os que iam à frente como os que o seguiam clamavam: Hosana! — 10. Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino, que vemos chegar, do nosso Pai David! Hosana nas alturas! — 11. Tendo entrado em Jerusalém, Jesus foi ao templo e, depois de tudo haver observado, como já fosse tarde, se retirou para Betânia com os doze apóstolos.

MARCOS: capítulo 11º, versículo 15. Tendo voltado a Jerusalém, Jesus entrou no templo, donde expulsou os que ali vendiam e compravam: derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas. — 16. Não permitia que ninguém andasse pelo templo carregando qualquer vaso. — 17. E ensinava dizendo: Não está escrito que a minha casa será, entre todas as gentes, chamada casa de oração? E, no entanto, fizestes dela um covil de ladrões. — 18. Ouvindo isso, os príncipes dos sacerdotes e os escribas cogitavam do modo por que o haviam de perder, pois o temiam porque o povo se mostrava maravilhado da sua doutrina. — 19. Ao cair da tarde, saiu ele da cidade.

LUCAS: capítulo 9º, versículo 28. Depois de ter assim falado, Jesus, à frente de todos, tomou o caminho de Jerusalém. — 29. Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto ao monte chamado das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 30, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que nos está fronteira; ao entrardes lá, encontrareis amarrado um jumento no qual ninguém montou; desamarrai-o e trazei-me. — 31. Se alguém vos perguntar: Por que o soltais? respondei assim: Porque o Senhor precisa dele. — 32. Partiram os dois emissários e encontraram o jumentinho como lhes fora dito. — 33. Quando o desamarravam, perguntaram os donos: Por que desamarrais esse jumentinho? — 34. Responderam: Porque o Senhor precisa dele. — 35. Levaram-lho então, cobriram-no com suas vestes e fizeram Jesus montá-lo. — 36. E muitos estendiam suas capas por onde ele passava. — 37. E quando ia começando a descer o monte das Oliveiras, a turba de seus discípulos começou, transportada de alegria, a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinham presenciado, dizendo: — 38. Bendito o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas! — 39. Então, dentre o povo, alguns fariseus lhe disseram: Mestre, faze que teus discípulos se calem. — 40. Ao que ele respondeu: Eu vos declaro que, se estes se calassem, clamariam as próprias pedras. — 41. Já perto de Jerusalém, ao contemplar a cidade, Jesus chorou por ela, dizendo: — 42. Ah! se ao menos neste dia que ainda te é concedido conhecesses aquele que te pode trazer a paz! Mas, por ora, tudo isto se conserva oculto aos teus olhos! — 43. Porque, desditosos dias te virão, em que teus inimigos levantarão trincheiras ao teu derredor, te porão cerco e te apertarão de todos os lados; — 44, em que te deitarão por terra, bem como a quantos de teus filhos estão dentro de ti, não deixando em ti pedra sobre pedra, por não teres conhecido o tempo da sua visitação. — 45. E, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam, dizendo-lhes: — 46. Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões! — 47. E todos os dias ensinava no templo. Entrementes, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os maiorais do povo cogitavam de eliminá-lo. — 48. Não achavam, porém, o que lhe haviam de fazer, porqüanto o povo ficava como que suspenso, ouvindo-o. (144)

Aqui, como sempre, o ensinamento do manso Nazareno é o mesmo: a

humildade, a santa humildade que purifica o coração, desarma os poderosos, lava de suas impurezas a alma e a leva aos sacratíssimos pés do Altíssimo.

Nem pompa, nem luxo teve a sua entrada em Jerusalém, que se tornou triunfal apenas pelo entusiasmo que suas virtudes despertaram na multidão. Ele era sempre modesto e simples, como a moral que pregava e exemplificava.

Expulsou do templo os vendilhões, dizendo: Está escrito: "Minha casa é casa de oração", e a transformastes num covil de ladrões. Essas palavras, entretanto, parece que até hoje não chegaram aos ouvidos de muita gente, pois que inúmeros são ainda os que negociam, comprando e vendendo orações, perdões e indulgências, resgatando crimes a peso de ouro e fazendo das bênçãos do Senhor objeto de vil comércio.

Era este o pensamento que aquelas palavras exprimiam: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porqüanto praticam roubo, mercando o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si.

Os discípulos, em multidão, clamavam: Hosana! Oh! que suas vozes, abafando os queixumes da Terra, continuem a clamar homens ao Senhor, Àquele que traz a paz aos humildes e aos pequeninos, que faz se curvem as frontes dos soberbos e dos orgulhosos!

As palavras dos profetas Isaías (capítulo 42º, versículos 1, 2 e 11) e Zacarias (capítulo 9º, versículo 9), lembradas pelo Evangelista, encerravam, sob o véu da letra, uma alusão à graduação espírita de Jesus, nosso rei, que até nós desceu. Ë nosso rei, por isso que, preposto por Deus, é o protetor e o governador do nosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento, do seu progresso e de conduzir à perfeição a Humanidade que o veio habitar.

A manifestação, de que o Mestre foi objeto, tinha de se produzir. Se os homens a ela se houvessem oposto, as mesmas pedras clamariam, isto é, os Espíritos que o cercavam teriam feito se ouvissem vozes, entoando louvores ao "filho de David", àquele que, aos olhos dos homens, era o filho de David.

LUCAS, capítulo 19º, versículos 41 a 44. — Eram proféticas as palavras do Salvador, referentes a sorte reservada a Jerusalém, como os sucessos posteriores o demonstraram. Com relação aos filhos de Jerusalém, eram também alegóricas, indicando veladamente a sorte que aguardaria os que se conservassem surdos à voz do Senhor. Espíritos rebeldes, endurecidos, os filhos de Jerusalém tiveram que expiar seus crimes e sua cegueira voluntária e ainda os expiam.

MATEUS, capítulo 21º, versículos 10 e 11. — A cidade de Jerusalém se levantou em peso, comovida e surpresa, a perguntar: "Este quem é ?" E a multidão que o acompanhava dizia: Jesus, o profeta de Nazaré, na Galiléia". Jesus nunca disse que era Deus e seus discípulos só lhe atribuíram a divindade, depois de finda a sua missão, tendo em vista os "milagres" por Ele realizados e o fato "miraculoso" da sua ressurreição e das suas aparições em seguida a esta, não admitindo que a outrem, senão somente a um Deus encarnado, fosse possível realizar tais coisas.

Mas, na marcha do tempo e do progresso humano, tudo tem a sua razão de ser, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus.

A revelação nova, despojando da letra o espírito, nos veio explicar, em espírito e verdade, quem é Jesus Cristo.

Quanto ao tráfico, tendo por objeto o reino de Deus, constitui uma

impiedade. Os Judeus, como se sabe, resgatavam suas faltas por meio do sacrifício de vítimas propiciatórias e os mercadores lhes forneciam as vítimas, os vasos com perfumes, o que tudo era trazido para o templo e aí vendido. Essa a origem daquele tráfico. Depois, o negócio se ampliou e o templo, que era considerado a casa de Deus, se tornou sede de toda sorte de transações comerciais. A Bolsa dos tempos atuais, com as suas baixezas, teve um modelo no templo de Israel.

Entretanto, se atentarmos bem nas palavras de Jesus quando dali expulsou os que negociavam, veremos claramente que esse seu ato não obedeceu ao pensamento de defender a pureza de um templo de pedra, apresentando-o como lugar verdadeiramente sagrado, em que tais coisas constituíam uma ofensa à Divindade. Ele, que ensinara ser Deus espírito, e só dever ser adorado em espírito e verdade, estaria em contradição consigo mesmo, se expulsasse do templo os vendilhões, por ser ali a casa de Deus. Cumpre também atentemos nas suas palavras: “Minha casa será chamada por todos, etc.” Se aquela fosse a “sua” casa e a casa de Deus, Ele, dizendo isso, se teria declarado Deus.

Aquele ato, pois, foi todo simbólico e, à luz da Nova Revelação, o seu simbolismo se faz claramente compreensível.

O mundo terreno, como todos os que o Criador semeou pelo espaço infinito, é uma das inúmeras casas existentes na infinita morada do Senhor do Universo e é também um templo, onde a cada uma de suas criaturas corre o dever de adorá-lo na prática do amor, cuja lei é a lei das leis. Casa, portanto, de oração, Ele o é igualmente, porqüanto orar é trabalhar na obra do progresso comum, trabalhando cada qual pelo seu próprio progresso intelectual e moral.

Preposto pelo Pai à formação e ao governo dessa casa, tem Jesus a devorá-lo, na frase do profeta, o zelo dela e, tomado desse zelo, não obstante o seu amor ilimitado, ou, antes, impelido por esse amor, não hesita em expulsar da casa que lhe foi confiada e que, como tal é a “sua” casa, do templo onde só em espírito e verdade, conforme Ele o ensinou e exemplificou, se deve adorar a Deus, isto é, praticando a caridade, a fraternidade, a justiça e o perdão, aqueles que, mercadejando com as coisas santas, a transformam em covil de ladrões.

Mercadejam com as coisas santas os que, sendo Espíritos, como o são todos os homens, só prestam culto à matéria; os que, em vez do amor, cultivam o ódio, em vez da caridade, praticam a intolerância, movidos pelo egoísmo e pelo orgulho; os que, escravos de paixões subalternas, se esforçam por escravizar ao erro os seus semelhantes, a fim de melhor dominá-los; os que, em suma, se servem das faculdades espirituais, que lhes foram outorgadas para se elevarem gradualmente e se aproximarem do centro de toda a perfeição, empregando-as em rebaixar aquele que é esse centro, para dele fazerem cúmplice de seus delitos e iniqüidades.

Esses, os que transformam a casa do Pai em covil de ladrões. Esses, portanto, os que daí serão expulsos, chegado o momento em que da presença deles deva ser expurgado o templo, para não continuarem a constituir-se pedra de escândalo aos que, redimidos pela dor, se hajam tornado capazes da verdadeira oração, da oração do trabalho santificado pelo amor e pela humildade.

E para onde serão expulsos os que sejam encontrados por Jesus no templo a mercadejar com as coisas santas? Para outras casas da morada infinita do

Pai, casas que, como templos que também são, outras tantas oficinas de trabalho são igualmente, mas onde o trabalho é mais árduo, mais penoso, mais amargo, tão áspero e doloroso que dará aos que a Ele se vejam compelidos a impressão aflitiva de haverem perdido um paraíso, de terem sido expulsos de um éden, que tal se lhes afigurará o mundo donde foram banidos.

É isso o que Jesus simbolizou no fato, que os Evangelistas referiram, de ter expulsado do templo de Jerusalém os mercadores que lá assentaram suas bancas. Não foi, decerto, repetimos, o zelo por uma edificação material, onde Deus não habita, que o levou a Ele, que pregava a adoração do Pai em espírito e verdade, a vergastar com o látego de fogo da sua palavra de verdade os que ali comerciavam.

Expulsando-os de lá, ensinava, sobretudo, aos homens a expulsar com energia as paixões e os vícios de seus corações que, acima dos mundos, são os templos mais grandiosos que o Senhor, Ele próprio, edificou para ser adorado por seus filhos, templos onde passa a habitar eternamente, desde que neles só se encontrem virtudes — os anjos de sua glória.

Dessa expulsão podemos e devemos concluir que tempo virá em que, praticando os homens a lei do amor, não mais eles adorarão o Pai nem no monte, nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade, em que, por todas as nações, a Terra será chamada “casa de oração”.

Com a prudência e a habilidade do oculista que, operando a catarata, prepara o cego para ver a luz, os Espíritos do Senhor, como mensageiros do Espírito da Verdade, vêm e virão levantar progressivamente o véu que rouba às vistas humanas a verdade, a fim de que o que era secreto seja conhecido e o que estava oculto se torne patente. Eles vêm e virão encaminhar os homens, mediante a prática da humildade, do desinteresse, da justiça, do amor e da caridade, da renúncia de si mesmos, da indulgência, do perdão e do olvido das ofensas e das injúrias, do devotamento entre todos e por todos, para a verdadeira fraternidade, que só ela pode estabelecer e estabelecerá entre todos, com sinceridade, a igualdade e a liberdade, pela reciprocidade e pela solidariedade, efetivando desse modo a regeneração humana, que o Mestre predisse e prometeu.

E, quando a unidade fraternal estiver consumada, o reino de Deus estará estabelecido. Então, no nosso planeta depurado (nova Jerusalém) aparecerá em todo o seu fulgor espírita o nosso protetor e governador, Jesus nosso Mestre e nosso Rei, e reboará por toda a parte o brado imenso que os homens, regenerados, tornados verdadeiramente irmãos, soltarão em conjunto e em uníssono, como outrora a multidão, quando da sua entrada em Jerusalém: Bendito o rei que vem em nome do Senhor! E os Espíritos que houverem preparado e efetuado a regeneração, a purificação da Humanidade, farão de novo ouvir o cântico dos anjos que conduziram os pastores ao presepe de Belém: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na Terra aos homens de boa-vontade!

(143) Jerusalém era edificada no monte Sião.
(144) Deuteronômio, 14º, 25. — Levítico, 23º, 40. — Isaías, 56º, 7; 62º, 11. — 4º Reis, 9º, 13. — Salmos, 8º, 3; 117º, 26. — Zacarias, 9º, 9. — JOÃO, 12º, 15.

136
MATEUS, 21º, 18 ao 22. — MARCOS, 11º, 12 ao 14; e 20 ao 26 Parábola da figueira que secou

MATEUS: capítulo 21º, versículo 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome. — 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. — 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! — 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te dai e lança-te no mar, assim se fará. — 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: capítulo 11º, versículo 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, — 13, e, divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. — 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

MARCOS: capítulo 11º versículo 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. — 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoas-te secou. — 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. — 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te dai e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. — 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. — 26. Porque, se não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados. (145)

Com a parábola da figueira que secou, quis Jesus lembrar a seus discípulos e a quantos o seguiam estes ensinamentos que já lhes dera: a árvore que não dá frutos é condenada; em tempo algum deve o homem ser estéril; jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso e pelo progresso de seus irmãos.

Perguntando-lhe os discípulos, que já tinham a percepção das coisas espirituais: Como secou assim num instante? O Mestre apenas respondeu: “A fé tudo pode”, o que equivalia a dizer que a sua vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia.

O exemplo, de molde a tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum, foi também de molde a lhes ensinar o poder e a força da vontade, se apoiada na fé, ensino que era necessário aos seus discípulos, para que fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões, quando Ele, o Mestre, não mais na Terra estivesse -

A figueira secou subitamente, por lhe terem sido retirados da seiva, a uma ordem mental de Jesus, juntamente com a essência espiritual, que foi levada

para outro ponto, os fluídos que dão vida à planta e os fluídos necessários à vegetação material.

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, progredindo, mediante a expiação e a reparação de suas faltas, e adverti-lo também de que o Espírito culpado, que até à época em que deva operar-se a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações de seus guias e dos bons Espíritos, não mais dará frutos na Terra: será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento -

(145) 1ª Epístola à João, 3º, 22. — JOÃO, 14º, 13; 15º, 7; 16º, 25. — Colossenses, 3º, 13. — Timóteo, 1º, 5, e 6.

137
MATEUS, 21º, 23 ao 32. — MARCOS, 11º, 27 ao 33. — LUCAS, 20º, 1 ao 8. Resposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciães do povo. — Parábola dos dois filhos

MATEUS: capítulo 21º, versículo 23. Tendo vindo ao templo e estando a ensinar, chegaram-se a ele os príncipes dos sacerdotes e os anciães do povo e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas e quem te deu este poder? — 24. Respondeu Jesus: Também eu vos farei uma pergunta e, se a ela responderdes, dir-vos-ei com que autoridade faço estas coisas. — 25. Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens? Eles, porém, discorriam assim entre si: — 26. Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Por que então não lhe destes crédito? Se respondermos que era dos homens, teremos que temer o povo, pois que João era tido por todos como profeta. — 27. Responderam então a Jesus: Não sabemos. Replicou-lhes ele: Não vos direi tampouco com que autoridade faço estas coisas. — 28. Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: Meu filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. — 29. Ao que o filho respondeu: Não quero. Mais tarde, entretanto, tocado de arrependimento, foi. 30. Dirigindo-se ao outro filho, disse-lhe o homem a mesma coisa. Este respondeu: Eu vou, Senhor, e não foi. — 31. Qual dos dois fez a vontade ao pai? O primeiro, disseram eles. Observou-lhes então Jesus: em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino de Deus. — 32. Porqüanto, João veio a vós pelo caminho da justiça e não o acreditastes, ao passo que os publicanos e as meretrizes creram nele. Vós, nem mesmo depois de ver isso, fizestes penitência, nem ficastes inclinados a crê-lo.

MARCOS: capítulo 11º, versículo 27. Voltaram novamente a Jerusalém. E, andando Jesus pelo templo, dele se aproximaram os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciães. — 28. E lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Quem te deu o poder de fazer o que fazes? — 29. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta; respondei-me e depois então vos direi com que autoridade faço estas coisas. — 30. O batismo de João era do céu ou dos homens? respondei-me. — 31. Eles se puseram a raciocinar entre si deste modo: Se respondermos que era do céu, ele dirá: Por que, então, não o crestes? — 32. Se dissermos que era dos homens, teremos que temer o povo, porque todos consideravam João verdadeiramente um profeta. — 33. À vista disso, responderam a Jesus: Não sabemos. Jesus lhes retrucou: Nem eu tampouco vos direi com que autoridade faço estas coisas.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 1. Sucedeu que certo dia estando Jesus no templo a ensinar e anunciar o evangelho ao povo, lá se reuniram os príncipes dos sacerdotes e os escribas com os anciães. — 2. E lhe falaram nestes termos: Dize-nos com que autoridade fazes tais coisas? ou: quem te deu esse poder? — 3. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta. Respondei-me: — 4. O batismo de João era do céu ou dos homens? — 5. Eles, consultando-se mutuamente, diziam entre si: Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Por que então não crestes nele? — 6. Se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois está convencido de que João era profeta. — 7. Responderam, portanto, que não sabiam donde era. — 8.

Replicou-lhes Jesus: Então, também não vos direi com que autoridade faço estas coisas. (146)

Os que interpelaram o Cristo sobre a autoridade com que Ele fazia aquelas coisas e procedia da maneira que todos viam, eram príncipes dos sacerdotes, escribas e fariseus, os quais, tendo sido testemunhas dos atos de João, não se renderam à evidência. Não havendo percebido em que fonte hauria Ele a sua força, ainda menos compreenderiam e admitiriam o testemunho da sua palavra.

Se lhes respondera que o poder lhe vinha de Deus, houvera-os provocado a apressar o termo da sua missão.

O que deixou transparecer claramente, evitando responder de modo direto à pergunta que lhe fora feita.

Promessas realizáveis no futuro e estímulo para o presente é o que se nos depara nestas palavras suas:

"Os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino dos céus". Foi como se dissera:

"Esses são filhos rebeldes, que tardam em ir trabalhar na vinha do Pai de família, que só vão tardiamente, "quando arrependidos, mas que vão; ao passo que vós, "orgulhosos, que destes na Igreja os primeiros passos, "que dissestes: "Vou, Senhor", mas ficastes parados, que "haveis mesmo, muitas vezes, retrogradado, chegareis "tarde, muito tarde ao reino dos céus, pois que será "mister compreendais a vossa falta. Tereis, entretanto, "que ir e ireis para a "vinha", tereis que trabalhar com "ardor, a fim de recuperardes o tempo perdido. Quando, "porém, chegardes, os publicanos e os de má vida, que "se arrependeram a tempo, que cumpriram a sua tarefa, "lá estarão desde muito à vossa espera, para vos estenderem as mãos e vos ajudarem a transpor a entrada".

Ouçam os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus dos nossos dias, que tiverem ouvidos de ouvir.

(146) Atos, 4º, 7; 7º, 27.

138
MATEUS, 21º, 33 ao 41. — MARCOS, 12º, 1 ao 9. — LUCAS, 20º, 9 ao 16. Parábola da vinha e dos vinhateiros

MATEUS: capítulo 21º, versículo 33. Ouvi outra parábola: Um homem pai de família havia que plantou uma vinha. Cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a alguns agricultores e partiu para longe. — 34. Aproximando-se a estação dos frutos, mandou ele seus servos aos vinhateiros para receberem os frutos que lhe cabiam. — 35. Os vinhateiros, porém, agarraram os servos, feriram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. — 36. De novo o dono da vinha mandou outros servos em maior número do que os primeiros e os vinhateiros os trataram do mesmo modo. — 37. Mandou por último seu próprio filho, dizendo: A meu filho eles terão respeito. — 38. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e ficaremos donos da sua herança. — 39. Agarraram-no, lançaram-no fora da vinha e o mataram. — 40. Ora, quando o dono da vinha vier, que fará àqueles agricultores? — 41. Responderam-lhe: Aniquilará os malvados como merecem, arrendará a vinha a outros vinhateiros, que, nas épocas próprias, lhe entreguem os frutos.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 1. Começou depois Jesus a lhes falar por parábolas: Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a uns vinhateiros e retirou-se para longe. — 2. Chegado o tempo da colheita, mandou um de seus servos aos vinhateiros, para receber o que lhe deviam do fruto da vinha. — 3. Os vinhateiros, porém, agarraram o servo, deram-lhe pancada e o enxotaram sem coisa alguma. 4. Mandou-lhes de novo outro servo e também a este feriram na cabeça e o afrontaram de toda a sorte. — 5. Tornou a mandar outro servo; a este mataram; mandou-lhes muitos; mataram a uns e espancaram a outros. — 6. Mas, como ainda lhe restava um filho a quem ele muito amava, mandou-o por último, dizendo: Meu filho eles respeitarão. — 7. Porém, os vinhateiros disseram uns aos outros: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e será nossa a herança. — 8. E o agarraram, mataram e puseram fora da vinha. — 9. Que fará o dono desta? Virá, exterminará os vinhateiros e a outros a entregará.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 9. E começou a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns vinhateiros e se ausentou do país por longo tempo. — 10. Na ocasião própria mandou um servo aos vinhateiros para que estes lhe dessem o fruto da vinha. Os vinhateiros, porém, o espancaram e recambiaram sem coisa alguma. — 11. Mandou outro servo. A este também espancaram, ultrajaram e despediram com as mãos vazias. — 12. Mandou ainda um terceiro, que os vinhateiros feriram e expulsaram da vinha. — 13. Considerou então o dono da vinha: Que farei? Mandarei meu filho muito amado. Talvez que, vendo-o, lhe tenham respeito. — 14. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si: Este é o herdeiro; matemo-lo para que fique sendo nossa a herança. — 15. E o puseram fora da vinha e o mataram. Que lhes fará o Senhor da vinha? — 16. Virá, exterminá-los-á e a dará a outros. Ouvindo isto, disseram os príncipes dos sacerdotes: Deus tal não permita. (147)

O povo de Israel constitui o emblema da parábola. Ele recebera do Pai celestial sucessivas revelações da verdade divina, por intermédio dos profetas e, afinal, por Moisés, no monte Sinai. Bem poucos têm sido, entretanto, com relação ao número total das criaturas que hão composto a Humanidade até aos nossos dias, os que as receberam como deviam e trilharam o caminho que elas lhes traçavam. Veio depois o Messias, o "herdeiro", no dizer da parábola, ampliá-las e foi repelido e sacrificado, como os mensageiros que o precederam.

Vem agora a revelação que todos deviam esperar, de acordo. com a promessa do Filho de Deus, para completar e dar início à fase de renovação do nosso planeta e de transformação moral da Humanidade, e ainda as mesmas hostilidades encontra.

Israel é a vinha que o Senhor plantou; a sebe de que a cercou representa os cuidados que tomou para que conservada fosse a lembrança do seu nome. O lagar éo emblema da provação, da expiação, da reencarnação, em suma. A torre seria a habitação indestrutível dos vinhateiros, se houveram cuidado devidamente da vinha. Os servos do dono desta são os profetas que repetidamente têm vindo fazer sentir aos homens que não estavam trilhando o caminho que lhes fora indicado.

As palavras dos vinhateiros: "Este é o herdeiro (referência ao Cristo), vamos, matemo-lo e a herança será nossa", tiveram por fim mostrar a cegueira dos que, recusando dar a Deus o que é de Deus, repelindo todas as advertências que lhes foram feitas e ainda o são, pensavam nada terem que recear daquele a quem ofendiam e ainda ofendem com a ingratidão e o endurecimento que demonstram.

Os a quem se aplicavam essas palavras da parábola naturalmente estão, em parte ao menos, reencarnados na Terra. O que elas objetivavam mostrar se aplica a esses, como a nós outros. A geração daquele tempo não passou, conforme o disse Jesus, nestes termos: "Esta geração não passará sem que tenhais visto vir o filho do homem na sua glória". (MATEUS, capítulo 24º, versículo 34. — LUCAS, capítulo 21º, versículo 32.)

O povo judeu representa os vinhateiros, até à "morte" de Jesus. A partir de então, a vinha foi retirada do poder dos "maus" vinhateiros e dada a "outros", Os cristãos substituíram os Judeus e foram até ao presente os novos vinhateiros. A vinha que o Senhor lhes arrendou é a Humanidade inteira e a sebe com que a cercou é a lei de amor, que o seu Filho bem-amado desceu a pregar pela palavra e pelo exemplo. O lagar, como sempre é a reencarnação, mediante a qual se extraem dos frutos da vinha, expremendo-se-lhes a parte material e perecível, o "espírito", que se não altera e dura eternamente. Constituem-no, pois, as provas, as expiações, em suma todas as conjunturas difíceis por que passamos, para que os nossos Espíritos se depurem e desprendam da matéria, que é, para eles, o cadinho da purificação.

A torre, que é o nosso planeta, será a habitação indestrutível dos vinhateiros que houverem cuidado da vinha, o lugar seguro onde eles depositarão o suco da uva, quando lhe houverem dado, pelo trabalho, a propriedade e a pureza de que necessita para ficar guardado nela. Será, portanto, o nosso planeta, quando se houver tornado mundo superior.

Assim, com relação aos que receberam a vinha com todos os elementos para cultivá-la e fazê-la produzir e que continuam a ofender, imitando os que os

antecederam, e a repelir os emissários do Senhor, que nos trazem precioso auxílio para o trabalho que nos incumbe, esta parábola mostra o prêmio e as penas que receberão, quando soar a hora de proceder-se à separação dos que mereçam permanecer no planeta depurado e os que hajam de ser dele expulsos como maus vinhateiros, Estes serão os que se houverem obstinado em repelir a nova explosão do amor do Pai, expressa na Revelação Espírita, o Consolador prometido pelo seu Filho, bem-amado, até ao momento em que Este, conforme também o prometeu, vier, na majestade do seu poder, trazer aos bons e diligentes trabalhadores da vinha o prêmio da sua presença gloriosa, assinalando ser chegado o tempo de figurar a Terra entre os orbes regenerados.

Por haver Ele dito que aquela geração não passaria. sem que houvesse visto o Filho do homem vir na sua glória, conclui-se que a mesma geração ainda revive na Terra, ao menos em parte, reencarnados muitos dos Espíritos que a compunham. Os novos vinhateiros, portanto, são ainda os mesmos e, assim, a parábola, dita com relação a eles, também a nós se aplica. Ora, as circunstâncias em que nos vemos são tais, que não podemos alimentar dúvidas quanto ao que nos espera, se não cuidarmos devotadamente da vinha do Senhor. Outro não virá a ser o nosso destino, senão o de nos vermos compelidos a encarnações em planetas inferiores à Terra na atualidade, depois de passarmos pelos tormentos e angústias de acerbos remorsos, na erraticidade, caso não tratemos de aceitar solícitos o auxílio que nos trazem os emissários do nosso Senhor e Mestre e de empregar os maiores esforços por libertar-nos de todos os vícios e paixões, que são os nossos únicos inimigos, para praticarmos, sobretudo pelo exemplo, a moral que Ele personifica.

Perseverando nesses esforços e multiplicando-os cada vez mais, é que devemos aguardar, e para ela concorrer, a transformação do nosso mundo, a sua elevação da condição em que ainda se encontra, de mundo material, para a de mundo fluídico, transformação que se operará, não de um momento para outro, porém pouco a pouco, gradativamente, através de fases assinaladas por esses fenômenos a que chamamos calamidades, flagelos. À medida que ela se for operando, os maus vinhateiros irão sendo expulsos e, completada que esteja, o Senhor, o dono da vinha implantará em todos os corações o seu reino. O Senhor é Deus, que reina nos corações puros.

(147) Isaías, 5º. 1. — Jeremias, 2º, 21. — 2º Paralipõmenos, 24º, 21. — Neemias, 9º, 26. JOÃO, 11º, 51, e 52. — Atos, 7º, 52.

139
MATEUS, 21º, 42 ao 46. — MARCOS, 12º, 10 ao 12. — LUCAS, 20º, 17 ao 19. Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. Jesus pedra angular

MATEUS: capítulo 21º, versículo 42. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes isto nas Escrituras: "A pedra que os edificadores recusaram se tornou pedra angular; obra foi isto do Senhor, maravilhosa aos nossos olhos"? — 43. Eis por que declaro que o reino de Deus vos será tirado e dado a um povo que dele colha frutos. — 44. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado. — 45. Ouvindo essas palavras, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus conheceram que era deles que Jesus falava. — 46. Quiseram então apoderar-se deste, mas temeram o povo, que o considerava um profeta.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 10. Nunca lestes esta passagem da Escritura: "A pedra que os que edificavam rejeitaram se tornou a pedra principal do ângulo. — 11. Foi o Senhor quem fez isso, que os nossos olhos contemplam maravilhados"? — 12. Eles procuravam meio de prendê-lo, pois perceberam que a eles se referia Jesus nessa parábola, mas, como temessem o povo, lá o deixaram e se retiraram.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 17. Mas, Jesus, fitando-os, lhes perguntou: Que quer então dizer esta palavra da Escritura: "A pedra que os que edificavam recusaram veio a ser a pedra angular. — 18. Todo aquele que cair sobre essa pedra se despedaçará e ficará esmagado aquele sobre quem ela cair"? — 19. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas tiveram gana de lhe deitarem as mãos naquele mesmo Instante, pois perceberam que aquela parábola fora dita com relação a eles, mas recearam do povo. (148)

Jesus personifica a moral, a lei de amor que pregou aos homens, pela palavra e pelo exemplo; personifica a doutrina que ensinou e que, só? o véu da letra, é a fórmula das verdades eternas, doutrina que, como Ele próprio o disse, não é sua, mas daquele que o enviou. Ele é a pedra angular. Os que rejeitam a pedra que se lhes oferece, para a construção do edifício que os há de abrigar na eternidade, também rejeitam a pedra angular, a que os sustentará. Contra ela se despedaçarão.

Os Judeus repeliram a Jesus, o enviado, o ungido do Senhor. Despedaçaram-se de encontro a essa pedra, que havia e há de resistir aos séculos dos séculos. Não a rejeitemos, por nossa vez, porque a mesma sorte nos aguardará.

O Espiritismo não é a personificação do Cristo; é, porém, a expressão do seu pensamento, a continuação e a conclusão da sua obra. Tendo soado a hora em que o reinado do espírito que vivifica substituirá o da letra que mata, Jesus, depois de ter vindo entre os homens, lhes envia o Espírito da Verdade, por intermédio dos Espíritos do Senhor, missionários errantes e encarnados. Ele nos envia e enviará sucessivamente os servos do Pai de família.

Não nos choquemos contra essa pedra fundamental do edifício da nossa felicidade eterna.

Novos vinhateiros, quem quer que sejamos: judeus, gentios, cristãos, espíritas, a vinha que nos foi arrendada é toda a Humanidade. Façamo-la

produzir frutos que, em cada nova estação, entreguemos aos servos que.
o Senhor nos mandará, com o encargo de recebê-los.

O mandamento prescreve que nos amemos uns aos outros. Ensinemos pela palavra e pelo exemplo aos nossos irmãos que no progresso coletivo se encontra a condição do progresso pessoal de cada um. Trabalhemos pela união fraternal de todos os homens, por congregá-los em torno da bandeira cujo lema é — amor e caridade".

Agitemos, por sobre as nossas cabeças, o facho da luz espírita, a fim de que ela esclareça a Humanidade, acerca de suas origens, de seus fins, de seus destinos. Propaguemos, pela palavra e pelo exemplo, a lei de amor, os meios e os modos de praticá-la, material, moral e intelectualmente. Preparemos, dessa maneira, o advento do espírito e a vinda dos tempos preditos e prometidos em que, desprezando todos os mandamentos humanos, para somente obedecer aos mandamentos de Deus que, conforme o proclamou o seu Cristo, encerram toda a lei e os profetas, os homens serão adoradores do Pai em espírito e verdade; dos tempos em que, sendo todos um, pela comunhão dos pensamentos, dos corações e dos atos, todos se reunirão em nome de Jesus, que então estará entre todos, para praticar a adoração do Criador, pela prece e pela instrução em comum, sob a presidência do mais digno, do de maior mérito, em virtude do seu adiantamento moral e intelectual, o qual será designado por voto unânime, visto que então o Espírito Santo se achará com os que o escolherem, todos verdadeiros membros da Igreja do Cristo.

(148) Gênese, 49º, 24. — Salmos, 117º, 22. Isaías, 28º, 16. — Daniel, 2º, 44. — Atos, 4º, 11. — Romanos, 9º, 33; 10º, 11. — Efésios, 2º, 20. — 1ª Epístola à Pedro, 2º, 6, 7, 8. — Apocalipse, 2º, 5.

140
LUCAS, 14º, 1 ao 6. Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus

LUCAS: capítulo 14º, versículo 1. Tendo Jesus entrado em certo sábado na casa de um dos principais fariseus para comer, os que lá estavam se puseram a observá-lo. — 2. Defronte dele se achava um homem hidrópico. — 3. E Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei e aos fariseus, perguntou: É lícito curar em dia de sábado? — 4. Todos guardaram silêncio. Jesus então, pondo a mão no homem, o curou e mandou embora. — 5. Disse-lhes em seguida: Qual de vós, cujo boi ou jumento que caia num poço, não o tirará daí por ser dia de sábado? — 6. A isto nada puderam responder. (149)

O hidrópico fora levado à presença de Jesus pelos doutores da lei, pelos escribas e fariseus, para verem se o apanhavam em culpa, ou por violar o sábado, caso, cedendo aos piedosos impulsos do seu coração, o curasse naquele dia, ou por faltar à caridade, se, para guardar escrupulosamente o sábado, não o fizesse. Porém, Jesus, que lhes lia no íntimo os pensamentos, efetuou a cura, inibindo-os de formular contra Ele qualquer acusação, mediante as perguntas que lhes dirigiu e a que eles se viram impossibilitados de responder.

Quanto à cura, o Mestre a operou, como todas as outras que os Evangelhos registram, pelo poder da sua vontade, exercendo sobre o doente uma ação magnética, que lhe saturou o organismo dos fluídos apropriados a restabelecer ali o equilíbrio desfeito.

A hidropisia tem a sua causa num empobrecimento do sangue, cujo quilo diminui, sendo substituído pelas partes aquosas que ele contém, devido isso a uma alteração dos princípios vitais, por efeito de privações ou de excessos.

Bem dirigida, a ação magnética humana pode deter os progressos dessa decompoSição do sangue e mesmo fazê-la cessar; mas, só com tempo e perseverança, porqüanto os instrumentos ainda não são bastante puros, para não alterarem ou apoucarem, pelo seu contacto, os fluídos de que possam dispor.

Jesus, magnetizador perfeito, empregava os princípios curativos em toda a sua pureza e, conseguinte-mente, no máximo grau de eficácia.

Não diz o evangelista que a tumefação produzida pela enfermidade cessou inopinadamente; diz apenas que a enfermidade foi curada. Significa isso que a causa do mal foi destruída, restabelecendo-se o equilíbrio como conseqüência da ação magnética exercida, da ação dos fluídos de que Jesus impregnara o organismo do enfermo.

O mal chegara a uma de suas últimas fases e a fraqueza obstava a que o hidrópico fizesse qualquer esforço. Jesus, entretanto, o mandou embora. É que lhe deu forças, para se retirar, e esse era o prenúncio da cura visível: a desinchação.

(149) Êxodo, 23º, 5. — Deuteronômio, 22º, 4.

141
LUCAS, 14º, 7 ao 11. Ocupar o último lugar. — Humildade

LUCAS: capítulo 14, versículo 7. Notando, em seguida, que os convidados escolhiam os primeiros lugares à mesa, propôs-lhes esta parábola: — 8. Quando fores convidado para alguma boda, não tomes o primeiro lugar, para não suceder que, havendo entre os convidados pessoa de mais consideração do que tu, — 9, aquele que te convidou a ti e a essa pessoa venha dizer-te: Dá a este esse lugar; e te vejas constrangido a ir, envergonhado, ocupar o último lugar. — 10. Ao contrário, quando fores convidado, vai e toma o último lugar, a fim de que aquele que te convidou, quando chegar, te diga: Amigo, senta-te mais para cima; o que será para ti uma glória diante de todos os que contigo estiverem à mesa. — 11. Porqüanto, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado. (150)

"Humildade".

Jesus repete amiúde, sob diversas formas, em ocasiões e lugares diferentes, a lição da humildade, pois que a humildade é a fonte de todas as virtudes, de todo o progresso e de toda a elevação moral e intelectual, sendo o orgulho, ao contrário, o vício mais difícil de desarraigar do coração do homem e a causa principal dos vícios que degradam o Espírito, assim como das suas quedas e das perdas que sofre.

(150) Provérbios, 25º, 6, e 7. — Job, 22º, 29. — Salmos, 17º, 28. — Timóteo, 4º, 6. — 1ª Epístola à Pedro, 5º, 5.

142
LUCAS, 14º, 12 ao 15. Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — Desinteresse

LUCAS: capítulo 14º, versículo 12. Disse também ao que o havia convidado: Quando deres algum jantar ou ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos, para não suceder que também eles te convidem por sua vez e assim te retribuam. — 13. Ao contrário, quando deres algum festim, convida os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — 14. E bem-aventurado serás porque esses não têm com que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. — 15. Ao ouvir essas palavras, disse-lhe um dos que estavam a mesa: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus. (151)

Desinteresse! O homem está sempre propenso a só pensar em si. O mais das vezes, o bem que faz não passa de um empréstimo, do qual espera auferir largos juros. Esquadrinhe-se a maior parte dos atos humanos e descobrir-se-á no homem o desejo de ser pago do bem praticado, seja pelo reconhecimento do beneficiado, seja pelos elogios do mundo, seja pelo merecimento que julgue adquirir desse modo aos olhos de Deus. Estes móveis, particularmente o último, podem ser nobres, mas não devem ser exclusivos.

Nunca, entendamos bem, nunca devemos cogitar do proveito que possamos tirar de uma boa ação, de um bom pensamento. Devemos sempre ter por objetivo principal dar testemunho do nosso reconhecimento ao Senhor.

Efetivamente, que responderíamoS ao nosso filho, que não cumprisse um só de seus deveres para conosco ou para com seus irmãos ou irmãs, sem nos vir imediatamente dizer:

“Fiz isto; que me darás em recompensa?” — Sem dúvida lhe responderíamos: “A principal recompensa está em haveres cumprido o teu dever”.

Não nos atenhamos à letra que mata, busquemos sempre o espírito que vivifica, nas palavras de Jesus. Ele não pensou em condenar as relações de família, de amizade. Apenas ensinou a prática do desinteresse, por toda a parte e constantemente, no seio da grande família humana. Ensinou que os festins da caridade material, que sustenta o corpo, dando-lhe alimento, vestes e abrigo, assim como os da caridade moral, que alimenta e desenvolve a alma, devem substituir o luxo, a ostentação e o orgulho desses festins que se originam do interesse calculado, da vaidade, ou da sensualidade, nos quais se dissipa o supérfluo devido aos pobres que, material, moral e intelectualmente, carecem do necessário.

Jesus apropriava sua linguagem às inteligências de homens materiais, A FIM de os abalar e impressionar fortemente.

“Bem-aventurado serás, disse Ele, porque os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos não têm com que te retribuir: Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. Ao ouvir isso, diz o Evangelho, um dos que estavam à mesa disse: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus”.

Perfeitamente compreensíveis são estas palavras. Do ponto de vista humano, aludem aos que participam da vida feliz dos justos. Para homens materiais, qualquer pensamento se reporta à matéria. Daí o apresentar-se ao

espírito do Judeu a idéia dos festins celestes.

A ressurreição do justo é o seu regresso à pátria. Aquele, que, durante a sua peregrinação humana, viveu submisso às vontades do Senhor, será por este recebido, quando voltar à pátria. Para o Espírito, a ressurreição do justo consiste em libertar-se da necessidade de volver aos mundos inferiores de provações e expiações; consiste em ascender a mundos superiores ao nosso.

(151) Neemias, 8º, 10, e 12. — Ester, 9º, 19, e 22. — Apocalipse, 19º. 9.

143
MATEUS, 22º, 1 ao 14. — LUCAS, 14º, 16 ao 24.
Parábola das bodas e dos convidados que se excusam

MATEUS: capítulo 22º, versículo 1. Falando de novo por parábolas, disse-lhes Jesus: — 2. O reino dos céus se assemelha a um rei que celebrou as bodas de seu filho. — 3. Mandou que seus servos fossem chamar os convidados para a festa: estes, porém, não quiseram ir. — 4. Mandou outros servos recomendando-lhes que dissessem de sua parte aos convidados: O meu banquete está preparado; estão mortos os meus bois e os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. — 5. Mas, eles nenhum caso fizeram do convite e lá se foram, este para sua casa de campo, aquele para seu negócio; — 6, enquanto outros agarraram os servos, os ultrajaram e mataram. — 7. O rei, ao saber do ocorrido, se encolerizou e, enviando seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. — 8. E disse aos seus servos: De fato, o banquete das bodas está preparado, mas aqueles a quem convidei não foram dignos da festa. — 9. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos os que encontrardes. — 10. Saíram os servos pelos caminhos e ruas e reuniram todos os que encontraram, bons e maus, de sorte que a sala da festa se encheu de convivas. — 11. Entrou em seguida o rei para ver os que estavam à mesa e, dando com um que não trajava a veste nupcial, — 12, lhe perguntou: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? O interpelado guardou silêncio. — 13. Disse então o rei a seus servos: Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes. — 14. Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

LUCAS: capítulo 14º, versículo 16. Disse-lhes então Jesus: Um homem preparou uma grande ceia e convidou a muitas pessoas. — 17. A hora da ceia, mandou que um servo fosse dizer aos convidados que viessem, pois que tudo estava pronto. — 18. Todos, como de comum acordo, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma quinta e preciso ir vê-la; peço-te que me dês por escusado. — 19. Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las, disse outro. Rogo-te que me dês por escusado. — 20. Casei-me, disse um terceiro, e por isso não posso ir. — 21. Voltando o servo, tudo relatou a seu Senhor. Encolerizado, disse então o pai de família ao servo: Vai já às praças e ruas da cidade e traze para aqui os pobres e estropiados, os coxos e os cegos. — 22. Disse-lhe depois o servo: Senhor, está feito o que ordenaste e ainda há lugar para outros mais. — 23. Retrucou-lhe o Senhor: Vai por essas estradas e veredas e aos que encontrares obriga a entrar. a fim de que se encha minha casa. — 24. Porque, eu vos declaro, nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia. (152)

Idênticos são o sentido e o fundamento das parábolas das bodas do filho do rei e da ceia do pai de família. Ambas exprimem o convite que o Senhor faz às suas criaturas, pelos seus enviados, para que se regenerem e purifiquem, isto é, para que se limpem das manchas do pecado, a fim de participarem do festim celeste, que proporciona ao Espírito adiantar-se, moral e intelectualmente, tornar-se rico de coração e de inteligência, pela humildade, pelo saber, pela caridade e pelo amor; recobrar a liberdade de suas faculdades e a de caminhar pela senda do progresso; recobrar a visão espiritual e ver cada

vez mais a luz, avançar com passo firme e em linha reta para a perfeição, que lhe faculta entrar no palácio eterno, nas regiões da pureza, nas esferas celestes e divinas e aproximar-se do foco da onipotência.

Todos são convidados, porque todos, bons ou maus, sem exceção de nenhum, são filhos, foram criados para o mesmo fim e têm que participar do banquete de núpcias. Cumpre, porém, que, para entrarem na sala da festa, previamente dispam suas vestes manchadas, sob pena de serem rechaçados para as trevas exteriores, isto é, para os planetas inferiores, para longe das venturosas moradas, onde o Espírito continua a se depurar, até poder vestir a túnica imaculada.

Dizendo que o rei só encontrou à mesa um conviva que não trazia a veste nupcial, quis Jesus mostrar, sob o manto da parábola, que, nos tempos da regeneração, quase todos compreenderão a felicidade que se lhes oferece. Apenas uma insignificante minoria se manterá obstinada em resistir aos esforços dos servos de Deus para lhes vestirem o traje de núpcias, antes que entrem na sala do festim.

O choro e o ranger de dentes simbolizam as torturas morais na erraticidade e os sofrimentos da encarnação em mundos inferiores à Terra.

As palavras: “Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos” não se referem unicamente ao que foi expulso por não estar dignamente vestido. Referem-se também a. todos os que anteriormente cerraram os ouvidos e o coração à voz que os chamava. Esses mesmos, porém, sob a ação das leis imutáveis da expiação, do progresso, pelo renascimento, pelas reencarnações, chegarão à condição de envergarem o traje de núpcias, para entrarem nos mundos felizes. Vê-se assim que todos os chamados virão a ser escolhidos, porque dos filhos de Deus nenhum ficará perdido para sempre.

Ainda não soara a hora de serem ensinadas abertamente estas coisas, que só a Revelação Espírita, então futura, tornaria claramente compreensíveis. Muitos séculos era preciso que se escoassem, para chegar o momento dessa revelação, os dias de hoje, os tempos preditos da regeneração, que o Espírito da Verdade agora prepara.

(152) Provérbios, 9º, 2, e 5. — Daniel, 9º, 26. — Atos, 13º, 46. — 2ª Epístola aos Coríntios, 5º, 3. — Colossenses, 3º, 10, e 12. — Apocalipse, 3º, 4; 16º, 15.

144
MATEUS, 22º, 15 ao 22. — MARCOS, 12º, 13 ao 17. — LUCAS, 20º, 20 ao 26. Deus e César

MATEUS: capítulo 22º, versículo 15. Retirando-se dali, os fariseus foram reunir-se em conselho, a fim de o surpreenderem no que dissesse. — 16. Mandaram então seus discípulos com os herodianos dizer a Jesus: Mestre, sabemos que és sincero e veraz, que ensinas o caminho de Deus na verdade, sem te preocupares com quem quer que seja, porque não consideras nos homens as pessoas. — 17. Dize-nos, pois, qual o teu parecer: É lícito pagar a César o tributo ou não? — 18. Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Hipócritas, por que me tentais? — 19. Mostrai-me a moeda com que se paga o tributo. Apresentaram-lhe um denário. — 20. Perguntou ele: De quem são esta imagem e esta inscrição? — 21. De César, responderam-lhe. Disse-lhes então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 22. Ouvindo isto, encheram-se de admiração e, deixando-o, se retiraram.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 13. Querendo surpreendê-lo em falta por alguma de suas palavras, mandaram ter com ele alguns fariseus e herodianos, — 14, que lhe disseram: Mestre, sabemos que és sincero e veraz e que não te dá de quem quer que seja, porqüanto não te preocupas com a qualidade das pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus pela verdade. É lícito paguemos o tributo a César, ou não lho devemos pagar? — 15. Jesus, reconhecendo-lhes a hipocrisia, disse: Por que me tentais? Deixai-me ver um denárIo. — 16. Deram-lhe a moeda e ele perguntou: De quem são esta Imagem e esta inscrição? Responderam eles: De César. — 17. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Todos ficaram tomados de admiração.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 20. Sempre a espreitá-lo, mandaram emissários insidiosos para que, fingindo-se de homens de bem, o apanhassem por alguma de suas palavras, a fim de o entregarem à jurisdição e à autoridade do governador. — 21. Esses emissários o Interrogaram deste modo: Mestre, sabemos que só dizes e ensinas o que é reto, que não te preocupas com as pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus na verdade. — 22. É-nos lícito pagar ou não o tributo a César? — 23. Jesus, percebendo-lhes a astúcia, disse: Por que me tentais? — 24. Mostrai-me um denário. De quem são a efígie e a Inscrição que ele traz? Responderam: De César. — 25. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 26. Não podendo repreender-lhe nenhuma das palavras diante do povo, admirados da sua resposta, calaram-se os emissários. (153)

Estas palavras de Jesus, mau grado a tudo que se tenha dito, provam que Ele não viera pregar a subversão social, mas apenas o progresso moral. O respeito às leis humanas é para o homem um dever e, muitas vezes, uma provação. Aplique-se ele, portanto, pelo seu proceder, a abrandar, modificar, suavizar as que tanto lhe pesam.

Se aquelas leis, ou algumas delas, parecem, ou são, de fato, injustas, iníquas, arbitrárias, só de nós mesmos nos devemos queixar, por isso que tais leis existem unicamente por não querermos caminhar todos pelo caminho reto

que nos traça a lei divina do amor, por nos obstinarmos em não cumprir o preceito de não fazermos aos outros o que não queiramos que nos façam. Destarte, bem se vê que não serão as revoluções, nem o derribamento de tronos, nem os derramamentos de sangue, nem as crueldades ainda de tão corrente uso, que nos hão de outorgar a liberdade e de tornar menos áspero o viver terreno. A liberdade nasce do cumprimento do dever, da pureza do coração, do amor e da caridade, que implicam a justiça, o respeito a si mesmo e aos outros.

O abrandamento das leis depende, pois, exclusiva-mente, da conduta dos homens. Trabalhe cada um pela sua própria reforma e o pesado jugo que elas impõem se quebrará por si mesmo e as reformas sociais se operarão sem abalos, suavemente.

Se já compreendêssemos bem as coisas, a obra de redenção não seria deferida para amanhã, como ainda o é. Julgando-se muito esclarecidos, os homens permanecem cegos! Ë assim que ainda fazem correr sangue, para fertilizar a Terra; que desencadeiam a guerra, para obterem a paz; que ateiam o incêndio, para construir. Cegos, eles ainda não conseguiram divisar o verdadeiro caminho; surdos, ainda não lograram atender aos seus interesses reais. E tão orgulhosos são, no entanto, do seu saber!

As palavras: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, ditas principalmente para o futuro, ainda não foram compreendidas e, menos ainda, bem praticadas. Só o serão, quando todos, inclusive César, derem a Deus o que é de Deus, pela prática do duplo amor ao mesmo Deus e ao próximo, o que envolve a da fraternidade, da qual, exclusivamente, resultarão a igualdade e a liberdade, na paz, na ordem e na hierarquia, baseada esta tão-só no grau de pureza moral adquirida.

Se compreendidas aquelas palavras houvessem sido, não existiria jamais o poder temporal do papa, não haveria “príncipes da Igreja”, nem a história registraria os conflitos, muitas vezes cruentos, em que tanto se empenharam esses príncipes com os da Terra.

Tampouco, as discórdias, o ódio, a guerra teriam devastado os filhos do Senhor.

A Igreja, que devia pregar pelo exemplo a tolerância, a justiça, a caridade, o amor, a fraternidade, a humildade, o desinteresse, teria sabido viver sempre em harmonia com César e teria feito que a Vinha do Senhor desse os abundantes frutos que devia dar pelo cultivo daquelas virtudes, que ela, ao contrário, desprezou e conspurcou.

(153) Romanos, 13º, 7.

145
MATEUS, 22º, 23 ao 33. — MARCOS, 12º, 18 ao 27. — LUCAS, 20º, 27 ao 40. Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. — Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade após a morte

MATEUS: capítulo 22º, versículo 23. Naquele dia, vieram ter com ele alguns saduceus, que negam a ressurreição, e lhe propuseram a questão seguinte: — 24. Mestre, Moisés disse: Em morrendo algum homem sem deixar filho, case seu irmão com a viúva e dê sucessão a seu irmão. — 25. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem descendência, deixando sua mulher a seu irmão. — 26. O mesmo sucedeu ao segundo, ao terceiro, a todos até ao sétimo. — 27. Por último, depois dos sete, morreu a mulher. — 28. Na ressurreição, de qual deles será ela, uma vez que todos a tiveram por esposa? — 29. Jesus lhes respondeu: Estais em erro, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus. — 30. Na ressurreição, nem os homens terão esposas, nem as mulheres maridos; umas e outros serão como os anjos de Deus no céu. — 31. Pelo que toca à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos disse: — 32. Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. Ora, Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. — 33. Ouvindo isso, o povo se admirava da sua doutrina.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 18. Vieram depois ter com ele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: — 19. Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer algum homem deixando a esposa sem filhos, o irmão do morto case com a viúva e dê sucessão àquele. — 20. Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem deixar filhos. — 21. O segundo casou com a viúva do irmão e também morreu sem deixar filho, sucedendo o mesmo ao terceiro. — 22. E assim, sucessivamente, os sete a tiveram por esposa e nenhum deixou descendência. Por último, também a mulher morreu. — 23. Ao tempo da ressurreição, quando todos ressuscitarem, de qual deles será ela mulher, uma vez que os sete a tiveram por esposa? — 24. Respondeu Jesus: Não vedes que errais, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus? — 25. Porque, ao ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres maridos: umas e outros serão como os anjos nos céus. — 26. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no livro de Moisés o que Deus lhe disse na sarça: “EU sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob?” — 27. Ora, Deus não o é dos mortos, mas dos vivos. Estais, pois, em grande erro.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 27. Chegaram depois alguns dos saduceus, que negam a ressurreição, e lhe perguntaram: 28. Mestre, Moisés nos deixou escrito: Se algum homem casado morrer sem deixar filhos, case o irmão dele com a viúva e descendência dê ao irmão que morreu. — 29. Ora, sete Irmãos havia e o primeiro, que era casado, morreu sem deixar filhos. — 30. O segundo casou com a viúva e também morreu sem deixar filhos. 31. Desposou-a o terceiro e em seguida os outros quatro sucessivamente, sem que nenhum deixasse descendência. — 32. Por fim morreu também a mulher depois de todos eles. — 33. Quando for da ressurreição, de qual dos sete será ela mulher, uma vez que com todos foi casada? — 34. Jesus lhes respondeu: Os filhos deste século se casam e são dados em casamento; — 35, mas aqueles

que forem julgados dignos do século vindouro e da ressurreição dos mortos, esses não casarão, nem serão dados em casamento, — 36, porqüanto, não mais poderão morrer, visto se terem tornado iguais aos anjos e serem filhos de Deus, porque são filhos da ressurreição. — 37. E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o mostrou quando, na sarça, chamou ao Senhor de Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob. — 38. Ora, Deus não O é dos mortos e sim dos vivos, pois que todos para ele são vivos. — 39. Tomando então a palavra, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem. — 40. E, desde então, ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas. (154)

A ressurreição é a volta definitiva do Espírito à sua pátria eterna. Verifica-se, quando ele chega a tal grau de elevação, que não mais se vê obrigado a habitar mundos onde a reencarnação se opera segundo as leis de reprodução, como ainda se dá na Terra. Aquele, que haja transposto essa fase de encarnações materiais, não mais pode morrer.

Quando o Espírito, que chegou à condição de habitar os mundos superiores, se afasta daquele onde estiver habitando e retorna à vida espírita, o que então se verifica é apenas uma mudança de condição; já não se dá a morte no sentido humano em que Jesus falava e como ainda agora se entende na Terra. Se esse mesmo Espírito tem que fazer aparição num planeta inferior, qual o nosso, surge aí por incorporação fluídica, conforme se deu com o Mestre, que, portanto, não sofreu. “morte”, no significado que essa palavra tem entre nós.

As expressões — os anjos de Deus no céu — os anjos que estão nos céus — aos quais se assemelharão, se igualarão os mortos, uma vez ressuscitados, e os homens, uma vez julgados dignos de participar da “ressurreição dos mortos”, uma vez que se tenham tornado “filhos da ressurreição”, “filhos de Deus”, indicam não só os bons Espíritos, que galgaram as condições elevadas de que acabamos de falar, como os puros Espíritos.

Por si mesmas se explicam estas palavras, que Jesus dirigiu aos Saduceus, com referência à ressurreição dos mortos: “Não lestes, no livro de Moisés, o que Deus lhe disse na sarça: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob? Ora, Deus não o é dos mortos, mas dos vivos, pois que todos para Ele são vivos. Fazendo que um Espírito superior dissesse a Moisés: “Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob”, mostrou o Senhor onipotente que Abraão, Isaac e Jacob existiam, estavam vivos e não mortos. Assim, por aquelas palavras dirigidas a Moisés, Deus proclamara e Jesus, lembrando-as, proclamava de novo aos Saduceus, aos discípulos e a todos os homens — a sobrevivência da alma, sua imortalidade e sua individualidade, após a morte do corpo; proclamava a vida permanente e imortal dos Espíritos, que todos vivem, quer no estado corporal, quer no estado espírita, sob as vistas do Pai.

O Mestre preparava desse modo as gerações futuras a compreenderem que a vida espírita é a vida primordial e normal do Espírito; que o que chamamos “morte” não é mais do que a cessação, para o Espírito, de um exílio temporário, cujo termo chega quando o mesmo Espírito se despoja do corpo material que, para ele, não passa de uma vestidura de provações, de expiação, de progresso, vestidura que apenas determina uma modificação temporária na sua vida normal. De um modo como de outro, o Espírito vive sempre sob as vistas de Deus, pois que a morte mais não é do que um passo mediante o qual

ele volta da vida corpórea à vida espírita.

Os Saduceus eram os materialistas da época. Consideravam Deus como o arquiteto que construiu o edifício: o homem como a pedra que a ação do tempo reduz a pó.

Não observamos na atualidade análogas inconseqüências? homens que admitem a crença em Deus e negam a existência da alma e sua imortalidade?

Com relação às palavras que, segundo o Êxodo, capítulo 3º, versículo 6), Deus disse a Moisés: "Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob", há a observar que Deus, conforme já temos ponderado, não se comunica diretamente com os homens. O que houve, no caso, foi uma manifestação espírita. Aliás, não se diz que Moisés viu a Deus, mas que o ouviu. O Espírito superior, incumbido da manifestação, tomou uma forma luminosa, não uma forma humana, e produziu uma luz deslumbrante.

Moisés era médium de efeitos físicos, audiente e vidente. Ainda quando, porém, não o fosse, as coisas necessariamente se teriam passado da mesma forma.

O Espírito superior, que chegou à perfeição, que se tornou puro Espírito, é senhor da natureza e de todos os fluídos, deles dispondo à sua vontade, de acordo com as necessidades e as circunstâncias. Foi com o auxílio de fluídos, de fluídos sônicos e outros, que aquele Espírito superior realizou a manifestação. Reunindo-os e concentrando-os, assimilando seu perispírito às regiões terrenas, ele produziu o som da palavra humana, articulada (155) e uma luminosidade ofuscante, com a aparência de fogueira, dando lugar aos fenômenos de que trata o Êxodo, capítulo 19º, versículos de 16 a 19, e capítulo 20º, versículo 19, fenômenos apropriados a causar forte impressão no povo hebreu, que ainda muito tempo teria que ser conduzido pelo terror, pois outra maneira não havia de fazê-lo observar a lei, o Decálogo, transmitido a Moisés no monte Sinai.

Essas manifestações, como todas as que vêm referidas no Antigo e no Novo Testamento, foram qualificadas de "milagres", porque, não tendo e não podendo ter conhecimento das causas de que derivavam, nem das leis que as regiam, a inteligência humana daquela época não lograva explicá-las. Hoje, têm que ser reconhecidas e aceitas como simples fenômenos espíritas, de natureza física, como fatos naturais, conseguintemente, por todos os que estudam a ciência espírita e experimentam no campo da sua fenomenologia.

Segue-se daí, e disso precisa o sacerdócio romano convencer-Se definitivamente, que, se o povo hebreu só pelo terror podia ser levado a crer em Deus, atualmente assim não é. Para que o povo tenha a crença no verdadeiro Deus, no Deus de amor, de justiça e de misericórdia, que Nosso Senhor Jesus Cristo revelou à Humanidade, basta que sacerdotes inteligentes e moralizados lhe ensinem e façam compreender o Evangelho em espírito e verdade, imitando por suas obras e exemplos o manso Cordeiro de Deus.

(154) Deuteronômio, 25º, 5. — Êxodo, 3º, 6, e 16. — JOÃO, 20º, 9. — Romanos, 6º, 10, e 11. — Hebreus, 11º, 16. — 1ª Epístola aos Coríntios, 15º, 42, e 49, e 52. — 1ª Epístola à João, 3º, 2. — Atos, 7º, 32.

(155) É o que presentemente ocorre com o fenômeno espírita chamado «voz direta".

146
MATEUS, 22º, 34 ao 40. — MARCOS, 12º, 28 ao 34. — LUCAS, 10º, 25 ao 28. Amor de Deus e do próximo

MATEUS: capítulo 22º, versículo 34. Mas os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, se reuniram em conselho; — 35. e um deles, que era doutor da lei, para o tentar fez esta pergunta: — 36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei? — 37. Respondeu Jesus:
Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. — 38. Este é o maior e o primeiro mandamento. — 39. E o segundo, semelhante ao primeiro, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 40. Toda a lei e os profetas se contém nestes dois mandamentos.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 28. Então, um dos doutores da lei, que ouvira a discussão e vira quão bem Jesus respondera aos saduceus, se aproximou e lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? — 29. Respondeu Jesus: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus. — 30. E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração. de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, de todas as tuas forças. Este o primeiro mandamento. — 31. O segundo, semelhante ao primeiro, é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. — 32. Disse-lhe então o doutor da lei: Na verdade, Mestre, disseste bem que Deus é um só, que nenhum outro há além dele; — 33, e que o amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e bem assim o amar o próximo como a si mesmo é coisa de maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. — 34. Vendo Jesus que o escriba replicara sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

LUCAS: capítulo 10º, versículo 25. Então, levantando-se, perguntou-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que hei de fazer para ter a vida eterna? — 26. Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? De que modo a lês? — 27. Respondeu aquele: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 28. Jesus lhe observou: Respondeste muito bem; faze Isso e viverás. (156)

Amemos o Senhor nosso Deus acima de todas as coisas: a Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele o pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as nossas ações.

Amemos o Senhor nosso Deus acima de tudo, porqüanto nesse amor hauriremos forças para cumprir todos os nossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força da alma, a quem Ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que nos aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amemos o nosso próximo como a nós mesmos, porqüanto, se não possuirmos o sentimento grandioso da fraternidade, não praticaremos os atos a que ele dá lugar, seremos ramos secos. Do amor a Deus nascem a submissão, a resignação, a esperança. Praticá-lo consiste em obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a nós mesmos, nasce a caridade, sem a qual

não faremos boas obras.

A caridade está no socorro que devemos prestar aos nossos irmãos pela nossa inteligência, pelo nosso coração, pela nossa mão direita, deixando esta a outra na ignorância do que fez.

Precisamos ser brandos e humildes, para sermos caridosos, pois que o orgulho afastará de nós o "pobre", tornando-lhe penoso, qualquer que seja a Sua pobreza, o auxílio material, moral ou intelectual, que lhe dispensamos.

Sejamos brandos e humildes, para sermos caridosos, pois que a brandura e a humildade atraem os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais gangrenosos. Não sejam, porém, somente dos lábios a nossa brandura e a nossa humildade, porque então já não seremos caridosos.

Nesses dois mandamentos se contém toda a lei e os profetas, disse Jesus. Praticando-os, material, como intelectual e moralmente, somos levados ao cumprimento de todos os nossos deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

Faze isso e viverás. As obras levam prontamente à vida eterna, a essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre a morte, libertado que está dos laços da matéria, das constrições da carne.

Replicando, por estas palavras, à resposta do doutor da lei: "Não estás longe do reino de Deus", o divino Mestre sancionou expressamente aquela resposta, em que se proclama coisa de muito maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios, do que todas as fórmulas e todos os cultos, a doutrina que se consubstancia no amor a Deus e ao próximo; que ensina a adoração do Pai em espírito e verdade, isto é, no altar do coração, pela prática daquele duplo amor; que demonstra ser essa a única religião verdadeira, a religião de Deus, a religião universal, que há de levar o gênero humano à unidade e, pois, à realização de seus destinos, pela solidariedade na fraternidade.

Citando estas palavras do Deuteronômio, capítulo 6º, versículo 4: "Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o Único Deus" e dizendo ao doutor da lei: Respondeste sabiamente e: não estás longe do reino de Deus, Jesus sancionava o que o doutor acabara de dizer, isto é, que "na verdade, não há senão um só Deus, que outro não há além dele".

Desse modo recusava, se eximia de toda divindade como Cristo, proclamando, para base do Cristianismo, que Deus é UNO, indivisível, conforme já o proclamara Moisés para Israel.

Sim, Jesus nunca pretendeu divinizar-se. Por nenhuma de suas palavras jamais conferiu a si mesmo o titulo de Deus, ao passo que muitas vezes elas se referem a um Deus único, como, por exemplo, quando declarou que seu Pai era maior do que Ele; quando se dirigiu a Deus, por estas últimas e solenes palavras, proferidas pouco antes da hora do sacrifício: "A vida eterna, porém, consiste em que eles conheçam por único Deus verdadeiro a ti, meu Pai, e a Jesus Cristo, que tu enviaste". (JOÃO, capítulo 17º, versículo 3). Consultem-se também: Deuteronômio, capítulo 6º, versículo 4. — Isaías, capítulo 42º, versículo 1. — MARCOS, capítulo 12º, versículo 29. — 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 8º, versículos 4 ao 6.

(156) Deuteronômio, 6º, 4, e 5; 10º, 12; 30º, 6. — Levítico, 19º, 18. — Isaías, 45º, 6, e 14; 46º, 9. — 1º Reis, 15º, 22. — Miquéias, 4º, 6, 7, e 8.

147
LUCAS, 10º, 29 ao 37. Parábola do Samaritano

LUCAS: capítulo 10, versículo 29. O doutor da lei, porém, querendo parecer justo, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? — 30. Jesus, tomando a palavra, lhe disse: Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de salteadores, que o despojaram, o espancaram e se foram, deixando-o semimorto. — 31. Aconteceu que pelo mesmo caminho desceu um sacerdote, que o viu e passou de largo. — 32. Do mesmo modo um levita, que também foi ter àquele lugar, viu o homem e igualmente passou de largo. — 33. Um samaritano, porém, seguindo o seu caminho, veio onde estava o homem e ao vê-lo se encheu de compaixão. — 34. Aproximou-se dele, pensou-lhe as feridas, deitando nelas óleo e vinho, colocou-o sobre a sua alimária e o levou para uma hospedaria, onde cuidou dele. — 35. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata desse homem; na minha volta te pagarei tudo quanto despenderes a mais. — 36. Qual dos três te parece que tenha sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? — 37. Respondeu o doutor da lei: O que para com ele usou de misericórdia. Pois vai, disse-lhe Jesus, e faze o mesmo.

Merece toda a nossa atenção, profundo estudo e meditação séria esta parábola em que, mostrando que Deus olha igualmente, com paternal carinho, para todos os seus filhos, quaisquer que sejam a pátria onde nasceram, o idioma que falem, o culto que professem, Nosso Senhor Jesus Cristo, através de um episódio edificante, nos ensinou, praticamente, como devemos proceder com os nossos semelhantes, em observância à lei divina, que nos prescreve amar o Pai celestial, amando o nosso próximo.

Doutra parte, esta parábola nos oferece mais uma prova da inigualável presciência que o divino Mestre tinha de todas as coisas, pois que, formulando-a, mostrou conhecer, de antemão, como viriam a proceder de futuro, em face da sua doutrina, o “samaritano”, isto é, o herético, o infiel, o excomungado, o réprobo, que era como os Judeus consideravam os filhos de Samaria, e o levita, o fariseu, o sacerdote, os ortodoxos em suma. Apontava aquele cheio de caridade e estes baldos desse sentimento.

Dizendo ao doutor da lei: Vai e faze o mesmo, dois objetivos teve Ele em mira. Primeiramente, dar a ver aos homens que, quaisquer que eles sejam, são irmãos; que o orgulho é causa de queda, por tornar cega a criatura, com relação a seus deveres; que, perante Deus, não há heréticos, nem ortodoxos; que a única via de salvação é a caridade. Quis, assim, reprovar e proscrever, para aquele momento e para sempre, o dogmatismo e a intolerância, que derivam da diversidade e do antagonismo de crenças e de cultos externos; proclamar que a fé sem as obras nada vale; que a fé, aos olhos de Deus, não está em dogmas humanos, frutos exclusivos das orgulhosas interpretações dos homens; mas, sim, toda, na caridade, que implica a prática da justiça, do amor, da misericórdia, da fraternidade.

Em segundo lugar, objetivou condenar de antemão esta máxima da Igreja Romana: “Fora da Igreja, não há salvação” e, condenando-a, consagrar, como única verdadeira, esta: Fora da caridade não há salvação.

Efetivamente, não há salvação sem a caridade que se exerça e pratique por amor a Deus acima de tudo e por amor ao próximo como a si mesmo, seja

quem for o próximo: conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo.

Não disse Ele, o Verbo de Deus: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou caluniam?” (157)

(157) Veja: A Divina Epopéia de Bittencourt Sampaio, nota ao Canto 4º.

148
LUCAS, 10º, 38 ao 43. Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. — Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora

LUCAS: capítulo 10º, versículo 38. E aconteceu que Jesus, tendo-se posto a caminho com seus discípulos, entrou numa aldeia e uma mulher de nome Marta o recebeu em sua casa. — 39. Tinha ela uma Irmã chamada Maria, que, sentada aos pés do Senhor, lhe escutava a palavra. — 40. Marta, que muito atarefada andava nos arranjos da casa, parando diante de Jesus, lhe disse: Senhor, não se te dá que minha Irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. — 41. O Senhor, porém, respondeu: Marta. Marta, tu te azafamas e perturbas a cuidar de muitas coisas. — 42. Entretanto, uma só é necessária. — 43. Maria escolheu a parte melhor, que lhe não será tirada.

Estes versículos, em conseqüência de os terem os homens interpretado, falsamente, segundo a letra, hão servido para autorizar e justificar a vida religiosa, com exclusão de todos os cuidados materiais. Esse, porém, não foi o pensamento do Mestre.

Na Betânia, pequena cidade perto de Jerusalém, situada no sopé do monte das Oliveiras, na estrada geral de Jericó, próximo à de Betfagé, ficava a aldeia onde vivia Lázaro. Jesus muito o amava, assim como às suas irmãs Marta e Maria.

A afeição que Jesus consagrava a esses irmãos constituía um ensino, um exemplo da predileção que merecem aqueles que caminham pela estrada que conduz ao Senhor Todo Poderoso.

Lázaro era um dos Espíritos devotados que haviam encarnado para cooperar no desempenho da missão terrena do divino Mestre, bem como Marta e Maria, que encarnaram para assisti-lo e ajudá-lo. Jesus os distinguia com a sua amizade.

Marta se preocupava mais do que devia com os cuidados do corpo, esquecida de que só o necessário basta. De condição modesta, queria oferecer a Jesus uma hospedagem luxuosa. Foi por isso que o Mestre a repreendeu.

O homem tem o dever de velar pela conservação do seu ser. É esta uma lei absoluta, que não lhe é dado ab-rogar. Mas, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o Espírito requer.

Disse Jesus: “Nem só de pão vive o homem”. Saibamos, portanto, aliar o cuidado de que necessita o nosso corpo aos que o nosso Espírito reclama. Uns e outros podem emparelhar, sem prejuízo algum, desde que sejam atendidos com critério.

“Maria, disse Jesus, escolheu a parte melhor, que lhe não será tirada”. Ë que o alimento espiritual jamais se perde; é uma semente cujas raízes se prolongam sempre. Para Maria, como para todos, naquele momento, o Cristo trazia um corpo material, qual os nossos, mas não tinha os gostos e as necessidades humanas, contentando-se com pouco. Por que havia ela então de se preocupar com inúteis cuidados materiais?

O Mestre, como hoje sabemos, só fazia refeições diante dos homens e isso mesmo na aparência apenas e não em realidade, quando precisava dar uma lição, ou um exemplo.

149
MATEUS, 22º, 41 ao 46. — MARCOS, 12º, 35 ao 37. — LUCAS, 20º, 41 ao 44. O Cristo, Senhor de David

MATEUS: capítulo 22º, versículo 41. Como estivessem os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: — 42. Que vos parece do Cristo? De quem é ele filho? Responderam-lhe os fariseus: De David. — 43. Replicou-lhes Jesus: Como é, então, que David, em espírito, lhe chama seu Senhor, dizendo: — 44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 45. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? — 46. Ninguém lhe pôde responder palavra, nem mais ousou alguém, desde aquele dia, interrogá-lo.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 35. Ensinando no templo, disse Jesus: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de David? — 36. Pois o próprio David não disse, inspirado pelo Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza teus inimigos a escabelo de teus pés? — 37. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? Grande multidão se comprazia em ouvi-lo.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 41. Mas Jesus lhes perguntou: Como dizem que o Cristo é filho de David, — 42, quando o próprio David diz no livro dos Salmos: Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita; — 43, até que eu reduza teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 44. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? (158)

Fazendo essa observação, tinha Jesus por fim: dar a ver que nenhum laço carnal o unia a David, nem, portanto, à sua descendência; que não pertencia à Humanidade; 2º mostrar a distância que havia entre o Espírito de David e o do Cristo de Deus.

Quaisquer que fossem a humildade, a doçura, o desprendimento de Jesus, não devemos esquecer a sua origem. Ele é o filho de Deus, não como sendo o próprio Deus, mas, como uma das suas criaturas, filho do Altissimo. filho de Deus e irmão dos homens, como qualquer Espírito criado. É nosso irmão, porém, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada e, como tal, nosso Senhor, nosso Mestre.

A questão que Ele propôs aos fariseus e à qual nenhum pôde responder, só a nova revelação a resolveria plenamente, porque só ela daria a conhecer, em espírito e verdade, a natureza e a origem do Cristo, sua missão, sua autoridade, seus poderes com relação ao nosso planeta e à Humanidade terrestre, o modo e as condições em que se verificou o seu aparecimento na Terra, para dar cumprimento à sua missão terrena.

Estas palavras alegóricas: “Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza todos os teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés, isto é, até que se haja completado a obra de regeneração, diziam respeito, veladamente, à missão de Jesus que, com relação ao nosso planeta, ocupa a direita do Pai, por ser, como é, o encarregado do progresso da Terra, o Espírito que a protege e governa no tocante à depuração e à transformação física, moral e intelectual da sua Humanidade.

(158) Salmos, 160º, 1. — Atos, 2º, 34. — 1ª Epístola aos Coríntios, 15º, 25. — Hebreus, 1º, 13; 10º, 12, e 13.

150
MATEUS, 23º, 1 ao 7. — MARCOS, 12º, 38 ao 40. — LUCAS, 20º, 45 ao 47. Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. Ouvi-los, mas, não os imitar

MATEUS: capítulo 23º, versículo 1. Falou então Jesus ao povo e a seus discípulos, — 2, dizendo: Na cadeira de Moisés se sentaram os escribas e os fariseus. — 3. Observai e fazei, pois, o que eles vos disserem, porém, não os imiteis nas suas obras, porqüanto dizem. mas não fazem. — 4. Atam pesados e insuportáveis fardos e os colocam sobre os ombros dos homens e no entanto nem ao menos com o dedo os querem tocar. — 5. Todas as suas ações eles as praticam para serem vistos pelos homens; daí o alargarem seus filatérios e alongarem suas franjas. — 6. Querem os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. — 7. Gostam de que os saúdem nas praças públicas e de que os homens lhes chamem mestres.

MARCOS: capítulo 12º, versículo 38. E lhes dizia, segundo o seu modo de ensinar: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com amplas vestes e de ser saudados nas praças públicas; — 39, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 40, que devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Com mais rigor serão eles julgados.

LUCAS: capítulo 20º, versículo 45. Diante de todo o povo que o ouvia, disse ele a seus discípulos: — 46. Guardai-vos dos escribas, que querem andar com longas vestes, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 47, que devoram as casas das viúvas, simulando longas orações. Maior condenação receberão eles.

Em todos os tempos, houve sempre doutores que pregam e ensinam, mas não praticam a moral que preconizam. Aí está o escolho.

A semente que dessa forma lançam pode cair em bom terreno e produzir. Mas, também, amiúde se perde, porqüanto o exemplo constitui o melhor ensinamento.

Poderá o discípulo que preparamos queixar-se da severidade dos costumes que lhe impomos, se a observar nos nossos? Se nos vir indulgente para com os outros. deixará de compreender a indulgência? Se lhe fizermos ver como se pratica a caridade, não será mais pronto em se mostrar caridoso? Não amará seus irmãos, se com ele praticarmos o amor?

Não imitemos, pois, os escribas e fariseus orgulhosos. Tornemos, ao contrário, leve o peso aos nossos irmãos, mostrando-lhes, por nós mesmos, como pode ser carregado sem fadiga.

Lembremo-nos de que Jesus disse: “Observai e fazei o que vos disserem; porém, não os imiteis nas suas obras, porqüanto o que dizem não fazem”. Referia-se aos escribas e fariseus, que pregavam e ensinavam sentados na cadeira de Moisés.

Se o Cristianismo e, sobretudo, o Catolicismo, não têm produzido os frutos evangélicos, que deviam produzir, é porque essas palavras do Mestre se tornaram freqüentemente aplicáveis aos escribas e fariseus dos modernos tempos que, assentados na cadeira que Ele ocupou, pregam e ensinam, como

os de outrora, o que não praticam. Ë sempre mais fácil falar do que obrar.

151
MATEUS, 23º, 8 ao 12. Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. — O Cristo, único doutor, único mestre. — Os homens, irmãos todos

MATEUS: capítulo 23º, versículo 8. Não queirais vós, porém, ser chamados mestres, porqüanto um único mestre tendes e todos sois irmãos. — 9. A ninguém na Terra chameis vosso pai, porqüanto um ONICO pai tendes, que está nos céus. — 10. Nem vos deis o titulo de doutores, porqüanto não tendes mais que um só doutor e um só mestre — o Cristo. — 11. Aquele que é o maior entre vós será vosso servo; — 12, porqüanto o que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado. (159)

Este ensino, que Jesus deu a seus discípulos e a todos os homens, assim se resume: Humildade, fraternidade.

Interdizia a todos os daquela época e do futuro o uso do título de pai, que só cabe a Deus, e bem assim o de Mestre, que só a Ele, o Cristo, compete. Só por orgulho e farisaísmo pode o homem, como fazia outrora, usurpar ainda aqueles títulos.

Tal ensinamento, porém, como se vê, é incompatível com o orgulho que enche os odres materiais, os quais tomariam por insulto serem comparados a qualquer pobre mortal humilde, como tantos há. Por isso mesmo, precisamos conhecer o nosso maior inimigo, para, confessando a nossa fraqueza, cuidarmos de não ser vítimas dele.

Na verdade, a justa apreciação de si mesmo é tão difícil que nenhum dentre nós poderá julgar-se capaz de fazê-la. Conseguintemente, nunca nos acreditemos mais dedicado, nem mais caridoso, nem mais probo, nem mais sábio, nem mais apto do que este ou aquele, ou do que o conjunto dos nossos semelhantes, porque, se lhes levarmos vantagem por qualquer daquelas qualidades, dar-se pode que, com relação a outras, nos achemos muito abaixo deles.

A justa apreciação de si mesmo deve sempre dar ao homem criterioso a convicção de que lhe cumpre trabalhar por destruir em si o que é mau, por cultivar o que é bom, por adquirir o melhor.

Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quer dizer: se o orgulho o dominar, ele virá a ser vosso servo quando, ao recomeçar a sua prova, tiver que se humilhar.

Aquele que tenta elevar-se acima dos outros é sempre impelido por um sentimento de orgulho. No dia da retribuição, terá que o expiar, do mesmo modo que o humilde de coração (mas não apenas dos lábios) terá que receber a sua recompensa.

(159) Job, 22º, 29. — Provérbios. 15º, 33. — LUCAS, 14º, 11. — Timóteo, 3º, 1; 4º, 6. — 1ª Epístola à Pedro, 5º, 5.

152
MATEUS, 23º, 13 ao 22. Escribas e fariseus hipócritas

MATEUS: capítulo 23º, versículo 13. Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, pois nem entrais nem deixais que entrem os que desejam entrar. — 14. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, com as vossas longas orações, devorais as casas das viúvas: mais rigoroso será por isso o vosso julgamento. — 15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o terdes feito, o tomais duplamente mais merecedor da geena do que vós. — 16. Ai de vós, guias cegos que dizeis: Jurar um homem pelo templo nada é, mas aquele que jurar pelo ouro do templo fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 17. Estultos e cegos! qual o que vale mais: o ouro, ou o templo, que santifica o ouro? — 18. Jurar pelo altar, dizeis, nada é, mas aquele que jurar pela oferenda que está sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 19. Cegos! que é o que mais vale: a oferenda, ou o altar que santifica a oferenda? — 20. Quem, pois, jura pelo altar, jura por este e por tudo o que sobre ele está; — 21, quem jura pelo templo jura por este e por aquele que o habita; — 22, quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado. (160)

Escribas e fariseus hipócritas são todos os que se abrigam por detrás de uma fé que não possuem, a fim de abusarem da credulidade dos homens e dela se aproveitarem para a consecução de seus fins; são os que mercadejam com suas orações e vendem as graças do Senhor, assim como a entrada na morada divina.

São cegos, guias de cegos, que emaranham seus irmãos numa teia inextricável de puerilidades culposas; que substituem os ensinamentos singelos de Nosso Senhor Jesus Cristo, constantes nos Evangelhos, por um tecido de mandamentos mesquinhos e arbitrários que eles mesmos elaboram: pesadas cadeias com que embaraçam o passo no sagrado carreiro da salvação, às criaturas humanas, as quais, cegas também, mas que, no entanto, para verem a luz, bastaria abrissem os olhos, se submetem a um jugo que a razão repele.

Felizmente, porém, por mais que hajam feito e ainda façam, a luz que se irradia da santa Doutrina do divino Mestre vai espancando as trevas das inteligências e dos corações e esses infelizes, um dia, reconhecerão quão criminosos foram. O remorso, então, e a expiação lhes farão curvar as frontes orgulhosas e dobrar os joelhos inteiriçados.

Queiram ou não queiram, hão de eles convencer-se, e bem assim os que lhes obedecem ao mando, que já vai distante o tempo das supersticiosas imposições da teocracia; que ao seu reinado sucedeu o império da inteligência e da razão, tornadas aptas a apreender, em toda a sua simplicidade e pureza, as verdades evangélicas, únicos fundamentos inabaláveis da fé esclarecida e ativa.

Sim, passou o tempo da fé cega. Os crentes, os verdadeiros crentes, se formam, e cada vez mais assim será, pelo exercício livre do pensamento, pelo estudo, pela observação, pela investigação, pela análise.

(160) Êxodo, 30º, 29; 29º, 37. — 3º Reis, 8º, 13. — 2º Paralipõmenos, 6º, 2. — Salmos, 10º, 5; 25º, 8. — MARCOS, 12º, 40. — LUCAS, 11º, 42; 20º, 47,

— Atos, 7º, 49. — 2ª Epístola à Timóteo, 3º, 6. — Tito, 1º, 11.

153
MATEUS, 23º, 23 ao 39. — LUCAS, 11º, 37 ao 54 e 13º, 31 ao 35. Doutores hipócritas que têm o coração viciado e enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade

MATEUS: capítulo 23º, versículo 23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e não vos importais com o que há de mais importante na lei: a justiça, a misericórdia e a fé, coisas estas que devieis praticar sem omitir as outras. — 24. Guias cegos, que coais um mosquito e engolis um camelo! — 25. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que, entretanto, estais por dentro cheios de rapina e de imundícias! — 26. Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. — 27. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas e podridões! — 28. Assim também vós: exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade. — 29. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas, que adornais os monumentos dos justos e dizeis: — 30. Se vivêramos nos dias de nossos pais, não os teríamos acompanhado no derramamento do sangue dos profetas. — 31. Testificais, assim, contra vós mesmos, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. — 32. Enchei, pois, a medida de vossos pais. — 33. Serpentes! raça de víboras! Como podereis escapar da condenação à geena? — 34. Eis por que vos vou enviar profetas, sábios e escribas, que a uns matareis e crucificareis e a outros acoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. — 35. E para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na Terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. — 36. Em verdade vos digo que tudo Isto virá cair sobre esta geração. — 37. Ah! Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos, e não quiseste! — 38. Eis que deserta vos será deixada a casa. — 39. Porque, eu vos declaro que desde agora não mais me vereis, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

LUCAS: capítulo 11º, versículo 37. E estando a falar, um fariseu o convidou para jantar. Ele lhe entrou em casa e tomou lugar à mesa. — 38. Começou então o fariseu a dizer de si para si: Por que não se lavou ele antes de comer? — 39. Disse-lhe então o Senhor:

Vós, os fariseus. limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso íntimo está cheio de rapina e iniqüidade. — 40. Insensatos! aquele que fez o que está por fora não fez também o que está por dentro? — 41. Entretanto, dai de esmola o que tendes e eis que todas as coisas se vos tornarão limpas. — 42. Mas, ai de vós fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda, de todas as ervas e desprezais a justiça e o amor de Deus! Estas coisas, porém, é que devíeis primeiro praticar, sem omitirdes as outras. — 43. Ai de vós, fariseus! que gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e de que vos saúdem nas praças públicas. — 44. Ai de vós, que sois como os sepulcros que não aparecem e por

sobre os quais andam os homens sem o saberem. — 45. Observou-lhe então um dos doutores da lei: Mestre, falando assim, também a nós outros nos afrontas! — 46. Respondeu Jesus: Ai, também de vós, doutores da lei, que carregais os homens de fardos que eles não podem suportar e nos quais não tocais sequer com a ponta do dedo. — 47. Ai de vós que erigis túmulos aos profetas, quando foram vossos pais que os mataram. — 48. Certo, dais assim testemunho de que concordais com as obras de vossos pais, pois que estes os mataram e vós lhes construis os túmulos. — 49. Por isso mesmo disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos e a uns eles matarão e a outros perseguirão, — 50, para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o principio do mundo, — 51, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta, geração contas serão pedidas. — 52. Ai de vós, doutores da lei que vos apoderastes da chave da Ciência e que não entrastes e impedistes a entrada aos que queriam entrar. — 53. Como desta maneira lhes falasse, começaram os fariseus e os doutores da lei a insistir fortemente com ele, importunando-o com perguntas sobre muitos assuntos, — 54, armando-lhe assim ciladas com o fim de nalguma de suas palavras acharem motivo para o acusar,

LUCAS: capítulo 13º, versículo 31. Naquele mesmo dia alguns fariseus lhe vieram dizer: Retira-te, vai-te daqui, porque Herodes te quer matar. — 32. Respondeu-lhe Jesus: Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã ainda tenho que expulsar os demônios e curar os enfermos e que no terceiro dia serei consumado. — 33. Todavia, cumpre que eu caminhe ainda hoje; amanhã e depois de amanhã, porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém. — 34, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos e não quiseste! — 35. Eis que deserta vos será deixada a vossa casa. E eu vos digo em verdade que não mais me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor! (161)

MATEUS, capítulo 23º, versículo 23; LUCAS, capítulo 11º, versículo 42. — “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, da arruda e de todas as ervas, e que omitis, negligenciais o que há de mais importante na lei: a justiça e o amor de Deus, a misericórdia e a fé; destas coisas é que deveis cuidar primeiro, sem omitirdes as outras.

Nestas palavras de Jesus devem atentar muito a fim de bem as compreenderem, pois que é a eles que se aplicam, os que vendem as orações e os que as compram, os que fazem doações às igrejas e aos conventos, pensando que assim resgatam suas faltas e pagam a Deus a sua justiça; os que procedem como os escribas e os fariseus hipócritas, que se limitavam à prática de atos exteriores, a prosternar-se diante dos altares, curvando as frontes com aparente humildade, mas conservando os corações cheios de rancor, de orgulho, de inveja.

Pelo que consta nos versículos 29 a 39 de MATEUS; 47 a 51, de LUCAS, o divino Mestre aludia à morte e às perseguições que os profetas tinham sofrido, ao sacrifício que breve se consumaria no Gólgota, às perseguições, aos martírios e à morte que os apóstolos, os discípulos e os primeiros cristãos viriam a sofrer, aos esforços que Ele fizera para reunir as ovelhas em torno do cajado do bom pastor, à destruição de Jerusalém, à dispersão dos Judeus e,

finalmente, à época alegórica do fim do mundo, isto é, a época em que, operada pela depuração e transformação do nosso planeta e da Humanidade terrena a regeneração desta, vindo o nosso protetor, governador e mestre em toda a sua glória, os homens (Judeus e Gentios), regenerados, clamarão, num brado uníssono de amor, como outrora a multidão que o acompanhava à sua entrada na cidade santa: Bendito o que vem em nome do Senhor!

MATEUS, capítulo 23º, versículos 35 e 36. — LUCAS, capítulo 11º, versículos 50 e 51. — As palavras constantes nestes versículos, no seu sentido oculto, se referem à reencarnação. Deus é infinitamente justo para não punir nos descendentes as faltas dos ascendentes, se aqueles não foram cúmplices destes. Jesus falava assim porque os que haviam matado os profetas ali estavam em sua presença, dispostos a derramar o seu próprio sangue, considerando-o um homem como os demais. Teriam, portanto, que prestar contas de todo o sangue que anteriormente haviam derramado e de todo o que ainda derramariam.

O sangue que os hebreus derramaram corria sempre, vindo a cair sobre a cabeça de seus descendentes segundo a carne, mas, efetivamente, por meio da reencarnação, sobre a cabeça dos mesmos que o tinham vertido em suas existências anteriores, até que ficassem purificados pelo fogo, isto é, pelo fogo moral dos remorsos e da expiação, que leva o Espírito culpado ao arrependimento e ao desejo de reparar suas faltas, à purificação pela reparação e pelo progresso.

(161) Gênese, 4º, 8; 15º, 16. — Deuteronômio, 32º, 11. — Salmos, 16º, 8; 90º, 4; 117º, 26. — 1º Reis, 15º, 22. — Oséias, 6º, 6. — Miquéias, 6º, 8. — 2º Paralipõmenos, 24º, 20. — Atos, 5º, 40; 7º, 51, e 53, e 58; 22º, 19; 23º, 3. — 1º Tessalonicense, 2º, 16. — 2ª Epístola aos Coríntios, 11º, 24, e 25. — 1ª Epístola à João, 3º, 12. — Apocalipse, 18º, 24.

154
MARCOS, 12º, 41 ao 44. — LUCAS, 21º, 1 ao 4. O óbolo da viúva

MARCOS: capítulo 12º, versículo 41. Tendo-se sentado defronte do gazofilácio (162), observava Jesus como o povo deitava aí o dinheiro. Muitos dos que eram ricos deitavam grandes quantias. — 42. Veio, porém, uma viúva pobre que deitou apenas duas pequenas moedas, equivalentes a um quadrante (163). — 43 Chamando então seus discípulos, Jesus lhes falou assim: Em verdade vos digo que esta pobre viúva mais deitou no gazofilácio do que todos os outros; — 44, porqüanto, todos os outros deram do que lhes sobrava, ao passo que ela, da sua mesma indigência, deu tudo o que possuía, tudo o que tinha para seu sustento.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 1. Olhando, viu Jesus os ricos a lançarem suas dádivas no gazofilácio. — 2. Viu também uma viúva pobre deitar ali duas pequenas moedas. — 3. Disse então: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos os outros. — 4, porqüanto, os outros fizeram a Deus a oferta do que lhes superabundava, ao passo que ela, da sua pobreza, deu tudo o que lhe restava para seu sustento. (164)

Estes versículos dispensam comentários. Facilmente compreensível é a lição que, por aquelas palavras, deu Jesus aos homens. Toda caridade é meritória, quando feita com desinteresse, sem orgulho, nem ostentação. Maior, porém, do que e. do rico que dá do que tem em abundância, sem de nada se privar, é a dádiva daquele que dá o que lhe é indispensável a outro a quem falta o necessário. Esse mais adiantado se acha na via da caridade do coração. Daí vem que o óbolo da viúva e do pobre pesam mais na balança de Deus do que o ouro do rico.

(162) Espécie de mealheiro, ou arca, onde, no templo, se deitavam as ofertas.
(163) Moeda do valor de cerca de um centavo.
(164) Deuteronômio, 24º, 6. — 4º Reis, 12º, 9. — 2ª Epístola aos Coríntios, 8º, 12. — 1ª Epístola à João, 3º, 17.

155
MATEUS, 24º, 1 ao 14. — MARCOS, 13º, 1 ao 13. — LUCAS, 21º, 5 ao 19. Resposta de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança

MATEUS: capítulo 24º, versículo 1. Tendo saído do templo, Jesus se ia embora, quando dele se aproximaram os discípulos para lhe fazerem notar as edificações do templo. — 2. Disse-lhes ele então: Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo que aqui não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. — 3. E estando sentado no monte das Oliveiras, os discípulos o cercaram e assim lhe falaram em segredo: Dize-nos quando sucederão estas coisas e qual será o sinal de tua vinda e do fim do mundo. — 4. Jesus respondeu: Vede que ninguém vos engane, — 5, pois que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e a muitos enganarão. — 6. Havereis de ouvir falar de guerras e rumores de guerra. Vede bem, não vos turbeis, porqüanto é necessário que assim aconteça, mas não será ainda o fim; — 7, pois, nação se levantará contra nação, reino contra reino, e haverá pestes, fomes e terremotos em diversos lugares. — 8. Todas estas coisas, porém, são apenas o princípio das dores. — 9. Sereis então entregues à tribulação e vos matarão; todas as nações vos odiarão por causa do meu nome. — 10. Ao mesmo tempo muitos se hão de escandalizar e se trairão uns aos outros e uns aos outros se odiarão. — 11. Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitos. — 12. E, porque abundará a Iniqüidade, a caridade de muitos esfriará. — 13. Aquele, entretanto, que perseverar até ao fim, será salvo. — 14. E este Evangelho do reino será pregado por todo o orbe para dar testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 1. Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras e que edifícios! — 2. Respondeu-lhe Jesus. Vês todos estes grandes edifícios? Serão de tal modo destruídos que não ficará pedra sobre pedra. — 3. E como tivesse ido sentar-se no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André o interpelaram em particular, desta forma: — 4. Dize-nos quando acontecerão estas coisas e qual será o sinal de que estão prestes a cumprir-se? — 5. Entrou então Jesus a lhes dizer: Vede que ninguém vos seduza. — 6. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu o Cristo e enganarão a muitos. — 7. Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis, pois é necessário que isso aconteça; mas ainda não será o fim. — 8. Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; haverá por diversos lugares terremotos e fomes. Estas coisas serão apenas o começo das dores. — 9. Estai atentos, pois vos hão de entregar aos concílios e de açoitar nas sinagogas. Haveis de comparecer perante os reis e governadores por minha causa, para lhes dardes

testemunho de mim. — 10. Mas é preciso que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações. — 11. Quando vos conduzirem para vos entregarem, não premediteis o que haveis de dizer; dizei o que vos for inspirado no momento mesmo; porqüanto, não sois quem fala e sim um Espírito Santo. — 12. Então o irmão entregará seu Irmão à morte e o pai entregará o filho, os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte. — 13. Sereis odiados de todos por causa de meu nome. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 5. Como alguns lhe falassem do templo, referindo-se às belas pedras e aos magníficos donativos (165), que o ornavam, disse Jesus: — 6. Tempo virá em que isto que vedes será de tal modo destruído que não ficará pedra sobre pedra. — 7. Perguntaram-lhe então: Mestre, quando sucederá isso e qual será o sinal de que essas coisas vão começar a cumprir-se? — 8. Ele respondeu: Vede que não vos deixeis enganar, pois muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu o Cristo; e esse tempo se aproxima; guardai-vos de os seguirdes. — 9. Quando ouvirdes falar de guerras e sedições, não vos assusteis, porqüanto cumpre que primeiro tais coisas sucedam, mas o fim não virá logo. — 10. E acrescentou: Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; — 11, haverá grandes terremotos, pestes e fomes em diversos lugares; aparecerão coisas espantosas e no céu grandes prodígios. 12. Antes, porém, de tudo isso, prender-vos-ão e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e metendo-vos nas prisões, levando-vos à presença de reis e governadores por causa do meu nome. — 13. Servirá isso para dardes testemunho da verdade. — 14. Gravai nos vossos corações que não tendes que premeditar do como respondereis; — 15, pois que vos darei uma boca e uma sabedoria a que os vossos inimigos não poderão resistir nem contradizer. — 16. Sereis entregues mesmo pelos vossos pais, irmãos, parentes e amigos e a alguns de vós morte será dada. — 17. Todos vos odiarão por causa do meu nome. — 18. Mas, nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá. — 19. Pela vossa paciência possuireis vossas almas. (166)

A resposta de Jesus a seus discípulos, quanto ao sinal da sua vinda e ao fim do mundo, teve por escopo manter alerta os povos, para pressentirem os acontecimentos que na marcha ordinária dos séculos teriam de ocorrer, assinalando as fases de progresso, de depuraçãO e de transformação da Terra e da Humanidade, e preveni-los de sua vinda, em todo o fulgor espírita, ao planeta terreno, quando este se achar em condições de ser incluido na categoria dos orbes purificados.

Com a que deu, referente aos falsos cristos, quis acautelar as criaturas humanas contra os que, fazendo de suas palavras uma arma de dominação e assumindo o encargo de conduzir os povos, por falsas veredas os encaminham, mediante leis falsas e abusivas.

Quanto aos “grandes prodígios” que aparecerão no céu, em se atentando no espírito e no objetivo dessas palavras, ressalta que Jesus não aludia a sinais materiais, conforme supuseram os que, interpretando-as falsamente, consideraram as revoluções de certos planetas, como anúncio do fim do mundo. Os prodígios a que Ele se referia são as influências opostas sob que os homens se acharão, como se têm achado muitas vezes, apropriadas a lhes desenvolver o raciocínio e o livre-arbítrio e a pôr o espírito em condições de, no

futuro, discernir melhor.

Aludia também às perseguições religiosas que já se verificaram no passado e que talvez estejam na iminência de recomeçar, mesmo no seio de povos que se dizem civilizados, tudo com a sua razão de ser na marcha dos acontecimentos humanos, como meio de encaminhar o planeta e a Humanidade, através de sucessivas transformações, ao ponto de poderem receber o Mestre em toda a sua glória.

Nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá. Quer isto dizer que, qualquer que seja a sorte da matéria, o Espírito triunfará.

Pela vossa paciência possuireis vossas almas: Pela nossa paciência, seremos senhores de nós mesmos e nos poremos a salvo de cometer qualquer ato, ou de dizer qualquer palavra, que possam prejudicar o adiantamento do nosso Espírito.

E este Evangelho do reino será pregado por todo o orbe. As verdades que Jesus ensinou se disseminarão e tornarão o único farol cuja luz guiará a Humanidade, pelo caminho que a levará, possuída de fé, cheia de amor e caridade, até ao seu Criador. O Espiritismo veio para fazer chegar mais depressa o momento predito pelo Mestre, impelindo os homens a receber a boa nova, a ouvir com alegria a pregação do Evangelho da paz e do amor.

Então virá o fim. Virá, porque, praticando sincera-mente todos os homens a lei do amor, trabalhando com ardor, em comum, pelo progresso de todos e de cada um, os Espíritos se desligarão mais prontamente da matéria que, por sua vez, mudará de natureza, acompanhando a marcha ascensional do Espírito. Aqueles que se conservarem rebeldes, refratários aos ensinamentos, aos exemplos, às revelações; que persistirem no endurecimento, na incredulidade, irão sendo gradativamente afastados para outros planetas. Assim, um momento virá em que, coincidindo com o acabamento da transformação planetária, essa separação estará terminada. Terá chegado, então, o fim.

(165) Estes donativos eram, entre outros, o painel de ouro que o rei Ptolomeu oferecera e a parreira de ouro oferecida por Herodes, o Grande.
(166) 3º Reis, 9º, 7. — Jeremias, 14º, 14; 23º, 21; 26º, 18. — Miquéias, 3º, 12. — 2º Paralipõmenos, 15º, 6. — Isaías, 19º, 2. — Zacarias, 14º, 13. — Ageu, 2º, 23. — 1º Tessalonicenses, 5º, 1. — 2º Tessalonicenses, 2º, 3. — 1ª Epístola à Timóteo, 4º, 1. — 2ª Epístola à Timóteo, 1º, 15º; 4, 9º, 16. — Hebreus, 3º, 6, e 14. — 1ª Epístola à Pedro, 4º, 16. — 2ª Epístola à Pedro, 2º, 1. — Apocalipse, 2º, 10.

156
MATEUS, 24º, 15 ao 22. — MARCOS, 13º, 14 ao 20. — LUCAS, 21º, 20 ao 24. Abominação da desolação no lugar santo. — Males extremos. — Cerco de Jerusalém

MATEUS: capítulo 24º, versículo 15. Quando, pois, virdes implantada no lugar santo (entenda-o quem ler) a abominação da desolação predita pelo profeta Daniel, — 16, então fujam para os montes os que estiverem na Judéia — 17, e o que se achar no eirado não desça para tirar de sua casa qualquer coisa, — 18, e o que estiver no campo não volte para tomar a capa. — 19. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 20. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno nem num dia de sábado; — 21, pois que então a tribulação será tal como nunca houve desde o princípio o mundo até ao presente, nem haverá jamais. — 22. E se não se abreviassem esses dias, ninguém se salvaria; mas, por amor dos escolhidos, eles serão abreviados.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 14. Mas, quando virdes implantada a abominação da desolação onde não deve estar (entenda-o quem ler), então fujam para os montes os que estiverem na Judéia; — 15, o que estiver no eirado não desça para tirar de casa qualquer coisa; — 16, e o que estiver no campo não volte para tomar a sua capa. — 17. E ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 18. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno; — 19, pois que a grande tribulação desses dias será tal como nunca houve desde o princípio da criação do Universo até agora, nem haverá jamais. — 20. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhum homem se salvaria; mas, por causa dos eleitos, que escolheu, ele os abreviou.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 20. Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabel que então a sua desolação está próxima. — 21. Os que a esse tempo se acharem na Judéia fujam para os montes; retirem-se os que estiverem dentro da cidade e nela não entrem os que se acharem nas suas cercanias; — 22, pois esses serão os dias da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na escritura. — 23. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem porqüanto oprimida de males será a Terra e a cólera pesará sobre este povo. — 24. Muitos cairão a fio de espada, muitos serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que se cumpram os tempos das nações. (167)

Como nenhumas outras, também estas palavras de Jesus não devem ser tomadas ao pé da letra, conforme foram. Em espírito e verdade, elas são alusivas aos vícios de que cumpre a Humanidade se depure e aos abalos físicos por que a Terra tem de passar, para sua depuração e transformação, que se hão de efetuar em correspondência com a depuração e a transformação moral e física da mesma Humanidade.

Aproximam-se os tempos, é certo, pois a abominação da desolação (entenda o que lê aquele que ler) se acha implantada onde não deverá estar e se estende por sobre os homens.

Os vícios se ocultam à sombra dos átrios dos templos. A luxúria, a avareza, a inveja, o orgulho, o luxo se apoderaram dos corações, que só deveram abrigar o amor de Deus e do próximo.

Ai das ‘mulheres então grávidas e das que amamentarem! Sim, ai delas, pois que as criancinhas estarão confiadas a esses guias infiéis, que lhes profanam as inteligências juvenis, semeando nelas frutos de iniqüidade. Aquela exclamação do divino Mestre, considerada do ponto de vista das revoluções físicas, inevitáveis para a renovação planetária, objetivava, acima de tudo, pôr em destaque a grandeza das calamidades que sobrevirão e não pouparão nem a criancinha de peito, nem o nascituro, ferindo as mães nas suas mais caras esperanças.

Pedi que vossa fuga não se dê no inverno, nem ‘num dia de sábado. O sábado era o dia do repouso, como é hoje o domingo, e o inverno é a estação de ásperos rigores. Dizendo isso, tinha Jesus em mente concitar-nos a estar vigilantes e a orar ao Senhor, a fim de não sermos improvisamente surpreendidos na preguiça; a fim de nos acharmos preparados para comparecer perante Ele, de modo a não termos que suportar o sofrimento, a expiação.

Nunca houve, nem haverá jamais tribulação semelhante. Ë que, desde que se formou o globo em que habitamos, suas transformações não têm ido além de um aperfeiçoamento da matéria, ao passo que as que se hão de ainda produzir transformarão progressivamente essa mesma matéria em substâncias fluídicas apropriadas às necessidades dos novos corpos humanos. Maior, portanto, do que as até então sofridas será a aflição desses dias vindouros, quer do ponto de vista das subversões físicas parciais, quer do das conseqüências que daí advirão para os que se conservarem obstinadamente rebeldes ao progresso, ou retardatários, os quais, ao tempo daquela depuração e transformação, se verão afastados do nosso e relegados para planetas inferiores.

Estejamos certos, porém, de que o Senhor jamais privará qualquer de seus filhos, por mais culpado que possa ser, da faculdade e dos meios de se tornar melhor. Assim, os que forem exilados deixarão de encarnar na Terra, mas as suas reencarnações sucessivas seguirão seu curso, se bem que noutro meio, até que, tendo-se emendado, se façam merecedores de volver à primitiva pátria.

Todos nos achamos no declive e a caminho dessa finalidade; mas, ninguém nos diz que tais catástrofes, inevitáveis em se tratando de uma renovação planetária, se hajam de produzir simultaneamente, ou amanhã, nem que durarão de um sol a outro. Semelhantes transformações não se operam de um momento para outro; demandam séculos e séculos, que nada são para Aquele que os deixa sair do seu pensamento e cuja infinita misericórdia de infinitos meios se serve para despertar todos os seus filhos do letargo em que tenham caído e encaminhá-los para á conquista da felicidade eterna.

Não nos acabrunhemos com a perspectiva dessas revoluções catastróficas; antes, preparemo-nos para delas sairmos vencedores, deixando o homem velho entre os destroços do velho mundo e renascendo no planeta renovado.

Referindo-se à Jerusalém hebraica, Jesus abarcava com o seu pensamento o mundo, figurado por aquela cidade. Tal como esta, o mundo, a Humanidade hão de suportar muitas vicissitudes, muitos assaltos, O terror se espalhará entre os homens, pois os inimigos que mais devemos temer se reunirão em maior número, para os assaltar. Esses inimigos são os nossos vícios. A Jerusalém atual será destruída; mas, uma outra reconstruiremos,

eterna, cujos felizes habitantes nada mais terão que recear. O tempo, a reencarnação, o progresso, dentro da marcha dos acontecimentos planetários e humanos, executarão a obra de renovação, assim de ordem física, pelo que toca à Terra, como de ordem física e moral, pelo que concerne à Humanidade.

"E Jerusalém será pisada pelos Gentios, até que se cumpram os tempos das nações", disse Jesus, aludindo à época que mediana entre a em que isso era dito e a que começa pela nova era do puro Cristianismo, do advento do Espírito.

O tempo das nações se terá cumprido, quando estiver implantado no mundo terreno o reinado universal da lei do amor e da caridade, que se hão de estender qual manto, para cobrir todos os filhos da Terra e conduzi-los, pela reciprocidade e pela solidariedade, à unidade fraternal.

(167' Daniel, 9º, 26, 27; 7º, 1, 11. — Joel, 2º, 2. — Isaías, 70º, 8, 9. — Zacarias, 14º, 2, 3.

157
MATEUS, 24º, 23 ao 28. — MARCOS, 13º, 21 ao 23. Falsos Cristos. — Falsos profetas

MATEUS: capítulo 24º, versículo 23. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis: — 24, porque falsos Cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes maravilhas e operarão prodígios tais que, se fora possível, enganariam até os escolhidos. — 25. Vede que de antemão eu vo-lo predisse. — 26. Se, pois, vos disserem: Ele lá está no deserto! não saiais, ou: Está no interior da casa! não acrediteis; — 27, porque, como o relâmpago que parte do Oriente e se mostra até no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. — 28. Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 21. Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis – 22. Porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios para enganar se possível até os escolhidos. – 23. Ficai vós pois de sobreaviso; eis que de antemão vos tenho dito tudo. (168)

Estas palavras encerram um aviso aos homens, para que estejam precatados contra os que, em nome do Cristo, tentarem desviá-los da lei de amor e de caridade que Ele pregou.

Pronunciou-as Jesus, antevendo as dissidências que as ambições humanas originariam em sua Igreja, fundada no amor, e que arrastariam as criaturas ao egoísmo, ao orgulho e a todos os sentimentos materiais que as levaram ao extremo de negar Deus.

Os falsos cristãos e falsos profetas farão prodígios e portentos tais, que, se fora possível, enganariam até os escolhidos. Também estas palavras do Mestre se referem aos esforços que foram e serão empregados para desviar os homens da obediência pura e simples às leis de Deus e do seu enviado e para forçá-los a se submeterem a um código religioso de origem humana, contrafação da mais grandiosa e mais simples moral que se possa querer e esperar. Referem-se, igualmente, aos esforços empregados pelos pastores infiéis e às ciladas urdidas aos rebanhos, a fim de fazê-los enveredar por falsos caminhos.

Em suma, Jesus, nesta passagem, aludiu a tudo quanto se fez, faz e fará para afastar da luz os homens e encaminhá-los para as trevas, quaisquer que sejam os meios empregados.

Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias. Onde quer que estejam os encarnados, aí se reunirão desencarnados, para produzirem esses fatos, esses fenômenos, que os primeiros tomam por prodígios, por milagres, considerando-os uma derrogação das leis da Natureza; porém, que não são mais do que uma aplicação dessas leis, e que tanto podem ser produzidos por más, como por boas influências ocultas, com o auxílio de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno, do mesmo modo que o mais digno dos encarnados pode possuir.

A revelação e a ciência espíritas nos ensinam que a simples produção de fenômenos espíritas, de fenômenos mediúnicos, de modo algum constitui o critério pelo qual possamos e devamos reconhecer a moralidade e a veracidade daquele por cujo intermédio eles se operem, nem, portanto, se nos

achamos em presença de um verdadeiro ou falso Cristo, de um verdadeiro ou falso profeta. Por grandes, pois, que sejam os prodígios ou portentos que observemos, se aquele que os produz tentar divorciar-nos da prática do amor e da caridade, da prática dos ensinamentos e exemplos do Mestre, da lei simples e pura que Ele nos legou, não lhe demos crédito, não o sigamos.

(168) Deuteronômio, 13º, 1. — Job, 39º, 30. — LUCAS, 17º, 27. — JOÃO, 6º, 37. — Romanos, 8º, 28. — 2º Tessalonicenses, 2º, 9. — 2ª Epístola à Timóteo, 2º, 19.

158
MATEUS, 24º, 29 ao 31. — MARCOS, 13º, 24 ao 27. — LUCAS, 21º, 25 ao 28. Predição dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que precederão o advento de Jesus em todo o seu esplendor espiritual e predição desse advento

MATEUS: capítulo 24º, versículo 29. Logo depois da tribulação desses dias, O Sol se escurecerá, a Lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do céu e as virtudes dos céus se abalarão. — 30. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem e todas as tribos da Terra gemerão e chorarão e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. — 31. E ele enviará seus anjos. que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e reunirão dos quatro ventos, de um extremo a Outro dos céus, os seus eleitos.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 24. Mas, nesses dias, após toda essa tribulação,
o Sol se escurecerá, a Lua não dará sua claridade. — 25, as estrelas cairão do céu e as virtudes que nos céus estão se abalarão. — 26. Ver-se-á então o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória. — 27. E ele enviará seus anjos a reunir seus eleitos, dos quatro ventos, do extremo da Terra ao extremo do céu.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 25. E haverá sinais no Sol, na Lua, nas estrelas e, na Terra, consternação das nações aturdidas pela confusão em que as porá o bramir tumultuoso do mar e das ondas. — 26. Mirrarão de terror os homens na espectação das coisas que sobrevirão ao mundo todo; pois as virtudes do céu se abalarão. — 27. Ver-se-á então o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade. — 28. Quando, porém, estas coisas começarem a suceder, erguei a cabeça e olhai para o alto, pois que se aproxima a vossa redenção. (169)

As referências aqui feitas ao escurecimento do Sol e da Lua, à queda das estrelas, etc., foram um novo aviso que, veladamente, Jesus deu dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que hão de suceder, até ao momento em que o reino de Deus se estabeleça em todos os corações. No tocante à ordem física, aludia Ele às revoluções parciais e sucessivas, que ocasionarão a transformação do nosso planeta, porém, não bruscamente e sim por obra dos séculos.

O nosso globo que, como todos, saiu dos fluídos Incandescentes e impuros, isto é, carregado de substâncias próprias à constituição da matéria, tem que, despojado de todos os princípios materiais, imergir nos fluídos puros. Para lá chegar, tem que seguir, quanto à decomposição da matéria, a mesma progressão que seguiu para a sua composição. Antes, porém, já nós teremos passado por imensa modificação, as raças se terão renovado pela encarnação de Espíritos mais bem preparados e tudo terá progredido.

A alusão, veladamente feita, ao escurecimento do Sol e à desaparição da luz da Lua entende com o fato, que se há de verificar, de a Terra se ir afastando desses dois astros.

Quando depurada, ela se terá afastado do centro onde ora gravita e então esplenderá de luz própria. As estrelas que cairiam do céu, as virtudes celestes que se abalariam são os luzeiros do Senhor, os Espíritos protetores dos homens, que trazem as claridades do céu e as fazem chegar aos nossos olhos. Cada vez em maior número, essas estrelas se abalarão e descerão até nós, para fazerem luzir às nossas vistas claridades desconhecidas, que neste momento nos ofuscariam.

O sinal do Filho do Homem, que, segundo a predição de Jesus, há de aparecer no céu, é o advento do reinado do amor e da caridade. O joio será então completamente separado do trigo, isto é, os obstinados no mal serão afastados do nosso planeta e a Humanidade, regenerada, estará pronta para receber em seu coração o reino do Senhor. Nessa época é que um só será o Pastor, a cujos pés todas as ovelhas se prostrarão e, diante das grandes graças que terão recebido, chorarão tanto de reconhecimento e alegria, como de pesar por haverem desconhecido a mão paternal que as dirigiu.

Aí, verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu, com grande poder, grande majestade e grande glória, isto é, ve-lo-ão vir em todo o fulgor espírita, ao seu reino, preparado para tornar-se um dos reinos do Pai, como habitação de puros Espíritos.

(169) Daniel, 7º, 11, 13. — Isaías, 13º, 10. — Ezequiel, 32º, 7. — Joel, 2º, 10. — Amós, 5º. 20. — Zacarias, 12º, 12. — Atos. 2º, 20. — 1ª Epístola aos Coríntios, 15º, 52. — 1º Tessalonicenses, 4º, 15. — Apocalipse, 1º, 7; 6º, 12.

159
MATEUS, 24º, 32 ao 35. — MARCOS, 13º, 28 ao 31. — LUCAS, 21º, 29 ao 33. Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da Humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão

MATEUS: capítulo 24º, versículo 32. Aprendei uma parábola tomada à figueira: Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. — 33. Assim, também, quando virdes todas essas coisas, sabeis que o filho do homem está próximo, está à porta. — 34. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas essas coisas se cumpram. — 35. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 28. Aprendei uma parábola tomada à figueira: Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. — 29. Assim, também, quando virdes que essas coisas acontecem, sabei que o filho do homem está próximo, está à porta. — 30. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido. — 31. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 29. E lhes propôs em seguida esta comparação: Vede a figueira e as outras árvores: — 30. Quando começam a dar fruto, sabeis que próximo vem o estio. — 31. Assim, também, quando virdes que essas coisas sucedem, sabei que está próximo o reino de Deus. — 32. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se cumpram. — 33. Passará o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão. (170)

Jesus se serviu da parábola, da comparação com a figueira e outras árvores apenas para exprimir e desenvolver os pensamentos que acabara de externar sobre o aparecimento do sinal do filho do homem, no céu, sobre a proximidade da nossa redenção. Teve por fim, com esta parábola, chamar mais vivamente a atenção dos que o ouviam, impressioná-los mais fortemente pelo que ia acrescentar e prender a atenção das gerações que haviam de suceder-se, sobretudo das que, como a nossa, veriam despontar no horizonte, com a nova revelação, o predito advento do Espírito da Verdade e estavam destinadas a compreender, em espírito, as suas palavras.

Esta geração não passará, sem que todas essas coisas se tenham cumprido.

Compreendidas segundo o espírito que vivifica, por estas palavras, Jesus se referia à geração de Espíritos que, vivendo então na Terra, encar nados, nela viveram mais tarde e tornarão a viver, reencarnados, quando o nosso planeta atravessar as últimas fases da sua transformação física e a Humanidade as últimas da sua transformação física e moral: quando, pois, se

estiver cumprindo tudo o que Ele predisse.

Passará o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão. — Tudo o que é de ordem física, no espaço, na imensidade, com relação ao nosso, como a todos os mundos, passa pelo cadinho da transformação. Quer isto dizer que, de acordo com as leis de destruição, de reprodução e de progresso, tudo se renova, depura e modifica, percorrendo a escala que vai do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na vida e na harmonia universais. Mas, as palavras de Jesus, órgão do Senhor onipotente, não passarão, porque são imutáveis e eternas, como eternos e imutáveis são, na ordem física, na ordem intelectual e na ordem moral, a lei do progresso, para o Espírito, e as leis naturais, na ordem material e na ordem fluídica. Elas não passarão, porque são ao mesmo tempo princípio fundamental, condição e meio de progresso nos mundos inferiores, de provações e expiações, como são o caminho único que pode levar o homem aos mundos superiores, preparando-lhe o acesso a esses mundos e fazendo-o penetrar neles.

(170) Isaías, 51º, 6. — Jeremias, 31º, 36. — Hebreus, 1º, 11.

160
MATEUS, 24º, 36 ao 39. — MARCOS, 13º, 32 ao 37. — LUCAS, 21º, 34 ao 38. Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para depuração e transformação da Terra e da Humanidade terrena. — O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, pela sua purificação e seu progresso

MATEUS: capítulo 24º, versículo 36. Mas, do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu senão só o Pai. — 37. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também no advento do Filho do homem. — 38. Assim como nos dias anteriores ao dilúvio os homens comiam e bebiam, casavam e davam seus filhos em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, — 39, sem pensarem no dilúvio senão quando este veio e os levou a todos, também assim será no advento do Filho do homem.

MARCOS: capítulo 13º, versículo 32. Mas, do dia ou da hora, ninguém o sabe, nem os anjos do céu, nem mesmo o Filho, senão só o Pai. — 33. Vede bem; vigiai e orai, pois não sabeis quando chegará esse tempo. — 34. Como se um homem, partindo em viagem para longe, deixasse a casa entregue a seus servos, designando a cada um o que tinha a fazer, e determinando ao porteiro que vigiasse. — 35. VIgiai, pois, visto que não sabeis quando virá o dono da casa, se de tarde, se à meia noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, — 36, a fim de que, chegando de repente, não vos encontre a dormir. — 37. O que vos digo a vós, a todos digo: Vigiai.

LUCAS: capítulo 21º, versículo 34. Tende-vos, pois, em guarda, para não suceder que os vossos corações se tornem pesados por efeito dos festins e da embriaguez e pelos cuidados desta vida e que aquele dia vos sobrevenha repentinamente; 35, porqüanto, como um laço, ele apanhará todos os que habitam sobre a face da Terra. — 36. Assim, vigiai e orai todo o tempo, a fim de que mereçais evitar todas as coisas que hão de acontecer e possais comparecer diante do Filho do homem. — 37. Ele de dia ensinava no templo; e de noite, saindo, se retirava para o monte chamado das Oliveiras. — 38. E todo o povo acorria de manhã cedo ao templo para o ouvir. (171)

"Do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu NEM MESMO O FILHO, senão só o Pai".

Dizendo isso, quis Jesus que os homens compreendessem quão orgulhoso e inútil é o pretenderem sondar o futuro, que só Deus conhece. Ao mesmo tempo, quis infirmar desde logo a idéia da divindade que, pela sua presciência, sabia lhe havia de ser atribuída, idéia cuja duração só seria permitida pelo tempo que necessário fosse à transformação do culto material em culto espiritual.

Deus releva sempre os erros que, em matéria de crenças, são cometidos

de boa-fé. Unicamente o orgulho e a hipocrisia, a felonia e a mentira são punidos, porqüanto só as faltas tornam culpada a criatura.

(171) Gênese, 6º, 3. — Zacarias, 14º, 7. — Atos, 1º, 7. — 1º Tessalonicenses, 5º, 2. — 1 Pedro, 3º, 20. — 2ª Epístola à Pedro, 3º, 10.

161
MATEUS, 24º, 40 ao 44. — LUCAS, 12º, 39 ao 40. O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo

MATEUS: capítulo 24º, versículo 40. Então, de dois homens que estiverem no campo, um será tomado, o outro será deixado. — 41. De duas mulheres que estiverem moendo num moinho, uma será tomada e a outra deixada. 42. Portanto, vigiai; pois não sabeis a que hora virá o Senhor. — 43. Mas, sabei que se o Pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 44. Estai vós, conseguintemente, preparados sempre, porqüanto à hora que menos pensardes virá o Filho do homem.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 39. Ora, sabei que, se o pai de família soubera a que hora viria o ladrão, certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 40. Estai, pois, vós outros vigilantes, pois o Filho do homem virá à hora que não pensais. (172)

Já foram explicadas estas palavras que Jesus proferiu diversas vezes em ocasiões e lugares diferentes e devem estar compreendidas. Uns hão de aproveitar da regeneração, outros, porém, serão mandados para planetas inferiores. Uma parte avançará, enquanto que a outra se conservará indigna de participar das novas encarnações no planeta depurado.

Jesus INSISTE e FRISA a incerteza do dia e da hora dos acontecimentos, quer de ordem física, quer de ordem moral, que predissera, a fim de que estejamos cada vez mais alertas e vigilantes. Quão poucos são ainda os que vêem os sinais dos tempos, da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita, da aurora da regeneração da Humanidade.

A obra do progresso segue a sua marcha; mas, não sabemos até onde ela tem que ir, nem quando quererá o Senhor dar a última demão na da regeneração humana. Estejamos, portanto, em guarda, prontos, pois bem pode acontecer que sejamos surpreendidos improvisamente. E o Senhor rejeitará os servidores indolentes que não tiverem sabido esperá-lo.

Mesmo antes dessa escolha final, a desencarnação não nos surpreende muitas vezes de improviso, no curso das nossas existências? Pois bem: se, pela vigilância constante, não nos mantivermos preparados para recebê-la a qualquer momento, não nos forraremos às torturas do remorso na erraticidade, nem a muitas das expiações, reparações e provas que se lhes seguirão e que evitaremos, se estivermos sempre vigilantes sobre nós mesmos, como repetidamente o recomendou o divino Mestre.

(172) LUCAS, 17º, 34 a 37. — 1º Tessalonicenses, 5º, 2. 6. — 2ª Epístola à Pedro, 3º, 10. — Apocalipse, 3º, 3; 16º, 15.

162
MATEUS, 24º, 45 ao 51. — LUCAS, 12º, 41 ao 46.
Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo

MATEUS: capítulo 24º, versículo 45. Quem julgais que é o servo fiel e prudente ao qual seu senhor confiou os outros servos seus para que a tempo dê de comer a todos? — 46. Feliz desse servo, se o seu senhor, quando vier, o achar assim fazendo. — 47. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. — 48. Mas, se aquele servo, por ser mau, disser consigo mesmo: "Meu senhor tardará em vir" — 49, e se puser a maltratar os companheiros e a comer e beber com os que se embriagam; — 50, seu senhor virá num dia em que ele não o espera e numa hora que ele não sabe qual seja; — 51, o SEPARARÁ dos outros e fará partilhar da sorte dos hipócritas; é aí que haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: capítulo 12º, versículo 41. Pedro então lhe perguntou: Senhor, esta parábola tu a dizes para nós outros somente ou também para todos? — 42. Respondeu o Senhor: Quem julgas que seja o ecônomo fiel e prudente, que o Senhor estabeleceu sobre seus outros servos, para que, no devido tempo, distribua por estes a ração de trigo? — 43. Feliz desse servo se o Senhor, quando vier, o achar assim fazendo. — 44. Em verdade vos digo que lhe confiará a gestão de todos os seus bens. — 45. Mas, se esse servo disser no seu íntimo: "Meu Senhor tardará em vir» e começar a espancar os outros servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, — 46, virá o senhor desse servo num dia em que ele o não espera, a uma hora em que não cuida, o SEPARARÁ dos outros e fará partilhar da sorte dos infiéis. (173)

Estas palavras do Mestre, apropriadas, como todas as que Ele pronunciou, aos tempos e às inteligências, se aplicam aos que tomaram o encargo de dirigir seus irmãos, de os conduzir pelo caminho do progresso, de espargir sobre eles a luz. Felizes dos que, servos fiéis e prudentes, distribuírem a tempo e a hora o alimento, dando a cada um a luz e a verdade de que necessitar e que puder receber. Grande recompensa terão, vendo abrir-se cada vez mais, diante de seus passos, a estrada que, levando à perfeição, dá acesso ao trono do Senhor onipotente, que então os fará partícipes de sua inteligência, do seu poder e do seu amor, na vida e na harmonia universal.

Os que, porém, abusam da sua autoridade, da confiança de que são indignos, para transviar os que deviam ser por eles guiados; para mais apertar a venda nos olhos dos que deviam ser por eles esclarecidos e se entregam às voluptuosidades humanas, lançando mão de bens em que não deveriam tocar, sequer, esses serão severamente punidos. Responderão pelas suas faltas e pelas que tenham induzido outros a cometer.

Maus servos, eles irão, exilados, para mundos inferiores, para o meio dos "infiéis", servir de guias a "cegos" e de instrutores a "surdos". Lamentarão aí amargamente não haverem desempenhado a missão de que se incumbiram, quando se achavam entre seres inteligentes, capazes de os compreender. Sofrerão horrivelmente e tanto mais, quanto mais adiantados tenham sido no planeta terreno.

É esta uma lição que se aplica a todos os que pediram e obtiveram a missão de dirigir seus irmãos pela senda do progresso físico, moral e

intelectual. As palavras do Mestre, de onde essa lição decorre, embora se refiram a coisas de ordem espiritual, também se nos aplicam, no tocante às coisas de ordem temporal, do ponto de vista assim da recompensa, como das conseqüências dolorosas.

(173) Atos, 2º, 28. — 1ª Epístola aos Coríntios, 4º, 2. Hebreus, 3º, 5. Apocalipse, 16º, 15.

163
LUCAS, 12º, 47 ao 48. A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu

LUCAS: capítulo 12º, versículo 47. Esse servo, que conheceu a vontade do seu Senhor e que, entretanto, não se preparou, nem fez o que seu Senhor queria. será duramente açoitado. — 48. Aquele, porém, que, sem conhecer a vontade do seu Senhor, fez coisas merecedoras de castigo, receberá menos açoites. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado e aquele a quem muito tenha sido confiado maior conta terá que prestar.

Jesus, na sua linguagem sempre apropriada às inteligências dos homens materiais que lhe ouviam as prédicas, apresentava-lhes sempre a imagem de um castigo material.

O grau e a extensão da responsabilidade guardam relação com o conhecimento que a criatura tem do mal que pratica. Necessariamente, maiores são as responsabilidades daquela que incorre em falta, depois de haver recebido advertências, conselhos e ensinamentos, visto que muito será pedido a quem muito se haja dado.

A vontade, os desígnios do Senhor, com relação aos seus servos, são que, progredindo constantemente, alcancem a perfeição. Daí o corresponderem sempre à natureza e à gravidade das faltas, com absoluta justiça e grande misericórdia, as expiaçoes e provas que elas acarretam.

Pelos sofrimentos é que o Espírito se depura e ganha uma elevação que o habilita a descortinar horizontes de cuja visão o seu atraso moral o privava. Devido a esse atraso é que a Ciência ainda não preenche na Terra a sua missão.

Aproximam-se, no entanto, os tempos em que nesta frondejará a árvore da verdadeira ciência, bem diversa da que ela até hoje tem possuído e que, baseada apenas em conjeturas ou hipóteses mais ou menos procedentes, ainda não pôde assenhorear-se da razão de ser das coisas.

164
MATEUS, 25º, 1 ao 13. Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes

MATEUS: capítulo 25º, versículo 1. Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando de suas lâmpadas, saíram a receber o esposo e a esposa. — 2. Mas, cinco dentre elas eram loucas e cinco prudentes. — 3. As primeiras, tomando de suas lâmpadas, não levaram consigo azeite. — 4. As prudentes, porém, levaram azeite em seus vasos, juntamente com as lâmpadas. — 5. Como o esposo tardasse em chegar, começaram todas a toscanejar e por fim adormeceram. — 6. A meia-noite se ouviu este brado: Eis aí vem o esposo! Saí ao seu encontro. — 7. Todas aquelas virgens se levantaram e prepararam suas lâmpadas. — 8. Disseram então as loucas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite, pois que as nossas lâmpadas se estão apagando. — 9. Ao que as prudentes responderam: Para que não suceda faltar-nos ele a nós e a vós. ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós. — 10. Mas, enquanto elas o foram comprar, chegou o esposo. As que estavam preparadas entraram com ele para as bodas e a porta se fechou. — 11. Por fim, chegaram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. — 12. Ele, porém, respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. — 13. Portanto, vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora. (174)

Uns não compreenderam esta parábola e outros lhe falsearam o sentido e o objetivo.

Dizendo-a, teve Jesus em mente obrigar os homens a estarem sempre alertas, fazer-lhes compreender que não devem deixar para o último momento o cuidado de sua reforma, do seu progresso, porqüanto talvez seja tarde.

Quis mostrar-lhes que as virtudes de uns em nada podem servir para resgatar os vícios de outros: aos nossos irmãos podemos dar o amparo dos nossos conselhos e exemplos, mas não podemos repartir com eles o nosso óleo, isto é: o mérito das nossas obras, mérito que só reverte em benefício daquele que as pratica.

Trabalhai, pois, cada um pela sua própria reforma, pelo seu próprio adiantamento, O indiferente ou o leviano verá que quando supuser ser chegado o momento de se entregar a este trabalho, quando se estiver dispondo a começá-lo, bem pode acontecer soe a hora do seu comparecimento perante o juiz e ele então será colhido de surpresa.

Não é o egoísmo o que nesta parábola se aconselha, como insensatamente alguns hão pretendido. O que nela se nos aconselha é tão-somente que nos resguardemos da indolência, que nos leva a deferir para o dia seguinte o ato que Ele, o Mestre, nos concita a executar no mesmo instante; da negligência, que a muitos induz a descansar no mérito dos “santos”, das intercessões monásticas, das absolvições clericais, como assecuratórias da salvação, quando é certo que só as nossas obras pessoais nô-la podem garantir.

Os que vendem o óleo próprio a encher as lâmpadas vazias são os bons Espíritos, os Espíritos do Senhor. Vendem-no, fazendo-nos progredir e progredindo a seu turno. Assim, tudo é comutativo entre eles e nós.

Portanto, vigiemos, pois não sabemos o dia, nem a hora da regeneração, o dia em que o Senhor virá; nem o dia, nem a hora em que chegará o esposo.

Veja-se o Apocalipse, capítulo 19º, versículos 6 e 7, e capítulo 21º, versículo 22, Jesus é o esposo; a esposa é a sua Igreja, a sua doutrina. Em linguagem simbólica, trata-se da fusão de dois corações, numa união conjugal.

(174) Salmos, 5º, 6. — Habacuc, 1º, 13. — JOÃO, 9º, 31. 1ª Epístola aos Coríntios, 16º, 13. — 1º Tessalonicenses, 4º, 6; 5º, 16 — Efésios. 5º, 29. — 1ª Epístola à Pedro, 5º. 8. — Apocalipse, 16º, 15.

165
LUCAS, 12º, 35 ao 38. Vigiar. — Estar pronto a receber a Jesus pôr ocasião da sua segunda vinda

LUCAS: capítulo 12º versículo 35. Cingidas estejam as vossas cinturas e acesas tende nas mãos as vossas candeias. — 36. E assemelhai-vos aos que esperam que seu Senhor volte das bodas, para, quando chegar e bater à porta, logo lha abrirem. — 37. Bem-aventurados os servos que o Senhor, ao chegar, encontre vigilantes, em verdade vos digo que ele se cingirá, fará se ponham à mesa e virá servi-los. — 38. Quer chegue na segunda vigília, quer na terceira, se assim os achar, bem-aventurados são esses servos.

Estejamos sempre vigilantes, sempre preparados a comparecer diante do nosso Senhor e a recebê-lo, quando lhe apraza vir, ou mandar-nos emissários seus.

O Mestre veio e os apóstolos estavam prontos para recebê-lo. Grande foi a sua satisfação.

Mas, Ele voltará. Vai adiantada a noite, a segunda vigília começa pela era nova a que Jesus, em mente, aludia. Ele nos manda emissários, órgãos do Espírito da Verdade, a preparar a sua vinda. Estejamos, pois, atentos para a terceira vigília, que Ele nos quer encontrar velando por nós mesmos e prontos a recebê-lo, purificados e luminosos pelo mérito das nossas obras, que nos tornarão as almas resplendentes de luz pura e fulgurante em presença do Senhor.

Far-nos-á sentar à mesa e nos servirá. Quer dizer que nos mostrará a verdade sem véu e nos levará à perfeição.

Nos tempos antigos, a noite era dividida em quatro partes, quatro vigílias. A primeira ia das seis da tarde às nove horas; a segunda até à meia-noite; a terceira até três da madrugada; a quarta, chamada a do cantar do galo, se prolongava até ao amanhecer. (MATEUS, capítulo 25º, versículo 13 — MARCOS, capítulo 13º, versículo 35).

O dia propriamente dito, que começava às seis da manhã e findava às seis da tarde, dividia-se em 12 horas. Assim, hora terceira (Atos, capítulo 2º, versículo 15), correspondia às nove horas de hoje; hora sexta ao meio-dia; hora nona às três da tarde.

166
MATEUS, 25, 14 ao 30. — LUCAS, 19º, 11 ao 27. Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos

MATEUS: capítulo 25º, versículo 14. Porque, é assim como um homem que, tendo de partir para longe, chamou seus servos e lhes entregou os bens que possuía. — 15. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, de acordo com a capacidade de cada um, e partiu sem mais demora. — 16. Foi-se o que recebera cinco talentos, entrou a negociar com eles e ganhou outros cinco. — 17. O mesmo fez o que recebera dois e ganhou outros dois. — 18. Mas o que apenas um havia recebido, lá se foi com ele, cavou um buraco no chão e aí escondeu o dinheiro do seu Senhor. — 19. Depois de muito tempo, voltou o Senhor daqueles servos e os chamou a contas. — 20. Veio o que recebera cinco talentos e, apresentando-lhe outros cinco, disse: Senhor, tu me entregaste cinco talentos; aqui estão mais cinco que ganhei. — 21. DIsse-lhe o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 22. Veio em seguida o que recebera dois talentos e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos: aqui estão mais dois que com eles ganhei. — 23. Disse-lhe o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei em muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 24. Veio por fim o que só um talento recebera e disse: Senhor, sei que és um homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes onde não espalhaste. — 25. Temendo-te, fui-me e escondi na terra o teu talento; aqui tens o que te pertence. — 26. Seu Senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, pois que sabias que ceifo onde não semeei, que colho onde não espalhei, — 27, devias ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e assim, à minha volta, eu receberia o que é meu com juros. — 28. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. — 29. Porque, a todo o que tem se dará e terá em abundância; e àquele que não tem será tirado até o que pareça ter. — 30. E o servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: capítulo 19º, versículo 11 Tendo eles ouvido Isso, Jesus, continuando, lhes propôs uma parábola, a propósito de se achar perto de Jerusalém e pensarem todos que o reino de Deus se manifestaria imediatamente. — 12. Disse, pois: Um homem de alta linhagem partiu para um país longínquo, a fim de tomar conta de um reino e depois voltar. — 13. Chamou dez servos seus, deu-lhes dez marcos de prata e disse: Ponde-os em giro até à minha volta. — 14. Mas, como os de seu país o odiavam, mandaram após ele uma embaixada para lhe dizer: Não queremos sejas quem nos governe. — 15. Com efeito, voltou o homem, depois de haver tomado posse do reino, e mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber quanto cada um fizera render. — 16. Veio o primeiro e disse: Senhor, o teu marco rendeu dez marcos. — 17. Respondeu-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás poder sobre dez cidades. — 18. Veio o segundo e disse: Senhor, teu marco rendeu cinco marcos. — 19. O Senhor lhe respondeu: Tu governarás cinco cidades. — 20. Veio outro e disse: Senhor, aqui está o teu marco que conservei guardado num lenço. — 21. Tive medo de ti, porque és homem severo, que tiras de onde não puseste e ceifas onde não

semeaste. — 22. Respondeu-lhe o Senhor: Servo mau, pelas tuas próprias palavras eu te julgo, sabias que sou homem severo, que tiro donde não pus, e ceifo onde não semeei; — 23, por que, então, não colocaste o meu dinheiro num banco, a fim de que, quando eu chegasse, o recebesse com juros? — 24. E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe o marco e dai-o ao que tem dez. — 25. Observaram-lhe: Senhor, esse já tem dez marcos. — 26. Pois eu vos digo que a todo aquele que já tem ainda se dará mais e esse terá em abundância, e que, àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. — 27. Quanto aos meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os na minha presença. (175)

Não sendo possível que a todos os homens se fale na mesma linguagem, as parábolas de Jesus, repetidas muitas vezes, com pequenas variantes, são, quanto ao fundo, as mesmas, porém, sempre apropriadas ao entendimentos daqueles a quem eram ditas. Ë o que se verifica com a dos talentos, do servo inútil e dos dez marcos.

Nesta última, alude Ele à lei que viera trazer ao mundo, à ingratidão dos que a repeliram e às conseqüências dolorosas que experimentarão os endurecidos, se perseverarem no egoísmo e no orgulho.

Quanto à ordem que o rei dá para que lhe tragam os súditos revoltados, a fim de que sejam executados na sua presença, é uma alusão à sentença de banimento dos que permanecerem endurecidos, alusão idêntica à que se nos depara em MATEUS, capítulo 25º versículo 30, com relação ao servo inútil, que será degredado para planeta inferior à Terra, quando se concluir nesta a separação do joio e do trigo.

O Senhor não reclama de nós o impossível, senão apenas o que é justo, atentas as nossas capacidades e fraquezas humanas. O que exige é que empreguemos todos os esforços por progredir e fazer se desenvolva o gérmen que Ele colocou em todos nós; e que, pela nossa diligência e perseverança, mereçamos que maior número de “talentos” nos seja confiado.

Falando do terceiro servo, o Mestre alude a esses Espíritos malévolos que, para encobrirem suas próprias faltas, procuram atribuir faltas aos outros. Se o Senhor nos faculta todos os meios para progredirmos e só quer o nosso progresso, desde que Ele nos pareça ríspido e severo, razão de mais, devemos encontrar para não permanecemos na inércia, para, ao contrário, tudo envidarmos por corresponder aos seus desígnios, por agradá-lo.

Os “banqueiros”, segundo o espírito, são ou que podem desenvolver em nós o amor do progresso e, conseguintemente, segundo a letra, conseguir os juros que o Senhor exige do seu servo. Por “banqueiros”, em suma, de acordo com o sentido oculto da parábola, devemos entender os que podem auxiliar o progresso de seus irmãos, na Terra e no Espaço: encarnados e errantes.

Quanto às palavras do capítulo 25º, versículos 29 de MATEUS e capítulo 19º, versículo 26 de LUCAS, são idênticas às de que Jesus anteriormente usara na parábola do Semeador (MATEUS, capítulo 13º, versículos 1 ao 23) já explicada. Aquele que deseja progredir, esforça-se e progride; aquele que não tem esse desejo, negligencia e perde o pouco que já adquirira.

(175) JOÃO, 15º, 2. — Romanos, 12º, 6. — Coríntios, 12º, 7, 11, 29. — Efésios, 4º, 11. — 2ª Epístola à Timóteo, 2º, 12. — Hebreus, 12º, 2. — 1º Tessalonicenses, 5º, 6. — 1ª Epístola à Pedro, 1, 8; 5º, 8. — Apocalipse,

16º, 15.

167
MATEUS, 25º, 31 ao 46. Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final

MATEUS: capítulo 25º, versículo 31. Quando o Filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono da sua glória. — 32. E, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos Outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. — 33. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. — 34. Dirá então o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; — 35, pois, tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me recolhestes; — 36, estive nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, estive encarcerado e me fostes ver. — 37. Dir-lhe-ão então os justos: Senhor, quando foi que te vimos faminto e te demos de comer; ou com sede e te demos de beber? — 38. Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nu e te vestimos? — 39. Quando foi que te vimos enfermo, ou preso, e te fomos visitar? — 40. O Rei responderá: Em verdade vos digo que, todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. — 41. Aos que estiverem à sua esquerda dirá em seguida: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; — 42, pois, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; — 43, era forasteiro e não me recolhestes; estive nu e não me vestistes; enfermo e preso e não me visitastes. — 44. Também esses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? — 45. Ele lhes responderá: Em verdade vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. — 46. E irão estes para o suplício eterno e os justos para a vida eterna. (176)

Estas palavras de Jesus serviram de base a todas as crenças e a todas as interpretações humanas. Apropriadas aos tempos e às inteligências, tinham elas que servir, atento o passado de todos os povos, para aquele momento e tinham que preparar o futuro. Tomadas ao pé da letra, foram mal compreendidas e falsamente interpretadas. Mas, tudo tem a sua razão de ser na marcha do progresso, para a depuração e transformação, assim dos mundos, como das humanidades.

Precisam ser entendidas em espírito e verdade.

Traçando para os seus discípulos um quadro imponente do juízo final, quis o Mestre deixar nas inteligências uma impressão inapagável.

Quando o Filho do homem vier na sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória e, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas.

São palavras simbólicas. Jesus falava das épocas que se hão de suceder até ao momento em que a luz suave e verdadeira virá iluminar o mundo.

O trono da sua glória é a época em que todos os povos estarão sob o jugo da sua lei. Esse trono terá então o embasamento no fundo do coração de todas

as criaturas e os anjos do Senhor o cercarão e descerão ao meio destas.

Não começou já esse período? O trono do Salvador não está sendo preparado para recebê-lo? Os anjos do Altíssimo não descem já até nós, para nos ensinar a cantar a glória do Onipotente, preparando-nos, por meio da prática da justiça, da caridade e do amor, para o advento do espírito; abrindo-nos, pelo progresso moral, todas as fontes do progresso intelectual; ensinando-nos a ser brandos e humildes de coração, desinteressados e dedicados aos nossos irmãos?

As gentes não se encontram todas reunidas sob as vistas do Salvador e não vemos que se há materializado uma palavra simbólica, como o são todas as dos Evangelhos?

Não se procede, desde a origem dos tempos, à separação a que aludia Jesus? Sem dúvida.

Desde o princípio do mundo, os Espíritos têm sido colocados, segundo o grau de adiantamento, em mundos superiores e inferiores e, chegada a época de fluidificação do nosso planeta, estará inteiramente concluída a separação, que é a de que Jesus falava.

Quanto à determinação da época dessa separação, que se interpretou falsamente como sendo um fato único, súbito e instantâneo, não passou de uma figura. Para a realização de semelhante obra, que é progressiva e sucessiva, não pode haver época predeterminada, segundo a maneira humana de calcular. Ela corresponde ao período que precederá a depuração completa da Terra.

Jesus voltará ao mundo, quando a Humanidade estiver prestes a atingir a perfeição moral e ela aclamará a sua vinda, entoando este cântico de júbilo, de alegria, imenso e unânime: Bendito o rei que vem em nome do Senhor.

A direita e a esquerda são expressões figuradas, indicativas dos lugares reservados aos bons e aos maus.

Por suplício eterno se devem entender os lugares, ou as condições, em que o Espírito sofre, durante tempo mais ou menos longo, durante uma eternidade relativa, no espaço, ou encarnado em mundos de expiação e de prova, até se regenerar.

Assim, o dogma humano da eternidade das penas teve a sua razão de ser, como fruto do reinado da letra, necessário por um certo tempo, até que a Humanidade se houvesse adiantado bastante na senda do progresso, moral e intelectual. Chegados, porém, que são os tempos preditos, em que o Espírito viria esclarecer a letra e dar-lhe o verdadeiro sentido, o Espírito da Verdade, por meio da nova revelação, nos ensina o que é essa eternidade de penas, como explica que o fogo de que falava Jesus é o dos remorsos, etc., etc.

Enfim, o que resulta, nítida e formalmente, de todos os ensinamentos do Mestre, é que devemos procurar constantemente ser caridosos, tornar-nos por todos os meios possíveis úteis aos nossos irmãos, porque — fora da caridade e do amor não há salvação.

(176) Salmos, 6º, 9. — Provérbios, 14º, 31. — Isaías, 58º, 7. — Ezequiel, 20º, 38; 34º, 17. — Daniel, 12º, 2. — Zacarias, 14º, 5. — MATEUS, 10º, 42; 13º, 49. — MARCOS, 9º, 40. — JOÃO, 5º, 29. — Romanos, 2º, 7; 8º, 17; 14º, 10. — 1ª Epístola aos Coríntios, 2º, 9. — 2ª Epístola aos Coríntios. 5º, 10. — 2ª Epístola à Timóteo, 1º, 16. — 3ª Epístola à João, 5º, — Tiago, 2º, 15, 16. — Judas, 6º. — Apocalipse, 1º, 7; 20º, 12; 21º, 7.

168
MATEUS. 26º, 1 ao 13. — MARCOS, 14º, 1 ao 9. Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus

MATEUS: capítulo 26º, versículo 1. Tendo acabado de proferir todos esses discursos, disse Jesus a seus discípulos: — 2. Sabeis que daqui a dois dias se celebrará a Páscoa e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. — 3. A esse tempo reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os anciães do povo na sala do sumo pontífice chamado Caifás, — 4, e se consultaram para se apoderarem de Jesus à traição e lhe tirarem a vida. — 5. Mas, diziam: Durante a festa, não, para que não se suscite algum tumulto entre o povo. — 6. Ora, estando Jesus em Betânia, na casa de Simão o leproso, — 7, aproximou-se dele uma mulher trazendo um vaso de alabastro com precioso perfume e lho derramou sobre a cabeça, quando estava à mesa. — 8. Vendo isso, seus discípulos se indignaram e disseram consigo: Para que este desperdício? — 9. Esse perfume podia ser vendido por bom dinheiro, que se daria aos pobres. — 10. Percebendo neles este pensamento, disse-lhes Jesus: Por que molestais a esta mulher, que no que fez comigo praticou uma boa obra? — 11. Pobres, tê-los-eis sempre convosco, ao passo que nem sempre me tereis a mim. — 12. Derramando sobre o meu corpo este perfume, ela o ungiu para ser sepultado. — 13. Em verdade vos digo que, onde quer que, no mundo inteiro, for pregado este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que esta mulher acaba de fazer.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 1. Dois dias depois vinha a Páscoa com os pães ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam meio de se apoderarem de Jesus à traição e de o matarem. — 2. Mas, diziam: No dia da festa, não, para que não se levante algum tumulto entre o povo. — 3. Estando Jesus em Betânia sentado à mesa na casa de Simão, o leproso, ai veio uma mulher com um vaso de alabastro cheio de precioso perfume de nardo e, quebrando o vaso, lhe derramou o perfume sobre a cabeça. — 4. Alguns dos presentes, indignados com isso, diziam entre si: Para que desperdiçar assim este perfume? — 5. Bem podia ele ser vendido por mais de trezentos denários, os quais seriam dados aos pobres. E murmuravam contra a mulher. — 6. Jesus então lhes disse: Deixai-a; por que a molestais? Com o que ela fez praticou uma boa obra, — 7, porqüanto pobres tê-los-eis sempre convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tereis. — 8. Ela fez o que lhe era possível: embalsamou-me antecipadamente o corpo para a sepultura. — 9. Em verdade vos digo que, onde quer que no mundo todo se pregue este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que ela fez. (177)

De novo, neste passo, a seus discípulos anunciou Jesus “sua morte”, segundo a maneira de ver dos homens, e também a sua crucificação. Aquela mulher foi, por influência espírita, induzida a fazer o que fez, porque o seu ato se prestava a pôr em relevo a presciência do Mestre, quanto a essa “morte” e a essa crucificação, pois que, ao verificar-se o acontecimento predito, todos se lembrariam daquele ato e das palavras que Ele proferira com relação ao futuro.

Quebrando o vaso de alabastro, cheio de precioso perfume, e derramando-o sobre a cabeça de Jesus, rendia ela uma homenagem ao Senhor. Ainda

cegos pela matéria os discípulos só compreendiam os fatos materiais. O Mestre procurava sempre fazer que os compreendessem sob o aspecto espiritual. A escolha de um perfume para essa lição obedeceu à razão de que, pela natureza essencial dos perfumes, eles dão a ver que os sacrifícios que se hajam de praticar, tendo-se em vista o Espírito, não devem ser buscados unicamente nas coisas de ordem material, mas também nas de ordem espiritual.

Fora um ato de amor e desinteresse, o daquela mulher, e, portanto, um sinal de ascendência do Espírito sobre a matéria.

Pobres, tê-los-eis sempre convosco, ao passo que nem sempre me tereis a mim, disse Jesus, aludindo, pelo que lhe tocava, ao seu aparecimento na Terra, aos tempos e à duração desse aparecimento, para o desempenho da sua missão terrena. Aludia também à duração da sua vida humana ao ver dos homens.

Falando dos pobres da Terra, referia-se preferente-mente aos que se encontram num estado de inferioridade qualquer, aos que, sobretudo, o são moral e intelectualmente. Nos planetas inferiores, como o nosso, sendo a pobreza, tanto material, como moral, uma efetivação de provas, sempre haverá pobres de uma e outra categoria; enquanto não se ache concluída a separação dos bons e dos maus. Cumpre, porém, notar que da elevação de um planeta não decorre o nivelamento das faculdades.

Entre nós, sempre haverá pobres, ainda quando hajam do nosso mundo desaparecido a pobreza material e a pobreza moral. Qualquer que seja o grau de depuração do planeta terreno, nele haverá sempre, entre os Espíritos depurados, que o habitarão, muitos menos adiantados do que outros. Esses são os intelectualmente pobres, aos quais os ricos em inteligência, em saber, darão com abundância o que possuem. Não devemos esquecer que, como o dizem os Evangelistas na obra a que nos reportamos para a elaboração desta, que, do ponto de vista intelectual, há sempre, entre os Espíritos, hierarquia, no tocante à ciência universal, mesmo quando todos tenham atingido a perfeição moral.

Não devemos esperar que deixe de existir na Terra a pobreza material, enquanto não desaparecerem, dentre nós, todas as enfermidades morais, de que temos de curar-nos, renascendo multiplicadas vezes. Despojemo-nos, portanto, dos nossos vícios, quer advenham da carne, quer do Espírito, que deve dominar a matéria, pois, do contrário, talvez os ricos de hoje venham a ser os pobres de amanhã.

O desaparecimento, a cessação completa da pobreza material, de maneira que cada um viva folgadamente do seu labor, será um sonho, enquanto a nossa depuração moral não nos houver suavizado as futuras expiações. Por aí se vê quão ilusórias são as pretensões, que muitos alimentam, de tornar partilhadas igualmente por todos as riquezas, mediante revoluções, transformações políticas, ou mediante ainda a decretação de legislações especiais, cujos efeitos serão contraproducentes, desde que, longe de contribuírem para estabelecer a fraternidade humana, somente concorrem para acirrar entre os homens os ódios, que os separam e inimizam.

As associações e instituições de beneficência, já existentes em todos os países, são boas, porque provam em muitos o desejo de fazer o bem, de socorrer os seus irmãos. Mas, sem desprezarmos os socorros materiais, esforcemo-nos por socorrer o moral dos homens, porque, expulsa do nosso

planeta a miséria moral, terá nele cessado a miséria material. Quando isso ocorrer, as criaturas humanas, prestando-se mútuo e esclarecido auxílio, trabalharão todas em comum, na obra também comum. Quão longe, porém, ainda está essa bendita era, em que havemos de entrar um dia!

Preparemo-nos, nada obstante, para ela, empregando com esse objetivo todos os nossos esforços, organizando, sob o influxo de sentimentos de humildade e desinteresse, de justiça, de amor e caridade, sociedades para o trabalho de ordem material, de ordem moral e de ordem intelectual. Dêem os ricos abundantemente aos pobres, levando cada um a tais associações o tributo das faculdades de que possam dispor, a fim de que se espalhem e desenvolvam a educação e a instrução moral e intelectual, que expliquem aos homens e lhes façam compreender: o amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmos, os modos e meios de praticar-se esse duplo amor, de praticar-se, com observância da liberdade na ordem e da ordem na liberdade, o máximo de mutualidade, de solidariedade, de fraternidade, fonte e regra de todos os direitos e deveres, máximo que deverá consistir em — um por todos e todos por um, em todas as associações, de qualquer natureza que sejam, em todas as esferas da atividade humana: individual, comum ou social. (178)

(177) Deuteronômio, 15º, 11. — Salmos, 2º, 2. — JOÃO, 11º, 1, 2, 47; 12º, 3, 4, 8; 13º, 1, 33; 14º, 19. — Atos, 4º, 25.

(178) As narrativas, feitas pelos quatro Evangelistas (MATEUS, 26º, 6. — MARCOS, 14º, 3. — LUCAS, 7º, 36, JOÃO, 12º, 3) do episódio em que figura uma mulher derramando perfume sobre a cabeça de Jesus, apresentam diferenças que hão Induzido a maioria dos intérpretes das Sagradas Letras a admitir que o aludido episódio ocorreu em duas ocasiões distintas e não uma única vez. Entre os intérpretes que assim pensam, está Bittencourt Sampaio, como se pode ver das Notas que após ao Canto 12º da obra Divina Epopéia, de sua lavra.

A esta observação aduzida em nota às Elucidações Evangélicas pelo seu autor, cumpre acrescentemos, como seu revisor, que também partilhamos da opinião dos que têm por dois, ocorridos em circunstâncias diversas, o episódio de que se trata, conforme tivemos ensejo de assinalar, em páginas anteriores deste volume, em nota aos comentários sobre os versículos 36 a 50 do capítulo 7º do Evangelho de LUCAS, trecho que se encontra subordinado à epígrafe — Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos.

A essa nota enviamos o leitor. (Nota do revisor, o Dr. Guillon Ribeiro, por ocasião de anterior edição desta obra, em 1933.)

169
MATEUS, 26º, 14 ao 19. — MARCOS, 14º, 10 ao 16. — LUCAS, 22º, 1 ao 13. Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os príncipes dos sacerdotes. — Lugar escolhido para a Páscoa

MATEUS: capítulo 26º, versículo 14. Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes, — 15, e lhes disse: Que me quereis dar? Eu vo-lo entregarei. Convencionaram dar-lhe trinta moedas de prata. — 16. Desde então, Judas procurava uma oportunidade para entregar Jesus. — 17. Ora, no primeiro dia dos pães ázimos vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que preparemos o que é preciso para comermos a Páscoa? — 18. Respondeu-lhes Jesus: Ide à cidade, a casa de um tal homem e dizei-lhe: O Mestre te manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. — 19. Os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 10. Então, Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. — 11. Ouvindo-o, eles se alegraram, prometeram dar-lhe dinheiro e Judas se pôs à espreita de uma oportunidade para o entregar. — 12. No primeiro dia dos pães ázimos, que era quando se imolava o cordeiro pascal, disseram a Jesus os discípulos: Onde queres que vamos preparar o que é necessário para comer-se a Páscoa? — 13. Chamou ele então dois dos discípulos e lhes disse: Ide à cidade; lá encontrareis um homem carregando um cântaro dágua: segui-o. — 14. Dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre lhe manda perguntar: Onde o aposento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos? — 15. Ele vos mostrará um amplo cenáculo mobilado. Preparai aí o que for necessário. — 16. Os discípulos partiram, foram à cidade e acharam tudo como ele lhes havia dito e prepararam a Páscoa.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 1. Estava próxima a festa dos pães ázimos, que se chama a Páscoa. — 2. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam um meio de tirar a vida a Jesus, mas temiam o povo. — 3. Ora, Satanás entrou em Judas, cognominado Iscariotes, que era um dos doze; — 4, e Judas foi e se entendeu com os príncipes dos sacerdotes e os capitães das guardas do templo sobre o modo de lhes entregar Jesus. — 5. Alegraram-se todos e ajustaram com ele dar-lhe dinheiro. — 6. Judas prometeu e começou a procurar uma oportunidade de lhes entregar o Mestre, sem que o povo o soubesse. — 7. Chegou afinal o dia dos pães ázimos, em que se devia Imolar a Páscoa. — 8. Jesus despachou a Pedro e João, dizendo-lhes: Ide preparar tudo para comermos a Páscoa. — 9. Eles perguntaram: Onde queres que a preparemos? — 10. Respondeu Jesus: Ao entrardes na cidade encontrareis um homem carregando um cântaro dágua; acompanhai-o até a casa onde ele entrar; — 11, e dizei ao dono da casa: O Mestre te manda perguntar: Onde o compartimento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos — 12. E ele vos mostrará uma grande sala mobilada; preparai aí o que for necessário. — 13. Os dois foram e acharam tudo como ele lhes dissera e prepararam a Páscoa. (179)

Aproximava-se o momento de se cumprirem os fatos preditos, e Jesus,

falando daquele modo aos discípulos, confirmava as predições já feitas. Enviados por Ele, Pedro e João encontram o homem que lhes fora indicado e tudo se passa como Ele anunciara. Esses fatos, que se verificavam em Jesus, de presciência, de visão a distância, bem como a influência oculta que concorria para que eles se produzissem, já ficaram explicados, quando estudamos outros pontos já considerados.

Quanto à traição de Judas, não resultou de uma predestinação. Aceitá-la como tal importaria em negar a justiça de Deus.

Judas, que era um Espírito desejoso de adiantar-se, mas orgulhoso e por demais confiante nas suas forças; pedira, antes de encarnar, lhe fosse concedido participar da obra do Cristo, esperando tirar dessa participação abundantes e preciosos frutos. Em vão seus guias lhe fizeram ver os escolhos contra os quais iria chocar-se. A nada quis atender.

Jesus conhecia a Judas e lhe aceitara o concurso. A lição terrível que o esperava fá-lo-ia sair afinal purificado de todos os vícios que ainda o dominavam. Foi tendo em vista esse futuro, patente a seus olhos, que o Mestre consentiu naquele ato de Judas, que, além de orgulhoso, era invejoso e amante do luxo (180). Quantos e quantos Judas não existem ainda neste mundo e quão tremenda é a expiação que os espera!

Os bons Espíritos nos dizem: Queridos irmãos, desconfiai todos, todos sem exceção, de vós mesmos, pois que estais sempre prontos a dar entrada a “Satanás”, ao “demônio” do orgulho e da inveja, e muito prontamente sucumbis às suas sugestões. Guarde-vos o Senhor, porqüanto a queda é fácil, mas o reerguimento é terrível!“

Os discípulos, dizem os Evangelhos, fizeram o que o Mestre lhes determinara, tudo se passou como lhes fora dito e prepararam tudo para que Ele celebrasse a Páscoa com os doze, portanto com Judas Iscariotes, também, o qual, sabia-o Ele, o havia de trair. E, com efeito, celebrou com seus discípulos aquela festa, não numa sinagoga ou num templo construído pelos homens, mas num amplo cenáculo todo mobilado. Como cumpria acontecesse, tal festa, a ceia pascal, serviu, sob o império e o véu da letra, de base a um culto exterior. Em espírito e verdade, porém, foi um ato puramente espiritual, emblemático, cujo sentido, alcance e aplicações em seguida veremos.

A vida de Judas demonstra até que extremo funesto pode o orgulho obstinado levar a criatura que se exalta, julgando-se capaz de tudo, pelo seu saber e pelo seu poder. Faz, entretanto, manifesta, ao mesmo tempo, a justiça e a misericórdia de um Deus, cuja mão paternal está sempre pronta a estender-se para o filho indócil, a fim de o levantar da queda, que lhe deve servir de lição.

Com efeito, Judas, tendo falido no desempenho da missão que pedira, por ser esta superior às suas forças, achou, pela infinita bondade de Deus, meio de se erguer e regenerar no crisol do arrependimento, do remorso, da expiação, da reparação, do tempo, do progresso, de forma a reaver o seu lugar entre os servidores fiéis e devotados de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando recebia os ensinamentos que acabamos de resumir, o médium, que servia de instrumento à transmissão deste conjunto de revelações que nos iluminam o carreiro por onde chegaremos aos pés do Nosso Senhor e Mestre, escreveu inopinadamente as duas comunicações que se seguem e que constituem grandiosas lições, fontes de esperança e de coragem para todos, a todos ensinando que, por maior que seja o crime, ou a falta da criatura, jamais

é tão grande quanto à bondade de Deus.

São estas as comunicações:

“Oh! como é grande esse Deus que permite que o “filho culpado encontre, na sua própria indignidade, o “ponto de apoio que o ajudará a subir para a perfeição!

“Oh! quanto é bom aquele que está sempre pronto “a perdoar ao que sinceramente se arrepende, que pensa “com suas mãos benfazejas as chagas dos nossos corações culpados, que nelas derrama o bálsamo da esperança e as cicatriza com o auxílio da expiação!

“Bendito sejas tu, meu Deus! — JUDAS ISCARIOTES”.

“O amor do Senhor se estende por sobre todas as suas criaturas. Vinde, pois, a Ele, cheios de confiança. Não são os inocentes os que precisam de perdão. Não são os fortes os que precisam de amparo. Vinde, filhos que chorais as vossas faltas, o Senhor vos enxugará as lágrimas. Vinde, filhos fracos e enfermos, o Senhor vos dará parte maior e mais ativa do seu amor. Vinde confiantes. Como vós, também nós falimos. Como vós, também fomos culpados, amargamos as nossas faltas e expiamos os crimes que cometêramos e as fraquezas que nos fizeram sucumbir, por meio de longo e penoso labor numa série extensa de existências humanas, que prepararam e realizaram a nossa purificação, graças à qual o Senhor nos admitiu a gozar da sua alegria”.

“Imitai-nos, portanto, irmãos bem-amados. Todos “tendes, mais ou menos, o que expiar, tendes que pedir “perdão. Vinde com confiança aos pés do vosso pai, confessai vossas faltas perante o seu tribunal. O juiz é“reto, o juiz é justo, mas também é pai. Sua indulgência “há de sempre prevalecer sobre a sua justiça; suas sentenças Ele as profere sempre dentro dos limites das vossas forças. É Credor paciente e brando; esperará que possais pagar a vossa dívida”.

“Oh! vinde! Possa a mão que vos estendemos sustentar-vos, fazendo-vos compreender que em nós achareis grandes tesouros de amor”.

“Judas, é hoje um espírito regenerado no crisol do “arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação e do progresso. Tornou-se um dos auxiliares humildes, ativos e devotados do Cristo. Este exemplo vos mostra que não deveis nunca repelir QUALQUER de vossos irmãos e ainda menos excluí-lo da paz do Senhor”.

JOSÉ DE ARIMATÉIA. — SIMÃO DE CIRENE.
Assistidos pelos Apóstolos
MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO

(179) Êxodo, 12º, 6, 18. — Zacarias, 11º, 12. — JOÃO, 13º, 2, 30.
(180) Veja-se: Evangelho de JOÃO, capítulo 12º, versículo 6.

170
MATEUS, 26º, 20 ao 30. — MARCOS, 14º, 17 ao 26 — LUCAS, 22º, 14 ao 23. Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas

MATEUS: capítulo 26º, versículo 20. Chegada que foi a tarde, Jesus se sentou à mesa com seus doze discípulos. — 21. E, enquanto estes comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me trairá. — 22. Os discípulos, profundamente contristados, começaram um a um a perguntar-lhe: Serei eu, Senhor? — 23. Respondeu ele: O que comigo põe a mão no prato, esse é o que me entregará. — 24. O Filho do homem, na verdade, vai, conforme ao que está escrito a seu respeito, mas ai daquele por quem o Filho do homem será entregue! melhor lhe fora não haver nascido. — 25. Então Judas, o que o traiu, lhe perguntou: Mestre, sou eu? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste. — 26. Estando todos a comer, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e deu aos discípulos, dizendo-lhes: Tomai e comei: isto é o meu corpo. — 27. E, tomando do cálice, rendeu graças e o passou aos doze, dizendo: Dele bebei todos. — 28. Este é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que por muitos será derramado para remissão dos pecados. — 29. Digo-vos que desta hora em diante não mais tornarei a beber deste fruto da vide, até ao dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu pai. — 30. E, entoando o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 17. Chegada a tarde, foi Jesus para lá com os doze. — 18. Estando todos à mesa, comendo, disse ele: Em verdade vos digo que um de vós que comigo come me entregará. — 19. Começaram eles então a entristecer-se e a perguntar, cada um por sua vez; Serei eu? — 20. Respondeu-lhes Jesus: É um dos doze que mete comigo a mão no prato. — 21. Na verdade o Filho do homem vai, conforme a seu respeito está escrito; mas, ai daquele por quem o Filho do homem será entregue; melhor lhe fora não haver nascido. — 22. Enquanto comiam, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e lhes deu, dizendo: Tomai, isto é o meu corpo. — 23. Pegando do cálice, rendeu graças e deu-lhes e todos beberam dele. — 24. Disse ele então: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será por muitos derramado. — 25. Em verdade vos digo que não mais beberei deste fruto da vide, até ao dia em que o hei de beber novo no reino de Deus. — 26. E, entoando o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 14. Chegada a hora, Jesus se pôs à mesa com os doze apóstolos, — 15, e lhes disse: Ardentemente desejei comer convosco esta Páscoa, antes de padecer; — 16, porqüanto vos declaro que não tornarei mais a comê-la até que ela se cumpra no reino de Deus. — 17. Depois, pegou do cálice, rendeu graças e disse: Tomai-o, passai-o entre vós; — 18, pois declaro que não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. — 19. Em seguida, tomou do pão, rendeu graças, o partiu e passou aos discípulos, dizendo: isto é o meu corpo, que por vós é dado: fazei isto em minha memória. — 20. Terminada a ceia, tomou igualmente do cálice e disse: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que se derramará por vós. — 21. Entretanto, a mão daquele que me trai está comigo a esta mesa. — 22. O Filho do homem, na verdade, vai, conforme está determinado, mas ai do homem, por quem ele será traído! — 23. Começaram então os apóstolos a

perguntar uns aos outros qual deles iria fazer isso. (181)

Jesus baixou ao convívio de seus discípulos, para lhes dar ensinamentos verbais, capazes de os impressionar, tendo sempre o cuidado de ligar esses ensinos aos fatos e às tradições do Antigo Testamento. Não voltará a nós, senão quando a semente que plantou e que vem germinando há longos séculos se tenha tornado árvore carregada de frutos. Quer isto dizer que não voltará, visível aos homens, senão quando houvermos atingido tal grau de desenvolvimento, que lhe seja possível manifestar-se na plenitude da sua natureza espiritual.

A Páscoa é um símbolo; nada mais que um símbolo. É o selo aposto pelo Mestre aos ensinamentos que ministrava pela palavra. É a confirmação da lei de amor e da união que deve reinar entre os homens. Ë o derradeiro e solene apelo por Ele feito à prática dessa lei e dessa união, portanto, à fraternidade universal. Ë a comunhão a que convidou e convida os homens, servindo-se dos emblemas do pão e do vinho, aos quais comparou o seu corpo e o seu sangue.

Assentados todos à mesa do festim, todos temos que nos servir igualmente do mesmo alimento e que beber pelo mesmo cálice, O pão tem que ser o mesmo para todos, pois que o sacrifício do Salvador se verificou para servir de exemplo a todos; o vinho a todos os sequiosos tem que dessedentar, visto que seu “sangue” o Salvador o derramou por todos.

Devemos fazer com os nossos irmãos transviados o que Jesus fez com o duodécimo discípulo, a ovelha desgarrada, que mais tarde o bom-pastor carregaria aos ombros e reconduziria ao aprisco. Embora soubesse que ele o havia de trair, que era um discípulo prevaricador, o Mestre permite que Judas se sente à mesa com os onze discípulos fiéis, que partilhe com estes do mesmo alimento e beba pelo mesmo cálice, para que escute, receba aquele último apelo. E, ao aproximar-se o momento de deixar a Terra, não teve para o infiel, como para os que o insultavam e flagelavam, senão uma palavra de perdão: Perdoa-lhes, meu Pai; eles não sabem o que fazem.

O pão e o vinho nada mais são que símbolos. Nunca Jesus pensou em dar-lhes uma aplicação material. Porém, o que ocorreu tinha que ocorrer, pois que, para a matéria, só a matéria. Daí, entretanto, não se segue permaneça o erro, que até agora foi mantido pela rotina, pela cegueira, pela obstinação. Bom é consagrem os homens um dia a recordar a ceia do Mestre com seus discípulos, à rememoração do devotamento daquele modelo excelso que baixou até nós, para fazer que até Ele nos elevemos.

Os primeiros discípulos, cumprindo a recomendação expressa nas suas derradeiras palavras, se reuniam para, em comum, fazerem um repasto comemorativo do último em que com Ele haviam tomado parte. Mais tarde, nas reuniões dos que lhes sucederam, cenas escandalosas se deram. Em vez da fraternidade que devia reinar entre todos, passou a imperar o orgulho. Os cristãos tiveram que pôr termo a tais abusos e instituíram a “comunhão”, tendo por simbolos o pão e o vinho. Posteriormente, as dificuldades e perigos, que havia, de se reunirem em grande número, os levaram a instituir a comunhão dada pelo sacerdote aos discípulos que se apresentavam para recebê-la. Essas transformações se foram operando sucessivamente no curso das perseguições de que os cristãos eram vítimas em Roma. Tiveram, como se ve, a sua razão de ser.

Se, depois, as palavras do Mestre — Fazei isto em minha memória —

tomadas à letra, deram lugar ao dogma da “presença real”, da “transubstanciação”, causa de intermináveis controvérsias, foi porque o homem se apega sempre à crosta superficial, sem cogitar da seiva que a vivifica.

Devemos, sem dúvida, comemorar a Ceia Pascal, em memória do Mestre, mas pela prece do coração, apoiada em atos de uma vida íntegra, pura, humilde, ativa e consagrada ao bem de todos os membros da grande família humana. Aquele que se julgue no dever de aproximar-se do Senhor pelo ato ritualístico da comunhão, faça-o, porém, só emprestando valor ao ato espiritual.

Que se prostre, para isso, curvada a fronte, aos pés do sacerdote, mas sem atentar no homem, nem se preocupar com a matéria e sim elevando sua alma a Deus, lembrando-se das virtudes praticadas pelo seu Enviado e escutando aquelas palavras suas — Fazei isto em minha memória.

Cristãos, quem quer que sejais — romanos, gregos ou protestantes — praticai o ato material comemorativo, se as exigências do vosso coração, ou mesmo os hábitos da vossa infância a isso vos impelem. Nunca, porém, o pratiqueis preocupados com a opinião dos homens. Suportai, se for preciso, a censura injusta; mas, sejam puras as vossas ações, ditem-nas a verdade e o amor.

Comemoremos a Ceia Pascal, vendo, naquele que a ela presidiu, o Manso Cordeiro a ser imolado para salvação da Humanidade inteira.

Comemoremo-la, com o mesmo sentimento com que celebramos as nossas festas intimas; para expandir as satisfações da nossa alma, para estreitar os laços do amor, da amizade que nos ligam aos que nos são caros. Reunamo-nos com os nossos irmãos em torno de uma mesa, simbolizando essa reunião a unidade em que devemos estar com Jesus, idêntica à em que Ele se acha com o Pai que está nos céus, o seu Deus e nosso Deus (JOÃO, capítulo 17º, versículos 21 e seguintes); simbolizando a fraternidade que nos deve prender uns aos outros, como filhos que somos do mesmo Pai.

Façamo-lo em perfeita comunhão de crença e com o propósito de pautarmos os nossos pensamentos, palavras e obras pela doutrina ensinada e exemplificada pelo Mestre divino, doutrina que Ele simbolizou no pão que distribuiu a seus apóstolos; com o de tonificarmos os nossos corações com o licor que Ele os fez beber, semelhante ao sangue que verteu no Calvário, símbolo do seu amor sem limites, o qual, seiva vivificante daquela doutrina, não se deteve ante o supremo sacrifício de imolar-se para nos mostrar o caminho da redenção.

Se fizermos assim, em espírito e verdade, a nossa comemoração, demonstraremos haver bem compreendido as sagradas letras.

(181) Êxodo, 24º, 8. — Levítico, 17º, 11. — Jeremias, 31º, 31. — Salmo, 21º, 40º, 10. — Isaías, 53º. — Daniel, 9º, 26. — Atos, 2º, 23; 4º, 28; 10º, 41; 17º, 2. — Hebreus, 9º, 22. — 1ª Epístola aos Coríntios, 11º, 23; 15º, 3. — Apocalipse, 19º, 9. Os Apóstolos eram: Bartolomeu, Tiago, André, Pedro, Judas. João. Tiago, Tomé, Filipe, Mateus, Tadeu e Simão. (Eram dois Tiagos: Tiago maior e Tiago menor.)

171
LUCAS, 22º, 24 ao 30. Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos

LUCAS: capítulo 22º, versículo 24. Suscitou-se depois entre eles uma contenda sobre qual deveria ser reputado o maior. — 25. Jesus então lhes disse: Os reis das nações as tratam com Império e os que sobre elas exercem autoridade são chamados benfeitores. — 26. Não seja assim entre vós: ao contrário, aquele que for entre vós o maior faça-se como o mais pequenino, e seja aquele que manda, Igual ao que serve. 27. Porque, qual é o maior, o que está à mesa ou O que serve? Não é o que está à mesa? Entretanto, eu me acho entre vós como o que serve. — 28. Vós, porém, sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações; — 29, por Isso, eu vos preparo o reino, como meu pai mo preparou, — 30, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis sobre tronos a fim de julgardes as doze tribos de Israel. (182)

Ninguém será excluído, ninguém será repelido. Mas, também, ninguém se há de considerar superior a seu irmão e ambicionar lugar mais elevado.

A questão, que se travou entre os discípulos, sobre qual deveria ser considerado o maior, é, no fundo, análoga ao pedido que a Jesus dirigiram os filhos de Zebedeu e que deu lugar à resposta e aos ensinamentos que o Mestre, nesta outra ocasião, repetiu, usando apenas os termos diferentes (Veja-se o estudo sobre o capítulo 20º, versículo 20 ao 28, de MATEUS.)

Tais discussões surgiam com freqüência entre os discípulos, porque, não obstante a missão que traziam, se achavam sob o império da carne, sofrendo-lhe os desfalecimentos.

(LUCAS: capítulo 22º, versículos 25 ao 27). Esta resposta encerra um ensinamento simples e conciso de humildade, desinteresse, renúncia de si mesmo, O orgulho constitui uma barreira que se ergue entre o homem e Deus.

(LUCAS: capítulo 22º, versículos 28 ao 30). O termo “tentação” não deve ser tomado na sua acepção vulgar. Segundo o espírito, significa, com relação a Jesus, tribulações, provas, a que qualquer outra natureza, que não a sua, houvera sucumbido. Empregando o termo “tentações”, Ele objetivava deixar uma arma com que de futuro se pudesse combater a divindade que mais tarde os homens lhe haviam de atribuir.

Os apóstolos fiéis eram Espíritos adiantados, mas ainda não perfeitos. Tendo permanecido com Jesus no bem, seriam auxiliados e guiados por Espíritos superiores, para alcançarem a vida eterna, atingirem a perfeição pela qual se esforçavam.

As doze tribos de Israel simbolizam as divisões do gênero humano em povos diferentes. Já tratamos do assunto, quando estudamos o capítulo 19º, versículos 27 ao 30, de MATEUS.

(182) MATEUS, 20º, 25. — MARCOS, 9º, 33, 34; 10º, 42. — JOÃO, 13º, 13, 14. — Filipenses, 2º, 7. — 2ª Epístola aos Coríntios, 1º, 7. — Hebreus, 4º, 15. — 2ª Epístola à Timóteo, 2º, 12. — 1ª Epístola aos Coríntios, 6º, 2. — Apocalipse, 3º, 21; 19º, 9.

172
MATEUS, 26º, 31 ao 35. — MARCOS, 14º, 27 ao 31. — LUCAS, 22º, 31 ao 38. Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro

MATEUS: capítulo 26º, versículo 31. Disse-lhes então Jesus: Para todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão. — 32. Mas, depois que eu haja ressuscitado, vos precederei na Galiléia. — 33. Disse-lhe Pedro: Ainda quando sejas para todos uma ocasião de escândalo, nunca o serás para mim. — 34. Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes. — 35. Retrucou-lhe Pedro: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros discípulos.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 27. Disse-lhes então Jesus: Ser-vos-ei a todos esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: Ferirei o pastor e a. ovelha se dispersarão. — 28. Mas, depois de haver ressuscitado, irei adiante de vós à Galiléia. — 29. Pedro lhe observou: Ainda quando sejas para todos um motivo de escândalo, não o serás para mim. — 30. Jesus lhe replicou: Em verdade te digo que, hoje mesmo à noite, antes que o galo tenha cantado duas vezes, tu me terás negado três. — 31. Pedro, com mais veemência, insistiu: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 31. Disse ainda o Senhor: Simão, Simão, Satanás vos reclamou a todos para joeirar-vos como se faz ao trigo. — 32. Eu, porém, rogarei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te houveres convertido, fortalece teus irmãos. — 33. Respondeu-lhe Pedro: Senhor, estou pronto a ir contigo, assim para a prisão, como para a morte. — 34. Disse-lhe então Jesus: Declaro-te, Pedro, que não cantará hoje o galo, sem que três vezes tenhas negado que me conheces. E perguntou-lhes em seguida: — 35. Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandália, porventura vos faltou alguma coisa? — 36. Eles responderam: Nada. Disse-lhes então Jesus. Pois, agora, tome a sua bolsa e o seu alforje aquele que os tiver; e aquele que não o tenha venda a sua capa e compre uma espada. — 37. — Porque, eu vos declaro ser preciso também que em mim se cumpra isto que está escrito: Ele foi incluído no rol dos celerados; porqüanto, o que de mim foi profetizado está prestes a cumprir-se. — 38. Eles disseram: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta. (183)

Jesus dá a ver, de antemão, a seus discípulos quão frágil é a vontade humana e quão pouco deve o homem contar com as suas próprias forças. Dizendo a Pedro: Roguei por ti, mostra que só na prece pode o homem encontrar amparo. Naquela ocasião, nenhum assim o compreendeu, tanto que nenhum recorreu a esse cordial da alma, pelo que todos faliram no momento do perigo. Foi uma lição que muito devemos aproveitar.

Nisto que também disse a Pedro: Simão, Simão, satanás vos reclamou a todos para VOS joeirar, como se faz ao trigo, aludia à influência que, sobre aquele apóstolo, exerceria o temor dos acontecimentos que poderiam dar-se, aos maus pensamentos que lhe germinavam no coração e que, por vezes, o

faziam deplorar ter enveredado por tão perigoso caminho, pensamentos esses que, embora fugazes, não escapavam à percepção do Mestre. Pedro compreendia que um grande perigo os ameaçava, a eles e a Jesus, e a fraqueza humana lhe fazia nascer no íntimo, de quando em quando, um vago sentimento de pesar, por se haver exposto de tal modo.

LUCAS, capítulo 22º, versículos 35 ao 36. — As palavras constantes nestes versículos objetivavam manter os discípulos em guarda contra os acontecimentos que sobreviriam e fazer-lhes compreender que se aproximava o momento da luta. Falando-lhes da necessidade de se proverem de alforje, bolsa e espada, queria compreendessem que iam entrar em ação e que cumpria se armassem para resistirem aos ataques.

Mas, é claro que tais palavras eram simbólicas. Jesus, que proibiu a Pedro o uso da espada, não podia aconselhar a seus discípulos que se armassem de espadas para combater materialmente.

Em espírito, o que Ele assim lhes dizia era: “Aproxima-se o momento em que ireis percorrer a Terra. Tomai todas as precauções para que nada vos falte. Sabeis qual o fim da viagem que ides empreender. Fazei provisão de ensinamentos, de moral e de exemplos. Sereis atacados; armai-vos para a defesa. As únicas armas, porém, de que deveis utilizar-vos são o amor e a caridade”.

Ditas que foram para o momento e para o futuro, vemos, por essas palavras, que todos os que se esforcem por imitar os discípulos fiéis do Mestre, no apostolado da era nova, são apóstolos todos e se devem armar como os do Cristo.

LUCAS, capítulo 22º, versículos 37 e 38. — Não tendo compreendido o sentido figurado das palavras deste, os apóstolos logo lhe apresentaram as duas espadas de que dispunham. O Mestre lhes respondeu: Basta, o que significava: preciso é que os acontecimentos materiais se cumpram. Os sucessos é que lhes haviam de abrir o entendimento. De fato, os apóstolos receberam exemplos de caridade, de paciência e de poder, no que se passou quando da prisão de Jesus, com o ato de Pedro contra Malco e com a cura operada neste.

(183) Isaías, 53º, 12. — Amós, 9º, 9. — Zacarias, 13º, 7. — JOÃO, 13º, 38.

173
MATEUS, 26º, 36 ao 46. — MARCOS, 14º, 32 ao 42. — LUCAS, 22º, 39 ao 46. Jesus no horto de Getsemani. — Palavras e ensinamentos dirigidos aos discípulos. — ELE ENSINA Os homens a morrer, depois de lhes haver ensinado a viver, objetivando o progresso do Espírito. — Aparição do anjo com um duplo fim: convencer os homens de que era aparente a condição humana que eles consideravam em Jesus e na qual haviam de acreditar enquanto durasse a sua missão terrena e acreditariam, sob o véu da letra, até ao advento do Espírito; e prepará-los para, na época desse advento, reconhecerem que deviam pôr de lado a divindade que as interpretações humanas lhe teriam atribuído

MATEUS: capítulo 26º, versículo 36. Em seguida foi Jesus com eles a um horto chamado Getsemani e disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar. — 37. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a se entristecer e angustiar. — 38. Disse-lhes então: Minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e velai comigo. — 39. E, afastando-Se um pouco, se prostrou com o rosto em terra e entrou a orar, dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como o queiras tu. — 40. Veio depois ter com seus discípulos e, encontrando-os a dormir, disse a Pedro: Pois quê! não pudestes velar comigo uma hora! — 41. Vigiai e orai, a fim de não cairdes em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 42. De novo se afastou deles e segunda vez orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. — 43. Voltando outra vez a ter com eles, novamente os achou dormindo, pois que tinham pesados de sono os olhos. — 44. Deixando-os, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. — 45. Em seguida, veio ter ainda com os discípulos e lhes disse: Dormi agora e repousai; eis que chegou a hora em que o Filho do homem será entregue às mãos dos pecadores. — 46. Levantai-vos, vamos; aproxima-se aquele que me há de entregar.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 32. Foram em seguida para um horto chamado Getsemani, onde ele disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. — 33. E tomando consigo a Pedro, Tiago e João começou a ser presa de pavor e angústia. — 34. Disse-lhes então: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai. — 35. E, afastando-se um pouco, se prostrou em terra, rogando que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. — 36. Dizia: Aba, pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia, faça-se não o que eu quero, mas o que tu queiras. — 37. Foi ter com os discípulos e, achando-os a dormir, disse a Pedro: Dormes, Simão? Pois quê! não pudeste velar uma hora! — 38. Vigiai e orai, a fim de que não entreis em tentação. O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 39. Afastou-se de novo e orou, repetindo as mesmas palavras. — 40. Voltando, encontrou-os

novamente a dormir, pois pesados de sono tinham os Olhos, e sem saberem o que lhe respondessem. — 41. Voltou terceira vez e lhes disse: Dormi agora e descansai. Basta! é chegada a hora: eis que o Filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. — 42. Levantai-vos, vamos; vem perto aquele que me há de entregar.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 39. Saindo dali, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras e seus discípulos o seguiram. — 40. Lá chegando, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. — 41. Afastou-se deles obra de um tiro de pedra, ajoelhou-se e orou, dizendo: — 42. Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, faça-se, não a minha vontade, mas a tua. — 43. Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava. 44. Veio-lhe um suor como de gotas de sangue que corriam até ao chão. — 45. Terminada a sua prece, levantou-se, foi ter com os discípulos e os achou dormindo em conseqüência da tristeza que os acabrunhava. — 46. Disse-lhes então: Por que dormis? Levantai-vos e orai, para não sucumbirdes à tentação. (184)

Jesus desceu até nós, para nos ensinar a viver e a morrer, pelo que necessário lhe foi tomar um corpo de aparência humana, a fim de que os homens o tivessem por um homem igual aos outros. Tudo, pois, tinha que ser e foi, nos fatos, como nas palavras, apropriado a essa crença.

A Getsemani, lugar situado numa das vertentes do monte das Oliveiras, levou Ele consigo os mesmos três discípulos que o acompanharam ao Tabor, para assistirem à sua transfiguração e à aparição de Elias e Moisés. Esses discípulos foram Pedro, Tiago e João, que eram mais apropriados à manifestação espírita que se ia produzir, com especialidade à aparição do anjo. (Vejam-se as elucidações do capítulo 17º, versículos 1 ao 9, de MATEUS.)

Dizendo-se possuído de mortal tristeza, quis o Mestre significar aos discípulos e aos homens que, pressentindo o que ia suceder, seu coração se enchia de amargura extrema pelas tribulações a que se votavam aqueles a quem viera salvar. Recomendou-lhes que ficassem ali, para testemunharem o que se ia passar, e que velassem com Ele, para poderem narrar às gerações futuras o que presenciassem.

Prostrando-se e orando, fê-lo para ensinar a submissão, a fé, a resignação e a vigilância sobre si mesmo, com que o homem deve receber as tribulações e as provas, a fim de não falir nestas, e mostrava o socorro que advém da prece, poderoso cordial da alma.

Indo ter com eles três vezes e três vezes repetindo-lhes a mesma coisa, quis gravar-lhes fortemente nos corações e na memória aquelas palavras, que tinham de ser por eles citadas e registradas pelos Evangelistas, a fim de atravessarem os séculos e chegarem a todas as gerações humanas.

Se fosse Deus e quisesse que os homens assim o considerassem, precisaria Jesus de pedir amparo? Não traria em si mesmo toda a força de que pudesse necessitar?

Se as manifestações espíritas são uma mentira e se Jesus era um homem igual aos outros, com uma veste carnal igual a dos demais, como se há de admitir que um anjo se lhe haja mostrado e aos três apóstolos? Nem se diga ter sido Ele quem da manifestação deu notícia aos discípulos. Em tal caso, teria sido um impostor. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes haja falado de semelhante coisa, a manifestação não houvera passado de uma

invencionice dos discípulos. Mas, com que fim a teriam eles forjado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade em que não podiam deixar de crer, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dos contraditores a quem nos referimos? A se lhes admitirem as objeções, forçoso será se reconheça que tudo aquilo foi uma farsa e que todo o Evangelho é uma fábula.

Vejam, porém, diante desse dilema, não os que exploram a cegueira humana, nem os que monopolizam a Ciência, ou vivem a compor facécias para divertir com futilidades os homens, mas os que se interessam seriamente pelas coisas santas, os que crêem e aspiram àverdadeira bem-aventurança, vejam, dizíamos, a importância da ciência espírita, a grandeza e sublimidade dessa revelação nova, que vem cumprir e não destruir, que vem explicar e não rejeitar, que, pondo o Espírito no lugar da letra, vem mostrar aos homens a origem e a natureza de Jesus, de que modo e em que condições se deu o seu aparecimento na Terra.

Sendo puro Espírito, apenas revestido de um corpo perispirítico, para ser visível aos terrícolas, Jesus estava acima de todos os desfalecimentos e terrores humanos. Assim, com o que disse e fez no Horto de Getsemani, apenas deu aos homens um exemplo da submissão, da perseverança e da fé que lhes cumpre demonstrar nas maiores angústias. E que o exemplo foi grandemente eficaz e proveitoso, podemos verificá-lo no espetáculo dos mártires, avançando para o suplício, sem experimentarem, sequer, aquela agonia mortal de que falam os discípulos, com referência ao Mestre, dando, com o que disseram, uma demonstração de quão fortemente os abalou e impressionou a lição que receberam.

A aparição do anjo foi visível para os três discípulos, por serem eles médiuns videntes.

Quanto ao suor de que, como gotas de sangue, se banhou a face do Mestre, símbolo do sangue e que Ele via, devassando o futuro, seria derramado em seu nome, foi também um fenômeno mediúnico, um efeito fluídico, análogo ou semelhante a outros que se produziram antes e depois do início da era cristã e ora se produzem nas sessões espíritas, onde haja médiuns apropriados a esse gênero de fenômenos e a sua produção seja de alguma utilidade.

Aliás, o suor de sangue é também um fenômeno patológico que a ciência humana tem comprovado e que os anais da Medicina registram em grande número.

Jesus, pois, se não sofria materialmente, sofria, de modo para nós inconcebível, moralmente, pelo endurecimento de tantas criaturas que eram objeto do seu amor puro, inefável e sem limites.

MATEUS, capítulo 26º, versículos 45 e 46. — MARCOS, capítulo 14º, versículos 41 e 42. — LUCAS, capítulo 22º, versículos 45 e 46. — Basta, disse o Mestre. A lição estava dada aos apóstolos e aos que se dispusessem a lhes seguir os passos. O ensinamento e o exemplo estavam dados a todos os homens. Só restava que estes tirassem deles proveito.

A hora chegou; levantai-vos, vamos. É preciso que os acontecimentos de ordem material se cumpram.

Também para nós chegou a hora. Despertemos do sono que há muito nos ganhou; levantemo-nos e vamos, seguindo as pegadas do Mestre Divino, que é esse o caminho único da nossa redenção.

(184) JOÃO, 5º, 30; 6º, 38; 12º, 27; 18º, 1. — Hebreus, 5º, 7. — Efésios, 6º, 18.

174
MATEUS, 26º, 47 ao 56. — MARCOS, 14º, 43 ao 52. — LUCAS, 22º, 47 ao 53. — JOÃO, 18º, 1 ao 12. Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha a um dos do séquito do sumo sacerdote e Jesus a cura. — Fuga dos discípulos

MATEUS: capítulo 26º, versículo 47. Ainda ele não acabara de dizer isso, eis que chega Judas, um dos doze, e com ele grande turba armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciães do povo. — 48. Ora, o que o traia lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele. em quem eu der um ósculo, esse é que é: prendei-o. — 49. E, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Mestre! e o beijou. — 50. Jesus lhe perguntou: Amigo, a que vieste? Logo avançaram outros, que se lançaram sobre Jesus e o prenderam. — 51. Um então dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, a desembainhou e, brandindo-a contra um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 52. Jesus, porém, lhe disse: Embainha a tua espada, pois que todos os que empunharem a espada à espada perecerão. — 53. Acaso julgas que não posso rogar a meu pai e que ele não me mandará imediatamente mais de doze legiões de anjos? — 54. Como, porém, se cumprirão as escrituras que declaram dever ser assim? — 55. E, no mesmo instante, dirigindo-se à turba, disse: Aqui viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias, assentado entre vós, estava eu ensinando no tempo e não me prendestes. — 56. É que tudo isto acontece para que se cumpram as escrituras dos profetas. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 43. Ele ainda falava quando chegou Judas, um dos doze, acompanhado de grande tropa de gente armada de espadas e varapaus, mandada pelos sumos sacerdotes, pelos escribas e pelos anciães. — 44. Ora, o traidor lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é; prendei-o e levai-o com segurança. — 45. Tanto, pois, que chegou, dirigiu-se a Jesus e disse: Mestre, eu te saúdo; e lhe deu um beijo. — 46. Logo deitaram as mãos a Jesus e o prenderam. — 47. Um dos presentes desembainhou a espada e, golpeando um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 48. Jesus então lhes disse: Viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fosse um ladrão. — 49. Todos os dias estava convosco no templo ensinando e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. — 50. Então, abandonando-o, seus discípulos fugiram todos. — 51. Seguia-o um mancebo, coberto unicamente com um lençol, e os soldados o prenderam. — 52. Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nu das mãos.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 47. Falava ele ainda, quando surgiu uma turba, vindo à sua frente um dos doze apóstolos, o que se chamava Judas, o qual se chegou a Jesus para o beijar. — 48. Jesus O interpelou assim: Pois que, Judas, com um ósculo entregas o Filho do homem? — 49. Vendo os que o rodeavam o que ia acontecer, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? — 50. E um deles com um golpe decepou a orelha direita de um servo do sumo sacerdote. — 51. Jesus, porém, disse: Deixai-os, basta; e, tocando a

orelha do ferido, a curou. — 52. Depois, dirigindo-se aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciães que tinham vindo prendê-lo, disse: Viestes armados de espadas e varapaus como contra um ladrão. — 53. Entretanto, todos os dias estava eu convosco no templo e nunca me deitastes as mãos. É que esta é a vossa hora e o poder das trevas.

JOÃO: capítulo 18º, versículo 1. Tendo dito essas coisas, Jesus foi, com seus discípulos, para além da ribeira do Cedron, onde havia um horto, no qual entraram ele e seus discípulos. — 2. Judas, que o traía, conhecia também esse lugar, porque Jesus lá fora muitas vezes com seus discípulos. — 3. Judas, pois, tendo tomado consigo uma coorte e quadrilheiros que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus puseram à sua disposição, ali veio com lanternas, archotes e armas. — 4. Mas Jesus, que sabia de tudo o que havia de acontecer, saiu-lhes ao encontro e lhes disse: A quem buscais? — 5. Responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, que o traia, estava também com eles. — 6. Apenas Jesus lhes disse: Sou eu, eles recuaram e caíram por terra. — 7. Perguntou-lhes segunda vez: A quem buscais? Responderam: A Jesus de Nazaré. — 8. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu. Se, pois, a mim é que buscais, deixai ir estes. — 9. A fim de que se cumprisse esta palavra que por ele fora dita: “Não perdi nenhum dos que me deste”. — 10. Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela e feriu um servo do pontífice e lhe cortou a orelha direita. Esse homem se chamava Malco. — 11. Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha. Não tenho que beber o cálice que meu Pai me deu? — 12. Então, os soldados, com o tribuno que os comandava e os quadrilheiros prenderam a Jesus e o amarraram. (185)

Estes trechos apenas referem fatos históricos que não reclamam comentários.

Juntamos aqui, às dos três outros Evangelhos, com os quais unicamente nos temos ocupado, a parte correspondente do de João, para darmos a narrativa integral dos fatos de que tratamos, visto que as narrações evangélicas se completam e explicam umas pelas outras.

Tudo o que se deu com relação à prisão de Jesus, que de tudo quanto aconteceu sabia de antemão, assim como com relação ao ato de Pedro contra Malco e à cura deste, constituiu um exemplo de caridade, de paciência e de poder.

Pelo que concerne à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem do Mestre, resultou de uma ação fluídica exercida pelos Espíritos que o cercavam. Foi um fato semelhante aos que hoje se podem observar nas sessões espíritas. A cura da orelha de Malco, Jesus a operou, tocando-a. Cumpre notar que ela fora cortada, porem, não decepada.

Quanto às palavras dirigidas a Pedro: Embainha a tua espada, etc., encerram um ensinamento, que o Mestre nos ofereceu, mostrando que jamais devemos defender-nos com violência, com armas materiais; que somente devemos usar das armas morais: a paciência, a doçura, o amor e a caridade; que serão punidos, segundo a lei de talião os que, usando de armas materiais, derem prova de que lhe desprezam os ensinos, os exemplos, os mandamentos. Continham igualmente uma advertência aos que, de futuro, se ririam e constituiriam diretores da sua Igreja, dando-lhes a ver que nunca deveriam fazer deste mundo um reino para si, empunhando armas materiais, como

instrumentos de justiça humana, ou de defesa contra os ataques exteriores.

O mancebo que seguiu a Jesus, conforme dizem os Evangelistas, envolto num lençol, simbolizava a lei antiga, que trazia consigo o emblema da morte. Detida no seu curso, ela se despoja de suas insígnias e se mostra tal qual o Senhor a fez. Também nós nos devemos despojar das insígnias da morte.

Estamos envoltos em fraudes, maldades e vícios. Esse o lençol que nos cobre.

Abandonemos esse invólucro fúnebre, como o fez o mancebo de que falam os Evangelistas, nas mãos dos que tentem embaraçar-nos os passos na senda do progresso moral e apresentemo-nos ao Senhor nus, isto é, com um coração puro, tal como Ele no-lo deu.

Acompanhemos o Cristo no seu trajeto para o Pretório, deixando pelo caminho os nossos vícios e paixões, causa da sua ida até lá. Sigamo-lo, trilhando as sendas que Ele traçou e assim abrandaremos os sofrimentos que lhe causamos à sua passagem pela Terra.

(185) Gênese, 9º, 6, 35. — 2º Reis, 20º, 9. — 4º Reis, 6º, 17. — Salmos, 40º, 10. — Isaías, 53º. — Lamentações, 4º, 20. — Daniel, 7º, 10. — JOÃO, 18º, 1 a 12. — Atos, 1º, 6. Apocalipse, 13º, 10.

175
MATEUS, 26º, 57 ao 68. — MARCOS, 14º, 53 ao 65. — LUCAS, 22º, 54 ao 55 e 63 ao 71. Jesus levado à presença do sumo sacerdote. — Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte

MATEUS: capítulo 26º, versículo 57. Os que prenderam a Jesus o levaram a casa de Caifaz, sumo sacerdote, onde se achavam reunidos os escribas e os anciães. — 58. Pedro o acompanhou de longe até ao pátio da casa do sumo sacerdote e, tendo ai entrado, sentou-se entre os servos, para ver o fim de tudo aquilo. — 59. Enquanto isso, os príncipes dos sacerdotes procuravam um testemunho falso contra Jesus, para lhe darem a morte. — 60. Nenhum acharam que bastasse, não obstante se terem apresentado muitaS testemunhas falsas. Por fim, apareceram duas, — 61, que declararam: Este disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias. — 62. Então, levantando-se, disse o sumo sacerdote: Nada respondes ao que contra ti depõem estas testemunhas? — 63. Mas, Jesus se conservou calado. O sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se és o Cristo, o filho de Deus. — 64. Jesus respondeu: Tu o disseste: eu o sou; entretanto, declaro-vos que mais tarde vereis o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. — 65. Então, o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo: Ele blasfemou; que mais necessidade temos de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia. — 66. Que vos parece? Responderam: É réu de morte. — 67. Então, uns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros; outros o esbofetearam, dizendo: — 68, Cristo, profetiza-nos, dize quem foi que te bateu.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 53. E levaram Jesus a casa do sumo sacerdote, onde se reuniram todos os príncipes dos sacerdotes, escribas e anciães. — 54. Pedro o acompanhou de longe até ao átrio da casa do sumo sacerdote, onde, com os que ali estavam, se sentou perto do fogo a aquecer-se. — 55. E os príncipes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam testemunhos contra Jesus, para lhe darem a morte; e não achavam. — 56. Muitos depunham falsamente contra ele, mas seus depoimentos não eram suficientes. — 57. Alguns se levantaram e deram contra ele um falso testemunho nestes termos: — 58. Ouvimo-lo dizer: Destruirei este templo edificado pela mão dos homens e reconstruirei, em três dias, um outro, que não será feito pela mão dos homens. — 59. Mas, mesmo esse testemunho ainda não era suficiente. — 60. Então, levantando-se em meio do Sinédrio, o sumo sacerdote interrogou a Jesus assim: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? — 61. Mas ele se conservou calado; nada respondeu. Tornou o sumo sacerdote a lhe perguntar: És o Cristo, filho do Deus bendito? — 62. Jesus lhe respondeu: Eu o sou; e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. — 63. Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, disse: Que mais necessidade temos de testemunhos? — 64. Ouvistes a blasfêmia que ele proferiu; que vos parece? Todos o condenaram como réu de morte. — 65. Alguns então começaram a cuspir nele, e a lhe tapar o rosto, a lhe dar murros, dizendo: Profetiza e dize quem te bateu! E os criados lhe davam bofetadas.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 54. Logo o prenderam e levaram a casa

do sumo sacerdote. Pedro o seguia de longe. — 55. E como os que ali estavam acendessem um fogo no meio do pátio e se sentassem ao derredor, Pedro também se sentou entre eles.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 63. Os que guardavam a Jesus dele zombavam e lhe davam pancadas. — 64. Vendando-lhe os olhos, batiam-lhe nas faces e diziam: Adivinha, quem é que te bateu? — 65. E, blasfemando, lhe dirigiam muitas injúrias. — 66. Logo que foi manhã, os anciães do povo, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se reuniram e, tendo feito comparecer Jesus perante o conselho assim formado, lhe disseram: Se és o Cristo, dize-nos. — 67. Respondeu-lhes ele: Se eu disser que sou, não me acreditareis: — 68, e, se vos interrogar, não me respondereis, nem me deixareis partir. — 69. Mas, desde agora o Filho do homem estará sentado à direita do poder de Deus. — 70. Então perguntaram todos: És, portanto, o filho de Deus? Ele respondeu: Vós mesmos o dizeis, eu o sou. — 71. Eles exclamaram: Que mais necessidade temos de testemunhos, uma vez que nós mesmos o ouvimos da sua própria boca? (186)

Do ponto de vista histórico, nenhuma explicação se faz necessária. Os fatos são patentes.

Do ponto de vista espírita, já sabemos, pelas explicações que nos foram dadas sobre outros textos, que sentido cumpre atribuamos às palavras — Filho de Deus, quando pronunciadas ou aceitas por Jesus.

Eu o sou, respondeu Ele ao sumo sacerdote, e vereis o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, vindo sobre as nuvens do céu. Essas palavras encerravam mais uma alusão velada à reencarnação, pois se referiam àqueles, dentre os que as escutavam, cujos Espíritos, regenerados pela reencarnação, viverão de novo na Terra, quando esta se achar depurada. Esses os que o verão, quando Ele, em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível, descer ao seio da Humanidade purificada.

Desde agora, o Filho do homem estará sentado à direita do poder de Deus, que quer dizer: desde agora conhecidos serão os atos do Filho do homem, seu poder, sua posição. Na realidade, esse conhecimento se espalhou, por efeito das interpretações humanas e do progresso gradual das inteligências, e a nova revelação, fazendo-nos conhecer quem é o filho, iluminando, com a sua luz suave e pura, a cândida e grandiosa figura de Jesus, justifica plenamente estas palavras proféticas, que cada vez mais justificadas serão: Mas, desde agora, o Filho do homem estará assentado à direita da majestade de Deus.

(186) Deuteronômio, 19º, 15. — Levítico, 5º, 1; 24º, 16. — Salmos, 26º, 12, 24º, 11. — Isaías, 50º, 6; 53º, 7. — Daniel, 7º, 13. — Atos, 4º, 26; 6º, 13 a 15; 7º, 55. — 1º Tessalonicenses, 4º, 15. — Apocalipse, 1º, 7.

176
MATEUS, 26º, 69 ao 75. — MARCOS, 14º, 66 ao 72. — LUCAS, 22º, 56 ao 62. Negação de Pedro

MATEUS: capítulo 26º, versículo 69. Pedro entretanto estava sentado fora, no átrio. Uma criada se aproximou dele e disse: Tu também estavas com Jesus da Galiléia. — 70. Ele, porém, o negou diante de todos, declarando: Não sei o que dizes. — 71. Saindo ele dali para o vestíbulo, uma outra criada, que o viu, disse aos que lá se achavam: Este também estava com Jesus de Nazaré. — 72. Pedro o negou segunda vez, jurando: Não Conheço esse homem. — 73. Pouco depois, alguns que por ali estavam se dirigiram a Pedro e lhe disseram: Certamente tu também és um daqueles, pois até a tua fala o indica. — 74. Ele então se pôs a proferir imprecações e a jurar que não conhecia aquele homem. Imediatamente cantou o galo. — 75. Pedro se lembrou de que Jesus lhe havia dito: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. Saiu e chorou amargamente.

MARCOS: capítulo 14º, versículo 66. Estando Pedro em baixo, no átrio, uma das criadas do sumo sacerdote ali foi, — 67, e, vendo-o a se aquecer, o encarou e disse: Tu também estavas com Jesus de Nazaré. — 68. Ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem sei O que dizes. E saindo para entrar no vestíbulo, cantou o galo. — 69. A criada, vendo-o de novo, disse aos que por ali estavam: Este é um daqueles. — 70. Ele o negou pela segunda vez. Pouco depois, os que ali se achavam diziam a Pedro: Com certeza tu és um daqueles, pois que também és Galileu. — 71. Ele então começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais. — 72. Logo cantou o galo pela segunda vez e Pedro se lembrou do que lhe dissera Jesus: Antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três. E se pôs a chorar.

LUCAS: capítulo 22º, versículo 56. Uma criada, que o viu sentado ao lume, o encarou e disse: Este também estava com aquele homem. — 57. Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, não o conheço. — 58. Daí a pouco, um Outro: vendo-o, disse: Tu também és daqueles. Respondeu Pedro: Homem, não sou. — 59. Cerca de uma hora depois, outro afirmava: Certamente este andava com ele, pois que também é Galileu. — 60. Pedro respondeu: Homem, não Sei o que dizes. Ato continuo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. — 61. O Senhor então, voltando-se, olhou para Pedro e este se lembrou do que o Senhor lhe dissera: Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás. — 62. Dali saindo, Pedro chorou amargamente. (187)

Pedro confiara demais nas suas próprias forças e não procurara o único ponto de apoio que o pudera sustentar: a prece. Deixara-se levar pela confiança em si mesmo e, mau grado ao aviso de Jesus, não se pusera em guarda.

Grande foi o seu remorso, pois que nele houve apenas fraqueza e não culpa. Houve apenas falta de previdência, de desconfiança de si mesmo, e não traição premeditada, fruto da covardia e do egoísmo.

Ao deixar a casa do sumo sacerdote, ele reconheceu o seu erro e se dispôs a repará-lo.

Essa a distinção que se deve fazer entre a fraqueza e a culpabilidade.

Dificilmente pode o culpado reparar, no curso de uma existência, a falta

durante ela cometida; ao passo que o fraco pode adquirir a força de que careça. Eis por que são quase sempre temerários os nossos juízos. Eis como é por que às vezes condenamos o que o Senhor desculpa e desculpamos o que Ele reprova.

Quando o galo cantou, Jesus não estava perto de Pedro. Mas, naquele instante, o apóstolo experimentou uma impressão fluídica que, por um efeito de mediunidade, lhe recordou as palavras do Mestre, fazendo-o ao mesmo tempo ver o semblante doce e calmo deste, que se limitava a dirigir-lhe um olhar triste, quando com a ingratidão era pago da afeição que lhe testemunhara.

Houve, da parte de Jesus, ação magnética a distância e, da de Pedro, vidência.

(187) JOÃO, 13º, 38; 18º, 16.

177
MATEUS, 27º, 1 ao 10. Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura

MATEUS: capítulo 27º, versículo 1. Pela manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e anciães do povo se reuniram em conselho contra Jesus para o entregarem à morte. — 2. Depois de o manietarem, levaram-no e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos. — 3. Então, Judas, que o traíra, vendo que Jesus fora condenado, tocado de arrependimento, tornou a levar as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciães, — 4, e lhes disse: Pequei, entregando o sangue inocente. Mas eles responderam: Que nos importa? Isso é lá contigo. — 5. E Judas, depois de arremessar no templo as moedas, se retirou e foi enforcar-se. — 6. Os príncipes dos sacerdotes, tendo apanhado as moedas, disseram: Não nos é licito deitá-las no cofre do templo, porque são preço de sangue. — 7. Depois de o deliberarem em conselho, compraram com elas o campo de um oleiro, para servir de cemitério, a forasteiros. — 8. Por isso aquele campo se ficou chamando, até o dia de hoje, Hacéldama, Isto é: campo de sangue. — 9. Cumpriu-se assim o que fora dito pelo profeta Jeremias: "Tomaram as trinta moedas de prata, preço daquele que com eles os filhos de Israel apreçaram, — 10, e as deram pelo campo de um oleiro, como me ordenou o Senhor". (188)

Com relação aos fatos narrados nestes versículos, necessários se tornam alguns esclarecimentos, para que, confrontados os termos do versículo 18, do capítulo 1º, dos Atos dos Apóstolos com os do versículo 7, do capítulo 27º de MATEUS, conhecidos fiquem os pormenores exatos do que houve com referência à propriedade do campo, que se chamou Hacéldama, onde Judas se suicidou e teve sepultura.

Judas foi restituir as trinta moedas que recebera aos príncipes dos sacerdotes e dos anciães, que, entretanto, não as quiseram aceitar. Ele, então, as atirou no templo e foi enforcar-se num campo, onde lhe acharam o cadáver em estado de putrefação bastante adiantada. Ao terem conhecimento desse fato, os príncipes dos sacerdotes e os anciães, que haviam apanhado as moedas, conceberam a idéia de com elas comprarem aquele campo, para cemitério dos forasteiros e para nele ser enterrado o cadáver de Judas, uma vez que entre os Israelitas não se concediam as honras da sepultura religiosa aos suicidas. Compraram, pois, o campo, que se ficou chamando Hacéldama.

Nos Atos dos Apóstolos, onde se diz que o campo foi adquirido por Judas com o preço do seu pecado, e que ele, depois de o haver comprado, lá se enforcou, houve um erro de narração, devido aos comentários feitos a propósito dos fatos que Mateus relatara, mas ainda não escrevera, e a propósito do lugar do suicídio de Judas e do sepultamento, aí, do seu cadáver.

Pedro foi dos que pensaram que Judas comprara o campo e que ali se enforcara. Essa opinião, da qual Lucas, como narrador, se fez eco, nasceu do fato de se haver Judas enforcado naquele campo e de ter sido nele enterrado. Destas circunstâncias concluíram, primeiro, que o campo lhe pertencia, visto ser costume entre os Hebreus preparar cada um, de antemão, a sua última morada; segundo, que ele o adquirira com o que ganhara da sua traição.

(188) Zacarias, 11º, 12, 13. — Atos, 1º, 17 a 19, 3º, 13.

178
MATEUS, 27º, 11 ao 26. — MARCOS, 15º, 1 ao 15. — LUCAS, 23º, 1 ao 25. Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado

MATEUS: capítulo 27º, versículo 11. Jesus foi levado à presença do governador e este o interrogou assim: És o rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. — 12. As acusações, porém, que lhe faziam os príncipes dos sacerdotes e os anciães nada respondeu. — 13. Pilatos então lhe perguntou: Não ouves de quantas coisas estes te acusam? — 14. Jesus nem uma só palavra disse em resposta, do que grandemente se admirou Pilatos. — 15. Ora, o governador costumava, no dia da festa da Páscoa, dar liberdade a um preso que o povo indicasse. — 16. E naquela ocasião tinha ele em seu poder um de grande fama, chamado Barrabás. — 17. Perguntou, pois, Pilatos à multidão ali reunida: Qual dos dois quereis que eu vos solte, Barrabás, ou Jesus, apelidado o Cristo? — 18. É que sabia que só por inveja lhe tinha sido este último entregue. — 19. Nesse ínterim, quando ele se achava sentado no tribunal, sua esposa lhe mandou dizer: Não te envolvas no caso desse justo, pois que hoje, em sonho, estranhamente atormentada fui por sua causa. — 20. Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciães persuadiram o povo a pedir fosse solto Barrabás e Jesus condenado à morte. — 21. Assim, perguntando-lhes o governador: Qual dos dois quereis que vos solte? Responderam: Barrabás. — 22. Objetou-lhes Pilatos: Que hei de, então, fazer de Jesus, a quem chamam o Cristo? Responderam todos: Seja crucificado! — 23. O governador insistiu: Que mal, porém, fez ele? Com mais força clamaram, em resposta: Seja crucificado! — 24. Vendo Pilatos que nada conseguia, que, ao contrário, o tumulto se tornava cada vez maior, mandou vir água, lavou as mãos diante do povo e disse: Sou inocente do sangue deste justo; isso é lá convosco. — 25. Todo povo lhe respondeu. Caia sobre nós e sobre nossos filhos o seu sangue. — 26. Pilatos logo pôs Barrabás em liberdade e, depois de haver mandado acoitar a Jesus, o entregou à multidão para ser crucificado.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 1. Logo pela manhã reuniram-se em conselho os príncipes dos sacerdotes, os anciães, os escribas e todo o Sinédrio e, manietado que foi Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. — 2. Este lhe perguntou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes. — 3. E como os príncipes dos sacerdotes o acusassem de muitas coisas, — 4, disse-lhe Pilatos: Nada respondes? Vê de quantas coisas te acusam. — 5. Jesus, porém, nada mais respondeu, causando isso admiração a Pilatos. — 6. Ora, costumava este, pela Páscoa, soltar um preso cuja liberdade o povo pedisse. — 7. E na ocasião um havia, de nome Barrabás, que num motim, com outros sediciosos, praticara um homicídio. — 8. Acorrendo então a turba ao pretório se pós a pedir-lhe que fizesse o que costumava fazer. — 9. Perguntou Pilatos: Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 10. Ele bem sabia que só por inveja havia sido Jesus levado à sua presença pelos príncipes dos sacerdotes. — 11. Estes, porém, concitaram o povo a pedir que antes fosse solto Barrabás. — 12. Inquiriu então Pilatos: Que quereis nesse caso que eu faça do rei dos Judeus? — 13. Clamaram os da turba: Crucifica-o! — 14. Pilatos obtemperou: Mas que mal fez ele? Clamando com mais força, responderam-lhe: Crucifica-o! — 15. À vista disso, Pilatos, que desejava satisfazer ao povo, soltou-lhe Barrabás e,

depois de, por sua ordem, ter sido Jesus açoitado, o entregou para ser crucificado.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 1. Toda a assembléia se ergueu e levou Jesus a Pilatos. — 2. E se puseram a acusá-lo desta forma: Este homem nós o encontramos a subverter o povo, proibindo se paguem os tributos a César e dizendo ser o Cristo e rei. — 3. Pilatos O interrogou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes. — 4. Observou então Pilatos aos príncipes dos sacerdotes e ao povo: Nenhuma culpa acho neste homem. — 5. Aqueles, porém, com mais insistência, afirmavam: ele subleva o povo com a doutrina que vem espalhando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou até aqui. — 6. Pilatos, ouvindo falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era Galileu. — 7. Quando soube que era da jurisdição de Herodes, mandou-o a este, que na ocasião também se achava em Jerusalém. — 8. Ao ser-lhe apresentado Jesus, Herodes muito satisfeito ficou, pois de longo tempo desejava vê-lo, tanto tinha ouvido falar dele; contava que o veria fazer algum milagre. — 9. Dirigiu-lhe muitas perguntas, mas a nenhuma Jesus respondeu. — 10. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas presentes o acusavam com muita insistência. — 11. Herodes, cercado da sua corte, o tratou com desprezo e, escarnecendo dele, vestiu-lhe uma túnica branca e o recambiou para Pilatos. — 12. Naquele dia, Herodes e Pilatos, de inimigos que eram antes, se tornaram amigos. — 13. Pilatos convocou os príncipes dos sacerdotes, os anciães e o povo. — 14, e lhes disse: Vós me apresentastes este homem sublevador do povo e eis que, tendo-o interrogado na vossa presença, nele nenhuma culpa achei das de que o acusais; — 15, nem tampouco Herodes, a cuja presença o mandei. Nada tem ele feito, parece-me, que o torne passível de morte. — 16. Assim, depois de o castigar soltá-lo-ei. — 17. Ora, como ele tivesse que soltar, pela festa da Páscoa, um criminoso, — 18, todos a uma voz entraram a bradar: Morra este e solta-nos Barrabás. — 19. Este fora preso por causa de uma sedição havida na cidade e de um homicídio que cometera. — 20. Pilatos, desejando livrar a Jesus, lhes falou de novo. — 21. A multidão, porém, se pôs a clamar: Crucifica-o! crucifica-o! — 22. Pela terceira vez Pilatos perguntou: Mas que mal fez ele? Não lhe acho culpa alguma que mereça a morte. Mandá-lo-ei, portanto, castigar e o soltarei. — 23. Mas eles insistiam, pedindo em altos brados que Jesus fosse crucificado, e seus clamores a todo momento recrudesciam. — 24. Afinal, Pilatos ordenou se fizesse o que eles pediam. — 25. Ao mesmo tempo soltou o que fora preso por causa da sedição e do homicídio, conforme lhe exigiam, e permitiu que de Jesus fizessem o que quisessem. (189)

A diversidade que se nota entre o texto de Lucas e os dos outros Evangelistas não nos deve surpreender, nem embaraçar, pois sabemos que cada um deles tinha que entrar em particularidades especiais. Assim, o que um, refere sumariamente, outro relata descendo a minúcias. Desse modo, as narrações sempre se explicam e completam reciprocamente.

Diante de Pilatos, a uma só das suas perguntas consente Jesus em responder: à que respeitava à soberania por Ele exercida sobre os Judeus, soberania moral e espiritual, que Pilatos, apesar de não admitir a missão do Mestre, bem compreendeu que nada tinha de política. É assim que, impelido por um sentimento secreto, e, ainda mais, advertido pela mulher, que tivera com Jesus um sonho muito característico, tenta salvá-lo, mandando, ao mesmo

tempo, para salvar a sua própria responsabilidade, que apresentassem o acusado ao sucessor de Herodes.

Também a nenhuma das perguntas que lhe este fez respondeu Jesus. Considerando aquele silêncio um desrespeito à sua alta dignidade, o sucessor de Herodes, indignado, se vingou, tratando-o com desprezo e ridiculizando-o, infligindo-lhe um castigo infamante, qual o de mandar lhe vestissem uma túnica branca, porque dessa cor era a dos príncipes que aspiravam ao trono. Isso fazendo, apresentava-o como um louco, como um em quem a ambição produzira a loucura.

Eximiu-se, porém, de julgá-lo, entendendo que o julgamento cabia a Pilatos, a quem o reenviou. Essa troca de atenções reconciliou os dois déspotas, que desde então se tornaram amigos.

À pergunta de Pilatos: És o rei dos Judeus? respondeu Jesus: Tu o dizes, falando, porém, unicamente do ponto de vista espiritual. Para bem compreendermos o sentido, o alcance e o objetivo dessa resposta, devemos aproximá-la destas outras palavras, já por Ele antes proferidas: Em verdade vos digo que doravante não mais me vereis, até ao dia em que digais: “Bendito o rei que vem em nome do Senhor!” (LUCAS, capítulo 13º, versículo 35 e capítulo 19º, versículo 38.).

Depois que lhe respondeu: Tu o dizes, duas vezes Pilatos deu a Jesus o título de rei dos Judeus, mas, por mofa. Na sua opinião, o Mestre era um espírito fraco, mais presa de loucura que de ambição.

(189) Deuteronômio, 19º, 10. — 3º Reis, 2º, 32. Salmos, 2º, 2. — Isaías, 53º, 5. — Atos, 3º, 14; 4º, 26; 5º, 28. — 1ª Epístola à Pedro, 2º, 22.

179
MATEUS, 27º, 27 ao 30. — MARCOS, 15º, 16 ao 19. Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. — Insultos

MATEUS: capítulo 27º, versículo 27. Depois, os soldados do governador Conduziram Jesus ao pretório e em torno dele se reuniu toda a coorte. — 28. Despiram-no de suas roupas e o cobriram com um manto escarlate. — 29. Em seguida teceram uma coroa de espinhos entrelaçados e lha puseram na cabeça, colocando-lhe na mão direita uma cana. E, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos Judeus! — 30. Cuspiam-lhe no rosto e, tirando-lhe da mão a cana, com ela lhe batiam na cabeça.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 16. Os soldados então o levaram ao pátio do pretório e aí reuniram toda a coorte. — 17. Revestiram-no com um manto de púrpura e lhe puseram na cabeça uma coroa de espinhos entrelaçados, que eles mesmos teceram. — 18. E começaram a saudá-lo assim: Salve, rei dos Judeus! — 19. Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe no rosto e, ajoelhados diante dele, o adoravam.

Os exemplos de paciência e resignação que neste passo deu Jesus, devemos tê-los presentes sempre ao nosso espírito. Não sejamos nunca dos que acusam e insultam, por mais que pareça legítimo o direito que nos assista de assim proceder, porque, cegos que somos, podemos estar a acusar e insultar a um inocente.

A paciência e a doçura é o que nos cumpre opor aos que de nós zombem ou escarneçam. Fora inútil tentarmos demonstrar a cegos os princípios e as propriedades da luz. Perderíamos o nosso tempo. Firmemo-noS na pureza das nossas intenções, na pureza da nossa consciência e dos nossos atos e estejamos certos de ter sempre no Senhor um juiz imparcial e eqüânime.

180
MATEUS, 27º, 31 ao 32. — MARCOS, 15º, 20 ao 21. — LUCAS, 23º, 26 – 32. Jesus conduzido ao lugar do suplicio. — Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam

MATEUS: capítulo 27º, versículo 31. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto escarlate, vestiram-lhe de novo suas roupas e o levaram para ser crucificado. — 32. Ao sairem da cidade, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 20. Depois de o terem assim escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e lhe vestiram de novo suas vestes, feito o que o levaram para ser crucificado. — 21. E como por ali passasse um Cireneu, chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, o qual voltava do campo, o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 26. Quando o iam conduzindo, pegaram de um certo Simão, Cireneu, que vinha do campo, e o obrigaram a carregar também a cruz atrás de Jesus. — 27. Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, que o lamentavam e pranteavam. — 28. Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos; — 29, porque dias virão em que se dirá: Ditosas as estéreis, ditosos os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram. — 30. Pôr-se-ão todos então a dizer aos montes: Caí sobre nós; e às colinas: Cobri-nos. — 31. Por que, se isto fazem com o lenho verde, que se fará com o lenho seco? — 32. E eram também levados com Jesus outros dois, que eram malfeitores, para lhes darem morte. (190)

Jesus, depois de haver sido objeto do escárnio, do ludíbrio e das jogralidades de todos, foi manietado, para ser conduzido ao suplício. Pilatos o entregou aos Judeus que ansiavam por lhe dar a morte. Mas, os soldados do Tetrarca eram os guardas do preso e os executores da sentença. Como tais, vigiavam-no, a fim de que não fugisse, nem lhes fosse arrebatado.

Penosíssima foi a caminhada até ao lugar do sacrifício. Assim, porém, tinha que ser, a fim de que Ele mostrasse aos homens até onde podem chegar a resignação e a paciência. Nem uma só queixa, nenhum protesto lhe saíram dos lábios. Nem ninguém diga: Era-lhe fácil; a carne nada sentia.

Jesus sofria, sofria muito no seu coração, pelo endurecimento dos homens. Sofria, por ver que séculos e séculos teriam que passar, antes que o batismo do espírito nos purificasse. Ele experimentava as angústias que dilaceram o coração da mãe extremosa, que vê transviados, criminosos, seus filhos amados; que vê prestes a caírem sobre eles os rigores da lei, as aflições e torturas que os esperam. Ela não sofre, é certo, na sua carne, a devotada mãe; seus ossos não são despedaçados; mas, todas as fibras do seu coração estalam dolorosa-mente; torturam-na a ansiedade, a aflição pelo futuro dos seus bem-amados.

Sim, Jesus sofria e sofre ainda, no seu amor sem limites, quando nos vê endurecidos. Suavizemos esse sofrimento, com o nosso amor e a nossa

submissão.

Com o que disse às mulheres que o pranteavam e lamentavam, aludia figuradamente à destruição de Jerusalém, assim como às calamidades, que a necessidade da depuração do nosso planeta e da Humanidade terrena faz inevitáveis, calamidades que ocasionarão de futuro a destruição da nossa Jerusalém moderna, do nosso mundo, a fim de que uma nova «cidade» e um templo indestrutível sejam construídos.

As locuções — lenho verde e lenho seco — eram proverbiais entre os Judeus, para designarem os justoS e os pecadores. Se daquela forma tratavam o justo, de que modo seriam tratados os pecadores. Servindo-se de tais locuções, Jesus também o fez figuradamente, a fim de mostrar a sorte reservada ao culpado que despreza o justo e a moral sublime que Ele personifica.

(190) Isaías, 2º, 19; 53º, 12. — Oséias, 10º, 8. — Provérbios, 11º, 31. — Jeremias, 25º, 29. — Ezequiel, 20º, 47; 21º, 3, 4. — JOÃO, 19º, 17, 18. — 1ª Epístola à Pedro, 4º, 17, 18.

181
MATEUS, 27º, 33 ao 38. — MARCOS, 15º, 22 ao 28. — LUCAS, 23º, 32 ao 34; e 38. — JOÃO, 19º, 14 ao 24. Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. — Palavras por Ele ditas como ENSINAMENTO e EXEMPLO

MATEUS: capítulo 27º, versículo 33. Chegaram assim ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar do Calvário (ou da caveira), — 34, e lhe deram a beber vinho misturado com fel. Ele, porém, tendo-o provado, não o quis beber. — 35. Depois de o terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando sortes; a fim de que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitaram sortes. 36. E, sentados, ali o ficaram guardando. 37. Por cima da sua cabeça puseram escrito o motivo da sua condenação, nestes termos: Este é Jesus, o rei dos Judeus. — 38. Com ele também foram crucificados, um à sua direita, outro à sua esquerda, dois ladrões.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 22. E o levaram a um lugar chamado Gôlgota, que quer dizer lugar do Calvário, 23, e lhe deram a beber vinho misturado com mirra, mas ele não o tomou. — 24. Depois de o terem crucificado, entre si repartiram suas vestes, tirando sorte sobre elas, para verem o que a cada um tocaria. — 25. Era a hora terceira (191), quando o crucificaram. — 26. O motivo da sua condenação foi indicado por, esta inscrição: O rei dos Judeus. — 27. Com ele também crucificaram dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda. — 28. Cumpriu-se assim esta palavra da Escritura: E entre os malfeitores foi incluído.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 32. Com ele eram levados dois criminosos, para também serem executados. — 33. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, aí o crucificaram a ele e aos dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda. 34. Dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem. Em seguida, repartiram entre si suas vestes, tirando a sorte.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 38. Puseram-lhe acima da cabeça esta inscrição, em grego, latim e hebreu: este é o rei dos Judeus.

JOÃO: capítulo 19º, versículo 14. Era o dia da preparação da Páscoa, quase à hora sexta. Disse ele aos Judeus: Eis ai o vosso rei. — 15. Eles, porém, clamavam: Tira-o, tira-o do mundo. Crucifica-o. Pilatos lhes disse: Pois hei de crucificar o vosso rei? Responderam os príncipes dos sacerdotes: Não temos outro rei senão César. —
16. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado. Eles, pois, o tomaram e levaram. — 17. E, carregando a sua cruz, veio ele ao lugar que se chama Calvário e em hebreu gólgota; — 18, onde o crucificaram e com ele dois mais, um de um lado, outro de outro lado, e no meio Jesus. — 19. Pilatos fez também uma Inscrição, que mandou colocar no alto da cruz e na qual estavam escritas estas palavras: Jesus Nazareno, rei dos Judeus. — 20. Muitos Judeus leram esta Inscrição, porqüanto O lugar onde fora crucificado era próximo da cidade e a inscrição estava escrita em hebreu, em grego e em latim. — 21. Os príncipes dos sacerdotes disseram então a Pilatos: Não ponhas — rei dos Judeus, mas — que se diz rei dos Judeus. — 22. Pilatos lhes respondeu: O que escrevi, está escrito. 23. Os soldados, tendo-o crucificado, tomaram de suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram

também da túnica, mas, como não tivesse costura e fosse tecida de alto a baixo, — 24, disseram entre si: Não a rasguemos; deitemos sorte para ver quem a terá; a fim de que se cumprisse esta palavra da Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes; deitaram sorte sobre a minha túnica. (192)

Vimos como foi Jesus conduzido ao suplício. Chegado ao Gólgota, que quer dizer lugar do Calvário, ficou submetido às leis que então regulavam as execuções pela crucificação. Sua boca não se abre para proferir o mais ligeiro murmúrio. Nele imperam a calma e a dignidade.

É que lhe cumpria dar aos homens, até ao derradeiro instante, exemplos de moderação, de submissão às leis, por mais iníquas que pareçam, de respeito aos seus executores, por mais ínfimos que sejam os agentes destes. A verdade, porém, tinha que se fazer ouvida e brilhar no alto da cruz, onde fora pregado o Rei dos Judeus, o rei da Terra, pois que procede dos céus.

Ele é o rei dos habitantes da Terra, porqüanto o seu reino não é deste mundo e não pode, de forma alguma, fazer sombra aos reis de tão impuro orbe.

Cumpria-lhe dar o exemplo da misericórdia e do perdão aos insultadores e algozes que a ignorância e as más paixões desvairaram. Quando o crucificam, profere palavras destinadas a abrir, no presente e no futuro, como abriram no passado, as sendas do progresso moral:

Pai, perdoa-lhes que eles, não sabem o que fazem.

Foram os Judeus que, por vontade própria, o crucificaram; mas, o ato material foram os Romanos que o executaram. Os soldados romanos, que tinham o encargo de executar a sentença proferida, foram apenas instrumentos passivos da sua execução. É o que claramente se deduz dos versículos 18 ao 32 do capítulo 19º do Evangelho de João.

(191) Nove horas da manhã.
(192) Salmo. 68º, 22. — Isaías, 53º, 12. — JOÃO, 19º, 24.

182
MATEUS, 27º, 39 ao 43. — MARCOS, 15º, 29 ao 32. — LUCAS, 23º, 35 ao 37. Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos

MATEUS: capítulo 27º, versículo 39. E os que por ali passavam, abanando a cabeça, blasfemavam dele, — 40, dizendo: Tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, por que não te salvas a ti mesmo? Se és o filho de Deus, desce da cruz. — 41. Do mesmo modo os príncipes dos sacerdotes, com os escribas e os anciães, o escarneciam, dizendo: — 42, Ele salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo; se é o rei de Israel, que desça agora da cruz e nós o acreditaremos. — 43. Ele põe toda a sua confiança em Deus; livre-o Deus agora, se o ama, pois que ele disse: Sou o filho de Deus.

MARCOS: capítulo 15º, versículos 29. Os que passavam, abanando as cabeças, blasfemavam dele dizendo: Olá, tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, — 30, salva-te a ti mesmo e desce da cruz. — 31. Também os príncipes dos sacerdotes e os escribas o escarneciam, dizendo entre si: Ele a outros salvou, entretanto não pode salvar-se a si mesmo. — 32. Que o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e creiamos.

LUCAS: capítulo 23º, versículos 35. O povo que, ali reunido, contemplava aquela cena e bem assim os anciães zombavam dele, dizendo: Ele que salvou a outros, salve-se a si mesmo agora, se é o cristo, o eleito de Deus. — 36. Também o insultavam os soldados, que dele se aproximavam e lhe ofereciam vinagre, — 37, dizendo: Se és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo. (193)

Estes versículos nos mostram ainda a ingratidão e a loucura dos homens, sempre prontos a insultar aqueles a quem mais deviam respeitar. Encerram também um aviso aos insultadores e incrédulos de hoje, que rejeitam a revelação espírita e, portanto, a missão espiritual do Cristo, como rejeitaram no passado a sua missão terrena.

Os sumos sacerdotes, os escribas, os fariseus, os anciães, espíritos orgulhosos, atrasados e culpados, o povo, que em torno deles se agrupava, e os transeuntes, um e outros, dominados por eles, eram incapazes de compreender a necessidade, o motivo e o fim daquela missão que, preparada desde longos séculos, se cumpria, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus.

A despeito, porém, de todos os obstáculos que lhe foram e continuam a ser opostos, o progresso moral, intelectual e físico da Humanidade se há de realizar integralmente, porque ele faz objeto de uma lei absoluta e imutável, emanada da Divindade. E, à medida que o homem progride, os milagres se vão explicando pelo conhecimento das causas que os produziram e, desse modo, os ensinamentos do Mestre vão constituindo uma constelação, cada vez mais perceptível, de fúlgidas estrelas a rebrilharem no nosso firmamento espiritual e cujas cintilações levam ao íntimo das almas uma luz benéfica, que clareia, aquece, conforta e mitiga as dores, luz que é vida e eterna bem-aventurança para o Espírito.

(193) Salmos, 21º, 8, 9, 18; 108º, 25. — JOÃO, 2º, 19.

183
MATEUS, 27º, 44. — MARCOS, 15º, 32. — LUCAS, 23º, 39 ao 43. Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão

MATEUS: capítulo 27º, versículo 44. Os mesmos impropérios lhe dirigiam os dois ladrões que com ele haviam sido crucificados.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 32. Também os que com ele haviam sido crucificados lhe dirigiam palavras injuriosas.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 39. Um dos ladrões também crucificados blasfemava contra ele dizendo: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. — 40. Mas o outro, repreendendo-o, disse: Nem ao menos sofrendo o mesmo suplício temes a Deus mais do que os outros! — 41. Entretanto, nós o sofremos justamente, pois que recebemos o castigo que mereceram os nossos crimes, ao passo que este nenhum mal fez. — 42. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu reino. — 43. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

Os dois ladrões, a princípio, faziam coro com os que ultrajavam a Jesus. Um deles, porém, vendo, afinal, que o mesmo Jesus respondia aos insultos que lhe atiravam orando pelos que assim procediam, compreendeu haver no Mestre alguma coisa que o colocava acima da Humanidade. Quer dizer que esse malfeitor entreviu a verdade, ainda que confusamente, e não hesitou em pedir misericórdia àquele em quem reconhecera de súbito maior poder para as coisas do céu, do que para as da Terra. Jesus então lhe fez esta animadora promessa: Em verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no Paraíso.

Para que se apreendam o sentido e o significado destas palavras, importa se saiba o que é o Paraíso, para o Espírito que se tornou pecador. Não é um lugar de beatífico êxtase, sem objetivo, sem a perspectiva de coisa melhor. É, ao contrário, a entrada do ser espiritual na senda luminosa que proporciona ao culpado entrever o prêmio reservado aos esforços do trabalhador diligente: a sua redenção. É a compreensão, que ele adquire, do futuro, junta ao desejo ardente de o alcançar.

Essa senda, essa condição espiritual, em que o sofrimento causado pelo remorso das faltas cometidas constitui uma como fonte de alegria para o Espírito que se apercebe do progresso cuja realização está ao seu alcance, é que é o Paraíso que Jesus prometeu àquele que ficou apelidado de “bom ladrão”. Ele entraria nesse Paraíso, desde que, do alto de sua glória, o mesmo Jesus, por intermédio dos bons Espíritos, lhe mostrasse o caminho a percorrer e a felicidade que ao seu termo o esperava.

Sobre aquelas palavras do divino Mestre, erigiu a Igreja Católica o seu sistema da condenação e da graça, da indulgência concedida à fé, independente das obras, colocando, em conseqüência, o malfeitor de quem tratamos no rol dos bem-aventuradOS, pelo simples fato de se haver arrependido sinceramente, de haver demonstrado o que ela chama: a contrição perfeita.

Semelhante sistema, porém, é fruto de falsa interpretação das palavras do Mestre, as quais, entendidas segundo o Espírito e não interpretadas ao pé da letra, conforme ela o fez, significam: “No momento em que eu torne a ocupar o

lugar que me compete, voltando à natureza espiritual que me é própria, tu entrarás na vida espiritual e verás distintamente, assim o caminho que te cumpre seguir, como a meta que terás de alcançar".

O arrependimento é, com efeito, o primeiro passo que o Espírito tem de dar para entrar nesse caminho, um meio, portanto, de dirigir-se para a finalidade a ser atingida, de chegar à expiação produtiva, à atividade nas provações, à perseverança no objetivo. É uma venda que se rasga e que, permitindo àquele que a traz ver a luz brilhante que tem diante de si, o enche do desejo de possui-la. Mas, isso não o exime de perlustrar o caminho, que é o que se desdobra através de sucessivas existências planetárias, isto é, de múltiplas descidas ao campo onde semeou o erro, praticando o mal, a fim de arrancá-lo pela raiz (expiação) e de fazer a semeadura do bem (reparação). Assim é que se cumpre a sentença, que não comporta exceções: A cada um segundo as suas obras.

Graças àquela luz, passa ele a ver melhor os obstáculos; consegue transpô-los mais rapidamente e com maior destreza, de sorte que atinge mais prontamente o fim colimado.

Nunca, porém, aquela sentença deve ser esquecida. Sem obras, não há progresso, e as más obras, geradoras do sofrimento, só pelas boas podem ser apagadas. Segue-se daí que, sem expiação e sem reparação, o Espírito que se tornou culpado não avança para o alvo a que lhe importa chegar, porque representa a realização do destino para que o criou Deus. O arrependimento, pois, não exclui a expiação e a reparação, se bem constitua o primeiro impulso indispensável, que ele recebe da própria consciência, para se dispor a expiar e resgatar, a fim de galgar os altos cimos da espiritualidade, onde lhe é dado gozar em toda a plenitude das delícias do "paraíso", cuja entrada se lhe abriu desde o momento em que foi tangido por aquela impulsão inicial. (194)

(194) Veja-se, sobre arrependimento, expiação e reparação, o que foi expendido em páginas anteriores.

184
MATEUS, 27º, 45 ao 50. — MARCOS, 15º, 33 ao 37. — LUCAS, 23º, 44 e 46. Morte de Jesus, no entender dos homens

MATEUS: capítulo 27º, versículos 45. Desde a hora sexta (195) até à hora nona (196) toda a terra se cobriu de trevas. — 46. Por volta da hora nona, exclamou Jesus em alto brado: Eli, Eli, lama sabachtani! isto é: Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste? — 47. Alguns dos que por ali estavam, ouvindo isso, disseram: Ele chama por Elias. — 48. E logo um deles correu, tomou de uma esponja, ensopou-a em vinagre e, colocando-a no extremo de uma cana, lha apresentou para que bebesse. — 49. Outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias o vem libertar. — 50. De novo soltou Jesus um grande brado e rendeu o Espírito.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 33. Chegada a hora sexta, toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona. — 34. À hora nona, exclamou Jesus num alto brado: Eli! Eli! lama sabachtani! que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? — 35. Ouvindo isso, disseram alguns dos circunstantes: Eis que ele chama por Elias. — 36. Um deles então correu, ensopou uma esponja em vinagre e, espetando-a numa cana, lha apresentou para que bebesse, dizendo: Deixem, vejamos se Elias vem tirá-lo da cruz. — 37. Jesus soltou um grande brado e rendeu o espírito.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 44. Era quase à hora sexta; toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 46. Jesus então, clamando em altas vozes, disse: Meu Pai, nas tuas mãos entrego a minha alma. E, tendo dito isso, expirou. (197)

As palavras de Jesus foram erroneamente interpretadas. Como podia Ele, depois de haver cumprido fielmente a sua missão, ser abandonado pelo Senhor? Se não são admissíveis, como mostra de desfalecimento, ainda que passageiro, as que pronunciou no Horto das Oliveiras, palavras cujo sentido e objetivo já tivemos ocasião de assinalar, menos ainda se pode admitir haja, no momento em que punha glorioso fecho à sua missão, proferido essas outras, que denunciariam desfalecimento ainda maior, uma extrema fraqueza, que nenhum experimentou, dos que sofreram martírios atrozes, por se lhe conservarem fiéis. Teria Ele sido, assim, mais fraco do que estes e, portanto, menos elevado espiritualmente? Hipótese blasfema fora esta, em se tratando de quem tinha consciência plena de se achar integrado no Pai; de quem repetidamente disse que nada fazia de si mesmo, que apenas obedecia aos mandamentos que do Pai recebera; de quem, orando pelos seus apóstolos, pedia ao Pai que estes fossem um com Ele, como Ele era um com o mesmo Pai.

Não, as palavras que o divino Modelo proferiu, no momento em que, deixando na cruz o invólucro perispirítico que trazia, com a aparência de corpo humano, tornou à plena espiritualidade, de onde preside à evolução da Humanidade terrena, foram estas: Senhor, tudo está cumprido; eis-me aqui! De ordem do Mestre, essas palavras os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos, as transmitiram do plano invisível, ou revelaram, textualmente, ao nosso irmão

Roustaing, conforme se vê da obra por ele publicada: Á Revelação da Revelação.

Há, entre as narrações de MATEUS e de MARCOS, de um lado, e as de LUCAS e JOÃO (capítulo 19º, versículos 28 e 30) de outro, quanto ao que Jesus disse do alto da cruz, discordâncias que os mesmos Evangelistas, naquela obra, elucidaram, restabelecendo a verdade do que ocorreu.

Assim as palavras — Eli, Eli, lama sabachtani, que se traduzem: Senhor, Senhor, por que me abamdonaste? foram proferidas pelo "bom ladrão", no momento em que Jesus exclamava: Senhor, tudo está cumprido, eis-me aqui. Confiante na promessa que lhe fizera o divino Mestre, ao verificar que este se fora do mundo, por ter "morrido", deixando-o ainda vivo no madeiro, julgou aquele condenado que o que lhe estava prometido não se cumpriria, que ficara abandonado, e soltou aquela exclamação angustiada. Soltou-a quando, em seguida ao prometimento que lhe fizera, Jesus, como dizem os Evangelistas, a fim de atrair a atenção do povo para os seus "últimos momentos", atraindo-a, simultaneamente, para os fenômenos que se iam produzir, deu um grande brado. Ouvindo-o, os dois ladrões se puseram a gemer, os discípulos elevaram suas vozes em lamentações de imensa dor e a multidão entrou a comentar com grande rumor o que se passava. Foi nesse instante, quando chegara ao máximo a agitação tumultuosa de toda aquela turba sacudida pelos mais diversos sentimentos, que o «bom ladrão» deixou escapar-se-lhe do peito a referida exclamação de desalento. Dada a extrema confusão então reinante e a circunstância de terem sido ditas, quase ao mesmo tempo, as palavras que Jesus proferiu e as que pronunciou aquele dos dois outros crucificados, muitos atribuíram as deste ao Mestre. Mais tarde, surgiram os comentários, originando-se deles as versões que se introduziram nas narrativas evangélicas.

A diversidade dessas versões prova que nenhuma combinação houve jamais entre os Evangelistas e confirmam a naturalidade do que hoje vemos dar-se com OS médiuns mais adiantados: deixarem-se dominar às vezes pela opinião que lhes é própria.

A versão que mais se acercou da realidade é a de João, que, sendo dos apóstolos o que mais perto da cruz se achava, pôde ouvir melhor, por entre os clamores que de toda a parte se elevavam, o que com efeito disse Nosso Senhor Jesus Cristo. Segundo o discípulo amado, o Mestre dissera: "Tudo está consumado".

Entretanto, pois que tudo, como sabemos, tem a sua razão de ser, a versão falsa que Mateus e Marcos reproduziram, isentos de influência mediúnica, de acordo com a opinião daqueles para quem Jesus era um homem como os demais, foi um meio de contrabalançar a crença na sua divindade, destinada a tornar-se objeto de muitas controvérsias futuras.

As locuções — rendeu o espírito, espirou — têm o mesmo sentido, o mesmo alcance: o da volta do Espírito à vida espírita, readquirindo a liberdade no espaço, que é a sua verdadeira pátria.

Não há, todavia, comparação possível entre o regresso de Jesus e o dos nossos Espíritos.

Para nós, a encarnação material humana representa um exílio, que sofremos a título de expiação, de provação. Quando a vida nos é arrebatada, tirada, não podemos retomá-la, senão pela reencarnação. O mesmo não podia suceder a Jesus que, pela natureza extra-humana do invólucro corpóreo, tinha, só Ele, a faculdade de deixar e retomar a sua (João, capítulo 10º, versículos 17

e 18.)

Assim, no Gólgota, ninguém lhe arrancou ou tirou a vida. Foi Ele quem, por si mesmo, a deixou, para mais tarde a retomar e reaparecer entre os homens, operando o que se chamou a sua ressurreição.

Ele, o Justo, voltava à pátria como Juiz e não como acusado.

Quanto às trevas que, da hora sexta à hora nona, cobriram a Terra naquele dia, foram um extraordinário efeito físico, produzido por poderosa ação espírita.

(195) Meio-dia.
(196) Três horas da tarde.
(197) Amós, 8º, 9. — Salmos, 21º, 1, 2; 30º, 6; 68º, 22. — JOÃO, 19º, 29, 30.

185
MATEUS, 27º, 51 ao 56. — MARCOS, 15º, 38 ao 41. — LUCAS, 23º, 45; e 47 ao 49. Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra. — Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. — Palavras do centurião

MATEUS: capítulo 27º, versículo 51. E eis que o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se tenderam. — 52. Os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que neles dormiam o sono da morte, ressuscitaram. — 53. E, saindo dos túmulos depois da sua ressurreição, vieram à cidade santa e apareceram a muitas pessoas. — 54. O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, observando o terremoto e tudo O que se passava, se encheram de grande medo e disseram: Este era verdadeiramente filho de Deus. — 55. Lá se achavam, observando as coisas de longe, muitas mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, assistindo-o com o necessário. — 56. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 38. E logo o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo. — 39. O centurião que estava em frente da cruz, ao ver que, soltando aquele brado, Jesus expirara, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus. — 40. Lá se achavam também algumas mulheres tudo observando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago o menor e de José, e Salomé, — 41, as quais seguiam a Jesus quando este andava pela Galiléia, assistindo-o com o necessário; e estavam lá ainda muitas outras que com ele tinham subido a Jerusalém.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 45. Escureceu-se o Sol e o véu do templo se rasgou de meio a meio.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 47. Vendo o centurião o que sucedera, glorificou a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo. — 48. Toda a multidão dos que assistiam àquele espetáculo, vendo o que acontecia, se retirava batendo nos peitos. — 49. Todos os que conheciam a Jesus e as mulheres que o seguiam desde a Galiléia lá estavam também, observando de longe o que se passava. (198)

Em vão tentaremos abrir os olhos aos que se obstinam em conservá-los fechados. Não há como conseguir admitam os fatos espíritas os que negam toda influência ultramundana. Recusam-se a estudar a ciência espírita, a observar os fenômenos e negam o que teimam em “ao ver e emitem juízo sobre o que não conhecem. Em tais condições, como os havemos de qualificar? Julgam-se sábios, que nada mais têm que aprender. Deixemo-los, impando nessa presunção com que os cega o orgulho, que ainda muito os fará sofrer.

Todos os fenômenos que se produziram por ocasião da morte aparente de Jesus foram devidos à ação dos Espíritos que em número incalculável o rodeavam; foram, pois, simples fenômenos espíritas, quais tantos outros, que se produzem nos tempos presentes, embora com menor intensidade. Todos a ciência espírita os explica, como decorrentes de leis naturais.

O centurião e os que com ele estavam, guardando a Jesus, testemunhas

que foram do terremoto e dos outros fenômenos que às suas vistas ali se deram, ficaram tomados de extremo pavor. Elevando então o pensamento a Deus, cuja “cólera”, segundo a maneira de ver deles, se manifestava contra a iniqüidade de tal suplício, exclamaram: “Na verdade este homem era justo; era verdadeiramente filho de Deus”.

Cumpre advertir que a expressão — “filho de Deus” - não foi aí empregada do ponto de vista da descendência que mais tarde deu origem ao dogma humano da divindade do Cristo, por efeito das interpretações dos homens.

(198) Êxodo, 16º, 31. — 2º Paralipõmenos, 3º, 14. — JOÃO, 19º, 25.

186
MATEUS, 27º, 57 ao 61. — MARCOS, 15º, 42 ao 47. — LUCAS, 23º, 50 ao 56. José de Arimatéia desce da cruz o corpo e o deposita no sepulcro

MATEUS: capítulo 27º, versículo 57. A tarde, um homem rico da cidade de Arimatéia, de nome José, que também era discípulo de Jesus, — 58, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou que lho entregassem. — 59. José tomou do corpo, envolveu-o num lençol branco, — 60, e o depositou num sepulcro novo, que para si mandara abrir na rocha e, tendo arrastado uma grande pedra, com ela tapou a entrada do túmulo e se retirou. — 61. Sentadas junto do sepulcro estavam Maria Madalena e a outra Maria.

MARCOS: capítulo 15º, versículo 42. Pela tarde, como fosse parasceve (que quer dizer — véspera de sábado), — 43, José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, resolutamente foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 44. Pilatos, admirando-se de que este já tivesse morrido, chamou o centurião e o interrogou. — 45. Afirmando-lhe O centurião que sim, ele deu o corpo a José. — 46. Este o tirou da cruz, o envolveu num lençol que comprara e o depositou num sepulcro que fora aberto na rocha, rolou uma pedra e a colocou à entrada do sepulcro. — 47. Maria Madalena e Maria, mãe de José, viram onde o corpo foi depositado.

LUCAS: capítulo 23º, versículo 50. Eis que um varão de nome José membro do Sinédrio, homem justo e bom, — 51, que não assentira na resolução de seus colegas, nem no que estes haviam praticado, que era filho de Arimatéia, cidade da Judéia, e também esperava O reino de Deus, — 52, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 53. Tirou-o da cruz, envolveu-o num lençol e o depositou num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. — 54. Era dia da parasceve (ou seja da preparação) e já raiava o sábado. — 55. As mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, seguindo a José, viram o sepulcro e que o corpo daquele fora aí depositado. — 56. De regresso, prepararam aromas e bálsamos, depois do que, passaram o sábado sem fazer coisa alguma, como mandava a lei. (199)

José de Arimatéia e Nicodemos tiraram da cruz o corpo do Mestre, embalsamaram-no com uma preparação de áloes e mirra e o depositaram num sepulcro que ainda a ninguém servira, aberto na rocha, num horto pertencente ao primeiro.

"Destruí este templo e eu o reconstruirei em três dias", dissera Jesus, respondendo aos Judeus, que lhe pediam um milagre, um sinal, com que provasse o seu poder (JOÃO, capítulo 2º, versículo 19.) Falando nesses termos do seu corpo, que era o templo a que se referia, aludia o divino Mestre ao que viria a chamar-se a sua "ressurreição".

Confrontem-se com essas palavras suas os fatos que ocorreram no cimo do Calvário, de modo tão fricante, para que impressionassem os homens daquela e de todas as épocas e não deixassem dúvida sobre a sua realidade; — confrontem-se as mesmas palavras com estas outras por Ele proferídas, em referência não só ao sacrifício do Gólgota, mas também ao desaparecimento do seu corpo de dentro do sepulcro, estando selada a pedra que o fechava, ao seu reaparecimento depois desse sacrifício, às suas desaparições durante o

desempenho da sua missão pública, sempre que se ocultava aos olhares humanos: “Deixo a vida para a retomar; ninguém ma tira; sou eu que a deixo por mim mesmo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar; é este um mandamento que recebi de meu Pai” (JOÃO, capítulo 10º, versículos 17 e 18); — confrontem-se as citadas com estas outras: “Vós sois aqui de baixo, eu, porém, sou do Alto; vós sois deste mundo, mas eu não sou deste mundo (JOÃO, capítulo 8º, versículo 23); desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou (JOÃO, capítulo 6º, versículo 38); ninguém nunca subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu (JOÃO, capítulo 3º, versículo 13)”; confrontem-se todas essas proposições e ver-se-á que elas assinalam de modo evidente e tornam inquestionável a origem extra-humana de Jesus; fazem certo, indiscutível que, sendo sempre Espírito, debaixo daquele envoltório fluídico, tangível, Ele lia por si mesmo o pensamento dos homens e lhes penetrava as intenções.

Ora, sendo Ele sempre Espírito livre das constrições da matéria corporal humana, é claro que sua morte, que os homens consideraram real, foi meramente aparente e que o que se chamou a sua ressurreição não foi mais do que um reaparecimento que Ele levou a efeito, retomando o corpo de que estivera antes revestido, de natureza perispirítica, com a aparência do corpo humano.

(199) Êxodo, 20º, 10. — Isaías, 53º, 9. — JOÃO, 19º, 39, 40.

187
MATEUS, 27º, 62 ao 66. Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí postados

MATEUS: capítulo 27º, versículo 62. No dia seguinte ao da parasceve (da preparação) (200), os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram, foram ter com Pilatos, — 63, e lhe disseram: Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, quando vivo, afirmou: Depois de três dias da minha morte, ressuscitarei. — 64. Manda, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos, lhe furtem o corpo e depois digam ao povo: Ressuscitou dentre os mortos, pois que este ultimo embuste seria pior do que o primeiro. — 65. Pilatos lhes respondeu: Aí tendes guardas, ide e guardai-o como entenderdes. — 66. Eles se foram e, para garantirem o sepulcro, selaram-lhe a pedra e lhe puseram guardas. (201)

Os Judeus haviam percebido a importância das palavras de Jesus e a voz íntima de suas consciências lhes fazia temer fossem verdadeiras tais palavras. Daí o cuidado que tiveram de vigiar o sepulcro.

A guarda deste, porém, foi confiada a soldados da milícia romana, pois que os Judeus não dispunham de exército, nem comando militar.

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, que sabiam haver Jesus dito que “ressuscitaria” três dias depois de sua “morte”, tinham o maior interesse em lhe conservar o corpo, como peça de convicção, como elemento de prova, a fim de poderem confundir o Mestre e seus discípulos, mostrando o cadáver do primeiro ao povo, caso estes últimos tentassem espalhar o boato da ressurreição. Tomaram, pois, todas as precauções para uma vigilância eficaz, esperando passasse a festa do sábado, para obterem que a autoridade assumisse o encargo de vigiar a gruta.

Assim, quando foram falar a Pilatos, sabiam muito bem que o corpo estava no sepulcro e, só depois de verificarem que lá estava, foi que selaram a pedra e postaram os guardas a vigiá-lo. Exatamente porque tinham verificado que o corpo continuava no sepulcro, foi que, quando alguns dos guardas lhes relataram o que ocorrera, eles, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, se reuniram aos anciães e combinaram dar grande soma de dinheiro aos soldados, para que espalhassem que, durante a noite, enquanto dormiam, o corpo de Jesus fora subtraído pelos seus discípulos.

Portanto, não pode ser posta em dúvida a permanência do corpo no sepulcro, ao lhe serem colocados os guardas, nem o emprego de todas as cautelas, por parte dos encarniçados inimigos do Senhor e por parte de quantos se denunciavam interessados em apontá-lo como embusteiro, para que não se desse a subtração do mesmo corpo.

(200) Sexta-feira, era o dia em que os Judeus se preparavam para celebrar o sábado, ou qualquer dia festivo, principalmente a Páscoa.
(201) Daniel, 6º, 17. — JOÃO, 2º, 19.

188
MATEUS, 28º, 1 ao 15. — MARCOS, 16º, 1 ao 11. — LUCAS, 24º, 1 ao 12. — JOÃO, 20º, 1 ao 18. Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro

MATEUS: capítulo 28º, versículo 1. Passada aquela semana, ao raiar do primeiro dia da semana seguinte (202), Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. — 2. Houve de súbito um grande terremoto, pois que um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra posta à entrada do sepulcro e se sentou sobre ela. — 3. Seu semblante tinha o brilho dum relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve. — 4. Tal pavor causou ele aos guardas que estes ficaram como mortos. — 5. Dirigindo-se às mulheres, disse o anjo: Vós outras nada temais. porqüanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado. — 6. Ele aqui não está, pois que ressuscitou, como o dissera. Vinde e vede o lugar onde o Senhor fora colocado. — 7. Dai-vos pressa em ir dizer a seus discípulos que ressuscitou. Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis; eu vo-lo predigo. 8. Elas partiram apressadamente do sepulcro, amedrontadas, mas ao mesmo tempo cheias de contentamento e correram a dar a notícia aos discípulos. — 9. E eis que Jesus lhes surgiu diante e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram. — 10. Disse-lhes então Jesus; Nada temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia, que lá me verão. — 11. Enquanto elas iam indo seu caminho, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes tudo o que sucedera. — 12. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, — 13, recomendando-lhes que dissessem: Seus discípulos vieram durante a noite e o roubaram, enquanto nós dormíamos. — 14. Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos e vos garantiremos. — 15. Os soldados receberam o dinheiro e fizeram como lhes fora recomendado. E, até hoje, essa versão, que eles espalharam, tem curso entre os Judeus.

MARCOS: capítulo 16º, versículo 1. Passado o dia de sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para embalsamarem a Jesus. — 2. E no primeiro dia da semana, tendo partido muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do Sol. — 3. Diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro? — 4. Mas, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já removida. — 5. Entrando no sepulcro viram, sentado do lado direito, um mancebo envolto num alvo manto e ficaram muito espantadas. — 6. Ele, porém, lhes disse: Não vos assusteis. Buscais a Jesus

de Nazaré, que foi crucificado; ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. — 7. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme ele o disse. — 8. Elas logo sairam do sepulcro e dali fugiram, pois que as haviam assaltado o espanto e o medo. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuidas. — 9. Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios. — 10. E ela foi levar a notícia aos que haviam andado com ele, os quais estavam af litos e chorosos. — 11. Eles, porém, ouvindo-a dizer que Jesus estava vivo e que fora visto por ela, não o acreditaram.

LUCAS: capítulo 24º, versículo 1. Mas, no primeiro dia da semana, foram elas muito cedo ao sepulcro, levando os aromas que haviam preparado. — 2. E encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro. — 3. E. Entraram em seguida neste e lá não acharam mais o corpo do Senhor Jesus. — 4. E como diante disso ficassem consternadas, eis que lhes surgiram dois homens vestidos de refulgentes roupagens. — 5. Mostrando-se elas amedrontadas, a olhar para o chão, disseram-lhes eles: Por que procurais entre os mortos aquele que está vivo? — 6. Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou, quando ainda se achava na Galiléia, — 7, dizendo: Cumpre que o filho do homem seja entregue As mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia. — 8. Elas então se lembraram das palavras de Jesus. — 9. Ao voltarem do sepulcro, referiram tudo isso aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. — 10. As que narraram todas essas coisas aos apóstolos eram Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as Outras que com essas estavam. — 11. Aos apóstolos, porém, o que elas diziam se afigurou um devaneio e não lhes deram crédito. — 12. Pedro, entretanto, se levantou e correu ao sepulcro e, abaixando-se, só viu o lençol no chão. Voltou, maravilhado do que sucedera.

JOÃO: capítulo 20º, versículo 1. No primeiro dia da semana, Maria Madalena veio ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra havia sido tirada do sepulcro. — 2. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. — 3. Pedro saiu logo e o outro discípulo também e foram ao sepulcro. — 4. Corriam juntos os dois, mas aquele outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. — 5. E, tendo-se abaixado, viu os lençóis que estavam no chão, mas não entrou. — 6. Chegou depois Simão Pedro que o seguiu e entrou no sepulcro. Viu os lençóis que lá estavam, — 7, e o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus, o qual, porém, não estava junto com os lençóis e sim dobrado em um lugar à parte. — 8. Então o outro discípulo, que havia chegado primeiro, entrou também no sepulcro, viu e acreditou; — 9, pois que não sabiam ainda o que a Escritura ensina, que ele havia de ressuscitar dentre os mortos. — 10. E os dois discípulos voltaram em seguida para casa. — 11. Maria, porém, se conservou do lado de fora, perto do sepulcro, chorando. E como, a chorar, se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, — 12, viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro aos pés. — 13. Eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. — 14. Tendo dito Isso, voltou-se para trás e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. — 15. Perguntou-lhe então

Jesus: Mulher, por que choras? a quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o levarei. — 16. Jesus lhe disse: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: Raboni, que quer dizer — Mestre. — 17. Disse-lhe Jesus: Não me toques, pois que ainda não subi a meu pai, mas vai ter com meus Irmãos e dize-lhes de minha parte que subo para meu pai e vosso pai, para meu Deus e vosso Deus. — 18. Maria Madalena veio então comunicar aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe havia dito estas coisas. (203)

As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, confrontadas com a de João (capítulo 20º, versículos 1 ao 18), da qual não devem ser separadas, reciprocamente se completam, pois que a cada Evangelista coube, segundo as vistas do Alto, uma parte especial da narração completa, que todos fizeram.

Daí resulta que, coordenando-se as quatro narrativas, os fatos vêm a ficar estabelecidos de modo integral, assim no conjunto, como nos detalhes.

Ao que todos então acreditavam, como cumpria acontecesse, pelos motivos já expendidos, Jesus se achava revestido de um invólucro material humano, tal qual os nossos, de sorte que, também na opinião de todos, sofrera morte real, como a sofremos.

A presença das mulheres no sepulcro era esperada e o embalsamento do corpo, sobre o qual iam derramar perfumes, tinha que se efetuar, logo que despontaSSe o Sol no primeiro dia da semana por vir. (MARCOS, capítulo 16º, versículo 1; LUCAS, capítulo 23º, versículos 55 e 56.)

Passando o dia de sábado. Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras que a elas andavam juntas partiram alta madrugada e chegaram ao sepulcro ao nascer do Sol, levando os aromas que haviam comprado e preparado para o embalsamento do corpo de Jesus. (MATEUS, capítulo 28º, versículo 1; — MARCOS, 16º, versículos 1 e 2; — LUCAS, capítulo 23º, versículos 55 e 56 e capítulo 24º, versículo 1.)

Diziam entre si: “Quem nos tirará a pedra da entrada do sepulcro ?“ (MARCOS, capítulo 16º, versículo 3.)

De repente um grande terremoto se fez sentir e no mesmo instante a pedra que fechava a entrada do sepulcro foi atirada para o lado, enchendo-se os guardas de tal pavor, que ficaram como mortos. Então, as mulheres viram (elas e não os guardas, pois só elas eram médiuns videntes e, ALÉM DISSO, audientes) um anjo do Senhor (um Espírito superior), cujo semblante resplandecia qual relâmpago e cujas vestes eram alvas como a neve, que, tendo descido do céu, se assentara sobre a pedra por ele removida do lugar. (MATEUS, capítulo 28º, versículos 2, 3 e 4.) É o que as narrações de Marcos, Lucas e João, incompletas pela omissão dos pormenores, referem dizendo: “que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de Salomé, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já removida”. (MARCOS, capítulo 16º, versículo 4); “que as mulheres encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro” (LUCAS, capítulo 24º, versículo 2); — “que Maria Madalena viu que a pedra fora tirada do sepulcro”. (JOÃO, capítulo 20º, versículo 1.)

O anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Vós outras nada temais, porqüanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado. Ele aqui não está, pois que ressuscitou como o dissera. Vinde e vede o Lugar onde o Senhor fora colocado. Dai-vos pressa de ir dizer a seus discípulos que o Mestre ressuscitou.

Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis, eu vo-lo predigo. (MATEUS, capítulo 28º, versículos 5, 6 e 7.) Entrando no sepulcro (com o anjo que lhes acabara de falar), viram elas um outro anjo (um Espírito), que tomaram por um mancebo, sentado do lado direito do sepulcro, envolto em alvo manto, e ficaram muito espantadas. (MARCOS, capítulo 16º, versículo 5.)

Foram esses dois anjos ou Espíritos que, perturbadas, elas tomaram por dois homens. (LUCAS, capítulo 24º, versículos 3 e 4.)

Tendo penetrado no sepulcro, não acharam lá o corpo do Senhor Jesus, o que lhes causou grande consternação. E como, por efeito do medo que de todas se apoderou, ficaram imóveis a olhar para o chão, os dois anjos (ou Espíritos) lhes disseram: "Por que procurais entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou quando ainda se achava na Galiléia, dizendo: Cumpre que o filho do homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia". Elas então se lembraram das palavras de Jesus. (LUCAS, capítulo 24º, versículos 3 ao 8.) O anjo que estava sentado à direita do sepulcro lhes disse: "Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; Ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que Ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme o disse. (MARCOS, capítulo 16º, versículos 6 e 7.)

Elas saíram imediatamente do sepulcro, amedrontadas, mas, ao mesmo tempo, cheias de contentamento, e fugiram. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuídas. Correram a notíciar, a contar tudo aquilo aos discípulos, aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. (MATEUS, capítulo 28º, versículo 8; MARCOS, capítulo 16º, versículo 8; LUCAS, capítulo 24º, versículo 6.)

Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as outras que com estas andavam é que referiram todos aqueles fatos aos apóstolos. (LUCAS, capítulo 24º, versículo 10.) Para fazerem a narrativa, separaram-se, tomando diversas direções.

Maria Madalena saiu a correr e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: (pois que ela ainda duvidava): Roubaram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. Imediatamente, Pedro e o outro discípulo (João) saíram e foram ao sepulcro, ambos a correr, O outro discípulo, porém, correndo mais do que Pedro, chegou primeiro. Abaixou-se e viu no chão o lençol, mas não entrou. Chegou daí a pouco Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro. Viu o lençol que lá estava, bem como o sudário, que, entretanto, não se achava junto com o lençol e sim dobrado a um canto. Então, o outro discípulo, que primeiro chegara, entrou também, viu e acreditou. Em seguida, ambos voltaram para casa. (JOÃO, capítulo 20º, versículos 2 ao 10.)

Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios. (MARCOS, capítulo 16º, versículo 9.)

Tendo ido levar a notícia dessa aparição de Jesus aos que com ele haviam andado, então aflitos e chorosos (MARCOS, capítulo 16º, versículo 10), Maria Madalena, que se separara das outras mulheres para correr em busca de Pedro e de João, as encontrara de novo. E eis que Jesus lhes surgiu pela frente e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram.

Disse-lhes então Jesus: “Nada tentais; ide dizer a MEUS IRMÃOS que vão para a Galiléia, que lá me verão” (MATEUS, capítulo 28º, versículos 9 e 10.)

A esse tempo, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes o que sucedera. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: “Seus discípulos vieram durante a noite e o roubaram, enquanto dormíamos”. Os soldados receberam o dinheiro e fizeram o que lhes tinha sido recomendado. E, até hoje, essa versão, que então se espalhou, tem curso entre os Judeus. (MATEUS, 28º, versículos 11 ao 15.)

Tal é, coordenados os diversos fatos que cada Evangelista relatou isoladamente, a narração completa do que então ocorreu.

Quanto à explicação particularizada de todas as ocorrências que se verificaram, ela se apresenta completa, uma vez que se admita a natureza extra-humana, fluídica, do corpo com que Jesus desempenhou a sua missão, corpo celeste e não terrestre, e uma vez que também se admita a mediunidade sob todas as modalidades que comporta. Admitidas umas e outra coisa, vê-se que todos os fatos, cuja narrativa integral se acaba de ler, se produziram em absoluta conformidade com as leis naturais, imutáveis e eternas porque divinas, estabelecidas desde toda a eternidade. Se assim não foram, impossível seria que o cadáver houvesse desaparecido do sepulcro, a não ser por meio de um roubo, hipótese que a atitude assumida pelos Judeus e as circunstâncias que cercaram o sepultamento do Mestre demonstram inadmissível, desde que essa atitude e essas circunstâncias sejam devidamente apreciadas. E basta isso para tornar absurda a corporeidade humana de Jesus.

Na Divina Epopéia, escrita e publicada pelo nosso companheiro de saudosa memória — Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, que foi nosso mestre e a quem votamos eterna gratidão, poderão os nossos irmãos, com grande proveito, aprofundar o estudo, neste ponto e em todos os demais, do grande Poema messiânico.

(202) O domingo.
(203) Apocalipse, 19º, 14.

189
MARCOS, 16º, 12 ao 13. — LUCAS, 24º, 13 ao 35. Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas

MARCOS: capítulo 16º, versículo 12. Depois disso, apareceu sob outra forma, a dois deles que iam para o campo. — 13. Os dois foram comunicá-lo aos outros discípulos Que também lhes não deram crédito.

LUCAS: capítulo 24º, versículo 13. No mesmo dia, iam dois deles a caminho de uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios (204). — 14, iam falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. — 15. Aconteceu que, indo os dois assim a conversar e discutir, Jesus se aproximou deles e os foi acompanhando. — 16. Mas os olhos de ambos foram como que fechados a fim de o não poderem reconhecer. 17. E Jesus lhes perguntou: De que ides falando um com o outro a Caminhar e por que estais tristes? — 18. Um deles, chamado Cleofas, respondeu: Serás tu o único forasteiro em Jerusalém que não saiba o que ali se tem dado nestes dias? — 19. Jesus retrucou: Que foi? Eles responderam: O que sucedeu a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, — 20, e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e os anciães o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram? — 21. Ora, nós esperávamos fosse ele quem resgatasse Israel; entretanto, já hoje é o terceiro dia depois que todas essas coisas se deram. — 22. Verdade é que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos encheram de espanto, porque, tendo Ido de madrugada ao sepulcro, — 23, voltaram dizendo não terem achado o seu corpo e terem visto anjos que lhes disseram estar ele vivo. — 24. Alguns dos nossos também foram ao sepulcro e acharam que era assim como as mulheres haviam dito, mas a ele não o encontraram. — 25. Exclamou então Jesus; Oh! estultos e de corações tardos em crer tudo que os profetas anunciaram! — 26. Não importava que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse na sua glória? — 27. E, a começar de Moisés, referiu-se a todos os profetas, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as escrituras. — 28. Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia para mais longe. — 29. Os dois, porém, o constrangeram a parar ali, dizendo: Fica conosco, pois que é tarde, o dia já vai declinando. Jesus entrou com eles. — 30. Estando os três à mesa, Jesus tomou do pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu. — 31. Nesse momento os olhos se lhes abriram e ambos o reconheceram. Logo, porém, ele desapareceu de suas vistas. — 32. Um ao outro disseram então: Não é que se nos abrasavam os corações quando ele nos vinha falando pelo caminho, a nos explicar as escrituras? — 33. No mesmo instante ergueram-se, voltaram para Jerusalém e foram ter com os onze apóstolos que se achavam reunidos, juntamente com os que os acompanhavam. — 34. E disseram: Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. — 35. E narraram o que lhes sucedeu em caminho e como o tinham reconhecido quando ele partia o pão. (205)

A aparição de Jesus aos dois discípulos, que eram, inconscientemente, médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível e audível.

A ciência espírita nos faculta elementos para tudo compreendermos e explicarmos a esse respeito.

LUCAS, capítulo 24º, versículo 26: — Não importava que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse na sua glória? Aludia deste modo Jesus à natureza humana que lhe atribuíam, como era necessário que acontecesse, para que a sua missão desse frutos desde logo.

LUCAS, capítulo 24º, versículo 28: — Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu Ele a perceber que ia para mais longe. — Dando a perceber que ia mais longe, o Mestre pôs em prova a caridade deles para com um desconhecido que a noite surpreenderia em viagem. Assim, houve no fato uma lição e um exemplo dados aos homens.

Tudo o mais se explica pela natureza fluídica do corpo do Senhor e pelo seu poder magnético.

(204) O estádio era uma medida itinerária de 185 metros.

(205) Gênese, 3º, 15; 19º, 3; 22º, 18; 26º, 4; 33º, 26; 42º, 7; 49º, 10. — Deuteronômio, 18º, 15. — Salmos, 9º, 6; 21º; 50º, 6; 63º. — Jeremias, 23º, 5 — Ezequiel, 34º, 23. — Daniel, 9º, 24. — Miquéias, 7º, 20. — Malaquias, 3º, 1. — Mateus, 21º, 11. — João 1º, 45; 3º, 2; 4º, 19; 19º, 25; 20º, 14, 18; 21º, 4. — Atos, 1º, 6; 2º, 22; 7º, 22; 13º, 27, 28. — 1ª Epístola aos Coríntios, 15º, 5.

190
MARCOS, 16º, 14. — LUCAS, 24º, 36 ao 49. — JOÃO, 20º, 19 ao 30. Aparição de Jesus aos apóstolos

MARCOS: capítulo 16º, versículo 14. Ele apareceu, finalmente, aos onze quando estavam à mesa e lhes exprobrou a incredulidade e a dureza dos corações, por não terem crido no que tinham visto que ele ressuscitara.

LUCAS: capítulo 24º, versículo 36. Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu; não temais. — 37. Eles, porém, espantados e perturbados, Imaginavam estar vendo um Espírito. — 38. Disse-lhe então Jesus: Por que vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? — 39. Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo, apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos como vedes que tenho. — 40. E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés. — 41. Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? — 42. Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — 43. Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu; — 44, dizendo: Lembrai-vos de que, quando ainda estava convosco, eu vos disse ser necessário se cumprisse tudo quanto de mim fora escrito na lei de Moisés, nas profecias e nos Salmos. — 45. No mesmo instante lhes abriu o espírito, a fim de que compreendessem as Escrituras. — 46. E lhes disse: Assim é que, estando isso escrito, importava que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — 47, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. — 48. Ora, sois testemunhas destas coisas. — 49. Vou mandar-vos o dom de meu Pai, que vos foi prometido; permanecei, entretanto, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto.

JOÃO: capítulo 20º, versículo 19. Pela tarde, porém, daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam reunidos os discípulos, de medo dos Judeus, veio Jesus e se pôs no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco. — 20. Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos muito se alegraram vendo o Senhor. — 21. E ele lhes disse segunda vez: Paz seja convosco; assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio. — 22. Ditas essas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. — 23. Perdoados serão os pecado. àqueles a quem os perdoardes e retidos àqueles a quem os retiverdes. — 24. Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. — 25. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vi-moa o Senhor. Ele, porém, lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que as atravessaram e não meter o meu dedo nos buracos dos cravos e minha mão na chaga do seu lado, não o crerei. — 26. Oito dias depois; achando-Se de novo os discípulos no mesmo lugar e Tomé com eles, veio Jesus, estando fechadas as portas, pôs-se no meio deles e lhes disse: Paz seja convoscO. — 27. Disse em seguida a Tomé. Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega aqui a tua mão e mete-a no meu lado, e não Sejas Incrédulo, mas fiel. — 28. Respondeu Tomé: Meu Senhor e meu Deus! 29. Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram. — 30. Na presença de seus discípulos ainda fez Jesus muitos outros milagres.

(206)

Jesus, conforme se vê, para deixar nos homens a impressão de que Ele era um homem como os demais, forneceu a seus discípulos todas as provas necessárias, inclusive a de tomar alimentos. Se se houvera mostrado tal qual era, que de explicações não fora preciso dar e quais não teriam sido as conseqüências! Que arma perigosa não viera a ser nas mãos dos homens de então a ciência espírita, da qual nós mesmos ainda tão triste uso fazemos? Preciso era fosse cega a fé, até que os olhos da alma se tornassem bastante fortes a poderem abrir-se para a luz.

Aqui, com em todos os casos idênticoS, as narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente.

MARCOS, capítulo 16º, versículo 14. — A exprobração que, segundo este versículo, Jesus dirigiu, de modo geral, aos onze apósbolos, foi em razão de não terem dado crédito ao que lhes referiram Maria Madalena e as outras mulheres. Dirigiu-a de modo especial a Tomé, por não ter acreditado no que lhe relataram os outros apóstolos.

Uma circunstância devemos notar: que Jesus se apresentou no meio dos discípulos, estando eles reunidos a portas fechadas, de medo dos Judeus. Quer dizer que ali penetrou com o seu corpo fluídico, tal qual sucede nos casos de aparição de um Espírito qualquer, dando a esse corpo a tangibilidade, no momento mesmo em que o tornou visível. Paz seja convosco, disse, não temais. Ignorando, porém, a existência da tangibilidade e suas causas, os discípulos se espantaram e amedrontaram, supondo tratar-se de uma aparição, coisa de que tinham conhecimento. Tão alheios se achavam à verdadeira natureza de Jesus, que Tomé só se convenceu de que o Mestre reaparecera, quando pôde verificá-lo com seus próprios olhos.

Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido. Prevenia-os assim o Mestre, veladamente, de que lhes enviaria em breve, sob a forma visível de línguas de fogo, os Espíritos superiores que os assistiriam no desempenho de suas missões. Esse é que era o dom do Pai, o poder do Alto.

(206) Gênese, 12º, 3. — Salmos, 21º. — Jeremias, 31º, 34. — Isaías, 44º, 3; 49º, 6, 22; 50, 6; 53º, 2. — Joel, 20º, 28. João, 14º, 16; 15º, 26; 16º, 7; 20º, 19, 20. — Atos, 10º, 41; 13º, 38, 46; 17º, 3.

191
MATEUS, 28º, 16 ao 20. — MARCOS, 16º, 15 ao 20. — LUCAS, 24º, 50 ao 53. Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão. — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras

MATEUS: capítulo 28º, versículo 16. Partiram, pois, os onze discípulos para o monte da Galiléia, onde Jesus lhes determinara que se achassem. — 17. E, vendo-o lá, eles o adoraram, se bem que alguns ainda tivessem dúvidas. — 18. Aproximando-se, porém, deles, disse-lhes Jesus: Todo poder me foi dado no céu e na Terra. — 19. Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito-Santo; — 20, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos.

MARCOS: capítulo 16º, versículo 15. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. — 16. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado. — 17. Aos que crerem acompanharão estes milagres: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas; — 15, pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará; imporão as mãos nos enfermos e estes sararão. — 19. Depois de lhes ter assim falado, o Senhor Jesus ascendeu ao céu onde está assentado à direita de Deus. — 20. Os discípulos partiram e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando-lhes a palavra pelos atos que se lhe seguiam.

LUCAS: capítulo 24º, versículo 50. Depois do que, levou-os fora dali, a Betânia, e, erguendo as mãos, os abençoou. — 51. E sucedeu que, enquanto os abençoava, se afastou deles e se elevou ao céu. — 52. Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém cheios de alegria. — 53. E estavam sempre no templo louvando e bendizendo a Deus. AMÉM.

Ainda aqui, as narrações evangélicas de Mateus, Marcos e Lucas, reunidas à de João, se completam e explicam umas às outras, pelo que não devem ser consideradas separadamente.

Após a sua segunda aparição aos discípulos, presente Tomé (JOÃO capítulo 20º, versículos 24 ao 29), Jesus os conduziu a Betânia, onde, erguendo as mãos, os abençoou (LUCAS, capítulo 24º, versículo 50.) Aí é que lhes determinou fossem para o monte da Galiléia (MATEUS, capítulo 28º, versículo 16.) Lá na Galiléia, foi que, abençoando-os, deles se separou, que os discípulos o adoraram e que Ele se elevou para o céu. De lá, voltaram cheios de alegria, para Jerusalém.

Quando os discípulos, partindo de diversos pontos, iam a caminho da Galiléia, a fim de aí se reunirem, foi que, à margem do lago Tiberíades, se deu a aparição de Jesus a Simão Pedro, a Tomé apelidado Dídimo, a Natanael nascido em Canã na Galiléia, aos filhos de Zebedeu e a dois outros discípulos, os quais todos tinham ido pescar juntos.

A palavra de Jesus, que MATEUS (capítulo 28º, versículos 18, 19, 20) e MARCOS (v. capítulo 16º, versículos 15 ao 19) registraram, Ele as pronunciou no monte. Depois de as haver proferido, foi que ergueu as mãos e os abençoou e que, abençoando-os, se elevou para o céu. (MARCOS, capítulo 16º, versículo 19; LUCAS, capítulo 24º, versículos 50 e 51.)

O que ocorreu depois da Ascensão se encontra relatado nos Atos dos Apóstolos.

Nem todas as aparições de Jesus, assim como nem tudo o que ele fez os evangelistas relataram minuciosamente. Somaram o que era preciso, para que a missão terrena do Mestre desse os resultados que devia dar, produzisse os frutos que devia produzir, então e no futuro.

Foi julgado bastante que os homens soubessem, além do que consta nas narrações evangélicas, que Jesus, durante quarenta dias após a ressurreição, apareceu aos apóstolos e lhes falou do reino de Deus (Atos dos Apóstolos.)

MATEUS, capítulo 28º, versículo 17. — Além dos onze apóstolos, no monte, de onde Jesus se elevou, se encontrava reunida uma multidão de pessoas, muitas das quais ainda duvidavam da “ressurreição” do Senhor e de suas aparições. A essas pessoas é que se refere Mateus, neste versículo, quando diz: “se bem alguns ainda se achassem duvidosos”.

Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (MATEUS, capítulo 24º, versículo 19.)

Feito em nome do Pai, o batismo invocava o ser supremo que, no infinito e na eternidade, preside a todos os Universos. Em nome do Filho, chamava a atenção sobre aquele que vela pela sorte do nosso planeta, filho de Deus pela sua pureza perfeita, nosso Senhor pelo seu poder. Em nome do Espírito-Santo, constituía um apelo dirigido à inteligência secreta que procede do Criador e se nos manifesta, por intermédio dor bons Espíritos, nos efeitos espíritas, ensinando-nos, em espírito e em verdade, a justiça, o amor e a caridade, trazendo-nos a luz e a verdade, por inspiração e comunicação mediúnicas.

O batismo era o símbolo material da aliança entre os cristãos.

O batismo que Jesus prescrevia a seus discípulos que administrassem era, ao mesmo tempo, o da água e o do Espírito Santo, O primeiro só se administrava como símbolo, ao adulto consciente de seus atos. O segundo se seguia ao outro, de acordo com o mérito do neófito. A assistência dos bons Espíritos era sempre invocada, em tal caso, sob a designação de Espírito Santo, pelos que batizavam.

Ide por todo o mundo pregar o Evangelho a toda criatura, disse Jesus a seus discípulos. — o que nos cumpre fazer, mas possuidos de uma fé viva, forte, inabalável e apoiando-nos no exemplo, para que a nossa pregação produza frutos.

O Cristianismo do Cristo é um só e único para a Humanidade que habita o nosso planeta e consiste na prática da caridade sob todas as formas. Aquele que atinge esse ponto difícil é cristão, cristão segundo o Cristo, e do número dos que verdadeiramente caminham nas sendas por Ele traçadas.

O que crer e for batizado será salvo, mas o que não crer será condenado. — Preciso se faz saber em que consiste essa crença. Consiste em ter fé, a fé irmã da esperança e, como esta, filha da caridade e do amor; a fé que conduz às obras, a fé aliada às obras e consumada nelas.

Aquele que crê desse modo é salvo. Quer dizer: não tendo mais que sofrer a expiação reservada ao Espírito culposo, a reencarnação expiatória, vê abrir-

se para si, pela reencarnação em um mundo mais elevado do que o planeta onde até então encarnara, novas veredas de purificação e progresso.

O que não crê desse modo, o que não pratica a moral simples e sublime que Jesus personifica, é "condenado". Quer isto dizer que, depois de haver sofrido, na erraticidade, a expiação proporcionada e apropriada às faltas ou aos crimes cometidos, sofre a reencarnação expiatória, com o fim de reparar aqueles crimes e faltas e progredir, recomeçando o que deixou por fazer.

Aos que crerem acompanharão estes milagres: expuLsarão os demônios em meu nome. — Quer dizer que terá a assistência, o auxílio, o concurso dos Espíritos superiores, que têm o poder de afastar instantaneamente dos obsidiados e subjugados os maus Espíritos.

Falarão novas línguas: Tornar-se-ão médiuns falantes, pela influência e ação fluídica dos bons Espíritos.

Imporão as mãos nos enfermos e estes sararão: Pela assistência e pelo concurso invisível dos bons Espíritos: pelo magnetismo humano, exercido sob a influência e a ação do magnetismo espiritual, imporão as mãos nos enfermos e os curarão.

Eram de atualidade essas palavras de Jesus (MARCOS, capítulo 16º, versículos 17 e 18) ou, pelo menos, alcançavam um futuro então próximo e se cumpriram. Dão disso testemunho os Atos dos Apóstolos. (207)

Jesus se chegou para o céu, entrou numa nuvem que o ocultou às vistas deles e lá está sentado à direita da majestade de Deus. — Jesus se elevou nos ares, fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo fluídico e desapareceu na nuvem que se formara de fluídos opacos, sob uma ação espírita.

A direita, AQUI, indica o lugar de honra, de acordo com as idéias humanas. Encarregado do nosso desenvolvimento e do nosso progresso, Jesus continua, como um dos primeiros ministros de Deus, a desempenhar na imensidade a sua missão de protetor e governador do nosso planeta, tendo por objetivo a depuração e transformação deste e da Humanidade que o habita.

Depois de haver levado o globo terráqueo do estado fluídico incandescente ao período material que ainda está atravessando, Ele baixou à Terra com um corpo fluídico, apto a longa tangibilidade, de harmonia com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com o nosso planeta.

Conforme prometeu e predisse e o disseram aos discípulos "os dois homens vestidos de branco que REPENTINAMENTE se apresentaram diante deles" (208), isto é: os dois Espíritos superiores que lhes foram enviados, Jesus virá de novo à Terra, descendo do céu da mesma forma que os discípulos o viram para lá subir: no estado espírita; "descendo do céu sobre nuvens", mas, dessa vez, "com grande majestade": em todo o seu fulgor espírita. Isso se dará quando houver levado o planeta e a Humanidade terrenos do período material ao extremo limite do período fluídico puro, quando a Humanidade estiver perto de atingir a perfeição. Tendo-se tornado verdadeiramente "o seu reino", o planeta em que habitamos será então levado por Ele para as regiões dos fluídos puros, onde ficará constituindo "um dos reinos do pai", aos quais só têm acesso os puros Espíritos, que só eles os podem habitar. (209)

Bendito e louvado seja Jesus, Senhor Nosso.

(207) Atos dos Apóstolos, 2º, 4; 5º, 15, 16; 7º, 55; 8º, 7; 9º, 17; 10º, 46: 16º,

18; 19º, 6, 12; 28º, 5, 28.
(208) Atos dos Apóstolos, 1º versículos 10, 11.
(209) Daniel, 7º, 14. — Reis, 52º, 10. — MARCOS, 16º, 15. — LUCAS, 10º, 22; 24º, 47. — JOÃO, 13º, 3; 17º, 2. — Atos, 2º, 36, 38, 42. — Romanos, 10º, 18; 14º, 9. — 1º (Coríntios, 15º, 27. — Efésios, 1º, 10. — Colossenses, 1º, 23. — Filipenses, 2º, 9. — Hebreus, 1º, 2; 2º, 8. — 1ª Epístola à Pedro, 3º, 22. — Apocalipse, 17º, 14.

Fim